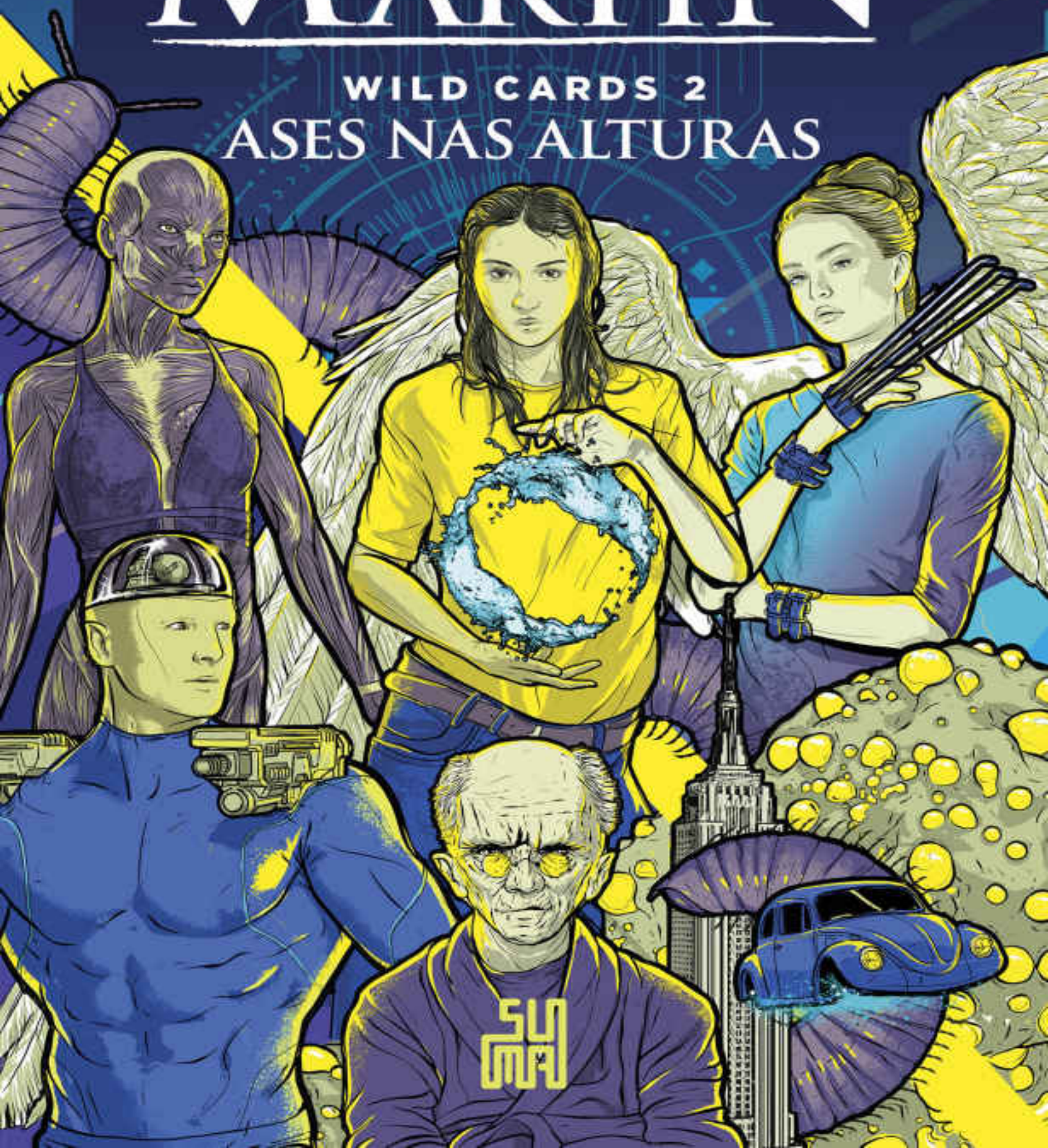


EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS 2
ASES NAS ALTURAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

EDITADO POR
GEORGE R.R.
MARTIN

WILD CARDS
ASES NAS ALTURAS

TRADUÇÃO
Petê Rissatti



Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

1979

Moedas infernais

1985

Jube: Um

Até a sexta geração

Jube: Dois

Das cinzas às cinzas

Até a sexta geração – Parte 1

Até a sexta geração – Parte 2

Jube: Três

1986

Se olhares pudessem matar

Jube: Quatro

Até a sexta geração — Epílogo

Frio invernal

Jube: Cinco

Dificuldades relativas

Com uma ajudinha dos amigos

Jube: Seis

Por caminhos perdidos

O cometa do sr. Koyama

Metade morta

Jube: Sete

Sobre o autor

Créditos

*Para Chip Wideman, Jim Moore, Gail Gerstner-Miller e Parris,
os ases secretos sem os quais as wild cards
poderiam nunca ter sido jogadas*

1979

MOEDAS INFERNAIS

Lewis Shiner

Devia haver uma dúzia deles. Fortunato não tinha certeza porque se mexiam sem parar, tentando cercá-lo por trás. Dois ou três tinham facas, os outros carregavam tacos de bilhar quebrados, antenas de carro, qualquer coisa que pudesse machucar. Era difícil diferenciá-los. Jeans, jaquetas pretas de couro, cabelos longos penteados para trás. Pelo menos três se encaixavam na descrição vaga que Crisálida havia fornecido.

— Estou procurando um cara chamado Gizmo — disse Fortunato.

Eles queriam afastá-lo da ponte, mas ainda não queriam tocá-lo. À esquerda, o caminho de tijolos levava monte acima até o Mosteiro. O parque inteiro estava vazio, como estivera havia duas semanas, desde que as gangues chegaram.

— Ei, Gizmo — disse um deles. — O que você tem para dizer ao homem?

Era aquele, com lábios finos e olhos injetados. Fortunato fixou o olhar no rapaz mais próximo.

— Se manda — falou Fortunato. O rapaz recuou, hesitante. Fortunato olhou para o seguinte. — Você também. Dá o fora daqui. — Este era mais fraco, virou-se e correu.

Foi tudo que teve tempo de fazer. Um taco de bilhar desceu na direção de sua cabeça. Fortunato desacelerou o tempo, pegou o taco e o usou para golpear a faca mais próxima. Ele suspirou e as coisas voltaram ao ritmo normal.

Agora estavam todos ficando nervosos.

— Vão — disse ele, e outros três partiram depressa, inclusive o que se chamava Gizmo. Ele correu morro abaixo, na direção da 193rd Street. Fortunato jogou o taco contra outra faca e foi atrás dele.

Estavam correndo morro abaixo. Fortunato sentiu que começava a se cansar e liberou uma rajada de energia que o levantou do chão, avançando pelo ar. O garoto caiu abaixo dele e rolou, mergulhando de cabeça no chão. Algo estalou em sua coluna e as pernas se sacudiram. Em seguida, ele estava morto.

— Meu Deus — suspirou Fortunato, espanando as folhas mortas de outubro das roupas.

Os policiais haviam dobrado as patrulhas em torno do parque, embora tivessem medo de entrar. Tentaram uma vez e perderam dois homens para conseguir expulsar os garotos. No dia seguinte, os garotos estavam de volta. Mas havia policiais observando, e em uma situação como aquela estariam dispostos a entrar e recolher um corpo.

Ele remexeu os bolsos do rapaz, e lá estava... uma moeda de cobre do tamanho de uma de cinquenta centavos, vermelha como sangue seco. Por dez anos ele encarregou Crisálida e alguns outros de procurarem por elas e, na noite passada, ela tinha visto o rapaz deixar uma cair no Crystal Palace.

Não havia carteira nem qualquer coisa significativa. Fortunato pegou a moeda e correu até a entrada do metrô.

— Sim, eu me lembro disso — disse Hiram, pegando a moeda com a ponta do guardanapo. — Já tem um tempo.

— Foi em 1969 — respondeu Fortunato. — Dez anos atrás.

Hiram concordou com a cabeça e limpou a garganta. Fortunato não precisava de mágica para saber que o homem gordo estava desconfortável; sua camisa preta aberta e a jaqueta de couro não condiziam com os trajes do lugar. O Aces High oferecia uma visão aérea da cidade a partir do mirante do edifício Empire State, e os preços eram tão altos quanto a vista.

E também havia a questão de Fortunato ter levado com ele sua última aquisição, uma mulher de cabelos louro-escuros chamada Caroline, que cobrava quinhentos pela noite. Era pequena, não exatamente delicada, com um rosto infantil e um corpo que convidava à exploração. Usava jeans apertado e uma blusa de seda rosa com alguns botões a mais abertos. Sempre que ela se mexia, Hiram se mexia também. Ela parecia gostar de deixá-lo desconfortável.

— O que acontece é que não é a mesma moeda que te mostrei antes. É outra.

— Incrível. É difícil de acreditar que você conseguiu encontrar duas em tão bom estado.

— Acho que você poderia ir um pouco além. Esta moeda veio de um garoto de uma das gangues que estão acabando com o Mosteiro. Ele carregava a moeda solta no bolso. A primeira veio de um rapaz que estava mexendo com ocultismo.

Ainda era difícil para ele falar sobre o assunto. O sujeito havia assassinado três das gueixas de Fortunato, retalhando-as sobre um pentagrama por algum motivo doentio que ele ainda não conseguia entender. Ele seguiu com a vida, treinando as mulheres, aprendendo sobre o poder tântrico que o vírus Wild Card lhe dera, mas não discutia aquele assunto com ninguém.

E, quando isso o incomodava, passava um dia ou uma semana seguindo uma das pistas deixadas pelo assassino. A moeda. A última palavra que dissera, *Tiamat*. As energias residuais de alguma outra coisa que estivera no apartamento do garoto morto, uma presença que Fortunato nunca conseguiu rastrear.

— Você está dizendo que existe algo de sobrenatural nelas — disse Hiram. Seus olhos se desviaram para observar Caroline enquanto ela se esticava languidamente na cadeira.

— Só quero que dê outra olhada.

— Bem — falou Hiram. Em torno deles, a multidão que almoçava tilintava garfos e copos e falava tão baixinho que soava como água distante. — Tenho certeza de que eu disse isso antes... *parece* ser um pêni americano cunhado em 1794, em uma forma artesanal. Podem ter roubado de um museu, de uma loja de numismática ou de uma coleção parti... — A voz dele falhou. — Humm. Dê uma olhada nisso.

Ele segurou a moeda e apontou com o dedinho carnudo, sem chegar a tocar a superfície.

— Olha o final dessa grinalda aqui. Devia ser um arco. Mas, em vez disso, é algo disforme, horrível.

Fortunato encarou a moeda e, por uma fração de segundo, sentiu como se estivesse caindo. As folhas da grinalda transformaram-se

em tentáculos, as pontas da fita abriram-se como um bico, as voltas do arco tornaram-se carne amorfa, cheia de olhos, muitos olhos. Fortunato tinha visto aquilo antes, em um livro sobre mitologia suméria. Na legenda lia-se “TIAMAT”.

— Você está bem? — perguntou Caroline.

— Vou ficar. Continue — disse ele a Hiram.

— Minha primeira reação seria dizer que são falsificações. Mas quem falsificaria um pêni? E por que não se dar ao trabalho de envelhecê-las, ao menos um pouco? Parece que foram cunhadas ontem.

— Se isso faz diferença, não foram. A aura das duas mostra bastante uso. Diria que têm no mínimo uns cem anos, provavelmente perto de duzentos.

Hiram juntou as pontas dos dedos.

— O máximo que posso fazer é te indicar alguém que possa ser mais útil. O nome é Eileen Carter. Ela cuida de um pequeno museu em Long Island. Costumávamos, hum, nos corresponder. Numismáticos, entende. Ela escreveu alguns livros sobre história oculta, coisas locais. — Ele escreveu o endereço em um caderninho e arrancou a página.

Fortunato pegou o papel e se levantou.

— Muito obrigado.

— Olha, você acha... — Ele molhou os lábios. — Você acha que seria seguro para uma pessoa comum ter uma dessas?

— Como, digamos, um colecionador? — perguntou Caroline.

Hiram baixou os olhos.

— Quando você tiver terminado de usá-las, eu as compraria.

— Quando isso acabar — Fortunato respondeu —, se todos nós ainda estivermos por aqui, eu te dou.

Eileen Carter tinha quase quarenta anos e mechas grisalhas nos cabelos castanhos. Ela ergueu os olhos para Fortunato atrás dos óculos quadrados, depois olhou de relance para Caroline. E sorriu.

Fortunato passava a maior parte do tempo com mulheres. Mesmo com toda a beleza, Caroline era insegura, ciumenta, propensa a fazer dietas e usar maquiagem esquisita. Eileen era diferente. Pareceu apenas se divertir com a aparência de Caroline. E em relação a Fortunato — um homem negro metade japonês, vestido com couro e com a testa inchada, uma cortesia do vírus Wild Card — também não pareceu achar nada de estranho.

— Você está com a moeda? — ela perguntou.

Eileen olhou em seus olhos quando falou com ele. Fortunato estava cansado de mulheres que pareciam modelos. Aquela tinha o nariz curvado, sardas e uns cinco quilos a mais. Ele gostou principalmente de seus olhos. Eram de um verde incandescente e tinham linhas de sorriso nos cantos.

Ele colocou a moeda no balcão, com a coroa para cima.

Ela se curvou para olhá-la, tocando a ponte dos óculos com um dedo. Vestia uma camisa de flanela verde; as sardas desciam até onde Fortunato conseguia ver. Seus cabelos tinham um cheiro limpo e doce.

— Posso perguntar onde conseguiu isso?

— É uma longa história — respondeu ele. — Sou amigo de Hiram Worchester. Ele pode confirmar, se isso ajudar.

— É o suficiente. O que querem saber?

— Hiram disse que talvez fosse uma falsificação.

— Só um segundo. — Ela tirou um livro da estante atrás de si. Movia-se em ondas repentinas de energia, entregando-se completamente a qualquer coisa que fizesse. Abriu o livro no balcão e folheou as páginas. — Aqui — ela falou, e examinou atentamente a parte de trás da moeda por alguns segundos, mordendo o lábio inferior.

Seus lábios eram pequenos, fortes e agitados. Ele se pegou imaginando como seria beijá-la.

— Esta aqui... Sim, é uma falsificação. É chamada de moeda de Balsam, por causa de Black John “Balsam”, diz aqui. Ele a cunhou em Catskills, por volta da virada do século XIX. — Ela olhou para Fortunato. — O nome não me é estranho, mas não sei por quê.

— Black John?

Ela deu de ombros, sorrindo novamente.

— Posso ficar com ela? Apenas por alguns dias? Talvez eu consiga descobrir um pouco mais para você.

— Tudo bem.

Fortunato podia ouvir o oceano de onde estavam, e isso fazia com que as coisas parecessem um pouco menos sombrias. Ele lhe deu seu cartão de visita, apenas com nome e número de telefone. Na saída ela sorriu e acenou para Caroline, que fingiu não ver.

No trem de volta para a cidade, Caroline disse:

— Você quer transar com ela, não é?

Fortunato sorriu, sem responder.

— Pelo amor de Deus — disse ela. Fortunato notou o sotaque de Houston voltar a sua voz. Era a primeira vez em semanas. — Uma professorinha acima do peso e acabada.

Ele sabia que era melhor ficar em silêncio. Estava exagerando, sabia disso. Parte provavelmente era apenas feromônios, algum tipo de química sexual que ele entendera muito antes de ter aprendido sobre ciência. Mas se sentira confortável com Eileen, algo que não acontecia com muita frequência desde que fora mudado pelo Wild Card. Ela parecia perfeitamente contente em ser quem era.

Para com isso, ele pensou. Está agindo como um adolescente.

Caroline, novamente sob controle, pousou uma das mãos na coxa dele.

— Quando chegarmos em casa — disse ela —, vamos foder até ela sair da sua cabeça.

— Fortunato?

Ele trocou o telefone para a mão esquerda e olhou para o relógio. Nove da manhã.

— Aham.

— Aqui é Eileen Carter. Você deixou uma moeda comigo na semana passada.

Ele se sentou, acordado e alerta. Caroline se virou e enterrou a cabeça embaixo do travesseiro.

— Lembro, lembro, sim. Como vai?

— Acho que encontrei alguma coisa. Que tal uma viagem até o interior?

Ela o buscou em seu Volkswagen Rabbit e rumaram para Shandaken, uma pequena cidade nas montanhas de Catskills. Ele estava vestido o mais simples possível, calça Levi's, uma camisa

preta e um velho blazer, mas não conseguia esconder a ascendência ou a marca que o vírus lhe deixara.

Estacionaram em um terreno asfaltado na frente de uma igreja de tábuas brancas. Mal tinham descido do carro quando a porta da igreja se abriu e uma senhora saiu de lá. Usava um terninho azul-marinho barato de tricô duplo e um xale sobre a cabeça. Olhou Fortunato de cima a baixo por um tempo, mas finalmente estendeu a mão.

— Amy Fairborn. Vocês devem ser o pessoal da cidade.

Eileen os apresentou e a senhora balançou a cabeça.

— O túmulo fica ali — disse ela.

A pedra era um retângulo de mármore simples, fora da cerca branca de estacas do cemitério da igreja, bem distante dos outros túmulos. O epitáfio dizia “JOHN JOSEPH BALSAM. MORTO EM 1809. QUE ELE QUEIME NO INFERNO”.

O vento balançou o casaco de Fortunato e soprou traços do perfume de Eileen na sua direção.

— É uma história e tanto — disse Amy Fairborn. — Ninguém sabe mais quanto dela é verdade. Diziam que Balsam era uma espécie de bruxo, morava nas montanhas. A primeira vez que se ouviu algo sobre ele foi em 1790. Ninguém sabe de onde veio, talvez de algum lugar da Europa. A mesma história de sempre. Estrangeiro, vivendo isolado, é culpado por tudo. Se as vacas dessem leite azedo ou alguém sofresse um aborto, a culpa era dele.

Fortunato concordou com a cabeça. Ele próprio se sentia um estrangeiro naquele momento. Não conseguia ver outra coisa senão árvores e montanhas para onde quer que olhasse, exceto à direita, onde a igreja ficava no alto do monte, como um forte. Ele se sentia

exposto, vulnerável. A natureza era algo que devia ter uma cidade ao redor.

— Um dia, a filha do xerife de Kingston desapareceu — disse Fairborn. — Isso deve ter sido no início de agosto de 1809. Dia de Lammas. Invadiram a casa de Balsam e encontraram a garota estirada e nua em um altar. — A mulher sorriu. — É isso o que dizem. Balsam vestia uma roupa estranha e uma máscara. Tinha uma faca do tamanho do braço. Com toda a certeza ia esquartejá-la.

— Que tipo de roupa? — perguntou Fortunato.

— Túnica de monge. E uma máscara de cachorro, dizem. Bem, vocês podem imaginar o resto. Eles o enforcaram, queimaram a casa, salgaram o chão e derrubaram as árvores da estrada que levava até lá.

Fortunato mostrou uma das moedas; Eileen ainda estava com a outra.

— Dizem que se chama moeda de Balsam. Significa alguma coisa para a senhora?

— Eu tenho três ou quatro como essa em casa. Elas aparecem no túmulo de vez em quando. “Tudo que desce tem que subir”, meu marido costumava dizer. Ele enterrou muitos desse pessoal aqui.

— Colocaram as moedas no túmulo dele? — Fortunato quis saber.

— Tudo que puderam encontrar. Quando queimaram a casa, encontraram um barril delas no porão. Vê como ela é vermelha? Deve ter sido feita com um alto teor de ferro ou algo assim. O povo na época dizia que ele colocava sangue humano no cobre. De qualquer modo, as moedas desapareceram do gabinete do xerife. A

maioria das pessoas pensava que a mulher e o filho de Balsam tinham fugido com elas.

— Ele tinha família? — perguntou Eileen.

— Ninguém via muito os dois, mas, sim, tinha esposa e um garoto pequeno. Fugiram para a cidade grande depois do enforcamento, ao menos pelo que se sabe.

Enquanto voltavam por Catskills, ele conseguiu que Eileen falasse um pouco sobre si mesma. Ela nascera em Manhattan, formara-se em artes plásticas pela Columbia no fim dos anos 1960, interessou-se por ativismo político e trabalho social e saiu dele com as reclamações habituais.

— O sistema nunca mudou rápido o bastante para mim. Acabei escapando para a história. Sabe? Quando você lê história consegue saber como tudo vai terminar.

— Por que estudar a história do ocultismo?

— Não acredito nessas coisas, se é isso que pensa. Você está rindo. Por que está rindo de mim?

— Depois. Continue.

— É um desafio, é isso. Os historiadores comuns não levam isso a sério. É muito amplo, tem muita coisa fascinante que nunca foi documentada de forma adequada. Os *hashishins*, a cabala, David Home, Crowley. — Ela o encarou. — Vamos, me conte qual é a graça.

— Você nunca perguntou nada sobre mim. O que foi bacana. Mas você deve ter percebido que eu tenho o vírus. O Wild Card.

— Sim.

— Ele me deu muito poder. Projeção astral, telepatia, consciência ampliada. Mas o único jeito de conseguir direcioná-la, fazê-la funcionar, é por meio de magia tântrica. Tem algo a ver com energizar a espinha...

— *Kundalini*.

— Exato.

— Você está falando sobre magia tântrica real. Penetração. Sangue menstrual. Tudo isso.

— Isso mesmo. Essa é a parte do Wild Card.

— Tem mais?

— Tem o que faço para ganhar a vida. Sou um agente. Cafetão. Cuido de uma série de garotas de programa que cobram até mil dólares por noite. Já começou a se arrepender?

— Não. Talvez, um pouco. — Ela lançou outro olhar de relance para ele. — Provavelmente vou falar besteira, mas você não tem jeito de cafetão.

— Não gosto muito desse nome. Mas não fujo dele também. Minhas mulheres não são apenas putas. Minha mãe é japonesa e ela as treina como gueixas. Muitas têm doutorado. Nenhuma é viciada e, quando cansam da Vida, vão para outra parte da organização.

— Você faz parecer algo bastante correto.

Ela parecia pronta para desaprovar, mas Fortunato não se deixaria intimidar.

— Não — disse ele. — Você leu Crowley. Ele não via utilidade na moralidade ordinária, nem eu vejo. “Faze o que quiseres, há de ser tudo da Lei.” Quanto mais aprendo, mais percebo que tudo está aí, nessa única frase. É tanto uma ameaça quanto uma promessa.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque gosto de você e me sinto atraído, e isso não é necessariamente algo bom para você. Não quero que se machuque.

Ela colocou as duas mãos no volante e olhou para a estrada.

— Eu sei me cuidar.

Você devia ter ficado de boca fechada, disse a si mesmo, mas sabia que não era verdade. Melhor afastá-la agora antes que ele ficasse ainda mais envolvido.

Poucos minutos depois, ela rompeu o silêncio.

— Não sei se eu deveria te contar isso ou não. Levei aquela moeda para alguns lugares. Livrarias especializadas em ocultismo, lojas de magia, esse tipo de coisa. Só para ver o que conseguia descobrir. Conheci um cara chamado Clarke, na Miskatonic Bookstore. Ele pareceu muito interessado.

— O que disse a ele?

— Disse que era do meu pai. Disse que eu estava curiosa sobre ela. Ele começou a me fazer umas perguntas... se eu tinha interesse em ocultismo, se já tive experiências paranormais, esse tipo de coisa. Foi bem fácil falar o que ele queria ouvir.

— E?

— E ele quer me apresentar a algumas pessoas.

Alguns segundos depois, ela disse:

— Você ficou quieto de novo.

— Não acho que você deva ir. Essa coisa é perigosa. Você pode não acreditar no oculto, mas a verdade é que o Wild Card mudou tudo. As fantasias e crenças das pessoas agora podem se tornar realidade. E podem te machucar. Até matar.

Ela balançou a cabeça.

— É sempre a mesma história. Mas nada é provado. Você pode discutir comigo o caminho todo até Nova York e ainda assim não vai me convencer. Se não vir com meus próprios olhos, não vou conseguir levar isso a sério.

— Você é quem sabe — disse Fortunato.

Ele liberou seu corpo astral e partiu à frente do carro. Parou em pé na rodovia e ficou visível apenas quando o carro estava em cima dele. Pelo para-brisa, viu os olhos de Eileen se arregalarem. Ao lado dela, seu corpo físico estava sentado com um olhar ausente. Eileen gritou, os freios guincharam, e ele se deixou voltar para o carro. Estavam deslizando na direção das árvores, e Fortunato pegou no volante para desviar. O carro morreu e deslizou para o acostamento.

— O que... o que...

— Desculpe — disse ele. Não conseguiu ser muito convincente.

— Era você lá, na estrada! — As mãos dela ainda seguravam o volante, os braços tremendo.

— Foi apenas uma... demonstração.

— Demonstração? Você quase me matou de susto!

— Não foi nada. Você entende? Nada. Estamos falando de um tipo de culto que tem algumas centenas de anos e faz sacrifícios humanos. No mínimo. Poderia ser pior, mil vezes pior. Não posso ser responsável por você se envolver.

Ela ligou o carro e voltou para a pista. Passaram-se quinze minutos antes de ela dizer:

— Você não é mais totalmente humano, não é? Para me assustar daquele jeito mesmo dizendo que está interessado em mim. É sobre isso que estava tentando me alertar.

— Sim — disse ele.

A voz dela estava diferente, mais distante. Ele esperou que Eileen dissesse algo mais, mas ela apenas balançou a cabeça e pôs uma fita de Mozart no som.

Fortunato pensou que o assunto estivesse encerrado. Em vez disso, uma semana depois, ela ligou e perguntou se ele poderia encontrá-la para almoçar no Aces High.

Ele esperava na mesa quando ela entrou. Sabia que Eileen nunca pareceria uma modelo ou uma de suas gueixas, mas gostou de ela ter feito o máximo com o que tinha: saia justa cinza de flanela, blusa de algodão branca, cardigã azul-marinho, colar de contas âmbar e uma tiara larga de casco de tartaruga no cabelo. Sem maquiagem visível, exceto por rímel e um pouco de brilho labial.

Fortunato se levantou para puxar a cadeira para ela e quase trombou com Hiram. Houve um momento estranho. Finalmente ela estendeu a mão e Hiram se curvou, hesitou apenas um pouco demais, e então se afastou. Fortunato o acompanhou com os olhos por um segundo ou dois. Queria que Eileen dissesse alguma coisa sobre Hiram, mas ela não entendeu a deixa.

— Bom te ver — disse ele.

— Bom te ver também.

— Apesar... daquilo que aconteceu no nosso último encontro?

— O quê? Você está se desculpando? — Novamente o sorriso.

— Não. Embora eu realmente sinta muito. Sinto muito por ter enfiado você nisso. Sinto muito por não termos nos conhecido de outro jeito. Sinto muito por termos esses negócios horríveis entre nós todas as vezes que nos encontramos.

— Eu também.

— E temo por você. Estou enfrentando algo que nunca vi antes. Existe essa... coisa, essa conspiração, esse culto, seja lá o que for, por aí. E não consigo descobrir nada.

Um garçom trouxe os cardápios e água em taças de cristal. Fortunato agradeceu e o afastou com um aceno de cabeça.

— Fui ver o Clarke — continuou Fortunato. — Fiz algumas perguntas, mencionei TIAMAT, e tudo que recebi foram olhares vagos. Ele não estava fingindo. Olhei dentro de seu cérebro. — Ele tomou fôlego. — Ele não tinha lembrança nenhuma de você.

— É impossível — disse Eileen. Ela balançou a cabeça. — É tão estranho ver você aí sentado, falando sobre ler a mente dele. Deve ter havido algum tipo de engano, é isso. Tem certeza?

Fortunato conseguia ver sua aura claramente. Ela dizia a verdade.

— Tenho — ele respondeu.

— Vi Clarke a noite passada e posso jurar que se lembrou de mim. Ele me levou para encontrar algumas pessoas. São membros do culto, ou da sociedade, ou seja lá o que for. As moedas são algum tipo de maneira de se reconhecer.

— Você pegou nomes, endereços ou algo assim?

Ela balançou a cabeça.

— Eu os reconheceria. Um deles se chamava Roman. Era atraente, atraente demais, se você me entende. O outro era bem comum. Harry, acho que era esse o nome.

— O grupo tem um nome?

— Não que eles tenham mencionado. — Ela olhou para o cardápio quando o garçom voltou. — Medalhões de vitela, eu acho. E uma taça de Chablis.

Fortunato pediu salada mista e uma cerveja Beck's.

— Mas descobri algumas outras coisas — disse ela. — Estou tentando rastrear a esposa e o filho de Balsam. Digo, eles são um par de pontas soltas na história. Primeiro, tentei a rotina habitual de detetive, registros de nascimento, morte e casamento. Nenhuma pista. Então tentei encontrar conexões ocultas. Conhece a *Abramelin Review*?

— Não.

— É um tipo de guia de referências para publicações de ocultismo. E aí a família Balsam surgiu. Existe um Marc Balsam que publicou pelo menos uma dúzia de artigos nos últimos anos. A maioria em uma revista chamada *Nectanebo*. Parece familiar?

Fortunato fez que não com a cabeça.

— Um demônio ou algo assim? Não me parece estranho, mas não me vem nada à cabeça agora.

— Aposto que ele está envolvido com a mesma sociedade da qual Clarke participa.

— Por causa das moedas.

— Exatamente.

— E essas gangues que estão causando caos no Mosteiro? Peguei uma moeda de um desses garotos. Consegue ver alguma conexão possível?

— Ainda não. Os artigos poderiam ajudar, mas a revista é bem obscura. Não consegui encontrar nenhuma cópia.

Os pratos chegaram. Durante o almoço, ela finalmente comentou sobre Hiram.

— Quinze anos atrás ele era mais atraente do que você pode imaginar. Um pouco cheinho, mas muito charmoso. Sabia como se

vestir, o que dizer. E, é claro, sempre conheceu restaurantes fantásticos.

— O que aconteceu? Se é que posso perguntar.

— Não sei. O que sempre acontece entre as pessoas? Acho que boa parte foi porque ficou muito envergonhado com seu peso. Agora sou eu que fico constrangida o tempo todo.

— Não deveria, sabe? Você está ótima. Pode ter o homem que quiser.

— Você não precisa me cantar. Quer dizer, você tem todo esse poder sexual e carisma e tudo o mais, mas não gosto da ideia de você usar isso comigo. De me manipular.

— Não estou tentando te manipular — disse Fortunato. — Se parece que estou interessado em você, é porque estou interessado em você.

— Você é sempre assim, tão direto?

— Sou. Acho que sim. Eu te olho e você está sorrindo o tempo todo. Isso me deixa louco.

— Vou tentar parar.

— Não faça isso.

Ele percebeu que havia sido muito ousado. Ela pousou os talheres impecavelmente no prato e deixou o guardanapo dobrado ao lado. Fortunato afastou o restante da salada. De repente, algo borbulhou em sua mente.

— Qual é mesmo o nome daquela revista? Onde Balsam estava publicando?

Ela pegou um pedaço de papel dobrado da bolsa.

— *Nectanebo*. Por quê?

Fortunato fez um sinal para o garçom trazer a conta.

— Então. Você pode ir ao meu apartamento? Não é um truque, é importante.

— Assim espero.

O garçom fez uma mesura e olhou para Eileen.

— Sr. Worchester está... ocupado com outros assuntos. Mas pediu para dizer que o almoço de vocês é por conta da casa.

— Agradeça por mim — disse Eileen. — Diga a ele... diga apenas que agradeço.

Caroline ainda estava dormindo quando chegaram ao apartamento. Ela fez questão de deixar a porta do quarto aberta enquanto caminhava nua até o banheiro, então sentou-se na ponta da cama e, lentamente, vestiu as roupas, começando pela meia-calça e pela cinta-liga.

Fortunato ignorou-a, examinando as pilhas de livros que haviam crescido até formar uma parede inteira na sala de estar. Ou ela aprendia a controlar seu ciúme ou encontraria outra ocupação.

Eileen sorriu para ela enquanto caminhava com dificuldade sobre saltos de dez centímetros.

— Ela é linda.

— Você também.

— Não comece.

— Você começou. — Ele entregou para ela o *A magia egípcia*, de Budge. — Aqui está. Nectanebo.

— ... famoso como mago e sábio, era profundamente versado em toda a sabedoria egípcia.

— As peças estão se juntando. Você se lembra da máscara de cachorro do Black John? Fico me perguntando se o culto de Balsam

não seria a Maçonaria Egípcia.

— Ah, meu Deus. Você está pensando no mesmo que eu?

— Estou pensando que o nome Balsam pode ser uma americanização de Balsamo.

— Como em Giuseppe Balsamo de Palermo — disse Eileen. Ela se sentou pesadamente no sofá.

— Mais conhecido como Conde Cagliostro — disse Fortunato.

Fortunato puxou uma cadeira diante dela e se sentou com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Quando ele foi preso pela Inquisição?

— Por volta de 1790, não foi? Eles o mandaram para um tipo de masmorra. Mas nunca encontraram o corpo.

— Dizem que ele tinha ligações com os Illuminati. E se eles o tiraram da prisão e o enviaram escondido para os Estados Unidos?

— Onde ele surge como Black John Balsam, o excêntrico local. Mas o que ele queria? Por que as moedas? E o sacrifício humano? Cagliostro era uma fraude, um vigarista. Tudo que ele desejava era uma boa vida. Matar não parece ser o estilo dele.

Fortunato entregou para ela o *Bruxas e feiticeiros*, de Daraul.

— Vamos descobrir. A menos que você tenha algo melhor para fazer.

— Inglaterra — disse Eileen. — Ano de 1777. Foi quando aconteceu. Foi apresentado aos maçons em 12 de abril, no Soho. Logo a maçonaria tomou conta da sua vida. Ele inventou a Maçonaria Egípcia como uma espécie de ordem superior, começou a distribuir dinheiro, induzindo cada maçom de alto posto que podia.

— O que causou tudo isso?

— Parece que ele fez uma espécie de viagem pelo interior da Inglaterra e voltou, abre aspas, um homem mudado, fecha aspas. Seus poderes mágicos aumentaram. De aventureiro ele se transformou em um místico autêntico.

— Tudo bem — disse Fortunato. — Agora veja isto aqui. Tolstói falando sobre a maçonaria: “O primeiro e principal objeto da nossa ordem... é a preservação e a manutenção da posteridade de certo mistério importante... um mistério do qual talvez dependa o destino da humanidade”.

— Isso está começando a me assustar pra caramba — comentou Eileen.

— Tem mais. A coisa que está por trás da moeda de Balsam é uma divindade suméria chamada TIAMAT. É de onde Lovecraft tirou o Cthulhu. Algum tipo de monstro imenso, amorfo, de além das estrelas. Lovecraft provavelmente criou sua mitologia a partir de documentos confidenciais do pai. O pai de Lovecraft era maçom.

— Então, você acha que é tudo sobre isso. Sobre esse tal de TIAMAT.

— Junte as peças — disse Fortunato. — Suponha que o segredo maçônico tenha algo a ver com o controle de TIAMAT. Cagliostro descobre o segredo. Seus irmãos maçons se recusam a usar o conhecimento para o mal, então Cagliostro forma a própria ordem, para seus objetivos pessoais.

— Trazer essa coisa para a Terra.

— Exato — respondeu Fortunato. — Trazê-lo para a Terra.

Eileen tinha finalmente parado de sorrir.

Enquanto eles conversavam, escureceu. A noite estava fria e clara, e Fortunato conseguia ver as estrelas pela claraboia da sala de estar. Desejou poder apagá-las.

— Está tarde — disse Eileen. — Tenho que ir.

Ele não havia pensado na partida dela. O trabalho do dia o deixara cheio de uma energia nervosa, a sensação da caça. A mente de Eileen o excitava e queria que ela a abrisse para ele — seus segredos, suas emoções, seu corpo.

— Fique — disse ele, com cuidado para não usar seus poderes, para aquilo não ser uma ordem. — Por favor. — Sentiu um frio no estômago quando pediu.

Ela se levantou, vestindo o suéter que havia deixado no braço da poltrona.

— Tenho que... digerir tudo isso — disse ela. — Tem tanta coisa acontecendo de uma vez. Desculpe. — Ela não olhava para ele. — Preciso de mais tempo.

— Vou com você até a Eighth Avenue. Você pode pegar um táxi lá.

O frio parecia irradiar das estrelas, um tipo de ódio pela vida. Ele curvou os ombros e afundou as mãos nos bolsos. Poucos segundos depois, sentiu o braço de Eileen em volta de sua cintura e ele a puxou para perto enquanto andavam.

Pararam na esquina da Eighth com a 19th, e um táxi apareceu quase imediatamente.

— Não precisa dizer — Eileen falou para ele. — Eu vou tomar cuidado.

A garganta de Fortunato estava apertada demais para falar, mesmo se quisesse. Pôs uma das mãos na nuca de Eileen e a

beijou. Os lábios dela eram tão suaves que ele se virou para ir embora antes de se dar conta do quanto havia sido bom. Voltou-se para ela de novo, e Eileen ainda estava parada ali. Ele a beijou novamente, de modo mais intenso, e ela cambaleou na direção dele por um segundo, então se afastou.

— Eu te ligo — disse ela.

Ele observou o táxi virar a esquina e desaparecer.

A polícia o acordou às sete da manhã seguinte.

— Temos um garoto morto no necrotério — disse o primeiro policial. — Alguém quebrou seu pescoço no Mosteiro há uma semana. Sabe alguma coisa sobre isso?

Fortunato balançou a cabeça. Estava em pé na porta, segurando seu robe fechado com uma das mãos. Se entrassem, veriam o pentagrama pintado no assoalho de madeira maciça, o crânio humano na estante, a maconha na mesinha de centro.

— Alguns dos amigos dele disseram ter visto você lá — continuou o segundo policial.

Fortunato o encarou.

— Eu não estava lá — disse ele. — Você quer acreditar nisso.

O segundo policial concordou com a cabeça, e o primeiro fez menção de puxar a arma.

— Não — disse Fortunato. O primeiro policial não conseguiu desviar o olhar a tempo. — Você vai acreditar também. Eu não estava lá. Estou limpo.

— Limpo — disse o primeiro policial.

— Agora, vão — disse Fortunato, então eles saíram.

Ele se sentou no sofá, mãos trêmulas. Eles voltariam. Ou, mais provavelmente, mandariam alguém da divisão do Bairro dos Curingas que seria imune aos seus poderes.

Não conseguiria voltar a dormir. Não que tivesse dormido bem, de qualquer jeito. Seus sonhos estiveram cheios de coisas com tentáculos tão grandes quanto a lua, bloqueando o céu, engolindo a cidade.

De repente, percebeu que o apartamento estava vazio. Não conseguia se lembrar da última vez que tinha passado a noite sozinho. Quase pegou o telefone e ligou para Caroline. Foi apenas um reflexo, e ele o descartou. O que queria de verdade era estar com Eileen.

Dois dias depois, ela telefonou novamente. Naqueles dois dias, ele a visitou no museu em Long Island duas vezes, na sua forma astral. Pairou pela sala, invisível para ela, apenas observando. Teria ido com mais frequência, ficado mais tempo, mas estava sentindo prazer demais com aquilo.

— É Eileen — disse ela. — Eles querem me iniciar.

Eram três e meia da tarde. Caroline estava na Berlitz, aprendendo japonês. Ela não tinha estado muito presente nos últimos tempos.

— Você voltou lá — disse ele.

— Precisei. Já falamos sobre isso.

— Quando será?

— Hoje à noite. Preciso estar lá às onze. Será em uma igreja antiga no Bairro dos Curingas.

— Posso te ver?

— Acho que sim. Posso passar aí, se você quiser.

— Por favor. O mais rápido que puder.

Ele se sentou na janela e ficou observando até o carro dela aparecer. Abriu a porta e esperou no patamar da escada. Eileen passou por ele, entrando no apartamento, e se virou. Ele não sabia o que esperar. Fechou a porta e ela estendeu as mãos. Fortunato a envolveu nos braços e ela ergueu o rosto. Ele a beijou e, em seguida, a beijou de novo. Os braços dela envolveram seu pescoço e apertaram.

— Quero você — disse ele.

— Também te quero.

— Vamos para a cama.

— Eu quero. Mas não posso. É... é uma má ideia. Faz tanto tempo para mim. Não posso simplesmente ir para cama com você e fazer todo tipo de atos sexuais tântricos estranhos. Não é o que eu quero. Você nem pode gozar, pelo amor de Deus!

Ele passou os dedos pelos cabelos dela.

— Tudo bem. — Ele a abraçou ainda por um tempo, depois a soltou. — Quer alguma coisa? Uma bebida?

— Café, se você tiver.

Ele colocou a água para ferver e moeu um punhado de grãos de café, olhando-a pelo balcão da cozinha.

— O que não consigo entender — disse ele — é por que não vejo nada da mente dessas pessoas.

— Você acha que estou inventando tudo isso?

— Sei que não está — disse Fortunato. — Eu saberia se estivesse mentindo.

Ela balançou a cabeça.

— Não é fácil me acostumar a lidar com você.

— Algumas coisas são mais importantes do que bons modos.

A água ferveu. Fortunato encheu duas xícaras e as levou para o sofá.

— Se eles forem tão importantes quanto você acha que são — falou Eileen —, devem ter ases trabalhando com eles. Alguém que possa levantar bloqueios, bloqueios contra outras pessoas com poderes mentais.

— Imagino que sim.

Ela tomou um pouco do café.

— Conheci Balsam hoje à tarde. Nos reunimos na livraria.

— Como ele é?

— Tranquilo. Parecia um banqueiro ou algo do tipo. Terno de três peças, óculos. Mas bronzeado, como se jogasse muito tênis nos fins de semana.

— O que ele disse?

— Finalmente mencionaram a palavra “maçom”. Como se fosse o último teste, para ver se eu ia me assustar. Então, Balsam me deu uma aula de história. Sobre como a Maçonaria Escocesa e o Rito de York eram apenas desdobramentos da Maçonaria Especulativa, e que remontavam apenas ao século XVIII.

Fortunato concordou com a cabeça.

— É tudo verdade.

— Então ele começou a falar sobre Salomão, e como o arquiteto do seu templo era, na verdade, egípcio. Que a maçonaria começou com Salomão, e todos os outros ritos perderam o significado original. Mas disse que eles ainda o seguem. Bem como você deduziu.

— Preciso ir com você hoje à noite.

— Não tem como você entrar. Nem mesmo se for disfarçado. Eles te reconheceriam.

— Eu posso mandar meu corpo astral. Ainda conseguiria ver e ouvir tudo.

— Se alguma outra pessoa entrar aqui em seu corpo astral, você consegue vê-la?

— Claro.

— E então? É um risco grande a correr, não é?

— Tudo bem, o.k.

— Tem de ser apenas eu. Não há outro jeito.

— A menos que...

— A menos que o quê?

— A menos que eu entre em você — disse ele.

— Do que está falando?

— O poder está no meu esperma. Se você estiver carregando...

— Ah, por favor — disse ela. — De todas as desculpas esfarrapadas para levar alguém para cama... — Ela o encarou. — Você está falando sério, não é?

— Você não pode ir sozinha. E não apenas por conta do perigo. Porque você não vai conseguir fazer o bastante sozinha. Você não consegue ler mentes. Eu consigo.

— Mesmo se você estiver só... pegando uma carona?

Fortunato concordou com a cabeça.

— Ai, meu Deus — ela falou. — Isso é... há tantas razões para não... estou menstruada, para começar.

— Melhor ainda.

Ela pressionou as duas mãos sobre o peito.

— Eu disse a mim mesma que, se fosse para a cama com um homem de novo... e eu disse se... teria que ser romântico. Luz de velas e flores e tudo o mais. E olhe só para mim agora.

Fortunato se ajoelhou na frente dela e, gentilmente, afastou suas mãos.

— Eileen. Eu te amo.

— É fácil para você falar. Tenho certeza de que está sendo sincero e tudo o mais, mas também sei que você diz isso o tempo todo. Eu só disse isso para dois homens na minha vida, e um deles foi meu pai.

— Não estou falando de como você se sente. Não estou falando de para sempre. Estou falando de mim, neste instante. E eu te amo.

Ele a pegou no colo e a carregou para o quarto.

Estava frio e os dentes dela começaram a bater. Fortunato acendeu o aquecedor a gás e sentou-se ao lado dela na cama. Eileen segurou a mão direita dele e levou-a até a boca. Ele a beijou e sentiu-a reagir, quase contra a vontade. Ele tirou a roupa, puxou as cobertas sobre os dois e começou a desabotoar a blusa de Eileen. Os seios dela eram grandes e macios, os mamilos endurecendo sob a língua enquanto os beijava.

— Espere — disse ela. — Tenho que... tenho que ir ao banheiro.

Quando ela voltou, havia tirado o resto das roupas. Estava segurando uma toalha à sua frente.

— Para não manchar seus lençóis — ela falou. Havia uma mancha de sangue na parte interna de uma das coxas.

Ele tirou a toalha das mãos dela.

— Não se preocupe com os lençóis.

Ela continuava em pé, nua, à sua frente. Parecia estar com medo de ele a mandar embora. Fortunato pousou a cabeça entre os seios dela e a puxou para si.

Eileen foi para baixo das cobertas novamente e o beijou, sua língua entrando na boca de Fortunato. Ele beijou ombros, seios, embaixo do queixo. Então ficou sobre ela, apoiado nas mãos e nos joelhos.

— Não — ela sussurrou. — Ainda não estou pronta...

Ele segurou o pênis com uma das mãos e moveu a cabeça contra a vulva, lenta, gentilmente, sentindo a carne sensível se tornando quente e úmida. Ela mordia o lábio inferior de olhos fechados. Lentamente, ele deslizou para dentro dela, a fricção enviando ondas de prazer por sua espinha.

Ele a beijou novamente. Conseguia sentir os lábios movendo-se contra os dele, balbuciando palavras inaudíveis. As mãos dele moviam-se sobre os quadris, pelas costas dela. Lembrou-se de que costumava fazer amor por horas, e a mera ideia o deixou admirado. Era tudo tão intenso. Estava cheio de calor e luz; não conseguia se controlar.

— Você não devia dizer alguma coisa? — sussurrou Eileen, soltando as palavras de forma entrecortada. — Algum tipo de encantamento ou algo assim?

Fortunato beijou-a novamente, seus lábios formigando como se estivessem dormentes e voltando à vida naquele momento.

— Eu te amo — disse ele.

— Ah, Deus — ela falou, e começou a chorar.

Lágrimas rolavam pelo cabelo de Eileen e, ao mesmo tempo, seus quadris moviam-se mais rápido contra ele. Seus corpos

estavam quentes, e o suor corria pelo peito de Fortunato. Eileen arqueou o corpo e estremeceu. Um segundo depois, o cérebro de Fortunato ficou em branco e ele abandonou dez anos de treinamento, deixando acontecer, deixando o poder jorrar dele para dentro de Eileen e, por um instante, ele foi simultaneamente os dois, hermafrodita e universal, e sentiu-se expandir até as pontas do universo em labaredas nucleares gigantes.

E então estava de volta na cama com Eileen, sentindo seus seios subindo e descendo sob ele, enquanto ela chorava.

A única luz vinha do aquecedor a gás. Ele devia ter pegado no sono. A fronha parecia uma lixa contra sua bochecha. Ele reuniu todas as forças para rolar de costas.

Eileen calçava os sapatos.

— Está quase na hora — disse ela.

— Como você se sente?

— Inacreditável. Forte. Poderosa. — Ela riu. — Nunca me senti assim.

Ele fechou os olhos, entrando na mente dela. Conseguia se ver deitado na cama, na forma de esqueleto, a pele escura e dourada desaparecendo nas sombras, a testa encolhida até onde se misturava suavemente em seu escalpo sem cabelos.

— E você? — ela perguntou. Ele conseguia ouvir a voz dela ecoando no peito. — Como se sente?

Ele voltou para o corpo.

— Fraco — disse ele. — Mas vou ficar bem.

— Devo... ligar para alguém?

Ele sabia o que ela estava oferecendo, sabia que ele devia concordar. Caroline, ou uma das outras, seria a maneira mais rápida de reaver as forças. Mas isso também enfraqueceria seu elo com Eileen.

— Não.

Ela terminou de se vestir e curvou-se para lhe dar um beijo demorado.

— Obrigada — ela falou.

— Não — ele respondeu. — Não me agradeça.

— Preciso ir. — Sua impaciência, sua força e vitalidade eram a força física no quarto. Ele estava muito distante dali para ter inveja dela. Então ela saiu, e ele dormiu novamente.

Ele observava pelos olhos de Eileen enquanto ela estava parada em frente à porta da livraria, esperando Clarke fechá-la. Conseguiria mover-se totalmente para a mente dela, mas isso esgotaria o pouco de energia que recuperava. Além disso, era quente e confortável onde estava.

Até as mãos o agarrarem e acordarem-no, e ele olhar para um par de escudos dourados.

— Vista-se — disse a voz. — Você está preso.

Deram uma cela provisória só para ele. Tinha um chão de ladrilhos cinzentos e paredes de cimento pintadas de cinza. Ele se encolheu em um canto. Tremia, fraco demais para se levantar. Na parede perto dele alguém tinha rabiscado uma figura de palitos com um pau gigante gotejando e as bolas.

Por uma hora, não conseguiu se concentrar o suficiente para fazer contato com Eileen. Tinha certeza de que os maçons de Balsam a haviam matado.

Ele fechou os olhos. A porta da cela bateu e o trouxe de volta. *Concentre-se, droga*, pensou. Estava em uma sala comprida com pé-direito alto. Uma luz amarelada vinha das paredes distantes, proveniente de montes de velas. O chão era de ladrilhos quadriculados pretos e brancos. Na frente do cômodo havia duas colunas dóricas, uma de cada lado, que não chegavam a alcançar o teto. Representavam o templo de Salomão e tinham os nomes Boaz e Joaquim, as primeiras duas Palavras Maçônicas.

Ele não queria tomar o controle do corpo de Eileen, embora pudesse, se fosse preciso. Ao que podia ver, ela estava bem. Conseguia sentir que estava agitada, mas não sentia dor, nem estava particularmente com medo.

Um homem que se encaixava na descrição que Eileen fez de Balsam estava na parte frontal da sala, no púlpito reservado para o Venerável Mestre do Templo. Sobre o terno preto, vestia o jaleco branco maçônico com o galão vermelho-brilhante, e usava um tabardo também branco, como um babador gigante em torno do pescoço, com uma cruz ansata vermelha no centro. Um *ankh*.

— Quem responde por esta mulher? — perguntou Balsam.

Havia uma dúzia ou mais de pessoas na sala, de ambos os sexos, todos em jalecos e tabardos. Formavam uma linha sinuosa no lado esquerdo do salão. A maioria delas parecia bem normal. Um homem tinha uma pele vermelha-brilhante e nenhum pelo, obviamente um curinga. Outro parecia terrivelmente frágil, com óculos grossos e uma expressão atordoada. Era o único que não

usava roupas normais sob o jaleco. Em vez disso, estava enrolado em um manto branco alguns números muito grande, com um capuz e mangas que pendiam de suas mãos.

Clarke saiu da fila e disse:

— Eu respondo por ela.

Balsam lhe passou uma máscara intrincada, parecendo folheada a ouro. Era uma cabeça de falcão, e emoldurava completamente o rosto de Clarke.

— Quem se opõe? — disse Balsam.

Uma mulher jovem, oriental, de aparência comum, mas com um charme sexual indefinível, deu um passo à frente.

— Eu me oponho.

Balsam entregou-lhe uma máscara com orelhas longas e pontudas e um rosto alongado. Quando ela a colocou, deu-lhe uma aparência fria, desdenhosa. Fortunato sentiu o pulso de Eileen começar a acelerar.

— Quem a defende?

— Eu a defendo.

Outro homem deu um passo à frente e pegou a máscara com o rosto de Anúbis, o chacal.

O ar atrás de Balsam ondulou e começou a brilhar. As velas bruxuleavam. Aos poucos, um homem dourado tomou forma, iluminando a sala. Era quase da altura do teto, com feições caninas e olhos amarelos e ardentes. Ele se ergueu com braços cruzados e olhou para baixo, na direção de Eileen. O pulso dela acelerou e se descompassou, e ela enterrou as unhas na palma das mãos. Ninguém mais parecia perceber aquela presença.

A mulher usando a máscara pontuda se pôs na frente de Eileen.

— Osíris — disse a mulher. — Sou Set, da companhia de Annu, filho de Seb e Nut.

Fortunato sentiu Eileen abrir a boca para falar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a mão direita da mulher estapeou seu rosto. Ela caiu no chão e deslizou quase um metro pelo ladrilho.

— Vejam — disse a mulher, tocando os olhos de Eileen e saindo com os dedos úmidos. — A chuva fertilizadora.

— Osíris — disse o homem com cabeça de chacal, caminhando e tomando o lugar da mulher. — Sou Anúbis, filho de Rá, Aquele que Abre os Caminhos. A Montanha do Funeral é minha. — Ele foi para trás de Eileen e a segurou no chão.

Clarke então se ajoelhou ao lado, o homem dourado pairando atrás dele.

— Osíris — disse ele. A luz brilhou dos olhos pequenos da máscara de falcão. — Sou Hórus, teu filho e de Isis. — Ele apertou dois dedos contra os lábios de Eileen, forçando-a a abrir a boca. — Vim para te abraçar, sou teu filho Hórus, pressionei tua boca; sou teu filho, te amo. Tua boca estava fechada, mas eu arrumei para ti tua boca e teus dentes. Abro para ti teus dois olhos. Abri para ti tua boca com o instrumento de Anúbis. Hórus abriu a boca dos mortos, como nos tempos antigos abriu tua boca, com o ferro que surge de Set. Os mortos caminharão e falarão, e seu corpo estará com a honrosa companhia dos deuses na Grande Casa do Nascido em Annu, e ela receberá lá a coroa de *ureret* de Hórus, o senhor da humanidade.

Clark tomou de Balsam algo que parecia ser uma cobra de madeira. Eileen tentou se afastar, mas o homem com cabeça de

chacal a segurava com muita força. Clarke ergueu a cobra e então tocou gentilmente a boca e os olhos de Eileen com ela quatro vezes.

— Ó Osíris, firmei para ti as duas mandíbulas em teu rosto, e agora elas estão separadas.

Ele se afastou para o lado. Balsam curvou-se sobre Eileen até seu rosto estar apenas a centímetros de distância e disse:

— Agora, dou-te o *hekau*, a palavra do poder. Hórus deu a ti o uso de tua boca e podeis dizê-la. A palavra é TIAMAT.

— TIAMAT — sussurrou Eileen.

Fortunato, apavorado, entrou na mente de Balsam.

O truque era manter-se em movimento, não ficar soterrado pela estranheza de tudo. Se continuasse fazendo associações, chegaria à parte que queria da memória de Balsam.

Naquele momento, Balsam estava quase em êxtase. Fortunato seguiu as imagens e totens da mágica egípcia até encontrar as primeiras, e de lá percorreu o caminho até o pai de Balsam, e voltou por sete gerações até o próprio Black John.

Tudo que Balsam ouviu ou leu ou imaginou sobre seu ancestral estava ali. Sua primeira trapaça, quando matou o ourives Marano por seis onças de ouro fino. Sua fuga de Palermo. O encontro com o grego Altotas e o aprendizado da alquimia. Egito, Turquia, Malta e, finalmente, Roma, aos vinte e seis anos, bonito, inteligente, carregando cartas de recomendação para a nata da sociedade.

Onde ele conheceu Lorenza. Fortunato a viu como Cagliostro vira, nua perante ele pela primeira vez, com apenas catorze anos, mas de uma beleza estonteante: magra, elegante, pele dourada, com cabelos ondulados de um preto intenso que caíam em torno dela,

seios pequeninos e perfeitos, cheirando a flores selvagens, sua voz rouca gritando o nome dele enquanto o envolvia entre as pernas.

Viajando pela Europa em carruagens forradas com veludo verde-escuro, a beleza de Lorenza abrindo todas as portas da sociedade para eles, vivendo daquilo que mendigavam nos corredores da nobreza e entregando o resto como esmolas.

E, finalmente, a Inglaterra.

Fortunato observou como Cagliostro cavalgou na floresta montado em um puro-sangue de caça cor de ébano. Ele se separara, não bem por acidente, de Lorenza e do jovem lorde inglês que se encantou por ela. Sem dúvida, Vossa Senhoria estava se divertindo com ela, naquele instante, em alguma vala ao lado da estrada, e sem dúvida Lorenza já havia encontrado uma maneira de tirar vantagem para eles.

Então, a lua caiu do céu no meio da tarde.

Cagliostro apressou o garanhão na direção da aparição reluzente. Ela aterrissou em uma clareira a poucas centenas de metros. O cavalo se recusou a chegar mais perto do que trinta metros, então Cagliostro o prendeu em um arbusto e continuou a pé. A coisa era indistinta, feita de ângulos desencontrados, e, quando Cagliostro avançou, uma parte da coisa se desprendeceu...

E foi tudo. De repente, Cagliostro estava cavalgando de volta para Londres com Lorenza em uma carruagem, cheio de algum propósito elevado que Fortunato não conseguia entender.

Ele esquadrinhou a mente de Balsam. O conhecimento tinha que estar lá em algum lugar. Algum fragmento daquilo que era a coisa na floresta, o que ela disse ou fez.

Foi quando Balsam deu um sobressalto e disse:

— A mulher está dentro do meu cérebro.

Ele estava outra vez enxergando pelos olhos de Eileen, enfurecido com a própria falta de cuidado. As coisas estavam dando muito errado. Ele se viu encarando o rosto do homenzinho com óculos de lentes grossas e manto.

E então estava de volta na cela.

Dois guardas o seguravam pelos braços e o arrastavam na direção da porta.

— Não — disse ele. — Por favor. Só mais alguns minutos.

— Ah, você gosta daqui, não é? — disse um dos guardas.

Eles empurraram Fortunato para a porta da cela. Seu pé escorregou no linóleo liso e ele caiu de quatro. O guarda chutou-o perto do rim esquerdo, mas não forte o suficiente para fazê-lo desmaiar.

Então o arrastaram novamente pelos infinitos corredores de um verde desbotado para dentro de uma sala com painéis escuros, sem janelas, e uma longa mesa de madeira. Um homem em um terno barato, talvez com trinta anos, sentou-se do outro lado da mesa. Seu cabelo era castanho, de tamanho médio, e seu rosto, comum. Havia uma placa dourada presa ao bolso de seu paletó. Ao lado dele estava sentado um homem de camisa polo e blazer caro. Tinha uma boa aparência, excessivamente ariana, cabelos loiros ondulados, olhos azuis gélidos. Fortunato lembrou-se de Roman, o maçom descrito por Eileen.

— Sargento Matthias? — disse o segundo guarda. O homem de terno barato concordou com a cabeça. — É este aqui.

Matthias recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Fortunato sentiu algo esgueirar-se por sua mente.

— E aí? — perguntou Roman.

— Não muito — disse Matthias. — Alguma telepatia, um pouco de telecinesia, mas é fraca. Duvido que consiga arrombar um cadeado.

— Então, o que você acha? O chefe precisa se preocupar com ele?

— Não vejo por quê. Você poderia detê-lo por um tempo, por matar aquele garoto, ver o que acontece.

— Para quê? — disse Roman. — Ele só alegaria legítima defesa. O juiz provavelmente daria uma medalha para ele. Ninguém se importa com aqueles moleques desgraçados.

— Tudo bem — disse Matthias. Ele se voltou aos guardas. — Podem liberá-lo. Já terminamos com ele.

Levou mais uma hora para estar de volta à rua e, claro, ninguém lhe ofereceu uma carona para casa. Mas tudo bem. O Bairro dos Curingas era onde precisava estar.

Sentou-se nos degraus da delegacia e alcançou a mente de Eileen.

Viu-se encarando a parede de tijolos de um beco. Não pensava nem sentia nada. Enquanto lutava para romper a névoa do cérebro dela, sentiu a bexiga de Eileen se soltar e a urina morna espalhar-se em uma poça sob ela, rapidamente ficando gelada.

— Ei, cara, nada de dormir nos degraus.

Fortunato caminhou até a rua e sinalizou para um táxi. Deu uma nota de vinte para o taxista e disse:

— Para o sul. E rápido.

Ele saiu do táxi na Chrystie Street, bem ao sul da Grand Street. Eileen não havia se mexido. A mente dela estava vazia. Ele se agachou na frente da mulher e buscou por alguns segundos, então não conseguiu mais aguentar e caminhou até o fim do beco. Esmurrou a lateral de uma caçamba até as mãos ficarem praticamente inúteis. Então voltou e tentou novamente.

Ele abriu a boca para falar algo. Nada saiu. Não restavam palavras na sua cabeça, apenas aglomerados vermelhos de sangue e um fluxo ácido subindo até os olhos.

Fortunato atravessou a rua para ligar para a emergência. Foi doloroso digitar os números. Quando o telefonista atendeu, ele pediu por uma ambulância e deu o endereço, desligando em seguida.

Voltou a atravessar a rua. Um carro buzinou para ele, que não entendeu por quê. Ajoelhou-se diante de Eileen. Sua boca pendia aberta e um fio de saliva escorria sobre a blusa. Ele não conseguia olhar para ela. Fechou os olhos e alcançou sua mente, parando gentilmente seu coração.

Foi fácil encontrar o templo. Ficava a apenas três quarteirões. Ele só teve que seguir os rastros de energia dos homens que deixaram Eileen no beco.

Parou na calçada oposta à da igreja de tijolos. Tinha que piscar o tempo todo para manter os olhos focados. O rastro dos homens levava para dentro do prédio, e dois ou três outros traços levavam para fora. Mas Balsam ainda estava lá, Balsam, Clarke e mais uma dúzia.

Isso era bom. Queria todos, mas se contentaria com aqueles ali. Com eles, e suas moedas e suas máscaras douradas, seus rituais, seu templo, tudo que fazia parte da tentativa de trazer sua monstruosidade alienígena para a Terra, que derramaram sangue e destruíram mentes e arruinaram vidas para isso. Queria aquilo terminado, acabado, de uma vez por todas.

A noite estava extremamente fria, um vácuo tão gelado quanto o espaço, acabando com o calor e a vida de tudo que tocava. Suas bochechas queimaram e então ficaram dormentes.

Ele buscou o poder que restava, e não era suficiente.

Por alguns segundos, ficou ali, tremendo com uma raiva impotente, pronto para ir ao prédio de mãos vazias e cansadas. Então ele a viu, no canto, em pé naquela pose clássica sob a luz de um poste. Calças pretas sensuais, jaqueta de pele de coelho, xale de pele falsa. Saltos de puta e maquiagem demais. Ele ergueu o braço lentamente e acenou para ela.

A mulher parou na frente dele, olhando-o cuidadosamente de cima a baixo.

— Ei — disse ela. Sua pele estava ressequida e os olhos, cansados. — Quer um programa?

Ele tirou uma nota de cem dólares da jaqueta e abriu o zíper da calça.

— Aqui mesmo na rua? Querido, você deve estar realmente necessitado. — Ela olhou para a nota de cem e se ajoelhou. — Ai, esse chão está gelado. — Ela tateou pela calça dele e então olhou para cima. — Que merda é essa? Sangue seco?

Ele tirou outra nota de cem. A mulher hesitou por um segundo, enfiou as duas notas na bolsa e a prendeu sob o braço.

Com o toque da boca dela, Fortunato endureceu instantaneamente. Sentiu uma onda subindo dos pés, fazendo seu couro cabeludo e as unhas doerem. Seus olhos reviraram até ele estar encarando o segundo andar da velha igreja.

Queria usar seu poder para levantar o quarteirão inteiro e lançá-lo para o espaço, mas não tinha força para quebrar sequer uma janela. Investigou os tijolos e as vigas de madeira e a fiação elétrica, e encontrou o que buscava. Seguiu o encanamento de gás até o porão e de volta ao encanamento central, então começou a mover o gás por ele, formando a pressão do jeito que ela se formava dentro dele, até os canos vibrarem, as paredes balançarem e o cimento rachar.

A puta ergueu os olhos na direção da rua, viu rachaduras fendendo as paredes.

— Corre — disse ele.

Enquanto ela corria, estalando os saltos, Fortunato esticou o braço e apertou os dedos na base do pênis, forçando a volta do jorro quente de sua ejaculação. Suas entranhas viraram fogo, e na água-furtada acima do templo, o cano de aço preto entortou e desligou-se de suas conexões, esguichou gás e foi ao chão, lançando faíscas pelas paredes de alambrado e gesso.

O prédio inchou por um instante, como se estivesse se enchendo de água, e em seguida explodiu em uma bola de chamas laranja enfumaçadas. Os tijolos chocaram-se na parede do outro lado, onde Fortunato estava, mas ele continuou a olhar, até suas sobrancelhas ficarem chamuscadas e a pele e as roupas começarem a queimar. O rugido da explosão estilhaçou janelas pela rua inteira, e quando

finalmente ela feneceu, o balir das sirenes e alarmes ocupou seu lugar.

Queria ter ouvido eles gritando.

Por fim, um táxi parou para ele. O motorista queria levá-lo ao hospital, mas Fortunato o dissuadiu disso com uma nota de cem dólares.

Subir as escadas até o apartamento levou mais tempo do que qualquer outra coisa de que pudesse se lembrar. Entrou no quarto. Os travesseiros ainda tinham o cheiro de Eileen.

Voltou para a cozinha, pegou uma garrafa de uísque e se sentou ao lado da janela, bebendo, assistindo ao brilho vermelho do fogo morrer lentamente sobre o Bairro dos Curingas.

Quando finalmente desmaiou no sofá, sonhou com tentáculos e a carne úmida e elástica, e os bicos que se abriam e fechavam com uma risada longa e reverberante.

1985

JUBE: UM

Após ter trancado a banca de jornal à noite, Jube encheu o carrinho de compras com jornais e partiu para a ronda diária pelos bares do Bairro dos Curingas.

Faltando menos de uma semana para o Dia de Ação de Graças, o vento frio de novembro trazia uma sensação amarga quando chegava assobiando pela Bowery. Jube avançava com uma das mãos no velho chapéu-coco surrado, enquanto a outra empurrava o carrinho sobre a calçada rachada. Ele usava uma calça grande demais, e sua camisa havaiana azul de mangas curtas era coberta de surfistas. Nunca usava casaco. Jube vendia jornais e revistas na esquina da Hester Street com a Bowery desde o verão de 1952, e nunca precisara usar um casaco. Sempre que lhe perguntavam sobre isso, ele ria, mostrando as presas, dava um tapa na barriga avantajada e dizia:

— Esta é toda a proteção de que preciso, sim, senhor.

Em um dia bom, usando sapatos de sola grossa, Jube Benson media no máximo pouco mais de um metro e meio, mas preenchia bem aquele pacote compacto, com mais de cento e trinta quilos de carne oleosa e preto-azulada que lembrava borracha meio derretida.

Seu rosto era largo e esburacado, seu crânio coberto com tufos de cabelo crespo ruivo, e tinha duas pequenas presas curvadas nos cantos da boca. Cheirava a pipoca amanteigada e sabia mais piadas que qualquer outra pessoa no Bairro dos Curingas.

Jube caminhava bamboleando em um bom passo, sorrindo aos transeuntes, vendendo os jornais aos carros que passavam (mesmo naquela hora, a avenida principal do Bairro dos Curingas estava longe de deserta). No Funhouse, deixou uma pilha de *Daily News* para o porteiro entregar aos clientes na saída, junto com um *New York Times* para Des, o dono. Alguns quarteirões adiante havia o Chaos Club, onde também entregou uma pilha de jornais. Jube havia guardado uma edição da *National Informer* para Brilhante. O porteiro pegou-a com a mão macilenta e reluzente.

— Obrigado, Morsa.

— Leia com atenção — disse Jube. — Estão dizendo que conseguiram um novo tratamento, transformando curingas em ases.

Brilhante riu.

— Até parece — disse ele, folheando as páginas. Um sorriso lento se abriu no rosto fosforescente. — Ei, olha aqui, Sue Ellen vai voltar para J.R.

— Ela sempre volta — comentou Jube.

— Desta vez vai ter um bebê-curinga com ele — disse Brilhante. — Meu Deus, que mulherzinha burra. — Ele dobrou o jornal sob o braço. — Ficou sabendo? Gimli vai voltar.

— É mesmo? — respondeu Jube.

A porta se abriu atrás deles. Brilhante deu um salto para segurá-la e assobiou chamando um táxi para o casal bem-vestido que surgiu. Enquanto os ajudava a entrar, entregou-lhes o *Daily News* gratuito,

e o homem deixou uma nota de cinco na mão do curinga. Brilhante sumiu com ela, dando uma piscadela para Jube, que acenou e pôs-se em marcha novamente, deixando o porteiro fosforescente no meio-fio em sua libré do Chaos Club, lendo atentamente a *Informer*.

O Chaos Club e o Funhouse eram estabelecimentos de categoria; os bares, tabernas e cafés nas ruas laterais raramente forneciam algo de graça. Mas ele era conhecido em todos eles, e deixavam-no vender os jornais de mesa em mesa. Jube parou no Pit e no Hairy's Kitchen, jogou *shuffleboard* no Squisher's Basement, entregou uma *Penthouse* para o Wally, do Wally's. No Black Mike's Pub, sob a placa em néon da cerveja Schaefer, fez piada com algumas prostitutas e deixou que contassem sobre o político comum e safado com quem transaram a três.

Deixou o *New York Times* do capitão McPherson com o sargento de plantão na delegacia do Bairro dos Curingas, e vendeu uma revista *Sporting News* para um policial à paisana, que achava ter uma pista sobre o Jokers Wild, onde um garoto de programa fora castrado no palco na semana anterior. No Twisted Dragon, às margens de Chinatown, Jube livrou-se dos seus jornais chineses antes de seguir para o Freakers, na Chantham Square, onde vendeu um exemplar do *Daily News* e meia dúzia do *Grito do Bairro dos Curingas*.

Os escritórios do *Grito* ficavam do outro lado da praça. O editor da noite sempre pegava um *New York Times*, um *Daily News*, um *Post* e um *Village Voice*, e servia uma xícara de café preto e denso para Jube.

— Noite fraca — disse Siri, mascando um charuto apagado enquanto virava as páginas dos concorrentes com suas pinças.

— Ouvi dizer que a polícia vai fechar o estúdio de pornô curinga na Divisa — disse Jube, bebericando educadamente o café.

Siri o encarou de olhos estreitados.

— Você acha? Não apostaria nisso, Morsa. Aquele bando é bem conectado. Com a família Gambione, eu acho. Onde você escutou isso?

Jube lançou para ele um sorriso borrachudo.

— Tenho que proteger minhas fontes, chefe. Ouviu aquela sobre o cara que se casou com uma curinga muito linda, cabelos loiros compridos, rosto de anjo, corpo perfeito? Na noite de núpcias, ela chega com a camisola branca e diz para ele: “Querido, tenho boas e más notícias”. Ele fala “Tudo bem, fale primeiro as boas notícias”. “Bem”, ela diz, “a boa notícia é que o Wild Card fez *isso* comigo”, dá uma voltinha e se exhibe toda até ele ficar babando. “Então, qual é a má notícia?”, ele pergunta. Daí ela fala: “A má notícia é que meu nome é Joseph”.

Siri fez uma careta.

— Cai fora daqui — disse ele.

Os fregueses do Ernie’s levaram alguns exemplares do *Grito* e um *Daily News*, e para o próprio Ernie ele havia levado uma edição da revista *Ring*, que chegara naquela tarde. Era uma noite tranquila, então Ernie lhe serviu uma piña colada, e Jube lhe contou aquela da noiva curinga que tinha boas e más notícias para o marido.

O balconista da loja de donuts vinte e quatro horas pegou um *Times*. Quando virou na Henry Street para a última parada, a carga de Jube estava tão leve que o carrinho saltitava atrás dele.

Havia três táxis parados na entrada abobadada do Crystal Palace, esperando passageiros.

— Ei, Morsa — chamou um dos taxistas enquanto ele passava. — Tem um *Grito* aí?

— Claro — disse Jube.

Vendeu o jornal por uma moeda. O motorista tinha um ninho de filamentos parecido com cobras no lugar do braço direito, e nadadeiras no lugar das pernas, mas seu carro tinha controles manuais especiais e ele conhecia a cidade como a palma dos tentáculos. Também ganhava boas gorjetas. Ultimamente as pessoas ficavam tão aliviadas quando pegavam um táxi cujo motorista falasse inglês que não davam a mínima para a aparência.

O porteiro levou o carrinho de Jube pelos degraus de pedra acima até a entrada principal da casa geminada de três andares. Dentro do vestíbulo vitoriano, Jube deixou o chapéu e o carrinho com a garota da chapelaria, juntou os jornais que restavam embaixo do braço e caminhou para dentro do imenso salão com pé-direito alto do bar. Elmo, o segurança anão, estava carregando para fora um homem com cara de lula e uma máscara dominó de lantejoulas quando Jube entrou. Havia uma contusão feia em um lado de sua cabeça.

— O que ele fez? — perguntou Jube.

Elmo deu um sorriso largo.

— Não é o que ele fez, é o que estava pensando em fazer.

O homenzinho empurrou as portas de vitrais com o cara de lula pendurado no ombro como um saco de cereais.

Era o fim da noite no Crystal Palace. Jube deu um giro pelo bar principal — dificilmente se dava ao trabalho de passar nas salas laterais e suas alcovas acortinadas — e vendeu mais alguns jornais. Então se sentou em um banco. Sascha estava atrás do longo balcão de mogno, o rosto sem olhos e um bigode finíssimo refletiam no

espelho enquanto misturava um *planter's punch*. Ele pousou o copo diante de Jube sem falar nem receber pagamento algum.

Enquanto bebericava seu drinque, Jube sentiu um vestígio de perfume familiar e virou a cabeça assim que Crisálida se sentou no banco ao seu lado.

— Bom dia — disse ela. A voz era suave, com sotaque levemente britânico. Usava uma espiral de purpurina prateada em uma bochecha e, como a carne era transparente por baixo, o brilho parecia flutuar como uma nébula sobre a brancura do crânio. O batom era um brilho labial prata, e suas unhas longas reluziam como adagas. — Como vai a venda dos jornais, Jubal?

Ele sorriu.

— Escutou aquela da noiva curinga que tinha boas e más notícias para o marido?

Em torno de sua boca, as sombras cinzentas e fantasmagóricas dos músculos torceram os lábios prateados em uma careta.

— Me poupe.

— Tudo bem. — Jube deu mais um gole no *planter's punch* por um canudinho. — No Chaos Club eles botam um guarda-chuvinha nesses.

— No Chaos Club eles servem drinques em cocos.

Jube continuou bebericando.

— Aquele lugar na Divisa, onde filmam aquelas coisas hardcore? Ouvi que é uma operação dos Gambione.

— Notícia antiga — disse Crisálida.

Era hora de fechar. As luzes se acenderam. Elmo começou a circular, empilhando cadeiras nas mesas e expulsando os clientes.

— O Troll será o novo chefe de segurança na clínica do Tachyon. O próprio doutor me disse.

— Ação afirmativa? — perguntou Crisálida, secamente.

— De certa forma — disse Jube. — E também porque tem quase três metros de altura, é verde e quase invulnerável. — Ele sugou o restante do drinque fazendo barulho, e mexeu o gelo moído com o canudo. — Um cara da delegacia tem uma pista sobre o Jokers Wild.

— Não vai achar nada — disse Crisálida. — E se encontrar, vai desejar não ter encontrado.

— Se tivessem juízo, perguntariam para você.

— Não existe dinheiro suficiente no orçamento municipal para pagar por essa informação. O que mais? Você sempre guarda o melhor para o final.

— Acho que nada — falou Jube, girando o banco para encará-la. — Mas ouvi falar que Gimli está voltando para casa.

— Gimli? — Sua voz era impassível, mas os olhos azuis profundos suspensos nas órbitas do crânio o encararam com intensidade. — Que interessante. Tem detalhes?

— Ainda não. Conto assim que souber.

— Tenho certeza de que contará.

Crisálida tinha informantes em todo o Bairro dos Curingas. Mas Jube, o Morsa, era um dos mais confiáveis. Todos o conheciam, todos gostavam dele, todos falavam com ele.

Jube foi o último cliente a deixar o Crystal Palace naquela noite. Quando saiu, havia acabado de começar a nevar. Ele pigarreou, pegou o chapéu com firmeza e arrastou-se pela Henry Street, puxando o carrinho vazio atrás de si. Uma patrulha surgiu quando

ele passava por baixo da ponte de Manhattan, avançando lentamente, e abriu o vidro.

— Ei, Morsa — chamou o policial negro atrás do volante. — Está nevando, curinga idiota. Vai congelar as bolas.

— Bolas? Quem disse que curingas têm bolas? Amo esse tempo, Chaz. Olhe para essas bochechas rosadas! — Ele beliscou a bochecha oleosa, negro-azulada, e soltou uma gargalhada.

Chaz suspirou e abriu a porta traseira da viatura.

— Entra, eu te dou uma carona.

Sua casa ficava em um prédio espaçoso de cinco andares na Eldridge, a uma pequena distância de onde estava. Jube deixou o carrinho sob os degraus, ao lado das latas de lixo, enquanto abria a tranca do seu apartamento no porão. A única janela estava totalmente tapada por um ar-condicionado enorme e antiquíssimo cujo gabinete enferrujado estava naquele momento meio coberto de neve esvoaçante.

Quando acendeu as luzes, as lâmpadas avermelhadas de quinze watts na instalação superior encheram a sala com um crepúsculo sombrio e escarlate. Lá dentro fazia um frio de congelar os ossos, quase o mesmo que o das ruas de novembro. Jube nunca ligava o aquecedor. Uma ou duas vezes ao ano, um homem da companhia de gás passava para verificar se ele não havia mexido no medidor.

Embaixo da janela, panelas de carne verde em decomposição cobriam o tampo de uma mesa de carteadado. Jube tirou a camisa, revelando um peito largo com seis mamilos, pegou de um copo de gelo para triturar e escolheu o bife mais maduro que conseguiu encontrar.

Um colchão sem lençol cobria o chão do quarto e, no canto, sua mais nova aquisição, um ofurô de porcelana novinho, na frente de uma televisão com tela imensa. Mas ele nunca havia usado o sistema de aquecimento do ofurô. Aprendera muito sobre os humanos, nos últimos vinte e três anos, mas nunca entenderia por qual motivo gostavam de ficar imersos em água escaldante, pensou enquanto tirava a roupa. Até os takisianos tinham mais juízo.

Segurando o bife com uma das mãos, Jube entrou com cuidado na água gélida e ligou a televisão com o controle remoto para assistir aos programas de notícias que havia gravado. Lançou o bife à boca larga e começou a mastigar a carne crua lentamente, enquanto flutuava ali, absorvendo cada palavra que Tom Brokaw tinha a dizer. Era muito relaxante, mas, quando o programa acabou, Jube sabia que era hora de trabalhar.

Saiu da banheira, arrotou e se secou com vigor em uma toalha do Pato Donald. *Uma hora, não mais*, pensou consigo mesmo enquanto caminhava pesadamente pelo quarto, deixando pegadas no assoalho de madeira. *Estava* cansado, mas tinha trabalho a fazer, ou ficaria ainda mais atrasado. Em pé, no fundo do quarto, apertou uma longa sequência de números no controle remoto. A parede de tijolos à sua frente pareceu se dissolver quando apertou o último dígito.

Jube caminhou por um cômodo que já fora um porão de carvão. A parede ao fundo era dominada por um holocubo que fazia até a televisão parecer pequena. Um console com formato de ferradura contornava uma imensa poltrona de braços projetada para o corpo único de Jube. Em todos os lados da câmara aconchegante havia máquinas, algumas cujo propósito teriam sido óbvios para qualquer

aluno do ensino médio, outras que teriam deixado o próprio dr. Tachyon estupefato.

Mesmo sendo primitivo, o escritório se adequava muito bem a Jube. Sentou-se na poltrona, ligou a alimentação por fusão celular e pegou uma haste cristalina do tamanho de um dedinho de criança de uma prateleira ao lado de seu cotovelo. Quando a encaixou no orifício apropriado do console, o gravador acendeu-se por dentro, e ele começou a ditar as últimas observações e conclusões em uma língua que parecia metade música, metade cacofonia, formada em partes iguais por gritos, assobios, arrotos e cliques. Se seus outros sistemas de segurança algum dia falhassem, seu trabalho ainda estaria seguro. Além do mais, não havia outro ser em um raio de quarenta anos-luz que falasse sua língua nativa.

ATÉ A SEXTA GERAÇÃO

Walter Jon Williams

PRÓLOGO

O ponto em que a atmosfera queimou sua carne ainda fumegava. Sangue quente corria de seus respiradouros. Tentou fechá-los para segurar o resto do líquido, mas tinha perdido a capacidade de controlar a respiração. Seus fluidos tinham superaquecido durante a descida e estourado dos diafragmas como vapores de uma caldeira explodindo.

Luzes piscavam no fim do beco. Ofuscavam seus olhos. Sons ríspidos estalavam em seus ouvidos. O sangue soltava vapor no concreto enquanto esfriava.

A Mãe do Enxame detectara sua nave e o atingira com uma vasta carga de partículas gerada no monstruoso corpo planetoide da criatura. Mal tivera tempo de sinalizar para Jhubben na superfície do planeta antes de a quitina da nave ser destroçada. Foi forçado a agarrar o deslocador de singularidade, a fonte de energia experimental de sua raça, e pular no vácuo escuro. Mas o deslocador tinha sido danificado no ataque e ele não conseguira controlá-lo — havia queimado na descida.

Tentou reunir a concentração e regenerar a carne, mas falhou. Percebeu que estava morrendo.

Tinha que impedir a drenagem da sua força de vida. Havia um contêiner de metal próximo, grande, com uma tampa articulada. Com o corpo em uma agonia sem-fim, ele rolou pela superfície úmida do concreto e enganchou a perna que não estava ferida na tampa do contêiner. A perna era poderosa, concebida para saltar para o céu de seu mundo de pouca gravidade, e agora era sua esperança. Moveu seu peso contra a gravidade opressiva, rolando o corpo sobre a extensão da perna. Os nervos machucados protestaram. O fluido esguichou pelo exterior do contêiner.

O metal retumbou quando ele caiu lá dentro. Substâncias estalaram sob ele. Olhou para cima, para a noite que brilhava com o reflexo de luz infravermelha. Havia pedaços de matéria orgânica ali, esmagada e achatada e estampada com corantes. Ele os agarrou com palpos e cílios, rasgando-os em tiras, empurrando-os contra o vazamento em seus respiradouros. Interrompendo o fluxo.

Cheiros orgânicos o alcançaram. Houve vida ali, mas estava extinta.

Buscou o deslocador no abdômen, arrancou o aparelho, prendeu-o no peito rasgado. Se pudesse parar o tempo por um instante, conseguiria se recuperar. Então, de alguma forma, tentaria enviar um sinal para Jhubben. Talvez, se o deslocador não estivesse tão danificado, pudesse dar um salto curto até as coordenadas dele.

O deslocador zuniu. Luzes estranhas, um efeito colateral, piscavam levemente na escuridão do contêiner. O tempo passou.

— Então, na noite passada recebi uma ligação da minha vizinha, Sally...

De dentro de seu casulo temporal, ele ouviu o som ténue da voz. Ela ecoou levemente dentro do seu crânio.

— E Sally, ela disse, Hildy, ela disse, eu acabei de falar com a minha irmã Margaret, na Califórnia. Você se lembra de Margaret, ela disse. Ela foi sua colega de escola, na St. Mary.

Houve um baque contra o metal, perto de seus palpos auditivos. Uma silhueta contra a noite brilhante. Braços indo em sua direção.

A agonia voltou. Ele gritou, um chiado. O toque subiu por seu corpo.

— Claro que me lembro de Margaret, eu disse. Ela estava um ano atrás de mim. As irmãs sempre ficavam no pé dela, porque a garota estava sempre mascando chiclete.

Algo pegava seu deslocador. Ele o apertou contra si, tentou protestar.

— É meu, idiota — disse a voz, rápida e irritada. — Eu vi primeiro.

Ele viu um rosto. Carne pálida suja de poeira, dentes à mostra, cílios cinzentos pendendo por trás de uma extrusão inorgânica.

— Não — disse ele. — Estou morrendo.

Com um puxão, a criatura lhe arrancou o deslocador. Ele gritou quando o calor o deixou, enquanto sentia a morte lenta e fria retornar.

— Fica quieto aí. É meu.

A dor começou a pulsar lentamente por seu corpo.

— Você não entende — disse ele. — Há uma Mãe do Enxame próxima do seu planeta.

A voz zumbia. Coisas estalavam e chiavam no contêiner.

— Então, Margaret, a Sally disse, ela se casou com um engenheiro da Boeing. E eles tiram cinquenta paus no ano, no

mínimo. Férias no Havaí, em St. Thomas, inacreditável.

— Escute, por favor. — A dor crescia. Ele sabia que não tinha muito mais tempo. — A Mãe do Enxame já desenvolveu inteligência. Percebeu que eu a identifiquei e me atingiu.

— Mas ela não precisa lidar com a minha família, a Sally disse. Está do outro lado do país, a Sally disse.

Seu corpo chorava escarlate.

— O próximo estágio será um Enxame da primeira geração. Eles virão em breve para o seu planeta, controlados pela Mãe do Enxame. Por favor, ouça.

— Então, coloquei minha mãe na assistência social e arranjei um belo apartamento para ela, Sally disse. Mas a assistência social quer que eu e Margaret demos cinco dólares extras por mês para a mamãe. E Margaret, ela disse, não tem esse dinheiro. As coisas são caras na Califórnia, ela disse.

— Vocês correm um grande perigo. Por favor, ouça.

O metal retumbou de novo. A voz estava ficando cada vez mais fraca com a distância.

— Então, veja como as coisas estão bem por aqui, Sally disse. Tenho cinco filhos, dois carros e uma hipoteca, e Bill diz que as coisas estão nas últimas lá na agência.

— O Enxame. O Enxame. Conte para Jhubben!

O outro foi embora, e ele estava morrendo. O material sob ele estava absorvendo seus fluidos. Respirar era uma agonia.

— Está frio aqui — disse ele. Lágrimas vinham do céu, tilintando contra o metal. As lágrimas eram ácidas.

JUBE: DOIS

Na pensão da Eldridge Street, os inquilinos estavam fazendo uma festinha natalina, e Jube se vestiu de Papai Noel. Ele era meio baixinho para o papel, e Papai Noel, nas vitrines das lojas, geralmente não vinha com presas, mas Jube conhecia bem o *ho-ho-ho*.

A festa aconteceu na sala de estar do primeiro andar. Foi cedo naquele ano, pois a sra. Holland viajaria de avião para Sacramento na semana seguinte para passar o feriado com o neto, e ninguém queria fazer uma festa sem a sra. Holland, que morava no prédio havia quase tanto tempo quanto Jube e ajudara todos eles durante seus momentos difíceis. Exceto pelo padre Fahey, o jesuíta alcoólatra do quinto andar, os inquilinos eram todos curingas, e nenhum deles tinha muito dinheiro para presentes de Natal. Então, cada um comprou um presente, e todos os presentes cabiam em uma grande bolsa de carteiro de lona, e era tarefa anual do Jube misturá-los e entregá-los. Ele amava o trabalho. As tradições humanas de presentear eram infinitamente fascinantes, e algum dia pretendia escrever um estudo sobre o assunto, assim que terminasse seu tratado sobre humor humano.

Sempre começava com o Massudo, que era enorme, mole e branco como cogumelo e vivia com o homem negro que chamavam de Engraxado em um apartamento do segundo andar. Massudo era quase cinquenta quilos mais gordo do que Jube, e era tão forte que arrancava a porta da frente de suas dobradiças ao menos uma vez por ano (Engraxado sempre consertava). Massudo adorava robôs, bonecas, caminhões de brinquedo e armas de plástico que faziam barulho, mas quebrava tudo em questão de dias, e os brinquedos que realmente amava quebravam em horas.

Jube embalara o presente em folha laminada, para que não desse a outra pessoa por engano.

— Ah, nossa! — exclamou Massudo quando abriu o pacote. Segurou no alto para todos verem. — Uma arma de raio, caramba, caramba.

Era rubro-negra, translúcida, moldada em linhas suaves e sensuais, de alguma forma inquietantes, com um cano fino como um lápis. Quando seus imensos dedos envolveram a coronha e apontaram para a sra. Holland, pontos de luz piscaram dentro dela, e Massudo gritou de felicidade quando o microcomputador corrigiu a sua mira.

— Isso é um brinquedo e tanto — disse Callie. Ela era uma mulher pequena, melindrosa, com quatro braços extras inúteis.

— *Ho, ho, ho* — disse Jube. — E ele também não vai conseguir quebrá-lo.

Massudo estreitou os olhos para o velho sr. Grilo e pressionou o gatilho, fazendo ruídos chiados por entre os dentes.

Engraxado riu.

— Aposto que vai.

— Você vai perder — disse Jube.

A liga metálica de ly'bahr era densa e forte o suficiente para aguentar uma pequena explosão termonuclear. Ele mesmo usara a arma durante seu primeiro ano em Nova York, mas a parte elétrica tinha se desgastado, e após um tempo tornara-se mais uma chateação do que qualquer outra coisa. Claro, Jube removera a célula de energia antes de embrulhar o presente para Massudo, e um perturbador da Rede não era o tipo de coisa que se conseguia energizar com pilhas normais.

Alguém botou um *eggnog*, generosamente batizado com rum e noz-moscada, na mão dele. Jube tomou um grande gole, sorriu com prazer e continuou a entrega dos presentes. Callie foi a próxima, e ganhou um talão de ingressos para o cinema da vizinhança. Denton, do quarto andar, recebeu uma touca tricotada de lã, que pendurou na ponta de seus chifres, provocando riso geral. Reginald, que as crianças da vizinhança chamavam de Cabeça de Batata (embora não na frente dele), ficou com um barbeador elétrico; Engraxado recebeu um cachecol multicolorido. Eles olharam um para o outro, riram e trocaram os presentes.

Jube fez seu caminho pela sala, de pessoa a pessoa, até todos terem um presente. O último na bolsa em geral era o dele; naquele ano, contudo, a bolsa estava vazia após a sra. Holland pegar seus ingressos para *Cats*. Jube ficou um pouco constrangido. Seu rosto devia ter transparecido. Houve gargalhada em toda a sala.

— Não esquecemos você, Homem-Morsa — disse Chucky, o garoto com pernas de aranha que trabalhava de mensageiro em Wall Street.

— Fizemos uma vaquinha este ano para te dar algo especial — acrescentou Engraxado.

A sra. Holland deu o presente a ele. Era pequeno e embrulhado com um papel de loja. Jube abriu-o cuidadosamente.

— Um relógio!

— Não é um relógio, Morsa, é um *cronômetro*! — disse Chucky.
— Automático, à prova d'água e de queda também.

— Ele mostra a data, as fases da lua, droga, mostra tudo, menos quando sua namorada está naqueles dias — disse Engraxado.

— Engraxado! — exclamou a sra. Holland, indignada.

— Você usa aquele relógio do Mickey Mouse desde que, bem, desde que *eu* te conheço — falou Reginald. — Todos achamos que já era hora de você ter algo um pouco mais moderno.

Era um relógio muito caro. Assim, claro, não havia outra coisa a fazer senão usá-lo. Jube tirou o do Mickey de seu pulso grosso e colocou o cronômetro novinho com sua pulseira flexível de metal. Pousou o velho relógio cuidadosamente em cima da prateleira sobre a lareira e deu uma volta na sala lotada, agradecendo a cada um deles.

Em seguida, o velho sr. Grilo esfregou as patas ao som de “Jingle Bells” e a sra. Holland serviu o peru que ganhara na rifa da igreja (Jube remexeu sua porção pelo prato o suficiente para que parecesse que ele comeu um pouco), e teve mais *eggnog* para beber, e um carteado após o café e, quando ficou bem tarde, Jube contou algumas de suas piadas. Finalmente sentiu que era hora de se retirar; dera folga ao ajudante, então precisava abrir a banca ele mesmo de manhã bem cedinho. Mas quando foi até a prateleira, na saída, o Mickey havia sumido.

— Meu relógio! — exclamou Jube.

— O que você quer com aquela coisa velha, agora que tem um novinho em folha? — perguntou Callie.

— Tem valor sentimental — disse Jube.

— Eu vi o Massudo brincando com ele — disse o Verruga. — Ele gosta do Mickey Mouse.

Engraxado tinha colocado Massudo na cama havia horas. Jube teve de subir para o apartamento deles. Encontraram o relógio no pé de Massudo, e Engraxado começou a se desculpar.

— Acho que ele quebrou — disse o velho.

— É muito resistente — falou Jube.

— Estava fazendo um barulho — disse Engraxado. — Zumbindo. Acho que quebrou por dentro.

Por um momento, Jube não entendeu o que ele estava falando. Então, a confusão deu lugar ao medo.

— Zumbidos? Quanto tempo...?

— Um bom tempo — disse Engraxado, devolvendo o relógio. De dentro da caixa vinha um chiado alto e fino. — Você está bem?

Jube balançou a cabeça.

— Cansado — ele respondeu. — Feliz Natal. — E então desceu as escadas pesadamente, o mais rápido que pôde.

Em seu apartamento frio e escuro, correu para o porão. Lá dentro, o comunicador brilhava violeta, código de cor da Rede para emergência extrema. Seus corações estavam na boca. Quanto tempo? Horas, *horas*, e todo o tempo ele estivera festejando. Jube ficou enjoado. Jogou-se na cadeira e apertou botões no console para transmitir a mensagem que fora gravada.

O holocubo brilhava por dentro, em uma névoa de luz violeta. No centro estava Ekkedme, as pernas de salto traseiras dobradas sob o corpo, como se estivesse agachado. A criatura de Embe obviamente estava em um estado de grande agitação; os cílios que cobriam seu rosto tremiam enquanto provavam o ar, e os palpos sobre sua pequena cabeça giravam freneticamente. Jube assistiu ao fundo violeta do código desaparecer e o interior atulhado da nave unitária tomar forma. “A Mãe!”, Ekkedme gritou na língua de contato, forçando as palavras por suas narinas em um sotaque embe sibilante. O holograma estilhou-se em uma imagem estática.

Quando se reintegrou, um instante depois, Ekkedme recuou de repente para um lado, esticando o membro frontal fino como um graveto, e arrancou uma bola preta e lisa da pelagem branca de seu peito quitinoso. Começou a falar algo, mas atrás dele a parede da nave unitária entortou-se para dentro com um ruído metálico terrível, e então se desintegrou totalmente. Jube assistiu com horror quando o ar, os instrumentos e Ekkedme foram sugados na direção das estrelas frias e imóveis. Ekkedme bateu em uma divisória irregular e deslizou para cima, segurando firme a bola enquanto as pernas traseiras se agitavam desesperadamente. Um torvelinho de luz percorreu a superfície da esfera, e então pareceu se expandir. Uma onda preta rápida engoliu Ekkedme; quando ela recuou, ele tinha desaparecido. Jube ousou respirar de novo.

A transmissão foi interrompida bruscamente um instante depois.

Jube repetiu a gravação, torcendo para algo ter passado despercebido. Conseguiu aguentar apenas até a metade. Então se levantou, correu para o banheiro e vomitou todo o *eggnog* da noite.

Estava mais calmo quando voltou. Tinha que pensar, tinha que ver as coisas com a cabeça clara. Pânico e culpa não o levariam a lugar algum. Mesmo se estivesse com o relógio, não teria conseguido descer a tempo para pegar a chamada, e, de qualquer forma, não havia nada que pudesse fazer. Além disso, Ekkedme escapou com o deslocador de singularidade, Jube viu com os próprios olhos, certamente o colega estava em segurança...

... mas... se ele estivesse a salvo... onde estaria?

Jube olhou em volta lentamente. Certamente não estava *ali*. Mas aonde mais poderia ter ido? Quanto tempo poderia sobreviver naquela gravidade? E o que *aconteceu* lá em cima, em órbita?

Com humor sombrio, conectou-se aos rastreadores via satélite. Havia seis deles, aparelhos sofisticados do tamanho de bolas de golfe, carregados com sensores rhindarianos. Ekkedme usava-os para monitorar padrões climáticos, atividade militar e transmissões de rádio e televisão, mas também tinham outros usos. Jube varreu os céus metodicamente, buscando uma nave unitária, mas encontrou apenas destroços esparsos.

De repente, Jube sentiu-se muito sozinho.

Ekkedme era... bem, não exatamente um amigo, não como os humanos no andar de cima, nem mesmo tão próximo quanto Crisálida ou Siri, mas... suas espécies tinham pouco em comum, na verdade. Ekkedme era um tipo estranho e solitário, enigmático e taciturno; e vinte e três anos em órbita, no confinamento de sua nave unitária com nada para ocupar-se além de meditação e monitoramento, tinham-no transformado em uma criatura ainda mais estranha... mas, claro, por isso ele fora o escolhido entre todos que o Mestre Comerciante podia ter selecionado quando a nave

Opportunity chegou, havia tanto tempo, no ano humano de 1952, para observar os resultados do grande experimento takisiano.

As memórias surgiram de forma espontânea. A imensa nave espacial da Rede circulou o pequeno planeta verde entre junho e setembro, com pouco interesse. A civilização nativa era promissora, mas pouco mais avançada do que na visita anterior, poucos séculos antes. E o louvado vírus takisiano, o vírus Wild Card, parecia ter produzido grandes quantidades de esquisitos, aleijados e monstros. Mas o Mestre Comerciante gostava de cobrir todas as possibilidades, então, quando a *Opportunity* partiu, deixou para trás dois observadores: o embe na órbita e um xenólogo na superfície. O Mestre Comerciante se divertia escondendo seu agente a olhos vistos nas ruas de uma das maiores cidades do mundo. E para Jhubben, que tinha assinado um contrato de prestação de serviços vitalício pela chance de viajar para mundos distantes, era uma oportunidade rara de fazer um trabalho importante.

Ainda assim, até aquele momento, sempre houve a certeza de que algum dia a *Opportunity* voltaria, que algum dia ele faria novamente um voo espacial, e talvez até retornasse para as geleiras e cidades de gelo de Glabber, atrás de seu melancólico sol vermelho. Ekkedme nunca fora um amigo de verdade, mas representava algo tão importante quanto. Tinham um passado juntos. Apenas Jube sabia que ele estava lá, observando, ouvindo; apenas Ekkedme sabia que Jube, o Morsa, o jornalista curinga, era na verdade Jhubben, um xenólogo de Glabber. Ekkedme era uma ligação com seu passado, com sua terra natal e seu povo, com a *Opportunity* e a própria Rede, com seus membros de cento e trinta e sete espécies espalhados em milhares de mundos.

Jube olhou para o novo relógio que os amigos haviam lhe dado. Passava das duas. A mensagem foi recebida pouco antes das oito. Ele nunca tinha usado um deslocador de singularidade — era um dispositivo embe, ainda experimental, alimentado por um miniburaco negro e capaz de funcionar como um campo de estase, um dispositivo de teletransporte e até mesmo uma fonte de energia, mas caríssimo, com seus segredos zelosamente guardados pela Rede. Ele não fingia entender seu funcionamento, mas deveria ter levado Ekkedme para *ali*, onde Jhubben poderia ajudá-lo. Se o deslocador falhou, Ekkedme podia ter se teletransportado para o vácuo do espaço, ou para o fundo do oceano ou... bem, para *qualquer lugar* ao alcance.

Ele balançou a cabeça imensa. O que podia fazer? Se Ekkedme ainda estivesse vivo, encontraria uma maneira de chegar até ele. Jube estava impotente para ajudá-lo. Enquanto isso, tinha um problema mais urgente: algo, ou alguém, descobriu, atacou e destruiu a nave unitária. Os humanos não tinham a tecnologia, nem os motivos. Quem quer que fosse responsável obviamente não era amigo da Rede, e, se soubesse de sua existência, podia ir atrás dele também. Jube se pegou desejando não ter dado sua arma para Massudo.

Ele assistiu à derradeira transmissão de Ekkedme uma última vez, na esperança de encontrar uma pista para o inimigo desconhecido. Não havia nada, exceto... “A Mãe!”, Ekkedme dissera. O que aquilo significava? Alguma invocação religiosa embe, ou seu colega estava efetivamente chamando pela fêmea que o chocara?

Jube passou as horas seguintes flutuando na banheira, pensando. Não gostava das conclusões a que chegara, mas a lógica era

inescapável. A Rede tinha muitos inimigos, dentro e fora dela, mas apenas um rival realmente poderoso no setor espacial, e apenas um que pudesse ficar violentamente irritado por encontrar a Terra sob observação: uma espécie tão parecida e tão diferente dos humanos, dominadora e indiferente, racista, implacavelmente cruel e capaz de grandes atrocidades, a julgar pelo que fizeram na Terra, e o que regularmente faziam entre os seus.

Quando a aurora se aproximou, vestindo-se após uma noite insone, Jube estava praticamente convencido disso. Apenas uma nave simbiote takisiana poderia ter feito aquilo que testemunhara. *O arpão-fantasma ou o laser?*, pensou. Não era especialista em equipamentos militares.

Era um dia cinzento, lamacento, depressivo, e o humor de Jube se encaixava perfeitamente com o clima quando abriu a banca de jornal. Os negócios estavam fracos. Era pouco depois das oito quando o dr. Tachyon desceu a Bowery, usando um casaco de pele branco e limpando uma mancha de ovo na gola.

— Algum problema, Jube? — perguntou Tachyon quando parou para pegar o *New York Times*. — Você não parece bem.

Jube não conseguia encontrar as palavras.

— Hum, sim, doutor. Um amigo meu... hum... morreu.

Ele olhou para o rosto de Tachyon, buscando traços de culpa. Aquele takisiano estava sempre se sentindo culpado, e com certeza se trairia se soubesse de algo.

— Sinto muito — disse o doutor, a voz sincera e solidária. — Também perdi alguém esta semana, um assistente da clínica. Tenho a terrível suspeita de que o homem foi assassinado. Um dos meus pacientes desapareceu no mesmo dia, um homem chamado

Spector. — Tachyon suspirou. — E agora a polícia quer que eu realize uma autópsia em um pobre curinga que encontraram em uma caçamba de lixo em Chelsea. O homem parece um gafanhoto peludo, segundo o que McPherson falou. Pelo visto, isso faz com que ele seja um dos meus. — Ele balançou sua cabeça, exausto. — Bem, vão ter que mantê-lo no freezer até eu poder organizar a busca pelo sr. Spector. Fique de ouvidos abertos, Jube, e me informe se souber de alguma coisa, tudo bem?

— Você disse um gafanhoto? — Jube tentou manter a voz natural. — Um gafanhoto peludo?

— Sim — disse Tach. — Não é algum conhecido seu, espero.

— Não tenho certeza — disse Jube, rapidamente. — Talvez eu pudesse ir e dar uma olhada. Conheço muitos curingas.

— Ele está no necrotério, na First Avenue.

— Não sei se conseguiria — disse Jube. — Tenho um estômago delicado, doutor. Que tipo de lugar é esse necrotério?

Tachyon garantiu a Jube que não era nada assustador. Para dispersar qualquer tipo de apreensão, descreveu o necrotério e seus procedimentos. Jube memorizou cada detalhe.

— Não parece tão ruim — disse, por fim. — Talvez eu dê uma olhadinha, caso seja, hum, o rapaz que eu conheço.

Tachyon concordou com a cabeça, distraidamente, sua cabeça em outros problemas.

— Sabe — disse ele a Jube — que o tal Spector, o paciente que desapareceu... ele estava quase morto quando o trouxeram para mim. Salvei a vida do homem. E se eu não tivesse salvado, talvez Henry ainda estivesse vivo. Claro, não tenho como saber.

Dobrando seu *New York Times* sob o braço, o takisiano saiu caminhando pela lama.

Pobre Ekkedme, pensou Jube. Morrer tão longe de casa... não tinha ideia de quais eram os costumes funerários embes. Não havia nem tempo para o luto. Era óbvio que Tachyon não sabia de nada. E, o mais importante, Tachyon não *deveria* saber. A presença da Rede na Terra devia ser mantida em segredo a todo custo. E se o takisiano realizasse a autópsia, ele *saberia*, não havia dúvida. Tachyon via Jube como um curinga, e por que não? Parecia tão humano quanto a maioria dos curingas, e estava no Bairro dos Curingas havia mais tempo que o próprio doutor. Glabber era um fim de mundo, pobre e obscuro. Não tinha voos espaciais próprios, e menos de uma centena de glabberianos prestava serviços nas grandes espaçonaves da Rede. As chances de ele reconhecer Jhubben eram próximas de zero. Mas os embes habitavam dezenas de mundos, suas espaçonaves eram conhecidas em mais de uma centena; eram tão parte da Rede quanto os ly'bahres, kondikkis, aevres, ou mesmo os Mestres Comerciantes. Uma olhada naquele corpo e Tachyon saberia.

Jube se balançou nos calcanhares, sentindo as primeiras fisgadas de pânico. Tinha que pegar aquele corpo antes que Tachyon o visse. E o *deslocador*, como podia se esquecer daquilo! Se um artefato tão valioso quanto um deslocador de singularidade caísse em mãos takisianas, as consequências seriam imprevisíveis. Mas *como?*

Um homem que ele nunca vira parou diante da banca de jornal. Distraído, Jube olhou para ele.

— Jornal?

— Um de cada — disse o homem —, como de costume.

Levou um momento para cair a ficha, mas, quando caiu, Jube soube que tinha encontrado a sua resposta.

DAS CINZAS ÀS CINZAS

Roger Zelazny

O rádio cuspiu estática. Croyd Crenson esticou o braço, desligou-o e o lançou pelo quarto na direção do cesto de lixo ao lado da penteadeira. Considerou um bom presságio ele ter caído dentro.

Então esticou-se, afastou as cobertas e olhou seu corpo pálido e nu. Tudo parecia estar no lugar e em boas proporções. Tentou levitar e nada aconteceu, então jogou as pernas para a beirada da cama e se sentou. Passou a mão pelos cabelos, contente por descobrir que eles estavam lá. Acordar era sempre uma aventura.

Tentou ficar invisível, derreter o cesto de lixo com um pensamento ou criar um arco de faíscas com a ponta dos dedos. Nenhuma dessas coisas aconteceu.

Levantou-se e foi ao banheiro. Enquanto bebia um copo d'água atrás do outro, examinou-se no espelho. Cabelos e olhos claros desta vez, feições regulares; na verdade, era bastante bonito. Achou que tinha pouco mais de um metro e oitenta de altura. Bem musculoso também. Devia haver algo no armário que servisse. Já tivera aquela altura e constituição.

Era um dia cinzento, com trechos de neve de aparência lamacenta forrando a calçada do outro lado da rua. Água gotejava na sarjeta. Croyd parou a caminho do armário para retirar uma haste

de metal pesada de uma caixa sob a escrivaninha. De forma quase natural, ele dobrou a haste ao meio e a torceu. A força ainda persistia, ele refletiu, quando o rolo de metal se juntou ao rádio no cesto de lixo. Ele achou uma camisa e calças que ficavam bem nele, e um casaco de tweed apenas levemente apertado nos ombros. Voltou sua atenção para a imensa coleção de sapatos e, depois de um tempo, escolheu um par confortável.

Passava um pouco das oito, de acordo com seu Rolex, e, por ser inverno e o dia estar claro, isso significava manhã. Seu estômago roncou. Hora de café da manhã e orientação. Verificou o esconderijo do dinheiro e tirou duas notas de cem dólares. *Está acabando*, ele pensou. *Tenho que dar uma passada no banco mais tarde. Ou talvez roubar um. As ações também estavam caindo, da última vez. Mais tarde...*

Ele se equipou com um lenço, um pente, as chaves e um pequeno frasco plástico de pílulas. Não gostava de carregar identificação de qualquer tipo. Não precisava de um sobretudo. Temperaturas extremas raramente o incomodavam.

Trancou a porta atrás de si, transpôs o corredor e desceu as escadas. Virou à esquerda quando chegou à rua, encarando um vento cortante, e começou a descer a Bowery. Deixando uma nota na mão esticada de um curinga alto e cadavérico com um nariz que parecia uma ponta de gelo — e que estava tão imóvel quanto um totem na porta de uma loja de máscaras fechada —, Croyd lhe perguntou que mês era.

— Dezembro — disse a figura sem mover os lábios. — Feliz Natal.

— É — disse Croyd.

Ele tentou mais alguns testes simples enquanto rumava para a primeira parada, mas não conseguiu quebrar as garrafas de uísque vazias na sarjeta com um pensamento, nem botar fogo em nenhuma das pilhas de lixo. Tentou emitir ultrassons, mas apenas produziu guinchos.

Seguiu até a banca de jornal na Hester Street, onde o pequeno e gordo Jube Benson estava sentado, lendo um de seus jornais. Vestia uma camisa havaiana amarela e laranja embaixo de um casaco de verão azul-claro; tufo de cabelos ruivos apareciam sob o chapéu. A temperatura não parecia incomodá-lo mais do que a Croyd. Ele levantou o rosto escuro, inchado e marcado e mostrou um par de presas curtas e curvas quando Croyd parou diante da banca.

— Jornal? — perguntou.

— Um de cada — disse Croyd —, como de costume.

Os olhos de Jube estreitaram-se levemente, enquanto examinava o homem diante dele. Então perguntou:

— Croyd?

Croyd concordou com a cabeça.

— Sou eu mesmo, Morsa. Como estão as coisas?

— Não tenho do que reclamar, camarada. Ficou bonitão desta vez.

— Ainda estou testando — disse Croyd, juntando uma pilha de jornais.

Jube mostrou mais das presas.

— Qual é o trabalho mais perigoso no Bairro dos Curingas? — ele perguntou.

— Eu desisto.

— Andar na traseira do caminhão de lixo — disse ele. — Ouviu o que aconteceu com a moça que ganhou o concurso de Miss Bairro dos Curingas?

— O quê?

— Perdeu o título quando descobriram que tinha posado nua para o *Jornal dos Criadores de Galinha*.

— Essa foi pesada, Jube — disse Croyd, sorrindo.

— Eu sei. Fomos atingidos por um furacão enquanto você dormia. Sabe o que ele fez?

— O quê?

— Quatro milhões de dólares de melhorias na cidade.

— Está bem, já deu! — disse Croyd. — Quanto te devo?

Jube baixou o jornal, levantou-se e caminhou como um pato para o lado da banca.

— Nada — disse ele. — Quero falar com você.

— Tenho que comer, Jube. Quando acordo, preciso rápido de um monte de comida. Volto mais tarde, tudo bem?

— Tudo bem se eu te acompanhar?

— Claro. Mas você vai perder negócios.

Jube começou a fechar a banca.

— Não tem problema — disse ele. — São negócios também.

Croyd esperou-o trancar a banca, e caminharam dois quarteirões até o Hairy's Kitchen.

— Vamos pegar a mesa do fundo — disse Jube.

— Ótimo. Nada de negócios até minha primeira rodada de comida, tudo bem? Não consigo me concentrar com pouco açúcar no sangue, hormônios estranhos e excesso de transaminases. Me deixa botar algo para dentro antes.

— Eu entendo. Coma tranquilo.

Quando o garçom se aproximou, Jube disse que já havia comido e pediu uma xícara de café, na qual nunca tocou. Croyd começou com um pedido duplo de bife com ovos e uma jarra de suco de laranja.

Dez minutos depois, quando as panquecas chegaram, Jube limpou a garganta.

— Agora, sim — disse Croyd. — Bem melhor. Então, qual é o problema, Jube?

— Difícil saber por onde começar — respondeu o outro.

— Comece onde quiser. A vida está mais bonita para mim agora.

— Nem sempre é bom ter curiosidade sobre os negócios de outras pessoas daqui...

— Verdade — concordou Croyd.

— Por outro lado, as pessoas adoram fofocar, especular.

Croyd balançou a cabeça e continuou a comer.

— Não é segredo para ninguém o jeito que você dorme, e isso deve te impedir de ter um emprego normal. Você parece mais um ás do que um curinga, no geral. Digo, normalmente você parece normal, mas tem um talento especial.

— Ainda não descobri qual é desta vez.

— Que seja. Você se veste bem, paga suas contas, gosta de comer no Aces High e não é um relógio barato que está usando. Tem que *fazer* algo para ficar de boa... a menos que tenha herdado uma bolada.

Croyd sorriu.

— Tenho medo de olhar o *Wall Street Journal* — disse ele, tocando a pilha de jornais ao lado. — Posso precisar *fazer* algo que

não faço há algum tempo, se o jornal me disser o que acho que vai dizer.

— Posso supor, então, que, quando você trabalha, o que faz é, às vezes, meio fora da lei?

Croyd ergueu a cabeça e, quando seus olhos se encontraram, Jube encolheu-se. Foi a primeira vez que Croyd percebeu que o homem estava nervoso. Ele riu.

— Vá para o inferno, Jube — disse ele. — Te conheço há tempo suficiente para saber que você não é da polícia. Quer que eu faça alguma coisa, não é? Se for para roubar algo, sou bom nisso. Aprendi com um especialista. Se estiver sendo chantageado, terei prazer em pegar de volta a prova e fazer a pessoa se cagar de tanto medo. Se quiser que algo seja removido, destruído, transportado, eu sou o cara. Mas, se quiser alguém morto, isso eu não gosto de fazer. Mas posso dar o nome de algumas pessoas que não se importariam.

Jube balançou a cabeça.

— Não quero ninguém morto, Croyd. Mas realmente quero algo roubado.

— Antes de entrar em detalhes, melhor eu dizer que meu preço é alto.

Jube mostrou as presas.

— Os... hum... os interesses que represento estão preparados para recompensar seu esforço.

Croyd terminou as panquecas, bebeu café e comeu um doce enquanto esperava pelos waffles.

— É um corpo, Croyd — disse Jube, finalmente.

— Quê?

— Um cadáver.

— Não estou entendendo.

— Tem um cara que morreu no fim de semana. O corpo foi encontrado em uma caçamba de lixo. Sem identidade. É um João-ninguém. Lá no necrotério.

— Caramba, Jube! Um corpo? Nunca roubei um corpo antes. Para que serve isso?

Jube deu de ombros.

— Estão dispostos a pagar muito bem por ele... e por quaisquer posses que o cara tivesse. É tudo que eles querem revelar.

— Imagino que o motivo seja da conta deles. Mas quanto estão falando em pagar?

— Para eles, vale cinquenta paus.

— Cinquenta paus? Por um presunto? — Croyd parou de comer e encarou Jube. — Você só pode estar de sacanagem.

— Não. Posso te dar dez agora e quarenta na entrega.

— E se eu não conseguir?

— Fica com os dez pela tentativa. Está interessado?

Croyd deu um suspiro fundo e deixou o ar sair lentamente.

— Claro — disse ele. — Estou interessado. Mas nem sei onde fica o necrotério.

— É no gabinete do médico-legista, na 25th com First Avenue.

— O.k. Digamos que eu vá lá e...

Hairy chegou e pousou um prato de salsichas e batatas suíças diante de Croyd. Ele encheu novamente a xícara de café e deixou várias notas e algumas moedas na mesa.

— Seu troco, senhor.

Croyd olhou para o dinheiro.

— Como assim? — disse ele. — Não paguei ainda.

— Você me deu uma nota de cinquenta.

— Não, não dei. Não terminei ainda.

Hairy parecia estar sorrindo sob a pelagem preta e densa que o cobria inteiramente.

— Meu negócio não estaria aberto há tanto tempo se eu ficasse jogando dinheiro fora — respondeu ele. — Sei muito bem quando estou dando o troco da conta.

Croyd deu de ombros e assentiu.

— Imagino que sim.

Croyd franziu as sobrancelhas quando Hairy se afastou, e balançou a cabeça.

— Jube, eu não paguei para ele.

— Também não me lembro de ver você pagar. Mas ele disse uma nota de cinquenta... Difícil de esquecer.

— Estranho, também. Porque eu estava pensando em trocar uma de cinquenta quando fosse pagar.

— Ah, é? Você lembra quando o pensamento passou pela sua cabeça?

— Lembro. Quando ele trouxe os waffles.

— Você chegou a ter uma imagem mental de pegar uma de cinquenta e entregar para ele?

— Sim.

— Interessante.

— Como assim?

— Acho que esse pode ser o seu poder da vez... algum tipo de hipnose telepática. Só precisa testar um pouco para pegar o jeito, encontrar os limites.

Croyd concordou com a cabeça, lentamente.

— Só não tente comigo, por favor. Estou com problemas o suficiente por hoje.

— Por quê? Você tem algo em jogo com esse negócio do cadáver?

— Quanto menos souber, Croyd, melhor. Confie em mim.

— Tudo bem, eu entendo. Não me importa, de qualquer jeito. Não com essa grana que eles estão pagando — disse ele. — Então, eu aceito o trabalho. Digamos que tudo correu bem e estou com o corpo. O que faço com ele?

Jube puxou uma caneta e um caderninho do bolso interno. Escreveu um pouco, arrancou a folha e passou-a para ele. Então fuçou no bolso lateral, tirou uma chave e colocou-a ao lado do prato de Croyd.

— Esse endereço fica a cinco quadras daqui — disse ele. — Quarto alugado, andar térreo. A chave se encaixa na fechadura. Você leva para lá, tranca e vai até a banca me avisar.

Croyd começou a comer novamente. Depois de um tempo, ele disse:

— O.k.

— Ótimo.

— Mas eles provavelmente têm mais de um João-Ninguém lá nessa época do ano. Bebuns que morrem congelados... sabe como é. Como vou saber qual é o certo?

— Já ia chegar nisso. O cara é um curinga, entende? Um cara pequeno. Um metro e meio, talvez. Parece, tipo, um besourão... pernas dobradas como as de um gafanhoto, um exoesqueleto com

um pouco de pelo em cima, quatro dedos nas mãos com três juntas em cada, olhos na lateral da cabeça, asas atrofiadas nas costas...

— Já deu para ter uma ideia. Deve ser fácil reconhecer dos outros modelos-padrão.

— É. Não deve pesar muito também.

Croyd balançou a cabeça. Alguém na frente do restaurante disse "... pterodátilo!", e Croyd virou a cabeça para ver a forma alada pairando ao lado da janela.

— Aquele garoto de novo — disse Jube.

— É. De quem será que ele anda enchendo o saco agora?

— Você o conhece?

— Aham. Ele aparece de vez em quando. É meio que um fã dos ases. Pelo menos ele não sabe qual é minha aparência desta vez. Deixa para lá... Precisam desse corpo para quando?

— Quanto antes.

— Tem alguma coisa que você queira me dizer sobre a estrutura do necrotério?

Jube assentiu devagar.

— Sim. É um prédio de seis andares. Laboratórios e escritórios e tudo o mais nos andares de cima. Recepção e salas no térreo. Os corpos ficam no porão. As salas de autópsia são embaixo também. Há cento e vinte e oito compartimentos, com um refrigerador apertado com prateleiras para os corpos de crianças. Quando alguém precisa ir identificar um corpo, colocam em um elevador especial que sobe para uma câmara ladeada de vidros em uma sala de espera no primeiro andar.

— Então você já esteve lá?

— Não, eu li a autobiografia do Milton Helpert.

— Você teve o que eu chamaria de educação realmente liberal — disse Croyd. — Eu mesmo deveria ler mais.

— Você pode comprar muitos livros com cinquenta paus.

Croyd sorriu.

— Então, negócio fechado?

— Me deixa pensar mais um pouco... enquanto tomo café da manhã... e descubro como meu talento funciona. Passo na sua banca quando eu tiver terminado. Quando eu pegaria os dez paus?

— Posso pegar hoje à tarde.

— Tudo bem. Vejo você em uma hora, mais ou menos.

Jube balançou a cabeça, levantou seu volume imenso e escorregou para fora da cadeira.

— Cuidado com o colesterol — disse ele.

Fendas azuis apareceram no céu celeste cinzento, e os raios de sol abriram caminho até a rua. O som de água gotejante ecoava de algum lugar atrás da banca de jornal. Jube normalmente teria considerado aquele um fundo agradável entre os ruídos do tráfego e outros sons da cidade, não fosse pelo pequeno dilema moral que chegara sobre asas de couro e destruía sua manhã. Não havia percebido que tomara uma decisão sobre a questão até erguer os olhos e ver Croyd olhando para ele, sorrindo.

— Sem problema — disse Croyd. — Vai ser moleza.

Jube suspirou.

— Tem algo que eu preciso te contar.

— Problemas?

— Nada que seja diretamente relacionado ao trabalho em si — Jube explicou. — Mas você pode ter um problema que não sabia

que tinha.

— Tipo o quê? — falou Croyd, franzindo a testa.

— Aquele pterodátilo que vimos mais cedo...?

— O que tem?

— O Kid Dinossauro veio aqui. Eu o encontrei esperando quando voltei. Estava procurando por você.

— Espero que não tenha dito onde me encontrar.

— Não, não disse. Mas você sabe como ele observa de perto os ases e os curingas com grandes poderes...

— Sim. Por que ele não podia ser fã de jogadores de beisebol ou criminosos de guerra?

— Ele descobriu um cara e queria que você soubesse. Disse que o Devil John Darlingfoot saiu do hospital há um mês e pouco e desapareceu. Mas está de volta agora. O garoto o viu perto do Mosteiro mais cedo. Disse que estava vindo para Midtown.

— O.k., o.k. E daí?

— E daí que ele acha que o cara está procurando você. Quer revanche. O garoto acha que ele ainda está puto com o que você fez no dia em que vocês dois detonaram o Rockefeller Plaza.

— Então deixe-o ficar procurando. Não sou mais um cara baixinho e corpulento de cabelo escuro. Vou pegar o presunto agora... antes que deem um sumiço nele.

— Você quer o dinheiro?

— Você já me deu.

— Quando?

— Qual sua primeira memória de quando voltei aqui?

— Olhei para cima faz um minuto e vi você parado aí, sorrindo. Você disse que não tinha problema. Disse que seria “moleza”.

— Ótimo. Então está funcionando.

— Preciso de uma explicação melhor.

— Esse é o momento de onde eu quis que você começasse a lembrar. Eu estava aqui um minuto antes disso, e falei para você me dar o dinheiro e se esquecer de tudo.

Croyd tirou um envelope de um bolso interno do casaco, abriu e mostrou o dinheiro.

— Meu Deus, Croyd! O que mais você fez durante esse minuto?

— Sua inocência está intacta, se é com isso que está preocupado.

— Você não me fez nenhuma pergunta... sobre...?

Croyd balançou a cabeça, negando.

— Eu disse que não me importo com quem quer o corpo, ou o porquê. Realmente não ligo para as preocupações alheias. Já tenho problemas demais.

Jube suspirou.

— O.k. Vai lá, garoto.

Croyd deu uma piscadela.

— Não se preocupe, Morsa. Considere a missão cumprida.

Croyd caminhou até um supermercado, entrou e comprou um pequeno pacote de sacos de lixo grandes. Dobrou um e enfiou no bolso interno do casaco. Deixou o resto em uma lata de lixo. Então, caminhou até o cruzamento seguinte e chamou um táxi.

Ensaçou a estratégia enquanto percorria a cidade. Entraria no lugar e usaria seu poder atual para persuadir a recepcionista de que estava sendo esperado, que era um patologista do hospital Bellevue chamado por um amigo da equipe para dar opinião sobre uma

peculiaridade forense. Pensou brevemente em usar os nomes Malone e Welby, e terminou se decidindo por Anderson. Então, faria com que a recepcionista chamasse alguém que tivesse autoridade para levá-lo até o porão e encontrar o tal João-ninguém. Colocaria aquela pessoa sob controle, pegaria o corpo e seus pertences, o transferiria para um saco e sairia, fazendo com que todos pelos quais passasse esquecessem que estivera ali. Com certeza, muito mais simples do que táticas mais árduas que tivera de empregar ao longo dos anos. Sorriu com a simplicidade clássica daquilo: sem violência, sem memória...

Quando chegou ao prédio com placas de alumínio e tijolos esmaltados azuis e brancos, disse ao taxista para seguir em frente e deixá-lo na esquina seguinte. Havia duas viaturas de polícia estacionadas na frente e uma porta destruída jazia diante do local. A presença da polícia no necrotério não parecia um acontecimento incomum, mas a porta quebrada o deixou com um pé atrás. Deu ao motorista uma nota de cinquenta e pediu para que esperasse. Passou na frente do local uma vez e olhou para dentro. Divisou vários policiais, aparentemente falando com funcionários.

Não parecia o momento ideal para prosseguir com o plano. Por outro lado, não poderia se dar ao luxo de ir embora sem descobrir o que havia acontecido. Então, virou-se quando chegou à esquina e voltou. Entrou sem hesitar, olhando em volta rapidamente.

Um homem vestido com roupas civis e que estava entre os policiais se virou de repente na sua direção e o encarou. Croyd não gostou nem um pouco daquela encarada. Fez seu estômago revirar e sua mão formigar.

Lançou mão de seu novo poder imediatamente, seguindo direto até o homem, forçando um sorriso enquanto caminhava.

Está tudo bem. Você quer falar comigo e fazer exatamente o que eu disser. Acene para mim agora, diga “Oi, Jim!” em voz alta e caminhe até aquele lado comigo.

— Oi, Jim! — disse o homem, movendo-se para juntar-se a Croyd.

Não!, pensou Judas. Rápido demais. Cravou os olhos em mim assim que o percebi... Podemos usar este cara...

— À paisana? — perguntou Croyd.

— Sim. — O homem se pegou com vontade de responder.

— Qual seu nome?

— Matthias.

— O que aconteceu aqui?

— Um corpo foi roubado.

— Qual deles?

— Um João-Ninguém.

— Consegue descrevê-lo?

— Parecia um besourão... pernas de gafanhoto...

— Merda — disse Croyd. — E os pertences?

— Não havia nenhum pertence.

Vários dos policiais uniformizados estavam olhando na direção deles. Croyd deu sua próxima ordem mentalmente. Matthias virou-se para os uniformizados.

— Só um momento, rapazes — ele falou. — Negócios.

Droga!, ele pensou. Este aqui vai ser útil. Você não vai conseguir me segurar assim para sempre, camarada...

— Como aconteceu? — perguntou Croyd.

— Um cara veio aqui faz pouco tempo, desceu, forçou um atendente a mostrar o compartimento para ele, tirou o corpo e se mandou com ele.

— Ninguém tentou impedir?

— Claro que sim. Quatro deles estão a caminho do hospital por causa disso. O cara era um ás.

— Quem?

— Aquele que arrebentou o Rockefeller Plaza no outono passado.

— Darlingfoot?

— Sim, esse mesmo. — *Não... não faça mais perguntas... se estou envolvido, se eu o contratei, se estou encobrindo o cara agora...*

— Para que lado ele foi?

— Noroeste.

— A pé?

— Foi o que as testemunhas disseram... saltando alto, seis metros. — *Assim que você me liberar, filho da mãe, vou acabar com você.*

— Ei, por que você se virou e me olhou daquela maneira quando entrei?

Maldição!

— Eu senti que um ás tinha acabado de entrar pela porta.

— Como você sabia?

— Também sou um ás. Esse é meu poder... sentir outros ases.

— Imagino que seja um talento útil para um policial. Bem, ouça com atenção. Você vai agora esquecer que me encontrou e não vai perceber quando eu sair. Vai andar até aquele bebedouro, tomar água, então voltará e se juntará aos seus colegas. Se alguém

perguntar com quem estava falando, vai dizer que era seu agente de apostas e esquecerá isso também. Faça isso agora. Esqueça!

Croyd virou-se e se afastou. Judas percebeu que estava com sede.

Lá fora, Croyd chegou ao táxi, entrou, bateu a porta e disse:

— Noroeste.

— Como assim? — perguntou o motorista.

— Vai para a parte alta da cidade e eu digo o que fazer quando chegarmos lá.

— O senhor é quem manda.

O carro estremeceu e começou a andar.

No quilômetro e meio seguinte, Croyd fez o motorista virar para oeste, enquanto procurava por sinais da passagem do outro. Parecia improvável que Devil John estivesse usando o transporte público para carregar um defunto. Por outro lado, era possível que tivesse um cúmplice esperando em um carro. Ainda assim, conhecendo a cara de pau do homem, não parecia tão absurdo ele estar trotando por aí com o corpo. Sabia que havia pouca coisa a fazer para pará-lo, se o homem não quisesse ser parado. Croyd soltou um suspiro enquanto esquadrihava o caminho à frente. Por que as coisas simples nunca eram fáceis?

Mais tarde, quando estavam perto de Morningside Heights, o motorista murmurou:

— ... um daqueles malditos curingas!

Croyd seguiu o gesto do homem para onde a forma de um pterodátilo ficou à vista por vários momentos antes de passar por trás de um prédio.

— Siga-o! — gritou Croyd.

— O pássaro de couro?

— Sim!

— Não sei onde ele está agora.

— Encontre-o!

Croyd balançou outra nota para o homem, e os pneus cantaram e uma buzina disparou enquanto o táxi fazia o retorno. O olhar de Croyd varreu o céu, mas Kid ainda estava fora de visão. Ele fez o táxi parar momentos depois para perguntar a um corredor que passava. O homem tirou um fone de ouvido, escutou por um momento, então apontou para leste e partiu de novo.

Muitos minutos depois, ele viu a forma angular do pássaro ao norte, movendo-se em círculos largos. Dessa vez, conseguiram acompanhar seu rastro por um momento mais longo e se aproximar.

Quando chegaram perto da área onde o pterodátilo circulava, Croyd pediu para o motorista desacelerar. Ainda não havia nada incomum à vista no solo, mas o caminho do sauro cobria uma área de vários quarteirões. Se ele realmente estivesse rastreando Devil John, o cara podia estar bem próximo.

— O que estamos procurando? — perguntou o motorista.

— Um homem grande, de barba ruiva e cabelo encaracolado, com duas pernas muito diferentes — Croyd respondeu. — A direita é pesada, peluda e termina em um casco. A outra é normal.

— Ouvi falar desse cara. Ele é perigoso...

— É, eu sei.

— O que você está planejando fazer se encontrá-lo?

— Estava pensando em bater um papo amigável — comentou Croyd.

— Não quero ficar perto desse papo. Se o virmos, caio fora.

— Pago bem se esperar.

— Não, obrigado — disse o motorista. — Quando quiser sair, deixo você e me mando. É isso.

— Bem... o pterodátilo está indo para o norte. Vamos tentar nos adiantar, e quando der você corta para leste na primeira rua que conseguir.

O motorista acelerou de novo, rumando para a direita, enquanto Croyd tentava imaginar o centro do círculo de Kid.

— Na próxima rua — disse Croyd, finalmente. — Vira lá e vemos no que dá.

Viraram devagar e cruzaram o quarteirão inteiro sem Croyd enxergar sua presa ou mesmo avistar seu dedo-duro aéreo novamente. No cruzamento seguinte, contudo, a forma alada passou de novo e, desta vez, Croyd avistou quem estava procurando.

Devil John estava do outro lado da rua, no meio do quarteirão. Carregava nos braços um pacote enrolado em uma manta. Seus ombros eram enormes, e seus dentes brancos reluziram quando uma mulher com carrinho de compras correu para sair do caminho. Ele estava vestindo uma calça jeans — a perna direita rasgada até a altura da coxa — e uma blusa de moletom rosa que indicava uma visita à Disneylândia. Um motorista que passava atingiu a lateral de um carro estacionado quando John deu um passo normal com o pé esquerdo, dobrou a perna direita em um ângulo estranho e pulou seis metros adiante até uma área aberta próxima ao meio-fio. Virou-se com um passo normal e pulou novamente, passando um Honda vermelho que se movia devagar e pousando em um trecho de grama no canteiro central da rua. Dois cachorros grandes que o

seguiram correram para o meio-fio, latindo alto, mas pararam e olharam o tráfego próximo.

— Para! — falou Croyd para o motorista, e abriu a porta, descendo na calçada antes de o veículo parar por completo.

Ele aproximou as mãos da boca e gritou:

— Darlingfoot! Espere!

O homem apenas olhou na sua direção, já dobrando a perna e se preparando para saltar de novo.

— Sou eu... Croyd Crenson! — berrou. — Quero falar com você!

A figura, parecida com um sátiro, parou meio agachada. A sombra de um pterodátilo passou por eles. Os dois cães continuaram a latir, e um poodle pequenino virou a esquina e correu para juntar-se a eles. Uma buzina trombeteava para duas pessoas paradas na faixa de pedestres. Devil John virou-se e o encarou. Então, balançou a cabeça.

— Você não é Crenson! — gritou.

Croyd avançou a passos largos.

— O cacete que não sou! — respondeu, e disparou pela rua, cruzando o canteiro.

Os olhos de Devil John estavam estreitados sob as sobrancelhas selvagens, enquanto examinava a figura de Croyd avançando. Ele mordeu o lábio inferior lentamente, então balançou a cabeça mais lentamente ainda.

— Nããão — disse ele. — Croyd era mais escuro e muito mais baixo. Não importa, o que você quer de mim, hein?

Croyd deu de ombros.

— Minha aparência muda toda hora — disse ele. — Mas sou o mesmo cara que acabou com a sua raça no outono passado.

— Sai fora, camarada — disse ele. — Não tenho tempo para fã...

Os dois cerraram os dentes quando o carro parou ao lado deles e a buzina disparou. Um homem de terno cinza pôs a cabeça para fora da janela.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Croyd resmungou, deu um passo para a rua e arrancou o para-choque, que enfiou no banco traseiro do veículo pela janela que até então estava fechada.

— Inspeção veicular — disse ele. — Você passou. Parabéns.

— Croyd! — exclamou Darlingfoot, quando o carro saiu às pressas. — É você!

Ele jogou o pacote no chão e levantou os punhos.

— Esperei o inverno inteiro por isso...

— Então espere mais um minuto — disse Croyd. — Tenho que te perguntar uma coisa.

— Quê?

— Esse corpo... Por que você o pegou?

O homenzarrão riu.

— Por dinheiro, claro. Por que mais?

— Se importa em dizer quanto estão pagando por ele?

— Cinco paus. Por quê?

— Filhos da puta mesquinhos — disse Croyd. — Falaram para que o querem?

— Não e eu não perguntei, porque não me importa. Dinheiro é dinheiro.

— É. — Croyd falou. — Quem são eles?

— Por quê? O que você tem a ver com isso?

— Bem, acho que estão te passando para trás. Acho que vale mais.

— Quanto?

— Quem são eles?

— Uns maçons, eu acho. Quanto vale?

— Maçons? Tipo, apertos de mão secretos e tudo o mais? Pensei que existissem só para dar aos outros funerais caros. O que iam querer com um curinga morto?

Darlingfoot balançou a cabeça.

— São uns caras esquisitos — ele respondeu. — Podem até querer comer o corpo, até onde eu sei. Agora, o que você estava falando sobre dinheiro?

— Eu acho que consigo mais por ele — disse Croyd. — O que acha se eu der os cinco deles e botar mais um? Te dou seis paus por ele.

— Não sei, Croyd... Não gosto de sacanear as pessoas para quem trabalho. Vai rolar o boato de que não sou confiável.

— Bem, talvez eu possa chegar em sete...

Os dois se viraram de repente para uma série de rosnados e estalos selvagens. Os cães — junto com mais dois vira-latas — tinham cruzado a rua durante a conversa e arrastado o pequeno corpo insetoide para fora da manta. Ele se quebrou em diversas partes, e o dogue alemão segurava grande parte de um braço nos dentes enquanto recuava, rosnando e se afastando do pastor-alemão. Os outros dois arrancaram uma das pernas de gafanhoto e brigavam por ela. O poodle já estava na metade da rua, uma das mãos de quatro dedos na boca. Croyd percebeu um cheiro horrendo que não era o ar nova-iorquino.

— Merda! — exclamou Devil John, dando um salto para a frente, o casco estourando um quadrado do pavimento de concreto próximo aos restos mortais. Tentou agarrar o dogue alemão, mas o cachorro se virou e correu. O terrier soltou a perna. O vira-lata marrom, não; ele arrastou a perna, atravessando a rua para a outra direção, carregando o apêndice.

— Vou pegar o braço! Pega a perna! — gritou Devil John, partindo atrás do dogue alemão.

— E a mão? — berrou Croyd, chutando outro cachorro que acabara de chegar ao local.

A resposta de Darlingfoot foi previsível, estúpida e representava uma improbabilidade anatômica de ordem superior. Croyd partiu atrás do cachorro marrom.

Quando Croyd se aproximou da esquina onde o tinha visto virar, ouviu uma série de uivos agudos. Chegando à rua lateral, viu o cachorro deitado de bruços, mordendo o pterodátilo, que o prendia na calçada. O membro arrancado jazia ao lado. Croyd avançou até lá.

— Obrigado, Kid. Fico te devendo essa — disse ele. Ao se inclinar para a perna, Croyd hesitou, tirou o lenço, enrolou na mão, agarrou o membro e o segurou contra o vento.

A forma de pterodátilo escorreu, dando lugar à de um garoto nu — talvez com treze anos de idade — com olhos claros e cabelos castanhos desgrenhados, e uma pequena marca de nascença na testa.

— Peguei para você, Croyd — ele anunciou. — Mas fede pra caramba.

— É, Kid — disse Croyd. — E agora me dê licença. Preciso juntar os outros pedaços.

Ele se virou e apressou-se na direção de onde tinha vindo. Atrás dele, ouviu passos rápidos.

— Para que você quer isso? — perguntou o garoto.

— É uma história longa, chata e complicada, e é melhor você não saber — ele respondeu.

— Ah, para com isso. Pode me contar.

— Não tenho tempo. Estou com pressa.

— Vai lutar com Devil John de novo?

— Não está nos meus planos. Acho que podemos chegar a um acordo sem recorrer à violência.

— Mas, se você lutar, qual é o seu poder desta vez?

Croyd chegou à esquina, cortando pelo canteiro central. Adiante, viu onde outro cachorro fuçava o cadáver. Devil John não estava em lugar algum.

— Inferno! — ele gritou. — Sai fora, xô!

O cachorro nem deu atenção a ele, mas arrancou uma camada de pelos da carapaça quitinosa. Croyd percebeu que um líquido transparente estava pingando do tecido rasgado. Os restos pareciam úmidos agora, e Croyd percebeu que os fluidos estavam vazando dos orifícios de respiração no tórax.

— Sai fora! — ele repetiu.

O cachorro rosnou para ele. De repente, o rosnado transformou-se em um ganido e o rabo do animal sumiu entre as pernas. Um tiranossauro de um metro de altura passou por Croyd saltando, chiando furiosamente. O cão virou-se e fugiu. Um momento depois, Kid estava em pé no lugar dele.

— Ele está indo embora com aquele pedaço — disse o garoto.

Croyd repetiu o comentário de Darlingfoot sobre a mão enquanto largava a perna sobre o corpo desmembrado. Ele retirou o saco de lixo dobrado do bolso interno do casaco e o sacudiu.

— Se quer ajudar, Kid, segure o saco enquanto jogo nele o que restou.

— Tudo bem. Isso é bem nojento.

— É um trabalho sujo — concordou Croyd.

— Então, por que você está fazendo?

— É isso que acontece quando nos tornamos adultos, Kid.

— Como assim?

— Você gasta cada vez mais tempo tendo que arrumar as próprias bagunças.

Um ruído de passadas pesadas e rápidas se aproximou, uma sombra passou por sobre eles, e Devil John estrondou no chão ao lado.

— Maldito cachorro, fugiu — ele anunciou. — Conseguiu a perna?

— Consegui — respondeu Croyd. — Já está no saco.

— Boa ideia... um saco plástico. Quem é o garoto pelado?

— Não conhece Kid Dinossauro? — perguntou Croyd. — Pensei que ele conhecesse todo mundo. É o pterodátilo que estava seguindo você.

— Por quê?

— Gosto de ver a ação de perto — respondeu Kid.

— Ei, você não devia estar na escola? — perguntou Croyd.

— A escola é uma bosta.

— Espera aí. Tive que deixar a escola no nono ano e nunca pude voltar. Sempre me arrependi.

— Por quê? Você está muito bem.

— Eu perdi muita coisa. Não queria ter perdido.

— Tipo o quê?

— Bem... Álgebra. Nunca aprendi álgebra.

— Que merda tem de bom na álgebra?

— Não sei e nunca vou saber, porque não aprendi. E às vezes olho para as pessoas na rua e penso, “Cara, aposto que todas elas sabem álgebra”, e isso faz eu me sentir mal.

— Bem, eu não sei álgebra e isso não me faz sentir nem um pouco mal.

— Espere para ver — disse Croyd.

Kid percebeu de repente que Croyd estava olhando para ele de forma estranha.

— Você vai voltar para a escola agora e vai estudar pra caramba o resto do dia e fazer a lição de casa à noite, e vai gostar disso.

— Chego mais rápido se for voando — disse Kid, e transformou-se em um pterodátilo, saltitando diversas vezes até pairar.

— Vista alguma coisa no caminho! — Croyd gritou atrás dele.

— Que merda está acontecendo aqui?

Croyd virou-se e deu de cara com um policial uniformizado que acabara de cruzar o canteiro central.

— Vai se foder! — ele resmungou.

O homem começou a desafivelar o cinto.

— Para, para! Esquece isso — disse Croyd. — Afivele o cinto. Esqueça o que eu disse e vá para outra rua.

Devil John ficou encarando enquanto o homem obedecia.

— Croyd, como você faz essas coisas? — ele perguntou.

— É o meu poder da vez.

— Então você podia me fazer dar o corpo para você, não podia?

Croyd pousou o saco de lixo no chão e o amarrou. Quando terminou de fazer isso, assentiu.

— Claro. E conseguirei de um jeito ou de outro. Mas não estou a fim de trapacear com um camarada que trabalhou duro hoje. Minha oferta ainda se mantém.

— Sete paus?

— Seis.

— Você disse sete.

— Sim, mas agora não está tudo completo.

— A culpa não é minha. Você me parou.

— Mas você deixou a coisa no chão onde os cachorros conseguiam pegar.

— Tá, mas como eu ia saber... ei, é um boteco ali na esquina.

— É mesmo.

— Gostaria de discutir isso almoçando e tomando uma cerveja?

— Agora que você mencionou, estou com um pouco de fome — disse Croyd.

Sentaram-se à mesa da janela e deixaram o saco de lixo na cadeira vazia. Croyd foi até o banheiro e lavou as mãos diversas vezes, enquanto Devil John comprava duas cervejas. Quando voltou, pediu meia dúzia de sanduíches. Darlingfoot fez o mesmo.

— Para quem você está trabalhando? — perguntou.

— Não sei — respondeu Croyd. — Estou trabalhando para terceiros.

— Complicado. Para que será que eles querem essa coisa?

Croyd balançou a cabeça.

— Sei lá. Espero que haja o suficiente dele para a gente ser pago.

— Esse é um dos motivos por que eu quero negociar. Acho que meus camaradas queriam o presunto em um estado melhor. Vão tentar me passar a perna. Melhor um pássaro na mão, sabe? Não confio muito neles. Bando de malucos.

— Tinha alguma coisa com ele?

— Não. Nenhum pertence.

Os sanduíches chegaram e eles começaram a comer. Depois de um tempo, Darlingfoot olhou diversas vezes para o saco de lixo, então comentou:

— Sabe, parece que esta coisa está maior.

Croyd examinou-a por um momento.

— Está apenas se assentando — disse ele.

Eles terminaram de comer e pediram mais duas cervejas.

— Não, caramba! *Está* maior! — insistiu Darlingfoot.

Croyd olhou novamente. O saco parecia inchar a cada vez que olhava.

— Tem razão. Devem ser os gases da... hum... decomposição.

Ele esticou um dedo, como se para cutucar, pensou melhor e abaixou a mão.

— Então, o que me diz? Sete paus? — disse Darlingfoot.

— Acho que seis é justo... pelo jeito que está.

— Mas eles sabiam o que estavam pedindo. Esse tipo de coisa é esperada de um presunto.

— Um pouco, concordo. Mas você tem que admitir também que balançou o bicho por aí um bocado.

— É verdade, mas um defunto normal teria aguentado melhor. Como eu ia saber que o cara era um caso especial?

— Olhando para ele. Era pequeno e frágil.

— Parecia bem sólido quando catei. O que você acha de a gente dividir a diferença. Seis e meio?

— Não sei.

Os outros clientes começaram a olhar na direção deles, pois o saco de lixo continuava a inchar. Eles terminaram as cervejas.

— Outra rodada?

— Por que não?

— Garçom.

O garçom deles, que tinha acabado de limpar uma mesa, se aproximou, uma pilha de pratos e talheres nas mãos.

— Em que posso... — começou ele, e então a lâmina de uma faca grande saindo da pilha de louças raspou o saco de lixo inflado.

— Meu Deus! — concluiu o garçom, enquanto um chiado, acompanhado por um odor que poderia ter sido composto de gases de esgoto e eflúvios de um abatedouro, encheu os arredores e se espalhou como o vazamento de uma experiência química de guerra por todo o estabelecimento.

— Com licença — disse o garçom, virando as costas e saindo apressado.

Logo depois outros clientes começaram a engasgar.

— Use seu poder, Croyd! — sussurrou Devil John. — Depressa!

— Não sei se consigo fazer com uma sala inteira de...

— Tente!

Croyd concentrou-se nos outros.

Houve um pequeno acidente. Nada importante. Agora, vocês vão esquecer o que houve. Não sentem nenhum cheiro estranho. Voltem para suas refeições e não olhem nesta direção de novo. Não

perceberão nada do que fizermos. Não há nada para ver aqui. Nem para cheirar.

Os outros clientes viraram-se, voltaram a comer, conversando.

— Conseguiu — constatou Devil John com uma voz estranha.

Croyd olhou para trás e viu que o homem estava tapando o nariz.

— Você derramou alguma coisa? — perguntou Croyd.

— Não.

— Opa. Ouviu isso?

Darlingfoot se inclinou para o saco de lixo.

— Ai, caramba! O saco rasgou e ele está escorrendo pelo rasgo que o cara fez. Ei, você pode acabar com meu olfato também?

Croyd fechou os olhos e rangeu os dentes.

— Bem melhor. — Ouviu momentos depois, quando Darlingfoot esticou o braço e levantou o saco, que fez um barulho de líquido gorgolejante.

Croyd olhou para o chão e deu de cara com uma poça imensa que lembrava um ensopado derramado. Sentiu um leve enjoo e virou o rosto.

— O que quer fazer agora, Croyd? Deixar a sujeira e levar o resto, ou o quê?

— Acho que tenho que levar tudo que puder.

Devil John levantou uma sobrancelha e sorriu.

— Bem, fechamos em seis e quinhentos e o ajudo a juntá-lo de um jeito administrável.

— Combinado.

— Então, me acoberte para que o povo na cozinha não me veja.

— Vou tentar. O que você vai fazer?

— Confie em mim.

Darlingfoot se levantou, passou a parte de cima do saco para Croyd e mancou até a cozinha. Passou muitos minutos lá e, quando voltou, os braços estavam cheios.

Ele destampou um grande pote de pickles e o deixou no chão, ao lado da cadeira.

— Agora, vira o saco na boca do jarro — disse ele —, eu levanto o fundo para despejá-lo aí dentro.

Croyd obedeceu, e o pote foi preenchido até acima da metade antes de o gotejar cessar.

— E agora? — ele perguntou, rosqueando a tampa.

Darlingfoot pegou o primeiro de uma pilha de guardanapos que havia trazido e abriu um pequeno pacote branco.

— Embalagem para a viagem — disse ele. — Vou só pegar os pedaços sólidos do chão e colocar nela.

— E aí?

— Também tenho um belo saco de lixo novinho — explicou, inclinando-se. — Deve caber tudo aqui, sem problema.

— Tem como se apressar? — disse Croyd. — Não consigo controlar meu próprio olfato.

— Estou limpando o mais rápido que posso. Pode abrir o pote de novo? Posso jogar o resto dele que está no guardanapo.

Quando os restos derramados foram recolhidos no jarro de pickles e em nove embalagens para viagem, Darlingfoot abriu o saco de lixo furado e removeu as placas quitinosas que permaneciam dentro dele. Ele encaixou o pote na cavidade do tórax e então colocou tudo no saco limpo, cobrindo-o com as peças de cartilagem e pequenos

pedaços de revestimento. Pôs a cabeça e os membros em cima. Então embalou os pacotes para viagem e amarrou o saco plástico.

Croyd já tinha se levantado.

— Desculpe — disse ele. — Já volto.

— Eu vou também. Preciso me lavar um pouco.

Sobre o som da água corrente, Devil John de repente disse:

— Agora que resolvemos tudo, tenho que te pedir um favor.

— O quê? — Croyd perguntou, ensaboando as mãos novamente.

— Ainda estou com um mau pressentimento sobre os caras que me contrataram, sabe?

Croyd deu de ombros.

— Você não pode servir a dois mestres.

— Por que não?

— Não estou te entendendo.

— Eu estava a caminho de fazer a entrega quando você me alcançou. E se fôssemos até o ponto de encontro, um parque pequeno perto do Mosteiro, e eu falasse para eles alguma bobagem sobre os cachorros terem rasgado o corpo e fugido com a coisa toda? Você faz com que eles acreditem nisso e esqueçam que você estava junto. Desse jeito, fico fora de perigo.

— Tudo bem, certo — concordou Croyd, jogando água no rosto.

— Mas você falou “eles”. Quantas pessoas você espera encontrar lá?

— Um ou dois. O cara que me contratou era um tal de Matthias, e havia um homem vermelho com ele. Ele que ficou me falando dos maçons até o outro o mandar calar a boca...

— Que estranho — disse Croyd. — Conheci um Matthias esta manhã. Era um dos policiais. À paisana. E esse cara vermelho?

Talvez seja um ás ou um curinga.

— É provável. Mas se tinha qualquer talento especial, não mostrou.

Croyd secou o rosto.

— Agora fiquei um pouco incomodado — disse ele. — Esse policial, o Matthias, é um ás. O nome pode ser só uma coincidência, e eu consegui enganá-lo com meu talento, mas não gosto dessa coisa de muitos ases. Posso encontrar alguém que seja imune ao meu poder. Esse grupo... Não poderia ser um bando de ases maçons, poderia?

— Não sei. O camarada vermelho queria que eu fosse a um tipo de reunião, e eu disse que não me juntaria a eles e que negociaríamos ali mesmo ou nada feito. Então fecharam o preço na hora. O jeito que o cara vermelho falava... me deu uma sensação ruim.

Croyd franziu a testa.

— Talvez a gente só devesse deixar esses caras para lá.

— Eu prefiro sempre fechar meus acordos direitinho para que eles não voltem para me assombrar — disse Darlingfoot. — Você não podia, tipo, ficar de tocaia enquanto falo com ele e então decidir?

— Tudo bem... Eu disse que iria. Você se lembra de alguma outra coisa que foi dita? Sobre maçons, ases, o corpo... qualquer coisa?

— Não... mas o que são feromônios?

— Feromônios? São hormônios que você cheira. Químicas levadas pelo ar e que podem te influenciar. Tachyon me falou deles uma vez. Tem esse curinga que eu conheci. Você senta perto demais dele em um restaurante e tudo que você come tem gosto de banana. Isso é feromônio, segundo Tachy. O que têm eles?

— Não sei. O cara vermelho estava falando alguma coisa sobre feromônios e a mulher dele quando cheguei. Não foi adiante.

— Nada mais?

— Nada mais.

— Tudo bem. — Croyd fez uma bolinha com o papel-toalha e jogou na direção do cesto de lixo. — Vamos lá.

Quando voltaram para a mesa, Croyd contou o dinheiro e passou para o companheiro.

— Está aqui. Não posso dizer que não foi merecido.

Croyd olhou os guardanapos espalhados, o chão melado e a umidade do saco vazio.

— O que você acha que devemos fazer com essa sujeira?

Darlingfoot deu de ombros.

— Os garçons vão cuidar disso. Estão acostumados. Só deixe uma boa gorjeta.

Croyd ficou para trás enquanto seguiam na direção do parque. Duas figuras estavam sentadas em um banco no meio dele, e mesmo à distância dava para ver que o rosto de um dos homens era vermelho e brilhante.

— Bem? — perguntou Devil John.

— Vou fazer uma tentativa — disse Croyd. — Finja que não estamos juntos. Eu continuo andando e você vai lá e conta para eles a história. Volto em um minuto e corto pelo parque. Vou tentar fazer a jogada assim que me aproximar. Mas fique pronto. Se não funcionar desta vez, podemos ter que recorrer a algo mais físico.

— Entendi. Tudo bem.

Croyd desacelerou o passo e Darlingfoot seguiu adiante, atravessando a rua e entrando em um caminho de cascalho que levava ao banco. Croyd foi até a esquina, cruzou-a lentamente e voltou.

Ouviu as vozes se elevando, como se fosse uma discussão, quando se aproximou. Ele entrou na trilha e caminhou até o banco, carregando o pacote.

— ... seu merda! — Ouvia Matthias dizer.

O homem olhou na sua direção e Croyd percebeu que ele era o mesmo policial que encontrara mais cedo. Não houve sinal de reconhecimento no rosto do homem, mas Croyd estava certo de que o talento dele devia estar dizendo que um ás estava se aproximando. Então...

— Senhores — disse ele, concentrando os pensamentos —, tudo que Devil John Darlingfoot disse é verdadeiro. O corpo foi destruído por cães. Não há nada para lhes entregar. Vão ter que abrir mão dessa. Esquecerão tudo assim que eu tiver...

Ele viu Darlingfoot virar a cabeça de repente e olhar para atrás dele. Croyd virou-se e olhou na mesma direção.

Uma oriental, jovem e de aparência comum, se aproximava, mãos nos bolsos do casaco, gola levantada para se proteger do vento. O vento...

O vento mudou naquele instante, soprando diretamente na direção deles.

Algo sobre a mulher...

Croyd continuou a encará-la. Como pôde ter pensado que ela era comum? Devia ter sido um efeito da luz. Ela era de tirar o fôlego de tão encantadora. De fato... Queria que ela sorrisse para ele. Queria

abraçá-la. Queria correr as mãos sobre todo o seu corpo. Queria acariciar o seu cabelo, beijá-la, fazer amor com ela. Era a mulher mais linda que já vira na vida.

Ele ouviu Devil John soltar um assobio baixo.

— Você está vendo o que estou vendo?

— Difícil não olhar — ele respondeu.

Ele abriu um sorriso para ela, que sorriu de volta. Queria agarrá-la. Em vez disso, falou:

— Olá.

— Gostaria de apresentar minha esposa, Kim Toy. — Ele ouviu o homem vermelho dizer. Kim Toy! Até o nome soava como música...

— Me diga o que você quer e eu consigo para você. — Ele ouviu Devil John dizer para ela. — Você é tão especial que chega a doer.

Ela gargalhou.

— Que galanteador. Não preciso de nada. Não agora. Espere um pouco, talvez eu pense em algo. E você — disse ela ao marido —, conseguiu?

— Não. Foi levado por cachorros — ele respondeu.

Ela inclinou a cabeça, levantando uma sobrancelha.

— Que incrível — disse ela. — E como você sabe disso?

— Esses cavalheiros nos disseram.

— É mesmo? — ela observou. — E é isso? Foi isso que você contou a ele?

Devil John concordou com a cabeça.

— Foi o que dissemos para ele — disse Croyd. — Mas...

— E a bolsa que você deixou cair quando me viu chegar — disse ela. — O que pode ter dentro dela? Abra, por favor, e me mostre.

— Claro — disse Croyd.

— O que você quiser — concordou Devil John.

Os dois homens ficaram de joelhos na frente dela e fuçaram desajeitados e sem sucesso por muitos segundos antes de conseguirem começar a desamarrar o saco.

Croyd queria beijar os pés dela enquanto estava na posição certa para isso, mas a mulher pediu para ver dentro do saco, e aquilo deveria realmente vir primeiro. Talvez depois ela se sentisse inclinada a recompensá-lo por isso, e...

Ele abriu o saco e uma nuvem de vapor agitou-se em torno deles. Kim Toy recuou de imediato, engasgando. Quando seu estômago revirou, Croyd percebeu que a mulher não era mais linda, e não mais desejável que centenas de outras pelas quais passara naquele dia. De soslaio, viu Devil John mudar de posição e começar a se levantar... e, naquele momento, Croyd entendeu o motivo da mudança de atitude.

Quando o fedor se dissipou, algo da onda inicial de glamour ergueu-se de novo da mulher. Croyd travou os dentes e baixou a cabeça para o saco de lixo, respirando profundamente.

A beleza dela morreu naquele instante, e ele ampliou seu poder.

Sim, como eu estava dizendo, o corpo se perdeu. Foi destruído por cães. Devil John fez o melhor que pôde, mas não tem nada para entregar. Agora vamos embora. Vocês vão esquecer que eu estava com ele.

— Vamos embora! — disse ele para Darlingfoot, enquanto se levantava.

Devil John balançou a cabeça.

— Não posso deixar essa mulher, Croyd — ele respondeu. — Ela me pediu para...

Croyd balançou o saco de lixo aberto na frente do rosto dele. Os olhos de Darlingfoot arregalaram-se. Ele engasgou. Balançou a cabeça.

— Vamos embora! — repetiu Croyd, jogando o saco de lixo sobre o ombro e correndo para longe.

Com um salto enorme, Devil John aterrissou três metros à frente dele.

— Bizarro, Croyd! Bizarro! — comentou enquanto atravessavam a rua.

— Agora você entende tudo sobre feromônio — respondeu Croyd.

O céu ficou totalmente nublado de novo, e alguns redemoinhos de neve passavam por ele. Croyd separou-se de Darlingfoot na frente de outro bar e começou a caminhar, descendo e cruzando a cidade. Esquadrinhava as ruas regularmente à procura de um táxi, mas nenhum apareceu. Ele não queria ter que carregar o seu fardo em um ônibus ou metrô.

A neve aumentou de intensidade nos quarteirões seguintes, e rajadas de vento lançavam os flocos para cima e os conduziam entre os prédios. Veículos começaram a ligar os faróis, e Croyd percebeu que a visibilidade diminuía a ponto de não conseguir distinguir um táxi mesmo se um passasse ao seu lado. Praguejando, ele se arrastou pelas ruas, examinando os prédios mais próximos em busca de uma lanchonete ou um restaurante onde pudesse beber uma xícara de café e esperar a tempestade passar, ou chamar um táxi. Mas só parecia passar por escritórios.

Minutos depois, os flocos começaram a ficar menores e mais duros. Croyd levantou a mão livre para proteger os olhos. Embora a

queda brusca de temperatura não o perturbasse, as pelotas gélidas o incomodavam. Ele entrou na primeira abertura que viu — um beco —, suspirou e baixou os ombros quando a força do vento foi interrompida.

Melhor. A neve ali caía de forma mais lenta. Limpou o casaco e os cabelos, batendo os pés. Olhou em volta. Havia um recanto no prédio à esquerda, mais ao fundo, muitos degraus acima do nível da rua. Parecia completamente coberto, seco. Ele seguiu até lá.

Já havia colocado o pé no primeiro degrau quando percebeu que aquele recanto que parecia uma caixa diante da porta de metal fechada já estava ocupado. Uma mulher pálida, de cabelos desgrenhados e aparência corpulenta sob camadas inimagináveis de roupas, estava sentada entre um par de sacolas de compras, olhando além dele.

— ... então Gladys disse para Marty que ela sabia que ele estava saindo com aquela garçonete do Jensen's... — murmurou a mulher.

— Desculpe — disse Croyd. — A senhora se importaria de dividir a entrada comigo? A neve está muito forte.

— ... eu disse que ela ainda podia engravidar amamentando, mas ela riu da minha cara...

Croyd deu de ombros e entrou na alcova, seguindo para o canto oposto.

— Quando ela descobrir que está de barriga novamente, vai ficar bem irritada — continuou a mulher —, ainda mais com Marty tendo ido morar com a garçonete...

Croyd lembrou-se do colapso da mãe após a morte do pai, e uma pontada de tristeza com aquele caso claro de demência senil despertou em seu peito. *Mas...* ele se perguntou. Seu novo poder,

sua capacidade de influenciar os padrões de pensamento alheios, poderia ter algum efeito terapêutico em uma pessoa como aquela? Tinha um pouco de tempo para matar por ali. Talvez...

— Ouça — disse ele para a mulher, pensando de forma clara e simples, concentrando-se nas imagens. — Você está aqui, agora, no presente. Você está sentada na entrada de uma porta, observando a neve...

— Desgraçado! — gritou a mulher para ele, seu rosto não mais pálido, a mão lançando-se na direção das bolsas. — Cuide da sua vida! Não quero o agora e a neve! Machuca!

Ela abriu a bolsa e a escuridão ali dentro se expandiu diante dos olhos de Croyd... seguindo na direção dele, preenchendo todo o seu campo de visão, levando-o de repente para várias direções, torcendo-o e...

A mulher, agora sozinha na porta, fechou a bolsa, olhou para a neve por um momento e disse:

— ... então eu disse para ela: “Não dá para confiar que os homens vão pagar pensão. Às vezes você precisa botar um advogado em cima deles. Aquele moço bacana da Defensoria Pública vai te dizer o que fazer”. E então o Charlie, que estava trabalhando na pizzeria...

A cabeça de Croyd doía, e ele não estava acostumado à sensação. Nunca tinha ressacas, porque metabolizava o álcool com grande rapidez, mas imaginava que uma ressaca devia ser assim.

Então sentiu as costas, as pernas e o traseiro molhados, além da parte de trás dos braços. Estava estirado em algum lugar frio e úmido. Decidiu abrir os olhos.

O céu estava claro e o sol se punha entre os prédios, com algumas poucas estrelas brilhantes já no céu. Estivera nevando, e no meio da tarde. Ele se sentou. O que acontecera nas últimas horas e...

Ele viu uma caçamba de lixo. Viu um monte de garrafas de uísque e de vinho vazias. Estava em um beco, mas...

Não era o mesmo beco. Os prédios eram baixos, e não havia caçamba no outro, e não conseguia localizar a porta onde estivera com a velha.

Croyd massageou as têmporas, sentindo o pulsar começando a diminuir. Aquela velha... Que merda era aquela coisa preta com a qual ela o atingiu quando estava tentando ajudá-la? Ela havia tirado de uma de suas sacolas e...

Sacolas! Ele procurou freneticamente pelo saco de lixo com os restos cuidadosamente separados do diminuto João-Ninguém. Então viu que ainda o segurava na mão direita, e que havia sido virado de cabeça para baixo e rasgado.

Levantou-se e olhou em volta para o brilho tremeluzente de um poste distante. Viu as embalagens espalhadas ao redor e as contou rapidamente. Nove. Ufa. Todas as nove estavam à vista, e viu então os membros, a cabeça, o tórax — embora o tórax estivesse quebrado em quatro partes e a cabeça parecesse muito mais brilhante do que antes. Por causa da umidade, talvez. O pote! Onde estava? O líquido poderia ser muito importante para quem quisesse os restos mortais. Se o pote tivesse se quebrado...

Ele soltou um grito rápido quando o viu nas sombras, próximo da parede à sua esquerda. A tampa tinha sumido, com cerca de três centímetros de vidro do topo do pote. Ele se aproximou e, pelo

cheiro, soube que era realmente a coisa e não apenas a água da chuva.

Juntou as embalagens, que pareciam surpreendentemente secas, e as colocou no peitoril protegido de uma janela de porão fechada. Então recolheu as peças de quitina em um montinho. Quando recuperou as pernas, observou que ambas estavam quebradas, mas pensou que poderia ser melhor para embalar. Então voltou a atenção para o jarro de pickles com a parte de cima cortada e sorriu. Que simples. A resposta estava na sua cara, providenciada pelos indigentes que frequentavam a área.

Ele juntou uma braçada de garrafas vazias e as carregou para um canto, onde as pousou e começou a tirar as rolhas e tampas. Quando terminou, decantou o líquido escuro.

Precisou de oito garrafas de tamanhos variados, e as deixou no peitoril com as embalagens em cima de um pequeno amontoado de exoesqueleto e cartilagens estilhaçados. Parecia que havia cada vez menos do cara toda vez que era desembalado. Talvez tivesse algo a ver com o jeito que estava dividido agora. Talvez fosse necessário saber álgebra para entender.

Croyd foi até a caçamba e abriu a tampa lateral. Deu um sorriso quase imediato, pois encontrou vários laços natalinos bem à mão. Pegou vários deles e os guardou no bolso. Se havia laços, então...

Ouviu o som de passos rápidos. Ele se virou, erguendo as mãos para se defender, mas não havia ninguém por perto. Então o enxergou. Um pequeno homem vestindo um casaco muito largo parou por um momento no parapeito da janela, onde pegou uma das garrafas maiores e duas das embalagens. Então saiu correndo de

imediatamente, na direção do fim do beco, onde duas outras figuras surradas esperavam.

— Ei! — gritou Croyd. — Pare!

Ele estendeu seu poder, mas o homem estava fora de alcance.

Tudo o que ouviu foram gargalhadas e um grito de “Hoje é dia de festa, rapazes!”.

Suspirando, Croyd retirou uma grande bola de papel vermelho e verde de Natal da caçamba e voltou à janela para embalar de novo o que sobrara dos restos.

Após ter caminhado vários quarteirões com o pacote brilhante embaixo do braço, passou por um bar que se chamava The Dugout e percebeu que estava no Village. Sua testa se franziu por um momento, mas então viu um táxi e acenou, e o carro encostou. Tudo estava bem. Até a dor de cabeça havia passado.

Jube levantou a cabeça e encontrou Croyd sorrindo para ele.

— Como... como foi? — perguntou.

— Missão cumprida — respondeu Croyd, passando-lhe a chave.

— Você conseguiu? Rolaram uns rumores sobre Darlingfoot...

— Eu consegui.

— E os pertences?

— Não havia nenhum.

— Tem certeza disso, camarada?

— Absoluta. Nada além dele, e ele está na banheira.

— Quê?

— Tudo bem, eu fechei o ralo.

— Como assim?

— Meu táxi sofreu um acidente no caminho e algumas das garrafas se quebraram. Então, cuidado com o vidro quebrado quando você desembalar.

— Garrafas? Vidro quebrado?

— Ele estava, digamos... reduzido. Mas peguei tudo que restou.

— Restou?

— Disponível. Ele meio que se despedaçou e derreteu um pouco. Mas salvei a maior parte. Ele está enrolado em um papel brilhante com uma fita vermelha em volta. Espero que esteja o.k.

— Claro... Tudo bem, Croyd. Parece que você fez o seu melhor. Jube passou para ele um envelope.

— Vou pagar um jantar para você no Aces High — comentou Croyd —, assim que eu tomar um banho e me trocar.

— Obrigada, mas não. Eu... tenho coisas a fazer.

— Leve um desinfetante, se passar no apartamento.

— Tá... Quer dizer que você teve alguns problemas?...

— Que nada, foi moleza.

Croyd foi embora, assobiando, com as mãos nos bolsos. Jube olhou para a chave enquanto as horas badalavam em um relógio distante.

ATÉ A SEXTA GERAÇÃO

Walter Jon Williams

PARTE UM

A chuva fria tamborilava nas claraboias. A garoa finalmente silenciara o Papai Noel do Exército da Salvação na esquina, e Maxim Travnicek agradeceu — a cantoria estava acontecendo havia dias. Ele acendeu um cigarro russo e pegou uma garrafa de bebida.

Travnicek tirou os óculos de leitura do paletó e deu uma olhada nos controles dos geradores de fluxo. Era um homem extremamente alto, nariz aquilino, de uma beleza fria. Entre os ex-colegas no MIT, era conhecido como “a resposta da Tchecoslováquia a Victor Frankenstein”, um rótulo cunhado por um colega professor, Bushmill, que mais tarde conseguiu uma nomeação para reitor e na primeira oportunidade mandou Travnicek embora.

— Foda-se a sua mãe, Bushmill — disse Travnicek, em eslovaco. Tomou a bebida da garrafa. — E foda-se você também, Victor Frankenstein. Se soubesse o mínimo que fosse sobre programação de computador, nunca teria causado problemas.

A comparação com Frankenstein doía. Parecia que a imagem do ressurreicionista sempre o perseguia. Seu primeiro trabalho como professor no Ocidente *foi* na *alma mater* de Frankenstein, Ingolstadt. Odiou cada minuto que passou na Baviera. Nunca gostou muito dos

alemães, ainda mais no papel de modelos. O que poderia explicar sua demissão de Ingolstadt após cinco anos.

Agora, depois de Ingolstadt, depois do MIT, depois de Texas A&M, fora rebaixado àquele apartamento. Por semanas, viveu em um transe, sobrevivendo de comida enlatada, nicotina e anfetaminas, perdendo a noção primeiro das horas, então dos dias, seu cérebro fervilhante em uma perpétua explosão de ideias, conceitos, técnicas. Em um nível consciente, Travnicek mal sabia de onde vinha tudo aquilo; naqueles momentos, parecia que algo nas profundezas de sua constituição celular estava falando com o mundo por meio de corpo e mente, contornando sua consciência, sua personalidade...

Sempre foi assim. Quando ficava muito obcecado por um projeto, tudo o mais ficava em segundo plano. Mal sentia necessidade de dormir, a temperatura do corpo flutuava desenfreadamente, os pensamentos eram ligeiros e pragmáticos, conduzindo-o com coerência até o objetivo. Tesla, ele tinha lido, era igual — o mesmo espírito, anjo ou demônio, que agora falava através de Travnicek.

Mas agora, no fim da manhã, o transe havia enfraquecido. O trabalho estava feito. Não tinha certeza de como... mais tarde teria de ir a fundo, peça por peça, e entender o que havia realizado; suspeitava que tinha cerca de meia dúzia de patentes básicas ali que fariam dele um homem rico para sempre, mas isso aconteceria mais tarde, pois Travnicek sabia que logo a euforia desapareceria e o cansaço chegaria. Tinha de terminar o projeto antes disso. Tomou outro gole da bebida e sorriu enquanto olhava seu comprido apartamento em estilo rústico.

O local era iluminado por uma fileira fria de lâmpadas fluorescentes. Mesas improvisadas estavam cheias de moldes, barris, gravadores de ROM, computadores. Papéis, latas de comida vazias e cigarros amassados cobriam o piso grosseiro de madeira prensada. Ampliações dos desenhos de Leonardo da anatomia humana estavam grampeadas nas vigas.

Atado a uma mesa estava um homem alto e nu. Não tinha cabelos e o tampo de seu crânio era transparente, mas fora isso parecia ter sido tirado dos melhores sonhos eróticos de Leonardo. O homem estava conectado a outro equipamento por cabos elétricos grossos. Seus olhos estavam fechados.

Travnicek ajustou um controle no macacão de paraquedista camuflado. Não tinha dinheiro para aquecer o apartamento inteiro e, em vez disso, usava um conjunto elétrico que havia sido projetado para manter caçadores aquecidos enquanto rastejavam por esconderijos em arbustos. Encarou as claraboias. A chuva parecia estar diminuindo. Ótimo. Não precisava do teatro barato de Victor Frankenstein, raio e trovão, como pano de fundo para a sua obra.

Endireitou a gravata como se para uma plateia invisível — vestir-se adequadamente era importante para ele, e usava uma gravata e um paletó por baixo do macacão — e, então, apertou o botão que iniciaria os geradores de fluxo. Um lamento baixo encheu o apartamento, como uma vibração profunda que passava pelo assoalho. As lâmpadas fluorescentes no teto diminuíram e tremeluziram. Metade apagou-se. O lamento tornou-se um grito. O fogo de santelmo dançava entre as vigas do telhado. Havia um cheiro elétrico.

Travnicek ouviu indistintamente estampidos regulares. A senhora no apartamento de baixo estava batendo no teto com um cabo de vassoura.

O grito alcançou seu auge. Sons ultrassônicos fizeram as mesas de trabalho de Travnicek sacudirem e estilhaçaram a louça em todo o prédio. No apartamento de baixo, a televisão explodiu. Travnicek virou outro interruptor. O suor pingava de seu nariz.

O androide na mesa contorceu-se quando a energia dos geradores de fluxo foi despejada em seu corpo. A mesa brilhava com o fogo de santelmo. Travnicek mordia o filtro do cigarro. Uma ponta fumegante caiu despercebida no chão.

O som dos geradores começou a diminuir. Ao contrário do som do cabo de vassoura e das ameaças indistintas vindas de baixo.

— Você vai me pagar pela televisão, seu filho da puta!

— Enfia o cabo de vassoura no rabo, minha querida — disse Travnicek em alemão, o idioma ideal para tudo que era sujo.

As lâmpadas fluorescentes começaram a tremeluzir novamente.

Os desenhos austeros de Leonardo encaravam o androide quando ele abriu os olhos escuros. As lâmpadas fluorescentes piscando davam um efeito estroboscópico que fazia o branco dos olhos parecer irreal. A cabeça virou-se, os olhos enxergaram Travnicek, então focalizaram. Sob a cúpula transparente que cobria o crânio, um disco prateado girava. O som do cabo de vassoura cessou.

Travnicek aproximou-se da mesa.

— Como você está?

— Todos os sistemas monitorados em funcionamento. — A voz do androide era grave e ele falava inglês americano.

Travnicek sorriu e cuspiu a bituca do cigarro no chão. Havia invadido um computador nos laboratórios de pesquisa da AT&T e roubado um programa que modelava a voz humana. Quem sabe um dia pagasse *royalty* para a empresa telefônica Ma Bell.

— *Quem é você?* — perguntou.

Os olhos do androide varreram o apartamento com convicção. Sua voz era direta.

— Sou Modular — disse ele. — Sou uma inteligência artificial de sexta geração multifuncional polivalente, um sistema de ataque defensivo-reativo flexível capaz de realizar ação independente enquanto equipado com armamentos de última geração.

Travnicek abriu um sorriso.

— O Pentágono vai amar isso — disse. — Quais são suas ordens?

— Obedecer ao meu criador, dr. Maxim Travnicek. Resguardar sua pessoa e bem-estar. Testar a mim mesmo e aos meus equipamentos sob condições de batalha, combatendo os inimigos da sociedade. Obter o máximo de publicidade para a futura Empresa Modular ao fazê-lo. Preservar minha existência e bem-estar.

Travnicek sorriu exultante para a sua criação.

— Suas roupas e módulos estão no armário. Pegue-os, pegue suas armas e saia para encontrar alguns inimigos da sociedade. Volte antes do pôr do sol.

O androide desceu da mesa e seguiu até um armário de metal. Abriu a porta.

— Insubstancialidade do campo de fluxo — disse ele, tomando uma unidade de conexão da prateleira. Com ela, poderia controlar

seus geradores de fluxo para retirar o corpo suavemente do plano da existência, permitindo que se movesse através da matéria sólida. — Voo, mil e trezentos quilômetros por hora no máximo. — Outro módulo apareceu, um que permitiria aos geradores de fluxo manipularem a gravidade e a inércia de forma a produzir voo. — Receptor de rádio sintonizado às frequências da polícia. — Outro módulo.

O androide moveu um dedo abaixo do peito. Uma fenda invisível abriu-se. Ele afastou a carne sintética e a placa torácica de liga metálica, revelando seu interior. Um gerador de fluxo em miniatura emanava uma leve aura de santelmo. O androide conectou os dois módulos no esqueleto de liga metálica, então selou o peito. Havia uma mensagem urgente na frequência da polícia.

— Dr. Travnicek — falou. — O rádio da polícia relata uma emergência no Zoológico do Central Park.

Travnicek gargalhou.

— Ótimo. Hora da sua estreia. Pegue as armas. Pode ser a sua chance de machucar alguém.

O androide puxou um macacão flexível azul-marinho.

— Canhão laser de micro-ondas — disse ele. — Lançador de granadas com granadas de gás sonífero. Pente com cinco granadas. — O androide abriu dois zíperes no macacão, revelando duas entradas que haviam se aberto nos ombros, parecendo que espontaneamente, e puxou dois longos tubos do armário. Cada um tinha uma protuberância na parte de baixo. O androide encaixou as protuberâncias nos ombros, então afastou as mãos. Os canos das armas giraram, apontando para todas as direções possíveis.

— Todos os equipamentos modulares em funcionamento — disse o androide.

— Leve sua cúpula para fora daqui.

Houve um estalo e um leve gosto de ozônio. O campo de insubstancialidade produziu um efeito de obscurecimento enquanto o androide subia através do teto. Travnicek olhou para o lugar no teto onde o androide levitava e sorriu de satisfação. Ergueu a garrafa em um brinde.

— Prometeu moderno uma ova! — disse ele.

O androide espiralou para o céu. Os elétrons cruzavam sua mente a toda a velocidade, como as gotas da chuva que atravessavam seu corpo insubstancial. O Empire State lançava-se na direção das nuvens como uma lança art déco. O androide ficou novamente substancial — o campo drenava sua força com rapidez demais para ser usado casualmente. A chuva batia contra sua cúpula de radar.

A programação de sistemas especializados corria por seus interruptores macroatômicos. Sub-rotinas, criadas para imitar a razão humana e limitadamente autorizadas a se alterarem, ajustaram-se de formas mais eficientes. Travnicek era um programador genial, mas desleixado, e sua gramática de programação era mais elaborada e discursiva do que o necessário. O androide editava a linguagem de Travnicek enquanto voava, sentindo sua eficiência aumentar. Enquanto o fazia, contemplava um programa que estava guardado dentro de si. O programa, chamado ETCETERA, ocupava um espaço imenso e parecia ser uma tentativa abstrata, bagunçada e intrincada de descrever o caráter humano.

Aparentemente, Travnicek pretendia que o programa fosse consultado quando o androide precisasse lidar com problemas de motivação humana. O ETCETERA era volumoso, malfeito, a linguagem em si cheia de ideias tardias e contradições aparentes. Se usado da forma que Travnicek pretendia, o programa seria, em suma, ineficaz. O androide sabia que seria muito mais útil dividir o programa em sub-rotinas e absorvê-lo na porção da programação principal projetada para ser usada ao tratar com os humanos. A eficiência seria aperfeiçoada.

O androide decidiu fazer a alteração. O programa foi analisado, dividido e adicionado à programação principal.

Se fosse humano, teria cambaleado, talvez perdido o controle. Sendo um androide, continuou no curso que determinara enquanto sua mente brilhava como uma supernova em miniatura por baixo do ataque violento da experiência humana codificada. Suas percepções do mundo externo, complexas para um humano e compostas de luz infravermelha visível, ultravioleta, e imagens de radar, pareciam turvas em contraste com a vasta onda de emoção humana. Amor, ódio, luxúria, inveja, medo, transcendência... tudo reunido em um padrão elétrico análogo na mente do androide.

Enquanto a mente do androide ardia, ele continuou a voar, aumentando a velocidade até o vento tornar-se um rugido em seus ouvidos. Receptores infravermelhos estalavam. As armas em seus ombros giraram e lançaram rajadas de teste no céu. Seu radar fez uma busca, passando por telhados, ruas, tráfego aéreo, sua mente maquinal comparando as imagens de radar com aquelas geradas anteriormente, procurando discrepâncias.

Havia definitivamente algo errado com a imagem de radar do Empire State. Um objeto grande estava escalando sua lateral, e parecia haver diversos objetos pequenos, de tamanho humano, orbitando o pináculo dourado. O androide comparou esse fato com as informações em seus arquivos, então alterou o curso.

Com dificuldade, suprimiu o turbilhão dentro de si. Não era o momento adequado.

Havia um gorila de mais de treze metros escalando o prédio, aquele que os arquivos do androide haviam informado que era mantido no Zoológico do Central Park desde que fora descoberto passeando pelo parque durante o grande blecaute de 1965. Algemas quebradas balançavam dos pulsos do gorila. Em um dos punhos ele segurava uma mulher loira. Pessoas voadoras pairavam ao lado dele. No momento em que o androide chegou, a nuvem de ases que orbitava havia ficado mais densa, pequenos elétrons giratórios em torno de um núcleo peludo e rosnador. O ar ressoava com o som de foguetes, asas, campos de força, propulsores, arrotos. Armas, varinhas, projetores de raios e armamentos menos identificáveis eram brandidos na direção do gorila. Nenhum estava sendo acionado.

O gorila, com uma determinação fixa, continuou a escalar o prédio. Janelas estilhaçavam-se no momento que ele enfiava os dedos através delas. Era possível escutar os gritos abafados de medo vindos lá de dentro.

O androide equiparou sua velocidade à de uma mulher com garras, penas e uma envergadura de asa de seis metros. Seus arquivos sugeriam que seu nome era Peregrina.

— A segunda vez que o gorila escapa este ano — disse ela. — Sempre agarra uma loira e sempre escala o Empire State. Por que uma loira? Gostaria de saber.

O androide observou que a mulher alada tinha um cabelo castanho brilhoso.

— Por que ninguém faz nada? — ele perguntou.

— Se atirmos no gorila, ele pode esmagar a garota — disse Peregrina. — Ou soltá-la. Em geral, o Todo-Poderoso Tartaruga simplesmente abre os dedos do macaco e leva a garota até o chão, e então tentamos nocautear o gorila. Ele se regenera, então não temos como feri-lo permanentemente. Mas o Tartaruga não está aqui.

— Acho que entendo o problema agora.

— Ah, a propósito... O que aconteceu com sua cabeça?

O androide não respondeu. Em vez disso, entrou novamente em seu campo de fluxo de insubstancialidade. Houve um estalo. Energias internas derramaram-se no espaço dimensional n . Ele alterou o curso e precipitou-se na direção do gorila. O animal rosnou para ele, arreganhando os dentes. O androide navegou para o meio da mão que segurava a loira, recebendo uma imagem de cabelos pálidos desgrehados, lágrimas, olhos azuis suplicantes.

— Puta merda — disse a garota.

Modular girou o laser insubstancial de micro-ondas dentro da mão do gorila e lançou uma rajada de força total na extensão do braço do animal. O gorila reagiu como se tivesse levado uma ferroadada, abrindo a mão. A loira tombou para fora. Os olhos do símio se arregalaram em horror.

O androide desligou o campo de fluxo, esquivou-se de um pterodátilo de seis metros, agarrou a garota em seus braços, agora substanciais, e saiu de lá voando.

Os olhos do gorila ficaram ainda mais aterrorizados. Havia escapado nove vezes nos últimos vinte anos e já sabia o que vinha em seguida.

Atrás dele, o androide ouviu uma série de explosões, estalos, tiros, mísseis, raios sibilantes, gritos, pancadas e rugidos inúteis. Ouviu um lamento vibrante final e percebeu a sombra escura de um gigante de braços longos que tombou e escorreu pela fachada do arranha-céu. Houve um chiado, e uma rede do que parecia ser fogo azul frio surgiu sobre a Quinta Avenida; o gorila caiu sobre ela, se sacudiu uma vez, e então foi levado, inconsciente e balbuciante, na direção de sua casa no Zoológico do Central Park.

O androide procurou por câmeras de vídeo nas ruas. Começou a descer.

— Importa-se de pairar um pouco mais? — a loira disse. — Se vai pousar na frente da imprensa, gostaria de retocar a maquiagem primeiro, tudo bem?

Recuperação rápida, o androide pensou. Começou a orbitar sobre as câmeras. Conseguiu ver seu reflexo nas lentes distantes.

— Meu nome é Cyndi — disse a loira. — Sou atriz. Acabei de chegar de Minnesota alguns dias atrás. Esta pode ser a minha grande chance.

— A minha também — disse o androide. Ele sorriu para ela, esperando estar com a expressão correta. Ela não pareceu ficar perturbada, então provavelmente estava. — Por falar nisso — ele acrescentou —, acho que o gorila tem excelente gosto.

— Nada mau, nada mau — ponderou Travnicek, assistindo na televisão a um vídeo do androide, que, após uma breve entrevista para a imprensa, foi mostrado erguendo-se aos céus com Cyndi nos braços.

Ele se voltou para sua criação.

— Por que diabos você ficou com as mãos na cabeça o tempo todo?

— Minha cúpula de radar. Está me deixando envergonhado. Todos ficavam perguntando sobre o que havia de errado com a minha cabeça.

— Um sistema de ataque defensivo polivalente que fica todo envergonhado — disse Travnicek. — Jesus. É tudo que o mundo precisa.

— Posso me fazer um solidéu? Não vou conseguir aparecer em capas de revista do jeito que estou agora.

— Está bem, vá em frente.

— O restaurante Aces High oferece um jantar gratuito para dois a qualquer um que recapture o gorila quando ele escapa. Posso ir esta noite? Acredito que seria uma oportunidade de conhecer um monte de pessoas úteis. E Cyndi, a mulher que resgatei, queria me encontrar lá. A Peregrina também me pediu para aparecer em seu programa de televisão. Posso ir?

Travnicek estava animado. Seu androide provou ser um sucesso. Decidiu enviar sua criação para o gabinete do imbecil do Bushmill, no MIT.

— Claro — disse ele. — Você será visto. Será bom. Mas abra sua cúpula primeiro. Quero fazer alguns ajustes.

O céu invernal estava cheio de estrelas cintilantes. Onde o tempo estava claro, milhões assistiam enquanto padrões reluzentes de vermelho, amarelo, azul e verde avançavam pelos céus. Mesmo na parte da Terra que era dia, os dedos esfumaçados riscavam o céu enquanto a tempestade alienígena descia.

A jornada deles durou trinta e três anos, desde que a Mãe do Enxame partiu do último planeta conquistado, seguindo a esmo pelo céu como uma vagem de sementes buscando solo fértil. Trinta quilômetros de comprimento, vinte de largura, a Mãe do Enxame parecia um asteroide acidentado, mas era feita totalmente de material orgânico, seu casco grosso e resinoso protegendo o interior vulnerável, as teias de nervos e fibras, a rede vasta de bolsas de biomassa e material genético a partir do qual a Mãe do Enxame construía seus servos. Por dentro, o Enxame existia em estagnação, quase morto, pouco consciente da existência de qualquer coisa fora de si mesmo. Era apenas quando se aproximava do Sol que o Enxame começava a acordar.

Um ano após a Mãe do Enxame cruzar a órbita de Netuno, ela detectou emissões de rádio caóticas da Terra na qual foram percebidos padrões reconhecidos pelas memórias implantadas em seu DNA ancestral. Existia vida inteligente ali.

A Mãe do Enxame, à medida que tinha uma preferência, considerava mais convenientes as conquistas em que não havia derramamento de sangue. Um alvo sem vida inteligente seria derrotado repetidamente nas invasões dos predadores do Enxame superior, então o material genético e a biomassa capturados eram usados para construir uma nova geração de Mães do Enxame. Porém, espécies inteligentes eram conhecidas por proteger seus

planetas contra ataques. Essa contingência precisava ser enfrentada.

A maneira mais eficiente de conquistar um inimigo era por meio de microvidas. Dispersão de um vírus feito sob medida era capaz de destruir qualquer coisa que respirasse. Mas a Mãe do Enxame não podia controlar um vírus da forma que controlava espécies maiores. E os vírus tinham o hábito irritante de transformar-se em coisas venenosas para seus hospedeiros. A Mãe do Enxame, com trinta quilômetros de comprimento e cheia de biomassa e DNA mutagênico adaptado, era vulnerável demais a ataques biológicos para correr o risco de criar prole que poderia devorar sua mãe. Outra abordagem era necessária.

Aos poucos, nos onze anos seguintes, a Mãe do Enxame começou a se reestruturar. Pequenos servos idiotas do Enxame — os brotos — adaptavam material genético sob condições cuidadosamente controladas e o inseriam por meio de implante de vírus domado na biomassa que aguardava. Primeiro, uma inteligência monitora era construída, recebendo e registrando as transmissões incompreensíveis da Terra. Então, aos poucos, uma inteligência racional tomava forma, uma capaz de analisar os dados e agir de acordo com eles. Uma inteligência mestra, enorme em suas capacidades, mas ainda compreendendo apenas uma fração da radiação padronizada que recebia.

Era hora de agir, decidiu a Mãe do Enxame. Como um garoto remexe o formigueiro com um galho, a Mãe do Enxame decidiu remexer a Terra. Os servos do Enxame multiplicaram-se em seu corpo, movimentando material genético, reconstruindo os predadores mais extraordinários que o Enxame mantinha dentro de

sua memória. Propulsores de combustível sólido cresciam como raras orquídeas em câmaras especiais construídas para esse propósito. Vagens resistentes ao espaço eram formadas a partir de resinas rígidas por servos cegos nas profundezas do ventre da Mãe do Enxame. Um terço da biomassa disponível era dedicado a isso, à primeira geração da prole do Enxame.

A primeira geração não era inteligente, mas podia responder de forma geral aos comandos telepáticos da Mãe. Idiotas formidáveis, eram programados simplesmente para matar e destruir. Sua memória genética era implantada com as táticas necessárias. Eram colocadas em suas vagens, os propulsores de combustível sólido eram inflamados, e elas eram lançadas, como uma invasão de vaga-lumes cintilantes, para a Terra.

Cada broto era parte de um ramo, que continha de dois a dez mil brotos. Quatrocentos ramos foram espalhados em diferentes partes da massa terrestre.

A resina ablativa das vagens queimava na atmosfera da Terra, iluminando o céu. Fios se desdobravam de cada uma, diminuindo a velocidade de queda, estabilizando os botes salva-vidas giratórios. Então, logo acima da superfície da Terra, as vagens estouraram, espalhando sua carga.

Os brotos, após sua longa estase, acordaram famintos.

No balcão do bar em forma de ferradura, um homem vestido de algum tipo de armadura de batalha pisou no trilho de latão e abordou uma mulher loira, mascarada e esbelta, que, em certos momentos de distração, se tornava transparente.

— Com licença — disse ele. — Eu não vi você na fuga do gorila?

— Sua mesa está quase pronta, Modular — disse Hiram Worchester. — Desculpe, mas não sabia que Fortunato convidaria todos os seus amigos.

— Sem problemas, Hiram — o androide disse. — Está tudo bem. Obrigado. — Ele estava experimentando falar usando contrações. Não tinha certeza de quando eram adequadas e estava determinado a descobrir.

— Tem uns dois fotografos esperando também.

— Deixe que tirem algumas fotos depois de nos sentarmos, então mande-os embora. Tudo bem?

— Claro. — Hiram, o dono do Aces High, sorriu para o androide. — Aliás, sua tática esta tarde foi excelente. Meu plano é deixar a criatura sem peso se ela subir até aqui. Mas ele nunca sobe. O recorde é setenta e dois andares.

— Da próxima vez, Hiram. Tenho certeza de que funcionará.

O dono do restaurante deu um sorriso satisfeito e saiu apressado. O androide ergueu a mão pedindo mais uma bebida.

Cyndi estava usando algo azul-celeste que expunha a maior parte de seu colo e ainda mais de suas costas. Ela olhou para Modular e sorriu.

— Gostei do solidéu.

— Obrigado. Eu mesmo fiz.

Ela olhou para o copo de uísque vazio dele.

— Isso consegue deixar você, sabe, alegzinho de verdade?

O androide observou seu *single malt*.

— Não. De verdade, não. Eu apenas coloco em um reservatório com a comida e faço meus geradores de fluxo transformarem tudo em energia. Mas de alguma forma... — Seu novo copo de *single*

malt chegou e ele o aceitou com um sorriso. — De alguma forma, sinto-me bem em ficar aqui, colocar meu pé no trilho, e bebê-lo.

— Claro. Sei o que quer dizer.

— E eu consigo sentir o gosto, claro. Não sei como identificar o que deve ter um gosto bom ou ruim, então experimento tudo. Estou testando. — Ele segurou o *single malt* embaixo do nariz, fungou, então bebeu. Os receptores de gosto estalaram. Sentiu o que parecia ser uma explosão menor na cavidade nasal.

O homem em armadura de combate tentou colocar o braço em torno da mulher mascarada. Seu braço passou através dela, que o encarou com olhos azuis sorridentes.

— Estava esperando por isso — disse ela. — Estou em um corpo insubstancial, bobo.

Hiram chegou para lhes mostrar a mesa. Flashes começaram a pipocar enquanto Hiram abria uma garrafa de champanhe. Olhando pela janela de vidro laminado para o céu, o androide viu uma estrela cadente em uma brecha nas nuvens.

— Posso me acostumar fácil com isso — disse Cyndi.

— Espere — o androide falou. Estava recebendo algo no receptor de rádio. O Empire State era alto o bastante para captar transmissões de longe. Cyndi olhava para ele com curiosidade.

— Qual é o problema?

A transmissão terminou.

— Tenho que me desculpar. Posso ligar para você depois? Há uma emergência em Nova Jersey. Parece que a Terra foi invadida por extraterrestres.

— Bem, se você precisa ir...

— Ligo mais tarde. Prometo.

A forma do androide turvou-se. O ozônio estalou. Ele subiu, passando pelo teto.

Hiram ficou olhando, a garrafa de champanhe na mão. Ele se virou para Cyndi.

— É sério isso que ele falou? — perguntou.

— É um cara legal, para uma máquina — disse Cyndi, apoiando o queixo na mão. — Mas com certeza tem algum parafuso solto. — Ela levantou a taça. — Vamos festejar, Hiram.

Não muito longe dali, um homem estava sendo atormentado por um pesadelo. Monstros babavam sobre ele em seus sonhos. Imagens passaram diante da sua mente, uma mulher morta, um pentagrama invertido, um homem nu e esguio com cabeça de chacal. Gritos inacabados uniam-se na garganta dele. Ele acordou com um grito, coberto de suor.

Às cegas, esticou o braço até a luminária ao lado da cama e a acendeu. Buscou os óculos. Seu nariz estava escorregadio de suor e os óculos grossos e pesados escorregaram por sobre ele. O homem não percebeu.

Ele pensou no telefone, então se deu conta de que teria que se colocar sozinho na cadeira de rodas para alcançá-lo. Existiam maneiras mais fáceis de se comunicar. Dentro de sua mente, chegou até a cidade. Sentiu uma mente sonolenta respondendo dentro da sua própria.

Acorde, Hubbard, disse ao outro, mentalmente, empurrando os óculos de volta para o nariz. *TIAMAT chegou.*

Um pilar de escuridão ergueu-se sobre Princeton. O androide viu no radar e primeiro pensou que fosse fumaça, mas então percebeu que a nuvem não se dissipava com o vento, e era composta de milhares de criaturas vivas circulando sobre a paisagem como uma revoada de abutres. O pilar estava vivo.

Havia uma incerteza no coração macroatômico do androide. Sua programação não o preparara para aquilo.

As transmissões de emergência estalavam em sua cabeça, questionando, implorando por ajuda, gritos de desespero. Modular reduziu a velocidade, suas percepções revirando a terra escura logo abaixo. Grandes assinaturas infravermelhas — mais brotos do Enxame — rastejavam entre as ruas ladeadas de árvores. As assinaturas espalhavam-se, mas seu movimento tinha um objetivo: a cidade. Parecia que Princeton era o ponto de partida. O androide desceu, ouviu barulhos de rasgos, gritos, tiros. As armas nos seus ombros rastreavam enquanto mergulhava, aumentando a velocidade.

Os brotos do Enxame não tinham pernas, moviam-se como uma lesma com impulsos ondulados de um corpo escorregadio de nove metros. A cabeça era encouraçada, com mandíbulas laterais que pingavam. Um par de braços gigantes, sem ossos, terminava em garras. A criatura estava enfiando a cabeça em uma casa colonial de dois andares, abrindo buracos, os braços buscando pelas janelas, procurando por coisas vivas. Tiros vinham do segundo andar. Luzes natalinas piscavam nas beiradas do telhado, nos arbustos ornamentais.

Modular pairou sobre ele, lançando uma rajada precisa de laser. A micro-onda enviada era invisível, silenciosa. A criatura vibrou, rolou

para o lado, começou a se debater. A casa estremeceu com as pancadas a esmo. O androide atirou novamente. A criatura tremeu e ficou imóvel. O androide deslizou para dentro da janela de onde vieram os tiros, viu um homem gordo e totalmente nu com um rifle nas mãos, um adolescente com uma pistola com mira, uma mulher segurando duas garotinhas. A mulher gritava. As duas garotas, perplexas, tremiam.

— Jesus — disse o homem.

— Eu matei a coisa — o androide falou. — Consegue chegar até o seu carro?

— Acho que sim — respondeu o gordo. Ele enfiava cartuchos no rifle. A esposa ainda gritava.

— Siga para leste, na direção de Nova York — disse Modular. — Parecem estar em maior número por aqui. Talvez possa ir junto com alguns vizinhos.

— O que está acontecendo? — o homem perguntou, engatilhando o rifle com a alavanca para trás e para a frente. — Outro surto do wild card?

— Parece que são monstros do espaço.

Houve um som de explosão atrás da casa. O androide girou, viu o que parecia ser uma serpente de dezoito metros movendo-se sinuosamente como uma cobra do deserto enquanto abria espaço entre os arbustos, árvores e postes de energia. A parte de baixo do corpo da serpente retorcia-se com cílios de três metros. Modular saiu rápido pela janela e lançou outra rajada de micro-ondas na cabeça da coisa. Sem efeito. Outra rajada, igualmente inútil. Atrás dele, o rifle de caça estrondou. A mulher continuava a gritar.

Modular concluiu que o cérebro da serpente não estava na cabeça. Começou a atirar rajadas precisas pelo corpo do animal.

As tábuas rangeram quando a serpente atingiu a casa. A construção cambaleou nas fundações, uma parede desmoronou, o andar de cima inclinando-se perigosamente. O androide atirava sem parar. Ele podia sentir sua energia diminuindo. O rifle de caça atirou mais uma vez. A serpente ergueu a cabeça e atravessou a janela de onde o homem atirava. Seu corpo pulsou diversas vezes. Sua cauda se retorceu. O androide atirava. Os gritos cessaram. A serpente retirou a cabeça e começou a se arrastar em direção à próxima casa. A energia do androide estava quase esgotada, sua força mal era suficiente para se manter no ar.

Essas táticas não estão funcionando, Modular pensou. Ajudar pessoas individuais resultaria apenas em um esforço disperso e inútil. Precisava analisar o inimigo, descobrir seus números e estratégia, então encontrar resistência organizada em algum lugar e ajudar.

Partiu voando na direção de Princeton, seus sensores procurando, tentando entender o que estava ocorrendo.

Sirenes começaram a soar abaixo dele. As pessoas saíam das casas destroçadas. Veículos de emergência corriam sob luzes piscantes. Alguns poucos automóveis ziguezagueavam loucamente, passando por ruas cheias de escombros. Aqui e ali incêndios irrompiam, mas a umidade e a garoa ocasional os mantinham controlados. Modular viu mais uma dúzia de serpentes, uma centena de predadores menores que se moviam como panteras sobre seis pernas, vintenas de uma estranha criatura que parecia uma aranha saltadora, seu corpo largo de quatro patas balançando

em cima das árvores sobre pernas parecidas com muletas. Um carnívoro bípede de seis metros arreganhava dentes como se fosse um tiranossauro. Outras coisas, difíceis de enxergar pelo infravermelho, moviam-se como tapetes junto ao solo. Algo invisível lançou uma nuvem de lanças de um metro, mas ele percebeu a aproximação pelo radar e desviou. A nuvem ainda orbitava sobre Princeton. O androide decidiu ir investigá-la.

Havia milhares deles, criaturas ondulantes, escuras e sem penas, como capachos voadores. No meio do rugir orquestrado de suas asas, soltavam ruídos baixos de lamento, vibrantes como cordas de um instrumento musical. Subiam e desciam, e o androide entendeu sua estratégia quando viu um veículo sair em disparada de uma garagem em Princeton e derrapar pela rua. Um grupo de ondulantes desceu em grupo, batendo com o corpo no carro e envolvendo o alvo em suas formas de couro, esmagando-o sob o seu peso. O androide, com as energias parcialmente recuperadas, atirou nos voadores, derrubando alguns, mas o carro desviou sobre o meio-fio e bateu contra um prédio. Mais voadores desceram quando o primeiro grupo começou a espremer-se através de janelas estilhaçadas. Ácido corrosivo manchou a pintura do carro. O androide se ergueu e começou a atirar sobre a massa que pairava, tentando atrair a sua atenção.

Uma nuvem o seguiu, centenas de uma vez, e Modular aumentou a velocidade, mantendo a direção sul, tentando levá-los para longe, voadores mortos caindo como folhas quando ele atirava pequenas rajadas para trás. Mais e mais dos orbitais eram atraídos para a perseguição. As criaturas não pareciam ser particularmente inteligentes. Desviando e contorcendo-se, ficando pouco à frente da

nuvem esvoaçante, logo o androide tinha milhares dos voadores em seu encalço. Passou por sobre uma elevação e encontrou o hospedeiro do Enxame à sua frente. Por um momento, seus sensores foram sobrecarregados pelo sinal avassalador.

Um exército de criaturas avançava em uma onda curvada, um crescente de ângulo acentuado apontando para Princeton, ao norte. O ar ficou cheio de rangidos, farfalhares, quando o Enxame aplainou a rota até a cidade — casas, árvores, prédios de escritórios, tudo —, terraplanando o que estivesse em seu caminho. O androide subiu, fazendo cálculos, os voadores gemendo e ondulando logo atrás dele. O hospedeiro movia-se rapidamente, para algo com tamanha eficiência; o androide estimava entre vinte e cinco a trinta quilômetros por hora.

Modular tinha uma boa noção do tamanho médio da criatura do Enxame. Dividindo a emissão vasta de infravermelho por seus componentes, concluiu que enfrentava um mínimo de quarenta mil criaturas. Mais se juntavam ao grupo a todo momento. Havia ao menos outros vinte mil voadores. Os números eram insanos.

O androide, diferentemente de um humano, não tinha dúvidas sobre os seus cálculos. Alguém tinha de ser informado sobre aquilo que o mundo enfrentaria. As armas acopladas aos seus ombros giraram para trás para permitir uma melhor aerodinâmica, e ele circulou de volta para o norte, aumentando a velocidade. Os voadores circularam, mas não conseguiram alcançá-lo. Começaram a voar de volta para Princeton.

Modular chegou a Princeton em questão de segundos. Mil ou mais do Enxame penetraram na cidade, e o androide detectou a invasão constante de prédios, as rajadas esparsas de armas de

fogo, e de algum lugar um estouro, estrondo e explosão de armas mais pesadas. Ele rumou às pressas na direção do som.

O arsenal da Guarda Nacional estava sitiado. Uma das criaturas-serpentes, cortada ao meio por projéteis explosivos, contorcia-se na rua em frente, lançando para cima nuvens do gás lacrimogênio derramado. Predadores mortos e corpos humanos estavam espalhados em torno do prédio. Um tanque M60 estava tombado sobre o concreto à frente; outro bloqueava uma porta de aço de garagem, inundando o acesso com luz infravermelha. Três homens da Guarda, com equipamento de controle de tumultos completo com máscaras de gás, estavam no tanque atrás da torre de tiro. O androide lançou oito tiros precisos, matando a onda de agressores, e passou voando pelo tanque, bem próximo dos soldados, que olharam para ele abismados através de suas máscaras. Atrás deles, uma dúzia de civis com armas e rifles de caça e, mais atrás, cerca de cinquenta refugiados. Em algum lugar no prédio, motores acionados explodiram.

— Quem está no comando?

Um homem usando uma insígnia de tenente levantou a mão.

— Tenente Goldfarb — disse ele. — Sou o oficial no comando. Que diabos está acontecendo?

— Você precisa tirar essas pessoas daqui. Alienígenas do espaço sideral pousaram na cidade.

— Imaginei que não tinham sido os chineses. — Sua voz saía abafada pela máscara de gás.

— Estão vindo de Grovers Mills nesta direção.

Um dos outros guardas começou a ofegar. Mal dava para reconhecer o som como uma risada.

— Igual a *Guerra dos mundos*. Ótimo.

— Cala a boca — Goldfarb falou com raiva. — Tenho apenas vinte homens aqui. Você acha que podemos detê-los no canal de Raritan?

— São no mínimo quarenta mil deles.

Goldfarb desabou contra a torre.

— Vamos para o norte, então. Tentar chegar a Sommerville.

— Sugiro que vão rápido. Os voadores estão voltando. Vocês os viram?

Goldfarb apontou para os corpos espalhados de alguns dos ondulantes.

— Bem ali. Gás lacrimogênio parece pará-los.

— Chefe, tem alguma coisa vindo dali. — Um dos soldados ergueu um lançador de granadas. Sem olhar, Modular disparou sobre os ombros dele e derrubou um bicho-aranha.

— Deixa para lá — disse o soldado.

— Olhe — Goldfarb falou. — A mansão do governador é na cidade. Morven. Ele é nosso comandante-chefe, devemos tentar tirá-lo de lá.

— Posso tentar — disse o androide —, mas não sei onde é a mansão.

Sobre seu ombro, ele se livrou de uma lesma encouraçada e olhou para Goldfarb.

— Posso voar com você nos braços.

— Certo. — Goldfarb pendurou sua M16 no ombro e deu ordens para os outros homens da Guarda Nacional levarem os civis para os carros blindados e depois formarem um comboio.

— Sem faróis — disse o androide. — Os voadores não devem perceber que vocês estão de prontidão.

— Temos equipamentos de infravermelho. São padrão nos veículos.

— Eu usaria ele — falou, pensando que estava fazendo bom uso de coloquialismos.

Goldfarb terminou de dar as ordens. As tropas da Guarda Nacional apareceram de outras partes do prédio, carregando armas e munição. Veículos rastreados eram postos em movimento. O androide envolveu Goldfarb nos braços e partiu para o céu.

— Para o *alto*! — Goldfarb gritou. Modular imaginou que fosse uma expressão de aprovação militar.

Um farfalhar gigantesco no céu indicou que os voadores estavam de volta. O androide mergulhou, voando entre casas destruídas e pedaços de troncos de árvores.

— Puta merda! — disse Goldfarb. Morven estava em ruínas. Não restava nada da mansão do governador. Não se via nada vivo por ali.

O androide devolveu o guarda ao seu comando, destruindo no caminho um grupo de vinte agressores que se preparava para atacar os quartéis-generais da Guarda Nacional. Dentro, a garagem estava cheia de descarga de escapamento de veículos. Seis viaturas de tropas e dois tanques estavam prontos. Goldfarb foi deixado próximo de uma viatura. O ar estrondava com o ruído dos voadores.

— Vou tentar atrair os voadores para longe — o androide disse.
— Espere até o céu estar limpo antes de seguir adiante.

Ele partiu novamente para o alto, lançando rajadas curtas do laser, atirando na direção do céu que escurecia. Mais uma vez, os voadores rugiram atrás dele. Ele os levou novamente para Grovers Mills, vendo a imensidão crescente do Enxame terrestre avançando em seu ritmo contínuo, espantoso. Ele voltou, deixando-os bem atrás de si, e acelerou na direção de Princeton. Abaixo, poucos voadores elevaram-se, perseguindo-o. Parecia que estavam jantando o cadáver de um homem que usava uma intrincada armadura de batalha. A mesma armadura que Modular vira no Aces High agora manchada e escurecida por ácido gástrico.

Em Princeton, viu o comboio de Goldfarb abrindo caminho até a rodovia 206 em um feixe de luz infravermelha e tiros de metralhadora. Refugiados, atraídos pelo som dos tanques e viaturas blindadas, agarravam-se aos veículos. O androide atirava o tempo todo, derrubando as criaturas do Enxame que tentavam atacar, suas energias sendo drenadas. Seguiu o comboio até parecer que estavam fora de perigo, quando o grupo teve de desacelerar pelo imenso congestionamento de refugiados que partiam para o norte.

O androide decidiu rumar para Fort Dix.

O tenente-detetive John F. X. Black, da delegacia do Bairro dos Curingas, não retirou de fato as algemas dos pulsos de Tachyon até estarem fora do gabinete do prefeito. Os outros detetives mantinham as armas a postos.

Medo, Tachyon pensou. *Essas pessoas estão apavoradas. Por quê?* Ele esfregou os pulsos.

— Meu casaco e meu chapéu, por favor. — O acréscimo de gentileza não reduziu o caráter da ordem.

— Se você insiste — disse Black, entregando o chapéu de cavaleiro com pena e a casaca de rabo de andorinha cor lavanda, que combinava com os olhos de Tach. O rosto bem marcado do detetive dividiu-se em um sorriso sarcástico. — Seria difícil encontrar até um detetive iniciante com seu gosto — ele comentou.

— Ouso discordar — disse Tach, friamente. Ele balançou os cabelos para trás sobre o colarinho.

— Por aqui — disse Black. Tach inclinou o chapéu sobre um dos olhos e passou por ele com um esbarrão.

Era uma sala grande com painéis, uma mesa comprida, e estava um caos. Havia policiais, bombeiros, homens em uniformes militares. O prefeito gritava no rádio e, a julgar pela expressão descontrolada, não estava conseguindo o que queria. O olhar de Tach foi até a parte mais distante da sala e seus olhos estreitaram-se. O senador Hartmann estava de pé, em uma conversa baixa com diversos ases: Peregrina, Pulso, o Uivador, a turma toda do CRISE-A.

Tach sempre se sentia desconfortável perto de Hartmann... fosse um liberal de Nova York ou não, era o presidente do Comitê de Recursos Internos do Senado para Empenho dos Ases, o comitê CRISE-A, que esteve à altura do seu nome sob a batuta de Joseph McCarthy. As leis eram diferentes agora, mas Tach não queria ter nada a ver com uma organização que recrutava ases para servir aos propósitos dos que estavam no poder.

O prefeito entregou o telefone para um assistente e, antes que ele sumisse, Tach marchou em sua direção, arremessando as algemas e encarando o prefeito com um olhar frio.

— Fui trazido aqui por suas tropas de assalto — disse. — Arrombaram minha porta. Imagino que a prefeitura vá substituí-la,

bem como qualquer coisa que possa ser roubada enquanto a porta estiver dessa maneira.

— Temos um problema — disse o prefeito, e então um assistente entrou às pressas com as mãos cheias de mapas de Nova Jersey. O prefeito mandou que fossem espalhados sobre a mesa. Tachyon continuou falando, mesmo com a interrupção.

— Vocês poderiam ter me telefonado. Eu viria. Seus esquadrões nem bateram à porta. Ainda existem leis constitucionais neste país, mesmo no Bairro dos Curingas.

— Nós batemos — disse Black. — Batemos de verdade. — Ele se virou para um dos detetives, um curinga com a carne marrom, cheia de escamas. — Você me ouviu bater, não foi, Kant?

Kant sorriu, um lagarto com dentes. Tachyon teve um calafrio.

— Claro que sim, tenente.

— E você, Matthias?

— Ouvi bater também.

Tach trincou os dentes.

— Eles... não... bateram.

Black deu de ombros.

— O doutor provavelmente não nos escutou. Estava ocupado. — Olhou de soslaio. — Estava acompanhado, se é que você me entende. Uma enfermeira. Muito bonita. — Ele ergueu um documento em papel ofício. — Além do mais, nossa busca era legal. Assinada pelo juiz Steiner bem aqui, meia hora atrás.

O prefeito virou-se para Tachyon.

— Queríamos ter certeza de que você não tinha nada a ver com isso.

Tach tirou o chapéu e, indiferente, balançou-o à frente do rosto, enquanto olhava para a sala cheia de pessoas correndo para lá e para cá, inclusive... meu Deus, um tiranossauro de quase um metro que tinha acabado de se transformar em um pré-adolescente nu.

— Do que vocês estão falando, meu bom homem? — perguntou.

O prefeito encarou Tachyon com olhos parecidos com lascas de gelo.

— Temos relatos do que parece ter sido um ataque do wild card em Jersey.

O coração de Tach acelerou. *De novo não*, pensou, lembrando-se daquelas primeiras semanas terríveis, as mortes, a mutilação que fez seu sangue gelar, a loucura, o *cheiro*... Não, não era possível. Ele engoliu seco.

— Como posso ajudar? — falou.

— Quarenta mil em um grupo — murmurou o general, fixando os números na mente. — Provavelmente em Princeton agora. Vinte mil voadores. Talvez outros vinte mil espalhados na zona rural, movendo-se para o ponto de encontro em Princeton. — Ele olhou para o androide. — Alguma ideia de aonde vão depois de Princeton? Filadélfia ou Nova York? Sul ou norte?

— Não sei.

O tenente-general mordeu o punho fechado. Era magro, de óculos, e seu nome era Carter. Não parecia muito perturbado com a ideia de alienígenas carnívoros aterrissando em Nova Jersey. Comandava o 1º Exército dos Estados Unidos de seu quartel-general em Fort Meade, Maryland. Modular fora enviado para lá por

um major-general suarento em Fort Dix, que terminou se revelando ser um centro de treinamento.

O caos cercava a aura de calma de Carter. Telefones tocavam, assistentes se acotovelavam e, lá fora, no corredor, homens gritavam.

— Até agora, consegui apenas a 82ª e a Guarda Nacional — comentou Carter. — Não é o suficiente para defender Nova York e Filadélfia contra esses números. Se tivesse regimentos de fuzileiros de Lejeune, poderíamos nos sair melhor, mas o comandante dos fuzileiros não quer liberá-los da Força de Deslocamento Rápido, que é comandada por um fuzileiro. Quer que a FDR assuma o comando aqui, especialmente porque a 82ª também responde aos seus protocolos. — Deu um gole no suco de cranberry e suspirou. — Trata-se do processo de mover um exército em tempo de paz para uma condição de guerra. Nossa hora chegará, e então teremos nossa vez.

O androide havia descoberto que o Enxame aterrissara em quatro lugares na América do Norte: Nova Jersey; Kentucky, sul de Louisville; uma área central em torno de McAllen, Texas, nos dois lados da fronteira Estados Unidos-México; e uma aterrissagem extremamente difusa que parecia espalhada por grande parte ao norte de Manitoba. A aterrissagem de Kentucky também estava dentro da jurisdição do 1º Exército, e Carter ordenou a intervenção dos soldados de Fort Knox e Fort Campbell. Felizmente, não tinha de obter a permissão dos fuzileiros navais antes.

— Norte ou sul? — Carter perguntou-se. — Que merda, queria saber para onde estão indo. — Esfregou as têmporas. — Hora de

arriscar. Você os viu seguirem para o norte. Vou mandar a Força Aérea para Newark e dizer para a Guarda se concentrar lá.

Outro assistente entrou apressado e passou um bilhete para Carter.

— Tudo bem — disse o general. — O governador de Nova York pediu para todos os ases na área se reunirem na prefeitura. Estão pensando em usar vocês como tropas de choque. — Ele espreitou o androide através dos óculos. — Você é um ás, certo?

— Sou uma máquina inteligente de sexta geração programada para defender a sociedade.

— Então você é uma máquina? — Carter olhou como se não tivesse entendido isso até aquele momento. — Alguém te construiu?

— Isso aí. — Seu linguajar informal estava cada vez melhor, sua fala mais concisa. Estava satisfeito consigo mesmo.

A reação de Carter foi rápida.

— Existem mais de você? Podemos *construir* mais de você? Temos uma emergência acontecendo.

— Posso transmitir sua solicitação ao meu criador. Mas não acho que poderá prestar ajuda imediata.

— Faça isso. E, antes que você decole, quero que fale com alguém da minha equipe. Conte a ele sobre você, suas capacidades. Podemos fazer melhor uso de você dessa forma.

— Sim, senhor. — O androide estava tentando soar militar, e pensou estar conseguindo.

— Não — Tachyon falou. — Não é o wild card.

Outras informações haviam surgido, inclusive imagens. Nenhuma praga wild card — nem mesmo uma versão avançada —

conseguiria produzir resultados como aqueles. *Ao menos, não vão jogar a culpa deste em mim*, pensou.

— Acho que aquilo que acabou de assolar Jersey é uma ameaça que minha raça já encontrou em diversas ocasiões... essas criaturas atacaram duas colônias; destruíram uma e quase acabaram com a outra. Nossas expedições os destruíram depois, mas sabemos que existem muitos outros. O *T'zand'ran*... — Ele fez uma pausa pelos olhares inexpressivos. — A tradução seria Enxame, eu acho.

O senador Hartmann parecia cético.

— Não é wild card? Você está me dizendo que Nova Jersey foi atacada por abelhas assassinas do espaço?

— Não são insetos. Estão a caminho de se tornar... como eu digo isso? — Ele deu de ombros. — São levedos. Brotos de levedo gigantes, carnívoros, telepáticos, controlados por um levedo-mãe gigante no espaço. Muito famintos. Eu me mobilizaria, se fosse vocês.

O prefeito olhou aflito.

— Tudo bem. Temos meia dúzia de ases reunidos aqui embaixo. Quero que você vá lá e fale com eles sobre o que está acontecendo.

Os sons de pânico entravam pela claraboia. Eram quatro da manhã, mas parecia que metade de Manhattan estava tentando fugir da cidade. Foi o pior engarrafamento desde o Dia do Wild Card.

Travnicek deu um sorriso largo enquanto folheava as notas científicas que tinha rabiscado em papel de embrulho e maços de cigarro usados durante longos meses do período criativo.

— Então, o Exército quer mais de você, hein? Hum. Quanto estão oferecendo?

— O general Carter apenas expressou interesse. Ele não é o encarregado pelas compras, tenho certeza disso.

O sorriso de Travnicek transformou-se em um franzir de cenho quando aproximou as notas dos olhos. Sua caligrafia era péssima, e a nota estava totalmente ilegível. Que diabos ele quis dizer?

Olhou em volta do apartamento, para a assustadora quantidade de lixo. Havia *milhares* de anotações. Muitas estavam no chão, onde haviam se integrado ao assoalho de compensado.

Ele soprava fumaça ao respirar no apartamento frio.

— Peça uma oferta concreta. Diga a ele que quero dez milhões por unidade. Melhor, vinte. *Royalties* sobre a programação. E quero as primeiras dez unidades para mim, como meus guarda-costas.

— Sim, senhor. Quando posso dizer a ele que poderemos esperar os planos serem entregues?

Travnicek olhou novamente para o lixo.

— Pode demorar um pouco. — Ele teria de reconstruir tudo do zero. — Antes de tudo, consiga um acordo sólido sobre o dinheiro.

— Sim, senhor.

— Antes de sair, limpe essa bagunça. Ponha minhas notas em pilhas ali em cima. — Ele apontou para uma parte razoavelmente vazia de uma das mesas.

— Senhor. Os alienígenas.

— Eles esperam — Travnicek deu uma risadinha. — Você será mais valioso para os militares após essas criaturas comerem metade de Nova Jersey.

O rosto do androide estava sem expressão.

— Sim, senhor.

Então começou a limpar o laboratório.

— Meu Deus — disse Carter.

Finalmente, o caos que o cercava deixou de existir. O silêncio no posto de comando improvisado no saguão de embarque do Aeroporto Internacional de Newark era quebrado apenas pelo chiado dos jatos militares expelindo tropas e equipamentos. As tropas de paraquedistas em suas calças largas e novos modelos de capacete Kevlar estavam em pé ao lado dos oficiais da Guarda Nacional com suas panças e dos ases em roupas de salto. Todos esperavam pelo que Carter diria em seguida. Carter segurava uma série de fotografias de infravermelho contra a luz fraca que estava começando a entrar pelas janelas.

— Estão seguindo para o sul. Na direção de Filadélfia. Postos avançados, guardas de flanco, corpo principal, retaguarda. — Carter olhou para a equipe. — Parece que estão lendo nossos manuais táticos, senhores. — Ele largou as fotografias sobre a mesa. — Quero que vocês preparem seus soldados e vão para o sul. Direto para a rodovia de Jersey. Peguem veículos de civis, se for necessário. Queremos flanqueá-los e entrar do leste na direção de Trenton. Se pegarmos o flanco deles, talvez possamos parar a retaguarda antes que passem Princeton. — Virou-se para um assistente. — Chame a Guarda da Pensilvânia. Queremos as pontes sobre o rio Delaware destruídas. Se não tiverem engenheiros para implodir, façam um bloqueio. Com caminhões de carroceria grande, se precisar.

Carter virou-se para os ases que estavam em um canto, próximos de uma pilha de cadeiras de plástico removidas às pressas. Modular, Uivador, Mistral, Pulso. Um pterodátilo que, na verdade, era um garotinho que tinha a habilidade de se transmutar em répteis e cuja mãe estava a caminho para buscá-lo pela segunda vez em poucas horas. Peregrina, com uma equipe de cinegrafistas. O Tartaruga orbitava sobre o terminal em sua imensa carapaça blindada. Tachyon não estava lá; fora chamado a Washington como consultor científico.

— Os fuzileiros de Lejeune estão seguindo para a Filadélfia — comentou Carter. Sua voz era suave. — Alguém caiu em si e os colocou sob meu comando. Mas apenas um regimento chegará a Delaware a tempo para encontrar a tropa avançada de alienígenas, e eles não terão blindagem, nem armas pesadas, e terão de chegar às pontes em ônibus escolares e sabe Deus o que mais. Isso significa que vão ser destroçados. Não posso dar ordens para vocês, mas gostaria que fossem para a Filadélfia e ajudassem os fuzileiros. Precisamos ganhar tempo para posicionar o restante deles. Vocês podem salvar um monte de vidas.

Coleman Hubbard estava diante de um grupo de homens e mulheres com sua máscara de falcão de Rá. Estava sem camisa, usando seu jaleco maçônico, e sentiu-se um pouco constrangido... muito de sua pele cheia de cicatrizes estava exposta; as queimaduras que cobriram seu torso após o incêndio no velho templo do centro da cidade. Teve um calafrio pela lembrança das chamas, então olhou para cima para espantar a recordação da mente...

Sobre ele, reluzia a figura de um ser astral, um homem gigante com a cabeça de um carneiro e um falo colossal ereto, segurando na mão a cruz ansata e o cajado curvo, símbolos de vida e poder — o deus Amon, criador do universo, reluzindo entre uma aura multicolorida de luz.

Lorde Amon, pensou Hubbard. O Mestre dos Maçons Egípcios, e que na verdade era um velho meio inválido em um quarto a quilômetros de distância. Sua forma astral podia tomar qualquer aspecto que quisesse, mas em seu corpo era conhecido como o Astrônomo.

O brilho de Amon cintilava nos olhos dos adoradores reunidos. A voz do deus soava na cabeça de Hubbard, que elevava os braços e narrava as palavras do deus para a congregação.

— TIAMAT chegou. Nosso momento está próximo. Precisamos concentrar nossos esforços no novo templo. O dispositivo Shakti deve ser montado e calibrado.

Sobre a cabeça de carneiro do deus surgiu outra forma, uma massa mutante de protoplasma, tentáculos e olhos, e carne fria, muito fria.

— Contemplem TIAMAT — disse Amon.

Os adoradores murmuraram. A criatura aumentava de tamanho, reduzindo o brilho do deus.

— Minha Irmã Obscura está aqui — disse Amon, e sua voz ecoou na cabeça de Hubbard. — Precisamos preparar as boas-vindas.

Um jato Harrier dos fuzileiros sugou um voador por uma abertura, gritou enquanto vomitava a liga derretida e deslizou inclinado para a cidade já condenada de Trenton. O som dos voadores abafava o

chiado dos jatos e o estrondo dos helicópteros. Napalm queimando reluzia ao flutuar sobre a água represada. Sinais coloridos de fumaça giravam no ar.

O corpo principal do Enxame abria violentamente caminho para Trenton, e a guarda avançada já estava atravessando o rio. Bloquear e implodir as pontes não foi o bastante para detê-los: eles apenas mergulharam no rio gélido e atravessaram como uma onda vasta e escura. Uma centena de voadores cercara o helicóptero do comandante dos fuzileiros navais e o derrubara, e depois disso não havia ninguém no comando: apenas grupos de homens desesperados, mantendo posição o máximo que podiam, tentando formar um quebra-mar contra a onda do Enxame.

Os ases separaram-se, lidando com as emergências. Modular estava queimando o inimigo, tentando ajudar os bolsões esparsos de resistência enquanto, um após o outro, eram atacados. Era uma tarefa vã.

De algum lugar à esquerda ele conseguia ouvir os gritos do Uivador, solidificando ossos e nervos do Enxame. Seu talento era mais útil que o do androide; o laser de micro-ondas era uma arma precisa demais para lidar com uma onda de ataque, mas os gritos ultrassônicos do Uivador conseguiam em um segundo destruir pelotões inteiros de inimigos.

Um tanque da Guarda Nacional virou a esquina atrás de onde Modular flutuava no meio da batalha, então se chocou contra um prédio, misturando-se aos escombros. Os voadores cobriram a blindagem do tanque, obscurecendo as fendas de visibilidade. O androide mergulhou na direção do tanque, arrancou os voadores, rasgando-os como papel. Suco ácido respingava em sua roupa. A

carne artificial soltava fumaça. O tanque esmagou tijolos sob suas lagartas, retirando-se de dentro do prédio.

Quando o androide se ergueu, o Todo-Poderoso Tartaruga formava uma enorme imagem luminosa no radar. Estava pegando os brotos do Enxame no corpo a corpo, arremessando-os no ar, derrubando-os em seguida, como se fosse uma fonte de cascata. Os voadores batiam-se desesperadamente contra a carapaça blindada. O ácido não era suficiente para atravessar sua armadura de batalha.

O ar estalou quando foi rasgado por fótons energizados: Pulso, seu corpo se transformando em luz. O laser humano ricocheteou os inimigos para longe, levando uma dúzia ao chão, então desapareceu. Quando Pulso finalmente ficasse sem energia, ele se reverteria à forma humana, e então ficaria vulnerável. O androide esperava que os voadores não o pegassem.

Mistral flutuou, colorida como uma bandeira de batalha. Ela tinha dezessete anos, era estudante na Columbia, e vestia-se com cores brilhantes e patrióticas como o pai, Ciclone. Mantinha-se em voo pela capa que ela enchia com os ventos que gerava, e abatia os voadores com tufões, atirando-os, despedaçando-os. Nada chegava perto dela.

Peregrina voava inutilmente em círculos em torno dela. Era muito fraca para combater o Enxame, em qualquer de suas corporificações.

Nenhum deles era suficiente. O Enxame continuava a se mover pelas brechas entre os ases.

O gemido preencheu o ar quando sombras escuras dentadas, os jatos A-10 da Guarda Nacional da Força Aérea, cruzaram os céus,

suas armas martelando, deixando o Delaware branco. Bombas caíam debaixo de suas asas, abrindo-se em flores brilhantes de napalm.

O androide disparou até seus geradores ficarem drenados, e então lutou contra os voadores com as próprias mãos. O desespero tomou conta dele, depois a raiva. Nada parecia adiantar.

O corpo principal do inimigo alcançou o rio e começou a nadar. Poucos soldados estavam vivos para combatê-los. A maioria dos sobreviventes estava tentando se esconder ou fugir.

O 6º Regimento dos Fuzileiros estava condenado, e nada poderia alterar esse fato.

Entre Trenton e Levittown, bombas e incêndios deixaram negra a paisagem amarronzada de dezembro. Os brotos do Enxame moviam-se pelo cenário devastado como uma onda de pesadelo. Mais dois regimentos de fuzileiros estavam entrincheirados nas áreas residenciais de Filadélfia, desta vez com o apoio da artilharia e um pequeno grupo de blindados leves.

Os ases esperavam em um hotel fora da rodovia da Pensilvânia. O plano era que fizessem parte de qualquer contra-ataque.

Uma bateria de canhões de cento e cinquenta e cinco milímetros foi instalada no estacionamento e disparava constantemente. O crescendo do som já estourara a maior parte das janelas dos restaurantes. O som dos jatos pairava o tempo todo.

Pulso estava deitado em uma tenda de hospital em algum lugar; ultrapassara seus estoques de energia e se encontrava à beira de um colapso. Mistral estava deitada de lado, em uma cabine plástica de cor laranja forte. Seus ombros balançavam a cada estrondo das

armas lá fora. Lágrimas corriam por seu rosto. O Enxame não se aproximara dela, mas vira muita gente morrer e mantivera-se firme durante a luta e o longo pesadelo da retirada, mas sentia agora o peso de tudo. Peregrina estava sentada ao seu lado, falando com ela em um tom gentil que o androide não conseguia ouvir. Modular seguiu o Uivador quando o ex-escavador saiu para pegar algo para comer no restaurante. O peito do homem era imenso, a caixa de voz mutante ampliando o pescoço de forma que o androide não conseguiria envolvê-lo com as duas mãos. O Uivador vestia um conjunto emprestado da roupa de batalha dos fuzileiros: o ácido dos voadores havia destruído suas roupas de civil. O androide tivera que voar com ele na volta, segurando o ás com mãos que tinham sido corroídas até os ossos de metal de liga.

— Peru enlatado — disse o Uivador. — Ótimo. Vamos fazer um Dia de Ação de Graças. — Ele olhou para Modular. — Você é uma máquina, não é? Você come?

O androide enfiou dois dedos em um soquete de luz. Surgiu um flash de luz, o cheiro de ozônio.

— Isto aqui funciona melhor — ele falou.

— Vão colocar você em produção logo? Consigo imaginar o Pentágono se interessando por isso.

— Dei as condições do meu criador ao general Carter. Ainda não responderam. Acho que a estrutura de comando está caótica.

— Para dizer o mínimo.

— Espere — o androide falou. Atrás dos barulhos das armas, do rugir dos jatos, ele começou a ouvir outro som. O estalar do disparo de armas leves.

Um fuzileiro correu para dentro do restaurante, as mãos segurando o capacete.

— Começou — disse ele. O androide deu início às verificações dos sistemas.

Mistral encarou o oficial com olhos marejados. Parecia muito mais jovem que uma garota de dezessete anos.

— Estou pronta — falou.

O Enxame foi detido nas cercanias da Filadélfia. Os dois regimentos dos fuzileiros navais mantiveram-se em posição, seus fortes cercados por paredes dos mortos do Enxame. A vitória foi possível graças ao apoio das forças aéreas e dos aviões da Marinha e do navio de batalha *New Jersey*, que lançava projéteis de cinquenta centímetros do oceano Atlântico; graças também à Guarda Nacional e às tropas de paraquedistas de Carter, atacando o Enxame pelo flanco traseiro.

Graças aos ases, que lutaram durante a noite inteira, até mesmo após o Enxame hesitar em seu ataque violento, e então começar a se mover para oeste, na direção das distantes Blue Mountains.

O aeroporto da Filadélfia não parou por toda a noite com o transporte que trazia outra divisão de fuzileiros da Califórnia.

Na manhã seguinte, o contra-ataque começou.

Após anoitecer, o dia seguinte. Uma televisão em cores balbuciava com sobriedade no canto do saguão de embarque. Carter estava se preparando para mover o posto de comando para Allentown, a oeste, e Modular chegou voando com notícias da movimentação recente do Enxame. Mas Carter estava ocupado, falando no rádio

com os comandantes em Kentucky, e assim o androide escutou as notícias do restante do mundo.

A violência no Kentucky em destaque na tela. Imagens, tiradas de uma distância segura por lentes de longo alcance, tremiam e estalavam. No meio delas, havia um homem alto de uniforme militar sem insígnia, o corpo reluzindo como uma estrela de ouro, enquanto usava um tronco de árvore de seis metros para esmagar os brotos do Enxame. Seguiu-se uma entrevista com ele: não parecia ter mais de vinte anos, mas os olhos tinham fantasmas de milhares de anos dentro deles. Não falou muito, pediu licença, saiu para voltar à guerra. Jack Braun, o Menino de Ouro dos anos 1940 e Judas dos Ases dos anos 1950, de volta à ativa durante os tempos de emergência.

Mais ases: Ciclone, o pai de Mistral, combatendo o Enxame no Texas com a ajuda da própria equipe de gravação, todos com armas automáticas. O Enxame batia completamente em retirada, atravessando a fronteira do México, expulso pelos blindados de Fort Bliss e Fort Hood e pela infantaria de Fort Polk, os voadores dizimados pelo uso abundante de armas químicas da era Vietnã. Os mexicanos, mais lentos para se mobilizarem e com um exército despreparado para uma guerra em larga escala, não ficaram contentes com o Enxame sendo empurrado para Chihuahua e protestaram em vão.

Mais imagens, mais locais, mais corpos espalhados por uma paisagem arruinada. Cenas das planícies outonais ao norte da Alemanha, onde o Enxame baixou bem no meio de uma manobra de larga escala do Exército britânico no rio Reno, e onde nunca nem teve a chance de se concentrar. Mais imagens inquietantes da

Trácia, onde um ataque furioso do Enxame cobria a fronteira greco-turco-búlgara. Os governos humanos não cooperavam, e seus povos sofriam.

Imagens de esperança e oração: cenas de Jerusalém e Belém, já lotadas com peregrinos cristãos que naquele momento enchiam as igrejas em longas e infinitas sessões de orações.

Imagens impactantes em preto e branco da China, refugiados e longas colunas de tropas do Exército de Libertação Popular marchando. Estimativa de cinquenta milhões de mortos. África, Oriente Médio, América do Sul — retratos do avanço do Enxame sobre o Terceiro Mundo, imagens de uma onda infinita de morte. Nenhum continente saiu ileso, exceto a Oceania. Ajuda era prometida tão logo as superpotências limpassem os próprios quintais.

Havia especulações sobre o que estaria acontecendo no bloco oriental: apesar de ninguém falar abertamente, parecia que o Enxame havia aterrissado no sul da Polônia, na Ucrânia e ao menos em dois pontos da Sibéria. Forças do pacto se mobilizaram e moviam-se para a batalha. Entendidos previam fome disseminada na Rússia: a mobilização de força total tomara caminhões e ferrovias que a população civil usava para o transporte de comida.

Imagens antigas vieram à tela: Mistral voando no céu; Carter dando uma desanimada e relutante coletiva de imprensa; o prefeito da Filadélfia às raias da histeria... o androide desviou o olhar. Tinha visto demais daquelas imagens.

Então sentiu algo se mover através dele, algum vento fantasma que tocou seu coração cibernético. De repente, sentiu-se mais fraco. O aparelho de televisão chiou, as imagens desapareceram. Um

tagarelar crescente veio dos técnicos de comunicação: alguns de seus equipamentos tinham pifado. Modular ficou alarmado. Algo estava acontecendo.

O vento fantasma passou novamente, tocando seu núcleo. O tempo pareceu diminuir um compasso. Mais comunicações caíram. O androide seguiu até Carter.

A mão do general tremia quando pousou o telefone no gancho. Foi a primeira vez que o androide o viu apavorado.

— Isso foi um pulso magnético — disse Carter. — Alguém acabou de usar energia nuclear, e não acho que fomos nós.

Os jornais ainda alardeavam manchetes sobre a invasão. Pedia-se para que as crianças no Meio-Oeste americano evitassem beber leite: havia o perigo de envenenamento das bombas aéreas que os soviéticos usaram para esmagar os Enxames siberianos. As comunicações ainda estavam interrompidas: as bombas tinham espalhado radiação o suficiente na ionosfera para enferrujar muitos dos chips de computador americanos.

Pessoas nas ruas pareciam ariscas. Havia um debate sobre se Nova York deveria ficar às escuras ou não, mesmo que o Enxame estivesse obviamente batendo em retirada após seis dias de combate intenso.

Coleman Hubbard estava ocupado demais para se importar. Caminhava pela Sixth Avenue, rangendo os dentes, a cabeça latejando com o esforço que a recente aventura lhe tinha custado.

Ele falhara. Um dos membros mais promissores da Ordem, o garoto Fabian, fora preso sob uma acusação estúpida de assédio — o garoto não conseguia deixar as mulheres em paz,

independentemente do que elas queriam —, e Hubbard foi enviado para entrevistar o capitão de polícia encarregado. Não teria exigido muito, apenas alguma papelada perdida, ou uma sugestão implantada na cabeça do capitão de que a prova era insuficiente... mas a mente do homem era escorregadia, e Hubbard não conseguiu agarrá-la. Finalmente, o capitão McPherson, rosnando, chutou-o para fora. Tudo que Hubbard fez foi criar uma conexão entre si e o caso de Fabian, e talvez fazer as investigações irem ainda mais além.

Lorde Amon não aceitava bem as falhas. Suas punições podiam ser terríveis. Hubbard ensaiava mentalmente a própria defesa.

Então, uma mulher esguia e ruiva, usando um terninho Burberry de executiva, entrou na rua na frente de Hubbard, quase o atropelando, depois seguindo rapidamente rua acima, sem pedir desculpas. Levava uma pasta de couro e usava tênis. Um calçado mais aceitável saía furtivamente de uma bolsa a tiracolo.

A raiva tomou conta de Hubbard. Ele odiava grosseria.

Então um sorriso perverso surgiu em seu rosto. Estendeu a mente, tocando os pensamentos dela, sua consciência. Sentiu vulnerabilidade ali, uma brecha. O sorriso congelou em seu rosto quando invocou seu poder e atacou.

A mulher estremeceu quando ele tomou o controle de sua mente. A pasta caiu no chão. Ele a pegou e segurou o braço dela.

— Tome aqui — disse. — Você parece um pouco dispersa.

Ela piscou para ele.

— Quê? — Na mente dela, apenas confusão. Com gentileza, ele a acalmou.

— Meu apartamento é aqui perto, na 57th Street. Talvez você deva ir até lá e descansar.

— Apartamento? Quê?

Tranquilamente, ele assumiu o comando da mente da mulher e a conduziu rua acima. Era raro encontrar alguém tão maleável. Uma grande sensação de alegria brotou dentro dele.

Tempos atrás ele usava seus poderes apenas para levar alguém para a cama, ou talvez para ajudar a ganhar uma promoção ou duas no trabalho. Então, conheceu lorde Amon e descobriu *para que* realmente serviam seus poderes. Pediu as contas no emprego e vivia agora como um dependente da Ordem.

Ele ficaria na mente dela por poucas horas, pensou. Descobriria quem ela era, quais terrores secretos viviam dentro dela. Então realizaria esses terrores com ela, um atrás do outro, vivendo na mente da mulher e na dele, desfrutando do seu desgosto, da autodepreciação, enquanto ele a forçava a implorar, bem alto, por tudo que faria com ela. Acariciaria sua mente, aproveitaria da loucura crescente enquanto a fazia pedir cada humilhação, cada medo.

Essas foram apenas algumas das poucas coisas que aprendera observando lorde Amon. As coisas que o faziam ganhar vida.

Pelo menos por algumas horas, ele poderia submergir no medo de outra pessoa, e esquecer os próprios.

ATÉ A SEXTA GERAÇÃO

Walter Jon Williams

PARTE DOIS

Uma corrente de ar congelante tomou a cidade, vindo diretamente da Sibéria. Assolava os vãos entre os prédios, empurrando as tímidas decorações natalinas que a cidade montara, espalhando minúsculos pedaços de partículas radioativas russas nas ruas. Era o inverno mais frio em anos. O Enxame de Nova Jersey/Pensilvânia tivera seu fim oficialmente declarado dois dias antes, e os ases, fuzileiros e o Exército retornaram para uma parada na Quinta Avenida. Poucos dias depois, tropas americanas e todo tipo de ás que pudesse ser persuadido a juntar-se a elas estariam voando de norte a sul para lidar com invasões do Enxame na África, no Canadá e na América do Sul.

O androide enfiou um dedo recém-revestido de carne na fenda do telefone público e sentiu algo clicar. Era algo que só se podia entender fazendo. Ele discou um número.

— Olá, Cyndi. Como está a busca por trabalho?

— Mod! Ei... só queria dizer... ontem foi maravilhoso. Nunca pensei em estar em uma parada ao lado de um herói de guerra.

— Desculpe que tenha demorado tanto para eu ligar de volta.

— Acho que combater o Enxame era um tipo de prioridade. Não se preocupe. Você compensou o tempo perdido. — Ela riu. — A noite passada foi incrível.

— Ah, não. — O androide estava recebendo outra chamada da polícia. — Sinto que vou ter que ir.

— Não estão invadindo de novo, estão?

— Não. Acho que não. Ligo para você, o.k.?

— Vou esperar.

Algo que lembrava uma massa gelatinosa verde-mucosa irrompeu de um buraco nas ruas do Bairro dos Curingas, um broto do Enxame que tinha escapado do confronto diante do rio Hudson. O broto conseguiu devorar dois fregueses natalinos e um vendedor de pretzel antes de ligarem para a emergência e os rádios da polícia começarem a tocar.

O androide chegou primeiro. Quando mergulhou no cânion urbano, viu algo que parecia uma tigela de gelatina de dez metros de largura que havia ficado no refrigerador tempo demais. Na gelatina estavam as frutas escuras que eram as vítimas, sendo lentamente digeridas.

O androide pairou sobre a criatura e começou a disparar o laser, tentando evitar as frutas na esperança de que pudessem ser reavivadas. A gelatina começou a ferver onde os raios silenciosos e invisíveis a atingiam. O broto fez um esforço inútil de alcançar seu inimigo voador com um pseudópodo. A criatura começou a rolar na direção de um beco, buscando fugir. Estava faminta ou era estúpida demais para abandonar a comida e procurar abrigo nos esgotos.

A criatura espremeu-se no beco e correu os fundos dele. O androide continuou a disparar. Pedacos eram chamuscados e a

coisa parecia perder energia rapidamente. Modular olhou para a frente e viu uma figura curvada adiante no beco.

A figura era uma mulher branca, vestida com camadas de roupas, todas esfarrapadas, todas sujas. Um chapéu de feltro frouxo estava enfiado sobre um antigo gorro da Marinha. Algumas sacolas de compras caíram de seus braços. Cabelos grisalhos embaraçados pendiam da testa. Ela estava revirando uma caçamba de lixo, jogando jornais amassados sobre os ombros. Modular aumentou a velocidade, lançando tiros direcionados por radar sobre os ombros enquanto voava rapidamente através do ar frio. Desceu na calçada em frente à caçamba, os joelhos amortecendo o impacto.

— Então, eu falei pra Maxine, falei... — a senhora dizia.

— Com a sua licença — disse o androide. Ele agarrou a mulher e voou ligeiro. Atrás dele, murchando sob a chuva de micro-ondas coesas, o broto do Enxame começou a evaporar.

— Maxine fala “Minha mãe quebrou o quadril de manhã, você não vai acreditar...” — A senhora debatia-se contra ele enquanto continuava o monólogo. Ele aguentou sem reclamar uma cotovelada no maxilar e flutuou para uma aterrissagem no telhado seguinte. Deixou a passageira. Ela virou para ele, corada de raiva.

— Tudo bem, babaca — disse ela. — Hora de ver o que a Hildy tem na bolsa.

— Mais tarde eu desço a senhora — disse Modular. Ele já estava se virando para perseguir a criatura quando, de canto de olho, viu a senhora abrir a bolsa.

Havia algo preto lá dentro. O objeto estava ficando maior.

O androide tentou se mover, fugir voando. Algo o segurava e o impedia de escapar.

Fosse lá o que houvesse na sacola de compras, estava aumentando. Crescia com grande rapidez. Fosse lá o que segurasse o androide, puxava-o na direção da sacola de compras.

— Pare — disse ele, apenas. A coisa não parava. O androide tentou lutar contra ela, mas as descargas de laser lhe custaram muita energia, e parecia não lhe ter sobrado forças.

A escuridão cresceu até envolvê-lo. Ele sentiu como se estivesse caindo. Então, não sentiu mais nada.

Os ases de Nova York, respondendo à emergência, finalmente dominaram o broto do Enxame. O que restou dele, borbulhas verde-escuras, congelou-se em pedaços de gelo sujo. Suas vítimas, parcialmente comidas, foram identificadas pelos cartões de crédito não digeríveis e carteiras de identidade plastificadas que carregavam.

Ao cair da noite, os habitantes calejados do Bairro dos Curingas estavam chamando a criatura de o Incrível e Colossal Monstro de Meleca. Nenhum deles percebeu quando a mendiga desceu a escada de incêndio e vagou pelas ruas congelantes.

O androide acordou em uma caçamba em um beco atrás da 52nd Street. As verificações internas indicaram danos: o laser de micro-ondas havia sido curvado em uma onda senoidal, o monitor de fluxo estava quebrado, o módulo de voo ficou retorcido como se fosse pelas mãos de um gigante. Ele lançou a tampa da caçamba para trás com um estrondo. Cuidadosamente, olhou em volta no beco.

Ninguém à vista.

O deus Amon brilhava na mente de Hubbard. Os olhos de carneiro cintilavam com ódio, e o deus segurava a cruz ansata e o bastão com os pulsos cerrados.

— TIAMAT foi derrotado — disse ele. Hubbard recuou com a força da raiva de Amon. — O dispositivo Shakti não foi preparado a tempo.

Hubbard encolheu os ombros.

— A derrota foi temporária — disse ele. — A Irmã Obscura voltará. Ela pode estar em qualquer ponto do sistema solar... os militares não têm como encontrá-la ou identificá-la. Não vivemos em segredo todos esses séculos apenas para sermos derrotados agora.

O apartamento estava até bem-arrumado, se comparado ao caos anterior. As notas de Travnicek foram reunidas com esmero e classificadas, ao máximo possível, por assunto. Travnicek começou folheando-as. Eram difíceis de entender.

— Então — disse ele. Sua respiração congelava na frente do rosto e condensava-se nos óculos de leitura. Ele os tirou. — Você foi deslocado espacialmente cerca de cinquenta quarteirões e uma hora à frente no tempo, certo?

— Aparentemente, sim. Quando saí da caçamba, descobri que a luta no Bairro dos Curingas havia acabado quase uma hora antes. A comparação com meu relógio interno mostrou uma discrepância de setenta e dois minutos e 15,333 segundos.

O androide havia aberto o peito e substituído alguns componentes. Não tinha como recuperar o laser, mas restituiu sua habilidade de voo e conseguiu improvisar um monitor de fluxo.

— Interessante. Você diz que a mendiga não parecia estar trabalhando com a tal bolha...

— Parece ter sido uma coincidência estarem na mesma rua. O monólogo dela não parecia ser estritamente racional. Não acho que seja mentalmente sã.

Travnicek virou o controle de aquecimento na roupa de paraquedista. A temperatura havia caído sete graus em duas horas e o gelo se formava nas claraboias do apartamento no meio da tarde. Travnicek acendeu um cigarro russo, ligou o fogão de uma boca para esquentar água para o café, e então enfiou as mãos nos bolsos quentinhos da roupa.

— Quero ver sua memória — disse. — Abra o peito.

Modular obedeceu. Travnicek tirou um par de cabos de um minicomputador encaixado sob uma série de equipamentos de vídeo e ligou-os aos soquetes no peito do androide, próximo de seu cérebro eletrônico blindado.

— Faça o backup da memória no computador — disse. Efeitos tremeluzentes do gerador de fluxo brilharam nos olhos atentos de Travnicek. O computador sinalizou quando a tarefa foi concluída. — Pode fechar — ordenou Travnicek. Enquanto o androide removia os fios e fechava o peito, Travnicek ligou o vídeo, então apertou botões nos controles. Uma imagem em vídeo começou a correr ao contrário.

Ele chegou ao ponto onde a mendiga apareceu e passou a imagem diversas vezes. Foi até um terminal de computador e digitou instruções. A imagem do rosto da mendiga preencheu a tela. O androide olhou o rosto marcado e sujo da mulher, seus cabelos desganhados, as roupas rasgadas e esfarrapadas. Pela primeira

vez percebeu que lhe faltavam alguns dentes. Travnicek levantou-se, foi até o quarto nos fundos do apartamento e voltou com uma câmera Polaroid surrada. Usou as três fotos remanescentes e deu uma à sua criação.

— Aqui. Você pode mostrá-la para as pessoas. Pergunte se a viram.

— Sim, senhor.

Travnicek pegou um alfinete e afixou as outras duas fotos nas colunas baixas do teto.

— Quero que descubra onde a mendiga está e pegue o que está na bolsa dela. E quero que descubra onde ela achou. — Ele balançou a cabeça, jogando cinzas de cigarro no chão, e murmurou: — Não acho que ela tenha inventado isso. Acho que encontrou essa coisa em algum lugar.

— Senhor? O Enxame? Combinamos que eu partiria para o Peru em dois dias.

— Fodam-se os militares — Travnicek retrucou. — Não pagaram um centavo pelos nossos serviços. Nada além de um desfile ridículo, e nem foram os militares que pagaram por isso, e sim a prefeitura. Vamos deixá-los ver como é fácil combater o Enxame sem você. Então, talvez, sejamos levados a sério.

A verdade era que Travnicek não estava nem próximo de ser capaz de reconstruir sua obra. Levaria semanas, talvez até meses. Os militares exigiam garantias, planos, saber quem ele era. O problema da mendiga era mais interessante, de qualquer forma. Ele começou a repassar casualmente a memória do androide.

Modular retraiu-se nas profundezas de sua mente computadorizada. Começou a falar com rapidez, esperando distrair

seu inventor das imagens.

— No que diz respeito à mendiga, eu poderia tentar os centros de refugiados, mas poderia levar um tempo. Meus arquivos me dizem que existem em geral vinte mil sem-teto em Nova York, e agora existe um número incontável de refugiados de Jersey...

— Puta merda! — exclamou Travnicek em alemão. O androide sentiu um novo desconforto. Travnicek olhou para a televisão, surpreso.

— Você está pegando aquela atriz! — disse ele. — Aquela Cyndi sei lá o quê!

O androide resignou-se ao que estava prestes a vir.

— Sim — disse ele.

— Você não passa de uma porra de torradeira — disse Travnicek.
— O que fez você pensar que poderia foder?

— Você me deu o equipamento — o androide disse. — E implantou emoções em mim. Além disso, você me criou tendo uma boa aparência.

— Hum — Travnicek olhou de Modular para o vídeo e de volta para ele. — Te dei o equipamento para que pudesse se passar por humano se precisasse. E dei emoções para que pudesse entender os inimigos da sociedade. Não achei que você *faria* qualquer coisa.
— Ele jogou a ponta de cigarro no chão. Um olhar malicioso cruzou seu rosto.

— Foi bom? — ele perguntou.

— Foi agradável, sim.

— Sua amiguinha loira parece ter gostado bastante — Travnicek riu, cacarejando, e pôs as mãos no controle. — Quero começar essa festa do início.

— Não quer olhar para a mendiga novamente?

— Vamos às prioridades. Pega uma cerveja para mim. — Ele olhou para cima, como se um pensamento lhe ocorresse. — Temos pipoca em casa?

— Não! — O androide lançou a resposta abrupta sobre o ombro.

Modular trouxe a cerveja e observou enquanto Travnicek tomava o primeiro gole. O tcheco ergueu os olhos, incomodado.

— Não gosto do jeito que você está olhando para mim — disse ele.

O androide refletiu sobre isso.

— Prefere que olhe de outro jeito? — perguntou.

Travnicek ficou vermelho.

— Vai para aquele canto, forno de micro-ondas garanhão! Vire a cabeça para lá, videocassete tarado!

Pelo resto da tarde, enquanto sua criação estava em pé em um canto do apartamento, Travnicek assistiu ao vídeo. Ele se divertiu imensamente. Assistiu às melhores partes diversas vezes, gargalhando com o que via. Então, aos poucos, suas gargalhadas diminuíram. Uma sensação fria, incerta, subiu por trás de seu pescoço. Começou a lançar olhares para a figura impassível do androide. Desligou o vídeo, deixou cair a ponta do cigarro na garrafa de cerveja, e então acendeu outro.

O androide estava mostrando um nível surpreendente de independência. Travnicek analisou os elementos de sua programação, concentrando-se no arquivo ETCETERA. O abstrato da emoção humana de Travnicek foi compilado de uma variedade de fontes de especialistas que se estendiam de Freud ao Dr. Spock. Foi um desafio intelectual para Travnicek fazer a programação —

transformar as irracionalidades do comportamento humano na retórica fria de um programa. Realizou a tarefa durante o segundo ano na A&M do Texas, quando mal saiu do quarto durante o ano inteiro e sabia que precisava se impor uma tarefa imensa de modo a não enlouquecer com o ambiente lunático da universidade, que parecia ser fruto das maiores fantasias imaginadas por Stonewall Jackson e Albert Speer. Não teria ficado na A&M por dez minutos se soubesse do erro que seria — os estudantes de cabeça raspada com seus uniformes, botas e sabres lembravam muito a ss que quase o matara quando estava embaixo dos corpos de sua família em Lídice, sem mencionar as forças de segurança soviéticas e tchecas que vieram depois dos alemães. Travnicek sabia que para sobreviver no Texas precisaria encontrar algo imenso para se concentrar e não permitir que suas memórias o engolissem vivo.

Ele nunca se interessou particularmente por psicologia humana — paixão, decidira havia muito, não era apenas bobagem, mas genuinamente enfadonha, perda de tempo. No entanto, colocar paixão em um programa, isso sim era interessante.

Mal conseguia se lembrar daquele período. Quantos meses gastou no transe criativo, um canal para o próprio espírito mais profundo? O que forjou durante esse tempo? Que diabos *havia* no ETCETERA?

Por um momento, um calafrio de medo percorreu o corpo de Travnicek. O fantasma da criação de Victor Frankenstein avultou-se por instantes em sua mente. Seria possível uma rebelião por parte do androide? Paixões hostis poderiam desdobrar-se contra o criador? Mas não, havia imperativos predominantes que Travnicek inscrevera no sistema. Modular não poderia se desviar de suas

diretivas primárias enquanto sua consciência computadorizada estivesse fisicamente intacta, assim como um ser humano não poderia, desassistido, evoluir sua constituição genética em uma única vida.

Travnicek começou a se sentir mais tranquilo. Olhou para o androide com uma espécie de admiração. Sentiu orgulho em ter programado um pupilo que aprendia tão rápido.

— Você não é ruim, torradeira — disse ele, finalmente, desligando o vídeo. — Lembra a mim mesmo nos velhos tempos. — Ele levantou um dedo acusatório. — Mas nada de sexo hoje à noite. Vá encontrar a mendiga.

A voz de Modular saiu abafada, pois estava de frente para a parede.

— Sim, senhor — disse ele.

Néon lançou seu brilho sobre as respirações congeladas dos integrantes da gangue de comuns que estava na frente da placa em tons pastel que indicava o Run Run Club. O detetive John F. X. Black, dirigindo sua viatura sem identificação e esperando o sinal abrir para virar na Schiff Parkway, automaticamente correu os olhos pela multidão, registrando rostos, nomes, possibilidades... Acabara de encerrar o expediente e saiu com um carro sem identificação, pois deveria passar o dia seguinte congelando o traseiro em um plantão, o que na TV era chamado de vigilância policial. Ricky Santillanes, ladrão de meia-tigela solto com fiança desde o dia anterior, sorriu para Black com uma boca cheia de dentes cobertos de aço e mostrou o dedo para o detetive. *Deixa ele curtir*, Black

pensou. As gangues de comuns levavam uma surra dos Príncipes Demoníacos do Bairro dos Curingas toda vez que se encontravam.

Black viu em um pôster que a banda que tocava naquela noite se chamava Mãe do Enxame — ninguém podia dizer que os grupos hardcore eram lentos na percepção do *zeitgeist*. Foi puro acaso que Black estivesse olhando o pôster no momento em que o policial Frank Carroll surgiu cambaleando na luz. Carroll parecia maluco — estava com o quepe na mão, cabelo bagunçado e o sobretudo respingado com algo que reluzia em um amarelo-brilhante sob a placa reflexiva. Parecia estar a caminho da delegacia a poucos quarteirões dali. Os comuns riram quando passaram por ele. Black sabia que o setor atribuído a Carroll estava a quarteirões de distância e não o traria nem próximo daquela esquina.

Carroll estava na corporação havia dois anos, entrara assim que acabou a escola. Era um homem branco com cabelos ruivo-escuros, um bigode aparado, constituição média levemente corpulenta por uma musculação irregular. Parecia levar a sério o trabalho na polícia, era diligente e metódico, e fazia muita hora extra desnecessária. Black o definia como dedicado, mas sem imaginação. Não era do tipo que perambulava por aí com olhos arregalados à meia-noite em uma noite de inverno.

Black abriu a porta, levantou-se e chamou Carroll. O policial virou-se, olhando de forma desvairada, e então uma expressão de alívio surgiu em seu rosto. Correu para o carro de Black e abriu a porta do passageiro assim que foi destrancada.

— Jesus Cristo! — Carroll disse. — Acabei de ser lançado em um monte de lixo por uma mendiga.

Black riu por dentro. O sinal mudou, e ele fez a volta.

— Ela te pegou de surpresa? — perguntou.

— Com certeza. Estava num beco no fim da Forsyth. Tinha uma caixinha de fósforo e um monte de papel embolado, e estava tentando botar fogo em uma caçamba inteira para se aquecer. Disse para ela parar e tentei fazê-la entrar na viatura para levá-la ao abrigo perto do Rutger Park. E, então, *pá!* A bolsa me pegou. — Ele olhou para Black e mordeu o lábio. — Acha que ela pode ser algum curinga, TN?

“TN” era tenente no Departamento de Polícia de Nova York.

— Como assim? Ela bateu em você com a bolsa, certo?

— Não. A bolsa... — O olhar desvairado estava novamente no rosto de Carroll. — A bolsa me comeu, TN. Algo me puxou para dentro da bolsa e me engoliu. Era... — Ele buscava as palavras. — Sem dúvida, paranormal. — Ele olhou para o uniforme. — Olha isto aqui, TN. — Seu distintivo tinha sido retorcido de uma maneira estranha, como um relógio em uma pintura de Dalí. Assim como dois dos botões. Ele os tocava com uma espécie de assombro.

Black entrou em uma zona de carga e puxou o freio de mão.

— Me conte mais sobre isso.

Carroll parecia confuso. Esfregou a testa.

— Senti algo me agarrar, TN. E então... fui sugado direto para a bolsa. Vi a bolsa ficando cada vez maior e... a próxima coisa que sei é que estava nesse monte de lixo em Ludlow, a norte de Stanton. Estava indo para a delegacia quando você me parou.

— Você foi teletransportado da Forsyth para a Ludlow, a norte da Stanton.

— Teletransportado. Isso aí, essa é a palavra. — Carrol parecia aliviado. — Então você acredita em mim. Meu Deus, TN, tinha

certeza de que ia tomar uma advertência por isso.

— Estou há muito tempo no Bairro dos Curingas, vi um monte de coisas estranhas. — Black deu partida no carro novamente. — Vamos achar a tal mendiga — disse ele. — Isso foi há poucos minutos, certo?

— Sim. E minha viatura ainda está lá. Merda. Os curingas provavelmente já a depenaram.

O brilho da caçamba em chamas, laranja nas paredes de tijolos do beco, era visível da Forsyth. Black parou em uma zona de embarque.

— Vamos a pé.

— Não é melhor ligarmos para os bombeiros?

— Ainda não. Pode não ser seguro para eles.

Com Black na frente, caminharam até o fim do beco. A caçamba queimava, as chamas subindo a quase cinco metros no meio de uma nuvem de cinzas pairando. A viatura de Carroll estava intacta, como se por mágica, mesmo com a porta traseira aberta. Em pé, na frente da caçamba, trocando o peso do corpo de um pé para o outro, estava uma mulher branca e pequena com bolsas de compras recheadas em cada mão. Vestia diversas camadas de roupas maltrapilhas. Parecia estar murmurando consigo mesma.

— É ela, tenente!

Black observou a mulher e não disse nada. Ele se perguntava como abordá-la.

As chamas subiam ainda mais, estalando, e de repente luzes estranhas e piscantes, como fogo de santelmo, planaram em círculos em volta da mulher e de suas bolsas. Então algo em uma das bolsas pareceu se erguer, uma sombra escura, e o fogo curvou-

se como a chama de uma vela ao vento forte, e foi sugado pela bolsa. Em um instante, fogo e sombra desapareceram. As estranhas luzes coloridas se mexiam gentilmente sobre a figura da mulher. Cinzas oleosas caíam na calçada.

— Puta merda — murmurou Carroll. Black tomou uma decisão. Fuçou no bolso e pegou a carteira e as chaves de sua unidade sem identificação. Deu uma nota de dez para Carroll.

— Pegue minha viatura. Vá até o Burger King na West Broadway e compre dois hambúrgueres duplos, duas batatas grandes e um café grande para viagem.

Carroll ficou olhando para ele.

— Normal ou forte, TN?

— Vai logo! — Black ralhou. Carroll saiu depressa.

Atrair a mulher da bolsa para a viatura sem identificação de Black custou os dois hambúrgueres, o café e um pacote de fritas. Ele pensou que ela provavelmente não entraria em um carro azul e branco como o de Carroll. Ele fez o rapaz trancar o casaco do uniforme e a arma no porta-malas para não alarmar a mulher, e Carroll tremia quando se sentou no banco do passageiro.

No banco de trás, a mulher estava murmurando para si mesma e devorando as batatas. Seu cheiro era terrível.

— Para onde agora? — Carroll perguntou. — Um dos centros de refugiados? A clínica?

Black deu partida no carro.

— Algum lugar especial. Na parte alta. Existem coisas sobre essa mulher que você não sabe.

Carroll direcionou a maior parte de sua energia em ficar tremendo enquanto Black saía a toda a velocidade do Bairro dos Curingas. A mendiga dormiu no banco de trás. Seu ronco assobiava por entre os dentes faltantes. Black parou na frente de um prédio com fachada de arenito pardo na East 57th.

— Espere aqui — disse. Desceu as escadas até a entrada de um apartamento de porão e apertou a campainha. Uma guirlanda natalina de plástico estava pendurada na porta. Alguém olhou pelo olho mágico, e a porta se abriu em seguida.

— Não estava esperando você — disse Coleman Hubbard.

— Tenho alguém com... poderes... no banco de trás. Ela não está em sã consciência. Pensei que poderíamos colocá-la no quarto dos fundos. E tem um policial comigo que não pode saber o que está acontecendo.

Hubbard deu uma olhada na direção do carro.

— O que você disse a ele?

— Disse para ficar no carro. É um bom garoto, e é isso que vai fazer.

— Tudo bem. Vou pegar um casaco.

Enquanto Carroll observava com curiosidade, Hubbard e Black atraíram a mendiga para o apartamento, usando como isca a comida de sua geladeira. Black perguntou-se o que Carroll diria se pudesse ver a decoração no apartamento especial trancado ao lado, o quarto escuro à prova de som, com velas, altar, o pentagrama pintado no chão, as calhas de liga embutidas, as correntes brilhantes fixadas a ganchos... Não era tão elaborado quanto o templo que a Ordem tinha no centro, antes da explosão, mas de

qualquer forma era apenas uma sede temporária, até o novo templo na cidade alta ser terminado.

No apartamento de Hubbard havia dois quartos prontos para hóspedes, e a mendiga foi colocada em um deles.

— Ponha um cadeado na porta — Black disse. — E chame o Astrônomo.

— Lorde Amon já chamou — comentou Hubbard, e deu um tapinha na própria cabeça.

Black voltou ao carro e seguiu novamente para o Bairro dos Curingas.

— Vamos pegar a sua viatura. Então, seguimos para a delegacia para que você faça o seu relatório.

Carroll olhou para ele.

— Quem era aquele cara, tenente?

— Um especialista em doenças mentais e curingas.

— Aquela senhora pode machucá-lo.

— Ele estará mais seguro que nós dois.

Black parou na frente da viatura de Carroll, saiu e abriu o portamalas, tirando o casaco e o quepe, e passou-os para o jovem policial. Então pegou uma flauta — o que era conhecido no Departamento de Polícia de Nova York como uma garrafa inocente de refrigerante cheia de bebida alcoólica — que planejava usar para se manter aquecido durante o plantão do dia seguinte. Ofereceu a flauta para Carroll. O patrulheiro, agradecido, aceitou a garrafa. Black esticou a mão até o coldre do rapaz.

— Foi sorte encontrar você, Lou.

— Sim, foi mesmo.

Black atirou quatro vezes no peito de Carroll com a arma dele, então, após o policial estar caído, deu mais dois tiros na cabeça. Limpou as impressões digitais da arma e jogou-a no chão, pegou a garrafa de Coca-Cola e voltou para o carro. Talvez, com o rumo derramado, achassem que Carroll interpelou um bêbado, que tomou a arma do policial e o matou.

O carro cheirava a cheeseburger. Black lembrou que não havia jantado.

A mendiga ignorou a cama e foi dormir em um canto do quarto. As bolsas estavam empilhadas à frente e em cima dela como uma fortaleza. Hubbard estava sentado em um banco, observando-a com intensidade. Seu sorriso perverso havia congelado em uma paródia desagradável de si mesmo. A dor pulsava no seu cérebro. O esforço de ler a mente da mulher estava sendo penoso.

Não dá para voltar atrás, ele pensou. Tinha que ir até o fim. Seu fracasso com o capitão McPherson lhe custou a estima da Ordem e de Amon; e quando Black surgiu com a mendiga, Hubbard percebeu que aquela era a chance de reaver seu lugar. Hubbard mentiu para Black quando disse ao detetive que tinha alertado Amon.

Havia poder ali. Talvez o suficiente para fornecer energia ao dispositivo Shakti. E, se o dispositivo Shakti fosse energizado pela coisa na sacola, então Amon não seria mais necessário.

A coisa na sacola podia engolir pessoas, Hubbard sabia disso. Talvez pudesse até comer Amon. Hubbard pensou no incêndio no velho templo; Amon andando a passos largos pelas chamas com os discípulos nas costas, ignorando os pedidos de ajuda dele.

Sim, Hubbard pensou. *Valeria o risco.*

O detetive Harry Matthias, conhecido na Ordem como Judas, estava sentado na cama, o queixo apoiado nas mãos. Ele deu de ombros.

— Ela não é um ás. Nem aquilo que está na bolsa.

Hubbard falou mentalmente para ele. *Sinto duas mentes. Uma é a dela — é tumultuada. Não consigo tocá-la. A outra está na bolsa — está em contato com ela, de alguma forma... existe uma ligação empática. A outra mente também parece estar danificada. Como se estivesse adaptada a ela.*

Judas levantou-se. A raiva o deixava corado.

— Por que, em nome de Deus, não pegamos a maldita bolsa e pronto?

Ele foi até a mendiga com as mãos fechadas.

Hubbard sentiu um estalo elétrico de consciência na mente. A mendiga acordou. Por meio do seu elo mental com Judas, sentiu o homem hesitar com a malevolência súbita nos olhos da velha. Judas alcançou a bolsa.

A bolsa alcançou Judas.

Uma escuridão mais rápida que o pensamento cresceu no quarto. Judas desapareceu nela. Hubbard encarava o espaço vazio. Na sua mente, a loucura afiada da mulher dançava.

Judas tremia e seus lábios estavam azuis. Um enfeite de Natal estava pendurado em seu cabelo. Um pedaço de papelão grudado na sola do sapato. Fora transportado para uma caçamba na Christopher Street e deixou de existir por cerca de vinte minutos. Pegou um táxi de volta.

Poder, Hubbard pensou. *Poder incrível. De alguma maneira, a coisa na sacola distorce o espaço-tempo.*

— Por que no lixo? — Judas disse. — Por que pilhas de merda? E olhe só para a minha arma... — Ele viu o papelão e tentou arrancá-lo do sapato. Ele se descolou com um ruído grudento.

— Ela tem uma fixação com o lixo, eu acho — disse Hubbard. — E a coisa parece retorcer objetos inanimados. Consegui sentir que está quebrada; talvez haja um problema com ela.

Ele precisava descobrir alguma forma de dominar a mendiga. Esperar até ela dormir não deu em nada — ela acordou no primeiro movimento ameaçador de Judas. Ele imaginou vagamente um gás venenoso, e então foi acometido por uma ideia.

— Você tem acesso a uma arma de tranquilizantes na delegacia? Judas balançou a cabeça.

— Não. Acho que talvez os bombeiros tenham alguma para quando precisam lidar com animais fugitivos.

A ideia cristalizou-se na mente de Hubbard.

— Quero que você e Black roubem uma para mim.

Ele faria com que Black atirasse — se a coisa na sacola retaliasse, atacaria o detetive. E, então, com a mendiga dormindo, Hubbard pegaria o dispositivo...

Aí seria o momento de Hubbard. Poderia usar todo o tempo necessário, brincando com a mente da mendiga, e ela teria consciência o suficiente no cérebro para saber o que estava acontecendo com ela. Ah, sim.

Poderia testar o poder do dispositivo capturado nas pessoas que ele agarrasse na rua. E, depois disso, talvez fosse a vez de Amon.

Lambeu os lábios. Mal podia esperar.

As legiões da noite pareciam infinitas em quantidade. O conhecimento abstrato que o androide tinha da classe baixa de Nova York, o fato de que havia milhares de pessoas que perambulavam entre as torres de vidro e fachadas sólidas de arenito em uma existência quase tão remota para os habitantes dos prédios quanto aquela dos alienígenas de Marte... Os fatos abstratos digitalizados não eram, de forma alguma, adequados para descrever a realidade, os aglomerados de homens que dividiam garrafas em torno de fogos em latas de lixo, os sem-teto cujos olhos refletiam luzes cintilantes de Natal, enquanto viviam atrás de paredes de papelão, os insanos que se abraçavam em becos ou entradas de metrô, entoando a litania dos loucos. Era como se um feitiço maligno tivesse caído sobre a cidade, que fizera parte da população ser exposta à guerra ou à devastação, tornado refugiados sem-teto, enquanto os outros foram encantados para que não os enxergassem mais.

O androide encontrou dois mortos, o resto de seu calor saindo deles. Ele os deixou em seus caixões de jornal e prosseguiu. Encontrou outros que estavam morrendo ou doentes e os levou para o hospital. Outros fugiram dele. Alguns fingiam olhar para a foto da mendiga, levantando a Polaroid para ver a imagem contra a luz do fogo na lata de lixo, e então pediam dinheiro em troca de relatar terem visto algo que era obviamente falso.

A tarefa, ele pensou, era quase inútil.

Seguiu em frente.

Black e Hubbard esperaram fora do quarto trancado da mendiga. Black estava tomando sua flauta de rum e Coca-Cola.

— Sonhos, cara. Sonhos incríveis. Jesus. Monstros como você não acreditaria... corpos de leão, rostos humanos, asas de águia, todo tipo de coisa que possa imaginar... e todos estavam famintos, e todos queriam me devorar. E, então, havia aquela coisa gigante atrás deles, como uma sombra, e daí... Caramba. — Ele abriu um sorriso nervoso e limpou o suor da testa. — Lembrar disso ainda me deixa tenso. E daí percebi que todos os monstros estavam de alguma forma *conectados*, que eram todos uma *parte* daquela coisa. Era nessa parte que eu acordava gritando. Acontecia sem parar. Estava quase pedindo para ir ver os psicólogos do departamento.

— Sua mente de sonhos tocou TIAMAT.

— Sim. É o que Matthias... Judas... me disse quando me recrutou. De alguma forma, ele sentiu TIAMAT chegando em mim.

Hubbard deu seu sorriso torto. Black ainda não sabia que o Espectro entrava na sua mente todas as noites, implantando sonhos, fazendo-o acordar gritando noite após noite, e levou-o à beira de uma psicose, de forma que, quando Judas explicasse a ele o que estava acontecendo e como a Ordem poderia fazer os sonhos desaparecerem, os maçons pareceriam a única resposta possível. Tudo porque a Ordem precisava de alguém de posto mais alto que o de Matthias no Departamento de Polícia de Nova York, e Black era um policial corajoso, com toda possibilidade de ascensão na carreira...

— E então fui vetado. — O detetive balançou a cabeça. — Balsam e os outros, maçons da velha guarda, não queriam um cara que tivesse criação católica. Filhos da mãe. E TIAMAT já estava a caminho. Ainda não consigo acreditar.

— Imagino que ter sido nomeado em homenagem a Francisco Xavier não ajudou.

— Ao menos nunca descobriram que minha irmã é freira. Isso teria acabado comigo de vez. — Ele terminou a flauta e caminhou na direção da sala de estar para jogar a garrafa no lixo. — E eu consegui na segunda tentativa.

Você nunca saberá por que, pensou Hubbard. Você nunca saberá que Amon estava usando sua entrada como membro como uma ferramenta contra Balsam, que ele queria o ex-Mestre, com seus preconceitos irracionais e mentalidade antiga e estupidez mística, totalmente fora do caminho. Como usou a decisão contra Black para convencer Kim Toy, Vermelho e o Espectro de que Balsam precisava sair. E então houve o incêndio no velho templo, de alguma forma orquestrado por Amon, e Amon salvou os seus das chamas, e Balsam e todos os seus seguidores morreram.

Hubbard lembrou-se da explosão, do incêndio, da dor, do jeito que sua carne enegreceu na chama de maçarico. Ele gritou por ajuda, vendo a figura astral gigante de Amon liderando os próprios discípulos para fora, e se Kim Toy não tivesse insistido em voltar para buscá-lo, teria morrido naquele momento. Amon não confiava plenamente nele, não naquela época. Hubbard tinha acabado de entrar na Ordem, e Amon não tivera a chance de brincar com ele ainda, de entrar em seu cérebro e fazê-lo se retorcer, fazer jogos mentais infinitos e torcê-lo em nós com uma longa série de humilhações... *Sim, pensou, assim é Amon. Eu sei, porque também sou assim.*

Bateram à porta. Hubbard abriu a passagem para Judas, que trazia a arma tranquilizadora roubada em sua caixa de metal

vermelha com os adesivos APENAS PARA USO OFICIAL.

— Ufa. Que saco. Pensei que o capitão McPherson nunca me deixaria sair.

Black e ele tiraram a grande pistola de ar preta da caixa, colocando em seguida um dardo na câmara.

— Isso deve apagá-la por horas — Black disse, confiante. — Vou dar um pouco de comida, então acertá-la da porta quando estiver comendo.

Ele prendeu a pistola na parte de trás do cós da calça, pegou um pedaço de pizza fria do refrigerador e caminhou até a porta do quarto da mendiga. Destrancou o cadeado pesado e, cuidadosamente, abriu a porta. Hubbard e Matthias, de forma inconsciente, deram um passo para trás, meio que esperando Black desaparecer em qualquer estranheza de espaço-tempo que habitava a bolsa... mas a expressão de Black mudou, ele enfiou a cabeça no quarto, olhou para a direita e para a esquerda. Quando voltou para o corredor, seu rosto demonstrava perplexidade.

— Ela sumiu — disse ele. — Não está em lugar nenhum do quarto.

Modular olhou para os drinques alinhados no bar diante dele. *Irish coffee*, martíni, margarita, *boilermaker*, conhaque Napoleon. Ele realmente queria experimentar esses novos gostos naquele momento e perguntou-se se ter suas peças esmagadas pela engenhoca da mendiga despertara nele um sentido de mortalidade.

— Estou começando a perceber — disse o androide, levando o *irish coffee* até os lábios — que meu criador é um sociopata sem cura.

Cyndi refletiu sobre aquilo.

— Se você não se importa com um pouco de teologia, acho que isso só te coloca no mesmo barco que todos nós.

— Ele está começando a... bem, deixa para lá. Mas acho que o homem é doente. — O androide limpou o creme do lábio superior.

— Você podia fugir. Pelo que eu sei, escravidão é ilegal. Imagino que ele não te pague nem um salário mínimo.

— Não sou uma pessoa. Não sou humano. Máquinas não têm direitos.

— Isso não quer dizer que precisa fazer tudo que ele diz, Modular. O androide balançou a cabeça.

— Não vai funcionar. Tenho inibições estruturais contra desobediência a ele, desobediência a instruções ou revelação da identidade dele.

Cyndi pareceu surpreendida.

— Ele é meticoloso, preciso admitir isso. — Ela olhou para Modular cuidadosamente. — Por que ele te construiu?

— Ia me produzir em massa e vender para os militares. Mas acho que está se divertindo tanto brincando comigo que pode chegar a nunca vender meus direitos para o Pentágono.

— Eu agradeceria, se fosse você.

— Eu não sei. — O androide pegou outra bebida, então mostrou a Polaroid da mendiga para Cyndi. — Preciso encontrar esta pessoa.

— Parece uma mendiga.

— *É* uma mendiga.

Ela riu.

— Você não tem visto as notícias? Sabe quantos milhares de mulheres assim existem nesta cidade? Tem uma recessão

acontecendo lá fora. Bêbados, fugitivos, pessoas sem emprego ou sem sorte, pessoas que foram chutadas das instituições para doentes mentais por causa dos cortes no financiamento do Estado... Os abrigos dão preferência aos refugiados do Enxame e não aos sem-teto. Meu Deus... e ainda mais em uma noite como esta. Sabia que já é a noite de dezembro mais fria da história? Tiveram de abrir igrejas, delegacias... todo tipo de lugares para que os indigentes não morressem de frio. E muitos deles nem chegam a ir para um abrigo, porque estão assustados com as autoridades ou porque são loucos demais para perceber que vão poder ajudá-los. Não invejo você, Modular, não mesmo. As caçambas de lixo estarão cheias de cadáveres amanhã.

— Eu sei. Encontrei alguns.

— Se quiser encontrá-la antes de ela morrer congelada, tente as latas de lixo com fogueiras, e depois os abrigos. — Ela franziu a sobrancelha novamente para olhar a foto. — Por que quer encontrá-la?

— Acho... que ela pode ter testemunhado algo.

— Certo. Bem, boa sorte, então.

O androide olhou sobre o ombro para o deque de observação com sua camada brilhante de gelo. Além do parapeito, Manhattan cintilava friamente para ele, com uma claridade que não tinha visto antes, como se os prédios, as pessoas, as luzes, todos estivessem congelados dentro de um imenso cristal. Era como se a cidade estivesse tão longe quanto as estrelas, e como se fosse tão incapaz de dar calor quanto elas.

O androide teve um tremor puramente mental. Queria ficar ali, no aconchego do Aces High, experimentando os movimentos

perfeitamente abstratos — para ele — de levar uma bebida quente aos lábios. Havia algo reconfortante nisso, apesar da inutilidade lógica do ato. Não entendia completamente o impulso, apenas o sentia. Provavelmente a parte humana de sua programação.

Mas havia restrições impostas sobre seus desejos, e uma delas era a obediência. Poderia ficar no Aces High apenas se isso pudesse ajudá-lo na missão de encontrar a mendiga.

Terminou a fileira de bebidas e se despediu de Cyndi. A menos que um milagre acontecesse e encontrasse a mendiga logo, passaria o resto da noite nas ruas.

Quatro horas da manhã. O carro passou por um bueiro e café quente caiu na coxa de Coleman Hubbard. Ele ignorou. Levantou o grande copo de isopor do meio das pernas e bebeu apressadamente. Precisava ficar acordado.

Procurava pela mendiga, passando em cada abrigo, descendo cada rua escura, vasculhando com a mente, esperando encontrar o padrão de loucura e raiva que tinha visto no cérebro perturbado dela.

Vinha fazendo isso por boa parte das últimas vinte e quatro horas. O aquecedor no carro velho alugado já pifara. Seu corpo era uma massa de cãibras e o crânio latejava em um ritmo de bate-estaca lento. O fato de que Black e Judas estivessem congelando na mesma missão não era consolo algum.

Hubbard esmagou o copo de café entre as coxas, ligou a luz interna do carro e olhou para o papel com a lista de abrigos. Havia uma escola para meninas cheia de refugiados nas proximidades, e ele ainda não a havia rastreado.

Quando se aproximou do local, Hubbard começou a sentir uma familiaridade perturbadora, algo como um déjà-vu. A dor de cabeça pulsava em sua têmpora. O estômago embrulhou. Demorou alguns segundos até que ele reconhecesse a sensação.

Ela estava ali. A euforia o arrebatou. Ele desviou a mente dos padrões deturpados da cabeça da mendiga e a expandiu para onde Black patrulhava, a arma de dardo carregada no assento ao lado.

— *Rápido!* — gritou. — *Encontrei a mulher!*

Modular caminhava pelas longas fileiras, rastreando à esquerda e à direita. Oitocentos refugiados foram espremidos no ginásio da escola secundária. Havia catres para a metade, aparentemente trazidos de algum depósito da Guarda Nacional, e o restante dos refugiados dormia no chão. O grande salão ecoava o som de roncos, gritos e choros das crianças.

E ali estava ela. Caminhando entre as fileiras de catres, murmurando consigo mesma, arrastando as bolsas pesadas. Ela ergueu os olhos no mesmo momento em que o androide a viu, e houve um momento de reconhecimento mútuo, um sorriso de dentes corroídos, malevolente.

O androide levantou voo em um picossegundo de seu pensamento na velocidade da luz. Queria estar longe de qualquer inocente, se ela fosse soltar aquela coisa que tinha na bolsa. Mal tinha saído do chão antes de o campo de fluxo de força conectar-se, estalando em volta do seu corpo. A coisa na bolsa não conseguiria agarrar nada sólido.

O radar fez a busca, o lançador de granada de gás em seu ombro esquerdo zumbiu enquanto mirava. Seu ombro absorveu o tranco. A

granada tomou substância assim que saiu do campo de fluxo, mas manteve a velocidade. O gás opaco cercou a mendiga.

Ela sorriu para si mesma. Uma escuridão estendeu-se ao redor dela, e o gás mergulhou no escuro, sugado pela bolsa como por uma calha.

Os refugiados foram tomados pelo pânico, acordados no meio da batalha.

A mendiga abriu a sacola de compras. O androide conseguiu ver a escuridão que havia lá dentro. Sentiu algo frio passar por ele, algo que tentava puxar sua forma insubstancial. As vigas de aço que sustentavam o teto tilintaram como sinos sobre a cabeça dele.

O sorriso perverso da mendiga desapareceu.

— Filho da puta — disse ela. — Você me lembra o Shaun.

Modular ergueu voo até se aproximar do teto. Mergulharia até ela, se solidificaria no último segundo, agarraria a bolsa e torceria para que ela não o engolissem.

A mendiga começou a esgarçar os dentes em um sorriso novamente. Quando o androide chegou ao ponto de mergulho logo acima dela, ela abriu a bolsa sobre a cabeça.

Ela foi engolida. Sua cabeça desapareceu dentro da sacola, seguida pelo restante do corpo. Suas mãos, agarradas nas bordas, puxaram a bolsa atrás dela para o vazio. A bolsa dobrou-se em si mesma e desapareceu.

— Não é possível — alguém disse.

O androide fez uma busca cuidadosa pela sala. A mendiga havia sumido.

Ignorando a perturbação crescente lá embaixo, alçou voo, atravessando o teto. As luzes frias de Manhattan surgiram ao seu

redor. Ele voou sozinho noite adentro.

Hubbard olhou por um longo tempo para o espaço onde a mendiga estivera. *Então, é assim que ela faz*, pensou.

Esfregou as mãos geladas e pensou nas ruas, as ruas com o frio sem-fim, as longas horas gélidas de sua busca. A mendiga podia estar em Jersey, por tudo que ele sabia.

Aquela seria uma longa noite.

— Mulherzinha maldita! — disse Travnicek. Sua mão, que segurava uma carta, tremia de ódio. — Estou sendo despejado! — Ele brandia a carta. — Perturbações! — murmurou. — Equipamento sem segurança! Sessenta dias, que merda! — Ele começou a pisotear com suas botas pesadas, tentando deliberadamente fazer trepidar o apartamento de baixo. Sua respiração congelava a cada palavra. — Aquela puta! — urrou. — Conheço o jogo dela! Queria apenas que eu desse um jeito no apartamento com o meu próprio dinheiro para depois me despejar e então cobrar um aluguel maior. Não gastei uma fortuna em melhorias para agora ela querer encontrar outro babaca. Algum burguês de merda.

Ele olhou para o androide que, pacientemente, esperava com um pacote de croissants e café.

— Quero que vá até o escritório dela hoje à noite e acabe com aquele lugar — disse Travnicek. — Não deixe nada intacto, nem um pedaço de papel, nem uma cadeira. Quero apenas móveis estraçalhados e confete. E quando ela estiver limpando o escritório, faça o mesmo com o apartamento.

— Sim, senhor — o androide disse, resignado.

— A porra do Lower East Side — Travnicek falou. — O que vai restar, se este bairro começar a se tornar babaca? Vou ter que me mudar para o Bairro dos Curingas para ter um pouco de paz. — Pegou o café da mão do androide, enquanto continuava a pisotear o chão de compensado.

Ele olhou sobre o ombro para sua criação.

— E você? — rugiu. — Está procurando pela mendiga ou o quê?

— Sim, senhor. Mas como o lançador de gás não funcionou, pensei em mudar para a luz ofuscante.

Travnicek pulou várias vezes. O som ecoava pelo apartamento.

— Como quiser. — Ele parou de pular e sorriu. — Tudo bem — disse ele. — Já sei o que vou fazer. Vou ligar os geradores *grandes*!

O androide pousou o saco de papel na bancada de trabalho, trocou as armas e voou silenciosamente até atravessar o teto. Lá fora, o vento frio continuava a maltratar a cidade, inundando os espaços entre os prédios altos, sacudindo as pessoas como juncos na água. A temperatura subira um pouco acima do congelamento, mas o vento frio deixava a sensação térmica abaixo de zero.

Mais pessoas, o androide sabia, morreriam.

— Ei — disse Cyndi. — Que tal fazermos uma pausa?

— Tudo bem.

Cyndi ergueu as mãos e segurou o rosto do androide.

— Todo esse esforço... Você não sua nem um pouco?

— Não. Só ligo minhas unidades de refrigeração.

— Incrível. — O androide deslizou para fora dela. — Transar com uma máquina — ela comenta, pensativa. — Sabe, eu teria achado que seria, no mínimo, um pouco bizarro. Mas não é.

— Legal da sua parte dizer isso. Eu acho.

Modular procurou pela mendiga durante quarenta e oito horas e concluiu que precisava de algum tempo para si. Justificou a pausa como necessária para o seu moral. Planejava mover o corpo da memória noturna de seu local sequencial para algum outro, e preencher o espaço vazio com uma reprise chata da patrulha da noite anterior atrás da mendiga. Com sorte, Travnicek apenas passaria rápido pela patrulha e não iria atrás da parte pornô da memória.

Ela se sentou na cama, esticando a mão para pegar algo no criado-mudo.

— Quer coca?

— Para mim é desperdício. Fique à vontade.

Ela ajustou o espelho cuidadosamente à sua frente e começou a alinhar o pó branco. O androide observou enquanto ela cheirava algumas carreiras e se recostava nos travesseiros com um sorriso. Depois olhou para ele e pegou sua mão.

— Você não precisa ficar tão neurótico com desempenho, sabe?

— disse ela. — Quer dizer, você podia ter gozado, se quisesse.

— Eu não gozo.

O olhar dela estava um pouco vidrado.

— Como assim? — ela perguntou.

— Eu não gozo. Orgasmo é uma complexa descarga aleatória de neurônios. Não tenho neurônios e nada que faço é aleatório. Não funcionaria.

— Puta merda. — Cyndi o encarou, atônita. — Então, como é?

— Agradável. De uma forma muito complexa.

Ela baixou a cabeça e refletiu sobre a frase por um momento.

— Acho que é assim mesmo — disse ela, cheirando outro par de carreiras e olhando para ele com animação. — Consegui um emprego. Por isso consegui pagar a coca. Um presente de Natal para mim mesma. — Ela sorriu.

— Parabéns.

— É na Califórnia. Um comercial. Eu vou ficar na mão desse gorila gigante, sabe, e ser resgatada pelo Bud Man. Sabe, o cara dos comerciais de cerveja. E, então, no final... — Ela revira os olhos. — No final ficamos todos felizes e bêbados, o Bud Man, o gorila e eu, e pergunto para o macaco como ele está, e o macaco *arrota*. — Ela franziu a sobancelha. — É meio nojento.

— Eu ia dizer isso.

— Mas também há um papel de participação especial no *Twenty-Dollar Hotel*. Vou ter um caso com um gângster ou algo assim. Meu agente não explicou direito. — Ela deu um risinho. — Pelo menos não há nenhum gorila gigante nesse. Um já foi o bastante.

— Vou sentir saudades — disse o androide. Ele não sabia bem como se sentia a respeito. Ou mesmo se o que sentia podia de qualquer forma ser descrito como *sentimento*. Cyndi pressentiu seus pensamentos.

— Você vai ter que salvar outras mulheres bacanas.

— Acho que sim. Mas nenhuma tão bacana quanto você.

Ela riu um pouco mais.

— Você é bom com as palavras.

— Obrigado.

Ela deu um tapinha em sua cúpula.

— Ainda vai demorar mais ou menos uma semana até eu ir embora. Podemos passar algum tempo juntos.

— Eu adoraria.

O androide estava pensando em seu anseio por experiências, na maneira estranha que seu trabalho tinha de fornecê-las, em como lhe parecia que a experiência fornecida não era suficiente, nunca seria o suficiente.

Os detectores infravermelhos ligavam e desligavam nos olhos plásticos do androide enquanto ele flutuava sobre a rua. Rajadas de vento tentavam lançá-lo na direção dos prédios. Exceto pelas poucas horas que passou com Cyndi, estava fazendo aquilo havia quatro dias sem parar.

Lá embaixo, na rua, alguém jogou um copo de isopor pela janela de um Dodge azul. Modular perguntou-se onde ele tinha visto aquela cena antes.

Interruptores macroatômicos realizaram um filtro superliminar silencioso de dados. E o androide percebeu que estava vendo aquele Dodge azul demais, e em muitos dos mesmos lugares em que ele estivera recentemente — centros de refugiados, abrigos, um patrulhamento incessante das ruas à meia-noite. O androide perguntou-se se o Dodge estaria procurando a mendiga. Decidiu manter o carro sob observação.

A busca do carro era mais lenta que a do androide — assim, Modular começou a cortar, buscando ruas à esquerda e à direita do carro, voltando ao Dodge de vez em quando. No centro do Exército da Salvação do Bairro dos Curingas, deu uma boa olhada no ocupante do Dodge — um homem branco de meia-idade, o rosto deformado exausto e perturbado. Memorizou a placa do carro e subiu novamente ao céu.

E, então, horas depois, lá estava a mulher — bem na frente do Dodge, aconchegada ao lado dos degraus de entrada de uma casa com as bolsas empilhadas sobre ela. O androide pousou no telhado e esperou. O Dodge estava reduzindo a velocidade.

— E Shaun diz para mim, ele diz, eu quero que você vá ao médico...

Hubbard encolheu-se em seu sobretudo. Parecia que o vento estava soprando através do seu corpo, entrando diretamente entre sua carne e seus ossos. Seus dentes batiam. Estava dirigindo pelo que parecia anos a fio, tendo mais uma vez aquela sensação terrível e nauseante de déjà-vu. Ele a encontrara novamente, escondida na entrada da casa de alguém, soterrada por sacolas de compras.

— Sua mãe não tem nenhum problema que uma dose de uísque irlandês não cure...

Black, eu a encontrei. Lower West Side.

A resposta de Black foi cínica. *Tem certeza de que nada vai dar errado desta vez?*

O robô não está aqui. Vou ficar fora de vista.

Dez minutos.

Traga comida, disse Hubbard. Vamos tentar pegá-la de surpresa.

— Vai se foder, Shaun, eu digo. Vai se foder. — A mendiga levantou-se em um pulo, sacudindo o punho para o céu.

Hubbard olhou para ela.

— Estou com você, minha senhora — ele murmurou. E, então, olhou para cima. — Ai, merda.

Modular flutuou para fora do telhado. Não conseguia saber se a mendiga estava gritando para ele ou para o céu de modo geral. O motorista do Dodge estava a muitas casas de distância, escondido atrás de outra escadaria. Não parecia que o homem pretendia fazer alguma coisa.

Pensou sobre o jeito como ela retorceu seus componentes, e na obliteração da existência que aconteceria se ela esmagasse seus geradores ou cérebro. As memórias surgiram em sua mente; o aroma do *single malt*, o gordo com o rifle, Cyndi gemendo suavemente em seus braços, o rosnado do gorila... Ele não queria perder nada daquilo.

— Ai, merda — disse Hubbard, olhando para cima, horrorizado. O androide flutuava a menos de quinze metros sobre a mendiga. Ela estava gritando para ele, pegando a bolsa. A coisa na bolsa não conseguira agarrá-lo da última vez.

Em fúria repentina, Hubbard expandiu a mente. Ele tomaria o controle do androide para batê-lo na calçada diversas vezes até não sobrar nada além de componentes estilhaçados...

Sua mente tocou o cérebro macroatômico frio do androide. O fogo floresceu na consciência de Hubbard. Ele começou a gritar.

Havia algo preto na sacola de compras da mendiga. Estava aumentando.

O androide mergulhou direto até a coisa, os braços bem abertos. Se a mulher movesse a bolsa no último minuto, as coisas ficariam muito complicadas.

O negror crescia. O vento o arrastava, tentando tirá-lo do curso, mas o androide corrigiu sua posição.

Quando atingiu o negrume do portal, sentiu novamente a nulidade destruidora dominá-lo. Mas, antes que perdesse o controle sobre si mesmo, sentiu as mãos se fechando nas bordas da bolsa, segurando sem deixar escapar.

Por uma pequena fração de segundo, ele se sentiu satisfeito. Então, conforme esperado, não sentiu mais nada.

Os ventos siberianos não esfriaram o ar quente sobre o aterro sanitário próximo de St. Petersburg, na Flórida. O lugar tinha um fedor horrível. Modular perdera quase quatro horas daquela vez. Suas verificações não mostraram nenhum dano interno. Tivera sorte.

Ele se levantou no meio do lixo fedorento e o revirou em busca da sacola de compras. Trapos, pedaços de roupa, de comida, e então a coisa, fosse lá o que fosse. Uma esfera preta com cerca de dois quilos, do tamanho de uma bola de boliche. Não havia nenhum interruptor aparente ou meio de controlá-la.

Era quente ao toque. Prendendo-a ao peito, o androide rumou para o céu agradável.

— Ótimo — disse Travnicek. — Bom trabalho, torradeira. Eu me parablenzo pelo excelente trabalho de programação.

O androide trouxe para ele uma xícara de café. Travnicek riu, deu um gole, e virou-se para contemplar o orbe alienígena, sentado na bancada de trabalho. Estivera tentando manipulá-lo com diversos tipos de controle remoto, mas sem resultado.

Travnicek moveu-se na direção da bancada e estudou a esfera de uma distância respeitosa.

— Talvez seja necessário proximidade para acioná-la — o androide sugeriu. — Talvez você devesse tocá-la.

— Talvez você devesse cuidar da porra da sua vida. Não vou chegar perto desse treco.

— Sim, senhor. — O androide ficou em silêncio por um momento. Travnicek bebericava o café. Então, balançou a cabeça e afastou-se da bancada.

— Você pode voar para o Peru amanhã e juntar-se aos seus amigos do Exército. E faça contato com os governos sul-americanos enquanto estiver lá. Talvez paguem mais do que o Pentágono.

— Sim, senhor.

Travnicek esfregou as mãos.

— Quero comemorar, batedeira. Vá até a loja e me traga uma garrafa de champanhe e algumas rosquinhas com geleia.

— Sim, senhor. — O androide, inexpressivo, tornou-se insubstancial e atravessou o teto voando.

Travnicek entrou no pequeno quarto aquecido no qual dormia, ligou a televisão e sentou-se na poltrona gasta. No meio da agitação de última hora dos compradores atrasados naquela noite de Natal, o aparelho exibia um desenho japonês sobre um androide gigante que lutava contra lagartos cuspidores de fogo. Travnicek amava isso. Recostou-se para assistir.

Quando o androide voltou, encontrou Travnicek dormindo. Reginald Owen estava fazendo o papel de Scrooge na tela. Modular pousou a sacola em silêncio e retirou-se.

Talvez Cyndi estivesse em casa.

Coleman Hubbard estava sentado com roupas de paciente em sua ala no hospital Bellevue. Pessoas mentalmente perturbadas caminhavam, discutiam, jogavam cartas. Uma pequena árvore de plástico piscava na ala das enfermeiras. Sem ser visto por ninguém, exceto pelo detetive John F. X. Black, Amon flutuava majestosamente sobre a cabeça de Hubbard, ouvindo-o enquanto ele falava.

— Um, um, zero, um, zero, zero, zero, um, um, zero, um, um, um...

— Vinte e quatro horas — Black disse. — Não conseguimos tirar nada dele além disso.

— Um, zero, zero, zero, um, zero...

A imagem de Amon pareceu sumir por um momento, e Hubbard viu rapidamente a figura de um velho magro com olhos como sombras fugidias. Então Amon estava de volta.

Não consigo entrar em contato com ele. Nem mesmo causar dor. É como se a mente dele estivesse em contato com... algum tipo de máquina. Suas mãos se fecharam. O que aconteceu com ele? Com o que ele fez contato?

Black ergueu uma sobrancelha. *TIAMAT?*

Não. TIAMAT não é assim... TIAMAT é mais vivo do que qualquer coisa que você já tenha visto.

— ... zero, um, um, zero, zero, zero, um, zero...

Quando o encontrei, vi a mendiga, coloquei-a para dormir e não achei nada em suas bolsas. Seja lá o que tenha acontecido, outra pessoa está com a coisa agora.

— ... um, zero, zero, um, zero...

Os olhos do carneiro se incendiaram, e então seu corpo se contorceu, ficando na forma esguia de um galgo com um focinho curvado e presas à mostra, um rabo gigante bifurcado erguendo-se das costas. O medo subiu pelo pescoço de Black. Amon tornou-se Setekh, o Destruidor. A ilusão astral era assustadoramente real. Black esperava ver sangue pingando do focinho do animal, mas não aconteceu. Ainda não, pelo menos.

Ele te usou numa missão não autorizada, disse Setekh. Como parte de uma trama que provavelmente tinha a mim como alvo. Agora, ele é um perigo para todos nós. Se sair deste estado, poderá falar coisas que não deve.

Destrua-o, Mestre, Black disse.

Uma espuma respingava do focinho daquela coisa, esfumaçando no assoalho. Os outros pacientes não prestavam atenção. O grande cão hesitou.

Se eu entrar na mente dele, eu posso pegar... o que ele pegou.

Black deu de ombros. *Quer que eu faça isso?*

Sim. Acredito que seja melhor.

Já plantei o testamento no apartamento dele. Aquele que deixa tudo para a nossa organização.

A língua da fera se desenrolou. O olhar dela se suavizou. *Você pensa adiante. Gosto disso. Talvez possamos pensar em uma promoção para você.*

A milhões de quilômetros da Terra, quase eclipsada pelo sol, a Mãe do Enxame contemplava seus brotos sobreviventes, espalhados. As pessoas na Terra teriam ficado surpresas de saber que o Enxame não considerava seu ataque uma falha. Havia sido lançado mais

como um teste do que como uma tentativa real de conquista, e o Enxame, analisando os dados recebidos de suas criaturas, desenvolveu diversas hipóteses.

O Enxame Traciano fora confrontado por três reações que falharam totalmente em cooperar uma com a outra. Era possível, o Enxame considerou, que a Terra fosse dividida entre diversas entidades, equivalentes à Mãe do Enxame, que não se ajudavam mutuamente nos seus esforços.

Grandes quantidades do Enxame siberiano foram destruídas de uma vez, transmitindo sua agonia telepática à sua matriz. Era óbvio que as mães da Terra possuíam algum tipo devastador de arma, que, no entanto, estavam relutantes em usar, exceto em áreas desabitadas. Talvez os efeitos ambientais fossem penosos.

Possivelmente, o Enxame ponderou, se as mães da Terra fossem divididas e todas possuísem aquelas armas, poderiam se voltar umas contra as outras. Se a Terra fosse, dessa forma, desolada, o Enxame estaria disposto a esperar os milhares de anos necessários para a Terra tornar-se útil novamente. O período não seria nada se comparado aos anos que o Enxame já esperara.

O Enxame, dessa maneira eclipsado pelo sol, decidiu se concentrar em atividades de monitoramento para confirmar essas hipóteses.

Sentia que havia oportunidades ali.

— Então eu digo para Maxine, eu digo, quando você vai fazer alguma coisa sobre sua doença? Eu digo, é hora de ir ao médico...

A mendiga, com uma sacola de compras pendurada no braço enquanto apertava outra contra o peito, caminhava lentamente pelo

beco, lutando contra o vento siberiano.

Os cabelos loiros de Cyndi voavam com a brisa enquanto ela tremia dentro de uma jaqueta de pele de cordeiro. Ela viu quando Modular tentou falar com a mulher, lhe dar uma embalagem cheia de comida chinesa, mas a mendiga continuava a murmurar consigo mesma e a caminhar pelo beco. Finalmente, o androide enfiou a embalagem de comida na sacola da mulher e voltou até onde Cyndi o esperava.

— Desista, Mod. Não há nada que você possa fazer por ela.

Ele a tomou nos braços e voou em espiral na direção do céu.

— Continuo achando que pode ter algo.

— Poderes super-humanos não são resposta para tudo, Mod. Você precisa aprender a aceitar as suas limitações.

O androide se calou.

— O que você precisa entender, se isso não te deixar maluco, é que ninguém inventou um poder wild card que possa fazer merda alguma por senhoras que estão fora de si e que carregam toda a sua vida em sacolas de compra e vivem em latas de lixo. Não tenho nenhum poder, e até eu sei disso. — Ela fez uma pausa. — Está me ouvindo, Mod?

— Sim. Eu te ouvi. Sabe de uma coisa, você é cínica demais para ser uma garota que acabou de chegar de Minnesota.

— Ei! Hibbing é uma cidade difícil durante uma recessão.

Subiram, pairando na direção do Aces High. Cyndi pôs a mão no bolso da jaqueta e mostrou um pacotinho enrolado em fita vermelha.

— Seu presente — disse ela. — Já que é nossa última noite juntos. Feliz Natal.

O androide pareceu envergonhado.

— Não pensei em comprar nada para você.

— Tudo bem. Você estava bastante ocupado.

Modular abriu o pacote. O vento pegou a fita brilhante e a rodopiou para a escuridão. Dentro do embrulho havia um broche dourado no formato de uma carta de baralho, o ás de copas, com as palavras MEU HERÓI gravadas.

— Achei que poderia ser bom para te dar uma animada. Pode usar na sua cueca boxer.

— Obrigado. Foi gentil da sua parte.

— De nada. — Cyndi o abraçou.

O Empire State lançava um feixe de luzes coloridas noite adentro. O casal aterrissou no terraço de Hiram. Dava para ouvir os sons de agitação do bar, mesmo com as rajadas de vento. Pessoas celebravam a véspera de Natal. Cyndi e Modular olharam por um bom tempo através da janela.

— Ei — disse ela. — Estou cansada de comida chique.

O androide pensou por um momento.

— Eu também.

— Que tal um restaurante chinês? Depois podemos ir para o meu apartamento.

Ele foi preenchido por uma sensação de calor, mesmo ali, na corrente de vento siberiana. Em uma fração de segundo, estavam no ar.

Lá embaixo, no beco, algo brilhante chamou a atenção da mendiga. Ela se curvou e apanhou um fio de fita vermelha.

Enfiou-o em uma sacola e continuou em frente.

JUBE: TRÊS

— A época de festas é a mais cruel — disse Croyd a ele em uma noite de Ano-Novo, anos atrás.

A Times Square ficava cheia de bêbados esperando o globo descer. Jube fora observar, e Croyd o saudou na frente de um prédio. Ele não reconhecera o Dorminhoco, mas raramente reconhecia. Naquela época, Croyd estava uma cabeça mais baixo do que Jube, sua pele flácida, inchada e levemente rosada de cima a baixo. Tinha os dedos dos pés ligados por membranas e uma garrafa de rum escuro, e queria falar sobre sua família, sobre os amigos perdidos, sobre álgebra.

— A época de festas é a mais cruel — repetiu sem parar até o globo descer e ele se inflar como um balão do desfile de Ação de Graças da Macy's e sair voando. — *A época mais cruel!* — gritou para baixo mais uma vez, pouco antes de desaparecer de vista.

Apenas agora Jube entendia o que ele quis dizer. Sempre gostara dos feriados humanos, que davam espaço para aquelas cerimônias coloridas, as demonstrações abundantes de ganância e generosidade, costumes fascinantes para estudo e análise. Naquele

ano, parado na sua banca de jornal na manhã do último dia de dezembro, descobriu que a data havia perdido o seu brilho.

A ironia era muito cruel. Em todo lugar da cidade as pessoas preparavam-se para celebrar o início daquilo que poderia ser o último ano de sua vida, de sua civilização e espécie. Os jornais estavam cheios de retrospectivas do ano que estava terminando, e todos reforçavam a Guerra do Enxame como a principal história, falando sobre ela como se já tivesse terminado, exceto por algumas operações de limpeza no Terceiro Mundo. Jhubben sabia que não era bem assim.

Folheou alguns jornais, vendeu uma *Playboy*, e olhou com melancolia para o céu claro da manhã. Nada para ver, exceto algumas nuvens espaçadas que se moviam rapidamente. Mesmo assim, ele sabia que ela ainda estava lá. Longe da Terra, movendo-se através da escuridão espacial, tão escura e gigantesca como um asteroide. Ocultaria as estrelas ao passar por elas, silenciosa e tranquila, e aparentando estar fria e morta. Quantos mundos e raças foram destruídos acreditando naquela mentira? Por dentro ela vivia, evoluía, sua inteligência e sofisticação crescendo diariamente, suas táticas se aprimorando a cada revés.

Entre as raças da Rede, ela era o inimigo com uma centena de nomes: semente do demônio, grande câncer, mãe infernal, devoradora de mundos, mãe dos pesadelos. Nas mentes extensas das rainhas-deusas kondikki, seu nome era um símbolo que significava simplesmente *pavor*. As inteligências maquinárias dos kregs referiam-se a ela como uma corrente de impulsos binários que significava disfunção, os lyn-ko-neens cantavam sobre ela em notas altas, estridentes e distorcidas pela dor. E os ly'bahres lembravam-

se dela melhor do que todos. Para aqueles ciborgues de vida tão longa, ela era *Thyat M'hruh*, escuridão para a raça. Há dez mil anos, um Enxame descera no planeta natal dos ly'bahres. Encapsulados em suas conchas autossustentáveis, os ly'bahres ciborgues conseguiram sobreviver, mas aqueles ainda eram revestidos de carne, e não de metal, desapareceram, e com eles todas as gerações vindouras. Os ly'bahres estavam extintos havia dez mil anos.

“Mãe!”, Ekkedme havia gritado, e Jube não entendera, não até romper o cordão na pilha de jornais no dia em que os brotos aterrissaram em Nova Jersey. *Deve haver algum engano*, pensou de forma irracional quando viu as manchetes. O Enxame era uma história de terror e uma lenda, o pesadelo que acontecia em outros planetas muito distantes, não naquele em que ele realmente *vivia*. Estava fora de sua experiência e especialidade; não era de surpreender que tivesse suscitado dos takisianos quando a nave unitária foi perdida. Ele se sentiu um tolo.

Pior, era um tolo desesperado e condenado.

Ela estava lá em cima ainda, uma escuridão viva e palpável que Jube quase conseguia sentir. Dentro dela, inflamavam-se novas gerações de brotos, a vida-que-é-morte. Logo seus filhotes voltariam e devorariam aquela raça terrivelmente esplêndida pela qual ele chegou a desenvolver certa afeição... o devorariam também, aliás, e o que poderia fazer para impedi-los?

— Você está com uma cara de merda hoje, Morsa — falou casualmente uma voz parecida com uma lixa.

Jube ergueu os olhos... e ergueu mais, e mais. Troll tinha quase três metros. Vestia um uniforme cinza sobre a pele verde

enverrugada e, quando sorria, dentes amarelos e tortos apontavam em todas as direções. A mão verde do tamanho de uma tampa de bueiro ergueu um exemplar do *New York Times* delicadamente entre dois dedos de unhas pretas e afiadas como garras. Atrás dos óculos espelhados feitos sob medida, os olhos vermelhos afundados por trás da protuberância da sobrancelha percorreram as colunas do jornal.

— Eu me sinto uma merda — disse Jube. — A época de festas é a mais cruel, Troll. Como vão as coisas na clínica?

— Agitadas. Tachyon vai e volta de Washington o tempo todo para reuniões. — Ele sacudiu o *Times*. — Esses alienígenas acabaram com o Natal de todo mundo. Sempre soube que Jersey não passava de uma grande infestação de levedo. — Ele enfiou a mão no bolso e passou para Jube uma nota de um dólar amarrotada. — O Pentágono quer jogar umas bombas atômicas na coisa-Mãe, mas não consegue descobrir onde ela está.

Jube assentiu enquanto separava o troco. Ele mesmo tentou encontrar a Mãe do Enxame, usando os satélites sensíveis que a Rede deixara em órbita, mas sem sucesso. Podia estar escondida atrás da Lua, ou do outro lado do Sol, ou em qualquer lugar na vastidão do espaço. E se ele não conseguira localizá-la com a tecnologia à sua disposição, os humanos não tinham a menor chance.

— O doutor não tem como ajudar — disse para Troll, com tristeza.

— Provavelmente não — respondeu o outro, lançando a moeda de cinquenta centavos no ar, pegando-a com destreza e enfiando-a no bolso. — Mesmo assim, temos que tentar, não é? O que mais podemos fazer? Feliz Ano-Novo, Morsa. — Então ele saiu a passos

largos sobre pernas tão grossas e tortas como troncos de pequenas árvores, e tão longas quanto a altura de Jube.

Jube o viu partir. *Ele tem razão*, pensou enquanto Troll desaparecia, virando a esquina. *Temos que tentar*.

Ele fechou a banca de jornal mais cedo naquele dia e foi para casa.

Flutuando nas águas geladas da banheira, mergulhado na luz vermelha tremeluzente, considerava as opções. Na verdade, havia apenas uma.

A Rede poderia salvar a humanidade da Mãe do Enxame. Claro, teria um preço. A Rede não dava nada de graça. Mas Jube tinha certeza de que a Terra ficaria mais do que satisfeita em pagar. Mesmo se o Mestre Comerciante exigisse direitos sobre Marte, ou sobre a Lua, ou todos os gigantes de gás, o que isso valia se comparado à sobrevivência da espécie?

Mas a *Opportunity* estava a anos-luz de distância, e não retornaria àquele sistema solar por cinco ou seis décadas humanas. Era necessária uma convocação, o Mestre Comerciante precisaria ser informado de que uma raça consciente com enorme potencial lucrativo estava ameaçada de extinção. E o transmissor de táquion havia se perdido com o embe e a nave unitária.

Jhubben precisava construir um substituto.

Sentia-se desesperadamente aquém da tarefa. Era um xenólogo, não um técnico. Usava uma centena de dispositivos da Rede que não seria capaz de construir, reparar ou mesmo compreender. Conhecimento era a *commodity* mais preciosa da galáxia, a única moeda verdadeira das Redes, e cada espécie-membro guardava os próprios segredos tecnológicos com zelo. Porém, cada posto

avançado da Rede tinha um transmissor de táquion, mesmo em mundos primitivos, como Glabber, que não podiam comprar naves estelares próprias. A menos que espécies inferiores tivessem meios de convocar as grandes naves estelares para seus mundos atrasados e espalhados, como poderia acontecer as trocas comerciais, como os planetas poderiam ser comprados e vendidos, como os lucros se acumulariam para os Mestres Comerciantes de Starholme?

A biblioteca de Jube consistia em nove pequenas hastes cristalinas. Uma continha uma coleção de canções, literatura e erotismo de seu mundo natal; a segunda, seu trabalho de uma vida inteira, inclusive todas as pesquisas sobre a Terra. As outras continham conhecimento. Certamente, os diagramas de um transmissor de táquion estariam ali em algum lugar. Qualquer conhecimento que acessasse seria observado, claro, e seu valor debitado dos valores das pesquisas ali na Terra, mas valeria a pena se fosse para salvar uma raça consciente, certo?

Haveria gastos, ele sabia. Mesmo se encontrasse os projetos, dificilmente teria as peças necessárias. Teria que fazê-las com componentes eletrônicos humanos primitivos, os melhores que conseguisse obter, e provavelmente seria forçado a canibalizar alguns dos próprios equipamentos. Que fosse. Tinha equipamentos que nunca usava: os sistemas de segurança de seu apartamento (cadeados extras dariam conta), o traje espacial de metal líquido que não servia mais nele, o caixão criogênico no armário dos fundos (comprado por contingência de uma guerra termonuclear durante seu período na Terra), as máquinas de jogos...

Havia um problema mais sério. Poderia construir um transmissor de táquion, disso estava certo. Mas como *energizá-lo*? Suas células de fusão poderiam ser suficientes para lançar um raio até Hoboken, mas havia muitos anos-luz entre Hoboken e as estrelas.

Jhubben se levantou da banheira e se enxugou. Ele sabia o que havia acontecido quando Dorminhoco fora atrás do corpo de Ekkedme. Croyd contara para ele, uma semana após aquela tarde terrível que Jhubben passara descarregando os restos mortais do irmão embe de volta para o mar salgado do qual todos tinham surgido, ao menos metaforicamente. Mas nada disso pareceu importar quando os brotos aterrissaram.

Agora, importava.

Caminhou até a sala de estar e abriu a última gaveta de um aparador que comprara da loja Goodwill, em 1952. A gaveta estava cheia de pedras: verdes, vermelhas, azuis, brancas. Quatro das pedras brancas haviam sido usadas para comprar aquele prédio em 1955, ainda que o velho de viseira verde tivesse pagado a ele apenas metade do que as pedras valiam. Jube sempre usava aquele recurso com parcimônia, pois não seria possível sintetizar mais pedras até a *Opportunity* retornar. Mas a crise exigia.

Não era um ás, não tinha poderes especiais. *Aqueles* teriam de ser seus poderes. Esticou a mão grossa de quatro dedos e puxou um punhado de safiras não lapidadas. Com elas, localizaria o deslocador de singularidade para dar energia à sua transmissão estelar.

Ou, ao menos, tentaria.

1986

SE OLHARES PUDESSEM MATAR

Walton Simons

Escolher a vítima certa era sempre assassinato. Era preciso muito dinheiro para fazer a morte valer a pena, e precisava ser levada a cabo em um local isolado. Tinha que pagar o aluguel, e matar alguém na rua fazia muito mais sentido do que assassinar o síndico. Isso poderia alertar os outros sobre onde estava, e estava cansado de mudar de apartamento.

O frio o incomodava. Penetrava na magreza de seu um metro e oitenta e alojava-se nos ossos. Levantou o colarinho de pele do casaco folgado. Antes de ter morrido, quando era apenas James Spector, os invernos de Nova York eram entorpecentes. Agora, somente a agonia de sua morte, jorrando constantemente dentro dele, lhe causava uma dor real.

Passou pela Igreja de São Marcos e caminhou a leste para a Tenth Street. A vizinhança era mais barra-pesada naquela direção, e provavelmente atendia mais às suas necessidades.

— Merda — disse ele quando a neve começou a cair novamente.

As poucas pessoas nas ruas certamente buscariam refúgio dentro de casa. Se não conseguisse encontrar uma vítima ali, precisaria tentar no Bairro dos Curingas. A ideia não lhe agradava. Os flocos

pousavam sobre seus cabelos e bigode escuros. Ele os limpava com a mão enluvada e seguia em frente.

Alguém acendeu um fósforo na escadaria da entrada de uma casa próxima. Spector caminhou devagar até lá, procurando um cigarro.

O homem no portão era alto e de constituição robusta. Tinha uma pele pálida, com marcas de acne, e olhos azuis. Tragou profundamente o cigarro e soprou fumaça no rosto de Spector.

— Tem fogo? — perguntou Spector, sem medo.

O homem franziu a testa.

— Conheço você? — Ele o encarou atentamente. — Não. Mas talvez alguém tenha te enviado.

— Talvez.

— Engraçadinho. — O jovem sorriu, revelando dentes brancos e alinhados. — É melhor falar o que quer, cara, ou vou chutar sua bunda magra até você cair das escadas.

Spector decidiu apostar em uma intuição.

— Não estou conseguindo nada esses dias. Minha fonte secou, mas um amigo disse que tinha alguém por aqui que podia me ajudar. — Ele projetou a necessidade com voz e postura.

O homem deu tapinhas nas costas dele e riu.

— Deve ser seu dia de sorte. Entre aqui na casa do Mike e vamos arrumar as coisas para você agora mesmo.

O apartamento de Mike cheirava pior que uma caixa de areia de gato de uma semana. O chão estava cheio de roupas sujas e revistas pornográficas.

— Belo apartamento — disse Spector, mal escondendo o desprezo.

Mike empurrou-o com violência contra a parede e ergueu as mãos dele acima da cabeça. Ele o revistou rápido, mas completamente.

— Agora me diz do que precisa, e te digo quanto vai custar. Se me arranjar problemas, estouro seus miolos. Já fiz isso antes. — Mike puxou um .38 cromado com silenciador e sorriu novamente.

Spector se virou devagar e parou quando seus olhos encontraram os de Mike, então conectou suas mentes. As sensações terríveis da morte de Spector correram para dentro do corpo de Mike. Conseguia sentir o peso que esmagou seu peito. Os músculos se contraindo involuntariamente, com tal força que os ossos estalaram e os tendões romperam. A garganta sufocando quando o vômito subiu para a boca. O coração batendo descontrolado, forçando o sangue contaminado a correr pelo corpo. A dor ardente gritando em sua mente a partir dos tecidos agonizantes. Os pulmões estourando e parando. O coração palpitando e parando. Mesmo após a escuridão, ainda havia dor. Spector manteve os olhos fixos, fazendo Mike sentir cada detalhe, convencendo o corpo do traficante de que estava morto. Não parou até Mike estremecer de uma maneira que ele já era capaz de reconhecer. Então acabou.

Os olhos de Mike se reviraram e ele tombou sem vida no chão. Um reflexo do seu dedo morto disparou o .38. O projétil acertou Spector no ombro, jogando-o contra a parede. Ele mordeu o lábio, mas tirando isso ignorou o ferimento e virou Mike.

— Agora você sabe como é tirar a rainha de espadas. — Ele pegou a arma e acionou a trava de segurança, enfiando-a cuidadosamente no cinto. — Mas veja pelo lado positivo. Você precisa passar por isso apenas uma vez. Eu acordo com ela toda

manhã. — Spector revistou o corpo do homem. Pegou todo o dinheiro, até os trocados. Havia apenas seiscentos dólares.

— Imbecil barato. Fico feliz pelo tempo que passamos juntos — disse Spector, abrindo a porta para olhar a entrada. Não viu ninguém e desceu as escadas rapidamente. O frio e a neve amorteceram os sons da cidade, abafando a vida.

Quando chegou ao seu apartamento o ombro já estava curado.

Estava sendo seguido. Dois homens do outro lado da rua acompanhavam seu ritmo, ficando atrás apenas o suficiente para permanecer fora de seu campo de visão. Spector os detectara vários quarteirões antes. Seguiu para o sul, longe de seu apartamento, para dentro do Bairro dos Curingas. Seria mais fácil despistá-los ali. Caminhava devagar, guardando energia caso tivesse que correr.

Talvez fossem amigos de Mike, o traficante. Provavelmente não; estavam bem-vestidos demais, e pessoas como Mike não tinham amigos. Mais provavelmente, trabalhavam para Tachyon. Por necessidade, Spector matara um ajudante da clínica no dia em que escapou. Não tinha dúvidas de que o merdinha cabeça de cenoura tentaria encontrá-lo e jogá-lo na cadeia. Ou, pior, levá-lo de volta para a clínica. As únicas lembranças que tinha da clínica do Bairro dos Curingas eram ruins.

Seu infeliz, pensou, *já não fez o suficiente?* Ele odiava Tachyon por tê-lo trazido de volta. Odiava-o ainda mais do que qualquer um ou qualquer coisa no mundo. Mas o alienigenazinho o assustava. Spector começou a suar por baixo do sobretudo pesado.

Um curinga de quatro pernas bloqueou a calçada à sua frente. Quando Spector chegou mais perto, ele se moveu como um caranguejo para um beco, para evitá-lo. Spector se virou e olhou para o outro lado da rua.

Os dois homens estavam lá; eles pararam e se uniram. Um cruzou a rua em sua direção. Spector podia matá-los, mas Tachyon viria atrás dele com mais força. Melhor despistá-los e esperar que o takisiano o esquecesse.

As ruas, escorregadias pelo gelo, estavam quase desertas. Até os curingas precisavam respeitar o frio feroz. Spector mordeu o lábio. O Crystal Palace estava apenas a um quarteirão de distância. Era um lugar tão bom como qualquer outro para tentar se livrar deles. Talvez Sascha pudesse pegá-los e escorraçá-los de lá.

O segurança lançou-lhe um olhar maldoso quando Spector entrou. Spector queria lhe mostrar o que realmente era um olhar maldoso, mas deixar Crisálida irritada era a última coisa de que precisava naquele momento. Além disso, em muitos poucos lugares no Bairro dos Curingas havia seguranças.

O interior do Crystal Palace sempre o deixava desconfortável. Era mobiliado do chão ao teto com antiguidades da virada do século. Se quebrasse ou danificasse qualquer coisa por acidente, provavelmente teria de matar vinte pessoas para pagá-la.

Sascha não estava ali, então o lugar não seria de grande ajuda. Caminhou rapidamente pelo bar principal e entrou em uma sala contígua com cabines privadas. Ele se esgueirou para dentro da mais próxima e fechou as pesadas cortinas cor de vinho.

— Posso fazer algo por você?

Spector virou-se devagar. O homem sentado do outro lado da mesa usava uma máscara da morte e uma capa preta com capuz.

— Eu perguntei se posso fazer algo por você.

— Bem — disse ele, tentando ganhar tempo —, tem algo para beber?

A máscara o assustara, e uma bebida sempre caía bem ultimamente.

— Temo que apenas para mim. — O homem apontou para o copo pela metade diante dele. — Você parece estar com algum problema.

— Quem não está? — Spector não gostava do fato de ser tão transparente quanto a pele de Crisálida.

— Verdade, há problemas por toda parte. Um dos meus conhecidos mais próximos foi comido, devorado, por um dos visitantes extraterrestres, no mês passado. — Ele tomou um gole da bebida. — Tão incerto este mundo onde vivemos.

Spector abriu uma fenda na cortina. Os dois homens estavam no bar. O barman encontrava-se à frente deles, balançando a cabeça.

— É óbvio que você está sendo seguido. Talvez, se tivesse algum tipo de disfarce, pudesse sair sem ser notado. — Ele tirou o capuz e a capa e deitou-os sobre a mesa.

Spector roía as unhas. Odiava confiar em qualquer pessoa.

— Tudo bem. Agora me diga o que tenho que fazer por você. Tem alguma coisa, não é?

— Apenas encher meu copo. Conhaque. O barman vai saber qual marca. — Ele tirou a máscara e jogou sobre a mesa.

Spector o encarou. O rosto do homem era idêntico à máscara. Sua pele era amarela e bem grudada nos ossos faciais salientes.

Não tinha nariz. O curinga olhava para ele com olhos fundos e injetados.

— Bem...

Rapidamente, ele se vestiu com o disfarce, então pegou o copo.

— Volto em um minuto.

Ele abriu as cortinas e saiu. Os homens estavam sentados a pouco mais de cinco metros. Olharam para ele enquanto caminhava até o bar. Estava suando de novo.

— Mais um — disse ele, após chamar a atenção do barman. O homem obedeceu. Spector voltou lentamente até a cabine. Apenas um dos homens estava olhando para ele, mas com atenção.

— Aqui está — disse ele, entregando a bebida. — E aqui vou eu.

— Talvez você devesse ficar com a roupa — disse o homem com cara de caveira. — Acho que pode precisar. — Ele fechou as cortinas.

Spector caminhou com lentidão medida até a porta. Os dois homens ainda estavam sentados.

Assim que botou os pés na rua, ele correu. Saiu em disparada pelas calçadas congeladas, uma visão encapuzada da morte, até seu fôlego acabar. Esgueirando-se em um beco, tirou a capa e a máscara e as enfiou no sobretudo, então partiu para casa.

Foi para a cama bêbado pela terceira noite seguida. Aliviava a dor o suficiente para que ele conseguisse dormir. Não tinha certeza se realmente precisava dormir, mas acostumara-se a fazê-lo nos anos antes de sua morte.

Um clique. Spector abriu os olhos e respirou fundo, levemente consciente de que algo estava acontecendo. A porta se abriu um

pouco, revelando uma réstia de luz externa. Spector esfregou os olhos e se sentou. Enquanto procurava as roupas, a porta parou, presa pela corrente. Ele recuou em direção às janelas enquanto vestia as calças.

Ao enfiar os braços no sobretudo, ouviu algo bater à porta, que se fechou. Spector sentiu cheiro de fumaça e frutas cítricas apodrecendo. Seus olhos ficaram marejados e ele hesitou, as pernas vacilantes. Precisava se mover ou o gás o nocautearia. Abriu a janela e chutou a tela, mas um pé ficou preso no parapeito e ele caiu na escada de incêndio. Aterrissou desequilibrado e bateu a cabeça contra o corrimão de aço coberto de neve. A dor e o ar frio clarearam sua mente momentaneamente. Havia um homem no topo da escada de incêndio, descendo às pressas, e ele ouviu o barulho de outro subindo. Em um momento, os dois o alcançariam.

Spector fez um esforço para se levantar. O homem de baixo virou para subir o último lance. Spector saltou sobre ele, pegando o homem desprevenido, empurrando-o contra o corrimão, e ouviu a espinha do homem estalar com o impacto. Ele se endireitou e correu escada abaixo, deixando o homem gritando no patamar.

A dois andares acima da rua, ele saltou. Seu pé escorregou na calçada congelada quando aterrissou, o corpo se dobrando. Lutou para recuperar o fôlego e conseguiu rolar. Uma mulher usando óculos de sol espelhados estava se curvando para ele. Segurava uma seringa hipodérmica. Ele a reconheceu assim que sentiu a agulha penetrando na sua carne.

Spector acordou em um corredor, mãos e pés bem presos com cordões de náilon. A mulher que o havia drogado supervisionava

enquanto dois homens, vestindo sobretudos pesados e óculos espelhados, o levavam para uma sala escura. Como usavam óculos de proteção, ele não conseguia fazer contato visual.

Spector foi jogado em uma cadeira de madeira maciça. A sala tinha um cheiro de antigo, como um sótão ou uma casa abandonada havia muito tempo.

— Ah, enfermeira Gresham, vejo que trouxe de volta nosso encenqueiro. — A voz era de um homem mais velho; seu tom era firme e frio.

— Não foi nada fácil. Morreu mais um.

O homem soltou um muxoxo.

— Então, ele é mesmo tão perigoso quanto você disse. Vamos dar uma boa olhada nele.

Spector ouviu um atrito de pedras quando o teto acima dele se abriu. A lua e as estrelas brilhavam intensamente através da claraboia. Ele morara em Nova York a vida toda. A fumaça e as luzes da cidade dificultavam enxergar as estrelas, e ainda assim ali elas brilhavam com força suficiente para ferir seus olhos. Seus interrogadores permaneciam fora da área iluminada.

— Bem, sr. Spector, o que tem a dizer em sua defesa? — Silêncio. — Fale. Coisas ruins acontecem com quem me faz perder tempo.

Spector estava assustado. Sabia que Jane Gresham trabalhava para o dr. Tachyon na clínica do Bairro dos Curingas, mas o homem que o interrogava definitivamente não era o alienígena.

— Até onde posso dizer — ele falou —, vocês vieram atrás de mim sem motivo nenhum. Sinto muito pelo cara que morreu, mas não foi minha culpa.

— Não estamos falando disso, sr. Spector. Três noites atrás o senhor matou um dos nossos sem razão. Ele estava apenas tentando ajudar você com sua necessidade de drogas.

— Olha só, vocês entenderam tudo errado. — Spector achou que devia ter se metido em um grande esquema de tráfico. A enfermeira Gresham devia estar roubando todo tipo de drogas na clínica de Tachyon. — A negociação correu sem problemas. Outra pessoa deve ter feito isso.

Houve um murmúrio, e o velho se moveu até a luz. Estava sentado em uma cadeira de rodas elétrica. Sua cabeça era anormalmente grande e com poucos fios de cabelos brancos. O corpo magro era torto, como se forças dentro dele o estivessem movendo para direções diferentes. Sua pele era pálida, mas saudável, e usava óculos grossos.

— Lembra-se disso aqui? — O velho segurava uma moeda. Spector reconheceu-a instantaneamente. Era uma moeda antiga que ele tirara do corpo de Mike. Como era do tamanho de meio dólar e datava de 1794, ele a guardou, pensando que pudesse valer alguma coisa.

— Não — disse, tentando ganhar tempo.

— Mesmo? Olhe com atenção. — A moeda brilhava em um vermelho-sangue à luz da lua.

Spector ouvira o suficiente para saber que estava com sérios problemas. Gresham e o velho o matariam. Se fosse impedi-los, agora era a hora.

— Ninguém se mexe, ou eu mato esse velho do mesmo jeito que acabei com seu amigo traficante.

Eles riram.

— Olhe para mim, sr. Spector. — O velho inclinou-se para a frente. — Use seu poder em mim.

Spector encarou os olhos do homem e tentou partilhar sua morte. Pôde sentir que não estava funcionando, fosse lá por qual motivo. O velho parecia bloqueá-lo de alguma forma. Ele despencou na cadeira.

— Desculpe por desapontá-lo. Você não é o único com poderes extraordinários. Desamarre-o, enfermeira Gresham.

A mulher, relutante, fez o que ele mandou.

— Cuidado com ele — ela alertou o velho. — Ainda pode ser perigoso.

Spector não se sentia perigoso. Não sabia no que havia se envolvido, mas certamente não era uma operação de tráfico comum.

— Como sabem sobre mim? O que vocês querem?

— A enfermeira Gresham mantinha um prontuário bem extenso sobre o senhor na clínica. — O velho abriu um caderno e começou a ler. — James Spector, auditor fracassado de Teaneck, Nova Jersey, infectado pelo vírus wild card há nove meses. Chegou clinicamente morto à clínica do Bairro dos Curingas. Como você não tinha familiares vivos para contestar, o dr. Tachyon o ressuscitou com um processo experimental agora não mais utilizado. Passou seis meses na UTI gritando de forma incontrolável. Por fim, com a ajuda de medicamentos, foi trazido de volta à sanidade. Desapareceu há aproximadamente três meses. Por coincidência, um assistente da clínica morreu misteriosamente no mesmo dia. Está tudo aqui. Bem completo.

— Escrota. — Spector tentou localizar a enfermeira na escuridão.

— Bem, bem — disse o velho. — Se eu deixar o senhor viver, sr. Spector, talvez chegue a gostar dela.

— Você me deixaria viver? — Ele percebeu que não era a maneira certa de dizer aquilo. — Digo...

— Na realidade — o velho interrompeu —, o senhor tem um grande talento. Ases são raros, não se deve jogá-los na privada e dar descarga. O senhor pode vir a ser bastante útil para a nossa causa.

— Que causa?

O velho sorriu.

— O senhor vai descobrir caso seja aceito na nossa... sociedade. Mas, antes de considerarmos isso, terá de provar seu valor. Temos um trabalhinho para o senhor, mas, com suas capacidades e as informações que lhe dermos, provavelmente não será difícil.

— E se eu não cooperar? — Spector estava assustado, mas queria saber no que estava se metendo.

O velho arrancou uma página do caderno e lhe entregou, junto com uma caneta.

— Escreva seu endereço nesta folha e ponha no bolso.

Spector estava confuso, mas fez o que lhe foi pedido. O velho fechou os olhos com força e juntou a ponta dos dedos.

Spector estremeceu. Sentiu como se derramassem água fria no seu cérebro exposto.

— Eu me sinto... — Ele parou de falar, solapado pela sensação.

— Sim, eu sei. Diferente de qualquer coisa, não é? Agora me diga seu endereço.

Spector abriu a boca para responder e percebeu que não conseguia lembrar. A informação simplesmente desaparecera.

— Amnésia seletiva. Quando uma pessoa está diante de mim, posso arrancar dela o que quiser. — Ele levantou uma sobrancelha desgrenhada. — Ou posso remover tudo.

Spector ficou abalado, mas sabia que o poder do velho também podia ser usado para retirar a memória de sua morte. A perda do seu poder seria um preço pequeno a pagar para voltar a dormir à noite.

— Entendo o que quer dizer. Farei qualquer coisa que quiser.

— Viu, enfermeira Gresham, ele não será nenhum problema. Seria estúpido matar alguém que pode ser tão útil. Dê outra injeção e leve-o para o apartamento dele antes que acorde.

— Esperem um minuto. Quem são vocês? Se não for pedir muito que me digam.

— Meu nome verdadeiro significaria ainda menos para o senhor do que significa para mim. Pode me chamar de Astrônomo.

Spector pensou que qualquer pessoa que chamasse a si mesmo de Astrônomo só podia ser maluco, mas não era hora nem lugar para discutir isso.

— Ótimo. Bem, Astrônomo, o que quer que eu faça por você? A única coisa que faço bem é matar pessoas.

O Astrônomo balançou a cabeça.

— Exatamente.

Spector estava nervoso por ter que matar um policial, ainda mais o capitão McPherson. Ninguém fora estúpido ou corajoso o suficiente para procurar confusão com o chefe da Unidade de Forças Especiais do Bairro dos Curingas. O Astrônomo não lhe dera opção. A morte de McPherson tinha de parecer acidental, pois um dos

aliados do Astrônomo deveria sucedê-lo. Se Spector falhasse ou tentasse fugir, o Astrônomo arrancaria todas as suas memórias, exceto sua morte.

Ele amarrou as caneleiras com força e desenrolou as pernas da calça jeans sobre elas. Também usava proteção adicional por baixo da camisa, nos antebraços.

O Astrônomo já devia estar planejando matar McPherson fazia algum tempo. Spector estava sentado em um sofá no apartamento logo abaixo do seu alvo. A mulher que vivia ali era uma das subalternas do Astrônomo. Pelo que tinham lhe dito, a empregada de McPherson também era parte do esquema.

— Se você quer substituir alguém, primeiro substitua as pessoas ao seu redor — dissera o Astrônomo.

Spector olhou para o relógio de parede. Os ponteiros estavam entre uma e duas da manhã. Certificou-se de que a seringa hipodérmica estava no seu bolso, então apagou as luzes e abriu a porta da sacada.

Ele pegou a corda e amarrou o gancho de escalada acolchoado na ponta. A distância até a sacada acima era de aproximadamente seis metros. Inclinou o corpo para fora e lançou o gancho. Ele se encaixou com perfeição, uma das alças agarrando na beirada acima. Um punhado de neve caiu em seu rosto. Ele puxou a corda. Ela estalou forte e o gancho se firmou.

Spector escalou rapidamente e ergueu-se sobre a beirada da sacada de McPherson. A neve acumulada abafava o som dos pés no concreto. Ele esperou um momento. Não ouvia nada lá de dentro.

A empregada fizera a sua parte. A porta da sacada estava destrancada. Spector empurrou-a para abrir; uma rajada de vento frio correu para dentro do apartamento. Entrou em silêncio e fechou a porta.

O cão o aguardava. Consequia ver o brilho vermelho refletido na retina do animal. O cão rosou, ameaçador, e atacou. Spector não conseguia ver o animal claramente e levantou um braço para proteger a cabeça e o pescoço vulneráveis. Com a mão livre, pegou a seringa hipodérmica providenciada pela enfermeira Gresham.

O dobermann o mordeu, prendendo o braço estendido entre as mandíbulas. Consequia senti-lo tentando atravessar a proteção para rasgar seus tendões.

Ele espetou a seringa no estômago do animal. Ele continuou a rosar e mastigar o braço do homem. Uma luz acendeu-se no cômodo ao lado. Agora que conseguia ver, Spector empurrou o cachorro para o lado. O dobermann caiu pesadamente e tentou imediatamente levantar-se.

— Pega ele, Oscar. Estraçalha. — A voz vinha do cômodo iluminado.

Oscar tentou reagir. Esgarçou os dentes e deu um passo, então seus olhos se fecharam e ele despencou.

Até aqui, tudo bem, pensou Spector. Ele fingiu mancar na direção do cômodo iluminado.

— Eu desisto. Seu cachorro me machucou muito. Preciso de um médico. Por favor, me ajude. — Ele tentou soar ferido.

— Oscar? — A voz de McPherson era hesitante. — Você está bem, garoto?

O cão respirava ofegante e não se movia. A luz foi desligada no quarto ao lado.

Spector tentou não entrar em pânico. Não tinha imaginado que McPherson poderia desligar as luzes. Seu poder era inútil no escuro. Ele ficou em pé, imóvel, por muito tempo. Não havia sons vindo do outro cômodo.

Ele deu um passo adiante. Conhecia a planta do apartamento. O interruptor de luz ficava do lado direito da porta. Para alcançá-lo, teria de se expor totalmente na entrada. Sabia que McPherson tinha uma arma e não teria problemas em usá-la. Começou a suar. A dor crescia dentro dele, preparando-se para o ataque. Deu mais um passo. Mais um e estaria na entrada.

Spector ouviu o som de um telefone sendo tirado do gancho. Deu um passo para a frente e alcançou o interruptor de luz. Seu dedo apertou e ligou as luzes.

McPherson estava encolhido atrás de uma grande cama de latão. Tinha o gancho do telefone em uma mão e uma pistola automática na outra. A arma estava apontada para o coração de Spector. Seus olhos se encontraram e se fixaram. Spector lembrou-se do dedo morto de Mike e estremeceu quando a experiência da morte fluiu para dentro de McPherson.

O policial tremeu e engasgou, então foi desabando lentamente atrás da cama. Spector fechou as mãos em punhos e suspirou. Foi até o lado do morto e tirou a arma de sua mão. Abriu a gaveta do criado-mudo com a mão enluvada e, cuidadoso, pousou a arma dentro dela. Spector sentiu uma onda de alívio. Tinha imaginado claramente uma bala atravessando seu peito, levando-o a sangrar até a morte antes que pudesse se regenerar.

Apanhou um travesseiro e jogou-o no chão como um recebedor cravando uma bola de futebol americano após um touchdown. Quem sabe agora o Astrônomo e a enfermeira Gresham o deixassem em paz. Ele devolveu o travesseiro para o lugar.

O telefone começou a apitar.

Spector pousou o fone sobre o gancho e colocou o telefone no criado-mudo. Sentou-se sobre os lençóis desarrumados e examinou a vítima. O olhar no rosto de McPherson era igual ao que imaginava ter sido sua própria expressão quando morrera.

— A morte lhe cai tão bem, McPherson — disse ao cadáver.

E gargalhou.

Spector tomou um gole do uísque Jack Daniel's Black Label e saboreou o calor se espalhando em seu corpo. Estava deitado no seu colchão velho, olhando para a pequena televisão em preto e branco. Um noticiário noturno fazia uma retrospectiva da invasão alienígena. As notícias sobre os monstros ainda tinham bastante destaque, de forma que a morte de McPherson nem mesmo apareceu na primeira página do *New York Times*.

Pela milionésima vez, mostravam o videoteipe do ataque em Grovers Mill. Uma unidade da Guarda Nacional estava usando um lança-chamas em uma daquelas coisas. Ela deu um grito agudo enquanto pegava fogo e ardia. Spector balançou a cabeça. Poder matar alguém apenas com um olhar deveria ser o suficiente para dar certa segurança a uma pessoa, mas não era o caso. Os monstros do espaço lhe causavam a mesma sensação ruim que o Astrônomo. Spector esperava nunca mais ver ou ouvir falar do velho novamente, agora que cumprira sua parte no acordo.

O vídeo terminara.

— E agora — disse o locutor—, para as considerações finais sobre essa tragédia, temos o prazer de receber nosso convidado, dr. Tachyon.

Spector agarrou a garrafa quase vazia e preparou-se para atirá-la no aparelho. O ar tremulou ao lado da cama, e ele sentiu o quarto ficar cada vez mais frio. O contorno translúcido formou uma cabeça de chagal sem corpo. Fogo colorido descia de sua boca e narinas.

Spector caiu da cama, puxando as cobertas por cima de si.

— Bebendo de novo — o chagal disse. — Se não lhe conhecesse, diria que está com a consciência pesada. — A cabeça transformou-se em vapor e rapidamente deu forma ao Astrônomo.

— Puta merda. Tem alguma coisa que você não consiga fazer? — Ele jogou as cobertas para o lado e subiu novamente na cama.

— Todos temos nossas limitações. Aliás, se você vir a cabeça do chagal novamente, dirija-se a ela como lorde Amon. Consigo aparecer dessa forma apenas se usar um tipo avançado de projeção astral. Uma das minhas habilidades menos impressionantes, mas tem sua utilidade. — O Astrônomo olhou para a televisão, que desligou com um estalido. — Não quero distrações.

— Olha, fiz o que você queria. O cara está morto e todo mundo acha que foi um ataque cardíaco. Vamos nos considerar quites, e você pode me deixar em paz agora. — Ele jogou a garrafa na imagem, que a atravessou silenciosamente e estourou na parede. — Então cai fora.

O Astrônomo passou a mão pela testa.

— Não fale bobagens. Isso não vai ajudar nem a mim nem a você. Podemos usá-lo. Um homem com seu poder seria de grande

ajuda. Mas não é apenas por egoísmo que gostaria que você se juntasse a nós. Seria criminoso ficar parado e ver você desperdiçar seu talento dessa forma. Você precisa apenas de um guia para perceber seu potencial.

— Ah — disse Spector, tentando não falar enrolado. — Meu potencial para quê?

— Para integrar a elite dominante em uma nova sociedade. Para deixar as pessoas apavoradas ao pensarem em você. — O Astrônomo estendeu as mãos fantasmagóricas. — O que ofereço não é uma promessa vazia. O futuro está nas nossas mãos neste exato momento. O que estamos fazendo é de importância cósmica.

— Parece ótimo — disse Spector, sem convicção. — Acho que, se você fosse me matar, já teria matado. Mas, de verdade, não estou em condições de lidar com problemas cósmicos agora.

— Claro. Tenha uma boa noite de sono, se puder. Meu carro pegará você na porta do seu apartamento às dez da noite de amanhã. Você saberá muito mais e dará seu primeiro passo no caminho da grandeza. — A imagem do Astrônomo piscou e desapareceu.

Spector estava bêbado e confuso. Ainda não confiava no Astrônomo, mas o velho estava certo sobre uma coisa. Estava desperdiçando seu novo poder e sua nova vida. Estava na hora de fazer algo sobre isso. De um jeito ou de outro.

A limusine preta do Astrônomo chegou no horário. Spector enfiou o .38 no casaco e caminhou devagar até a porta da frente. Quando tivesse a chance, mataria o velho. O Astrônomo era perigoso, e sabia demais para ser confiável. Uma janela espelhada abaixou-se

e uma mão pálida acenou para ele entrar no carro. A cabeça do Astrônomo estava inchada, com grandes rugas que não estavam ali na noite anterior. Estava vestido em um robe de veludo preto e usava um colar feito de moedas de 1794.

— Aonde vamos? — Spector tentou parecer tranquilo. Sabia que o revólver era a única arma possível contra o Astrônomo.

— Curiosidade. Isso é bom. Significa que está interessado. — O Astrônomo ajustou o cinto. — Você teve uma grande quantidade de dor e morte na sua vida. Hoje à noite haverá mais. Mas a dor e a morte não serão suas.

Spector inquietou-se.

— Olhe, o que você realmente quer de mim? Está se dando muito trabalho por alguém de fora. Deve ter algo em mente.

— Sempre tenho algo em mente, mas precisa confiar em mim quando digo que não sairá machucado. Foram anos de experimentação para controlar meus poderes. Alguns deles você já conhece. Outros — ele coçou a testa inchada — você testemunhará hoje à noite. Tive um vislumbre do futuro, e sua participação será importante na nossa vitória. Mas seus poderes precisam ser fortalecidos e aprimorados. Isso será possível apenas se for corretamente instruído.

— Ótimo. Se quer que eu mate mais gente para você, apenas diga. Claro, espero ser pago por isso. Mas não fique pensando que pertenço ao seu grupinho. — Spector balançou a cabeça. — Ainda não sei que merda são vocês.

— Somos aqueles que entendem a verdadeira natureza de TIAMAT. Por meio dela, receberemos poderes inimagináveis. — O Astrônomo encarava os olhos do outro sem medo. — A tarefa será difícil, e será

necessário grande sacrifício para concluí-la. Quando o trabalho estiver terminado, você pode dar seu preço.

— TIAMAT — murmurou Spector. O fervor do Astrônomo parecia genuíno, mas soava insano. — Olha só, é um pouco demais para mim agora. Apenas me diga para onde vamos.

— Após uma breve parada, para o Mosteiro.

— Não é um pouco perigoso? Muitos problemas com gangues de adolescentes. Muita gente sendo morta por lá.

O Astrônomo riu baixinho.

— As gangues trabalham para nós. Mantêm as pessoas longe, inclusive a polícia, e as ajudamos a manter sua base de poder local. O Mosteiro é perfeito para nós, um prédio antigo em solo antigo. Perfeito.

Spector quis perguntar para que era perfeito, mas pensou melhor.

— Você não é sócio do Metropolitan Museum, é? — Sua tentativa de humor passou despercebida.

— Não. Tínhamos outro templo no centro, mas foi destruído em uma explosão infeliz. Um dos meus irmãos mais queridos morreu. — Havia um sarcasmo satisfeito na voz do Astrônomo. — Escolha uma mulher para nós, sr. Spector.

A limusine transitava metodicamente pela área da Times Square.

— Por que não chamamos uma garota de programa para o Mosteiro? — Spector sempre sentira vontade de machucar uma bela mulher. — Essas putas são a escória da Terra.

— Dariam falta de uma garota agenciada — advertiu o Astrônomo. — E não precisamos de uma beleza estonteante. Tivemos problemas no passado, usando mulheres caras. Desde então, tivemos que ser mais cuidadosos.

Spector, decepcionado, aceitou o conselho e olhou em volta.

— A loira ali não é nada mau.

— Boa escolha. Pare perto dela. — O Astrônomo esfregou as mãos.

O motorista desacelerou a limusine e o Astrônomo baixou o vidro.

— Com licença, senhorita, estaria interessada em uma festinha? Particular, claro.

A mulher inclinou-se para olhar dentro do carro. Era jovem, com cabelo tingido platinado e um jeito direto. O casaco de pele sintética foi aberto de modo a revelar um belo corpo, que era apenas parcialmente coberto por um vestido preto curto e justo.

— Economizando, rapazes? — Ela fez uma pausa, esperando um comentário, então continuou. — Como são dois, vai custar o dobro. Tem extra se quiserem alguma bizarrice ou algo especial. Se são policiais, arranco a merda do seu coração fora.

O Astrônomo assentiu.

— Está ótimo para mim. Se meu amigo concordar.

— Eu sou o que você tinha em mente, queridinho? — A mulher lançou um beijo para Spector.

— Claro — disse ele, sem encará-la.

A West Side Highway estava quase vazia e a viagem levou pouco tempo. O Astrônomo injetou uma droga na mulher que a deixou consciente, mas sem saber onde estava. Quando o carro entrou na via de acesso, Spector viu diversas formas espremidas contra árvores nuas. Na penumbra, viu o brilho do aço frio. Apalpou o .38 no bolso do casaco para se certificar de que ainda estava lá.

Spector saiu do carro e caminhou rapidamente para o outro lado. Tirou a mulher do veículo e a guiou até o prédio. O Astrônomo caminhava lentamente na direção das portas.

— Pensei que você fosse aleijado.

— Às vezes me sinto mais forte. Hoje à noite devo ficar o mais forte possível.

Uma rajada de vento frio sacudiu o robe em torno dele, mas o Astrônomo não mostrou nenhum sinal de desconforto. Trocou algumas palavras com um homem na porta e balançou a mão como em um ritual. O homem abriu a porta e indicou para Spector prosseguir.

Ele estivera no Mosteiro diversas vezes quando era bem jovem. A era conjurada pela arquitetura, pinturas e tapeçarias parecia mais agradável a Spector do que aquela na qual era forçado a viver.

No vestíbulo, uma fera esculpida em mármore os observava de cima. Tinha um físico angular e pequenas asas grudadas nas costas largas. A cabeça e a boca eram imensas. Mãos magras com garras seguravam um globo diante da boca cheia de presas. Spector reconheceu o globo como a Terra.

Uma figura moveu-se de trás da estátua e distanciou-se deles. Vestia um jaleco de laboratório sobre sua forma vagamente humana. Escondeu o rosto amarronzado de inseto e desapareceu nas sombras. Spector sentiu um arrepio.

A mulher deu uma risadinha e se agarrou nele.

— Sigam-me — disse o Astrônomo, impaciente.

Spector obedeceu. Notou que o interior do prédio era adornado com outras estátuas e pinturas repugnantes.

— Vocês fazem magia, não é?

O Astrônomo retesou-se com a palavra.

— Magia. Magia é apenas uma palavra que o ignorante usa para poder. As habilidades que você e eu possuímos não são mágicas. São produtos da tecnologia takisiana. Certos rituais que até agora eram vistos como magia obscura, na verdade, apenas abrem canais sensoriais para esses poderes.

O corredor abria-se para um pátio. A lua e as estrelas lançavam sobre o chão coberto de neve um brilho cintilante. Spector percebeu que foi onde deviam ter feito seu interrogatório. Havia dois altares de pedra no centro do pátio. Ele viu um jovem nu amarrado a um deles. O Astrônomo caminhou até ficar ao lado do refém.

— Tire as roupas da mulher e amarre-a — disse o Astrônomo.

Spector a deixou nua e amarrou suas mãos e seus pés. A mulher ainda estava rindo.

— Extra para bizarrice. Extra para bizarrice — disse ela.

O Astrônomo jogou uma mordaca para ele. Spector a enfiou na boca da prostituta.

— Quem é o cara? — perguntou Spector, apontando o homem nu.

— O líder de uma gangue rival. Ele é jovem, seu coração é forte e seu sangue, quente. Agora fique quieto.

O Astrônomo ergueu as palmas das mãos e começou a falar em um idioma que Spector não entendia. Outros homens e mulheres de robe entraram, silenciosos, no pátio. Muitos tinham os olhos fechados. Outros encaravam o céu noturno. O Astrônomo pousou a mão sobre o peito do jovem. Ele gritou.

Com a mão livre, o Astrônomo apontou para um grupo de pessoas no fundo do pátio. Cerca de uma dúzia delas carregava

uma jaula grande na direção do altar.

A criatura dentro dela era imensa. Seu corpo peludo, com forma de salsicha, era rastejante e apoiado por muitas pernas curtas. A fera era quase que apenas boca e dentes brilhantes, como a estátua no vestíbulo. Tinha dois olhos grandes e pretos, e orelhas pequenas, que ficavam dobradas contra a cabeça. Spector reconheceu-a como uma das monstruosidades alienígenas.

O homem continuou a gritar e implorar. Estava a uma distância curta da boca aberta do bicho. A jaula foi lentamente empurrada para a frente até a cabeça do homem estar entre as barras de ferro. As mandíbulas da criatura se fecharam de uma vez, interrompendo o grito final.

O Astrônomo ergueu o cadáver decapitado, cortando as cordas que o prendiam. O sangue do homem jorrava sobre sua pele e robe. O corpo do Astrônomo ficou forte e sua pele brilhou com uma vitalidade anormal enquanto continuava a entoar as palavras. Tirou a mão do peito do homem e levantou-a acima da cabeça, então lançou um objeto aos pés de Spector. O coração fora removido com precisão cirúrgica. Spector tinha visto filmes de cirurgias paranormais, mas nada tão espetacular assim.

O velho caminhou para a jaula e olhou para a coisa dentro dela.

— TIAMAT, por meio do sangue dos vivos, eu me torno seu mestre. Não poderá ter segredos comigo.

A criatura gemeu suavemente e afastou-se do Astrônomo o máximo que a jaula permitia. O corpo do Astrônomo enrijeceu-se, sua respiração diminuiu. Por muito tempo, nada se moveu. Então o velho apertou os punhos e gritou. Era um uivo diferente de tudo que Spector tinha ouvido antes.

O Astrônomo avançou sobre o cadáver e começou a rasgá-lo, lançando pedaços de carne e vísceras como um turbilhão. Correu de volta para a jaula e enterrou os dedos na cabeça da criatura. Ela tentou livrar-se, mas não conseguia aproximar a mandíbula dos braços do Astrônomo, que uivava e girava com maldade a cabeça da coisa. Um estalo alto, e o pescoço se partiu. O velho desabou no chão.

Spector ficou para trás, enquanto os outros correram na direção do Astrônomo. A cena sangrenta o inundara com um brilho intoxicante. Ele conseguia sentir a vontade de matar crescendo rápido e forte dentro dele, dominando seus outros pensamentos. Ele se virou para a garota no altar.

— Não! — O Astrônomo aprumou-se e inclinou-se para a frente.
— Ainda não.

Spector sentiu uma calma tomando conta de si. Sabia que o Astrônomo estava causando aquilo.

— Você fez isso comigo. Tenho que matar logo. Preciso.

— Sim. Sim, eu sei. Mas espere. Espere e será melhor do que você pode imaginar. — Ele cambaleou e respirou profundamente várias vezes. — TIAMAT não se revela com tanta facilidade. Ainda assim, tinha que tentar. — O Astrônomo gesticulou para os outros no pátio e eles rapidamente saíram.

— O que estava tentando fazer com aquela coisa? Por que você a matou? — perguntou Spector, tentando controlar seu desejo.

— Estava tentando entrar em contato com TIAMAT por meio de uma de suas criaturas menores. Fracassei. Por isso, era inútil para nós.

O Astrônomo tirou o robe e virou-se para a mulher. Correu os dedos cobertos de sangue entre os pelos púbicos escuros dela, então pousou as duas mãos em seu abdômen. Enquanto montava nela, deslizou as mãos sob sua pele e começou a esmagar os órgãos internos. A mulher choramingava, mas não gritava. Aparentemente, estava desorientada demais para entender o que estava acontecendo.

Spector assistiu ao ato com certa preocupação. Pelo que podia ver, o homem estava massageando a si mesmo dentro do corpo da loira. Spector tinha apenas um interesse moderado em sexo antes de morrer. Agora, mesmo esse pouco interesse desaparecera.

Se quisesse atirar no velho, provavelmente não teria chance melhor. Ele pegou a arma. Ao fazer isso, foi dominado pela necessidade de matar. O Astrônomo dissipara sua influência tranquilizadora. Spector tirou a mão do casaco. Sabia do que precisava. Não tiraria satisfação do cano da arma.

O Astrônomo ficava cada vez mais excitado. As rugas da sua testa começaram a pulsar visivelmente, e ele rasgava pequenos pedaços da mulher, que agora gritava.

Spector sentiu seu desejo crescer em harmonia com o do velho.

— Agora — disse o Astrônomo, investindo de modo selvagem. — Mate-a agora.

Spector aproximou-se, seu rosto apenas a poucos centímetros do dela. Conseguia ver o medo nos olhos da prostituta e estava certo de que ela conseguia ver a morte nos olhos dele. Deu a ela a sua morte. Lentamente. Não queria afogá-la, seria rápido demais. Ele preencheu a mente e o corpo da mulher. Ela se retorcia, receptáculo berrante do líquido preto e viscoso da morte.

O Astrônomo gemeu e caiu sobre ela, sacudindo Spector de seu estado de transe. Ele arrancava pedaços dela com os dentes e as mãos. A mulher estava morta.

Spector afastou-se e fechou os olhos. Nunca tinha desfrutado do ato de matar até então, mas a satisfação e o alívio que sentira estavam além do que ele havia pensado ser possível. Tinha controlado seu poder, feito com que ele o servisse pela primeira vez. E sabia que precisava do Astrônomo para ser capaz disso novamente.

— Ainda quer me matar? — O Astrônomo ergueu-se, satisfeito, do cadáver. — Imagino que a arma ainda esteja no seu casaco. É ela ou isto. — Ele ergueu uma das moedas.

Não havia escolha verdadeira. Quaisquer dúvidas foram apagadas por aquilo que acabara de vivenciar. Pegou a moeda sem hesitação.

— Ei, todo mundo em Nova York tem um revólver. Esta cidade é cheia de pessoas bem perigosas.

O Astrônomo deu uma gargalhada alta, o som ecoando para fora dos muros de pedra.

— É apenas o primeiro passo. Com minha ajuda, você será capaz de coisas além de seus maiores sonhos. De agora em diante, você não será mais James Spector. Nós, do círculo interno, chamaremos você de Ceifador. Para aqueles que se opuserem a nós, você será a morte. Rápida e implacável.

— Ceifador, gostei, soa bem. — Ele concordou com a cabeça e enfiou a moeda no bolso.

— Confie apenas naqueles que se identificarem com a moeda. Seus amigos e inimigos agora são escolhidos por você. Passe a

noite aqui, se quiser. Amanhã continuaremos suas aulas.

O Astrônomo pegou o robe e retirou-se para o fundo do pátio.

Spector esfregou as têmporas e caminhou para trás do prédio. A dor começou a crescer novamente. Ele a aceitava, até mesmo a amava. Seria a fonte de seu poder e satisfação. Havia tirado a rainha de espadas e sofrera uma morte terrível, mas um milagre ocorrera. Seu dom para o mundo seria o horror dentro dele. Talvez não fosse o bastante para o mundo, mas era o bastante para ele.

Spector se enroscou sob a estátua no vestíbulo e dormiu o sono dos mortos.

JUBE: QUATRO

No terceiro andar do Crystal Palace havia aposentos privados que Crisálida reservava para si. Ela esperava por ele em uma sala de estar, sentada em uma poltrona estofada de veludo vermelho atrás de uma mesa de carvalho. Crisálida fez um gesto na direção de um assento. Ela não perdia tempo.

— Você despertou minha curiosidade, Jubal.

— Não sei do que está falando — disse Jube, relaxando na ponta de uma cadeira com encosto de couro.

Crisálida abriu um antigo moedeiro de seda e tirou um punhado de pedras preciosas. Ela as alinhou sobre a toalha de mesa branca.

— Duas safiras estreladas, dois rubis e um diamante azul e branco perfeito — disse ela com voz seca e fria. — Todos não lapidados, da mais alta qualidade, nenhum pesando menos de quatro quilates. Todas apareceram nas ruas do Bairro dos Curingas nas últimas seis semanas. Curioso, não é mesmo? O que você acha disso?

— Não sei — respondeu Jube. — Vou ficar de olho. Ouviu falar do curinga com poder de espremer um diamante até transformá-lo em um torrão de carvão?

Ele estava blefando e ambos sabiam disso. Ela empurrou uma safira pela toalha de mesa com o dedinho da mão esquerda, sua carne tão clara quanto vidro.

— Você deu esta aqui a um agente sanitário por uma bola de boliche que ele encontrou numa caçamba?

— Sim — disse Jube. Era magenta e branca, furada sob medida para algum curinga, seus seis buracos arranjados em um círculo. Não era surpresa que tivesse sido jogada fora.

Crisálida empurrou o rubi com o dedo mínimo, e ele se moveu pouco mais de um centímetro.

— Esta foi para um escrivão de polícia. Você quis ver registros com relação a um corpo liberado do necrotério, e qualquer coisa que eles tivessem sobre essa bola de boliche perdida. Nunca soube que você gostava tanto assim de boliche, Jubal.

Jube deu um tapa na barriga.

— Não pareço um jogador de boliche? Não há nada de que eu goste mais do que fazer alguns strikes e beber umas cervejas.

— Você nunca pisou em uma pista de boliche na sua vida, e não saberia diferenciar um strike de um touchdown. — Os ossos de seu dedo nunca pareceram tão assustadores como quando ergueram o diamante. — Este item foi oferecido a Devil John Darlingfoot no meu próprio salão vermelho. — Ela o rolou entre os dedos transparentes, e os músculos de sua face retorceram-se naquilo que provavelmente devia ter sido um sorriso irônico.

— Era da minha mãe — Jube revelou.

Crisálida deu uma risadinha.

— E ela nunca se deu ao trabalho de cortá-lo ou encravá-lo? Que estranho. — Ela baixou o diamante, pegou a segunda safira. — E

esta aqui... sinceramente, Jubal! Acha mesmo que Elmo não me contaria? — Ela juntou cuidadosamente a pedra com as outras. — Você precisa contratar alguém para realizar algumas tarefas e investigações secretas. Muito bem. Por que não veio até mim, simplesmente?

Jube coçou uma de suas presas.

— Você faz perguntas demais.

— Justíssimo. — Ela passou a mão sobre as joias. — Temos quatro aqui. Existem outras?

Jube concordou com a cabeça.

— Uma ou duas. Estão faltando as esmeraldas.

— Que pena. Adoro verde. A cor dos carros de corrida britânicos.

— Ela suspirou. — Por que pedras preciosas?

— As pessoas não quiseram aceitar meus cheques — disse Jube —, e era mais fácil do que andar por aí com grandes quantias em dinheiro.

— Se existem mais de onde essas vieram, cuide para que fiquem onde estão. Deixe que o boato se espalhe no Bairro dos Curingas de que o Morsa tem uma caixinha secreta de pedras preciosas, e não apostarei um mero centavo nas suas chances. É possível que você já tenha remexido as águas, mas vamos torcer para que os tubarões não tenham percebido. Elmo falou apenas comigo, claro, e Devil John tem seu senso de honra peculiar, então acho que podemos confiar nele para manter o bico calado. Quanto ao lixeiro e ao escrivão, quando adquiri as pedras preciosas, comprei junto o silêncio deles.

— Você não precisava fazer isso!

— Eu sei. Da próxima vez que quiser informação, você sabe onde fica o Crystal Palace. Não é mesmo?

— Quanto você já sabe? — Jube perguntou.

— O bastante para saber quando você está mentindo — Crisálida respondeu. — Sei que está procurando uma bola de boliche por razões incompreensíveis para homens, mulheres ou curingas. Sei que Darlingfoot roubou aquele cadáver curinga do necrotério, o corpo era pequeno e peludo, com pernas de gafanhoto, e bem chamuscado. Nenhum curinga correspondente a essa descrição é conhecido por qualquer das minhas fontes, um fato curioso. Sei que Croyd fez um depósito em dinheiro bem grande no dia em que o corpo foi roubado, e um ainda maior no dia seguinte, e entre os depósitos teve um confronto público com Darlingfoot. E sei que você pagou um bom dinheiro para Devil John revelar quem ele representava neste pequeno melodrama, e tentou, sem sucesso, contratar seus serviços. — Ela se inclinou para a frente. — O que não sei é o que tudo isso significa, e você sabe quanto me incomoda um mistério.

— Dizem que toda vez que um curinga peida em qualquer lugar de Manhattan, a Crisálida tampa o nariz — disse Jube.

Ele a encarava intensamente, mas a transparência de sua carne tornava sua expressão impossível de decifrar. O rosto de caveira atrás de sua pele cristalina encarava-o implacável pelos olhos azul-claros.

— Qual seu interesse nisso? — perguntou a ela.

— Não posso dizer, até eu saber o que é “isso”. No entanto, você tem sido útil para mim há muito tempo, e eu odiaria perder seus serviços. Sabe que sou discreta.

— Até ser paga para ser indiscreta.

Crisálida riu e tocou no diamante.

— Segundo suas fontes, o silêncio pode ser mais lucrativo que a fala.

— É verdade — disse Jube. Decidiu que não tinha nada a perder.

— Na verdade, sou um alienígena espião de um planeta distante — ele começou.

— Jubal — interrompeu Crisálida—, minha paciência tem limites. Nunca fui fã desse seu humor. Vá direto ao ponto. O que aconteceu com Darlingfoot?

— Nada de mais — admitiu Jube. — Sei por que quero o corpo. Não sei por que outra pessoa o quer. Devil John não me disse. Acho que eles estão com a bola de boliche. Tentei contratá-lo para consegui-la de volta, mas ele não quis mais fazer negócios comigo. Acho que está com medo deles, sejam lá quem forem.

— Acho que está certo. Croyd?

— Dormiu de novo. Quem sabe qual será a utilidade dele quando acordar? Posso ficar esperando seis meses e ele acordar como um hamster.

— Por um preço — disse Crisálida com uma certeza gélida —, posso contratar os serviços de alguém que lhe trará respostas.

Jube decidiu ser direto, pois a evasão não estava levando a lugar algum.

— Não sei se eu confiaria em qualquer um que você contratasse.

Ela riu.

— Meu caro, é a coisa mais inteligente que você disse em meses. E está certo. Você é um alvo fácil, e alguns dos meus contatos são menos do que respeitáveis, admito. Comigo intermediando, no

entanto, a equação muda. Tenho certa reputação. — Ao lado do cotovelo dela havia um pequeno sino de prata. Ela o tocou levemente. — De qualquer forma, o melhor homem para este caso é uma exceção à regra geral. Ele tem ética de verdade.

Jube ficou tentado.

— Quem é?

— Ele se chama Jay Ackroyd. Um ás que é investigador particular. Nos dois sentidos da palavra. Às vezes, chamam ele de Popinjay, pois aparece quando quer, mas nunca falam isso na cara dele. Jay e eu trocamos favores de vez em quando. Afinal, lidamos com o mesmo produto.

Jube tocou uma presa, pensativo.

— Tudo bem. O que me impede de contratá-lo diretamente?

— Nada — disse Crisálida. Um garçom alto com impressionantes chifres de marfim entrou, carregando um amaretto e um *Singapore sling* em uma bandeja de prata antiga. Quando saiu, ela continuou. — Quer dizer, se preferir que a curiosidade dele recaia sobre você em vez de mim.

Ele fez uma pausa.

— Talvez fosse melhor eu ficar nos bastidores.

— Exatamente o que pensei — disse Crisálida, bebericando o amaretto. — Jay nem saberá que você é o cliente.

Jube olhou para a janela. Fazia uma noite escura e sem nuvens. Conseguia ver as estrelas e sabia que, em algum lugar lá em cima, a Mãe ainda aguardava. Precisava de ajuda e tinha de deixar o medo de lado.

— Você conhece um bom ladrão? — perguntou a ela, sem rodeios.

Aquilo a surpreendeu.

— Talvez.

— Eu preciso — começou, sem jeito —, hum, de peças. Instrumentos científicos e, hum, componentes eletrônicos, microchips, coisas assim. Posso fazer uma lista para você. Envolve invadir alguns laboratórios corporativos, talvez algumas instalações federais.

— Prefiro ficar longe de qualquer coisa que seja *tão* ilegal assim — disse Crisálida. — Por que precisa de eletrônicos?

— Para montar um radioamador — disse Jube. — Você faria isso para salvar o mundo?

Ela não respondeu.

— Faria isso por seis esmeraldas perfeitamente iguais do tamanho de ovos de pombo?

Crisálida sorriu lentamente e propôs um brinde.

— A uma relação longa e *lucrativa*.

Ela quase poderia ser um Mestre Comerciante, Jube pensou com certa admiração. Sorrindo com as presas à mostra, levantou o *Singapore sling* e levou o canudinho à boca.

ATÉ A SEXTA GERAÇÃO

Walter Jon Williams

EPÍLOGO

Tinha sido fácil. Enquanto Corado e Suado fingiam brigar na calçada em frente à van, Ricky e Loco simplesmente subiram no veículo, pegaram um par de caixas cada um e fugiram pela rua. O sujeito esquisito e alto que fazia o transporte nem notou que elas estavam faltando. Ricky se parabenizou pela ideia.

Oportunidades como aquela não surgiam com tanta frequência. O território dos comuns ficava cada vez menor. As gangues de curingas, como os Príncipes Demoníacos, estavam expandindo cada vez mais. Que merda, como lutar com uma coisa que parecia uma lula?

Ricky Santillanes enfiou a mão no bolso da calça jeans, tirando as chaves, e entrou no quartel do clube. Corado foi até a geladeira pegar umas cervejas e os outros colocaram as caixas no sofá surrado e as abriram.

— Uau. Um videocassete.

— Que tipo de fitas?

— Parece que são filmes de terror japoneses. E alguma coisa aqui chamada PORNÔ.

— Ei! Põe aí, cara!

As cervejas espocaram.

— Loco! Um computador.

— Isso não é um computador. É um equalizador gráfico.

— Claro que não, idiota. Já vi um computador antes. Na escola, antes de eu largar.

Ricky olhou para a coisa.

— Wang não fabrica componentes de estéreo, cara.

— Você não sabe de porra nenhuma.

Suado ergueu um gravador de CD e DVD-ROM.

— Que droga é essa aqui, cara?

— Aposto que é caro.

— Como vamos vender se não sabemos quanto pedir?

— Ei! Consegui colocar o videocassete!

Suado levantou uma esfera preta sem graça.

— E isso aqui, cara?

— Uma bola de boliche.

— O cacete que é. Leve demais. — Ricky a segurou.

— Ei. Essa garota loira é gostosa.

— O que ela está fazendo? Fodendo a câmera? Cadê o cara?

— Eu conheço essa mulher de algum lugar...

— Onde está o homem, cara? Que bizarro. Estão dando um close na orelha dela.

Ricky assistia enquanto manipulava a esfera preta. Era quente ao toque.

— Ih! Parece que a garota está voando ou algo assim!

— Fala sério.

— Sério. Olha. O cenário está mexendo.

A loira parecia estar flutuando, recuando para o fundo do cenário enquanto realizava atos sexuais vagamente reconhecíveis. Parecia que o parceiro invisível dela podia voar.

— Bizarro demais.

Loco olhou para a esfera preta.

— Me dá isso aqui — disse ele.

— Assiste ao filme aí, cara.

— Fala sério. Me dá isso. — Ele esticou o braço.

— Vai se foder, idiota!

Luzes estranhas percorreram as mãos de Ricky. Algo escuro cobriu Loco e, de repente, ele não estava mais lá.

Ricky levantou-se em silêncio, chocado, enquanto os outros começavam a gritar. Algo parecia estar tocando sua mente.

A esfera preta estava falando com ele. Parecia perdida e, de alguma forma, quebrada.

Ela podia fazer coisas desaparecerem. Ricky pensou sobre os Príncipes Demoníacos e sobre o que poderia fazer com certo alguém que tinha a aparência de uma lula. Um sorriso começou a se abrir em seu rosto.

— Ei, rapazes — disse ele. — Acho que tive uma ideia.

FRIO INVERNAL

George R.R. Martin

Finalmente, o dia chegou, como ele sabia que chegaria. Era um sábado, frio e cinzento, com um vento ligeiro soprando do estreito de Kill van Kull. A cafeteira Mister Coffee estava programada para ter café pronto às 10h30, quando ele acordasse; nos fins de semana, Tom gostava de dormir até mais tarde. Acrescentou generosamente leite e açúcar à caneca e levou-a para a sala de estar.

Havia correspondência antiga espalhada sobre o aparador: uma pilha de contas, folhetos de supermercado anunciando vendas havia muito passadas, um cartão-postal enviado por sua irmã quando ela foi para a Inglaterra no verão anterior, um envelope pardo e longo dizendo que o sr. Thomas Tudbury poderia já ter ganhado três milhões de dólares, e uma porção de bobagens com as quais precisava lidar com urgência. Embaixo daquilo tudo estava o convite.

Ele tomou um gole de café e olhou para a correspondência. Quantos meses tinha ficado ali? Três? Quatro? Tarde demais para fazer algo a respeito agora. Até mesmo um *RSVP* seria lamentavelmente inadequado naquele momento. Lembrou-se do

jeito que terminava *A primeira noite de um homem*, e saboreou a fantasia. Contudo, ele não era Dustin Hoffman.

Como alguém cutucando uma velha casca de ferida, Tom fuçou na correspondência até encontrar novamente o pequeno envelope quadrado. O cartão dentro dele era branco e direto.

SR. & SRA. STANLEY CASKO
TÊM A HONRA DE CONVIDAR V.SA.
PARA O CASAMENTO DE SUA FILHA BARBARA
COM O SR. STEPHEN BRUDER, DE WEEHAWKEN,
NA IGREJA DE ST. HENRY
ÀS 14H DO DIA 8 DE MARÇO
EM SEGUIDA RECEPÇÃO NO TOP HAT LOUNGE
RSVP 555-6853

Tom correu os dedos por um longo tempo sobre o papel em relevo, então o pousou de volta no aparador, jogou o lixo no cesto de vime que ficava ao lado do sofá e foi até a janela.

No fim da First Street, havia pilhas de neve escura ao longo das trilhas de pedestre do pequeno e estreito parque da orla. Um cargueiro com a bandeira da Noruega seguia para o Kill van Kull na direção da ponte Bayonne e do porto Newark, rebocado por uma barça azul. Tom estava parado junto à janela da sala de estar, mão no caixilho, a outra enfiada no bolso, observando as crianças no parque, observando o avanço contínuo do cargueiro, observando a água verde e fria do Kill e os embarcadouros e as colinas de Staten Island mais adiante.

Muito tempo atrás, sua família vivera nos projetos habitacionais governamentais no fim da First Street, e a janela da sala de estar tinha visão para o parque e o Kill. Às vezes, à noite, enquanto os pais dormiam, ele se levantava, preparava um leite com chocolate e

olhava pela janela para as luzes de Staten Island, que parecia impossivelmente distante e cheia de promessas. O que ele sabia? Era uma criança pobre que nunca havia saído de Bayonne.

Os grandes navios passavam mesmo à noite, e não era possível ver no escuro as trilhas de ferrugem ao lado deles ou o óleo que soltavam na água; à noite, os navios eram mágicos, ligados a aventuras emocionantes e romances, a cidades lendárias onde as ruas reluziam com perigos obscuros. Na vida real, mesmo a cidade de Jersey era a terra do desconhecido, até onde ele sabia, mas nos seus sonhos conhecia os brejos da Escócia, os becos de Shanghai e a poeira de Marrakesh. Quando fez dez anos, Tom já era capaz de reconhecer as bandeiras de mais de trinta nações.

Mas não tinha mais dez anos. Faria quarenta e dois naquele ano e deixara os quatro blocos dos conjuntos habitacionais por uma pequena casa de tijolos vermelhos na First Street. No colégio, trabalhara nos verões arrumando aparelhos de TV. Ainda estava na mesma loja, mas fora promovido a gerente, e era proprietário de quase um terço dos negócios; atualmente, o lugar era chamado de Broadway ElectroMart e vendia videocassetes, CD players e computadores, bem como aparelhos de televisão.

Você chegou longe, Tommy, ele pensou, com amargura. E agora Barbara Casko se casaria com Steve Bruder.

Não podia culpá-la. Ele não podia culpar ninguém, além de si mesmo. E, talvez, Jetboy, e o dr. Tachyon... sim, podia culpá-los um pouco também.

Tom virou-se para sair e deixou as cortinas caírem de volta na frente da janela, sentindo-se um merda. Caminhou até a cozinha e abriu a geladeira que gritava solteirice. Sem cerveja, apenas um

resto de um refrigerante Shop Rite sem gás no fundo de uma garrafa de dois litros. Arrancou o papel-filme de uma tigela com salada de atum, pretendendo fazer para si um sanduíche para o café da manhã, mas havia uma coisa verde crescendo sobre ela. De repente, ele perdeu o apetite.

Tirou o telefone de parede do gancho, discou os sete números familiares. No terceiro toque, uma criança atendeu.

— Aiô?

— Oi, Vito — disse Tom. — Seu velho está em casa?

Ele escutou o som da extensão sendo atendida.

— Alô? — disse uma mulher. A criança deu uma risadinha. — Já peguei aqui, querido — falou Gina.

— Tchau, tchau, Vito — falou Tom, enquanto a criança desligava.

— *Vito* — falou Gina, soando irritada e se divertindo ao mesmo tempo. — Tom, você é louco, não é? Por que quer confundir o menino o tempo todo? Da última vez foi Giuseppe. O nome dele é Derek.

— Bah — respondeu Tom. — Derek, que tipo de nome é esse? Dois belos filhos de italianos como você e o Joey, e vocês colocam na criança o nome de um cara qualquer de uma novela. Dom teria tido um treco. Derek DiAngelis, parece uma crise de identidade ambulante.

— Então tenha você um filho e ponha nele o nome Vito — Gina retrucou.

Era apenas uma piada. Gina estava só brincando, ela não quisera dizer nada de mais com isso. Mas saber disso não ajudou. Ele ainda sentiu como se tivesse tomado um chute no estômago.

— O Joey está aí? — perguntou de forma brusca.

— Está em San Diego — ela respondeu. — Tom, tudo bem com você? Parece estranho.

— Estou bem. Só dar um “oi”.

Claro que Joey estava em San Diego. Joey viajava muito nessa época, o sortudo. Joey DiAngelis “Ferro-velho” era um motorista estrela no circuito Derby de demolição, e no verão o circuito ia para climas mais amenos. Era quase irônico. Quando eram crianças, até os pais deles imaginavam que Tom fosse subir na vida, enquanto Joey ficaria em Bayonne e cuidaria do ferro-velho do pai. E agora Joey era conhecido em quase todos os lugares, enquanto o ferro-velho da família pertencia a Tom. Era de imaginar: até mesmo na escola primária, Joey era um demônio nos carrinhos bate-bate.

— Bem, diga a ele que eu liguei.

— Eu tenho o número do hotel em que ele está — ela ofereceu.

— Não, obrigado. Não é tão importante. Até mais, Gina. Cuide bem do Vito. — Tom pousou o telefone no gancho.

As chaves do carro estavam no balcão da cozinha. Ele vestiu um casaco de camurça marrom meio disforme e saiu para a garagem no porão. A porta se fechou automaticamente atrás do seu Honda verde-escuro. Ele seguiu para leste na First Street, passou os conjuntos habitacionais e virou na Lexington. Na Fifth Street, pegou à direita e deixou a área residencial para trás.

Era um sábado frio e cinzento de março, com neve no chão e o frio invernal no ar. Estava com quarenta e um anos, Barbara estava se casando, e Thomas Tudbury precisava voltar para a carapaça.

Eles se conheceram na Junior Achievement, uma organização de educação prática para os negócios, alunos do último ano de

colégios diferentes.

Tommy tinha pouco interesse em saber como o sistema de empresas livres funcionava, mas tinha muito interesse em garotas. Sua escola secundária era apenas de garotos, mas a JA atraía gente de todas as escolas locais, e Tom entrou inicialmente como primeiranista.

Já tinha dificuldade o suficiente em fazer amizade com *garotos*, e as garotas o aterrorizavam. Não sabia o que dizer a elas e tinha medo de falar algo estúpido, então ficava quieto. Após poucas semanas, algumas começaram a provocá-lo. A maioria apenas o ignorava. As reuniões de terça-feira à noite tornaram-se algo que ele temeu durante todo o primeiro ano.

No último ano foi diferente. A diferença foi uma garota chamada Barbara Casko.

Na primeira reunião, Tom estava sentado em um canto, sentindo-se rechonchudo e triste, quando Barbara foi até ele e se apresentou. Ela era *amigável* de verdade; Tom ficou estupefato. O mais incrível, e ainda mais surpreendente do que aquela garota fazer o esforço de ser gentil com ele, era ela ser a garota mais linda da empresa, e talvez a mais linda de Bayonne. Tinha cabelos loiro-escuros que caíam sobre os ombros com as pontas curvadas para cima, e olhos azul-claros, e o sorriso mais caloroso do mundo. Vestia suéteres de angorá, nada muito apertados, mas mostravam muito bem sua figura pequena e bela. Era bonita o suficiente para ser líder de torcida.

Tommy não foi o único que ficou impressionado com Barbara Casko. Quase imediatamente, ela se tornou presidente da empresa da JA. E, quando seu mandato expirou, após o Natal, e chegou o

tempo de novas eleições, ela o nomeou para sucedê-la como presidente, e ela era tão popular que de fato o elegeram.

— Chama ela para sair — disse Joey DiAngelis em outubro, quando Tom finalmente teve coragem de contar sobre ela. Joey tinha saído da escola um ano antes. Estava treinando como mecânico em uma oficina na Avenue E. — Ela gosta de você, seu merdinha.

— Fala sério — disse Tom. — Por que ela sairia comigo? Você tinha que ver, Joey, ela pode sair com qualquer um que quiser.

Thomas Tudbury nunca tivera um encontro na vida.

— Talvez ela tenha mau gosto — Joey falou, rindo.

Mas o nome de Barbara surgiu novamente. Joey era o único com quem Tom podia falar, e Barbara foi seu único assunto naquele ano.

— Dá um tempo, Tuds — falou Joey em uma noite de dezembro, quando bebiam cerveja dentro do velho e decadente Packard, ao lado da baía. — Se você não a chamar para sair, eu chamo.

Tommy odiou aquela ideia.

— Ela não faz seu tipo, babaca.

Joey sorriu, malicioso.

— Pensei que tinha dito que ela era uma garota.

— Ela vai para a faculdade, quer ser professora.

— Ah, esquece essa merda. Ela tem peitão?

Tom deu um murro no ombro dele.

Em março, quando ainda não havia chamado Barbara para sair, Joey disse:

— O que você está esperando? Ela te nomeou presidente da bosta da sua empresinha, não? Ela gosta de você, babaca.

— Só porque ela sabia que eu seria um bom presidente da empresa não significa que ela quer sair comigo.

— Chama ela, seu merdinha.

— Talvez — disse Tom, desconfortável. Duas semanas depois, em uma quarta-feira à noite após uma reunião na qual Barbara estava especialmente gentil, ele chegou a ponto de procurar o número dela na lista telefônica. Mas nunca telefonou.

— Há nove Casko na lista — falou para Joey quando se encontraram. — Não tenho certeza qual é o dela.

— Liga para todos, Tuds. Que saco, eles todos são parentes.

— Vou me sentir um idiota — Tom comentou.

— Você é um idiota — Joey retrucou. — Olha só, se é tão difícil, da próxima vez que encontrar com ela peça o número.

Tom engoliu seco.

— Mas daí ela vai pensar que quero chamá-la para sair.

Joey gargalhou.

— E daí? Você *quer* chamá-la para sair!

— Só não estou pronto ainda, é isso. Não sei como. — Tom estava infeliz.

— É fácil. Telefona e, quando ela atender, você diz “Oi, aqui é o Tom, quer sair comigo?”.

— E se ela disser não?

Joey deu de ombros.

— Então você liga para todas as pizzarias da cidade e manda entregar pizzas a noite inteira na casa dela. De anchova. Ninguém gosta de pizza de anchova.

Quando maio chegou, Tom havia descoberto à qual família Casko Barbara pertencia. Ela fez um comentário casual sobre a sua

vizinhança, e ele prestou atenção de forma obsessiva, anotou tudo que ela disse. Ele foi para casa e rasgou aquela página do catálogo telefônico e circulou o número com sua Bic. Até começou a discar. Cinco ou seis vezes. Mas nunca completou a chamada.

— Por que não, porra? — Joey perguntou.

— É muito tarde — disse Tom, com tristeza. — Quer dizer, a gente se conhece desde setembro, e eu não a chamei para sair; se chamar agora, ela vai pensar que sou um cagão ou algo assim.

— Você é um cagão — disse Joey.

— Que diferença faz? Vamos para faculdades diferentes. Provavelmente a gente nunca mais vai se ver de novo depois de junho.

Joey amassou uma lata de cerveja na mão e disse três palavras.

— Baile de formatura.

— O que é que tem?

— Chama ela para o baile de formatura. Você quer ir ao baile, não é?

— Sei lá — Tom respondeu. — Quer dizer, não sei dançar. E que tipo de pergunta é essa? Você nunca foi a porra nenhuma de baile de formatura!

— Bailes de formatura são uma merda. Quando saio com uma garota, prefiro levar para a Estrada 44 e ver se consigo ver uns peitinhos a ficar segurando a mão dela em um ginásio, sabe? Mas você não sou eu, Tuds. Não tenta me enganar. Você quer ir naquele baile estúpido e nós dois sabemos disso, e se chegar lá com a garota mais linda do lugar, seria o máximo para você, caramba.

— Estamos em maio — disse Tom, triste. — Barbara é a garota mais linda de Bayonne, impossível ela já não ter companhia para o

baile.

— Tuds, vocês são de escolas diferentes. Ela provavelmente já tem um acompanhante para o baile *dela*, mas qual a probabilidade de ela ter um para o *seu*? As garotas amam essas merdas de baile, se empetecar e vestir corpetes e dançar. Vai lá, Tuds. Não tem nada a perder. — Ele sorriu. — A não ser sua virgindade.

Na semana seguinte, Tom não pensava em nada além daquela conversa. O tempo estava acabando. A Junior Achievement estava no fim, e assim que terminasse nunca mais veria Barbara, a menos que tomasse alguma atitude. Joey tinha razão: ele precisava tentar.

Na terça-feira à noite, seu estômago parecia um nó durante a longa viagem de ônibus da cidade, e ele foi ensaiando a conversa na cabeça. As palavras não saíam certas, não importava quantas vezes ele as reorganizasse, mas estava determinado que *alguma coisa* sairia, de algum jeito. Estava aterrorizado com a possibilidade de ela dizer não, e ainda mais temeroso que ela pudesse dizer sim. Mas tinha que tentar. Não poderia apenas deixá-la ir embora sem que soubesse quanto gostava dela.

Sua maior preocupação era como ele poderia de alguma forma falar com ela sozinho, longe dos outros jovens. Definitivamente não queria chamá-la para sair na frente de todo mundo. O pensamento lhe dava calafrios. As outras garotas já pensavam que ele era uma piada, a ideia de ele chamar Barbara Casko para o baile faria com que rolassem de tanto rir. Apenas torcia para que Barbara não contasse a elas depois. Ele não achava que contaria.

O problema foi resolvido para ele. Era a última reunião, e os consultores estavam entrevistando os presidentes de todas as diferentes empresas. Davam um título do Tesouro para o jovem

escolhido como presidente do ano. Barbara fora presidente da empresa pelo primeiro semestre, Tom pelo segundo; teriam de ficar esperando do lado de fora do corredor, apenas os dois, sozinhos, juntos, enquanto os outros estariam na reunião e os consultores estariam fora fazendo entrevistas.

— Espero que você vença — disse Tom, enquanto esperavam.

Barbara sorriu para ele. Estava com um suéter azul-claro e uma saia plissada um pouco abaixo dos joelhos, e em torno do pescoço tinha um medalhão em forma de coração em uma corrente de ouro fina. Seus cabelos loiros pareciam tão macios que ele queria tocá-los, mas claro que não ousava. Ela estava bem perto dele, e conseguia sentir como seus cabelos eram limpos e cheirosos.

— Você está muito bonita — ele soltou, desajeitado.

Sentiu-se um idiota, mas Barbara pareceu não notar. Ela olhou para ele com seus olhos azuis, tão azuis.

— Obrigada. Queria que decidissem logo.

E então ela fez algo que o deixou surpreso — estendeu a mão e tocou seu braço, dizendo:

— Tommy, posso te fazer uma pergunta?

— Uma pergunta — ele repetiu. — Claro.

— Sobre seu baile de formatura — disse Barbara.

Ele ficou como um zumbi por um longo momento, consciente do frio no corredor, dos risos distantes da sala de aula, das vozes dos consultores atravessando a porta de vidro jateado, da leve pressão da mão de Barbara e, acima de tudo, da proximidade dela, aqueles olhos azuis profundos olhando para ele, o medalhão pendurado entre as pequenas saliências arredondadas dos seios, o cheiro limpo e fresco dela. Para variar, ela não estava sorrindo. A

expressão em seu rosto quase poderia ser de nervosismo. Isso apenas a tornava ainda mais bonita. Ele queria abraçá-la e beijá-la. Estava com um medo terrível.

— O baile de formatura — ele finalmente se controlou. Por pouco. Ridiculamente, ele percebeu de súbito que estava com uma imensa ereção apertando-se nas calças. Esperava apenas que passasse despercebida.

— Você conhece o Steve Bruder? — ela perguntou.

Tom conhecia Steve Bruder desde a segunda série. Era o presidente de turma e jogava como pivô do time de basquete. Na escola primária, Stevie e seus amiguinhos costumavam humilhar Tom com socos. Agora, eram elegantes alunos do último ano do secundário; usavam apenas palavras.

Barbara não esperou pela resposta.

— A gente está saindo. Pensei que ele me chamaria para o baile, mas não chamou.

Você poderia ir comigo! Tom pensou com sofreguidão, mas tudo que disse foi:

— Não chamou?

— Não — disse ela. — Você sabe, quer dizer, se ele chamou outra pessoa? Acha que ele vai me chamar?

— Não sei — disse Tom, sem emoção. — A gente não conversa muito.

— Ah — disse Barbara. Sua mão se afastou, e então a porta se abriu e o chamaram.

Naquela noite, Tom ganhou um título do Tesouro de cinquenta dólares como Presidente do Ano da Junior Achievement. Sua mãe nunca entendeu por que ele pareceu tão infeliz.

O ferro-velho ficava na praia de Hook, entre o amontoado de uma refinaria de petróleo abandonada e as águas verdes e frias da baía de Nova York. A cerca de alambrado com três metros de altura estava caindo aos pedaços, e a placa à direita do portão que alertava contra a entrada de estranhos estava enferrujada. Tom saiu do carro, abriu o cadeado, desenroscou as pesadas correntes e entrou.

A cabana onde Joey e o pai, Dom, tinham vivido desaparecera nas ruínas. Não se liam mais os escritos esmaecidos da placa no telhado, mas Tom ainda via as letras apagadas: PEÇAS DE AUTOMÓVEIS E FERRO-VELHO DIANGELIS. Tom comprara e fechara o ferro-velho dez anos antes, quando Joey se casou. Gina não queria viver em um ferro-velho e, além disso, Tom estava cansado de todas as pessoas que rondavam por horas procurando uma transmissão DeSoto ou um para-choque para um Edsel 1957. Nenhum deles jamais descobrira seus segredos, mas houve situações que chegaram muito perto, e mais de uma vez foi obrigado a passar a noite em algum telhado escuro no Bairro dos Curingas, porque não era seguro estar em casa.

Agora, após uma década de negligência benigna, o ferro-velho era um campo desordenado de ferrugem e desolação, e ninguém sequer se importava de ir até lá.

Tom estacionou seu Honda atrás da cabana e entrou a passos largos no ferro-velho com as mãos enfiadas nos bolsos e o capuz sobre a cabeça para se proteger do vento frio e salino vindo da baía. Ninguém tirara a neve dali, e não havia tráfego para transformá-la em uma lama marrom imunda. Os montes de entulho e lixo pareciam polvilhados com açúcar de confeitiro, e Tom passou por

pilhas maiores que ele, ondas brancas congeladas que arrebentariam quando as temperaturas aumentassem na primavera.

Bem no fundo, entre as pilhas agigantadas de automóveis enferrujados como lâminas de navalha, havia um lugar vazio. Tom chutou a neve com a sola do sapato até descobrir a placa de metal plana. O metal congelara, e ele estava ofegante ao conseguir virar a tampa um metro para o lado e abrir o túnel embaixo dela. Teria sido muito mais fácil usar a telecinesia, arrastá-la com a mente. No passado, poderia ter feito isso. Não agora. O tempo pregava peças estranhas. Dentro da concha, ficara cada vez mais forte, mas do lado de fora sua telecinesia enfraqueceu com o passar dos anos. Era tudo psicológico, Tom sabia disso; a concha transformara-se em uma espécie de muleta, e sua mente recusava-se a deixá-lo usar a telecinesia sem ela, era apenas isso. Porém, em alguns dias, quase parecia que Thomas Tudbury e o Todo-Poderoso Tartaruga tinham se tornado duas pessoas diferentes.

Ele mergulhou na escuridão, no túnel que ele e Joey cavaram juntos, noite após noite, nos idos de... que ano foi aquilo? 1969? 1970? Algo assim. Encontrou a grande lanterna de plástico no gancho, mas o fecho de luz estava pálido e fraco. Precisava se lembrar de trazer pilhas novas da loja quando voltasse. Alcalinas da próxima vez, pois duravam muito mais.

Caminhou cerca de vinte metros antes de o túnel acabar, e a escuridão do bunker abriu-se em torno dele. Era apenas um grande buraco no chão, que ele escavou com sua telecinesia, seu teto rústico coberto por uma camada fina de terra e entulho para esconder o que havia embaixo. O ar estava denso e bolorento, e ele ouviu os ratos correndo da luz da lanterna. Na revista em

quadrinhos, o Tartaruga tinha uma Caverna Tartaruga nas profundezas das águas da baía de Nova York, um lugar maravilhoso com teto abaulado e bancadas com computadores, e um mordomo que vivia lá, passando espanador em todos os troféus e preparando refeições gourmets. Os roteiristas da Cosh Comics tinham feito para ele algo muito melhor do que jamais conseguiria fazer para si mesmo.

Passou pelas duas carapaças mais antigas até o último modelo, apertou a combinação e ergueu a escotilha. Rastejando para dentro, Tom fechou a carapaça e encontrou sua cadeira. Tateou pelo cinto de segurança e o afivelou. O assento era amplo e confortável, com apoios de braços com estofado grosso e o cheiro agradável de couro. Os painéis de controle estavam encaixados nas pontas dos braços da poltrona para fácil acesso com os dedos, que tatearam os botões com a facilidade do longo uso, ligando ventiladores, aquecimento e luzes. O interior da carapaça era confortável e aconchegante, revestido de carpete felpudo verde. Tinha quatro televisões coloridas de vinte e três polegadas pregadas nas paredes acarpetadas, cercadas por bancadas de pequenas telas e outros instrumentos.

Seu dedo indicador esquerdo fez pressão em uma tecla e as câmeras externas voltaram à vida, preenchendo as telas com formas cinzentas e vagas, até ele ligar o infravermelho. Tom empertigou-se devagar, verificando as imagens, testando as luzes, certificando-se de que tudo estava funcionando. Fuçou em uma caixa de fitas cassete até encontrar Bruce Springsteen. *Um bom menino de Jersey*, pensou. Enfiou a fita no toca-fitas e Bruce lançou

direto “Glory Days”. Isso trouxe um sorriso pequeno e duro ao seu rosto.

Tom inclinou-se para a frente e acionou uma alavanca. De algum lugar lá fora veio um zumbido. Pelo barulho, aquele mecanismo de abertura de garagem precisaria ser trocado logo. Nas telas, viu a luz entrar no bunker de cima. Uma cascata de neve e gelo caiu no chão de terra. Ele fez força com a mente e a carapaça blindada se ergueu e começou a flutuar na direção da luz. Então, Barbara Casko estava se casando com aquele babaca do Steve Bruder, e que merda isso importava para ele? O Todo-Poderoso Tartaruga estava saindo para acabar com a raça de algum monstrengo.

Uma coisa que Tom Tudbury havia descoberto havia muito tempo era que a vida não dava muitas segundas chances. Ele tivera sorte. Teve uma segunda chance com Barbara Casko.

Aconteceu em 1972, uma década depois de tê-la visto pela última vez. A loja ainda se chamava Broadway Television and Eletronics na época, e Tom era assistente de gerente. Estava atrás da caixa registradora, de costas para o balcão, arrumando algumas prateleiras, quando uma voz feminina disse:

— Com licença.

— Sim? — ele falou, virando-se e encarando a mulher.

Seu cabelo loiro-escuro estava muito mais longo, chegando à metade das costas, e estava usando óculos espelhados de armações plásticas grandes demais, mas atrás das lentes os olhos eram do mesmo azul. Vestia um suéter Fair Isle e calças jeans desbotadas, e sua aparência estava ainda melhor aos vinte e sete

do que havia sido aos dezessete. Ele olhou para a mão dela e tudo que viu foi um anel de faculdade.

— Barbara — disse ele.

Ela olhou, surpresa.

— Eu conheço você?

Tom apontou para o botton de McGovern no suéter dela.

— Você me nomeou presidente, há muitos anos — ele falou.

— Eu não... — ela começou, com uma expressão perplexa no rosto, ainda o rosto mais lindo que jamais sorrira para Tom Tudbury em toda a sua vida.

— Eu costumava usar corte escovinha — disse ele. — E uma jaqueta de veludo aberta. Preta. — Ele tocou seus óculos de aviador. — E isso tinha armação de tartaruga da última vez que você me viu. Eu pesava quase a mesma coisa, mas era uns centímetros menor. E tinha uma queda tão grande por você que era ridículo.

Barbara Casco sorriu. Por um momento, pensou que ela estava blefando. Mas seus olhos se encontraram, e ele soube.

— Como vai, Tom? Faz tempo, hein?

Muito tempo, ele pensou. *Ah, sim. Outra era.*

— Estou ótimo — disse ele.

Ao menos, era uma meia verdade. Era o fim da década mais movimentada do Tartaruga. A vida de Tom estava indo bem devagar — tinha saído da faculdade após JFK ter sido baleado, e desde então vivia em um apartamento miserável em um porão da 31st Street. Na verdade, nem se importava. Tom Tudbury e seu emprego estúpido eram secundários na sua vida *real*; eram o preço que pagava por aquelas noites e fins de semana na carapaça. No colégio, havia sido

um gorducho introvertido com cabelo escovinha, todo inseguro, e com um poder secreto que apenas Joey conhecia. E agora era o Todo-Poderoso Tartaruga. Herói misterioso, celebridade, às dos ases, e toda aquela merda.

Claro que não podia contar nada disso a ela.

Contudo, de alguma forma, isso nem importava. Apenas o fato de ser o Tartaruga mudara Tom Tudbury, dera-lhe mais confiança. Por dez anos, teve fantasias e sonhos eróticos com Barbara Casko, arrependeu-se de sua covardia, perguntou-se sobre as escolhas não feitas e o baile ao qual nunca foi. Uma década depois, Tom Tudbury finalmente abriu o jogo.

— Você está incrível — disse ele com toda a sinceridade. — Saio às cinco. Está livre para jantar?

— Sim — disse ela. Então riu. — Eu sempre me perguntei quanto tempo você demoraria para me chamar para sair. Nunca pensei que seriam dez anos. Acho que você acabou de bater um novo recorde.

Monstros eram como policiais, Tom concluiu; nunca estavam por perto quando realmente se precisava deles.

Em dezembro, a história tinha sido outra. Lembrou a primeira visão deles, lembrou a viagem longa e surreal pela rodovia de Jersey em direção à Filadélfia. Atrás dele vinha uma coluna armada; à frente, a rodovia estava deserta. Nada se movia, além de alguns jornais flutuando pelas pistas vazias. Nos dois lados da estrada, os aterros de lixo tóxico e as usinas petroquímicas se espalhavam como cidades-fantasma. Aqui e ali, eles viam alguns refugiados exaustos escapando do Enxame, mas era isso. *Como em um filme*, Tom pensou. Era quase inacreditável.

Até entrarem em contato.

Um arrepio subiu pela sua espinha quando o androide arremeteu de volta para a coluna com a notícia de que o inimigo estava próximo e seguindo para Filadélfia.

— É agora — Tom disse para Peregrina, que pegara uma carona na carapaça para descansar as asas.

Tivera apenas tempo o suficiente para encontrar uma fita — *Creedence Gold* — e a inserir no toca-fitas antes de os brotos surgirem no horizonte como uma onda preta. Os voadores enchiam o ar na distância que as câmeras podiam captar, uma nuvem móvel de escuridão, como uma imensa tempestade se aproximando. Ele se lembrou do tornado de *O mágico de Oz*, e como isso o deixou assustado na primeira vez que viu o filme.

Embaixo daquelas asas pretas, outros brotos se moviam — rastejando sobre barrigas segmentadas, caminhando sobre pernas de aranha de um metro, vazando pela estrada como *A bolha assassina*, e nada de Steve McQueen por aquelas bandas. Cobriam a estrada de lado a lado e transbordavam pelas beiradas, e moviam-se mais rápido do que ele achava que seria possível.

Peregrina alçou voo. O androide já mergulhava na direção do inimigo, e Tom viu Mistral chegando, descendo em um relampejar azul entre as nuvens frias e finas. Engoliu em seco e colocou os alto-falantes no último volume; “Bad Moon Rising” retumbava no céu escuro. Ele se lembrou de pensar que nada seria igual depois daquilo. Quase quis acreditar nisso. Talvez o novo mundo fosse melhor que o antigo.

Mas aquilo havia sido em dezembro, e agora era março, e a vida era muito mais resiliente do que imaginara. Como pombos-

passageiros, os brotos ameaçaram escurecer o sol, e, como os pombos-passageiros, desapareceram quase que imediatamente. Após aquele momento inesquecível, mesmo a guerra dos mundos havia se transformado em apenas outra tarefa. Era mais pesquisa do que combate, como matar baratas especialmente grandes e feias. Garras, pinças e unhas venenosas eram inúteis contra sua armadura; o ácido secretado pelos voadores ferraram bem suas lentes, mas aquilo era mais um incômodo do que um perigo. Ele se pegou tentando pensar em maneiras novas e imaginativas de matar aquelas coisas para aliviar o tédio. Voava com eles até bem alto no céu, cortava-os ao meio, agarrava-os em punhos invisíveis e os esmagava como guacamole. Dia após dia, de novo e novamente, sem-fim, até que pararam de aparecer.

E, depois disso, de volta para casa, ficou surpreso com a rapidez com que a Guerra do Enxame desapareceu das manchetes, e como a vida voltou tão facilmente ao curso normal. No Peru, em Chade e nas montanhas do Tibete, as principais infestações alienígenas continuavam sua devastação, e remanescentes menores ainda causavam problemas aos turcos e nigerianos, mas os enxames do Terceiro Mundo eram apenas assunto para as páginas secundárias na maioria dos jornais norte-americanos. Enquanto isso, a vida continuava. As pessoas pagavam hipotecas e trabalhavam; aqueles cujas casas e trabalhos haviam sido destruídos preenchiam devidamente os pedidos de pagamento de seguro e se inscreviam no seguro-desemprego. As pessoas reclamavam do tempo, contavam piadas, iam ao cinema, discutiam sobre os esportes.

As pessoas planejavam casamentos.

Os brotos não tinham sido *completamente* exterminados, claro. Alguns monstros remanescentes espreitavam aqui e ali, em lugares distantes e em alguns nem tão distantes. Tom ansiava encontrar um hoje. Podia ser até um pequeno — voador, rastejador, não fazia diferença. Teria se contentado com criminosos comuns, um incêndio, um acidente de carro, qualquer coisa que tirasse Barbara de sua cabeça.

Nada acontecendo. Era um dia cinzento, frio, deprimente, *chato*, mesmo no Bairro dos Curingas. Seu rádio de monitoramento da polícia não relatava nada além de alguns problemas domésticos, e tinha a regra de nunca se envolver neles. Com o passar dos anos ele descobriu que mesmo a mulher que sofria os piores abusos tendia a ficar de alguma forma chocada quando uma carapaça do tamanho de um automóvel Lincoln Continental atravessava a parede do quarto e dizia ao seu marido para tirar as mãos dela.

Ele cruzou toda a extensão da Bowery, flutuando no nível dos telhados, a carapaça lançando uma longa sombra preta que o seguia nas calçadas abaixo. O tráfego passava por baixo dele sem nem desacelerar. Todas as câmeras rastreavam, dando-lhe visualizações de mais ângulos do que poderia precisar. Tom olhava incansavelmente tela por tela, observando os transeuntes. Eles mal o notavam. Uma olhada rápida para cima quando a carapaça pairava em sua visão periférica, um lampejo de reconhecimento, e então voltavam a cuidar da vida, entediados. *É apenas o Tartaruga*, ele os imaginou dizendo. Notícia antiga. Os dias de glória eram coisa do passado.

Vinte anos antes as coisas eram diferentes. Ele havia sido o primeiro às a vir a público após uma longa década de se

esconderem, e tudo que fazia ou dizia era festejado. Os jornais estampavam todas as suas façanhas, e, quando o Tartaruga sobrevoava, as crianças gritavam e apontavam, e todos os olhos se voltavam para ele. Multidões vibravam com fogos de artifício, desfiles e assembleias públicas. No Bairro dos Curingas, os homens tiravam suas máscaras para ele, e as mulheres lhe jogavam beijos quando passava. Ele era o herói do Bairro dos Curingas. Como se escondia em uma carapaça blindada e nunca mostrava o rosto, muitos dos curingas supunham que fosse um deles, e o amavam por isso. Era um amor baseado na mentira, ou ao menos no engano, e às vezes Tom se sentia culpado por isso, mas naqueles dias os curingas precisavam desesperadamente de um dos seus para aplaudir; assim, ele deixou que os rumores continuassem. Nunca chegou a revelar ao público que na verdade era um ás; em algum momento, nem conseguia mais lembrar quando, o mundo parou de se importar com quem ou o que poderia estar dentro da carapaça do Tartaruga.

Naqueles dias, havia setenta ou oitenta ases apenas em Nova York, talvez até uma centena, e ele era apenas o mesmo Tartaruga de sempre. Agora, o Bairro dos Curingas tinha seus verdadeiros heróis curingas: Estranheza, Troll, Quasiman, as Irmãs Bizarras, além de ases-curingas que não tinham medo de mostrar o rosto para o mundo. Por anos, sentiu-se mal por aceitar a adulação dos curingas sob falsas premissas, mas assim que isso acabou descobriu que sentia falta.

Passando pelo Sara Roosevelt Park, Tom percebeu um curinga com cabeça de bode agachado na base do monumento abstrato de ferro vermelho em homenagem àqueles que morreram na Grande

Revolta do Bairro dos Curingas, em 1976. O homem olhou para a carapaça com aparente fascinação. Talvez não tivesse sido totalmente esquecido, afinal, Tom pensou. Deu um zoom para olhar melhor seu fã. Foi quando percebeu o grosso fio de muco verde e úmido pendurado do canto da boca do homem-cabra, e o vazio nos minúsculos olhos negros. Um sorriso triste abriu-se na boca de Tom. Ele ligou o microfone.

— Ei, cara — anunciou nos alto-falantes. — Tudo bem com você aí embaixo? — O homem-cabra mexia a boca, silenciosamente.

Tom suspirou. Alcançou o curinga com a mente e o ergueu no ar. O homem-cabra nem mesmo se debateu. Apenas olhava à distância, vendo sabe-se lá Deus o que, enquanto a baba lhe escorria da boca. Tom o segurou em um ponto sob a carapaça e partiu na direção da South Street.

Pousou o homem-cabra delicadamente entre os deteriorados leões de pedra que guardavam os degraus da clínica do Bairro dos Curingas e aumentou o volume dos alto-falantes.

— Tachyon — disse ao microfone, e “TACHYON” retumbou pela rua, sacudindo janelas e assustando motoristas na avenida Franklin D. Roosevelt. Uma enfermeira altiva apareceu na porta da frente e o encarou com raiva.

— Trouxe um para vocês — disse Tom, em um volume mais ameno.

— Quem é ele? — ela perguntou.

— Presidente do Fã-Clube do Tartaruga — falou Tom. — Como vou saber quem ele é? Mas precisa de ajuda. Olhe para ele.

A enfermeira deu uma olhada no curinga, então chamou dois assistentes que ajudaram o homem a entrar.

— Onde está Tachyon? — Tom perguntou.

— Almoçando — respondeu a enfermeira. — Deve voltar às 13h30. Provavelmente está no Hairy's.

— Deixa para lá — disse Tom.

Ele deu impulso e a carapaça ergueu-se na direção do céu. A via expressa, o rio, os telhados do Bairro dos Curingas diminuían embaixo dele.

Engraçado, mas, quanto mais alto estivesse, mais bela parecia Manhattan. Os magníficos arcos de pedra da ponte do Brooklyn, as alamedas retorcidas de Wall Street, a Senhora Liberdade na ilha, os navios no rio e as balsas na baía, as torres altivas do edifício da Chrysler e do Empire State, a vastidão verde e branca do Central Park; das alturas, o Tartaruga inspecionava tudo. O padrão intrincado do tráfego fluindo pelas ruas da cidade era quase hipnótico, se olhasse por bastante tempo. Observada abaixo do céu frio invernal, Nova York era linda e incrível, como nenhuma outra cidade no mundo. Apenas quando se descia entre aqueles cânions de concreto era possível ver a sujeira, sentir o cheiro do lixo podre em milhões de latas amassadas, ouvir os xingamentos e os gritos, e sentir a profundidade do medo e da desgraça.

Ele pairava bem alto sobre a cidade, um vento frio gemendo em torno da carapaça. O rádio da polícia não tinha nada de interessante. Tom ligou a frequência da Marinha, pensando que talvez pudesse encontrar um barquinho em perigo. Uma vez, salvou seis pessoas de um iate que havia emborcado em uma borrasca de verão. Mais tarde, o grato proprietário entregou-lhe uma recompensa gigantesca. O cara era esperto também: pagou em dinheiro, pequenas notas gastas, nada maior do que vinte dólares.

Seis malditas maletas. Os heróis que Tom lia quando criança sempre recusavam os prêmios, mas nenhum deles vivia em um apartamento pequeno ou dirigia um Plymouth com oito anos de uso. Tom pegou o dinheiro, aliviou a consciência dando uma das maletas para a clínica, e usou as outras cinco para comprar sua casa. Não havia como conseguir comprar uma casa própria com o salário de Tom Tudbury. Às vezes, preocupava-se com as auditorias da Receita Federal, mas até então isso não havia acontecido.

Seu relógio mostrava 13h03. Hora do almoço. Abriu o pequeno refrigerador no assoalho, onde havia deixado uma maçã, um sanduíche de presunto e um engradado com seis latas de cerveja.

Quando acabou de almoçar, eram 13h17. Menos de quarenta e cinco minutos, ele pensou, e lembrou-se daquele filme do velho Cagney sobre George M. Cohan e da música “Forty-Five Minutes from Broadway”. Naquele momento, um ônibus saindo da rodoviária de Port Authority levaria quarenta e cinco minutos para chegar a Bayonne, mas era mais rápido pelo ar. Dez minutos, quinze no máximo, e ele poderia estar de volta.

Mas para quê?

Ele desligou o rádio, enfiou de novo o Springsteen no toca-fitas e rebobinou até encontrar “Glory Days” mais uma vez.

Na segunda vez, as coisas foram muito melhores.

Após a graduação, ela fora para Rutger, Barbara contou a ele naquela primeira noite, em meio a sanduíches de carne e canecas de cerveja no Hendrickson’s. Ela recebeu o diploma de professora, passou dois anos na Califórnia com um namorado e voltou para Bayonne quando terminaram. Estava dando aulas lá agora, jardim

de infância, e na antiga escola primária de Tom, por ironia do destino.

— Eu amo — disse ela. — As crianças são incríveis. Cinco anos é uma idade mágica.

Tom a deixou falar sobre a vida por um longo tempo, feliz por apenas estar ali sentado com ela, ouvindo sua voz. Gostava do jeito como os olhos dela reluziam quando falava das crianças. Quando ela finalmente se cansou, ele fez aquela pergunta que o incomodara todos aqueles anos.

— Steve Bruder chegou a chamar você para o nosso baile?

Ela fez uma careta.

— Não, aquele filho da puta. Foi com Betty Moroski. Chorei por uma semana.

— Ele era um idiota. Meu Deus, ela não chegava aos seus pés.

— Não — Barbara contestou, com um retorcer irônico na boca —, mas já transava, e eu não. Esqueça isso. E você? O que tem feito nos últimos dez anos?

Seria infinitamente mais interessante se tivesse dito a ela sobre o Tartaruga, sobre a vida nos céus frios e nas ruas perigosas, sobre as enrascadas, os bons tempos e as manchetes. Poderia ter se vangloriado de ter capturado o Grande Gorila durante o extenso blecaute de 1965, poderia ter dito a ela como salvou a vida e a sanidade do dr. Tachyon, poderia ter, como quem não queria nada, mencionado nomes dos famosos e infames, ases e curingas, e celebridades de todos os níveis. Mas tudo aquilo era parte de outra vida e pertencia a um ás que vinha enlatado em uma carapaça de ferro. A única coisa que tinha para oferecer a ela era Thomas

Tudbury. Enquanto falava sobre si, percebeu pela primeira vez como sua vida “real” era verdadeiramente vazia e triste.

Mas de alguma forma foi o suficiente.

Aquele primeiro encontro levou a um segundo, o segundo a um terceiro, e logo se encontravam regularmente. Não era o namoro mais empolgante do mundo. Durante a semana, iam aos cinemas locais, no DeWitt ou no Lyceum; às vezes apenas assistiam à televisão juntos e se revezavam na preparação do jantar. Aos fins de semana, iam para Nova York; peças da Broadway quando podiam pagar por elas, jantares tardios em Chinatown e Little Italy. Quanto mais ficava com ela, mais achava impossível estar sem ela.

Os dois gostavam de vinho tinto, pizza e rock 'n' roll. Ela havia participado de manifestações em Washington um ano antes contra a presença americana no Vietnã, e ele estivera lá também (dentro de sua carapaça, flutuando sobre a alameda com símbolos de paz na sua armadura e uma linda loira de bustiê e jeans sentada sobre a carapaça, cantando as canções antiguerra que retumbavam dos alto-falantes, mas não podia contar a ela essa parte). Ela amava Gina e Joey, e os pais dela pareciam aprová-lo. Ela era torcedora de beisebol, tendo sido criada para odiar os Yankees e amar os Brooklyn Dodgers, assim como ele. Quando chegou outubro, ela se sentou ao lado dele nas arquibancadas do Ebbetts Field, quando Tom Seaver arremessou os Dodgers para a vitória sobre o Oakland A's, no 17º e decisivo jogo da série. Um mês depois, ele estava lá para compartilhar sua angústia na derrota esmagadora de McGovern. Eles tinham tanto em comum.

Ele apenas não percebera *quanto* até a semana depois do Dia de Ação de Graças, quando Barbara chegou ao apartamento dele para

o jantar. Ele foi para a cozinha, abriu o vinho e verificou o molho do espaguete, e quando voltou a encontrou em pé na frente de sua estante de livros, folheando uma edição em brochura de *O dia do Wild Card*, de Jim Bishop.

— Você deve ter interesse nessa coisa — disse ela, erguendo a cabeça na direção dos livros.

A coleção sobre o wild card preenchia quase três prateleiras. Ele tinha tudo: todas as biografias do Jetboy, a coleção de discursos de Earl Sanderson e as memórias de Archibald Holmes, o *Wild Card Chic*, de Tom Wolfe, a autobiografia de Ciclone assinada por Robin Moore, o *Almanaque dos Ases*, e muito mais. Inclusive, claro, tudo que havia sido publicado sobre o Tartaruga.

— Sim — ele comentou —, isso, hum, sempre me interessou. Essas pessoas. Eu adoraria conhecer um wild card.

— Você conhece — disse ela, sorrindo, devolvendo o livro para a estante ao lado do *Homem invisível*, de Ralph Ellison.

— Conheço? — Ele estava confuso e um pouco surpreso. Ele teria se denunciado de alguma forma? Joey contara a ela? — Quem?

— Eu — disse Barbara. A expressão de Tom devia ter traído sua incredulidade. — Não, é sério — disse ela. — Eu sei, não parece. Não sou um ás nem nada. Ele não *fez* nada comigo, ao menos que ninguém possa notar. Mas eu peguei. Tinha apenas dois anos, então não me lembro de nada. Minha mãe disse que eu quase morri. Os sintomas... eu devo ter ficado com uma aparência bizarra. Nosso médico primeiro pensou que fosse caxumba, mas meu rosto não parava de inchar, até ficar parecendo uma bola de basquete.

Então, eles me transferiram para o Hospital Monte Sinai. Era lá que o dr. Tachyon trabalhava na época.

— Sei — disse Tom.

— Bem, eu me recuperei. O inchaço durou apenas alguns dias, mas ele me reteve lá por um mês, fazendo exames. Era mesmo o wild card, mas bem poderia ter sido catapora, pela diferença que fez. — Ela riu. — Ainda assim, era nosso supersegredo de família. Papai saiu do emprego e nós nos mudamos para Bayonne, onde ninguém nos conhecia. As pessoas suspeitavam dos wild cards naquela época. Eu mesma fiquei sabendo apenas quando entrei na faculdade. Mamãe tinha medo que eu contasse para alguém.

— Você contou?

— Não — falou Barbara. Parecia estranhamente séria. — Para ninguém. Até hoje, pelo menos.

— Então por que você me contou? — perguntou Tom.

— Porque eu confio em você — disse ela, em um sussurro.

Ele quase contou para ela, ali, na sala de estar. Sentiu vontade. Mais tarde, sempre que pensava sobre aquela noite, flagrava-se desejando ter contado, e se perguntava o que poderia ter acontecido.

Mas, quando abriu a boca para dizer as palavras, para lhe falar sobre a telecinesia e o Tartaruga e os segredos do ferro-velho, foi como se voltasse no tempo, e estivesse novamente no colégio, parado ao lado dela naquele corredor, querendo desesperadamente chamá-la para ir ao baile e, de alguma forma, incapaz de fazê-lo. Ele guardara seus segredos por tanto tempo. As palavras não vieram. Tentou, por um bom tempo ele tentou. Então, vencido, ele a abraçou e murmurou:

— Fico feliz que você tenha me dito.

E se retirou para a cozinha a fim de se recompor. Ele olhou para o molho do espaguete quase fervendo no fogão, e de repente esticou o braço e desligou o fogo.

— Pegue seu casaco — disse ele quando voltou até ela. — Mudança de planos. Vou te levar para jantar fora.

— Fora? Onde?

— Aces High — disse ele, enquanto pegava o telefone para fazer a reserva. — Vamos ver aqueles wild cards hoje à noite.

Eles jantaram entre ases e estrelas. Custou-lhe duas semanas de salário, mas valeu a pena, mesmo que o maître tenha olhado para seu terno de veludo cotelê e os levado para uma mesa no fundo, ao lado da cozinha. A comida foi quase tão extraordinária quanto o brilho nos olhos de Barbara. Estavam se deliciando com a entrada quando dr. Tachyon entrou, vestindo um smoking de veludo e acompanhado por Liza Minelli. Tom foi até a mesa deles e pegou o autógrafo de ambos em um guardanapo de coquetel.

Naquela noite, Barbara e ele fizeram amor pela primeira vez. Depois, enquanto ela dormia encolhida contra ele, Tom a abraçou apertado, sonhando com os anos vindouros, e se perguntando por que diabos tinha demorado tanto.

Ele estava dando uma volta sobre o lago do Central Park, escutando Bruce e comendo um pacote de Doritos sabor queijo nacho, quando percebeu que estava sendo seguido por um pterodátilo.

Através de uma lente telescópica, Tom observou-o circulando sobre ele, flutuando com o vento em uma envergadura de quase

dois metros de couro. Franzindo a testa, parou a fita e falou no alto-falante.

— Ei! — ele reverberou no ar invernal. — NÃO ESTÁ FRIO AÍ? VOCÊ É UM RÉPTIL, VAI CONGELAR A BUNDA ESCAMOSA.

O pterodátilo respondeu com um grito alto, fino, fez uma volta grande e aproximou-se para pousar sobre a carapaça, batendo as asas com força ao descer para evitar escorregar pelas beiradas. Suas garras riscaram o metal e encontraram apoio nas ranhuras entre as placas da armadura.

Soltando um suspiro, Tom observou em uma das grandes telas quando o pterodátilo estremeceu, fluiu e transformou-se no Kid Dinossauro.

— Tão frio quanto está para você — disse o garoto.

— Eu tenho aquecedores aqui dentro — Tom respondeu.

O garoto já estava ficando azul de frio, o que não era surpreendente, visto que estava nu. Não parecia muito estável ali também. O topo da carapaça era bem amplo, mas *tinha* uma inclinação pronunciada, e dedos humanos não conseguiam agarrar nas fendas entre as placas tão bem quanto as garras do pterodátilo. Tom começou a pairar para descer.

— Seria muito bem feito para você se eu desse um loop e te jogasse direto no lago.

— Eu apenas me transformaria de novo e sairia voando — disse o Kid Dinossauro. Ele tremia. — *Está* frio. Eu não tinha percebido.

Na sua forma humana, o único ás pirralho de Nova York era um adolescente desajeitado de treze anos com uma pequena marca de nascença na testa. Era desengonçado e atrapalhado, com cabelos desgrenhados que caíam sobre os olhos. O olhar implacável das

câmeras mostrava os cravos no nariz com detalhes agonizantes. Tinha uma espinha enorme na covinha do queixo. E não era circuncidado, Tom percebeu.

— Onde é que estão as suas roupas? — Tom perguntou. — Se eu te deixar no parque, você vai ser preso por atentado ao pudor.

— Eles não teriam coragem — disse Kid Dinossauro com a confiança excessiva dos adolescentes. — O que está acontecendo? Está em uma aventura? Posso ajudar.

— Você está lendo quadrinhos demais — Tom lhe disse. — Soube o que aconteceu a última vez que você ajudou alguém.

— Hum, eles costuraram as mãos dele de volta, e Tachy disse que ficaria tudo bem. Como eu ia saber que o cara era um policial disfarçado? Não teria mordido se soubesse disso.

Aquilo não era nem um pouco engraçado, mas Tom sorriu. Kid Dinossauro lhe lembrava ele mesmo. Ele lera um monte de quadrinhos também.

— Garoto, você não fica o tempo todo correndo por aí pelado, se transformando em dinossauros, não é? Você faz outras coisas?

— Não vou revelar minha identidade secreta para você — disse Kid Dinossauro, rapidamente.

— Está com medo que eu conte aos seus pais? — Tom quis saber.

O rosto do garoto enrubesceu. O resto do corpo estava mais azul do que nunca.

— Não tenho medo de nada, seu velho cagão — disse ele.

— Pois deveria — falou Tom. — De mim, para começar. Sim, eu sei, você pode se transformar em um tiranossauro de um metro e enfiar os dentes na minha armadura. Tudo que eu posso fazer é

esmagar cada osso do seu corpo em doze ou treze pontos diferentes. Ou entrar em você e esmagar seu coração até ele virar mingau.

— Você não faria isso.

— Não — admitiu Tom —, mas algumas pessoas fariam. Você está metendo os pés pelas mãos, seu merdinha. Droga, não dou a mínima para o tipo de dinossauro de brinquedo que você pode se transformar, uma *bala* ainda pode te matar.

Kid Dinossauro parecia chateado.

— Vai se foder — disse ele. A maneira enfática como disse isso deixou claro que não estava acostumado a usar aquele tipo de palavreado em casa.

Isso não está indo bem, Tom pensou.

— Olha — disse ele em um tom reconciliador —, só queria te contar algumas coisas que aprendi do jeito mais difícil. É melhor não se envolver demais. É ótimo que você seja o Kid Dinossauro, mas você também é, hum, seja lá quem você for. Não se esqueça disso. Em que ano você está?

O garoto fez um som de exasperação.

— Qual é o problema de todos vocês? Se vai começar a falar de álgebra, pode esquecer!

— Álgebra? — Tom falou, confuso. — Não disse nada sobre álgebra. Suas aulas são importantes, mas não é nada disso. Faça amigos, caramba, marque encontros, não deixe de ir ao baile de formatura. Ser capaz de se transformar em um brontossauro do tamanho de um dobermann não vai te levar muito longe na vida, entende?

Ele pousou com um estampido suave na grama coberta de neve do parque. Ali perto, um vendedor de pretzel com protetor de orelhas e sobretudo estava observando, perplexo, a carapaça blindada e o garoto trêmulo sobre ela.

— Você ouviu o que eu disse? — Tom perguntou.

— Sim. Você parece meu pai falando. Vocês, velhos cagões, pensam que sabem tudo.

Sua risada alta e nervosa se transformou em um longo chiado de réptil quando os músculos e ossos se transformaram e mudaram, e sua pele macia engrossou e ficou escamada. Com muita delicadeza, o pequeno triceratope depositou um coprólito no topo da carapaça, desceu rapidamente e caminhou bamboleando através da campina com os chifres balançando de forma arrogante.

Aquele foi o melhor ano na vida de Thomas Tudbury.

Mas não para o Todo-Poderoso Tartaruga.

Nas revistas em quadrinhos, parecia que os heróis nunca precisavam *dormir*. As coisas não eram tão simples na vida real. Com um emprego em tempo integral das 9h às 17h, Tom havia feito quase todas as tartaruguices à noite e nos fins de semana, mas agora Barbara estava preenchendo aquele tempo. Enquanto a vida social tomava cada vez mais seu tempo, sua carreira de ás sofria proporcionalmente, e a carapaça de aço era cada vez menos vista pairando sobre as ruas de Manhattan.

Finalmente, raiou um dia no qual Thomas Tudbury percebeu, com certo choque, que havia passado quase três meses e meio desde a última vez que fora ao ferro-velho e às suas carapaças. O estopim dessa percepção foi uma pequena história na página 24 do *New*

York Times, com a seguinte manchete: TARTARUGA DESAPARECIDO, TEM-SE SUA MORTE. A história mencionava que dúzias de chamados pelo Tartaruga não tinham sido atendidos nos últimos meses (ele havia desligado o radioamador desde só Deus sabia quando), e que o dr. Tachyon estava particularmente preocupado, a ponto de ter colocado anúncios nos jornais e oferecido uma pequena recompensa para quem trouxesse notícias de qualquer aparição do Tartaruga (Tom nunca lia os classificados, e naqueles dias ele mal lia os jornais).

Deveria entrar na carapaça e dar um alô na clínica, pensou quando leu aquilo. Mas não havia tempo. Tinha prometido ajudar Barbara a levar sua turma em uma pequena excursão escolar até a Bear Mountain, e partiriam em duas horas. Em vez disso, foi até uma cabine telefônica e ligou para a clínica.

— Quem é? — Tachyon perguntou com irritação quando Tom finalmente conseguiu falar com ele. — Estamos bastante ocupados aqui e não posso perder tempo com pessoas que se recusam a dizer quem são.

— Aqui é o Tartaruga — disse Tom. — Quero que você saiba que estou bem.

Houve um momento de silêncio.

— Você não fala como o Tartaruga — disse Tachyon.

— O sistema de som na carapaça é projetado para disfarçar minha voz. Claro que eu não falo como o Tartaruga. Mas sou o Tartaruga.

— Você terá de me convencer disso.

Tom suspirou.

— Cara, você é um pé no saco. Mas já era esperado. Você torrou minha paciência durante dez anos apenas porque quebrou o braço, e a culpa foi totalmente sua. Você não me disse que ia se esconder embaixo de uma empilhadeira, cacete. Não sou telepata como algumas pessoas que eu poderia mencionar.

— Eu também não mandei que você derrubasse metade do armazém — disse Tachyon. — Sorte sua eu não ter sido esmagado até a morte. Um homem com poderes como os seus deveria... — Ele fez uma pausa. — Você é o Tartaruga.

— Aham — disse Tom.

— O que tem feito da vida?

— Sigo feliz. Não se preocupe, voltarei de vez em quando. Mas não com tanta frequência quanto antes. Estou bem ocupado. Acho que vou me casar. Assim que reunir coragem para pedi-la em casamento.

— Parabéns — disse Tachyon. Ele parecia contente. — Quem é a noiva sortuda?

— Ah, isso seria contar demais. Mas você a conhece. Uma de suas pacientes de muito tempo atrás. Ela teve um episódio de wild card quando tinha dois anos. Nada sério. Ela é completamente normal hoje. Eu te convidaria para o casamento, Tachy, mas seria meio que entregar o jogo, não seria? Talvez a gente batize uma das crianças com o seu nome.

Houve um momento longo e desconfortável de silêncio.

— Tartaruga — o alienígena finalmente disse, em uma voz que se tornara tensa —, precisamos conversar. Você teria um tempo para passar na clínica? Eu dou um jeito na minha agenda para te receber.

— Estou muito ocupado — Tom falou.

— É importante — Tachyon insistiu.

— Tá, tudo bem. Tarde da noite, então. Não hoje à noite, vou estar bem cansado. Amanhã, depois do programa do Johnny Carson.

— Combinado — Tachyon falou. — Encontro você no telhado.

Àquela altura, o casamento certamente já havia acabado. Ao menos, ele podia agradecer ao Kid Dinossauro por isso; o merdinha o distraiu durante a pior parte.

Sua carapaça pairou lentamente pela Broadway na direção da Times Square, mas sua mente estava além da baía de Nova York, no Top Hat. A última vez que estivera no Top Hat tinha sido para a recepção de casamento de Joey e Gina. Ele fora o padrinho. Aquela noite foi boa. Consequia se lembrar de tudo, desde o papel de parede estampado até o gosto do salsichão defumado e a música da banda.

Barbara usaria o vestido de casamento da avó. Ela mostrou para ele uma vez, há uma década. Mesmo agora conseguia fechar os olhos e ver a expressão no rosto dela enquanto acariciava a renda antiga.

Esponaneamente, a imagem dela surgiu em sua mente. Barbara no vestido, seus cabelos loiros por trás do véu, seu rosto animado. *Eu aceito.*

E, ao lado dela, Steve Bruder. Alto, moreno, muito em forma. No mínimo, o filho da mãe estava mais bonito agora do que era no colégio. Tom sabia que ele era um fanático por raquetebol. Com um sorriso charmoso e um bigode moderno de Tom Selleck. Ficaria

incrível no seu smoking. Juntos, formariam um casal de arrasar quarteirões.

E o filho deles seria belíssimo.

Ele deveria ir. E daí se não respondera ao convite? Ainda o deixariam entrar. Jogaria a carapaça no ferro-velho, jogaria a carapaça na merda do *rio*, não importava, pegaria seu carro e poderia chegar lá bem rápido. Dançaria com a noiva, sorriria para ela, e desejaria felicidade, toda a felicidade do mundo. E cumprimentaria o noivo com um aperto de mão. Um aperto na mão de Bruder. Sim.

Bruder tinha um bom aperto de mão. Estava no ramo imobiliário agora, principalmente em Weehawken e Hoboken; comprara anos atrás e estivera no lugar certo quando todos os yuppies de Manhattan acordaram um dia e descobriram que Nova Jersey era bem depois do rio Hudson. Fez uma fortuna enorme, seria milionário quando chegasse aos quarenta e cinco. Ele mesmo dissera isso a Tom, naquela noite terrível, quando Barbara os juntara em um jantar. Bonito e confiante, com aquele sorriso charmoso, e ainda por cima seria um milionário, mas sua vida não era um mar de rosas, sua tv de tela grande estava dando alguns problemas, e talvez Tom pudesse dar uma olhada nela, hein? Em nome dos velhos tempos.

Na escola primária, eles se cumprimentaram com um aperto de mão uma vez, e Steve espremeu a mão de Tom tão forte que ele ficou de joelhos, chorando, incapaz de se soltar. Mesmo agora, o aperto de mão sofisticado e adulto de Steve Bruder era muito mais firme do que precisava ser. Gostava de ver o outro cara se contrair.

Eu queria que o Tartaruga apertasse a mão desse bosta, Tom pensou com raiva. Agarrar a mão com sua mente e lhe dar um

aperto amigável, até a mão começar a se amassar e retorcer, até aquela pele macia e bronzeada rasgar e os dedos se separarem como pequenos palitinhos vermelhos, ossos atravessando a carne. O Tartaruga poderia sacudir o braço do desgraçado para cima e para baixo até ele sair do ombro, e então arrancaria os dedos um a um. *Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer.*

A garganta de Tom estava seca, e ele se sentiu enjoado e zozzo. Abriu o refrigerador e pegou uma cerveja. Desceu bem. A carapaça planava sobre a Times Square. Seus olhos passavam, incansáveis, de tela para tela. *Peep shows* e cinemas pornô, livrarias adultas, sexo ao vivo no palco, placas de néon que gritavam MULHERES, MULHERES, MULHERES NUAS e O SHOW MAIS QUENTE DA CIDADE e MODELOS ADOLESCENTES NUAS, garotos de programa com roupas de brim e chapéus de caubói, cafetões com grandes casacos de visom e navalhas no bolso, prostitutas calejadas com meia arrastão e vestidos de couro com fendas. *Eu poderia pegar uma puta*, Tom pensou de repente. Literalmente. Erguê-la a seis metros do chão, fazê-la revelar o que estava vendendo, fazê-la tirar a roupa ali mesmo no meio da Times Square, dar aos turistas de merda um show de verdade. Ou *arrancar* a roupa dela, rasgá-la pedacinho por pedacinho e deixá-la flutuar até o chão. Poderia fazer isso, claro. Deixaria Bruder ter sua noite de núpcias com Barbara, o Tartaruga podia ter a própria.

Ele deu mais um gole na cerveja.

Ou talvez devesse apenas limpar a sujeira toda. Todo mundo sempre reclamava sobre como a Times Square tinha se transformado em um antro, mas ninguém fazia nada a respeito. Foda-se, ele faria isso então. Mostraria para eles como se limpava

um bairro ruim, se era isso que queriam. Derrubar aquelas marquises uma a uma, enxotar aquelas malditas putas e cafetões e garotos de programa para o rio, lançar alguns carros de cafetão pelas janelas daqueles estúdios fotográficos de terceiro andar com modelos adolescentes nuas, arrancar a porra das calçadas se quisesse. Já era hora de alguém fazer aquilo. *Olhe para este lugar, apenas olhe para ele, e tão perto de Port Authority, então é a primeira coisa que uma criança vê após sair do ônibus.*

Tom esvaziou a cerveja. Atirou a lata no chão, girou e buscou outra, mas não restara nada no pacote além do suporte plástico.

— Foda-se — disse ele. De repente, ficou furioso. Ligou o microfone, aumentou o volume no máximo. — FODA-SE — gritou, e a voz do Tartaruga rebombou pela 42nd Street, distorcida e amplificada em um rugido raivoso. As pessoas ficaram paralisadas na calçada, e os olhos ergueram-se na sua direção. Tom sorriu. Parecia que tinha atraído a atenção delas. — FODA-SE TUDO — disse ele. — FODAM-SE TODOS VOCÊS.

Ele fez uma pausa e estava prestes a fazer um discurso quando a voz de uma policial, chiando no seu rádio de monitoramento, chamou sua atenção. Estava repetindo o código de policial em perigo, repetindo sem parar.

Tom deixou as pessoas espantadas, enquanto ouvia cuidadosamente os detalhes. Parte dele sentiu pena pelo pobre babaca que estava prestes a levar uma surra dele.

Sua carapaça subiu, bem acima das ruas e prédios, e saiu em disparada na direção do Village.

— Pensei que você só fosse lento — disse Barbara, recompondo-se. — Sempre precisou de tempo para tomar atitude. Não entendo, Tom.

Ele não conseguia encará-la. Olhava em volta da sala de estar com as mãos nos bolsos. Sobre a mesa dela estavam pendurados o diploma e o certificado de docente. Ao redor deles havia várias fotos: Barbara fazendo careta enquanto trocava a fralda da sobrinha de quatro meses, Barbara e as três irmãs, Barbara mostrando para a classe como recortar bruxas pretas e abóboras de cartolina para o Dia das Bruxas, supervisionando seis presidentes dançarinos para uma peça de escola, carregando um projetor para rodar desenhos animados. E lendo uma história. Aquela era a foto favorita dele. Barbara com uma garotinha negra bem pequena no colo e outra dúzia de crianças em torno dela, encarando-a com rosto enlevado, enquanto ela lia *O vento nos salgueiros*. O próprio Tom tinha tirado aquela fotografia.

— Não há nada para entender — ele falou, áspero, tirando os olhos das fotografias. — Acabou, é isso. Vamos terminar numa boa, tudo bem?

— Tem outra pessoa? — ela perguntou.

Poderia ter sido mais gentil mentir para ela, mas ele era um péssimo mentiroso.

— Não.

— Então, por quê?

Ela estava perplexa e magoada, mas seu rosto nunca fora tão adorável, Tom pensou. Ele não conseguia encará-la.

— Vai ser melhor assim — disse ele, virando o rosto para a janela. — Não queremos as mesmas coisas, Barbara. Você quer se

casar, não é? Eu não. De jeito nenhum. Você é maravilhosa, não é você, sou... merda, é que não está funcionando. Crianças, todo lado que eu olho tem uma multidão de crianças. Quantas suas irmãs têm, três? Quatro? Estou cansado de fingir. Odeio crianças. — A voz dele aumentou. — Eu odeio crianças, entende?

— Você não pode estar falando sério, Tommy. Vi você com as crianças da minha turma. Você as levou para casa e mostrou a elas sua coleção de quadrinhos. Você ajudou Jenny a montar aquele modelo do avião do Jetboy. Você gosta de crianças.

Tom riu.

— Ai, cacete, como você é ingênua! Só estava tentando te impressionar, queria mesmo era te comer. Eu não... — A voz dele falhou. — Que saco. Se gosto tanto de crianças, então por que fiz uma vasectomia? Por que, hein? Diga!

Quando ele se virou, o rosto dela estava vermelho como se a tivesse estapeado.

O playground estava cercado por viaturas policiais, seis delas, o sinalizador piscando em vermelho e azul sobre o anoitecer cada vez mais escuro. Os policiais estavam agachados atrás dos carros com as armas sacadas. Além da cerca alta de alambrado, duas formas escuras espalhavam-se sob a cesta de basquete, e uma terceira estava estendida sobre um dos tubos de cimento. Alguém gemia de dor.

Tom viu um detetive que conhecia segurando o colarinho de um curinga jovem e magrelo, cujo rosto era tão suave e branco quanto um pudim de tapioca e o sacudindo com tanta força que seu papo

balançava. Tom viu em um close da câmera que o garoto usava o uniforme dos Príncipes Demoníacos. Ele planou mais baixo.

— EI, VOCÊS — retumbou. — O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Eles lhe contaram.

Uma briga de gangues, nada mais. Inútil. Alguns garotos comuns agindo nas fronteiras do Bairro dos Curingas invadiram a área dos Príncipes Demoníacos. Estes tinham reunido quinze ou vinte membros e foram para o East Village para ensinar um pouco de respeito territorial aos invasores. Foram parar no playground. Facas, correntes, algumas armas. Desagradável.

E então a parada ficou esquisita.

Os comuns tinham *alguma coisa*, o cara de tapioca gritou.

Eles terminaram, mas continuaram amigos. Ele tinha orgulho disso. Foi mais complicado quando as feridas ainda estavam frescas, e pelos primeiros onze meses eles se evitaram. Mas Bayonne era quase como uma cidade pequena, e conheciam muita gente em comum; não era uma situação que poderia se sustentar por muito tempo.

Talvez tenham sido os onze meses mais difíceis da vida de Tom Tudbury. Talvez.

Uma noite, ela ligou para ele do nada. Ele ficou feliz. Sentia desesperadamente a falta dela, mas sabia que nunca poderia ligar depois do que acontecera.

— Preciso falar com você — disse ela. Soava como se tivesse tomado umas cervejas. — Você era meu amigo, Tom. Acima de tudo, você era meu amigo, certo? Preciso de um amigo hoje, tudo bem? Pode vir aqui em casa?

Ele comprou um engradado de cervejas e foi para lá. A irmã mais nova dela tinha morrido em um acidente de motocicleta. Não havia nada a ser feito ou dito, mas Tom fez e disse todas as coisas habituais e inúteis, e estava lá por ela, e deixou que ela falasse até o amanhecer e, depois disso, colocou-a na cama. Ele dormiu no sofá.

Ele acordou no fim da tarde, com Barbara inclinada sobre ele, vestindo um robe de tecido felpudo e com os olhos vermelhos de chorar.

— Obrigada — disse ela. Sentou-se no canto do sofá e pegou a mão dele e a segurou por um longo tempo, em silêncio. — Quero você na minha vida — disse ela, finalmente, com dificuldade. — Não quero que a gente se afaste de novo. Amigos?

— Amigos — disse Tom. Ele queria agarrá-la e cobri-la de beijos. Em vez disso, apertou sua mão. — Não importa o que aconteça, Barbara. Para sempre. Entendeu?

Barbara sorriu. Ele fingiu um bocejo e afundou o rosto em um travesseiro para evitar que ela visse a expressão em seu rosto.

— FIQUEM ABAIXADOS — o Tartaruga alertou os policiais.

Não precisou falar duas vezes. O garoto estava escondido dentro de um dos tubos de cimento, e eles viram o que acontecera com o policial que tentou entrar no playground atrás dele. Desapareceu, como se nunca tivesse existido, sumiu, foi engolido por uma escuridão repentina e, de algum jeito... escafedeu-se.

— Estávamos acabando com os desgraçados — disse o Príncipe Demoníaco. — Dando uma boa lição neles, mostrando o que acontece quando se metem com o Bairro dos Curingas, malditos

comuns fracotes. Íamos matá-los, e então esse *chicano* veio até aqui com uma porra de uma bola de boliche, a gente riu da cara do desgraçado. O que ele pretendia, tentar fazer um strike na gente? Babaca estúpido. E então ele segurou a bola na direção do Cera e ela cresceu, cara, tipo, como se estivesse viva. Uma merda escura saiu dela, muito rápido, luz negra ou uma mãozona escura ou algo assim. Não sei, apenas se movia muito rápido, e o Cera sumiu. — A voz dele ficou aguda. — Ele sumiu, não estava mais lá. E o maldito comum fez a mesma coisa com o Lâmina e o Fantasma. Foi quando o Relincho atirou nele e ele quase soltou a bola. Pegou no ombro, eu acho, mas então ele fez aquilo com o Relincho. Não dá para lutar contra uma coisa daquelas. Nem a porra do policial conseguiu, que merda.

A carapaça deslizou sobre a cerca de alambrado que circundava o playground, em silêncio e devagar.

— Temos uma coisa... — disse Barbara. — Temos uma coisa especial. — Seus dedos traçavam padrões na condensação do copo. Olhou para ele, seus olhos azuis ousados e sinceros, como se o desafiasse. — Ele me pediu em casamento, Tom.

— O que você respondeu? — Tom quis saber, tentando manter a voz calma e firme.

— Disse que ia pensar. Por isso eu pedi para a gente se encontrar. Queria falar com você antes.

Tom fez um sinal, pedindo outra cerveja.

— A decisão é sua — disse ele. — Queria que você me contasse quem é esse cara, mas, pelas coisas que você diz, ele parece bem bacana.

— Ele é divorciado.

— Como metade do mundo — disse Tom quando a cerveja chegou.

— Todos, menos eu e você — respondeu Barbara, sorrindo.

— É. — Ele franziu a testa para a espuma da cerveja e suspirou de modo desconfortável. — Esse namorado misterioso tem filhos?

— Dois. A ex tem a guarda. Mas eu os conheci. Eles gostam de mim.

— Claro que gostam — disse Tom.

— Ele quer ter mais. Comigo.

Tom olhou nos olhos dela.

— Você o ama?

Barbara enfrentou seu olhar com calma.

— Acho que sim. Às vezes fico meio na dúvida. Talvez eu não seja tão romântica quanto costumava ser. — Ela deu de ombros. — Às vezes penso o que seria da minha vida se as coisas tivessem sido diferentes entre nós. Poderíamos estar comemorando nosso décimo aniversário de casamento.

— Ou talvez o nono aniversário do nosso divórcio amargo — retrucou Tom. Ele esticou o braço e segurou a mão de Barbara. — As coisas terminaram se acertando, não é? Não teria dado certo de outro jeito.

— Os caminhos que não tomamos... — disse ela, nostálgica. — Tive muitos “poderia ter sido” na minha vida, Tom, muitos arrependimentos por caminhos não tomados. Meu relógio biológico está rodando. Se esperar muito mais, vou esperar para sempre.

— Só queria que você conhecesse o cara há mais tempo — disse Tom.

— Ah, eu o conheço faz tempo — respondeu ela, rasgando um canto de seu guardanapo.

Tom ficou confuso.

— Pensei que você tinha dito que o encontrou em uma festa no mês passado.

— Sim. Mas já nos conhecíamos. Do colégio. — Ela olhou para o rosto dele novamente. — Por isso eu não disse o nome dele. Você ficaria chateado, e no início eu não sabia se daria em alguma coisa.

Tom não precisava perguntar mais. Ele e Barbara eram amigos há mais de uma década. Ele olhou para as profundezas azuis dos olhos dela, e soube.

— Steve Bruder — disse ele, entorpecido.

Ele pairou sobre o playground e transportou os guerreiros caídos pelo ar sobre a cerca, um por um, até a polícia que aguardava lá fora. Os dois da quadra de basquete estavam além de qualquer ajuda. Levaria um tempo para tirar as manchas de sangue do cimento. O garoto caído no tubo de cimento, na verdade, era uma garota. Ela gemeu de dor quando ele a levantou com a telecinesia, e pelo jeito que se encolhia parecia que sua barriga tinha sido aberta. Ele esperava que pudessem fazer algo por ela.

Todos os três eram comuns. O campo de batalha estava livre de curingas mortos. Ou os Príncipes Demoníacos realmente botaram para quebrar, ou seus mortos estavam em outro lugar. Ou as duas coisas.

Ele apertou um controle no braço da poltrona, e todos os refletores se acenderam, banhando o playground com um brilho quente e esbranquiçado.

— ACABOU — disse ele, e seus alto-falantes rugiram a palavra no crepúsculo. Durante os anos, ele aprendera que um volume alto já era o suficiente para assustar muitos punks. — SAIA, MOLEQUE. AQUI É O TARTARUGA.

— Vai embora — uma voz rouca e fina gritou de dentro do tubo de cimento. — Vou desintegrar você, seu curinga de merda. Estou com a coisa aqui comigo.

Durante o dia todo, Tom estivera procurando alguém para machucar; um monstro para esmagar, um assassino para machucar, um alvo para sua ira, uma esponja para absorver a dor. Agora o momento estava finalmente em suas mãos, e ele descobriu que não havia mais ódio dentro dele. Estava cansado. Queria ir para casa. Por trás da bravata, o garoto no tubo com certeza era jovem e estava assustado.

— VOCÊ É MESMO DURÃO — disse Tom. — QUER JOGAR O JOGO DA CARAPAÇA? ÓTIMO. — Ele se concentrou no tubo à esquerda do garoto, segurou-o com a mente e esmagou. Foi destruído como se uma bola de ferro o tivesse estourado, cacos e poeira voando para todos os lados quando o cimento estilhaçou. — NÃO ESTÁ NESSE, NOSSA — Ele fez o mesmo com o tubo do outro lado do garoto. — NEM NESSE AQUI. ACHO QUE VOU TENTAR O DO MEIO, ENTÃO.

O garoto saiu a tal velocidade que bateu a cabeça na parte de cima do tubo ao se levantar. O impacto o deixou tonto por um momento. A bola de boliche que agarrava com as duas mãos de repente escapou. Ela voou direto para cima. O garoto gritou xingamentos entre os dentes brilhantes cobertos de aço. Deu um pulo desesperado na direção da sua arma, mas tudo que conseguiu foi tocá-la com a ponta dos dedos. Então tombou de uma vez, esfolando as mãos e os joelhos no concreto.

Àquela altura, os policiais já estavam em movimento. Tom observou quando o cercaram, puxando-o para fazê-lo ficar de pé, e leram os direitos dele. Tinha uns dezenove anos, talvez fosse até mais novo, usava o uniforme da gangue e uma coleira com pontas, cabelos pretos desgrehados e espetados. Perguntaram a ele onde estavam os outros, e ele rosnou xingamentos e gritou que não sabia.

Enquanto o empurravam na direção das viaturas, Tom abriu o portal blindado e fez a bola de boliche flutuar para dentro da carapaça para examinar de perto, tremendo com a rajada de ar frio que entrou com ela. Era uma coisa estranha. *Leve demais para ser uma bola de boliche*, pensou quando a ergueu; quase dois quilos, talvez um pouco mais. Sem buracos também. Quando ele correu a mão sobre ela, seus dedos formigaram, e cores tremeluziram rapidamente pela superfície, como um arco-íris em uma mancha de óleo. Ela o deixou inquieto. Talvez Tachyon soubesse o que fazer com ela. Ele a deixou de lado.

A escuridão caía sobre a cidade. Tom levou a carapaça para o alto, cada vez mais alto, até flutuar sobre a torre distante do Empire State Building. Ficou lá por muito tempo, assistindo às luzes avançarem sobre a cidade, transformando Manhattan em um mundo encantado elétrico.

Daquela altura, em uma noite fria e clara, ainda conseguia vislumbrar as luzes de Jersey para além da água escura e gélida. Um daqueles pontos era o Top Hat Lounge, disso ele sabia.

Não devia flutuar até lá, pensou. Devia levar a bola de boliche para a clínica; era o próximo passo a tomar. Ele não se moveu. Faria isso no dia seguinte, pensou. Tachyon não iria a lugar algum,

nem a bola. De alguma forma, Tom não podia encarar Tachyon naquela noite. Não naquela noite em particular.

Em outros tempos, sua carapaça era muito mais primitiva. Sem lentes telescópicas, sem zooms, nem câmeras infravermelhas. Apenas um anel de holofotes quentes, tão brilhantes que Tachyon precisava estreitar os olhos. Mas precisava deles. Estava escuro no telhado da clínica, onde a carapaça pousou.

As fotografias que Tachyon segurava no alto não eram do tipo que Tom gostaria de ver em maiores detalhes. Ele ficou sentado na escuridão, olhando para suas telas, sem dizer nada, enquanto Tachyon mostrava uma a uma. Todas haviam sido tiradas na ala de maternidade da clínica. Uma ou duas das crianças viveram o suficiente para serem transferidas para a enfermaria.

Por fim, ele recuperou sua voz.

— As mães eram *curingas* — disse ele, sua voz enfática, com falsa convicção. — Bar... Ela é normal, estou te dizendo. Comum. Teve aquilo quando tinha *dois anos*, caramba; é como se nunca tivesse acontecido.

— Mas aconteceu — disse Tachyon. — Ela pode parecer normal, mas o vírus ainda está lá. Latente. É provável que nunca vá se manifestar, e geneticamente ele é recessivo, mas quando você e ela tiverem...

— Sei que muita gente acha que eu sou curinga — Tom interrompeu. — Mas eu não sou, acredite, sou um ás. Eu sou um ás, caramba! Então, se a criança tiver o gene wild card, ela terá telecinesia de primeira. Será ás, como eu.

— Não — disse Tachyon. Ele deslizou as fotografias de volta para o prontuário, seus olhos se desviando das câmeras. Deliberadamente? — Desculpe, meu amigo. As probabilidades de dar errado são astronômicas.

— *Ciclone* — disse Tom, à beira da histeria. Ciclone era um ás da Costa Oeste cuja filha herdara seu domínio sobre os ventos.

— Não — rebateu Tachyon. — Mistral é um caso especial. Temos quase certeza de que o pai dela, de alguma forma, manipulou o plasma germinativo enquanto ela ainda estava no útero. Em Takis... bem, o processo não é totalmente desconhecido por nós, mas raramente funciona. Você é o telecinético mais poderoso que já vi, mas algo assim exige um controle preciso que está anos-luz à sua frente, sem mencionar os séculos de experiência em microcirurgia e divisão genética. E, mesmo se você tivesse tudo isso, provavelmente fracassaria. Ciclone não tinha ideia do que estava fazendo em um nível consciente e, além disso, teve uma sorte tremenda. — O takisiano balançou a cabeça. — Seu caso é totalmente diferente. A única garantia é que você vai tirar um wild card, e as probabilidades são exatamente as mesmas de...

— Eu sei das probabilidades — disse Tom, bruscamente.

De cada cem humanos atingidos pelo wild card, apenas um desenvolvia poderes de ás. Havia dez curingas horivelmente deformados para cada ás, e dez mortes por rainha de espadas para cada curinga.

Na sua cabeça, viu Barbara sentada na cama, o lençol enrolado na cintura, seus cabelos loiros caindo macios sobre os ombros, o rosto solene e doce enquanto amamentava o filho deles. E então o bebê ergueu o olhar e ele viu os dentes e os olhos esbugalhados e

os traços monstruosos, deformados; e quando sibilou para ele, Barbara gritou de dor, enquanto leite e sangue jorravam livremente de seu mamilo arrancado.

— Desculpe — repetiu o dr. Tachyon, apático.

Passava da meia-noite quando Tom voltou para sua casa vazia na First Street.

Ele tirou o casaco, sentou-se no sofá e observou o Kill pela janela e pelas luzes de Staten Island. Uma chuva gelada havia começado. As gotículas chiavam contra a janela com um som agudo, cristalino, como garfos tilintando em taças de vinho quando os convidados do casamento queriam que os recém-casados se beijassem. Tom ficou ali sentado no escuro por um bom tempo.

Finalmente, acendeu uma luminária e pegou o telefone. Digitou seis números, e não conseguia se forçar a apertar o sétimo. Como um garoto apavorado antes de chamar uma garota bonita para sair, pensou, sorrindo melancólico. Pressionou a tecla com firmeza e escutou o chamado.

— Top Hat — atendeu uma voz brusca.

— Gostaria de falar com Barbara Casko — disse Tom.

— Quer dizer a nova sra. Bruder — respondeu a voz.

Tom deu um longo suspiro.

— Sim.

— Ah, os recém-casados foram embora horas atrás. Direto para a noite de núpcias. — O homem estava claramente bêbado. — Vão passar a lua de mel em Paris.

— Ah, sim — respondeu Tom. — O pai dela ainda está aí?

— Deixa eu ver aqui.

Um longo silêncio se passou antes de alguém falar novamente.

— Aqui é Stanley Casko. Quem está falando?

— Tom Tudbury. Desculpe por eu não estar presente, sr. Casko.
Estava, hum, ocupado.

— Sim, Tom. Tudo bem com você?

— Está. Não poderia estar melhor. Eu só queria...

— Sim?

Ele engoliu em seco.

— Apenas diga a ela para ser feliz, tudo bem? É isso. Apenas diga que eu quero que ela seja feliz.

Ele pousou o telefone de volta no gancho.

Na noite lá fora, um imenso cargueiro descia o Kill. Estava muito escuro para ver sua bandeira. Tom desligou as luzes e observou a passagem do navio.

JUBE: CINCO

O rastro era inconfundível.

Jube sentou-se no console enquanto as leituras escorriam através do holocubo, seus corações acelerados com medo e esperança. Passou a maior parte dos primeiros quatro meses na Terra em cinemas escuros, sentado para ver os mesmos filmes dúzias de vezes, reforçando seu inglês e ampliando a compreensão das nuances culturais humanas conforme refletidas na ficção. Aprendeu a amar os filmes, especialmente os faroestes, e sua parte favorita sempre fora quando a cavalaria chegava estrondando pelo monte, com as bandeiras tremulando.

A Rede não agitava bandeiras; ainda assim, Jube pensou que quase conseguia ouvir o som abafado das cornetas e o golpear das batidas dos cascos naqueles contornos aracnídeos de luz dentro do seu holocubo.

Táquions! Cornetas e táquions!

Seus satélites de observação detectaram uma chuva de táquions, e isso poderia significar apenas uma coisa: uma nave estelar nas proximidades da órbita terrestre. O veredicto estava ao alcance da mão.

Agora, os satélites varriam os céus procurando a fonte. Não era a Mãe do Enxame, Jhubben sabia disso. A Mãe rastejava por entre as estrelas a velocidades menores que a da luz; ela não se importava com o tempo. Apenas as raças civilizadas usavam naves estelares movidas a táquions.

Se Ekkedme conseguira enviar uma transmissão antes de a nave unitária ter sido esmagada no céu... se o Mestre Comerciante decidira checar o progresso da humanidade mais cedo do que o planejado... se a Mãe de alguma forma foi detectada por uma nova tecnologia inimaginável quando Jhubben começou sua missão na Terra... se, se, se... então poderia bem ser a *Opportunity* lá em cima, a Rede voltando para salvar aquele mundo, apenas com os meios e o preço ainda a serem determinados. Mesmo assim, não seria fácil, mas ele tinha plena confiança no resultado final. Jube sorriu enquanto os satélites sondavam e os computadores analisavam.

Então, o holocubo ficou violeta, e seu sorriso sumiu. Fez um som de gorgolejo no fundo da garganta.

Os sensores sofisticados nos satélites se desfizeram das telas que escondiam a nave espacial da instrumentação humana e exibiram a imagem dentro do violeta sinistro do cubo. A imagem se revolveu lentamente, gravada em linhas de luz vermelha e branca, como algum terrível constructo de fogo e gelo. Os visores piscavam abaixo da imagem: dimensões, saída de táquions, rota. Mas tudo que Jube precisava saber estava escrito nas linhas da nave: escrito em cada pináculo retorcido, proclamado pelas saliências extravagantes, trombeteado em cada espiral e projeção barroca, gritado em cada panóplia de luzes desnecessárias.

Parecia o resultado de uma colisão em alta velocidade entre um enfeite de Natal e uma pera com espinhos. Apenas os takisianos apresentavam aquela estética rococó.

Jube levantou-se de uma vez, cambaleando. *Takisianos!* Será que haviam sido convocados pelo dr. Tachyon? Achou bem improvável, depois de todos aqueles anos que o doutor passara no exílio. O que aquilo *significava*? Os takisianos estavam monitorando a Terra todo aquele tempo, observando o experimento do wild card, ao mesmo tempo que a Rede? Se sim, por que Jhubben não havia encontrado traços deles até agora, e como conseguiram esconder-se de Ekkedme? Teriam destruído a Mãe do Enxame? *Poderiam* ter conseguido destruir a Mãe? A *Opportunity* era quase do tamanho da ilha de Manhattan e transportava dezenas de milhares de especialistas que representavam espécies, culturas, castas e vocações infinitas — mercadores e aventureiros, cientistas e sacerdotes, técnicos, artistas, guerreiros, emissários. A nave takisiana era uma coisa minúscula; possivelmente não conteria mais do que cinquenta seres conscientes, talvez apenas metade disso. A não ser que a tecnologia militar takisiana tivesse progredido de forma astronômica nos últimos quarenta anos, o que aquela coisinha poderia esperar fazer, sozinha, contra a devoradora dos mundos? E os takisianos nem sequer se *importavam* com a vida de suas cobaias?

Enquanto Jhubben olhava fixamente para os contornos da nave com crescente raiva e confusão, seu telefone tocou.

Pensou por um instante irracional que de alguma forma os takisianos o haviam encontrado, que sabiam que estava observando e estavam telefonando para o repreender. Mas isso era ridículo. Ele

bateu um dedo no console e o holocubo escureceu enquanto Jube se arrastava até a sala de estar. Precisou desviar da geometria tortuosa de um transmissor de táquions parcialmente construído que dominava o centro da sala como uma peça imensa de escultura de vanguarda. Se a coisa não funcionasse quando ele a energizasse, Jube planejava chamá-la de “Desejo Curinga” e vendê-la em alguma galeria no Soho. Mesmo pela metade, seus ângulos eram curiosamente enganosos, e ele sempre trombava neles. Daquela vez, ele se esquivou com destreza e pegou o telefone da mão do Mickey Mouse.

— Alô? — disse, tentando soar com sua jovialidade normal.

— Jubal, é a Crisálida. — Era a voz dela, mas nunca escutara sua voz daquele jeito. Ela nunca ligara para ele em casa antes.

— Algum problema? — ele perguntou. Ele havia pedido para ela conseguir outro lote de microchips na semana anterior, e o tom de sua voz fez com que temesse que o agente dela tivesse sido preso.

— Jay Ackroyd acabou de ligar. Não havia conseguido dar notícias até agora. Ele descobriu algumas coisas sobre as pessoas que contrataram o Darlingfoot.

— Mas isso é bom. Ele localizou a bola de boliche?

— Não. E não é tão bom quanto você pensa. Sei que vai parecer loucura, mas Jay diz que essas pessoas estavam convencidas de que o corpo era extraterrestre. Parece que esperavam usar o cadáver em algum tipo de ritual bizarro para ganhar poderes sobre aquele monstro alienígena.

— A Mãe do Enxame — disse Jube, espantado.

— Sim — falou Crisálida, quase estridente. — Jay diz que tem algum tipo de ligação entre eles. Acha que eles veneram aquela

coisa. Olha, não devíamos falar sobre isso por telefone.

— Por que não? — Jube quis saber.

— Porque essas pessoas são *perigosas* — Crisálida respondeu. — Jay vai passar no Palace esta noite para me dar um relatório completo. Esteja lá também. Estou tirando meu time de campo nessa questão, Jubal. Você pode falar direto com Jay a partir de agora. Mas, se quiser, peço para Fortunato aparecer. Acho que ele gostaria de saber o que Jay descobriu.

— *Fortunato!* — Jube ficou horrorizado.

Ele conhecia Fortunato mais pela reputação. O cafetão alto com olhos amendoados e testa inchada era um cliente habitual do Crystal Palace, mas Jube sempre tentava evitá-lo. Telepatas o deixavam nervoso. O dr. Tachyon nunca entrava em uma mente sem um bom motivo, mas com Fortunato a história era outra. Quem sabia como e por que usaria seus poderes, e o que poderia fazer se descobrisse o que Jube, o Morsa, *realmente* era?

— Não — disse ele, apressado. — Não, de jeito nenhum. Isso não tem nada a ver com Fortunato!

— Ele conhece mais sobre esses maçons do que qualquer outra pessoa na cidade — disse Crisálida. Ela suspirou. — Bem, você está bancando esse enterro, então suponho que queira escolher o caixão. Não vou dizer palavra. Nos falamos depois que o bar fechar.

— Depois que o bar fechar — Jube repetiu.

Ele desligou antes que pudesse pensar em perguntar o que ela quis dizer com maçons. Jube conhecia os maçons, claro. Fizera um estudo das irmandades humanas décadas atrás, comparando os *Shriners*, os Cavaleiros de Colombo, os *Odd Fellows*, e os Maçons a cada irmandade das luas de Thdentien. Reginald era um maçom,

Jube se lembrou, e Denton tentara se unir à ordem dos Alces, mas eles o rejeitaram por causa dos chifres. O que os maçons tinham a ver com aquilo?

Naquele dia, Jube estava agitado demais para fazer piadas. Não sabia quem o assustava mais, se as Mães do Enxame, as naves de guerra takisianas ou os maçons. *Mesmo se a cavalaria viesse galopando por sobre o monte*, Jube pensou, *será que conseguiria reconhecer os índios?* Ele olhou para o céu e balançou a cabeça.

Quando trancou a banca à noite, fez suas entregas no Funhouse e no Chaos Club, então decidiu interromper seu zigue-zague pelo Bairro dos Curingas e seguir direto para o Crystal Palace o mais rápido possível. Mas primeiro precisava fazer uma última parada, na delegacia.

O sargento de plantão ficou com um *Daily News* e folheou a página de esportes, enquanto Jube deixava um *Times* e um *Grito do Bairro dos Curingas* para o capitão Black. Ele estava se virando para ir embora quando um cara à paisana o viu.

— Ei, gordinho — o homem chamou. — Você tem a *Informer*?

Ele estava recostado no banco em frente à parede de azulejos, quase como se estivesse esperando alguém. Jube o conhecia de vista: um tipo desleixado, de aparência comum e um sorriso desagradável. Nunca tinha se dado o trabalho de chamar Jube pelo nome, mas aparecia na banca às vezes para pegar um tabloide. Às vezes, até pagava.

Mas não aquela noite.

— Obrigado — disse ele, enquanto aceitava a edição da *National Informer* que Jube lhe oferecia.

OS TAKISIANOS INVENTARAM O HERPES?, berrava a manchete. Jube teve um mau pressentimento. Logo abaixo, outra história perguntava se Sean estava prestes a largar a Madonna por Peregrina. O cara à paisana nem mesmo olhou para as manchetes. Estava encarando Jube de um jeito estranho. O canto da boca se retorceu em um sorrisinho peculiar.

— Você é só um curinga feio, não é? — perguntou o policial.

Jube esgarçou as presas em um sorriso servil.

— Quê, feio eu? Que nada, eu tenho tetas maiores que a Miss Outubro!

— Já passei tempo demais ouvindo suas piadas idiotas — falou o cara à paisana. — Mas o que mais eu podia esperar? Você não é muito inteligente também, não é?

Inteligente o suficiente para enganar sua raça por trinta e quatro anos, pensou Jube, mas não disse nada.

— Bem, você sabe quantos curingas são necessários para trocar uma lâmpada? — disse ele.

— Tira esse seu rabo gordo de curinga daqui — respondeu o homem.

Jube cambaleou até a porta. No topo das escadas, ele se virou e gritou:

— Esse jornal é por minha conta! — E então se dirigiu ao Crystal Palace.

Chegou mais cedo aquela noite, e o Palace ainda estava lotado. Jube se sentou em um banquinho no fim do bar, onde poderia descansar as costas contra a parede e ver o salão inteiro. Era a noite de folga de Sascha, e Lupo estava atendendo no bar.

— O que vai ser, Morsa? — ele perguntou, a língua vermelha e longa se estendendo de um canto da boca.

— Piña colada — disse Jube. — Com rum duplo.

Lupo assentiu e saiu para fazer o drinque. Jube olhou em volta, cuidadosamente. Tinha a sensação desconfortável de estar sendo observado. Mas por quem? O bar estava cheio de estranhos, e não se via Crisálida em lugar algum. Três bancos adiante, um homem grande com máscara de leão acendia um cigarro para uma jovem cujo vestido ostentava um amplo decote com três seios grandes. Mais distante no bar, uma forma curvada com um manto cinza fitava a própria bebida. Uma mulher esguia, vivaz e verde fez contato visual quando Jube olhou para ela, e deslizou, provocante, a ponta de uma língua rosa pelo lábio superior (ao menos poderia ter sido provocante, para um macho humano), mas ela era obviamente prostituta, e ele a ignorou. Em outro lugar no salão, viu Yin-Yang, cujas duas cabeças estavam em uma discussão acalorada, e o velho sr. Grilo também. O Pena havia desmaiado e flutuava perto do teto novamente. Mas havia muitos rostos e máscaras que Jube não reconhecia. Qualquer um deles poderia ser Jay Ackroyd. Crisálida nunca disse qual era a aparência dele, apenas que era um ás. Poderia até ser o homem com a máscara de leão que — Jube percebeu de relance — tinha deslizado um braço em torno da garota de três seios e estava passando a pontas dos dedos levemente no topo do seio à direita.

Lupo passou a flanela no bar, pegou um descanso de copo e botou a piña colada sobre ele. Jube tinha tomado apenas o primeiro gole quando um estranho se sentou no banco ao seu lado.

— Você está vendendo aqueles jornais?

— Com certeza.

— Ótimo. — A voz era abafada pela máscara, uma cabeça branca como um crânio. Vestia uma capa preta de capuz sobre um terno puído que pouco disfarçava seu corpo magro, de peito fundo. — Vou levar um *Grito*, então.

Jube achou que tinha algo desagradável nos olhos dele. Desviou o olhar, encontrou uma edição do *Grito* e lhe entregou. O homem encapuzado deu a ele uma moeda.

— O que é isso? — Jube perguntou.

— Uma moeda — respondeu o homem.

A moeda era maior do que deveria, e de um vermelho vívido contra a palma da mão negra de Jube. Nunca tinha visto algo assim.

— Não sei se...

— Deixa para lá — interrompeu o homem. Pegou a moeda da mão de Jube e deu a ele um dólar com a estampa de Susan B. Anthony, a sufragista. — E o meu troco, Morsa? — o homem exigiu. Jube devolveu a ele três moedas de vinte e cinco centavos. — Você me deu o troco errado — disse o homem com maldade ao embolsar as moedas.

— Não é verdade — disse Jube com indignação.

— Olhe nos meus olhos e diga isso, seu imbecil safado.

Atrás do homem com cara de caveira, a porta se abriu e Troll entrou rapidamente no bar, seguido por um homem baixo de cabelos vermelhos em um terno verde-limão.

— *Tachyon* — disse Jube, apreensivo, lembrando-se de repente da nave de guerra takisiana em órbita.

Sua companhia desagradável girou a cabeça com tanta força que o capuz caiu, revelando um cabelo castanho fino e um sério

problema de caspa. Ele se pôs em pé, hesitou, depois correu para a porta assim que Tachyon e Troll se encaminharam para os fundos do salão.

— Ei! — Jube o chamou. — Ei, senhor, seu jornal!

Ele deixou o *Grito* no bar. O homem saiu tão rápido que quase prendeu a ponta da longa capa preta na porta. Jube deu de ombros e voltou para sua piña colada.

Muitas horas e uma dúzia de drinques depois, Crisálida ainda não tinha aparecido, nem Jube percebeu ninguém que tivesse a aparência que ele imaginava que o tal cara teria. Quando Lupo anunciou a última rodada, Jube acenou para ele.

— Onde ela está? — ele perguntou.

— Crisálida? — Lupo devolveu a pergunta. Os olhos vermelhos e profundos reluziram em cada lado de seu focinho longo e peludo. — Ela está te esperando?

Jube fez que sim.

— Tenho uma coisa para discutir com ela.

— Tudo bem — disse Lupo. — Na sala vermelha, terceira cabine da esquerda para a direita. Está com um amigo. — Ele sorriu. — Finja que não está vendo ele, se é que você me entende.

— O que for melhor para ela.

Jube pensou que o amigo tinha de ser Popinjay, mas não disse nada. Saiu cuidadosamente do banquinho e foi para a sala vermelha, bem à direita do bar principal. Lá dentro estava escuro e esfumaçado. As luzes eram vermelhas, o carpete grosso e felpudo era vermelho, e as pesadas cortinas de veludo em torno das cabines eram de um vinho-escuro vívido. A maioria das cabines estava vazia àquela hora da noite, mas ele escutou gemidos

femininos vindos de uma que não estava. Foi até a terceira cabine da esquerda para a direita, puxou a cortina e espiou.

Eles estavam conversando, em tom baixo e sério, mas a conversa foi interrompida. Crisálida olhou para ele.

— Jubal — disse ela, secamente. — O que posso fazer por você?

Jube olhou para o acompanhante, um homem branco, forte e compacto de camiseta preta e uma jaqueta de couro escuro. Vestia a máscara mais comum, um capuz preto que cobria tudo, menos os olhos.

— Você deve ser Popinjay — disse Jube, antes de lembrar que o detetive não gostava que o chamassem daquela forma.

— Não — respondeu o mascarado, a voz surpreendentemente suave. Ele olhou para Crisálida. — Podemos conversar mais tarde se você tem negócios a fazer agora. — Ele deslizou para fora da cabine e desapareceu sem mais preâmbulos.

— Entre — disse Crisálida. Jube se sentou e fechou as cortinas. — Seja lá o que tiver para mim, espero que seja bom. — Ela parecia bastante irritada.

— O que eu tiver? — Jube estava confuso. — Como assim? Onde está o Popinjay, ele não deveria já ter chegado?

Ela o encarou. Encapsulada na carne transparente e nos músculos cinzentos fantasmagóricos, seu crânio fazia Jube lembrar-se do homem desagradável que se sentara ao seu lado no bar.

— Não sabia que você conhecia o Jay. O que ele tem a ver com isso? Tem alguma coisa sobre ele que preciso saber?

— O relatório — Jube falou. — Ele ia nos falar sobre aqueles maçons que contrataram o Devil John para roubar o corpo do necrotério. Você disse que eles eram perigosos.

Crisálida riu, abriu as cortinas e levantou-se languidamente.

— Jubal, não sei de quantos drinques exóticos com rum você desfrutou hoje, mas acho que foram muitos. É sempre um problema quando Lupo está no bar. Sascha consegue perceber quando um cliente já bebeu demais, mas não nosso pequeno lobinho. Vá para casa e durma.

— *Para casa!* — disse Jube. — Mas e o corpo, e o Devil John e os *maçons*...

— Se quiser se juntar a uma irmandade, acho que os Odd Fellows seriam perfeitos para você — disse Crisálida em um tom entediado. — Tirando isso, não tenho a menor ideia do que você está falando.

A caminhada para casa foi longa e quente, e Jube teve uma sensação inquietante, como se estivesse sendo observado. Parou e olhou em volta furtivamente diversas vezes para tentar ver se havia alguém o seguindo, mas não havia ninguém por ali.

Na privacidade do seu apartamento, afundou agradecido na banheira gelada e ligou a televisão. O filme da madrugada era *Trinta minutos sobre a Broadway!*, mas não era a versão com Howard Hawks, e sim o remake horrível de 1978 com Jan-Michael Vincent como Jetboy e Dudley Moore fazendo um Tachyon engraçadinho em uma peruca vermelha horrível. Jube acabou vendo mesmo assim; precisava de um escapismo nada intelectual. Ele se preocuparia com Crisálida e o resto no dia seguinte.

Jetboy tinha acabado de bater o JB-1 no dirigível quando a tela de repente estalou e ficou preta.

— Ei — disse Jube, apertando o controle remoto com força. Nada aconteceu.

Então, um cão do tamanho de um pônei saiu do aparelho de televisão.

Ele era esguio e terrível, o corpo cinza-esfumaçado e terrivelmente macilento, os olhos eram janelas que se abriam para uma câmara mortuária. Uma cauda longa e bipartida curvava-se sobre as costas como o ferrão de um escorpião e se retorcia de um lado para outro.

Jube recuou tão rápido que derramou água por todo o chão do quarto, e começou a gritar para a coisa. O cão arreganhava os dentes, que eram adagas amarelas. Jube percebeu que murmurava na língua de contato da Rede, e mudou para o inglês.

— Saia! — falou para o animal. — Vá embora!

Tentou agarrar a beirada da banheira, espalhando mais água, e se retraiu. O controle remoto ainda estava na sua mão, se pudesse alcançar seu esconderijo... Mas o que teria lá que fosse útil contra algo que atravessava paredes? Sua carne ficou quente com o terror súbito.

O cão caminhou em sua direção, então parou. Seu olhar estava fixo entre as pernas de Jube. Pareceu por um momento se divertir com o pênis duplo dividido, e a genitália feminina completa sob ele. Jube decidiu que sua melhor chance estava em ir para a rua. Ele foi recuando.

— Gordinho — falou o cão em uma voz que era malícia pura. — Vai correr de mim? Você me procurou, seu tolo. Acha que suas pernas grossas de curinga podem te fazer escapar de Setekh, o destruidor?

Jube ficou boquiaberto.

— Quem...

— Sou aquele cujos segredos você tentou descobrir — disse o cão. — Curinga pequeno e patético, achou que não perceberíamos, achou que não faríamos nada? Soube pela mente de quem você contratou, e segui o rastro até você. E agora você vai morrer.

— *Por quê?* — perguntou Jube. Não tinha dúvida de que a criatura poderia matá-lo, mas, se tinha que perecer, esperava ao menos saber o motivo.

— Porque me fez perder tempo — o cão respondeu. Sua boca se remexia em formas obscenas, afetadas, quando falava. — Pensei que encontraria um inimigo respeitável e, em vez disso, encontro um curinga gordo e baixote que ganha a vida vendendo fofocas a uma dona de bar. Quanto você achou que valiam os segredos da nossa Ordem? Quem achou que poderia pagar por eles, Morsa? Diga e eu não o farei sofrer. Minta, e sua morte vai durar até o raiar do dia.

O cão não tinha ideia do que ele era, Jhubben percebeu. Como poderia? Soube dele por Crisálida, pelo que se falava na rua; não descobrira o seu segredo. De repente, por razões que não conseguiria explicar, Jube sentiu que Setekh não *deveria* saber. Ele deveria guiar aquela coisa para longe dos seus segredos.

— Não quis incomodá-lo, poderoso Setekh — disse ele em voz alta. Tinha posado de curinga por trinta e quatro anos, sabia como implorar. — Peço sua misericórdia — disse, afastando-se de costas para a sala de estar. — Não sou seu inimigo.

O cão o seguia, olhos reluzindo, língua rolando de seu focinho comprido. Jube pulou para a sala de estar, fechou a porta e correu.

O cão se lançou através da parede e o interceptou, e Jube perdeu o equilíbrio ao tentar fugir. Estatelou-se no chão, e o cão ergueu uma pata terrível para atacar... e parou quando Jube se encolheu

de medo do golpe fatal. A boca do cão se torceu e derramou uma baba fantasmagórica, e Jube percebeu que ele estava rindo. A coisa estava olhando algo atrás dele e rindo. Ele virou a cabeça e viu apenas o transmissor de táquions.

Quando olhou de volta, o cão havia desaparecido. Em vez dele, um homem frágil em uma cadeira de rodas o encarava.

— Somos uma Ordem antiga — disse o homem. — Os segredos passaram por muitas bocas, e alguns se desviaram, alguns ramos foram perdidos e esquecidos. Fique contente por não ter morrido, irmão.

— Ah, sim — disse Jube, ficando de joelhos. Não tinha ideia do motivo pelo qual estava sendo poupado, mas não iria reclamar. — Obrigado, mestre. Não vou incomodá-lo de novo.

— Deixarei que viva, assim você poderá nos servir — disse a aparição de cadeira de rodas. — Mesmo alguém estúpido e fraco como você poderá vir a ser útil na grande batalha que está por vir. Mas não conte nada do que descobriu, ou não viverá para ser iniciado.

— Eu já esqueci — disse Jube.

O homem na cadeira de rodas pareceu achar aquilo imensamente divertido. Sua testa pulsava enquanto ria. Um momento depois, ele desapareceu. Jube ergueu-se com muito cuidado.

Bem cedo na manhã seguinte, um curinga com a pele carmesim comprou uma edição do *Daily News* e pagou por ela com uma moeda vermelha e brilhante do tamanho de uma de cinquenta centavos de dólar.

— Eu ficaria com ela se fosse você, cara — disse ele, sorrindo. — Acho que pode ser sua moeda da sorte.

Então ele contou quando e onde seria a próxima reunião.

DIFICULDADES RELATIVAS

Melinda M. Snodgrass

O dr. Tachyon desceu os degraus da Clínica Blythe van Renssaeler e parou para dar um tapinha em um dos abatidos leões de arenito que flanqueavam as escadas. Percebeu que seu companheiro ao lado ainda tinha um topete de neve suja adornando a cabeça decadente. Apesar de já estar atrasado para um almoço com o senador Hartmann no Aces High, não resistiu a tirar gentilmente a neve. Um vento cortante e frio soprava do East River, arrastando fiapos de névoa branca e trazendo consigo o som das buzinas do tráfego intenso na ponte do Brooklyn.

A irritação das buzinas lembrou-o de que o tempo estava passando, e ele avançou pelos dois últimos degraus com um longo salto. E deu de cara com uma superfície rosada. *Um colete*, Tach identificou antes de sua visão ser tomada por um buquê de gladiólos enfiado bem embaixo do seu nariz. Tach ergueu os olhos, ergueu bastante, e percebeu que encarava um estranho... e qualquer estranho representava perigo em potencial. Três passos rápidos para trás o deixaram fora de alcance, a menos que o homem atirasse ou tivesse algum poder exótico de ás, e então Tach estudou cuidadosamente a aparição.

O homem era muito alto, sua estatura esguia aumentada pela enorme cartola púrpura enfiada nos cabelos longos, lisos e loiros. Usava um casaco também púrpura sobre os ombros estreitos, e fazia — na opinião de Tach — um belo contraste com a camisa laranja e violeta com estampa *paisley* e calça verde. O espantalho sorridente novamente lhe ofereceu as flores.

— Sabe, sou o Capitão Viajante, cara — falou ele, e ficou ali parado, cambaleando e sorrindo como um farol bêbado.

Fascinado, Tachyon encarou os olhos azuis pálidos atrás das lentes fundo de garrafa. Incapaz de pensar em qualquer coisa coerente para dizer, Tach simplesmente aceitou as flores.

— Este não é meu nome de verdade, cara — confessou o Capitão em uma espécie de sussurro que teria chegado até as últimas fileiras de um teatro. — Sou um ás, então preciso ter uma identidade secreta, sabe? — O Capitão correu a mão ossuda pela boca, ajeitando levemente o bigode e o tufo desgrenhado de barba. — Ah, nossa, sabe, nem acredito. Dr. Tachyon, em pessoa. Eu admiro você, de verdade, cara.

Tach, que nunca foi de passar um elogio, ficou lisonjeado, mas também estava ciente do tempo que corria. Enfiou as flores no bolso do casaco e voltou a andar, seu novo acompanhante seguindo ao lado. O homem passava uma sensação boa, que tomou conta dele junto a um leve odor de ginseng, sândalo e suor velho, mas Tach não conseguia se livrar da ideia de que o Capitão era um lunático gente boa. Afundando as mãos nos bolsos de trás da calça azul-marinho, lançou um olhar de soslaio para o Viajante e decidiu que precisava dizer algo. Estava evidente que não se livraria do homem tão cedo.

— Então, você tem algum motivo especial para me procurar?

— Bem, acho que preciso de um conselho. Tipo, sabe, pareceu que você era a pessoa certa para perguntar. — As mãos do homem buscaram a gravata verde gigantesca de bolinhas amarelas e deram uma bela puxada, como se ele a achasse sufocante. — Não sou o Capitão Viajante de verdade.

— Sim, eu sei, você já disse — respondeu Tach, tentando manter a paciência, que diminuía rapidamente.

— Meu nome de verdade é Mark Meadows. *Doutor* Mark Meadows. Tipo, temos muito em comum, cara.

— Você não pode estar falando sério — disse Tach e, no mesmo instante, arrependeu-se da grosseria.

A figura desajeitada pareceu murchar, diminuir.

— Sou eu, cara, de verdade.

Dez anos atrás, Mark Meadows fora considerado o bioquímico mais brilhante do mundo, o Einstein de sua área. Houve uma dúzia de explicações diferentes para sua aposentadoria repentina: estresse, problemas pessoais, o término do casamento, abuso de drogas. Mas pensar que o jovem gigante fora reduzido àquela bagunça...

— Eu estou, sabe, procurando pelo Radical, cara.

A memória surgiu em um estalo: 1970? A revolta no People's Park, quando um misterioso ás apareceu em cena, resgatou o Rei-Lagarto e sumiu para nunca mais ser visto.

— Você não é o único. Tentei localizá-lo nos anos 70, mas ele nunca reapareceu.

— Sim, é realmente uma pena — concordou o Capitão, com tristeza. — Uma vez, eu... bem, *acho* que eu o tive uma vez, mas

nunca consegui tê-lo de novo, então talvez eu não tenha tido. Talvez eu esteja só, tipo, me iludindo, cara.

— Você está dizendo que é o Radical? — A descrença fez a voz de Tach aumentar muitas oitavas.

— Ah, não, cara, porque não tenho provas. Eu fiz esses pozinhos, tentando encontrar ele, trazer ele de volta, mas, quando eu como, só consigo essas *outras* pessoas.

— Outras pessoas? — repetiu Tach em um tom artificialmente calmo.

— Sim, meus amigos, cara.

Tachyon agora tinha certeza. Estava com um maluco nas mãos. Se ao menos tivesse pedido a limusine... Ele começou a procurar por uma maneira de se livrar da companhia indesejável e chegar à reunião antes que cancelassem o subsídio ou sabia-se lá mais o quê... Viu uma travessa que ele sabia ser um atalho para um ponto de táxi. Com certeza não teria problemas em se livrar...

Viajante estava divagando de novo.

— Você é, tipo, o pai de todos os ases, cara. E sempre está fazendo coisas para ajudar o povo. E eu queria ajudar o povo, então pensei que você podia, tipo, me ensinar a ser um ás, a combater o mal e...

Fosse lá o que o Capitão quisesse se perdeu em um cantar de pneus quando um carro entrou com tudo na travessa e parou bruscamente. Instintos de sobrevivência, treinados desde a infância, tomaram conta dele, e Tach virou e correu daquilo que percebia ser uma armadilha mortal. Viajante olhava de um lado para outro, sua cabeça indo do carro para o takisiano em fuga como um flamingo perplexo.

Screeeech! Bum! Outro carro apareceu, efetivamente bloqueando sua fuga. E figuras — figuras familiares — saíram aos borbotões dos veículos. Ele não tinha tempo de ponderar sobre a presença inexplicável de seus parentes na Terra; em vez disso, seus escudos se armaram a tempo de rebaterem um poderoso choque mental. Seu poder se expandiu, escudos se chocaram, caíram, e um de seus algozes despencou.

Ele tentou outra vez; os escudos aguentaram. *São muitos.* Era hora de tentar enganá-los fisicamente. O que captava da mente deles indicava uma captura simples, mas então ele viu um laçador surgir do bracelete do seu primo Rabdan. Era uma arma especialmente perigosa, e uma popular arma de assassinato. Bastava apertá-la no peito da vítima e o coração parava. Rápida, limpa, simples, e o trabalho estava terminado. Uma cambalhota para trás fez Rabdan pousar em um monte de latas de lixo. As latas caíram com estouro e estardalhaço, liberando o fedor de lixo apodrecendo, e quatro ou cinco gatos de rua choramingaram e chiaram. O disco prateado do laçador rolou da mão de Rabdan e Tach pulou para pegá-lo.

De canto de olho, viu o Capitão segurar a cabeça e desmaiar com um gemido na calçada escorregadia. Seus escudos revidaram outro ataque mental, mas de nada adiantaram contra um bastão manejado com destreza por Sedjur, seu antigo mestre de armas, e, quando seu crânio explodiu em fragmentos de luz e dor, Tachyon sentiu uma profunda agonia e traição, e um desejo imenso de ter uma *pistola*.

— ... trazer este outro?

— Você disse para não deixar nem testemunhas nem corpos.

O tom irritado e defensivo de Rabdan parecia ecoar através de muitos quilômetros de algodão, e aquela outra voz... não podia ser. Tach fechou os olhos com mais força, desejando voltar à inconsciência, qualquer coisa menos a presença da *Kibr*, Benaf'saj.

A velha suspirou.

— Muito bem, talvez ele possa servir como controle. Leve-o para a cabine com os outros.

Os passos de Rabdan recuaram, acompanhados pelo som de algo sendo arrastado.

— O garoto se saiu bem — disse Sedjur assim que Rabdan saiu, e não podia mais se ofender com o comentário. — Os anos aqui o fortaleceram. Venceu Rabdan.

— Sim, sim. Agora vá. Preciso falar com meu neto.

Os passos de Sedjur se afastaram, e Tach continuou a fingir que estava dormindo. Sua mente estendeu-se, tocou a presença da nave (era definitivamente uma nave de guerra da classe Corcel), sentiu o padrão familiar das mentes takisianas, o pânico de dois... não, de *três* mentes humanas. E, finalmente, uma mente cujo toque trouxe uma onda de medo e ódio e arrependimento tingida pela tristeza. Seu primo, Zabb, tomando consciência da sondagem suave, rebateu, e o escudo imperfeito de Tachyon permitiu que parte do revide passasse. Sua dor de cabeça aumentou.

— Sei que está acordado — disse Benaf'saj.

Com um suspiro, Tach abriu os olhos e observou os traços bem marcados da sua parente mais velha. A luminescência opalina das paredes da nave formava uma auréola em torno do seu cabelo prateado e aumentava a rede de linhas entalhadas em seu rosto.

Contudo, mesmo com toda a idade, era possível ver traços da beleza formidável que arrebatara muitas gerações de homens. Existia a lenda de que um membro da família Alaa arriscara tudo para passar uma noite com ela. Era de questionar se ele achara que o júbilo valera o preço, visto que ela o matara antes do amanhecer. (Ou assim contava a história.) A mão retorcida pegou uma mecha de cabelo que se soltara do penteado elaborado, enquanto os olhos cinzentos esmaecidos o examinavam com uma frieza que beirava o desinteresse.

— Vai me cumprimentar de forma adequada ou seus anos na Terra empobreceram suas boas maneiras?

Ele se ergueu com dificuldade, fez uma mesura e abaixou-se sobre um joelho diante da mulher. Seus dedos longos e secos envolveram o rosto dele, puxando-o para perto, e os lábios murchos beijaram-lhe a testa.

— Você nem sempre foi tão silencioso. Em casa, seu tagarelar era considerado um defeito. — Ele permaneceu quieto, sem querer perder a compostura fazendo a primeira pergunta. — Sedjur disse que você aprendeu a lutar. A Terra lhe ensinou também a esconder sua opinião?

— Rabdan tentou me matar.

Ela não ficou desconcertada pela aspereza da declaração, tampouco insultada pelo tom hostil, direto.

— Nem todos receberiam bem seu retorno a Takis.

— E Zabb está a bordo.

— E daí você pode tirar as próprias conclusões.

— Eu sei. — Ele desviou o olhar, a repulsa presa na garganta como um gosto de podridão. — Não voltarei, nem os seres humanos

vão para lá.

Os dedos finos fecharam-se como garras no queixo dele e forçaram-no a encará-la.

— Seu moleque rabugento. E as suas obrigações e responsabilidades perante a família?

— E a minha busca pela virtude? — disse ele, rebatendo com o outro princípio igualmente importante e extremamente contraditório da vida takisiana.

— O tempo não parou em casa enquanto você se divertia na Terra. Quando você desapareceu, Shaklan suspeitou que havia seguido a nave até a Terra. Mas você não era o único preocupado com o grande experimento. Outros observavam, mas, em vez de tentarem impedir o lançamento, eles atacaram a fonte. L'gura, aquele animal sem mãe, formou uma coalizão de quinze outras famílias, e eles investiram.

Ela encarou as próprias mãos, e de repente pareceu muito velha.

— Muitos morreram no ataque. Mas, se fosse por Zabb, acho que *todos* teríamos morrido.

Tach mordeu o lábio inferior, engolindo as desculpas por sua ausência.

— Você nunca se perguntou, quando os anos passaram e nós não viemos, o que podia ter acontecido?

Uma lâmina fria parecia se retorcer em sua barriga, e ele se forçou a perguntar:

— Meu pai?

— Um ferimento na cabeça. A carne vive, mas a mente se foi.

Uma dormência tomou conta dele, e o resto das palavras de Benaf'saj pareceram ecoar de muito longe.

— Sem você, Zabb fez uma tentativa de pegar o cetro, mas muitos temiam sua ambição. Para bloquear a ascensão dele, seu tio Taj manteve a regência, mas foi decidido que você precisava ser encontrado, pois não se sabe por quanto tempo mais o corpo de Shaklan pode durar...

Manhãs incrivelmente frias, e seu pai pondo um cone de papel cheio de nozes torradas na sua mão, enquanto um vendedor de rua assentia e sorria para os nobres... Esperando com tristeza em uma porta, enquanto Shaklan conduzia negócios, esquecido de que prometera ensinar o filho pequeno a cavalgar naquele dia. A reunião terminou e os braços se abriram. Correndo para aquele abraço, sentindo-se seguro enquanto aqueles braços poderosos o envolviam, e a cócega de uma gravata de babados contra sua bochecha, e o calor, o cheiro masculino mascarado com o odor de sua colônia... A dor indescritível quando o pai o atingiu na coxa durante uma de suas sessões de treinamento psíquico. As lágrimas que derramaram enquanto Shaklan explicava por que tinha feito aquilo. Que Tisianne precisava ser capaz de aguentar qualquer coisa daquele lado da morte sem perder o controle mental. Algum dia sua vida poderia depender daquilo... O tremeluzir da luz da lareira nos traços de seu rosto enquanto eles dividiam uma garrafa de vinho, e choravam, na noite em que souberam do suicídio de Jadlan.

Tach cobriu o rosto com as mãos e soluçou. Benaf'saj não se moveu, física ou mentalmente, para aliviar sua angústia, e ele a odiou por isso. A tempestade passou e ele limpou os olhos lacrimejantes e o nariz escorrendo com um lenço oferecido por sua muitas vezes tataravó. Seus olhos se encontraram e ele viu nos

dela... dor? Mal podia acreditar, e o momento passou antes que pudesse ter certeza.

— Estaremos a caminho de casa assim que tivermos limpado a área dos brotos. Não estamos armados o suficiente para combater um ataque de uma das devoradoras, e vamos ter que baixar as defesas para entrar no voo-fantasma. É uma pena que pudemos salvar tão poucos espécimes. É provável que T'zand'ran destrua este mundo.

Ele balançou rapidamente a cabeça, negando.

— Você discorda?

— Acho que os humanos podem surpreender vocês.

— Duvido. Mas ao menos reunimos nossos dados. — Ela lançou a ele um olhar frio e cinzento. — Claro, você terá o controle da nave, mas, por favor, não aborde os humanos. Isso apenas os agitará e tornará mais difícil a adaptação deles à nova vida.

Ela deu ordens telepáticas e uma mulher esguia entrou na sala. Tach percebeu, com um susto, que da última vez que a vira ela era uma garotinha rechonchuda de cinco anos, cuidando de uma bela família de bonecas e fazendo-o prometer que se casaria com ela quando crescesse, para que pudessem ter bebês lindos. Agora, ela nunca se casaria. O fato de estar na nave, e não seguramente protegida nos alojamentos femininos, significava que era *bitshuf'di*, uma das neutralizadas que foram marcadas como carregando recessivos perigosos, ou tinha valor genético insuficiente para ser autorizada a procriar.

Seus olhos o percorreram (com tristeza? Era difícil medir a emoção, de tão rápido que aconteceu) e ela fez uma medida.

— Senhor, queira me acompanhar.

Ele fez uma reverência final a Benaf'saj e seguiu os passos de Talli, pensando em como quebrar o silêncio. Decidiu que uma conversa-fiada seria inadequada — *claro que ela cresceu, passaram-se décadas!*

— Nenhum cumprimento, Talli? — O corredor curvou-se à frente deles, reluzindo como madrepérola polida, enquanto avançavam cada vez mais fundo no coração da nave.

— Você não fez nenhum na despedida.

— Era algo que eu precisava fazer.

— Outras pessoas também tomam decisões assim. — Ela olhou nervosamente ao redor e entrou no modo telepático, impenetrável e íntimo. *Zabb pretende matá-lo. Não coma ou beba nada que não tenha sido trazido por mim, e tome cuidado.* Ela colocou uma pequena adaga afiada na mão dele, que a escondeu rapidamente na manga da camisa.

Suspeitei que isso poderia acontecer. Mas obrigado pelo aviso e pela arma.

Ele vai me matar se suspeitar.

Ele não vai saber por mim. Nunca foi páreo para mim nas artes mentais.

Mas ela o olhou em dúvida, e Tach percebeu com constrangimento como seus escudos estavam relaxados. Ele os fortaleceu, e ela balançou a cabeça, aliviada.

Melhor assim.

Não, é terrível. É uma situação horrível.

Olhou para ela com seriedade.

Não tenho a intenção de voltar para Takis.

Chegaram à porta da cabine, e a nave, obediente, abriu-se para ele.

Ela pousou as mãos nos ombros dele e insistiu.

Você tem que ir. Precisamos de você.

E, enquanto a porta se fechava, ele decidiu que talvez ela não fosse uma aliada tão confiável, no fim das contas.

Tom Tudbury estava tendo um dos piores dias da sua vida. O pior fora 8 de março, quando Barbara se casou com Steve Bruder, mas aquele estava bem perto. Estava a caminho da clínica de Tachyon com o aparelho estranho que havia pegado do moleque, quando uma estranha nave, parecendo uma concha de molusco, pairou sobre as nuvens, ao lado dele, e o convidou a subir a bordo. Talvez *convidou* não fosse a palavra certa; *obligou* estava mais próximo da realidade. Garras gélidas pareciam segurar sua mente, e ele flutuou calmamente a carapaça para dentro das portas escancaradas de um compartimento de carga. Não se lembrava de nada até se encontrar em pé em uma sala gigantesca, a carapaça pousada ao lado.

Diversos homens esguios em uniforme dourado e branco de ópera cômica aproximaram-se e o examinaram, enquanto outro entrou na carapaça e saiu de lá com a estranha bola preta e um engradado de cervejas pela metade. Ele fez um gesto com as latas, o que causou um som metálico e abafado, e houve um estouro de gargalhadas. Em seguida, o aparelho foi examinado entre uma onda de palavras musicais cheias de pausas aleatórias e incompreensíveis. Dando de ombros, o aparelho foi colocado em uma prateleira que se estendia de um lado da sala curva. Um de

seus captores gesticulou polidamente na direção de uma porta. A cortesia do gesto removeu seu maior medo — era evidente que não estava nas mãos do Enxame. A gentileza não era exatamente condizente com os monstros.

Saíram em um corredor serpenteante cujas paredes, chão e teto brilhavam como uma concha polida. Enquanto prosseguiam, o teto abaulado se iluminava à frente deles e escurecia depois de passarem. Uma parede trazia um adereço de linhas róseas como as pétalas de uma flor. Aquela seção escancarou-se de repente, e Tom foi conduzido até uma cabine luxuosa.

Uma explosão de riso delicado e feminino o recebeu, e ele olhou espantado para a bela mulher curvada no centro de uma grande cama redonda.

— Bem, você não parece ser grande coisa — disse ela com um olhar avaliador. Ele se endireitou para diminuir a barriga e desejou que sua camiseta estivesse limpa. — Sou Asta Lenser. Quem é você, afinal? — Ele estava assustado, mas o medo o deixou cuidadoso. Tom balançou a cabeça. — Ah, vai se foder! Estamos nisso juntos.

— Sou um ás. Tenho que tomar cuidado.

— Bem, grande merda! Eu também sou.

— É?

— Sim, faço a dança dos sete véus. — Seus braços longos e graciosos se balançaram acima da cabeça. — Deixo Salomé no chinelo. — Ele a encarava, perplexo. — Você nunca foi ao balé?

— Não.

— Idiota. — Ela fuçou em uma grande bolsa disforme e tirou de lá um pacote de pó branco, um espelho e um canudinho. Suas mãos

tremiam tanto que levou cinco tentativas para conseguir estender as carreiras. Cheirou a cocaína e recostou-se com um longo suspiro de alívio. — Onde estávamos? Ah, sim, meu poder. Posso hipnotizar as pessoas com minha dança. Em especial, homens. Mas é um poder meio insignificante quando você é sequestrado por alienígenas. Ainda assim, Ele com certeza apreciou. Consegui muitas boas informações com meu poder insignificante e o mantive... em pé. — Ela fez um gesto obsceno entre as pernas.

Tom perguntou-se de quem e de que ela estava falando, mas francamente não se importava a ponto de decifrar. Cambaleou pelo quarto e caiu em um banco baixo que parecia uma extrusão da própria nave. Quando se sentou na almofada grossa adornada, houve estalidos de folhas e pétalas secas, e um aroma muito forte preencheu o ar.

Não tinha certeza de quanto tempo ficou no banco, torturando-se sobre sua situação. Takisianos! Jesus Cristo! O que aconteceria com eles? Tach? Ele poderia ajudar? Será que sequer sabia? Que merda!

— Ei — chamou Asta. — Desculpe. Olha, nós dois somos ases, poderíamos fazer alguma coisa para sair dessa confusão.

Tom apenas balançou a cabeça. Como poderia dizer a ela que deixara seus poderes para trás com sua carapaça?

O riscar do fósforo soou alto na sala silenciosa. Tach observou com atenção desnecessária quando a vela reluziu. A luz atingiu a parede da nave e espalhou um aroma suave de flores. Puxando uma moeda de vinte e cinco centavos do bolso, ele a pousou no altar. Parecia incongruente entre as moedas takisianas de ouro. Ele

levantou a pequena faca com cabo perolado, murmurou uma breve oração para a libertação do espírito do pai e fez um pequeno corte na ponta do dedo indicador. O sangue correu devagar, e ele encostou a gota reluzente na moeda. Abaixou-se para se sentar de pernas cruzadas diante do altar familiar, lambendo o corte do dedo, e rolando a faquinha de cinco centímetros na mão.

— Esta não é uma arma muito impressionante.

Zabb estava recostado à porta, braços cruzados à frente do peito. Tinha quase um metro e oitenta, corpo magro, peito grande e ombros largos de nadador ou de lutador de artes marciais. Cabelos ondulados, de um dourado-cinzentos, caíam sobre a testa alta e branca, chegando ao colarinho de sua túnica branca e dourada. Os olhos frios e cinzentos aumentavam a impressão de metal e cristal. Não havia calor naquele homem. Mas havia poder e comando, e um enorme carisma.

— Eu não estava pensando nisso.

— Pois deveria.

Algo aconteceu naquele momento, a postura dos ombros de Zabb, ou talvez a inclinação indulgente da cabeça, que fez Tach se lembrar do passado... antes de a política familiar se meter entre eles, antes de entender os sussurros que ligavam a mãe de Zabb à morte de sua mãe, antes... Um tempo quando Tach, então com cinco anos, adorava o glamoroso primo mais velho.

— Estava lembrando que você me deu meu primeiro animalzinho. Daquela ninhada que a velha Th'shula teve.

— Não faça isso, Tis. Isso está morto e enterrado.

— Assim como eu logo estarei?

Seus olhos se encontraram, cinza com lilás. Os de Tach baixaram primeiro.

— Sim. — A mão fina e bem cuidada esfregava nervosamente o bigode e as costeletas. — Pretendo matá-lo antes de chegarmos a Takis. — Zabb falava como se estivessem conversando sobre o tempo.

— Não quero voltar à família. Quero ficar na Terra.

— Não faz diferença. Enquanto você estiver vivo, *eu* não conseguirei.

— E os humanos?

— São cobaias. Úteis se movermos para o segundo estágio. — Ele se virou para sair.

— Zabb, o que aconteceu?

Os ombros do primo se curvaram, então se endireitaram naquela rigidez militar.

— Você atingiu a maioridade.

A porta farfalhou ao se fechar atrás dele.

Tom e Asta levaram um susto quando os dois homens entraram, arrastando entre eles uma figura esparramada e desengonçada em um terno púrpura. O homem mais jovem ficou de joelhos, apalpou rapidamente os bolsos do casaco volumoso do homem desmaiado e tirou um pequeno frasco cheio de um pó azul salpicado de prata. O mais velho aceitou o frasco, destampou-o e, curioso, cheirou o conteúdo. Uma sobranceira ergueu-se.

— Ele estava com Tisianne? — disse ele, em inglês.

— Sim, Rabdan.

— E eles pareciam amigáveis? — Seus olhos pálidos voltaram-se para Tom.

— S-sim.

— É um tipo de droga. E uma droga em excesso pode causar efeitos terríveis. Certamente espero que meu estimado sobrinho esteja familiarizado com o tratamento de uma overdose. De outra forma, o amigo dele pode morrer. — Outro olhar misterioso, quase felino, para Tom.

Os dedos de seu acompanhante apertaram rapidamente os lábios, então disse ele, hesitante:

— Não deveríamos perguntar a Zabb?

— Bobagem, ele não vai se importar com o que pode acontecer a um amigo humano de Tisianne.

Ajoelhando-se, ele derramou o conteúdo do frasco entre os lábios frouxos do hippie. Tom fez menção de se levantar, um protesto nos lábios, mas um olhar de Rabdan o fez sentar-se novamente. Os olhos de todos se voltaram para a figura magra no chão; Asta, animada, a ponta da língua à mostra entre os lábios; Tom, horrorizado; o jovem takisiano, preocupado; e Rabdan, com um bom humor jovial.

O homem se retorceu, se transformou, e por um instante todos ficaram boquiabertos quando uma figura azul-brilhante se ergueu do chão, majestosa. Dentro de sua capa com capuz, escura como o espaço, seus olhos eram fendas de fogo branco, e o forro da capa reluzia com estrelas brilhantes, nébulas, espirais galácticas. Os takisianos pularam para a frente, agarrando o ar quando a forma exótica afundou rápida e suavemente através do assoalho.

Tachyon voltou à sua cabine e estirou-se de bruços na cama, o queixo apoiado nas mãos, tentando decidir o que fazer. A breve conversa com Zabb deixou evidente que não apenas ele próprio corria perigo, mas também os seres humanos. Era óbvio que serviriam de cobaias, apesar do que dissera Benaf'saj.

Não demorou muito para identificar a nave como a *Hellcat*, a embarcação favorita do primo. Assim, uma tentativa de tomar o controle da nave seria inútil. Não havia maneira de ele conduzir *aquela* nave. Ainda se lembrava do dia em que os cultivadores de nave anunciaram que seria melhor jogar fora a mais nova nave do primo, para que pudessem fazer uma nova. Aquela era selvagem, arrogante, extremamente indomável. Aquilo bastou para Zabb. Mesmo entre as outras famílias, notoriamente reticentes em dar elogios, ele era conhecido como o treinador de naves mais brilhante do planeta. E não conseguia resistir a um desafio. Tisianne, com nove anos, compareceu com o pai no centro de treinamento orbital. Zabb entrou na nave, os poderosos feixes de luta foram liberados, e a nave partiu a toda na direção do centro galáctico. Ninguém esperara tornar a ver Zabb, mas duas semanas depois a nave e o takisiano voltaram com dificuldade para casa, e nada poderia ser mais dócil do que o comportamento da *Hellcat* sob o comando de seu conquistador. Era uma nave de um homem só.

Assim como Baby é comigo, pensou Tach, na defensiva.

A questão era que a nave não poderia ser controlada por meros poderes psíquicos. Além disso, era uma nave militar, o que significava que havia de fato consoles de controle embutidos no casco, de forma que, no caso de sofrer muitos danos, a tripulação pudesse cuidar dela até voltar para casa. Mas, se ele tentasse

tomar a nave usando os consoles, ela simplesmente desconsideraria suas ordens e gritaria por Zabb. E, embora ele pudesse enfrentar Zabb em um confronto mental homem a homem, havia dezenove outros takisianos na nave.

Então, o que fazer? Benaf'saj estava claramente no comando. E se fosse ordenada a levar Tachyon e os prisioneiros para a Terra... Ele rolou para fora da cama e saiu em busca de sua *Kibr*.

Ela estava na ponte, olhando feio para Andami, enquanto Sedjur olhava com desdém para uma projeção que *Hellcat* lançava gentilmente no chão. O homem mais novo parecia envergonhado.

— Faça o favor de explicar por que você administrou uma substância desconhecida em um prisioneiro.

— Foi Rabdan — disse Adami, mal-humorado.

— Então, os dois são imbecis, ele por fazer e você por permitir. Agora temos uma criatura alienígena com capacidades desconhecidas solta pela nave.

— Ele está se movendo de novo — Sedjur irritou-se. — Está no nível cinco. Não, voltou para o dois. Agora está na sua cabine.

A boca de Benaf'saj torcia-se em desaprovação.

— Não sei por que todos estão tão irritados. *Hellcat* pode nos dizer onde ele está.

— Porque ele se move através de paredes e pisos, e quando chegamos a um lugar, ele já se moveu de novo — explicou a senhora, com extrema paciência, como se estivesse falando com uma criança mentalmente deficiente.

Tach deu um passo adiante, tentando não chamar a atenção do trio na ponte principal, segurou o espaldar de uma cadeira de aceleração e enviou uma pequena linha. Ele tinha o dom de se

insinuar através dos escudos, mas Benaf'saj tivera muito mais que duzentos anos para aperfeiçoar os dela. Sua boca estava seca e ele sentia a pulsação martelando na garganta quando atravessou a primeira barreira.

Segundo nível. Mais complexo aqui. Armadilhas para os descuidados que lançam o infiltrado em loops mentais infinitos até Benaf'saj ter a bondade de liberá-lo.

Ele lascou um dos escudos e rapidamente teceu um desvio para cobrir seu erro. Instalou-se como um floco de neve no meio da cabeça de sua *Kibr*, atenuando a incisão irregular que deixara. Mais um vencido. *Quantos níveis a velha diaba tem?*

*Brrrrrrrang*****!* Ele nem viu o golpe chegando. Tropeçou em um alarme, uma lâmina branca e quente ergueu-se como uma onda de fogo e despencou. Sentiu como se cada sinapse de seu cérebro tivesse sido simultaneamente incinerada, e sua mente parecia chacoalhar no crânio como uma noz podre dentro da casca. Percebeu que deslizava para o chão, caindo sentado, seus dedos arranhando o piso perolado da *Hellcat*. Bateu na parede, e o ar lhe escapou em uma rajada.

Benaf'saj olhou para ele, divertimento e irritação refletidas no rosto. Ele conseguia sentir o sangue subindo para suas bochechas.

— Eu estava com meus escudos armados! — exclamou de forma raivosa e irracional. Estava se sentindo terrivelmente maltratado.

— Quem controla minha mente sou *eu*, rapaz tolo. E você não sabe formar um escudo que eu não possa romper. Troquei suas fraldas quando você era um bebê chorão! Não há nada que eu não saiba sobre você! — Ela se virou, o desprezo estampado em cada linha do seu corpo frágil, e a humilhação quase o sufocou. —

Levem-no — ela disse por sobre o ombro para Sedjur. — E desta vez *tranque*-o na cabine. — A última ordem foi direcionada à nave.

Impassível, Sedjur ofereceu a mão para ajudá-lo a se levantar, e o conduziu de volta para a cabine. Tachyon se apressou à frente, de cabeça baixa, ombros encolhidos, sentindo-se como se tivesse cinco anos. O velho saiu, e Tach tomou vários goles do frasco cinza que carregava no cinto. O uísque ajudava a equilibrar seus nervos em frangalhos, mas não a melhorar seus processos mentais. Andou em círculos pela cabine luxuosa, tentando pensar em um plano; entrou em pânico quando nada lhe ocorreu. Imaginou o que estava solto na nave. Ponderou.

Decidiu que determinaria precisamente quais humanos estavam sendo mantidos na nave. Tocou uma mente feminina familiar. Asta Lenser, a primeira bailarina do American Ballet Theater. Estava pensando em um homem. Um homem que estava tendo um grande problema de desempenho. Enquanto seu corpo atarracado e suado se debatia sobre o dela, tentando atingir o clímax, ela pensava como era irônico que um homem tão poderoso não conseguisse “levantar”. *O homem mais temido em...*

Envergonhado por sua intromissão e sentindo-se um voyeur, Tach retirou-se e continuou a busca. Não havia nada que parecesse com o lunático gente boa que o abordara fora da clínica, e ele tinha a esperança de que o Viajante não tivesse sido considerado inútil e descartado. Havia algo estranho. Uma mente tão bem bloqueada que era quase opaca. Nunca a teria sentido não fosse por uma sensação súbita de terror, que foi rapidamente suprimida, e ele perdeu a fonte. Talvez fosse o intruso. Ele buscou ainda mais e encontrou...

— Tartaruga! — ele exclamou, surpreso e preocupado, ficando de pé.

Ele estreitou e refinou sua sondagem, construiu uma penumbra para dar a ilusão a qualquer bisbilhoteiro mental de que estava dormindo, e fez contato. Foi mais difícil do que esperava. Seu primeiro toque breve mostrou a ele um Tartaruga que não conhecia, e ele não queria assustar o homem surgindo de repente em sua cabeça. Começou a buscar maneiras para fazer com que ele aos poucos tomasse ciência da sua presença, ficando mais deprimido a cada momento que passava. Emoções escuras, pesadas, rolavam como ondas viscosas pela mente do Tartaruga: medo, raiva, perda, solidão e uma sensação avassaladora de desesperança e futilidade.

Sentindo-se um intruso, e sem querer que Tartaruga pensasse que estava espiando em questões privadas que não lhe diziam respeito, ele tocou com firmeza os escudos primitivos do homem até que uma faísca de surpresa e interesse cuidadoso mostrou a ele que conseguira atrair a atenção do Tartaruga.

Tartaruga.

Tachy, é você?

Sim. Ele sentiu desconfiança e suspeita. Deixou-o magoado, e ele se perguntou novamente o que acontecera ao seu amigo mais antigo na Terra. *Sou prisioneiro, como você.*

Ah. Uma daquelas outras famílias de que você sempre falava?

Não, minha própria família. Eles vieram ver os resultados do experimento e me encontrar. A dúvida do Tartaruga era como uma lâmina. *O que posso fazer para te convencer de que não tenho parte nisso?*

Talvez você não possa.

Meu amigo, você não costumava ser assim.

É verdade. A amargura envolveu o pensamento. E eu não costumava ter mais de quarenta, e estar totalmente sozinho, e indo para lugar nenhum, a não ser na direção da morte.

Tartaruga, o que aconteceu? Qual é o problema? Deixe-me ajudar.

Como você e sua espécie ajudaram quando trouxeram o vírus pra Terra? Não, obrigado.

A dor e a antiga culpa voltaram, mais forte do que haviam sido em anos; anos durante os quais ele construiu a clínica, tornou-se famoso ao invés de infame, amado por muitos dos seus “filhos”. Anos que cegaram as lâminas de sua culpa. Estavam abertos um para o outro, e Tach pensou sentir no Tartaruga uma satisfação perversa com sua dor.

Como eles pegaram você?

Não foi muito difícil. Devem ter usado o controle mental, porque simplesmente voei na direção deles.

Aliás, o que estava fazendo lá fora?, perguntou Tach com irritação, tentando de forma irracional transferir o foco da culpa para o Tartaruga.

Estava levando uma porra de uma bola de boliche para você. Pensei que talvez quisesse jogar um pouco. Que merda você acha que eu estava fazendo?

Não sei, por isso perguntei, retrucou Tach, seu tom mental tão grosseiro quanto o de Tartaruga.

Era a porra de uma bola de boliche esquisita que peguei de uns garotos de gangue.

Onde ela está agora?

Eles a tiraram da carapaça e a colocaram em uma prateleira na sala.

Que sala? Me mostre.

A exasperação do Tartaruga era como ácido na sua mente, mas ele cedeu. E Tach nem sabia por qual motivo estava sendo tão insistente em relação ao aparelho. Provavelmente era apenas para desviá-lo de sua aflição presente.

Estou ponderando sobre a viabilidade de uma fuga, disse ele, após uma longa pausa. Entre sua telecinesia, meu controle mental e a adaga que minha sobrinha-bisneta, Talli, me deu, acho que poderia conseguir. Fico feliz que você não tenha tentado ir embora antes.

Eu... não posso.

Desculpe?

Eu disse que não posso.

O passado voltou e, de repente, era ele, não o Tartaruga, dizendo aquelas palavras. Parado tremendo e chorando nos degraus do túmulo de Jetboy, tentando explicar que, embora *quisesse* ajudar, não podia. O Tartaruga o atingira; o poder de telecinesia do ás atacando como um imenso punho invisível, lançando-o escada abaixo. Mas ele não queria atingir o Tartaruga, queria apenas entender.

Por que, Tartaruga? Por que não pode?

Estou sem minha carapaça. O Todo-Poderoso Tartaruga poderia fazer esses nojentos em pedacinhos, mas eu não. Eu sou apenas o velho e ordinário Tom. Ele recuou, mas o restante do pensamento foi com clareza até Tachyon.

Tom Tudbury.

Felizmente, o nome não significava nada para Tachyon. Então, a identidade secreta do Tartaruga ainda estava intacta para todos os fins.

Tudo bem, ele tranquilizou. Provavelmente não funcionaria de qualquer jeito. O plano dependeria de pegarmos um a um, e no minuto que você arrancasse a porta, a Hellcat gritaria para Zabb, e viriam todos para cima de nós. E, mesmo se conseguíssemos, eu voltaria exatamente ao dilema original: como lidar com a Hellcat.

Quem?

A nave. Ela tem consciência.

Então deve estar um pouco surpresa, pois tem um cara flutuando por aí dentro dela.

Você viu? O que...

— VOCÊ! — anunciou uma voz, preenchendo a palavra com toda a indignação palpitante possível.

Os olhos de Tach abriam-se de súbito, a concentração necessária para manter o elo telepático perdida. Uma figura azul-brilhante e misteriosa surgiu no meio da cabine. Rapidamente ele rolou para fora da cama, a lâmina escorregando por baixo da manga até sua mão. Ele se pôs em posição de guarda, a lâmina e a mão livre movendo-se em um padrão intrincado e confuso diante de si. De trás da barreira dos seus escudos mentais, lançou uma sonda telepática e encontrou um bloqueio mental poderoso.

— Pare com isso, seu homenzinho horrível! Você não pode *me* atingir.

— Não estou preocupado com isso. Estou mais preocupado com *suas* intenções *comigo*.

A criatura levitou, seus olhos estranhos reluzindo como diamantes no rosto sem feições.

— É tudo culpa *sua*. Tentei manter aquele hippie drogado longe deste caminho ultrajante, mas ele era intratável, extremamente intratável! Pai dos ases, até parece. Ele já tem um ótimo pai, que nunca encorajaria esse tipo de irresponsabilidade juvenil. O mundo teria ficado muito bem, de fato, sem a sua interferência. Não bastou você ter nos sujeitado a substâncias alienígenas estranhas e artificiais, agora precisa trazer sua *família* para o meio de nós? Uma tribo inteira da sua espécie! Nossa única esperança é que sejam tão fracassados e inúteis quanto você se mostrou. Primeiro você perde o vírus, então permite a liberação, ajuda que atormentem e levem seus amigos e amantes para a prisão, hospícios e...

— SILÊNCIO! — rugiu Tachyon. *Ah, Blythe*, ele lamentou, e o pensamento agiu como água em uma fogueira, extinguindo sua ira inflamada e deixando para trás apenas uma confusão fria e lodosa de lama e cinzas.

Ainda assim, sua explosão pareceu fazer efeito no visitante. A boca do homem apertou-se bem firme, e ele respirou fundo através das narinas estreitas. Então, com dignidade suprema, começou a afundar através do chão. Por um instante, Tachyon observou, mas apenas por um instante. Aquele homem podia ser útil, e ele o mandara embora de forma estúpida. Ele se orgulhava de sua astúcia e da capacidade de ler as pessoas e lidar com elas. Agora era o momento de ver quanto essa habilidade era real.

Ele deu um passo adiante.

— Não, espere, eu imploro, meu bom senhor. Permita-me me desculpar pela minha grosseria e falta de jeito. — A aparição parou

com apenas a cabeça e o torso visíveis no chão. — Não tive a honra de fazer as apresentações. Sou o dr. Tachyon.

— Caminhante Cósmico.

— Queira me desculpar. Eu... eu fiquei sob uma carga muito grande de estresse hoje. Não prestei atenção quando o senhor chegou, ou teria percebido sua força desde o início.

O Caminhante sorriu com afetação, então uma expressão de calma e sabedoria olimpiana varreu suas feições. E Tachyon percebeu que não seria necessário fazer uso de sutileza. Com aquele homem, até mesmo a bajulação mais cara de pau serviria.

— O senhor poderia ficar? Minha mente está uma confusão, e sinto de verdade que alguns momentos de conversa com o senhor me ajudariam.

O Caminhante flutuou graciosamente de volta para cima e sentou-se em uma cadeira, e as linhas do seu corpo ficaram mais firmes e mais bem definidas. *Então ele pode ficar mais substancial*, pensou Tachyon.

— O senhor viu os outros prisioneiros?

— Sim. Quando aquele idiota patético do Viajante foi levado para a cabine, percebi um homenzinho gordo de jeans azul e camiseta, e uma jovem extremamente bela. — A ponta da língua apareceu entre seus lábios finos, umedeceu o lábio superior, e desapareceu.

— Onde o senhor estava?

— Eu estava... presente — disse ele, cuidadoso. — Felizmente, pude me libertar. Tenho calafrios de pensar o que poderia ter acontecido se um daqueles outros idiotas pretensiosos tivesse aparecido. Eles não têm a menor consideração com meu bem-estar.

— Ele olhou direto para Tachyon, obviamente incluindo-o naquela categoria.

Tach estava perdido com toda aquela conversa sobre outras pessoas e hippies drogados. Meadows, talvez? Mas no momento ele estava menos preocupado com os problemas metafísicos apresentados pelo Caminhante Cósmico e muito mais interessado nas suas capacidades únicas.

— Caminhante, acho que com a *sua* ajuda temos uma chance de escapar e voltar à Terra.

— É? — A suspeita recobriu a palavra.

— Volte para a cabine onde o Tartaruga, o Capitão e a mulher estão sendo mantid...

— O Capitão não está mais lá.

— Hein?

— *Estou* aqui.

— Ah... sim... bem, que seja. Vá até a cabine e diga a eles para ficarem de prontidão. Então, leve Zabb e seus comparsas até o final da nave. — Tachyon virou a cabeça para o lado e contemplou seu estranho aliado. — Seria mais rápido se o senhor não precisasse vir até aqui para me dar informações. Estaria disposto a retirar o bloqueio mental para que eu pudesse permanecer em contato telepático com o senhor?

— Não! Deixar um alienígena bisbilhoteiro entrar na minha cabeça? Isso está fora de questão.

Tachyon olhou para ele, exasperado.

— Não tenho interesse nenhum no que há dentro da sua cabeça. Estou interessado em...

A porta se abriu, e o Caminhante se foi, mergulhando com elegância através da cadeira e do assoalho, ainda sentado. Zabb e outros cinco dos seus soldados entraram apressados no cômodo. Tach fechou a boca e assumiu uma expressão de interesse inocente.

— Onde ele está? — perguntou Zabb entredentes.

Tach apontou um dedo para baixo.

— Ele foi naquela direção.

As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas. Primeiro o hippie desaparecera, então a aparição azul brilhante sumira, e os takisianos lançaram-se em uma busca intensa e confusa; então Tachyon o contatou, e agora interrompera bruscamente a conversa telepática no meio. Tom tentou várias vezes refazer o contato com o amigo, chegou até mesmo a murmurar “Tach?”, diversas vezes. Olhou para cima, encontrou o olhar desconfiado de Asta e passou, envergonhado, a mão pelos cabelos.

— Eu... eu estava tentando contatar o Tach.

— Certo. — E o fato de ela claramente achar que ele era maluco não fazia nada além de diminuir ainda mais seu moral já estremecido.

Se o Tartaruga estivesse aqui, ela não estaria olhando para ele desse jeito, pensou, dividido entre o ressentimento e o cansaço. Estaria agarrada ao topo da carapaça por segurança, enquanto ele estourava a cabine, espalhando takisianos como pinos de boliche, resgatava Tach e voava com eles para casa, triunfante. Ou, melhor, forçaria os takisianos a levarem-nos para casa. Não havia espaço

na carapaça para passageiros, e ele não sabia bem quão selada ela era. Pareceria um verdadeiro idiota se todos eles sufocassem ali...

Apertou um punho entre as coxas, interrompendo os pensamentos tentadores, mas inúteis. Não era o Tartaruga, era apenas Tom Tudbury, o garoto de Nova Jersey que em trinta anos havia conseguido mudar para uma casa dois quarteirões à frente. Fechou os olhos e observou as imagens nubladas e fantasmagóricas de navios passando pelo Kill, com luzes que se refletiam nas águas escuras e invisíveis. E percebeu que finalmente estava prestes a viajar, mas não uma viagem de sua escolha.

Um som agudo de Asta trouxe-o de volta. A criatura estava lá novamente.

— Sou o Caminhante Cósmico — anunciou, então fez uma pausa como se esperasse o som de trombetas. Asta e Tom olhavam para ele, fascinados. — Aquele homenzinho ridículo me mandou aqui para verificar o paradeiro de nossos captores, e para informar a vocês que ele está concatenando um plano de fuga, sem dúvida extremamente impraticável e altamente perigoso.

Asta se moveu para a frente da cama, erguendo-se suavemente sobre os joelhos.

— Você pode andar à vontade pela nave — sussurrou. — Você também pode voltar para a Terra?

— Sim.

Ela esticou os braços, os ossos da clavícula marcados por baixo da pele branca.

— Se importaria de me levar junto? — ronronou.

Tom queria falar para ela que, primeiro, o que a fazia pensar que o homem estava falando a verdade? E, segundo, mesmo que

pudesse suportar o frio e o vácuo do espaço, como ele a levaria?

Ela arqueou o pescoço como um cisne e ergueu os cabelos com as mãos. Os gestos evidenciaram os peitos pequenos contra a roupa de malha, os mamilos como botões rígidos por sob tecido fino.

— Posso ser muito generosa com quem me ajuda, e meu empregador poderia fazer uma oferta interessante a um homem com suas habilidades únicas.

A incongruência total da situação deixou Tom atônito. Ficou pensando se aquela mulher realmente se despiria e transaria com aquele estranho bem diante dos seus olhos. Certamente que o homem perceberia que havia questões mais urgentes a serem resolvidas. Mas o Caminhante Cósmico estava embarcando completamente na dela. Os movimentos de Asta o levaram a arquejar, e seus dedos tamborilavam, espasmódicos, ao lado do corpo. Ele lançou um olhar nervoso por sobre o ombro na direção da porta, e Tom viu desejo e medo batalhando no seu rosto azul. E o desejo ganhou.

Com um “Combinado” sussurrado, que foi metade gemido, metade falado, ele cambaleou para a ponta da cama. Asta já estava arrancando o jeans. Por baixo dele, usava meia-calça rosa-claro. As peças foram removidas com rapidez, e ela abriu os braços. O Caminhante caiu com um gemido sobre o corpo magro e branco da mulher, e começaram as preliminares frenéticas.

Tom, envergonhado, mas também fascinado, percebeu (com aquela estranha atenção ao detalhe que parecia surgir quando alguém estava em uma posição extremamente desconfortável) que os pés da mulher eram muito feios. Os dedos eram inflamados e

machucados, e um dos dedões tinha um hematoma preto causado pelos golpes da sapatilha.

Dez minutos depois, ainda estavam naquilo. Asta, com irritação crescente, dizia “Vai! Vai!”. Sons ásperos e rosnantes saíam às vezes do Caminhante, enquanto a bunda azul bombeava vigorosamente e com desespero crescente para cima e para baixo, para cima e para baixo.

O som do salto de uma bota fez Asta arfar, e depois soltar um grito agudo e selvagem quando o Caminhante afundou *através* de seu corpo e desapareceu nas profundezas da cama. Tom também levou um susto, e correu para a cama para verificar se Asta ainda estava viva. Ela estava imóvel como um cadáver, e ele esticou o braço e tocou um ombro nu. Ela gritou novamente, e Tom, assustado pela explosão, perdeu o equilíbrio e caiu de cabeça na cama. O takisiano à porta olhou espantado para a cama, então gritou:

— Capitão, ele estava aqui... — A porta se fechou e interrompeu o restante da frase.

O Caminhante Cósmico retornou.

— Muito bem! Sinceramente, espero que não precise servir como brinquedo sexual para os takisianos. Você não possui a mínima habilidade erótica.

— Eu? — rosnou Asta, empurrando Tom para longe. — Você que não conseguiu...

— E do que está rindo aí, gordinho? — rugiu o Caminhante. Tom não rira de nada, não mesmo, mas o ridículo da situação evocara um som de sua garganta. — Você sabe o que estão planejando para você? — continuou o Caminhante. — Vivissecção! Sabe o que isso

significa? Não consigo imaginar por que pegaram você. Deve ser o mais inútil dos ases. Tremendo como uma tigela de gelatina, e choramingando como uma virgem assustada.

Ele lançou um olhar cintilante e ressentido para Asta, que lhe mostrou o dedo do meio.

Tom explodiu.

— Quer fazer o favor de dar o fora daqui? Vá à merda! Você acha que é tão esperto, mas também está preso, como o resto de nós. Não pode sair desta nave. Se pudesse, já teria saído. Agora vai embora. Sai! — Tom lançou-se contra ele, sacudindo os braços loucamente, como um homem enxotando galinhas. O Caminhante se foi, com uma expressão azeda.

— Onde você esteve, caramba? — Tachyon parou de andar nervosamente de um lado para outro. — Que demora para sondar a nave...

O Caminhante, ainda atravessando a parede da cabine, começou a se retirar. Tachyon correu na direção dele.

— Não, por favor, espere. Desculpe. O estresse... O que descobriu?

— Nossos captores estão percorrendo a nave *me* buscando. Mas não faço ideia de como estão me rastreando. Sem dúvida, logo estarão aqui...

— E minha *Kibr*? A velha com joias no cabelo — ele explicou ao ver o olhar de interrogação do Caminhante.

— Não tenho ideia.

Tach segurou a língua, decidindo que o paradeiro de Benaf'saj talvez não fosse tão importante.

— Tudo bem, deixa para lá, vamos tentar. À esquerda das portas da cabine existe uma pequena protuberância na parede. É um painel manual das portas. Abra a minha, e então iremos...

— Não.

— Me perd... — ele começou, educadamente, então parou e rugiu: — Quê?

— Você ouviu, eu disse não. Não tenho a mais ínfima fé na sua capacidade de ser bem-sucedido na execução deste plano de fuga, e não farei parte dele. Além disso, quando eu ficasse substancial e indefeso do lado de fora de sua porta, aqueles brutamontes poderiam me ferir.

— Só vai levar um instante.

O Caminhante cruzou os braços e olhou de forma majestosa para a parede dos fundos.

— Não.

— Por favor?

— Não.

Tachyon uniu as mãos à frente do peito.

— Por favor, por favor, por favor?

— Não.

— Seu covarde chorão e desprezível! — urrou Tach. — Está colocando todos nós em perigo. Você é apenas um...

Mas o Caminhante estava indo embora. Tachyon pulou até um nicho de parede, arrancou um lindo vaso de Membros e jogou-o no ás que saía rapidamente. O vaso passou através dele, explodiu na parede, e o Caminhante lhe lançou um olhar de extremo desdém e desprezo. O incidente todo fez Tach estremecer, parte de ódio, parte de desespero, por sua reação violenta. Ele desatou a gravata de

babados e alargou o colarinho, buscando ar. Tentara com tanto empenho e por tantos anos se controlar, lidar apenas com gentileza e educação com todas as pessoas. E agora abandonara tudo. Estava se comportando como... Fez uma pausa, buscando por alguma comparação desagradável o suficiente.

Como Zabb.

Aquele pequeno momento de autopunição foi bom, mas não mudava seu principal problema. Estavam em um mato sem o proverbial cachorro.

E isso tudo é minha culpa, pensou Tach, sem parar para considerar se qualquer quantidade de suborno ou lisonja poderia ter comovido o teimoso ás.

Sua hora estava quase no fim. Com ódio contra a excentricidade de um universo cruel e indiferente que o deixava preso dentro do corpo de um homem que ele considerava pouco melhor que um vegetal, ele perambulava pela nave takisiana, fugindo da busca cada vez mais histórica por ele. Mas aquilo não podia durar. Se ele demorasse, voltaria a ser aquele idiota do Meadows, e os alienígenas poderiam *atingi-lo*. E, por mais que o Caminhante desprezasse seu corpo hospedeiro, ele percebia que não sobreviveria sem Mark. Observara que as entradas deixavam linhas esmaecidas nas paredes, como a impressão fossilizada de pétalas de flores antigas. Algumas se abriam automaticamente, outras pareciam requerer um comando telepático, e outras ainda usavam os painéis de acesso que Tachyon descrevera. Ele foi em busca de uma que não se abrisse automaticamente. Uma que parecesse firme e solidamente trancada por fora.

Mark voltou a si lentamente. E piscou... piscou de novo, porque estava *escuro*. Suas mãos tatearam o rosto e a cabeça, até garantir que estava totalmente consciente. Mas ainda estava escuro. Arrastou os pés para a frente e bateu o longo nariz em uma parede. Segurando o nariz contundido com uma das mãos, olhou para a escuridão horrível. Lentamente, esticou os braços, explorando as dimensões da prisão. Era pequena. Do tamanho de um armário. Do tamanho de um caixão.

Aquele pensamento era deprimente, então ele o afastou e tentou por meio do filtro confuso das memórias do Caminhante juntar as peças do que havia acontecido.

— Alienígenas, cara. Ah, que droga.

E Tachyon... um prisioneiro? Sim, parecia certo. Tachyon ficou nervoso, o Caminhante fez ou deixou de fazer... alguma coisa. Mark suspirou e esfregou o rosto com as mãos. Sim, aquilo soava bem possível no que dizia respeito ao Caminhante. Por um momento, ficou em uma contemplação ressentida das falhas sociais e emocionais da sua personalidade alternativa.

Ele se perguntou que horas seriam. Sprout podia já estar em casa, de volta do jardim de infância. Podia confiar que Susan ficasse de olho nela enquanto a Pumpkin estivesse aberta, mas, assim que a tabacaria fechasse, quem cuidaria dela? Com certeza Susan não a deixaria sozinha se Mark não retornasse. Tentou andar em sua prisão mínima, mas continuava a calcular mal na escuridão e a bater nas paredes.

— Tenho que sair daqui e ajudar o dr. Tachyon. Ele vai saber o que fazer.

Ele começou a fuçar na pochete de couro e tirou um frasco. Ergueu-o diante dos olhos e tentou analisá-lo, mas sem sucesso. Estava escuro demais para ver o vidro, quanto mais a cor do pó que havia dentro dele.

— Ah, que droga, cara. Se eu tirar o Flash, ele pode queimar esta porta, mas Estelar não funciona no escuro. E a Menina Lua... — Ele empurrou a parede inflexível. — Não sei se seria capaz de quebrar isso aqui ou não.

Ele enfiou o frasco novamente na pochete e pescou outro. Estremeceu. Guardou de novo, tentando o próximo. E finalmente puxou dois. Sua cabeça girava para lá e para cá entre os frascos, como uma cegonha confusa. Ele guardou os dois e segurou a cabeça.

— Tenho que fazer alguma coisa. Sou um ás, cara. As pessoas dependem de mim. Isso aqui é como um teste, e preciso provar o meu valor.

Ele voltou a tatear inutilmente dentro da pochete. Imaginou que sentia a nave se movendo, levando-os para fora da órbita de Netuno, levando-os para longe de Sprout. Sua linda filha de cabelos loiros que nunca passaria da idade mental de quatro anos. Sua querida Alice no País das Maravilhas que precisava dele. E ele precisava de alguém que precisasse dele. Seus dedos fecharam-se convulsivamente sobre um frasco, e ele o tirou da bolsa, murmurando:

— Ah, foda-se.

Destampou o frasco e engoliu o conteúdo. Mais tarde saberia se sua escolha fora a melhor ou não.

Talli levou sua refeição. Crepes delicados de carne e de frutas que haviam sido seus favoritos em casa. A primeira bocada o deixou enjoado, e ele jogou o resto na privada e deu descarga. Seu caminhar incessante não lhe trouxe nada além de uma câibra na panturrilha esquerda, então pegou uma escova da penteadeira no lavatório e tentou acalmar-se penteando o cabelo. O passar das cerdas no escalpo lhe fazia bem e aliviou um pouco da tensão em seus ombros.

Então *Hellcat* estremeceu um pouco e, soando através de sua mente, veio um AI! alto e aflito. Obviamente, aquela nave não acreditava em sofrer em silêncio.

Caminhante?, ele pensou. Aquele covarde chorão finalmente decidira fazer algo? Ou podia ser o Tartaruga, superando seu bloqueio psicológico, quebrando a porta, esmagando Zabb e transformando-o em geleia...

Hellcat estava fazendo tanta confusão psíquica que ele achou que ninguém fosse notar uma comunicação desprotegida com o Tartaruga. A sonda foi lançada.

Porra!

Desculpe, não quis assustá-lo.

Não havia senso de perigo na mente de Tartaruga, e Tach suspirou.

Vejo que você não está no processo de nos resgatar.

Não posso, o Tartaruga retrucou com tristeza. Já falei.

Tom, disse com gentileza, e apenas quando ouviu o suspiro do Tartaruga lembrou-se de que não devia ter revelado seu conhecimento da identidade secreta do homem. Ele insistiu. *Você não pode apenas tentar? Estou certo de que, se tentasse, poderia...*

NÃO POSSO! Quantas vezes preciso dizer? Não posso. E consigo lembrar de certo bêbado deprimente choramingando que não conseguia usar seus poderes, e então ficando magoado quando eu não fui compreensivo. Bem, sinta na pele essa emoção, Tachy. Seja compreensivo.

A reprimenda doeu. Ele tinha plena ciência da dívida que tinha com o Tartaruga, mas não queria ter seus antigos pecados esfregados na cara. Eram apenas... passado.

O vírus está codificado nas suas células...

Eu sei disso. Como poderia esquecer? Arruinou a merda da minha vida! Você e o Jetboy e seus malditos takisianos. Me deixa em paz, porra.

O Tartaruga não tinha poderes mentais para realmente conseguir bloquear Tachyon, mas podia cobrir cada pensamento significativo com uma grossa camada de raiva, tornando difícil de ler ou enviar algo. Tach respirou fundo várias vezes pelo nariz e lembrou-se de que aquele era seu amigo mais antigo na Terra. Pensou se poderia controlar a mente do Tartaruga e forçá-lo a superar o bloqueio emocional. Mas não, o trauma estava tão profundamente arraigado que não dava para alcançar usando uma técnica tão grosseira. Seu pai, com suas habilidades, poderia... Tach abraçou-se, balançando-se para a frente e para trás, enquanto a tristeza o atingia em cheio e o perfurava mais uma vez.

O som de gritos, estrondos e xingamentos o trouxe de volta. Ele franziu a testa e olhou para a porta, então começou a recuar devagar na direção da cama enquanto percebia que os sons se aproximavam cada vez mais. Mais perto. Muito perto. Um enorme punho cinza atravessou a porta. Os grandes dedos fecharam-se nas

beiradas irregulares do buraco e uma grande parte da porta se soltou. *Hellcat* guinchou, e o fluido claro e viscoso que servia como sangue para a nave consciente escorreu da ferida, formando filetes claros e frios. Tach olhou com fascinação apreensiva enquanto a porta era rasgada. E, arrastando-se pelo buraco desnivelado, entrou um homem grande e troncado com uma pele cinzenta e lisa, cabeça careca com uma testa inchada. Os takisianos estavam pendurados nele como enfeites em uma árvore de Natal.

— Ataquem a mente dele! — gritou Zabb, esmurrando o rosto da criatura.

Ele se desviou quando o monstro arrancou um soldado das costas e o lançou em sua direção. Um dos takisianos não estava se deixando vencer nem mesmo pela grande força da criatura; tinha um rosto delicadamente esculpido encaixado em um corpo montanhoso, e uma expressão de ferocidade perversa. *Durg at'Morakh bo Zabb*. O monstro de estimação de Zabb. A náusea e o nojo arranharam o fundo da garganta de Tach. Ele correu para a porta arruinada, pensamentos surgindo aos montes.

Não por aquelas mãos. Lave-se no meu sangue se quiser, Zabb, mas não...

E deu de encontro com quase um metro de aço temperado. Devagar, ergueu os olhos para fitar o primo.

Não, pela minha mão.

Um sorriso pesaroso, mas predatório, abriu-se nos lábios de Zabb, e ele deu o bote. Tach, pulando para trás, perdeu o equilíbrio no chão gosmento e desabou. Isso salvou a sua vida, pois a lâmina passou apenas a centímetros da sua cabeça. Ouviram-se mais batidas e estrondos quando a aparição cinza e grotesca entrou no

cômodo, arremessando takisianos e batendo em vão em Durg. Benaf'saj entrou na sala com passos firmes, e Zabb baixou a espada; aparentemente, ele ainda não estava preparado para assassinar alguém na presença de uma *Ajayiz'et*. Tachyon nunca ficou tão feliz ao ver uma pessoa.

A velha senhora soltou uma onda de energia mental que sacudiu as sinapses de todos na sala, e a criatura despencou como uma árvore cortada. Os membros da tripulação, contundidos e surrados, reuniram-se sobre a montanha de bruços, prendendo-a com cordas.

Ela lançou um olhar frio e cinzento para o comandante.

— Faça o favor de explicar este tumulto.

— Encontramos a criatura.

— É mesmo? — Seu tom era congelante.

Zabb engoliu em seco, seus olhos evitando os da avó.

— Bem, ele parece ter mudado de forma novamente.

Benaf'saj fixou os olhos em Rabdan.

— E podemos supor que estes frascos têm algo a ver com essas mudanças?

Um pigarrear nervoso soou.

— Isso faria sentido.

— Então, onde estão os outros frascos?

— Não sei, *Kibr*. Talvez ele tenha escondido em algum lugar na nave.

— ... ou talvez só apareçam quando ele está na sua forma humana. — Ela olhou para a porta arruinada. — Levará algum tempo para *Che Chu-erh of Al Matraubi* — disse ela, mencionando o nome inteiro do pedigree da nave — reparar esta porta. Chame os guardas. Eles podem vigiar Tisianne e a criatura, e, se o humano

voltar, procurem pelos frascos. Então, espero, não teremos mais comoções desnecessárias. — Ela saiu com um farfalhar das saias bordadas.

Tach sacou um lenço do bolso e se ajoelhou ao lado do estranho prisioneiro.

— Quem é você? — perguntou enquanto limpava com gentileza o sangue que fluía lentamente de um corte de espada.

O homem olhou para ele e grunhiu, relutante:

— Aquarius.

— Como vai? Sou Tisianne brant Ts'ara sek Halima sek Ragnar sek Omian, mais conhecido como dr. Tachyon.

— Eu sei. — Ele encarava friamente um ponto acima do ombro esquerdo de Tachyon.

O takisiano curvou-se e sussurrou.

— Tem mais algum dos seus truques na manga? Algo que possa nos ajudar a fugir... — apontou com o queixo na direção da porta e dos dois guardas a postos — ... deles?

Aquarius olhou para ele com rancor.

— Eu me transformo em um golfinho e nado bem rápido.

A expressão, juntamente com o tom rude e agressivo, rompeu a linha tênue de paciência à qual Tachyon estava conseguindo se ater.

— Perdoe a minha sinceridade, mas isso ajuda muito pouco em nossa presente situação.

— Não pedi para estar aqui, imbecil. — E, fechando os olhos, Aquarius continuou a ignorar seu colega prisioneiro e seus captores.

Tach desatou sua garrafa do cinto e, enquanto caminhava, fez várias incursões uísque adentro. Vinte minutos depois, percebeu que a pele de Aquarius começara a rachar e cair.

— Você está bem?

— Não. Se não me manter úmido eu fico ferido.

— Bem, por que não falou isso quinze minutos atrás?

Aquarius não respondeu e, com um ruído irritado, Tach foi rápido até o lavatório e voltou com um copo d'água. Não fez muita diferença na forma imensa no chão.

— Andami, poderia me trazer um jarro ou um balde?

O homem mais jovem, preocupado, mordeu o lábio inferior.

— Minhas ordens são para ficar aqui.

— Vocês estão em dois.

— Você pode tentar escapar.

— Não sou seu príncipe?

— Sim. Mas ainda assim pode tentar, e não quero receber outra reprimenda de Zabb.

— Que sua linhagem feneça — ele rosnou entredentes, e voltou ao seu trotar perturbado.

Os trinta minutos seguintes passaram lentamente, enquanto Tach tentava evitar o rápido ressecamento da pele do tritão. Estava derramando um copo d'água no rosto de Aquarius quando de repente a forma estremeceu e mudou, e lá estava o Capitão Viajante, tossindo e cuspiendo enquanto a água escorria pelo nariz.

Assustado pela transformação abrupta, Tach gritou, derrubou o copo e se afastou.

Confuso, Viajante olhou pela cabine, então para sua forma longa e magra ainda amarrada frouxamente com as cordas. Perdera muito de sua massa com a partida de Aquarius e, quando se levantou, as cordas escorreram pelo seu corpo, aterrissando em um monte embaraçado no chão em torno dos pés.

Ele tirou os óculos e os limpou furiosamente, enquanto piscava, míope, na direção de Tachyon. Os óculos foram recolocados, e ele murmurou.

— Ah, que droga, cara.

Andami apressou-se a alcançá-lo e apalpou rapidamente os bolsos do Viajante. Localizou uma pochete de couro com três frascos não utilizados. Tachyon esticou o pescoço para vê-los, mas os pós coloridos e brilhantes pareciam singularmente inócuos. Ele desejou botar as mãos nas substâncias para realizar uma análise completa. Algo que podia transmutar uma forma humana... e então lhe ocorreu. Capitão Viajante não era um lunático — era um ás.

— Capitão. — Ele esticou a mão. — Devo desculpas a você.

— Hum... a mim, cara?

— Sim. — Tach segurou a mão do homem e deu um aperto afetuoso. — Duvidei da sua história. Achei que você fosse apenas um lunático inofensivo. Mas você é um ás. E um bastante incomum. Essas poções?

— Me ajudam a chamar meus amigos.

Tach chegou mais perto e baixou a voz.

— E imagino que você não tenha mais nenhum... — Ele piscou, e o Viajante o encarou, confuso. Tach suspirou. Ótimo, o homem podia ser um ás, mas não era muito rápido em captar coisas. — Tem mais algum segredinho aí com você?

— Ah, não, cara. Leva um tempo para fazer essa coisa, e não pensei que teria que enfrentar alienígenas. Quer dizer, acabamos com o Enxame, e eu não imaginei... Sinto muito, de verdade, cara. Não queria te decepcionar...

— Não, não. Você não tinha como saber e se saiu muito bem.

Viajante sorriu, e Tach percebeu, com um senso assolador de fracasso e desmerecimento, que aquele homem o adorava e admirava.

E vou desapontá-lo.

Tach seguiu até a cama e caiu sentado, as mãos pendendo sem força entre as coxas. Viajante, com uma sensibilidade que o alienígena não esperava, foi para o outro lado do quarto e o deixou sozinho com seus pensamentos deprimentes. Algum tempo depois, sentiu um toque vacilante em seu ombro.

— Com licença, cara, desculpe incomodá-lo, mas estava pensando, tipo, quanto tempo até você nos tirar... — Ele se interrompeu, e manchas vermelhas cobriram seu rosto magro. — É que eu tenho uma filha, e ela provavelmente está indo para casa agora, chegando da escola, e a loja vai fechar, e estou com medo de que Susan não fique com ela, e Sprout, tipo, não pode ficar sozinha. — Seus dedos longos torciam-se desesperadamente.

— Sinto muito. Gostaria de poder fazer algo. Queria ser o líder que todos acham que sou. Mas não sou. Sou uma fraude, Viajante, para o meu próprio povo e para o seu. — O hippie desajeitado pousou um braço sobre os ombros de Tach, que recostou a cabeça em seu ombro ossudo.

Viajante balançou desoladamente a cabeça.

— Não é assim nos quadrinhos. Nos quadrinhos, os mocinhos sempre vencem. Eles, tipo, sempre têm o poder certo na hora certa.

— Infelizmente, a vida não funciona desse jeito. Estou muito cansado.

— Por que não dorme um pouco? Eu fico de vigia.

Tach quis perguntar “Contra o quê?”, mas apreciou a generosidade da oferta e ficou quieto. Tirou os sapatos, e Viajante gentilmente puxou uma colcha até seu queixo.

Ele percebeu, confuso, enquanto o sono o dominava, que sempre usava a cama e a bebida como válvula de escape, e naquele dia tinha usado ambas. *O poder certo na hora certa*. O pensamento formigava em sua consciência. *O poder certo...*

— Pelo Ideal! — Ele se levantou de supetão e jogou de lado a colcha.

— Hein?

Ele agarrou com entusiasmo as lapelas do casaco de Viajante.

— Sou um imbecil. Um imbecil. A resposta estava bem na minha cara, e eu não enxerguei.

— O quê?

— O aparelho da Rede.

— Hein?

Andami o encarava com curiosidade, e Tach rapidamente baixou a voz.

— Aquilo não é uma bola de boliche. É um deslocador de singularidade. — Ele rapidamente calçou os sapatos. — Anos atrás, antes de eu deixar meu lar, um dos Mestres Comerciantes discutiu a possibilidade de vender ao meu clã um novo dispositivo experimental de teletransporte. Ele fez uma demonstração e disse que eles estariam logo disponíveis, após alguns testes. Aquilo tem que ser um daqueles dispositivos. E está no porão principal.

Viajante estava totalmente desnortado com as rumações do doutor. Ele se agarrou na única observação que entendeu.

— Sim, mas tipo, não estamos no porão principal.

— Como conseguimos chegar todos lá? — Tach passou as mãos pelos cabelos. — Se estivermos todos juntos, acho que posso ativar o dispositivo e nos levar para casa. Quanto maior a capacidade telepática, maior a precisão e o tamanho da carga que pode ser transportada. Essa era a teoria. Claro que o Mestre Comerciante podia estar apenas fazendo propaganda barata. Difícil dizer quando se trata da Rede. Eles têm a alma de comerciantes gananciosos.

— Hum... o que é a Rede?

— Outra raça espacial; na verdade, diversas raças interestelares, mas não precisamos nos preocupar com isso agora. O ponto é que tem um deslocador de singularidade nesta nave, e pode nos levar para casa. Claro, se o Tartaruga estava com o dispositivo, isso significa que a Rede está na Terra, o que pode significar problemas.

— Ele coçou o rosto. — Não, um problema por vez. Como chegar ao porão.

— Tipo, o que guardam lá?

— Bem, ele é usado para armazenagem de carga e, quando não há carga, que é o que acontece na maioria das vezes, em uma nave deste tipo, é usado para recreação. Bailes e coisas assim.

Viajante o encarou com hesitação.

— Acho que não vai dar só para convidar todo mundo para dançar.

Tach riu.

— Não. — Sua expressão ficou vazia. — Mas podemos convidá-los para um duelo.

— Hein?

— Fique em silêncio por um momento. Preciso pensar nisso.

E ele finalmente fez o que devia ter feito desde o início. Pensou como um takisiano, em vez de como um ser humano.

— Conseguiu? — perguntou Viajante, quando seus olhos reabriram.

— Sim.

Tach se deitou e sondou por uma mente familiar.

Tartaruga. Tem um jeito de sair daqui.

É? O tom mental era de derrota e desespero extremos.

O dispositivo que estava com você, ele pode nos levar para casa.

Sim, mas ele está...

Fique quieto e ouça. Vamos todos para o compartimento de carga...

Por quê?

Você pode dar um tempo? Porque eu vou nos levar para lá. A atenção estará em mim e, enquanto isso, você precisa pegar aquele dispositivo.

Como?

Você sabe como.

Não posso!

Tom, você tem que conseguir! É nossa única esperança.

É impossível. O Todo-Poderoso Tartaruga poderia, mas eu sou apenas...

Thomas Tudbury: o Todo-Poderoso Tartaruga.

Não, sou apenas um homem qualquer que já passou dos quarenta, bebe cerveja demais e não come direito, e que trabalha numa bosta de uma loja de conserto de eletrônicos. Não sou herói porra nenhuma.

Para mim, você é. Você me fez recuperar a sanidade, e provavelmente a vida.

Foi o Tartaruga.

Tom, o Tartaruga é um aglomerado de placas de ferro, TV, câmeras, luzes e alto-falantes. O que faz o Tartaruga o que ele é? O homem dentro dele. Você é o ás, Tom. É hora de sair da carapaça.

O terror brotava da mente do homem em ondas poderosas, chocava-se contra os escudos de Tach, fazendo-o duvidar de seu próprio plano.

Não posso. Me deixe em paz.

Não, vou até o fim com isso, e você precisa atender às expectativas, porque senão eu vou morrer por nada.

Morrer! O que você vai...

Ele interrompeu o elo telepático, pensando que talvez tivesse colocado pressão em excesso nas emoções já frágeis do Tartaruga. Tarde demais para pensar nisso.

Kibr?

O que foi, rapaz?

Não estou achando o tom da senhora nada agradável, Ajayiz'et Benaf'saj.

Ela moderou o tom, acrescentando uma camada formal de respeito, se não por ele, ao menos por sua posição.

O que deseja, chefe do clã?

Convoque a tripulação, há uma cerimônia de adoção a ser realizada.

Que truque está tentando fazer?

Espere para ver ou diga não e fique curiosa para sempre, disse ele, insolente.

A risada dela reluziu na mente dele.

Um desafio. Muito bem, meu pequeno príncipe, vamos ver o que está aprontando.

Todos se reuniram no compartimento de carga. Tom olhou ao redor e soltou um grito angustiado.

— Minha carapaça!

Os lábios de Zabb se abriram em um sorriso duro.

— Nós a jogamos no espaço. Estava tomando muito espaço.

Tach prestou pouca atenção no desespero do Tartaruga. Seus olhos percorreram rapidamente o compartimento para assegurar-se de que o deslocador de singularidade ainda estava no lugar.

— Ela tinha infravermelho e lentes de zoom, e estofado costurado e... — dizia o Tartaruga, enquanto Zabb ria. — Seu merda!

Zabb deu um passo à frente, punho erguido.

— Zabb brant Sabina sek Shaza sek Risala, toque em alguém da minha *stirps* e não lhe darei a cortesia de me enfrentar. Vou matá-lo como um cão vadio na rua — disse Tachyon.

Zabb estremeceu e virou-se lentamente para encarar o primo mais novo.

— Que farsa é esta?

— Como um membro reprodutor da casa de Ilkasam, exerço meu direito de adotá-los, em carne e osso, à minha linhagem.

— Você adotaria esses seres humanos? — perguntou Benaf'saj.

— Sim.

Ela o mediu com um olhar imperioso.

— Acredito que pouco adicionarão à sua causa.

Tach caminhou até ficar entre Viajante e Tartaruga, e agarrou ambos pelos pulsos.

— Prefiro tê-los ligados e unidos a mim a ter muitos outros que podem fazer uma reivindicação maior a tal direito. — Seus olhos deslizaram para Zabb.

— Muito bem, é seu direito. — A senhora sentou-se em uma banquetta que *Hellcat* delicadamente expeliu para ela. — Vocês concordam com esta adoção, entendendo os deveres e obrigações daqueles que recebem esta honra?

Três pares de olhos se fixaram em Tach, e ele meneou levemente a cabeça.

— Concordamos — disse Asta com firmeza enquanto os dois homens continuavam hesitantes.

— Saibam então que vocês, e todos os seus herdeiros e sucessores, estarão eternamente ligados à casa de Ilkasam, linhagem de Sennari, por seu filho, Tisianne. Em todas as questões, sejam nobres e tragam a glória e ajuda a esta casa.

— Somos, tipo, takisianos agora, cara? — perguntou Viajante em um sussurro penetrante.

— Este ritual serve para ligar os cegos psíquicos a uma casa. Você não tem permissão para casar-se com qualquer membro da classe mental, mas tem direito a nossa ajuda e proteção.

— Então somos servos — falou Tom.

— Não, mais como cavaliários. Meros serviçais nunca são formalmente adotados. — Ele deu meia-volta e lançou a Zabb um olhar severo. — Mas, pelos meus ancestrais, você, primo, me insultou, e mostrou desprezo e violência contra minha *stirps*, e me deve satisfação.

Antes que Zabb pudesse se mover, Benaf'saj tomou a palavra.

— Você não precisa aceitar o duelo. A cortesia não se aplica retroativamente a cegos psíquicos.

O comandante fez uma medida.

— Mas, *Ajayiz'et*, isso me dará o grande prazer de enfrentar meu amado primo. Rabdan, você me servirá?

— Sim, comandante.

— E, Sedjur, você me servirá? — perguntou Tachyon. O velho conseguiu assentir.

Os dois homens moveram-se rapidamente para um armário de armas, e Tach juntou-se aos seus amigos. Enquanto tirava os sapatos, o casaco e o colete bordado, e começava a prender seus babados, disse em voz baixa:

— Fiquem todos juntos. Tom, você sabe o que fazer, mas pelo amor dos deuses aja rapidamente. — Ele ignorou o balançar de cabeça frenético do homem. — Felizmente, a espada pequena dá a vantagem da defesa, mas terei muita dificuldade em segurar Zabb. A atenção da minha família estará concentrada em mim. Ninguém deve perceber seus atos, e, assim que você estiver com o dispositivo, mando vocês para casa.

— E você? — murmurou Tom.

Tachyon deu de ombros.

— Vou ficar aqui. Afinal, é uma questão de honra. Não fugirei.

— Detesto heróis.

— Alguém tem alguma coisa para prender meu cabelo?

Asta se abaixou e fuçou na grande bolsa de dança. Puxando uma sapatilha de ponta, ela arrancou uma fita rosa e entregou ao takisiano. Ficou horrível em seus cachos vermelho-metálicos.

— Senhor — disse Sedjur, suavemente.

Ele segurava a manga de uma malha de aço que cobria o braço da espada até o cotovelo, e uma espada lindamente entalhada e forjada. O punho era encravado com pedras semipreciosas, e o trabalho de filigrana na guarda do punho era tão fino que parecia um laço.

— Não fique tão triste, velho amigo.

— Como não ficar? Você não é páreo para ele.

— Não é gentil da sua parte dizer isso. Especialmente considerando que você me treinou.

— E a ele; e eu digo de novo, você não é páreo para ele.

— É necessário. — Seu tom indicou que o assunto estava encerrado, e ele olhou de forma autocrática por cima da cabeça do velho empregado, enquanto a armadura era presa ao seu antebraço direito.

Asta deu uma risadinha histérica quando uma caixa de resina foi trazida e Tach cobriu cuidadosamente a sola dos pés calçados em meias. Ela cobriu a boca com as mãos e se acalmou.

Tach, movendo-se para o centro do salão, ergueu seu florete diversas vezes para acostumar-se com o peso, e para lembrar seus músculos das antigas habilidades havia muito destreinadas. Ele não culpou Asta pelo riso contido. Para os humanos modernos, aquele ritual arcaico combatido com armas antigas devia parecer estranho, ainda mais em uma raça interestelar. Mas havia motivos sólidos para a devoção takisiana às armas brancas. Tinham armas atômicas e a laser, mas, para o combate corpo a corpo dentro da pele de uma das naves vivas, era mais apropriado uma arma que não excedesse o alcance do braço. Um disparo aleatório de projéteis ou armas de

luz equivalentes poderia danificar muito uma nave, e não faria diferença se a tripulação vencesse ou não. Também havia o fato de os takisianos amarem um bom drama. Qualquer idiota era capaz de aprender a atirar. Para ser um espadachim era necessário habilidade verdadeira.

Zabb juntou-se a ele e disse em voz baixa:

— Espero por este momento há anos.

— Então fico feliz por poder lhe dar este prazer. Não é bom negar uma ocasião tão desejada.

As espadas estalaram em uma breve saudação, e o tilintar de aço contra aço começou.

Tom não era um especialista nos requintes da esgrima, mas conseguia ver que aquela luta pouco lembrava os breves relances que vira da esgrima olímpica pela televisão. A velocidade era a mesma, mas havia uma intensidade mortal nos dois homens enquanto lutavam pela vida. Mantinham os olhos fixos um no outro, e o deslizar dos pés em meias pelo chão da nave fazia um contraponto leve e sussurrante à respiração ofegante de Tach.

Seus companheiros o encaravam, Viajante com o olhar de um cachorrinho desesperado, Asta com a ponta da língua umedecendo os lábios. Tom virou a cabeça lentamente e olhou a bola preta pousada em uma prateleira a pouco menos de um metro de distância. Ele se expandiu, esforçando-se tanto que o suor brotou da testa e sobre os lábios, e sentiu um vazio imenso, escancarado. O aparelho nem mesmo se mexeu.

Viajante gemeu, e Tom olhou para trás apenas a tempo de ver a ponta da espada atravessar o braço de Tach. Um esguicho vermelho seguiu seu rastro. Tach recuou com mais pressa que

graça, e mal desviou-se de um golpe malicioso de seu primo. Viajante, com os olhos azuis rasos d'água por trás das lentes grossas dos óculos, lançou-se para a frente e pulou nos ombros de Zabb. Com um resmungo, o takisiano agarrou o hippie e o jogou do outro lado do cômodo. Viajante ficou caído, surpreso, no convés luminoso, buscando ar como um peixe. Vários guardas de Zabb o arrastaram de volta e o jogaram no chão entre os outros seres humanos.

— Não posso, simplesmente não posso — sussurrava Tom com nervosismo.

— Seu fracote de merda — Asta falou em alto e bom som, e virou-se de costas para ele, voltando a atenção ao duelo que recomeçara.

Tach piscou com força, tentando limpar o suor incômodo dos olhos. Cada suspiro ardia, e ínfimas labaredas pareciam lambe-los os músculos do braço com a espada.

Atenção, atenção, ele se encorajava.

Lâmina, vindo tão rápido que era apenas um borrão.

Ele aparou com uma batida vigorosa, a força da pancada vibrando em seus músculos já extenuados.

Um contragolpe... mas não com a lâmina. Com a mente. Uma seção do escudo fluiu, ondulou. Ele avançou, bateu, e Zabb cambaleou com o ataque mental. E contra-atacou. *Corpo a corpo*. O calor da respiração de Zabb no seu rosto. As lâminas enroscadas. Tach esforçava-se, tentando lançar Zabb para trás, mas sentia-se derrotado. A mente, uma parede cinzenta, implacável. *Não, não totalmente!*

Tach girou o corpo para o lado, evitando uma joelhada maldosa na virilha, pulou para trás e chutou as pernas de Zabb, livrando-se dele. Tentou um golpe, mas o primo era rápido demais. Zabb esquivou-se e seguiu com um contragolpe rápido, e um ataque mental que resvalou nos escudos de Tach.

Sua visão parecia turvar-se nos cantos. Sem forças. Quase perdendo o fôlego.

Tartaruga!

Ele tentou um golpe selvagem e desesperado. Zabb o rebateu quase com desdém. Era um demônio. Aquele sorriso ainda no rosto, e apenas umas poucas gotas de suor nas costeletas cacheadas. Suas pálpebras baixaram, semicerrando os olhos, e ele reforçou o ataque. Tach sentiu uma onda de náusea quando percebeu que Zabb estivera apenas brincando com ele até então.

— Gostaria de parar, querido primo? — sussurrou seu torturador. — Claro que gostaria. Mas não será assim. Como prometido, vou matá-lo.

Sem fôlego para responder ao insulto, Tachyon apenas balançou a cabeça, mais para livrar-se do suor do que para negar aquelas palavras. Atirou um golpe mental desesperado que foi bloqueado pelos escudos de Zabb, e então, como um milagre, viu uma abertura. Ele atacou, a lâmina raspando a de Zabb. Zabb bloqueou sua espada em uma esquiva faiscante e continuou, a ponta de sua lâmina buscando o coração.

Contra-ataque planejado! Atração do incauto. Morte!

Ele tinha certeza de estar vendo aquilo: o breve tremor das narinas, o meio sorriso sardônico. Steve Bruder, com os mesmos

maneirismos de quando esmagou a mão de Tom. *Foda-se!*, ele se lançou contra Zabb enquanto o poder o invadia, fazendo seus dedos formigarem. Ele se expandiu e...

A lâmina vindo rápida e certa, então milagrosamente passando por um fio. Sem muito espaço, mas o suficiente! Tachyon ergueu a espada, defendendo o golpe.

Uma imensidão de alvos se ofereceu. O coração, a barriga, um corte no ombro? Tach mordeu o lábio inferior e por um momento selvagem e glorioso considerou enfiar a ponta fundo, bem fundo naquele corpo odioso. Atacou, os olhos deles se encontrando por um instante eterno, congelado. A lâmina girou na sua mão, o cabo acertando bem no queixo de Zabb com um som de machado batendo em madeira. A espada de Zabb foi ao chão em um estrondo, e ele caiu de cara. Houve um suspiro, como um vento se erguendo da plateia que assistia. Por um momento, Tach olhou para sua espada, então a jogou de lado, ajoelhando-se ao lado do primo. Gentilmente, virou-o de barriga para cima e tomou o homem maior que ele nos braços.

— Veja, eu não consegui — sussurrou ele, e se perguntou por que lágrimas rolavam de suas pálpebras. — Sei que você preferia que eu o matasse, mas não posso. E, apesar do que nos ensinaram nos treinamentos, a morte não é preferível à desonra.

Tom ficou parado, as mãos fechadas ao lado do corpo, e se maravilhou com as ondas de entusiasmo e felicidade que o percorriam. Ele *consequira*. Era verdade que precisara usar concentração suficiente para arrastar uma empilhadeira, e o resultado foi apenas um desvio minúsculo. *Mas foi o suficiente!* Tach

sobreviveu — de fato, venceu — graças ao seu ato. Orgulhoso, ele encarou o dispositivo alienígena, que pairou pelo ar, pousando com um estalido satisfatório nas mãos de Tom.

— Venha, Tachy, hora de irmos — ele falou, suas bochechas redondas vermelhas de empolgação.

Tach deitou o corpo de Zabb com suavidade no chão e saltou para perto dos amigos. Nem um parente se moveu.

Tom entregou a ele o aparelho com uma reverência um pouco desajeitada.

Tach respondeu à saudação.

— Muito bem, Tartaruga. Eu sabia que você conseguiria.

Ele olhou para Benaf'saj, fez uma mesura elegante, acenou e os enviou de volta para casa.

Foi como estar no centro de um turbilhão de nada. Uma escuridão gélida e absoluta. E, para Tachyon, a sensação de que sua mente estava sendo despedaçada pelo estresse de carregar todos os quatro viajantes dentro do invólucro do deslocador de singularidade.

Pelos ancestrais, ele gemeu. Ao menos permita que pousemos em terra seca.

Tachyon caiu, o aparelho rolando de seus dedos sem forças. Viajante estava agachado na sarjeta, segurando a cabeça entre as mãos e murmurando sem parar “Minha nossa!”. Tom teve ânsia de vômito algumas vezes, enquanto seu estômago tentava decidir onde no tempo e espaço ele se encontrava agora. Houve uma comoção crescente, pessoas gritando, janelas se escancarando, buzinas tocando enquanto carros freavam bruscamente, seus ocupantes

olhando atônitos a imagem na calçada. Tom esfregou os olhos, olhou para Tachyon e imediatamente ajoelhou-se ao lado do takisiano. O sangue escorria lentamente do corte longo e profundo de seu braço, além de descer do nariz, e ele estava com uma palidez alarmante. O alienígena mal parecia estar respirando, e Tom encostou o ouvido no peito do amigo. As batidas do coração eram erráticas.

— Ele vai ficar bem, cara? — murmurou Viajante.

— Não sei. — Tom ergueu a cabeça e olhou para um círculo de rostos negros. — Alguém chame um médico.

— Que merda, cara, eles apareceram do nada.

— Os branquelos se teletransportaram. Acha que eles são ases ou o quê?

— Médico, chama um médico! — gritou um homem musculoso.

Asta afastou-se devagar do círculo de espectadores, os olhos buscando rapidamente a bola preta. Duas crianças inspecionavam o aparelho, e Asta foi até elas.

— Dou cinco dólares para cada um por isso aí.

— Cinco dólares! Caraca! É só uma bola de boliche sem buraco. O que vai fazer com ela?

— Ah, vocês ficariam surpresos — disse ela em um tom suave, e pescou um bolo de notas da bolsa. A troca foi feita às pressas, e ela escondeu o aparelho alienígena.

O uivo das sirenes pressagiava a chegada da polícia e de uma ambulância. Tach foi embarcado, e Tom começou a subir na ambulância com ele.

— Ei, onde está aquele treco?

Asta abriu a boca, piscou diversas vezes e a fechou.

— Ai, não sei. — Ela olhou em volta como se esperasse que a bola se materializasse na paisagem do Harlem. — Talvez alguém da multidão tenha pegado.

— Ei, cara, quer levar seu amigo para o hospital ou não? — rosnou um dos enfermeiros na ambulância.

— Bem... procure por ela — ordenou Tom, e subiu no carro.

Asta deu um aceno irônico para a ambulância.

— Pode deixar.

Kien vai ficar tão satisfeito.

Ela saiu à procura de uma estação de metrô para chegar aos braços ansiosos de seu amante e comandante.

O cadeado abriu-se com um rangido, e Tach empurrou a pequena porta lateral do armazém. Viajante e Tartaruga o seguiram na escuridão ecoante, e Viajante murmurou algo ininteligível ao ver a nave pousada no meio do prédio vasto e vazio. As luzes âmbar e lavanda nos pontos de sua espinha dorsal brilhavam levemente no escuro, e a poeira espiralava de todos os lados enquanto ela sintetizava as pequenas partículas em combustível. Estava cantando uma das muitas baladas heroicas que formavam grande parte da cultura das naves, mas se interrompeu ao perceber a entrada de Tach. A música, claro, era inaudível para os dois humanos.

Baby, disse ele telepaticamente.

Meu lorde. Vamos sair?, ela perguntou com uma ansiedade patética.

Não, hoje não. Abra, por favor.

Há humanos com o senhor. Eles também entrarão?

Sim. Esses são Capitão Viajante e Tartaruga. São como irmãos para mim. Trate-os com respeito.

Sim, Tisianne. Fico feliz em saber seus nomes.

Eles não podem ouvir você. Como a maioria da espécie deles, são cegos psíquicos.

Que tristeza.

Havia outro tipo de tristeza em seu peito enquanto caminhava até seus aposentos privativos. A memória — tão clara — do dia em que seu pai o levou para escolher aquela nave. *Tudo perdido agora.*

Ele se acomodou entre as almofadas na cama e ordenou: *Busca e contato.*

Há nobres presentes?

Sim.

E algum da minha família? Baby perguntou, com a mesma ansiedade patética.

Sim.

Segundos viraram por minutos, Tach deitado à vontade na cama, Viajante empoleirado como um pássaro nervoso em uma poltrona, e Tom em pé, balançando-se, agitado.

A parede diante de Tachyon brilhou, e o rosto de Benaf'saj apareceu. A nave impulsionou sua poderosa telepatia e a conexão foi feita.

Tisianne.

Kibr. Estava esperando a ligação?

Claro. Conheço você...

Desde que eu usava fraldas, sim, eu sei.

Você me surpreendeu, Tisianne. Acho que a Terra teve um efeito benéfico sobre você.

Ensinou-me muitas coisas, ele corrigiu em um tom seco. Algumas mais agradáveis que outras. Ele fez uma pausa e brincou com o babado sob o queixo. Então, ainda temos assuntos mal resolvidos?

Não, meu filho. Pode ficar com seus humanos rústicos. Após a derrota que impôs a Zabb, ele não tem mais esperança em conseguir o cetro. Você devia tê-lo matado, sabe disso. Tach apenas balançou a cabeça. Benaf'saj franziu a testa, olhando para as próprias mãos, e ajeitou os anéis. Então partiremos. É decepcionante não termos exemplares, mas não tem como se negar o sucesso do experimento, e Bakonur ficará encantado com os dados. Este esforço ainda será a salvação de nossa família.

Claro, respondeu Tach, sem muita sinceridade.

Enviarei uma nave a cada dez anos, mais ou menos, para checar como você está. Quando estiver pronto para voltar a nós, será bem-vindo. Adeus, Tis.

Adeus, ele sussurrou.

— E então? — perguntou Tom.

— Vão nos deixar em paz.

— Sabe, estou muito feliz que você não vai embora.

— Eu também — disse ele, mas seu tom tinha um traço de incerteza, e ele fitou com pesar a parede brilhante, como se tentasse puxar de volta a imagem de sua parente mais velha.

Uma mão forte, de dedos curtos e grossos, se fechou com firmeza em seu ombro. Um momento depois, Viajante segurou seu outro braço, e Tach ficou sentado em silêncio, aquecendo-se no carinho e na afeição que vinham dos dois homens, sobrepujando a sua saudade de casa.

Ele pousou a mão sobre a de Tom.

— Meus amigos queridos. Que aventura tivemos.

— Sim, a vida é, tipo, bem bacana, cara.

— Por que você não o matou? — perguntou Tom.

Tach virou-se e fitou os olhos castanhos de Tom.

— Porque eu quero acreditar na possibilidade da redenção.

Tom apertou a mão do amigo com firmeza.

— Então acredite.

COM UMA AJUDINHA DOS AMIGOS

Victor Milán

CIENTISTA CONTROVERSO BRUTALMENTE ASSASSINADO NO LABORATÓRIO era a manchete.

— Você devia ver o que estão dizendo no *Daily News*.

— Minha jovem — disse o dr. Tachyon, empurrando o *New York Times* com a ponta dos dedos e reclinando perigosamente sua cadeira —, não sou policial. Sou médico.

Ela franziu a testa diante do retângulo meticuloso da mesa dele, limpou a garganta, um som baixo, inquieto.

— Você tem a reputação de ser pai e protetor do Bairro dos Curingas. Se não fizer nada, um curinga inocente será preso por assassinato.

Foi a vez dele de franzir a testa. Tachyon tamborilou o salto alto da bota contra a beirada de metal da mesa.

— Tem provas? Se tiver, precisa levá-las para o advogado do infeliz.

— Não, nada.

Ele pegou um narciso amarelo de um vaso ao lado do seu cotovelo, girou suas pétalas diante do nariz.

— Curioso... Obviamente você é perceptiva o bastante para tirar proveito do meu sentimento de culpa.

Ela sorriu de volta, fez um aceno de humildade, o gesto rápido como o de um animal silvestre, quase furtivo, mas levemente formal. Tach estava começando a se dar conta do quanto tinha se adaptado àquele mundo cão; sua primeira impressão foi de que ela era magra a um nível de doença, e só agora percebia como ela se aproximava do ideal de beleza takisiana, pálida e élfica. Quase albina, pele clara como papel, cabelos loiros platinados, olhos azuis esmaecidos. Aos olhos dele, ela estava vestida com monotonia, um *tailleur* cor de pêssego, cortado com rigor, sobre uma blusinha branca, um cordão no pescoço, tão pálido e fino quanto os fios de seu cabelo.

— É meu trabalho, doutor, como o senhor bem sabe. Meu jornal espera saber de mim o que acontece no Bairro dos Curingas. — Sara Morgenstern era a especialista do *Washington Post* para assuntos de ases e curingas desde que sua cobertura das revoltas no Bairro dos Curingas dez anos antes lhe rendera uma indicação ao Pulitzer.

Ele não esboçou reação. Ela baixou os olhos.

— O Massudo não faria isso, não mataria ninguém. Ele é gentil. É mentalmente deficiente, entende?

— Eu sei disso.

— Vive com um curinga chamado Engraxado, no fim da Eldridge. O Engraxado cuida dele.

— Um inocente.

— Como uma criança. Ah, ele foi preso em 1976 por atacar um policial. Mas foi... diferente. Ele... era todo o clima da época. — Ela parecia querer dizer mais, mas sua voz falhou.

— É verdade. — Ele inclinou a cabeça. — Você parece muito envolvida na questão.

— Não aguento ver o Massudo ferido. Ele está perplexo, assustado. Não consigo manter minha objetividade jornalística.

— E a polícia? Por que não vai até eles?

— Eles já têm um suspeito.

— Mas e o seu jornal? Com certeza o *Post* tem certa influência.

Ela balançou o cabelo glacial.

— Ah, posso escrever uma superdenúncia, doutor. Talvez os jornais de Nova York reverberem. Talvez até o *Sixty Minutes*... ah, em um ano ou dois... haverá comoção pública, talvez seja feita justiça. Nesse meio-tempo, ele estará preso no Tombs, doutor. Uma criança, sozinha e amedrontada. Tem ideia do que é ser injustamente acusado, ter sua liberdade privada por engano?

— Sim, tenho.

Ela mordeu o lábio.

— Eu me esqueci, desculpe.

— Não tem problema.

Tach reclinou-se para a frente.

— Sou um homem ocupado, minha cara. Tenho uma clínica para tocar. Estou tentando convencer as autoridades de que a Mãe do Enxame não vai sumir apenas porque derrotamos sua primeira incursão, mas, em vez disso, pode estar preparando um ataque novo e até mais mortal. — Ele suspirou. — Bem. Suponho que preciso investigar isso.

— Você vai ajudar?

— Sim.

— Graças a Deus.

Ele se levantou e contornou a mesa para ficar ao lado dela. Sara inclinou a cabeça para trás, lábios curiosamente frouxos, e ele teve

a sensação de que ela estava tentando ser atraente sem saber muito bem como.

O que é isso?, ele se perguntou. Ele não era do tipo que normalmente recusaria um convite de uma mulher tão atraente, mas havia algo oculto ali, e os velhos instintos takisianos de disputa familiar o fizeram se manter afastado. Não que tivesse se sentido ameaçado; apenas um mistério, e só isso já era uma ameaça para alguém da sua casta.

Por capricho, meio irritado por ela estar fazendo uma oferta e tornando-a impossível de aceitar, ele esticou o braço e puxou o cordão na garganta da mulher. Surgiu um medalhão de prata chato, com as iniciais A. W. gravadas em letras cobreadas. Ela tentou agarrá-lo, mas com agilidade felina Tachyon o abriu.

A foto de uma garota, uma criança, não mais do que treze anos. O cabelo era amarelo, as feições mais cheias, o sorriso mais arrogante, mas com uma semelhança inequívoca com Sara Morgenstern.

— Sua filha?

— Minha... minha irmã.

— A. W.?

— Morgenstern era meu nome de casada, doutor. Mantive depois do divórcio. — Ela deu um meio giro na cadeira, joelhos unidos, ombros arqueados.

— Andrea era o nome dela. Andrea Whitman.

— Era?

— Ela morreu. — Sara levantou-se rapidamente.

— Sinto muito.

— Faz muito tempo.

— Tio Tachy! Tio Tachy!

Um projétil loiro o atingiu na canela e enrolou-se como uma alga na porta do Cosmic Pumpkin (“Alimento para o corpo, a alma e o espírito”) Tabacaria e Delicatéssen, na Fitz-James O’Brien Street, próximo à fronteira do Bairro dos Curingas e do Village. Rindo, ele se abaixou, pegou a garotinha e a abraçou.

— O que você trouxe para mim, tio Tachy?

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma bala.

— Não conte ao seu pai que te dei.

Com olhos arregalados de solenidade, ela assentiu.

Ele a levou para dentro da loja apertada. Difícil acreditar que aquela linda garota de nove anos tinha um atraso mental, como Massudo, presa para sempre nos quatro anos de idade.

Massudo era mais fácil de lidar, de alguma forma. Era imenso, mais de dois metros de altura, uma massa quase esférica de carne branca, sem pelos, levemente azulada, rosto inchado quase a perder as feições, olhos de uvas-passas e lacrimosos. Estava com quase trinta anos. Não conseguia se lembrar de ser chamado de outra coisa que não o apelido cruel de uma marca registrada de uma padaria. Estava assustado. Sentia falta do sr. Engraxado e do sr. Benson, o vendedor de jornais que morava embaixo deles, queria o Go-Bot que Engraxado lhe dera pouco antes de os homens o levarem preso. Queria ir para casa, fugir dos homens estranhos e grosseiros que o cutucavam e troçavam dele. Sentiu uma gratidão patética por Tachyon ter ido vê-lo; quando Tach precisou ir embora, na sala de visita verde-bile no Tombs, Massudo segurou a mão dele e chorou.

Tach também chorou, mas depois, longe das vistas de Massudo.

Mas Massudo era, obviamente, um curinga, vítima do vírus wild card que o clã do próprio Tach havia levado para aquele mundo. Sprout Meadows era uma criança fisicamente perfeita, bela mesmo para os padrões severos das linhagens nobres de Ilkazam ou Alaa ou Kalimantari, de personalidade mais doce que a de qualquer filha de Takis. Ainda assim, não era menos deformada do que Massudo, não menos monstruosa pelos padrões da terra natal de Tach — e, como ele, teria sido imediatamente eliminada.

Ele olhou ao redor. Algumas das secretárias comiam um almoço tardio ao lado da vitrine frontal, sob a égide de uma estátua em madeira de um índio.

— Onde está seu pai?

Com a bala na boca, ela balançou a cabeça na direção da tabacaria.

— O que você está olhando, babaca? — resmungou uma voz.

Ele piscou, só então vendo uma mulher jovem e robusta em um moletom cinza e sujo da CUNY, Universidade da Cidade de Nova York, atrás do mostruário de vidro da loja.

— Perdão?

— Olha aqui, seu babaca chauvinista, sei qual é a sua. Fica esperto.

Demorou, mas Tach lembrou-se da dupla de funcionários de Mark Meadows.

— Ah... Brenda, não é? — Ela assentiu, irritada. — Muito bem, Brenda, posso garantir que não tive a intenção de encarar você.

— Ah, entendi. Não sou uma miss, como a Peregrina, não faço seu tipo. Sou uma daquelas mulheres que homens como você não

enxerga. — Ela correu a mão por uma mecha de cabelo crespo avermelhado com raízes cor de chá e fungou.

— Doutor! — Uma familiar figura alta e magra apareceu na porta da loja.

— Mark, fico muito feliz em vê-lo — disse Tachyon, emocionado. Beijou Sprout na testa, despenteou o cabelo trançado dela e deixou-a sobre o linóleo escuro. — Vá brincar, querida. Preciso falar com seu pai.

Ela correu para longe.

— Tem um minuto, Mark?

— Ah, claro, cara. Para você, sempre.

Dois garotos com jaquetas de couro e cabelos eriçados espiavam entre a parafernália e os pôsteres vintage do outro lado, mas Mark não era do tipo desconfiado. Apontou uma mesa junto à parede dos fundos, pegou uma jarra de chá e um par de canecas, e seguiu com movimentos ligeiros, balançando a cabeça enquanto caminhava. Estava com uma velha camisa cor-de-rosa da Brooks Brothers, um colete de couro com franjas, e calças boca de sino imensas e tão desbotadas que tinham quase o mesmo tom da estampa tie-dye branca nelas. O cabelo loiro até os ombros estava trespassado por uma fita trançada. Se Tachyon não o tivesse visto no pleno esplendor de sua identidade secreta, pensaria que o homem não tinha nenhum senso estético para se vestir.

— Então, o que posso fazer por você, cara? — perguntou Mark, radiante por trás das lentes grossas dos óculos arredondados.

Tach pousou os cotovelos na toalha de mesa, também com tie-dye, e franziu os lábios enquanto Mark servia o chá.

— Um curinga chamado Massudo foi preso por assassinato. Uma jovem repórter me procurou garantindo que ele é inocente. — Ele deu um suspiro. — É o que também acho. Massudo é uma pessoa muito gentil, mesmo sendo imenso, feio e possuindo força sobre-humana. Ele é... deficiente mental.

Tach esperou um momento, com o coração na garganta, mas o que Mark disse foi:

— Então isso é uma fraude, cara. Por que os porcos dizem que foi ele? — O epíteto foi dito sem rancor.

— O homem assassinado é o dr. Warner Fred Warren, um popular colunista de tabloides, que escreve sobre astronomia...usando o termo com certa liberdade. Para dar uma ideia, ele escreveu um artigo no ano passado intitulado “O cometa Kohoutek trouxe a aids?”.

Mark fez uma careta. Ele não era um hippie-padrão, que desdenhava/desacreditava de todo tipo de ciência. Mas também ele chegara tarde ao movimento, entrando para o *Flower Power* na época em que todo mundo na área da baía de San Francisco já estava se envolvendo no fervor de Stálin.

— O prognóstico mais recente do dr. Warren é que um asteroide está prestes a atingir a Terra e acabar com toda a vida, ou ao menos com a civilização que conhecemos hoje. Isso criou um pouco de controvérsia; incrível a atenção que vocês, terráqueos, dão a esse tipo de bobagem. A teoria da polícia é que o Massudo ouviu seus amigos falando disso, ficou aterrorizado, e em uma noite da semana passada entrou no laboratório do doutor e espancou-o até a morte.

Mark deu um assobio baixo.

— Alguma prova?

— Três testemunhas. — Tach fez uma pausa. — Uma delas identificou Massudo como o homem que viu deixando o prédio de Warren na noite do crime.

Mark fez um aceno com a mão.

— Sem problemas. Vamos tirar ele de lá, cara.

Tachyon abriu a boca, fechou-a. Finalmente, disse:

— Precisamos saber quais outras informações eles reuniram sobre o caso. A polícia não está sendo cooperativa. Praticamente me mandaram ir cuidar da minha vida!

Os olhos azuis de Mark evitaram o rosto de Tach, que bebericou o chá. Era forte e revigorante, algum tipo de hortelã.

— Sei o que você pode fazer a respeito. O Massudo, tipo, tem um advogado?

— Defensoria Pública.

— Por que não entra em contato com ele e se oferece para atuar como especialista médico não remunerado?

— Esplêndido. — Ele fitou o amigo com um olhar questionador, cabeça curvada como um pássaro curioso. — Como você pensou nisso?

— Sei lá, cara. Só tive a ideia. Então, tipo, onde eu entro nisso?

Tach olhou o tampo da mesa. Ao fundo, garfos, dentes de alho e tofu descansavam sobre uma folha de alface-romana dentro de uma tigela de barro. Tinha ido ao Tombs principalmente pelo efeito tônico que Mark tinha em seu ânimo, mas ainda assim...

Ele estava fora de sua área de conhecimento; não era, como avisou a Sara, um detetive. Mark Meadows, o Último Hippie, de cara não parecia um candidato muito mais promissor a investigador, mas por acaso ele também era Marcus Aurelius Meadows, Ph.D., o mais

brilhante bioquímico vivo. Antes de largar tudo, foi responsável por diversas descobertas e criou as bases para muitas mais. Havia sido treinado para observar e para pensar. Era um gênio.

Além disso, Tach gostava do corte do casaco dele, que em si era bem adequado para um takisiano.

— Você já me ajudou, Mark. Este é seu mundo, no fim das contas. Você o entende melhor do que eu. — *Embora eu viva nele há mais tempo*, percebeu. — E tem seus amigos. Você tem, hum, outros além dos dois que conhecemos na nave do meu primo?

Mark fez que sim.

— Pelo menos mais três.

— Ótimo. Espero que se provem mais agradáveis que os outros. — Ele esperava que algum alter ego de Mark tivesse capacidades que pudessem ser úteis; felizmente, não via utilidade para o grosseiro homem-golfinho Aquarius, mas o covarde arrogante Caminhante Cósmico era outra questão. E mesmo se fosse para salvar a vida do pobre Massudo, ele não estava pronto para aguentar novamente o Caminhante em tão pouco tempo.

Tach arrastou a cadeira para trás e se levantou.

— Vamos brincar de detetives, você e eu.

O garoto usava calças camufladas e um pano na cabeça, como o Rambo. Estava parado na esquina da Hester com a Bowery, tentando segurar as páginas da revista contra a força do vento. Tach espiou por sobre o ombro dele. O artigo era impactante: “Dr. Morte: soldado ciborgue autoconstruído combate comunistas em Salvo”.

O garoto ergueu os olhos quando os dois homens pararam ao lado dele na banca de jornal. Seu rosto magro, de traços porto-

riquinhos, ficou sério. E então sua expressão mudou para o espanto quase imediatamente.

Estava encarando o botão de um casaco amarelo com estampa *paisley*. Bem acima de sua cabeça, havia uma imensa gravata-borboleta verde com bolinhas amarelas, saindo de uma gola de camisa rosa. Por cima, pendia um fraque púrpura, e uma cartola da mesma cor, com fita verde e símbolos dourados de paz, encobria o céu nublado.

Os dedos em luvas amarelas fizeram um sinal de paz e amor.

— Paz — disse o homem narigudo entre todas aquelas cores.

O rapaz jogou a revista para o proprietário e saiu correndo.

Capitão Viajante piscou, magoado.

— O que eu falei de errado, cara?

— Não liga, não — gargalhou o ser atrás da banca. — Ele não teria comprado, de qualquer jeito. O que posso fazer pelo senhor, doutor? E seu amigo colorido aí?

— Hum — disse Mark, farejando o ar —, pipoca fresca.

— Sou eu — disse Jube. — É meu cheiro.

Tachyon fez uma careta.

— Batuta!

Por um momento, os olhos de bola de gude encararam, a pele azul-escura franziu-se na testa de Jubal: surpresa orogênica. Então ele riu.

— Ah, entendi! Você é um hippie.

Viajante sorriu.

— É isso aí, cara.

O gordo sacudiu-se em uma risada.

— Sou o Morsa. Prazer em conhecê-lo.

Ele *parecia* uma morsa, um metro e meio, pelancas de gordura, um crânio grande e liso com tufo de cabelos saindo daqui e dali como velhos pincéis de barbear, fluindo para dentro do colarinho da camisa havaiana verde, preta e amarela sem a intermediação de um pescoço. Tinha pequenas presas brancas em cada lado do sorriso. Ele esticou a mão, que parecia a de um personagem de desenho animado, três dedos e um polegar, e o Capitão a apertou com entusiasmo.

— Este é o Capitão Viajante. Um ás, meu mais recente aliado. Capitão, este é Jubal Benson. Jube, precisamos de algumas informações.

— Manda bala. — Ele fez um gesto de pistola com a mão direita, revirando os olhos para o Viajante.

— O que você sabe sobre o curinga chamado Massudo?

Jube fez uma careta tectônica.

— É uma acusação injusta. O garoto não mata nem mosca. Ele vive no mesmo prédio que eu. Eu o vejo quase todo dia... ou pelo menos via, antes de ele entrar em cana.

— Tipo, ele não ouviu as pessoas falando sobre um asteroide batendo na Terra e ficou perturbado de verdade com isso, não é? — perguntou Viajante. Um pedaço errante de jornal havia se enroscado em suas pernas, levado por um vento que ainda não percebera que já era primavera. Ele ignorou o papel, assim como o frio.

— Se tivesse escutado algo desse tipo, se esconderia embaixo da cama e só sairia de lá depois de convencido de que não era verdade. É *isso* que eles estão alegando?

Viajante fez que sim.

— Vocês precisam falar com o Engraxado. Ele que aluga o apartamento, alimenta o Massudo e toma conta dele. Ele tem uma banca de engraxate na Bowery, quase na altura da Delancey, na parte mais turística do Bairro dos Curingas.

— Ele vai estar lá agora? — perguntou Tach.

Jube consultou o relógio de Mickey Mouse cuja pulseira quase desaparecia no pulso emborrachado.

— A hora do almoço acabou, o que significa que ele vai parar agora para o próprio almoço. Deve estar em casa. Apartamento 6.

Tachyon agradeceu. Viajante inclinou o chapéu solenemente. Eles se viraram para ir embora.

— Doutor.

— Sim, Jubal?

— Melhor resolver isso logo. As coisas podem ficar muito tensas por aqui neste verão, se Massudo ficar preso injustamente. Dizem que Gimli está de volta às ruas.

Tachyon arqueou a sobrancelha.

— Tom Miller? Mas eu pensei que ele estivesse na Rússia.

O Morsa pousou um dedo ao lado do nariz grande e chato.

— Exatamente, doutor. Exatamente.

— Eu o encontrei, hum, quinze, dezesseis anos atrás — disse Engraxado, sentado em seu catre no único quarto do apartamento na Eldridge Street, balançando-se para a frente e para trás com as mãos entre os joelhos ossudos. — Por volta de 1970. Era inverno. Ele estava sentado perto de uma caçamba de lixo em um beco atrás da loja de máscaras, chorando a plenos pulmões. A mãe simplesmente o levou até lá e o deixou.

— Isso é terrível, cara — disse Viajante.

Ele e Tach estavam de pé sobre o chão de madeira maciça meticulosamente varrido do apartamento. O catre de Engraxado e um grande colchão manchado eram os únicos móveis.

— Ah, acho que consigo entender. Ele tinha onze ou doze, e já era duas vezes maior do que eu, mais forte que muito homem por aí. Deve ter sido difícil pra caramba cuidar dele.

Engraxado era pequeno para um terráqueo, menor do que Tach. À distância, parecia um homem negro normal com seus cinquenta anos, cabelos grisalhos e incisivo direito de ouro. De perto, dava para ver que ele brilhava de modo pouco natural, mais como obsidiana do que como pele.

— Eu faço propaganda de mim mesmo, sabe? — ele explicou para Viajante quando Tachyon o apresentou. — Atraio negócios para minha “barraca do lustre”.

— Massudo consegue andar pela cidade sozinho? — perguntou Tachyon.

— Não. Ele se vira no Bairro dos Curingas, sempre tem alguém para ficar de olho nele, sabe, cuidando para que não se perca. — Por um momento, ele parou e fitou uma nesga de luz do sol ao lado da qual havia uma pequenina Ferrari de metal. — Dizem que ele matou o tal cientista lá no parque. Ele só foi ao parque duas vezes. Ele não sabe nada sobre astronomia.

Engraxado fechou os olhos, apertando-os. Lágrimas rolaram.

— Ah, doutor, o senhor precisa fazer alguma coisa. É o meu garoto, é como se fosse meu filho, e ele está machucado. E eu não posso fazer nada.

Tach passava o peso do corpo de um pé para o outro. Viajante pegou uma margarida, já um pouco maltratada, de sua lapela, agachou-se e deu ao Engraxado.

Aos soluços, o homem abriu os olhos e encarou o Viajante, desconfiado, confuso. Viajante apenas ficou parado, com a flor estendida. Após um momento, Engraxado a pegou.

Viajante apertou a mão dele, vertendo uma lágrima também. Depois ele e Tachyon saíram em silêncio.

— O dr. Warren não era apenas um cientista — disse Martha Quinlan, enquanto os guiava de volta pelo apartamento. — Era um santo. Sua vontade de levar a verdade ao povo era infinita. É um mártir para a busca humana pelo Conhecimento.

— Ah, nossa — disse Capitão Viajante.

Até onde Tachyon sabia, o falecido Warner Fred Warren não tinha parentes. Estava se formando uma batalha jurídica pela posse do fundo fiduciário que possibilitara a ele manter uma cobertura no Central Park e devotar a vida à ciência — seu avô fora um milionário do petróleo de Oklahoma que atribuíra seu sucesso à radiestesia e morrera afirmando que era a rainha Vitória —, mas, em suas funções de editora-chefe da *National Informer*, a srta. Quinlan parecia estar incluindo atuar como testamenteira do espólio de Warren.

— É muito gentil de sua parte vir prestar seus respeitos a um colega falecido, dr. Tachyon. Teria significado tanto para o querido Fred saber que nosso distinto visitante das estrelas se interessou por ele.

— A contribuição do dr. Warren à causa da ciência não teve precedentes — disse Tachyon de forma sonora.

Desde Trofim Lysenko, emendou mentalmente. *Ah, Massudo, que você nunca saiba o que tive que aguentar para lhe trazer justiça.* A história que Tachyon contou a Quinlan quando ligou pedindo para dar uma olhada na cena do crime era uma pequena tática takisiana de desorientação.

— É terrível — continuou Quinlan, levando-os por um corredor de paredes cheias de fotografias emolduradas de cães de caça saídas de revistas dos anos 1920.

Ela era um pouco mais alta que Tach, trajava um vestido preto largo que ia do pescoço às coxas, meia-calça escarlate, sapatos brancos e grossos braceletes de plástico. O cabelo loiro-grisalho tinha um estilo reto e um corte diagonal. Seus olhos estavam maquiados como os de Theda Bara; não usava batom.

— Uma tragédia. Felizmente, pegaram o indivíduo que fez isso. Não é bom da cabeça, dizem, e ainda por cima um curinga. Provavelmente algum perverso sexual. Nossos repórteres estão investigando essa história com *muito* cuidado, posso garantir.

Viajante soltou um grunhido. Quinlan parou no fim do corredor.

— Aqui está, senhores. Preservado como no dia em que ele morreu. Queremos transformar em museu quando a grandeza do pobre Fred for finalmente reconhecida pela comunidade científica que tanto o perseguia. — Ela fez uma mesura para indicar que entrassem.

A porta do laboratório do dr. Fred era de madeira, sólida até mesmo para um apartamento pomposo de Nova York. Isso não parecia ter sido empecilho para seu último visitante. Funcionários

diligentes do laboratório forense da polícia tinham varrido a maior parte dos fragmentos, mas o resto estilhaçado da porta ainda estava pendurado nas dobradiças tortas.

Tachyon ainda tinha certa dificuldade em compreender as formas utilitárias e retilíneas dos equipamentos científicos terráqueos. A ciência em Takis era província de poucos, mesmo entre os Lordes Psíquicos; seus equipamentos cresciam de organismos geneticamente modificados, bem como suas naves, ou eram personalizados por artesãos preocupados em fazer cada peça única, significativa. Mas ali ele não teve muita dificuldade. A parafernália que ocupava as bancadas de trabalho fora destruída. Papéis e vidro partido estavam espalhados por todo o lugar.

— O observatório dele era, tipo, aqui? — perguntou Viajante, olhando em volta com sua cartola magnífica nas mãos.

— Ah, não. Ele tinha um observatório em Long Island, onde fazia a maior parte das investigações. Mas analisava os resultados aqui, eu suponho. Tem um quarto escuro e tudo o mais. — Ela pousou uma unha longa no queixo. — Qual é mesmo o nome do senhor? Capitão...?

— Viajante.

— Como naquele livro do Stephen King? Qual era mesmo? *A dança da morte*?

— Hum, não. É que, tipo, costumavam chamar assim o Jerry Garcia. — Quando ela não mostrou nenhum sinal de reconhecimento, ele continuou: — Ele era o líder dos Grateful Dead. Ele, hum, ainda é. Ele não tirou um ás, sabe, como Jagger ou Tom Douglas e...

Ele observou que os olhos dela tinham ficado fora de foco, então foi parando de falar, as palavras se perdendo na grande sala arruinada e entulhada de coisas.

— Doutor, o que são esses respingos escuros em todas as paredes? — perguntou.

Tach ergueu os olhos.

— Ah, isso? Sangue seco, é claro.

Viajante empalideceu e seus olhos se arregalaram um pouco. Tachyon percebeu que mais uma vez ignorara as sensibilidades terráqueas. Para um povo tão robusto, os terrestres tinham estômago muito delicado.

Mesmo assim, até ele ficou surpreso com a selvageria ocorrida no laboratório da cobertura. Havia algo de irracional naquilo, uma emanção psíquica palpável de fúria e maldade. Dada a imaginação limitada da maioria dos policiais que conhecia, Tachyon não estava surpreso de terem considerado Massudo um suspeito plausível; pensavam nele como um lunático demente, uma caricatura de um filme de terror, o que certamente se encaixava com o agressor do dr. Warner Fred Warren. Mas Tach estava mais convencido do que nunca de que aquela criança gentil era incapaz de tal ato, mesmo se tivesse sido provocada.

A editora da *Informer* desapareceu, sem dúvida tomada pela emoção.

— Ei, doutor, olhe isso aqui — chamou Viajante.

Ele estava curvado sobre uma mesa de desenho com fotografias salpicadas de estrelas, olhando atentamente para uma ponta. Tach curvou-se ao lado dele. Havia uma fina mancha cinza e enrugada, como um pequeno lenço de papel que tivesse sido umedecido,

esticado sobre a superfície plástica e deixado para secar. Ela parecia um tanto membranosa, e familiar, de alguma forma.

— O que é isso? — perguntou Viajante.

— Não sei. — Os olhos de Tachyon deslizaram com interesse pelas fotografias. Uma data marcada a lápis à margem de uma delas chamou sua atenção: 5.4.1986, o dia em Warren foi assassinado.

O Capitão Viajante tirou de um bolso um pequeno frasco e um bisturi em uma embalagem de plástico descartável.

— Você sempre carrega esses utensílios? — perguntou Tach, enquanto ele começava a raspar alguns flocos daquele material cinzento.

— Pensei que poderiam ser úteis, cara. Já que eu ia dar uma de detetive e tudo o mais.

Dando de ombros, Tach voltou a atenção para a fotografia com que se intrigara. Estava no topo de uma pequena pilha. Ao pegá-la, descobriu uma dúzia ou mais de fotos que, para seus olhos leigos, pareciam mostrar o mesmo campo estelar.

— Vamos lá, doutor, Capitão Viajante. — Uma voz estranha retumbou detrás deles. — Deem um grande sorriso para a posteridade.

Com uma destreza que surpreendeu até a si mesmo, Tach enrolou as fotos e as deslizou para dentro de uma manga do volumoso casaco enquanto se virava para encarar o intruso. Martha Quinlan estava na sala, sorrindo, enquanto um jovem negro se ajoelhava para bater um flash tão poderoso que poderia ter dirigido um raio laser a Marte.

Com certa relutância, Tach tirou os dedos do punho de madeira da Magnum .375 bem escondida no coldre de ombro sob seu casaco amarelo.

— Imagino que a senhora tenha uma explicação para isso — disse ele com uma frieza takisiana.

— Ah, este é Rick — disse Quinlan. — É um dos fotógrafos da nossa equipe. Eu *tinha* que trazê-lo aqui para registrar este evento.

— Senhora, sinto informar que não faço isso pela notoriedade — disse Tach, alarmado.

Erguendo-se, Rick deu um aceno tranquilizador.

— Não esquentar, cara — disse ele. — É apenas para nossos arquivos. *Pode confiar.*

— Tezcatlipoca — disse o dr. Allan Berg, jogando a folha impressa de volta no topo de uma pilha de livros, papéis e fotos sob a qual sua mesa supostamente se ocultava.

— É o quê? — perguntou Viajante.

— 1954C-1100. É uma pedra, senhores. Nada mais, nada menos.

O pequeno escritório tinha um odor forte de suor e tabaco. Viajante olhava o campus de Columbia pela janela, observando um esquilo cinzento em uma árvore de bordo guinchar para um garoto negro que passava com um estojo de trompa.

— Um nome curioso — disse Tachyon.

— É uma divindade asteca. Uma muito mal-humorada, pelo que sei, mas é assim que funciona: se você encontra um asteroide, pode escolher o nome. — Berg sorriu. — Já até pensei em caçar um para dar meu nome. Quem sabe... é uma forma de imortalidade. — Ele parecia um simpático rapaz judeu; olhos ansiosos, rosto longo e

ovalado e nariz grande, mas seu cabelo cacheado era grisalho. Usava camisa azul e gravata marrom sob um suéter de fio tão grosso que daria para pescar com ele. E tinha um jeito contagiante.

— É grande o suficiente para, tipo, causar algum dano se cair aqui? — perguntou Viajante. — Ou é mais exagero?

— Não... hã, Viajante. Garanto que não é.

Ele estranhava um pouco os codinomes. Os comuns, especialmente na região de Nova York, ainda não tinham se acostumado aos ases, ainda mais com os que imitavam heróis dos quadrinhos antigos e usavam uniforme colorido. E o Capitão Viajante era mais estranho que a maioria.

— Tezcatlipoca tem uma forma oblonga de ferro-níquel de mais ou menos um quilômetro por um quilômetro e meio, e pesa mais de um milhão de toneladas métricas. Dependendo do ângulo em que batesse, poderia criar maremotos e terremotos devastadores, e efeitos como o hipotético inverno nuclear; seria plausível que rachasse a crosta ou destruísse boa parte da atmosfera. Quase certamente seria a maior catástrofe registrada na história... Eu poderia dar uma estimativa melhor se parasse para desenvolver o assunto, mas não vou. Porque ele não vai atingir o planeta. — Allan tomou café de uma caneca rachada. — Pobre Fred.

— Admito que fiquei surpreso de ouvi-lo falar com tanta estima dele, quando liguei — disse Tachyon.

Berg baixou a caneca e encarou o líquido preto e morno.

— Fred e eu frequentamos o MIT juntos, doutor. Fomos colegas de quarto por um ano.

— Mas pensei que o dr. Warren fosse maluco — comentou Viajante.

— Era o que diziam. E ele era maluco, por mais que eu odeie admitir. Mas não era um maluco *qualquer*.

— Não consigo imaginar como um cientista experiente poderia defender as teorias que deixaram o dr. Warren, hum...

— Famoso, doutor. Pode falar. Tem certeza de que não aceitam um café?

Eles recusaram com educação. Berg suspirou.

— Fred tinha uma vontade de aço, por assim dizer. E uma veia romântica. Sempre acreditou que existiam coisas fantásticas no universo... antigos astronautas, máquinas alienígenas na Lua, criaturas desconhecidas da ciência. Queria ser o primeiro a sair e provar a existência de todas as coisas que os cientistas respeitáveis zombavam. — Ele abriu um sorriso triste. — E quem sabe? Quando Fred e eu éramos crianças, as pessoas achavam a ideia de vida inteligente em outros planetas improvável. Talvez ele pudesse ter conseguido. Mas Fred era impaciente. Quando não via os resultados que queria... bom, ele começava a vê-los de qualquer jeito, se é que os senhores me entendem.

— Então é verdade o que o dr. Sagan disse no artigo do *New York Times* — disse Tachyon. — O dr. Warren encontrou uma rocha que a intervalos regulares entra na rota da Terra e a pintou como um grande perigo.

Berg franziu a testa.

— Com todo o respeito, dr. Sagan se enganou dessa vez. Senhores, o dr. Warren tinha uma capacidade infinita de se iludir, mas não era apenas um tolo que o *Informer* achou por aí. Ele sabia como usar uma efeméride, certamente tinha conhecimento do histórico do 1954C-1100. Era um astrônomo treinado e muito bom

com detalhes técnicos e observacionais. — Allan balançou os cabelos desgrenhados. — Como ele se persuadiu a acreditar nessa maluquice sobre o Tezcatlipoca, só Deus sabe.

Viajante estava limpando os óculos na sua fantástica gravata-borboleta.

— Alguma chance de ele estar certo, cara?

Berg riu.

— Me perdoe, Viajante, mas a aproximação mais recente do Tezcatlipoca foi vista e traçada há oito meses por astrônomos japoneses. De fato, haverá uma intersecção com a rota orbital da Terra, mas bem longe do planeta em si.

Ele se levantou, ajeitando o suéter que subira até o meio da barriga.

— É uma pena, senhores. Ah, não isso aqui — disse ele, batendo na pança incipiente —, mas o desserviço que Fred fazia aos colegas cientistas. Nossos instrumentos são muito mais sofisticados que os existentes na última vez que o Tezcatlipoca passou, em 1970. E, ainda assim, qualquer astrônomo que ousa apontar seu telescópio na direção dele acaba no mesmo saco com Von Däniken e Velikovsky para sempre.

Era tarde da noite. Tach estava jogado em uma cadeira em seu apartamento escuro, usando um terno de smoking marrom, ouvindo Mozart em violinos, bebendo conhaque e ficando cada vez mais sentimental, quando o telefone tocou.

— Doutor? Sou eu, Mark. Descobri uma coisa.

O tom de voz do amigo dissipou a neblina de conhaque como uma mangueira de incêndio.

— Sim, Mark, o que é?

— Acho que é melhor você vir ver pessoalmente.

— Estou indo.

Quinze minutos depois, ele estava no andar acima da Cosmic Pumpkin, boquiaberto e paralisado.

— Mark? Você tem um laboratório completo em cima da loja?

— Não está completo, cara. Não tenho nenhum equipamento em grande escala, nem microscópios de elétrons, nem nada disso. Apenas o que consegui ir juntando ao longo dos anos.

Parecia um cruzamento de um laboratório científico e um apartamento hippie da década de 1960, em um espaço pouco maior que uma despensa. Diagramas de filamentos de DNA e polissacarídeos dividiam a parede com pôsteres dos Stones, Jimi, Janis e, claro, o herói de Mark, Tom Marion Douglas, o Rei Lagarto. Tach sentiu uma pontada ao vê-lo, pois que ainda se culpava pela morte de Douglas, em 1971. Ferramentas de um bioquímico terrestre eram mais familiares a Tach do que as de um astrônomo, então reconheceu uma centrífuga ali, um micrótomo acolá, e assim por diante. Muitos dos aparelhos eram claramente de segunda mão, alguns eram improvisados, mas todos pareciam funcionais.

Mark usava um jaleco e tinha uma expressão sombria.

— Claro, não precisei de nada muito sofisticado depois de ver a cromatografia gasosa daquela amostra de tecido.

Tach balançou a cabeça, percebendo que o grande equipamento espiralado que ele passara o último minuto tentando identificar era provavelmente o bong mais intrincado do mundo.

— O que você descobriu? — perguntou.

Mark passou para ele um pedaço de papel.

— Olha, não tenho dados suficientes para confirmar a estrutura daquela cadeia proteica. Mas a composição química, as proporções...

Tachyon sentiu uma pressão percorrer sua nuca e descer coluna abaixo.

— Biomassa do Enxame — falou em um suspiro.

Mark apontou para um maço de papéis na bancada.

— Você pode verificar as referências, análises da invasão do Enxame. Eu...

— Não, não. Confio no seu trabalho, Mark, mais do que no de qualquer pessoa, exceto eu. — Ele balançou a cabeça. — Então, brotos mataram o dr. Warren. Por quê?

— Que tal descobirmos *como*, cara? Achei que os brotos fossem coisas imensas, como em um filme de terror japonês.

— Inicialmente, sim. Mas uma cultura de Enxame... uma Mãe... como dizer?... *evolui* em resposta aos estímulos. Seu primeiro ataque de força bruta fracassou. Agora ela refinou sua abordagem... como já venho alertando aqueles tolos em Washington que poderia acontecer. — Tachyon comprimiu os lábios. — Suspeito que agora ela esteja tentando emular a forma de vida que antes desprezava. É um padrão comum para esses monstros.

— Então você já teve experiências com essas coisas.

— Eu, não. Mas meu povo sim. Eles são, digamos, nossos inimigos mais cruéis, essas criaturas do Enxame. E nós, os deles.

— E agora eles estão, tipo, se infiltrando entre nós? — Mark estremeceu.

— Acho que ainda estão muito longe de poder passar despercebidos. Mas essa questão me deixou perturbado. Em geral,

nesse estágio de uma incursão do Enxame, eles não são tão seletivos.

— E por que escolheram o pobre Fred?

— Você está parecendo aquela mulher horrível, meu amigo. — Tach sorriu, dando tapinhas no ombro de Mark. — Acho que vamos encontrar a resposta quando rastrearmos esses horrores. O que será nossa próxima missão.

— E Massudo?

Tach suspirou.

— Você tem razão. Vou ligar para a polícia logo pela manhã e contar o que descobrimos.

— Eles nunca vão acreditar nessa história.

— Só me resta tentar. Descanse, meu amigo.

Eles não acreditaram na história.

— Então, o senhor encontrou tecido de broto no laboratório de Warren — disse a tenente da Homicídios responsável pelo caso. Por telefone, ela soava jovem, porto-riquenha, irritada e não a maior fã de *Tisianne brant Ts'ara*, da Casa Ilkazam, no momento. — O senhor está bastante interessado neste caso, para uma testemunha médica perita, doutor.

— Estou tentando cumprir minha obrigação cívica. Impedir que um homem inocente sofra ainda mais. E no processo alertar as autoridades competentes do terrível perigo que ameaça este mundo inteiro.

— Compreendo sua preocupação, doutor, mas sou uma detetive de homicídios. A defesa planetária não é da minha alçada. Até para ir ao Queens eu preciso de permissão.

— Mas eu resolvi um homicídio para a senhora!

— Doutor, o caso Warren está sob investigação pelas autoridades competentes, que somos nós. Temos uma testemunha que identificou Massudo saindo da cena bem na hora.

— Mas as amostras de tecido...

— Talvez ele estivesse criando as amostras em uma placa de Petri. Não sei, doutor. Nem eu tenho as credenciais da pessoa que identificou esse suposto tecido de brotos...

— Garanto que sou um especialista em bioquímica alienígena...

— Em muitos sentidos.

Ele afastou o fone por um momento; estava começando a gostar daquela mulher.

— Não estou dizendo que duvido do senhor, doutor. Mas não posso só dar um o.k. e liberar o homem. Depende do advogado jurisdicional. Leve o que o senhor tem para o advogado de Massudo e peça a ele para apresentar. E, se o senhor realmente encontrou mais brotos, sugiro que leve ao general Meadows, na SPACECOM.

O pai de Mark.

— E mais uma coisa, doutor.

— Pois não, tenente Arrupe.

— Saia do caso ou vou chutá-lo dele à força. Não preciso de amadores complicando ainda mais a situação.

Crisálida o encarou com aquele rosto transparente e ossos de porcelana.

— Algo estranho acontecendo no Bairro dos Curingas? — falou naquele sotaque britânico arrastado. — Por que você acha que algo estranho poderia acontecer por aqui?

Ele estava sentado em uma ponta do bar, bem longe dos *habitués* matutinos. Já frequentara o Crystal Palace, mas nunca se sentia verdadeiramente confortável ali.

— Não apenas no Bairro dos Curingas. Neste lado de Manhattan, desde Midtown.

Ela baixou o copo que estava polindo.

— Está falando sério?

— Quando eu digo estranho, digo estranho para o Bairro dos Curingas. Não estou falando dos protestos na Jokers Wild. Nem do Sombra pendurando algum assaltante em um poste pelos pés. Não estou falando nem de outro assassinato a flechadas por aquele maníaco das cartas de baralho. É algo além da loucura cotidiana.

— Gimli voltou.

Tach bebericou o uísque com soda.

— É o que dizem.

— Quanto você está pagando?

Ele ergueu a sobrancelha.

— Não sou uma fofoqueira de janela, caramba! Pago pelas minhas informações.

— E também recebe. Eu já fiz minha contribuição, Crisálida.

— Sim, mas tem muitas coisas que você não me diz. Coisas que acontecem na clínica... coisas confidenciais.

— Que permanecerão confidenciais.

— Tudo bem. Também negocio com boa vontade nesta comunidade mutante, e você não precisa me lembrar do quanto é influente. Mas algum dia vai acabar indo longe demais, sua raposinha alienígena de cabelo metalizado.

Ele sorriu. Então foi embora.

Trim. Tach entreabriu um olho. O mundo estava escuro, exceto pela iluminação enevoadada de Manhattan e pelo luar que entrava pelas cortinas abertas, colorindo de prateado a bunda nua ao lado dele no colchão d'água. Ele piscou, sonolento, e tentou se lembrar do nome da mulher da bunda prateada. Era uma bela bunda.

Trim. Mais persistente desta vez. Uma das invenções mais satânicas do mundo, o telefone. Ao lado dele, a bunda se remexeu levemente e um par de ombros surgiu de uma ponta do edredom.

Trrrr... Ele atendeu o telefone.

— Tachyon.

— É Crisálida.

— Que prazer em falar com você novamente. Tem ideia de que horas são?

— Uma e meia, e aposto que você não sabia. Tenho algo do seu interesse, querido doutor.

— Quem é, Tach? — resmungou a mulher ao seu lado. Ele deu um tapinha distraído no traseiro dela, tentando lembrar o nome. Janet? Elaine? *Que saco.*

— O que é? — Cathy? Candi? Sue?

Crisálida cantarolou uma canção.

— Pelo amor do Ideal, o que foi isso? — perguntou Tach. Mary? *Malditas sejam Crisálida e sua musiquinha desgraçada.*

— Uma canção que costumávamos cantar no acampamento, quando eu era criança.

— Você me ligou à uma e meia da manhã para cantarolar uma música de acampamento?

Belinda? Estava começando a passar dos limites.

— *E todos os gatos e cães dos vizinhos nunca mais foram vistos/ Viraram todos salsicha na máquina de Johnny Rebeck.*

Tach se sentou.

— O que houve? — perguntou a mulher ao seu lado, o tom agora petulante, virando para ele um rosto cheio de sono, coberto por cabelos escuros.

— Você descobriu alguma coisa.

— Como eu disse, meu amor. Não do Bairro dos Curingas, mas nas cercanias. Perto de Division, para os lados de Chinatown. Cães e gatos desaparecendo... vira-latas de rua, animais de estimação; o povo daqueles lados não se preocupa com as leis da coleira. E pombos. E ratos. E esquilos. Vários quarteirões sem nenhum dos animais urbanos comuns. Piadas sobre a cozinha oriental à parte, acho que isso pode ser qualificado como evento estranho.

— Sim. — *Pelos ancestrais, sim!*

Ela fez um som satisfeito.

— Você me deve uma, Tachyon.

— Devo mesmo — respondeu, e começou a se levantar da cama, desejando, em nome da educação, lembrar-se do nome da jovem para poder mandá-la embora.

— E, a propósito — disse Crisálida —, o nome dela é Karen.

— Doutor — disse Viajante através de uma nuvem da própria respiração —, você tem ideia do que a Brenda me *chamou* quando eu liguei pedindo que ela fosse cuidar de Sprout a esta hora da noite?

Aquela era a primeira vez que ouvia Mark reclamar, desde que o conhecera, havia algumas semanas. Ele se compadeceu.

— Não quero nem imaginar, querido Mark. Mas isso é crucial. E sinto que não temos tempo a perder.

Mark relaxou.

— Sim. Você tem razão. Massudo está com problemas muito piores do que os meus. Desculpe, doutor.

Tachyon olhou para aquele homem, um cientista brilhante com problemas que o levaram a virar pouco mais que um indigente, e sentiu uma admiração real. Tocou o braço do amigo.

— Não foi nada, Mark.

Ali perto, os carros passavam sobre a ponte de Manhattan. Estavam em uma ruela escura em uma parte decadente da cidade, com pequenas lojas e cantos obscuros e agiotas e casarões abandonados, prédios cinzentos em ruínas aqui e ali, com janelas quebradas sob a iluminação de um único poste de luz turva. Não era hora para se estar do lado de fora, mesmo sem a perspectiva de ameaça sobrenatural.

— Pode ser apenas um alarme falso — disse Tach. — Quando Crisálida contou sobre os animais desaparecendo, me ocorreu que os brotos precisam de comida e, a menos que esta cultura avance mais rápido do que todas que já vi, eles não estão em condições de ir até um mercado e comprar.

Tach parou, encarou o amigo e segurou-o pelo braço.

— Entenda, Mark. Pode não haver nada aqui. Mas, se encontrarmos o que estamos procurando, teremos que enfrentar um monstro saído de um filme de terror. Mas é real. É o inimigo de cada organismo vivo deste planeta e não tem nenhum escrúpulo.

Timidamente, Mark apontou para o quarteirão adiante.

— Seria algo parecido com aquilo ali, cara?

Tach o encarou por um momento. Devagar, virou a cabeça para a direita.

Uma figura estava parada na esquina mais próxima do viaduto. Estava envolta em um casaco e com um chapéu enfiado na cabeça, mas mesmo assim não havia como esconder as proporções muito diferentes da de um ser humano normal.

— Com licença, cara — disse Viajante. Ele se soltou e, segurando o chapéu na cabeça, saiu correndo e virou a esquina com os joelhos tremendo e passos sonoros.

Covarde!, pensou Tach, ficando furioso. Mas em seguida ponderou: *Não, eu não posso ser tão duro com ele, pois Mark não é um guerreiro e essa é uma ameaça desconhecida para sua espécie.* Ele endireitou os ombros, ajeitou a gravata e se virou para enfrentar a criatura.

A coisa deu um passo oscilante para a frente, então outro. O pé fez um som de sucção ao se descolar do asfalto. Atrás dele, outra figura espreitava da escuridão, vestida da mesma forma, seus contornos diferentes, mas similares. *Ah, Benaf'saj, você tinha razão em duvidar de mim. Não pensei que poderia haver dois.* Ele preparou seu espírito para a morte.

— Doutor.

Tachyon olhou para o lado. Havia uma jovem ali, vestida de preto dos pés à cabeça, exceto pelo símbolo do *yin-yang* no peito. O emblema combinava com a máscara preta que fazia uma curva da bochecha esquerda até o lado direito da testa, deixando metade do rosto descoberta. Ela era mais alta que ele, com um cabelo preto e lustroso. O que via do rosto dela parecia oriental e de uma beleza estonteante.

Ele fez uma medida cortês, mas breve.

— Acredito que não tenhamos sido apresentados.

— Sou a Menina Lua, doutor. E tive a honra de conhecer o senhor... mesmo que não tenha sido pessoalmente, por assim dizer.

Sob a agitação do pânico, Tachyon começou a entender.

— Você é um dos amigos do Capitão Viajante.

— Isso.

O perigo sempre o deixava cheio de energia. Ao menos essa foi a desculpa que usou depois para o desejo que o dominou naquele momento.

— Minha querida — ele sussurrou, segurando as mãos dela —, você é a coisa mais bela que estes olhos contemplam em eras...

Mesmo no brilho difuso, ele a viu corar.

— Farei de tudo para ajudá-lo, doutor — respondeu ela, entendendo errado... ou não.

Ela se afastou rodopiando rua abaixo, tranquila e equilibrada, e parecendo mortal como um leopardo à espreita. Ele admirou sua aura de força, a graça ágil, o formato da bunda sob a roupa preta e justa — Tach estava rodeado por bundas naquela noite. Correu atrás dela, cedendo à relutância takisiana em deixar uma mulher enfrentar perigo.

A vinte metros do broto mais próximo, Menina Lua partiu para o ataque; a dez metros, lançou-se para o alto com uma desenvoltura que o surpreendeu. Ela deu uma pirueta no ar, dobrou uma perna para trás e girou ao desferir uma voadora perfeita no ombro do monstro. Houve um som seco de esmagamento, como uma abóbora lançada ao chão. A coisa recuou. Ainda girando, a Menina Lua se recuperou, tocou levemente o chão e voltou à posição de batalha.

O braço do monstro caiu. Despencou da manga do casaco.

Ela enlouqueceu.

De repente, ela estava por todo lado, sem sequer se mover. Gritando, uivando, debatendo-se como uma briga de gatos, enquanto o tempo todo continuava na calçada. *Mas ela começou tão bem*, pensou Tachyon, lamentoso.

Por um momento, os brotos pareceram fitá-la também. Então os dois se viraram ao mesmo tempo para Tachyon, seus receptores químicos alertando-os para a proximidade de um odioso, temível takisiano. Uma manga vazia tremulava de forma grotesca na lateral do primeiro broto.

Tach buscou a mente da coisa. Era como uma névoa sufocante. Seu pensamento passou despercebido pela difusão de sinais eletroquímicos que formavam a mente do monstro.

Sem surpresa, ele sacou a Smith & Wesson de cano curto, abriu as pernas para firmar sua posição, segurou a arma com as duas mãos, mira alinhada no centro daquela massa desagradável, respirou fundo, segurou o fôlego e apertou o gatilho duas vezes. A pistola produziu uma quantidade muito satisfatória de chama, coice e barulho. Nada mais.

Chocado, ele abaixou a pistola. A fera estava a vinte metros de distância; não teria errado àquela distância. Então viu dois pequenos buracos, bem onde deveriam estar, um de cada lado do casaco abotoado. Ataques mentais não eram a única coisa que passava direto por um broto.

— Estou encrencado — anunciou. Ele mirou na sombra por baixo do chapéu de brim e deu mais dois tiros. O chapéu voou. Assim

como grandes pedaços da massa de batata podre que servia de cabeça para a criatura. Ele avançou.

A Menina Lua havia parado de gritar e se debater, e estava sentada com as mãos entre os joelhos, observando atentamente.

— Balas não adiantam — disse ela, a voz rouca de tanto gritar. — Eles... eles não são humanos.

— Muito bem observado. — Ele disparou os últimos dois tiros e começou a recuar, buscando no bolso um carregador rápido, torcendo para ainda ter algum.

— Pensei que tivesse mutilado um ser humano, um curinga — disse ela.

Menina Lua ficou de pé e correu na direção de um prédio à direita de Tach, cruzando por trás dos brotos cambaleantes e lançando-se no ar outra vez, agora em uma trajetória que Tach jurava que a levaria ao terceiro andar do edifício. Mas ele não teve como saber, porque ela sumiu ao entrar sob a sombra do prédio.

E reapareceu segundos depois, os pés esticados à frente para atingir o segundo broto. Roupas se rasgaram, biomassa cedeu, e a criatura simplesmente se desintegrou enquanto ela atingia o solo e rolava.

Em um instante ela estava em pé novamente, correndo, e então agachando-se para se apoiar sobre a mão enquanto a perna se movia em uma rasteira. As pernas do primeiro broto se desgrudaram abaixo do joelho. Ele aterrissou sobre os tocos e continuou a caminhar, sem se perturbar. Com ar sério, a Menina Lua terminou o serviço.

As sirenes soavam alto no céu quando ela parou. Tachyon aplaudiu suavemente enquanto Menina Lua caminhava até ele.

— Devo desculpas à senhorita pelo que cheguei a pensar a seu respeito.

Ela fez menção de jogar os cabelos para trás, então olhou para os dedos e usou o pulso em vez disso.

— Não precisa se desculpar, doutor. Teve motivo para pensar o que pensou. Mas não devo nunca usar minhas artes para prejudicar permanentemente um ser pensante. E pensei que tivesse.

Ele a puxou para um abraço e a Menina Lua recostou a cabeça em seu ombro. *De fato*, ele pensou. Não conseguia imaginar como explicaria aquilo para Mark...

Ela se afastou.

— Não posso ser vista aqui. Perguntas demais.

— Mas... espere. Não vá... há tanto o que dizer!

— Mas não há tempo. — Ela o beijou na bochecha. — Tome cuidado, Pai — disse ela, e mais uma vez desapareceu.

— Então o senhor realmente descobriu uns brotos, doutor — disse a tenente Pilar Arrupe, tirando um *cigarrillo* preto com piteira de plástico da boca. — Você certamente é a testemunha perita mais ativa que já vi.

“*Pai*”, ele estava pensando. *Um honorífico, só isso.*

— E com certeza destruiu aqueles filhos da mãe — observou um patrulheiro, que segurava sua espingarda de festim como a um talismã.

— Com uma ajudinha dos amigos, dr. Smith e dr. Wesson — comentou outra pessoa.

As ruas estavam cheias de luzes azuis piscando e uniformes e equipes de reportagem.

— As armas não são de grande ajuda contra os malditos do Enxame — disse o primeiro policial.

— Então como você derrotou essas criaturas, doutor? — perguntou um repórter, empurrando a estrutura fállica do microfone sob o seu nariz.

— Artes marciais místicas.

— Tire esses babacas daqui — disse Arrupe.

Para decepção de Tach, ela não era bonita. Era atarracada e tinha pernas grossas, rosto de buldogue e cabelo curto e crespo, como o de Brenda, da Pumpkin. Tinha sardas escuras no nariz achatado e arrebitado, mas os olhos eram penetrantes como cacos de vidro.

— Bem, tenente — disse ele. — Vai liberar o Massudo agora?

— Você pegou um suposto material de brotos no laboratório da vítima e espalhou pedaços inquestionáveis de brotos por uma rua inteira. Mas se antes eles pareciam bebês do Godzilla, agora parecem indigentes, o que eu não sei se é uma melhoria. É uma bagunça e tanto.

— A senhora não vai...

— Tenho uma testemunha, doutor.

— Minha nossa, mulher, não tem compaixão? Não se importa com a justiça?

— O senhor acha que acabei de pular de um bote direto de San Juan? Trata-se de um cidadão decente, que não saberia diferenciar o Massudo do papa, não tem rixa com curingas, e ele descreveu o rapaz pessoalmente. E não venha me dizer que testemunhas não são confiáveis. Elas são. E esta é *séria*.

Tach passou a mão pelos cabelos com raiva.

— Deixe-me falar com ele.

Ela revirou os olhos.

— É importante. Alguma coisa está acontecendo, além do caso Massudo. Eu sei disso.

— O senhor tem algum tipo de *brujería* alienígena em mente.

Tach abriu um sorriso sedutor.

— Mas é claro.

Ela cedeu.

— Você vai virar um herói depois desses brotos, doutor. E entende mais dessa coisa do que eu. — Virando-se, ela continuou:

— Mas se o senhor me ferrar com uma queixa de liberdade civil sobre isso, *manito*, eu acabo com a sua raça.

Assim que tocou aquela mente, ele soube.

Era um dentista, um homem baixo, atlético e rosado, com seus cinquenta anos, que morava no prédio ao lado do de Warren. Estava passeando com o cachorro pelo quarteirão — um ato ousado àquela hora da noite — e viu um homem de aparência peculiar saindo da ruela atrás dos prédios. O homem parou por um momento, a pouco mais de três metros de distância, olhou o intrépido dentista direto nos olhos e saiu cambaleando para o Central Park.

A história batia com o que as outras duas testemunhas disseram, uma das quais era o zelador do prédio de Warren, que estava investigando uma porta traseira arrombada quando foi atacado pelas costas, enquanto a outra era uma mulher que, por razões particulares, estava observando o beco de seu apartamento, do outro lado da rua. Os dois vislumbraram de relance uma forma grande e pálida, que parecia um homem, saindo da porta dos

fundos e descendo a ruela. Mas nenhum podia oferecer algo além de uma descrição geral.

Tachyon precisou apenas tocar a mente do dentista para saber que sua história não era verdadeira. Não uma mentira; ele acreditava nela implicitamente. Porque fora implantada.

Relutante, Tach foi mais fundo. O antigo trauma de Blythe diminuía, ele não mais suava frio com o mero pensamento de usar seus poderes mentais; não era isso. A natureza do implante revelava claramente que tipo de ser o fizera. Tudo que restava era descobrir o indivíduo entre algumas poucas alternativas. O doutor tinha uma boa suspeita.

De certa forma, não importava. As implicações já eram inescapáveis.

E mais monstruosas do que qualquer coisa que Tach imaginara.

— Tenho aversão a este lugar — resmungou Durg at’Morakh bo Zabb Vayawand-sa enquanto subiam a vacilante escada dos fundos de seu flat em uma esquina pouco badalada do Village.

Rabdan olhou com desprezo por sobre seu ombro ornado com uma insígnia dourada.

— Como você pode reclamar se ainda nem entrou?

— O Guardião, aquele com a estranha face cadavérica, não queria me deixar entrar.

— Ha! O que os Vayawand diriam se soubessem que um de seus preciosos garotos Morakh permitiu que um terráqueo lhe dissesse não? De fato, o esperma deles anda fraco.

Durg flexionou a mão capaz de desintegrar granito. A sarja branca e grossa da manga do seu uniforme se abriu no bíceps com um som

parecido com o de um tiro de pistola.

— Zabb brant Sabina sek Shaza sek Risala ordena que eu lute apenas quando necessário para a missão — disse ele entredentes. — Mesmo tendo mandado que eu servisse a um imprestável como você, para testar minha devoção. Mas aviso: algum dia, sua incompetência o fará perder a preferência do mestre. E, nesse dia, arranco seus braços e pernas, homenzinho, e esmago sua cabeça como uma espinha.

Rabdan tentou rir. Não saiu direito, então tentou de novo.

— Tão hostil. Uma pena você não ter visto: uma mulher esfolada, uma serva desmaiada; bom entretenimento. Quando os terráqueos forem destruídos, alguns raros talentos serão perdidos, preciso admitir.

Chegaram ao patamar e à porta. Rabdan fez uma pausa do lado de fora e franziu a testa enquanto a mente sondava lá dentro. Não podiam ser emboscados por ladrões terráqueos. Durg estava alguns degraus abaixo, em silêncio. Seus parentes eram da classe dos Lordes Psíquicos, mas, como a maioria dos Morakh, ele era praticamente um cego psíquico. Se Rabdan detectasse perigo, então ele cumpriria sua função.

Satisfeito, Rabdan destrancou a porta e entrou. Durg o seguiu, fechando-a atrás de si. Então uma figura surgiu do corredor que levava aos quartos.

— Tisianne! Mas eu sondei...

— Você, de todo o povo do meu primo, nunca conseguiria lançar uma sonda que eu não fosse capaz de desviar — disse Tachyon. — É mau presságio para todos nós que eu tenha encontrado vocês aqui. De fato, talvez seja mau presságio para todos de Takis.

— Mas é pior para você — disse Rabdan. Ele deu um passo para o lado. — Durg, desmembre-o.

— O monstro de Zabb! — chiou Tach, sem pensar.

— O pequeno príncipe — disse Durg. — Será um prazer.

Uma segunda figura apareceu ao lado de Tachyon.

— Quem são eles, doutor? — perguntou Menina Lua, estreitando um pouco os olhos à luz brilhante da única luminária na mesa baixa.

Ela viu um homem pequeno — claramente identificável como um takisiano, mesmo para ela — com feições delicadas, cabelos loiros metálicos e olhos pálidos arregalados que piscavam rapidamente. Já a criatura marchando pelo carpete gasto da pequena sala de estar ela achou mais difícil de classificar. Era baixo, pouco mais de um metro e meio, mas terrivelmente musculoso, literalmente quase tão largo quanto alto. Ainda assim, tinha a cabeça de um lorde elfo takisiano, de feições longas, delicadas e austeras; belo. O contraste era surpreendente.

— Rabdan, o puxa-saco do meu primo — disse Tach —, e seu monstro, Durg.

Mesmo depois de viver quatro décadas entre os curingas, Tach ainda não tinha estômago para a visão do assassino Morakh. Aquilo não era um terráqueo semitakisiano deformado com alguma grotesca desfiguração; era a visão mais abominável para o povo de Tach, uma perversão da própria forma takisiana. Parte do que tornava os Morakh tão terríveis na guerra era a repugnância que causavam aos inimigos.

— Ele é uma criatura gerada por uma família hostil à minha. Uma máquina assassina orgânica, poderosa como um elefante, treinada à perfeição. — Durg tinha parado com a testa perfeita franzida pela

chegada da Menina Lua. — Mesmo para os nossos padrões, eles são quase indestrutíveis. Zabb pegou este em um ataque quando ele era filhote, e a criatura transferiu sua lealdade a ele.

— Doutor, como você pode falar de um ser humano dessa forma?

— Ele não é humano — disse entredentes —, e *cuidado com ele*.

Atarracado como um troll, Durg se moveu com uma velocidade imbatível para um humano. Mas a Menina Lua não era estritamente humana; independentemente do que fosse, ou de onde viesse, era uma ás. Ela agarrou a manga bordada a ouro do braço que se esticara para pegá-la, puxou-a e girou os quadris. Durg passou direto para bater na parede em uma explosão de gesso.

— Como você nos encontrou? — perguntou Rabdan, recostando-se no batente da porta.

— Uma vez que encontramos o homem cuja mente você adulterou, eu soube que os takisianos ainda estavam na Terra — disse Tach, desviando-se de Durg —, e pela técnica fajuta deduzi que só podia ter sido você. Assim que soubemos o que procurar, não foi difícil encontrá-los. Sua aparência é peculiar, e vocês obviamente não se esconderiam em algum armazém abandonado, vivendo de ratos e gatos de rua, como os brotos. Claro que eu não imaginei — ele fez sinal com a cabeça na direção do uniforme branco e dourado de Rabdan — que mesmo vocês seriam tolos o bastante para se aventurar por aí no traje de Zabb.

— Os terráqueos acharam que era a última moda. E se você é um dos cisnes, não pode se vestir como um pato.

— Quando a missão do cisne... — Durg surgiu do buraco que fizera na parede de gesso, gemendo e sacudindo o pó do corpo — é se passar por um pato, pode, sim.

Durg avançou e desferiu um poderoso golpe de mão que atingiu Menina Lua nas costelas e a lançou contra a bancada que separava a sala de estar da cozinha. Lascas de madeira voaram. Tach deu um passo à frente, gritando. Durg se voltou para ele com um sorriso.

A Menina Lua ressurgiu da bancada destruída, deu dois pequenos passos adiante e chutou Durg na lateral do joelho. A perna dele se dobrou. Ela desferiu um segundo chute na lateral de sua mandíbula. Ele gemeu — ergueu a mão, agarrou-a pelo tornozelo e puxou Menina Lua para a frente, ao alcance de seu outro braço.

Ele tentou agarrá-la com mais força e Tach avançou novamente, mas então a mão de Rabdan surgiu de sua túnica com o brilho fosco e preto de uma arma.

— Pare ou eu acabo com você agora, Tis.

Menina Lua deu uma cotovelada no topo da cabeça de Durg. Tach ouviu os dentes batendo como uma ratoeira se fechando. Ela bateu nas orelhas dele com força, as mãos em concha. Durg gemeu, balançou a cabeça, e Menina Lua se contorceu até se livrar dele.

... Durg estava em pé, encarando-a. Ela mirou um chute no peito dele, que bloqueou o golpe sem esforço. Ela voou para cima dele com fúria, chutando a cabeça, o joelho, a virilha. Durg recuou vários passos e então, quando ela atacou novamente, saltou e revidou com as duas pernas, chutando a Menina Lua através da sala para arrebenhá-la contra a parede externa.

Tachyon hesitou. Podia tentar se apossar da mente de Durg, mas toparia com a capacidade psiônica única que os Morakh possuíam, uma resistência quase intransponível à coerção mental. Enquanto estivesse concentrado em Durg, Rabdan o mataria... se tentasse combater os fracos escudos de Rabdan, Durg mataria Menina Lua.

Ele pegou a pistola, esperando que a garota não pensasse muito mal dele...

Ela se mexeu. Durg ficou chocado; quando chutava alguém com tanta força, a pessoa permanecia apagada. Ele avançou de forma imprudente.

Menina Lua o encontrou no meio do caminho. Agarrando-lhe a frente da túnica, ela se jogou para trás, apoiou as botas na barriga de Durg e lançou-o pelo ar. A força combinada do salto dele com o impulso dela lançou-o como uma bala através da parede do quarto andar.

— Ai, meu Deus — disse ela, erguendo-se. — Espero não ter machucado ele. — Menina Lua correu até o buraco. — Ele ainda está se movendo. — Ela saltou para a rua sem hesitar.

Pensando que ela conseguia se virar muito bem, Tach a deixou ir, ainda surpreso. Durg era tão forte quanto alguns dos ases humanos mais poderosos. Menina Lua, embora tivesse força sobre-humana, não era páreo para ele — havia dominado-o apenas com habilidade. Durg, o mestre assassino.

Rabdan saiu de seu estado atônito e escancarou a porta. A mente de Tachyon agarrou a dele como mão de ferro. E espremeu.

— E agora, amigo — ele falou —, vamos conversar.

A situação era ruim. Rabdan era um incompetente e mais do que covarde. Ainda assim, era um Lorde Psíquico, e enfim resolvera se comportar como um, piorando as coisas. Nenhum escudo comum que ele pudesse erguer conseguiria refrear o sutil Tisianne de espiar até a última migalha de informação em seu cérebro. Mas Rabdan, em situação extrema, resolver ser heroico e acionou a trava mortal,

deitando seu nome sobre ela. *Ele inteiro* se opunha a Tachyon, e nenhuma sutileza, nenhum artifício ou força poderia superar aquela oposição e deixar qualquer parte de Rabdan intacta.

Talvez aquela fosse a astúcia final de Rabdan: sabendo do coração mole de seu primo distante, achou que Tisianne evitaria a solução final de abrir sua mente, pedaço a pedaço.

O discernimento de Rabdan nunca foi dos melhores.

Alegria, alegria, alegria. Meu mestre volta novamente e tão rápido. Ou tem algo errado para ele de repente ter tanto tempo assim para mim?

Corta essa, Baby.

— Oi, *Baby*. E aí, tudo bem? — Ela piscou suas luzes em um cumprimento alegre e abriu uma passagem em sua lateral.

Claro que a maldita rocha estava a caminho da Terra. Os aliados de Zabb a desviaram meses atrás. Não muito; exigiria quantidades tremendas de força para mudar o momento de uma massa daquelas até qualquer valor notável. Uma fenda de um grau, pouco perceptível, mas, com o passar do tempo, suficiente.

Era uma rocha familiar para os terráqueos; seu reaparecimento não causava comoção. Mesmo assim, Rabdan e Durg foram enviados à Terra para garantir que seus destinatários não percebessem que o itinerário havia sido alterado. Que sorte, então, quando a mudança no curso foi notada por um homem a que absolutamente nenhuma autoridade daria ouvidos — cuja alegação da descoberta da rocha, por assim dizer, significava que todos os outros cientistas do planeta a ignorariam. Os takisianos não poderiam ter pedido por algo melhor para selar o destino do planeta.

Ninguém perceberia o que estava acontecendo até o asteroide estar tão perto que sua rota seria incontornável. E aí seria tarde demais, nem todas as armas termonucleares dos estoques do planeta poderiam evitar a desgraça a caminho.

Mas o aliado deles entrara em pânico. O aliado de Zabb. Embora odiasse o primo, Tachyon mal podia acreditar naquilo.

A extensa massa de perversidade que era a Mãe do Enxame detectara a *Hellcat* flutuando na órbita do mundo que ela almejava, da sua forma turva e insistente, dominar, e atacou. E então, por suas próprias razões maléficas, assim que o ataque foi repellido, o cão de guerra dos Ilkazam fez uma aliança com o maior inimigo da sua casa — de todos os takisianos.

Juntos, os dois traçaram um plano. Semiconsciente, a Mãe percebeu apenas que o plano havia sido detectado quando o dr. Warren fez seu anúncio. Agiu às pressas, deixando Rabdan para tentar lidar com a bagunça que ela havia feito.

Pareceu mais um golpe de sorte encontrar nas ruas do Bairro dos Curingas um ser que podia ser confundido com um broto. Assim, Rabdan e Durg foram até o Central Park e fabricaram uma testemunha. *Como pode dar errado?*, Rabdan bravateara para seu camarada.

Tach dera a Rabdan a misericórdia final que nenhum takisiano podia negar a outro. A Menina Lua acreditou que o coração dele parou inesperadamente sob a sonda mental, e Tach sentia-se mal pela mentira. Ele levou as imagens roubadas do laboratório de Warren para *Baby*. Sua análise astrogacional confirmou a história de Rabdan. Uma sessão de planejamento apressada, uma noite gasta tentando dormir.

Agora, Viajante e Tachyon estavam prontos para lançar um esquema genuinamente insano para Salvar o Mundo. Não havia tempo para pensar em outro. Talvez já fosse tarde demais.

E, lá fora, Zabb aguardava. Zabb. Que assassinara a *Kibr* de Tach. E traíra todos os takisianos. Em sua nave de guerra: Zabb.

Jake cambaleava pela rua segurando sua garrafa de La Copita dentro de um saco de papel. Não era algo esperto de fazer na orla do Bairro dos Curingas àquela hora da noite, ainda mais para ele, um comum, e bêbado como estava. Mas Jake não sabia muito bem para onde estava indo desde que aquele merdinha com cabeça de iguana o botou para fora do bar por arranjar confusão. Ainda bem que ele tinha uma garrafa reserva no bolso do casaco.

Um ronco tomou seu ouvido. Ele parou e observou quando o topo de um prédio foi decepado bem à sua frente — sem explodir, sem implodir, mas saindo em um só pedaço, impecável, como a tampa de uma caixa. Ele pousou gentilmente no telhado do prédio ao lado, e então uma concha gigantesca, toda coberta com pequenos pontos de luz, flutuou para fora do edifício. Nenhum som saía dela, que pairou contra o céu laranja embotado enquanto o telhado flutuava de volta para o lugar. Então, a concha se inclinou para cima e sumiu, partindo para a Grande Escuridão.

Deliberadamente, Jake caminhou para o bueiro mais próximo e, com mira precisa, lançou para dentro dele sua garrafa de La Copita pela metade. Então, se mandou rapidinho para longe do Bairro dos Curingas.

— Nunca pensei em, tipo, pilotar uma espaçonave direto do quarto, cara — disse Capitão Viajante, visivelmente encantado.

— Acho que seu povo chama isso de cabine, não é?

Na verdade, parecia um cruzamento de um harém otomano com as cavernas de Carlsbad. No centro havia uma imensa cama de dossel cheia de grandes almofadas, e Tach estava deitado no meio dela, usando um roupão. Havia muito ele jurara morrer na cama; a biotecnologia takisiana tornou possível alcançar esse objetivo e um fim heroico ao mesmo tempo, se assim desejasse.

— Não há centro formal de comando... ponte de comando?... em uma nave como esta. Na maioria das naves de guerra, como a *Hellcat* do meu primo, existe, mas em uma nave de passeio, não. — Ele sentiu um tremor de fúria vindo de *Baby* à menção de *Hellcat*. Eram rivais de longa data.

— Uma nave simbiótica takisiana é controlada psionicamente. O piloto pode receber informações de forma direta, mental ou visualmente. Por exemplo...

Tach gesticulou e uma imagem da Terra surgiu na curva de um anteparo membranoso próximo à cama. Uma linha amarela saía dela, descrevendo sua órbita. Então, como uma animação computadorizada, o globo girou, diminuiu, até aparecer a imagem fora de escala da trajetória completa do voo projetado ao 1954C-1100.

Viajante aplaudiu.

— É incrível, cara. Muito maneiro!

— É mesmo. Vocês, terráqueos, estão tentando criar consciência em seus computadores; nós criamos inteligências capazes de realizar funções computacionais. E muito mais.

— O que *Baby* acha de tudo isso?

A imagem desapareceu. E palavras surgiram: *Fico honrada em transportar lordes como o mestre Tis e o senhor... embora eu tema que esse chapéu enorme do senhor me cutuque.*

Viajante deu um pulo.

— Não sabia que ela podia fazer isso.

— Nem eu. Ela está roubando meus conhecimentos do inglês escrito com um dreno muito sutil... o que é um pouco travesso. Mas *Baby* sabe que sou complacente, e que a perdoarei.

Viajante balançou a cabeça, surpreso. Estava sentado em uma cadeira que havia brotado do chão para ele e ajustara-se ao seu corpo quando Tach finalmente convenceu-o a se sentar.

— Não que eu não confie na *Baby* — disse ele —, mas a nave do seu primo não é, tipo, uma nave de guerra?

— Sim. E você não precisa fazer a pergunta que não quer fazer. Em circunstâncias normais, *Baby* não teria nenhuma chance contra a *Hellcat*... e não faça estática na minha cabeça, *Baby*, ou vou bater em você! É verdade. Mas *Baby* é rápida, mesmo tendo perdido a capacidade de voo-fantasma, nenhuma é mais rápida. E manobrável. E, francamente, mais esperta que a *Hellcat*. Mas o fator importante é que a *Hellcat* foi bastante danificada pelo ataque do Enxame. Uma Mãe de Enxame tão antiga e vasta como essa em geral desenvolve armas biológicas, quase como anticorpos, contra takisianos e suas naves-fantasma. Usamos armas similares contra elas, porque apenas uma frota de guerra inteira detém poder de fogo suficiente para danificar mesmo uma Mãe pequena, e já uma infecção se espalha sozinha. Zabb combateu um ataque a bordo, com espada e pistola e armas biológicas, e conseguiu afugentar os

brotos. Mas a *Hellcat* ficou infectada e prejudicada. E, embora tenham contido a doença, ela precisará de um bom tempo para se recuperar.

Então acrescentou em voz suavemente:

— E Zabb sentiu cada um dos ferimentos da nave como se fosse nele mesmo, não importa o que pense dele. — Os olhos de Tachy ardiam.

Viajante balançou a cabeça com tristeza.

— Falar sobre batalhas me deprime, cara.

— Deve ser difícil para você, com as suas convicções pacifistas. Mas seu papel no que está pela frente não é marcial, e eu vou lutar apenas se atacado.

— Mas a Menina Lua lutou. A maioria dos outros também lutaria. Eu nunca briguei na minha vida. Bati apenas em uma pessoa, e *e/le* se esquivou e quebrou meu nariz, e aí um dia eu, tipo, me vi no corpo de outra pessoa, jogando um alienígena musculoso através da parede.

— Foi um espetáculo glorioso — disse Tach, rindo, sem conseguir se controlar.

— Ser um ás está se mostrando uma viagem bem louca.

Tisianne, eu a sinto! Hellcat está vindo.

Tach passou a mão pelo cabelo e suspirou.

— Temo que seja chegada a hora, amigo. — Ele pôs as pernas para fora da cama e levantou-se. — Vou te levar até a escotilha.

A iluminação os conduziu até um corredor curvo.

— Tem certeza de que você... ele... consegue encontrar a rocha?
— disse Tachyon.

— Acho que não vão ter muitas outras na vizinhança, doutor.

Aquela escrota está formando a órbita de interceptação. Limite de armas máximo em vinte minutos.

Bloqueie, Baby.

Eles pararam ao lado do esfíncter interno da escotilha de tripulação. Tach e Viajante se abraçaram, ambos chorando, ambos tentando esconder.

— Boa sorte, Mark.

— Para você também, doutor. Diga, esta nave inteira é a *Baby*, não é?

— Isso mesmo.

Constrangido, Viajante se inclinou e beijou levemente uma viga cuja forma fluía como uma estalagmite.

— Tchau, *Baby*. Paz.

— Adeus, Viajante. Que a sorte lhe acompanhe.

Fazendo uso de superstições primitivas, Tach repreendeu enquanto eles se retiravam educadamente para trás de uma curva.

Divertimento. Como será essa nova pessoa, Tis?

Não sei. Estou ansioso para descobrir. Seria demais esperar por outra Menina Lua. Já era sorte terem acesso a um ás com uma combinação de poderes que lhes dava uma chance mínima de sucesso.

— Doutor? — a voz os envolveu como âmbar líquido, profunda e forte. Tachyon se aproximou.

O impacto visual o fez parar bruscamente. Ás como um deus grego: alto, musculoso, um queixo poderoso, um olhar verde-claro, cabelos como uma nuvem de cachos loiros, tudo envolvido por um uniforme amarelo apertado com um sol raiado no peito.

— Eu sou Estelar — disse a visão.

— A honra é inteiramente minha — disse Tach, pensativo.

— Correto. Você é um militarista, representante de uma civilização decadente e repressiva. Eu estou prestes a tentar impedir um horror trazido à minha civilização por sua tecnologia desenfreada, enquanto você se envolve em um combate com outra facção do mesmo bando tecnocrata que afligiu a Terra com seu vírus satânico, em primeiro lugar. Sob tais circunstâncias, acredito ser difícil desejar sucesso ao senhor, doutor. Mesmo assim, eu o faço.

Tachyon parecia ter perdido a voz, e *Baby* fazia pequenos estalos de fosfeno estático na cabeça dele.

— Sou muito grato — ele conseguiu dizer, por fim.

— Sim. — Estelar moveu sua mandíbula heroica. — Talvez eu componha um poema sobre o dilema moral que enfrento...

— Será que não é melhor você enfrentar o asteroide primeiro? — Tach quase gritou.

Estelar olhou-o com fúria, como Zeus apanhado por Hera, mas disse:

— Imagino que sim.

A escotilha dilatou-se.

— Boa sorte — disse Tach.

— Obrigado.

Ele atravessou a escotilha.

Enquanto a porta externa se abria em um círculo, *Baby* transmitiu à mente de Tach um panorama externo — cada centímetro quadrado da pele da nave era fotossensível, quando necessário. Estelar flutuava no vácuo, então virou o rosto para o brilho intenso do sol, agora mais ou menos à popa, e pareceu respirar

profundamente. Depois se afastou da nave, braços e corpo esticados em uma linha, e tornou-se um raio único, amarelo e brilhante, atravessando a noite eterna.

— Transformação fotônica — disse Tach, impressionado. — Como a transformação de táquions de nosso voo-fantasma, mas chegando apenas à velocidade da luz. Incrível.

Por um momento, ele quase se sentiu orgulhoso do Wild Card.

Afastou aquela sensação.

— Vai ser bem difícil gostar desse aí — observou.

Ele é mesmo um babaca. Eu gostava muito mais do Viajante.

Tis, eles estão chegando.

Flutuando, atemporal. Pura liberação, inexistência/ coexistência com todo o universo. A consumação final: *satori* em um raio laser.

Mas era preciso continuar. Resolução, abaixo ao ego. Objetivo.

O asteroide aguardava. Uma massa desagradável e idiota de escória, que parecia cair na direção de Estelar, embora sua linha de visão corresse perpendicular à trajetória da rocha.

Ele esfregou o queixo e franziu a testa. Tinha muito mais a dizer àquele doutor alienígena, sobre o mal que a espécie dele trouxera ao mundo, sobre a culpa dele em atrair aquele depressivo do Viajante para perigos terríveis. Mas teria que esperar; o tempo urgia.

Ele se perguntou quanto tempo teria. Das memórias que compartilhava com Mark e os outros, sabia que a droga duraria uma hora. Esperava que pudesse fazer o que precisava ser feito a tempo.

Ele esticou a mão. Um raio de luz saltou dela para a superfície irregular do Tezcatlipoca, um calor branco e ofuscante. Um círculo

de rocha sulcou-se com o espectro e ferveu na superfície com um jato incandescente.

Ele era incrivelmente forte. Mas toda a sua força não seria o suficiente para desviar a massa maligna. Nem tinha poder o bastante para destruí-la. O que podia fazer era usar seu raio solar para aquecer um ponto no flanco do asteroide, de forma que a matéria da rocha queimasse como um exaustor de foguete nos ângulos corretos à sua órbita. Mesmo agora, a milhões de milhas da Terra, um pequeno desvio faria toda a diferença.

Mas mesmo uma variação mínima no curso do asteroide exigiria quantidades fenomenais de energia. E uma quantidade desconhecida de tempo.

Estelar aumentou sua emissão. Sentia-se vivo, imenso e cheio de poder; não tinha como falhar, ali diante do olho nu do sagrado Sol, com sua energia a sustentá-lo.

O planeta estava em risco, seu planeta, a Terra, verde e grávida. E, conseqüentemente, sua própria vida, e a de Mark Meadows e de outras entidades cuja existência estava de alguma forma presa à dele.

Em um instante de detecção, Tach soube que a arma mais mortal da *Hellcat* estava fora do jogo. Os táquions sólidos de seu arpão-fantasma teriam espalhado os átomos constituintes da *Baby* — e os dele — por uma dúzia de dimensões em um attosegundo, se ainda funcionasse. E, junto com a glândula de voo-fantasma, *Baby* também perdera seu sensor de táquions, então eles não teriam tido nenhum tipo de alerta. Mas Tach apostou que o ataque do Enxame desativara o feixe de táquions. Teria sido o alvo principal da Mãe; os

seres planetoides temiam até mesmo os menores arpões, como os de naves da classe de *Hellcat*.

No entanto, a nave de Zabb estava longe de ser indefesa. Quando *Baby* se lançou em um trajeto tangente ao dela, cruzando o caminho que Estelar havia tomado, um pulso de luz púrpura passou rapidamente a bombordo. *Eu já esperava por isso*, disse *Baby* com orgulho, enquanto se balançava em uma dança evasiva, intrincada como um minueto, que a manteve na rota de cruzar a proa da *Hellcat* enquanto a outra nave a circundava.

Juntos, eles enviaram uma sonda, Tach direcionando o grosso da força psiônica da *Baby* para examinar a outra embarcação. Sentiu danos que trouxeram bile à sua garganta, feridas expostas com cantos queimados ou atrofiados escancarando os flancos da *Hellcat*. *Ela deseja a nossa destruição*, pensou, *mas nenhuma nave fiel takisiana merece a infecção do contágio do Enxame*.

Antes que pudesse obter uma visão mais nítida, foi interrompido por uma força mental semelhante a uma lâmina de guilhotina. Não importava; *Baby* sentira o suficiente para avaliar a capacidade que a rival ainda possuía. Mesmo assim, ele ficou surpreso.

Piranha estropiada, consorte de barcas! Tach sentiu a fúria de *Hellcat* fustigar *Baby* como uma lança. *Tu e teu mestre fracote provarão este sol doentio*.

Palavras valentes as tuas, mas não podes andar rápido o suficiente para me alcançar!

Seus poderes mentais cresceram, primo, ele projetou.

Uma risada seca veio até sua mente. *A adversidade força o crescimento. Você veio, Tisianne. Então quer dizer que encontrou meus emissários na Terra?*

Baby estava apresentando o status de Hellcat: Invólucro enfraquecido em diversas seções, uma lesão no órgão principal de propulsão...

Encontrei, pensou Tach.

Rabdan foi um tolo. Você se livrou dele? Percebo que sim. E Durg? Sua morte foi limpa, espero.

Ele está vivo, primo. Com malícia: Ele transferiu sua lealdade ao terráqueo que o derrotou. Seu antigo prisioneiro, Capitão Viajante.

Uma fúria quente e intensa surgiu:

Mentira! Um momento passou. Ou não. Talvez você tenha começado a entender por que eu tomei as atitudes que tomei, então, Tis.

De acordo com a estratégia, *Baby* descreveu uma órbita curvilínea em velocidade constante. Apesar de seus melhores esforços, *Hellcat* não conseguia acompanhá-la. Seu controle de disparo também havia sido danificado; àquela distância, a superioridade aterradora de seu poder de fogo era cancelada pela mira mais precisa do único laser pesado de *Baby*, atingindo-a, forçando-a a trocar a perseguição pela evasão.

Entendo que você traiu nosso clã e nosso povo, Tach pensou.

É o que parece, Tis. Mas considere: esse vírus que você liberou naquele mundo quente e pesado ameaça nossa existência muito mais do que o Enxame estúpido.

O experimento foi um sucesso.

E aí reside o perigo. Esses terráqueos alterados, esses ases, ajudaram você a escapar, apesar de toda a nossa força. Agora você me conta que um fracote magrelo derrotou o guerreiro mais

mortífero que Takis já produziu. Você não vê nisso, Tisianne, o eclipse da nossa espécie?

Talvez já tenha passado a hora da queda dos Lordes Psíquicos.

E você diz que eu sou o traidor. O pensamento soou muito mais em um tom divertido e cansado do que de indignado.

Você teria destruído a espécie inteira.

Claro. São terráqueos.

A agonia espalhou-se no cérebro de Tach como ácido. Ele quase caiu da cama quando o compensador de aceleração de *Baby* falhou.

Baby! Você está bem?

Um arranhão, lorde Tis. Estou bem. Mas havia um tom hesitante; ela nunca havia sofrido danos em batalha antes.

Ele a acariciou com um toque mental breve e curativo e lançou-se ferozmente contra Zabb. *Então você fez um acordo com o Enxame nojento?*

Você viu o que eles fizeram à pobre Hellcat. Esta Mãe já enfrentou takisianos antes, ou compartilhou plasma com outra que tinha enfrentado, e sobreviveu, o que devia lhe dizer muito, meu primo. Uma vagem semeou brotos na órbita mais distante deste seu mundo adotivo, que permaneceram inertes até passarmos entre eles. E então nos atacaram, como ácido, patógenos de ação rápida e força bruta. Conseguimos expulsá-los.

A mente de Tach encheu-se com imagens roubadas de Rabdan, da batalha à luz tremeluzente contra seres amorfos cujo toque podia significar a morte por dissolução irreversível. De espadas cintilantes e gritos, e a defesa mais desesperada de todas, pistolas a laser flamejando nos corredores, enquanto espasmos peristálticos assolavam todo o tecido da *Hellcat*.

Perdemos quatro dos nossos, seu velho mestre de armas entre eles. O próximo ataque teria acabado conosco. Optei pela negociação.

Tach fechou os olhos com força. *Sedjur.*

Após repelirmos o ataque, continuou Zabb, consegui tocar a potência obscura que é a consciência da Mãe, enquanto cuidávamos de nossos feridos e lavávamos nossos corredores com emulsão antibiótica, para mostrar a ela que tínhamos interesse em negociar. Ela entendeu, mas vagamente; acredito que sentiu certa curiosidade pela minha temeridade, quis me examinar mais de perto. Viajei até ela em uma nave salva-vidas individual, passei dentro dela.

Baby estava de novo no controle; sua manobra violenta de alta velocidade não fez mais do que causar ondulações na superfície do uísque no cálice ao lado da cama. O suor brotava na testa de Tach. A contragosto, sentiu respeito por seu primo — até mesmo admiração. Viajar sozinho e desarmado para dentro do corpo colossal da Mãe, inimigo ancestral, fantasma de um milhão de histórias de terror, exigia uma coragem digna das canções épicas.

E, acima de tudo, Tach sabia por que Zabb tinha feito aquilo: fora humilhado pelas mãos de Tach, ele, que nunca conhecera a derrota. Tinha de empreender um feito fabuloso ou teria sua significância, sua *virtù*, drenada como água de um receptáculo rachado. E para um takisiano mesmo uma traição era gloriosa, se grande o suficiente.

Saí da minha nave em uma grande caverna e pus os pés sobre a matéria de nosso mais antigo inimigo. As paredes ao redor pareciam ornadas com faixas de musgo preto, iluminadas por meia centena

de luzes mortíferas; o fedor era tal que turvou minha visão. Mas fiz contato com uma mente tão imensa e difusa quanto uma nebulosa. Após um momento de adaptação, nos comunicamos.

O monstro e eu tínhamos interesse em destruir a vida nesta sua Terra. Então, entramos em um acordo.

A bile subiu pela garganta de Tach em um reflexo chocado. Entramos em um acordo. Que tranquilidade a do primo em transmitir o pensamento, como se não estivesse descrevendo a maior traição e o maior ato de coragem que sua espécie conheceria.

Respeito você, Zabb. Tenho de respeitar. Se vencer hoje, cantarão seus feitos por milhares de gerações. Mas... desprezo você.

Tentarei suportar.

Tach estremeceu. E você assassinou Benaf'saj.

Fui obrigado. Ela nunca teria consentido em tomar uma atitude contra você e sua preciosa Terra, ainda mais entrar em um acordo com o Enxame. Para todos os efeitos, ela morreu no ataque dos brotos; Rabdan foi o responsável, você ficará satisfeito em saber.

Uma lágrima caiu sobre a manta de seda.

Zabb. Eu vou matá-lo.

Talvez até seja possível, de tão fraca que está a Hellcat. Ou pode ser que eu mate você. Uma risada cansada. Qualquer resultado é satisfatório, do meu ponto de vista.

Baby gritou.

De repente, Tach estava saltando na opulência organiforme de sua cabine. Sentiu cheiro de silicone quente; sua mente reverberou com a agonia da nave.

Agora, sua escrota, veio o pensamento de *Hellcat*, sibilando de ódio, *não podes mais fugir*. Uma luz azul-esbranquiçada desdobrou-se quando *Hellcat* acionou sua turbina em uma marcha acelerada, triunfante, aproximando-se para a matança.

Baby, Baby! A mente da nave estava tomada por terror e medo. As naves simbióticas tinham vantagens sobre embarcações inanimadas, podiam pensar por si mesmas, curar-se dos danos. Mas tinham vontade própria, e podiam ser abaladas.

Tach segurou uma projeção, agarrou-se, expandiu a mente para chegar até sua nave atormentada. O ar soprava de um corte de dois metros no casco, fazendo-a rolar pelo espaço. *Ah, Baby, controle-se!*

Ele sentiu o bafo demoníaco de um laser passar ao lado dela. *Papai, papai, não consigo, não consigo!*

A luz pulsava das paredes em manchas aleatórias de cor. Ele invocou toda a sua força curativa, todo o seu amor e empatia pela nave, derramou todo o seu ser nas chamas de terror dentro dela. *Eu te amo, Baby. Mas você precisa me deixar ajudá-la.*

Não!

Nossa vida está em risco. O mundo todo corre perigo.

Aos poucos, o terror cedeu. Os giros selvagens da nave foram amortecidos, e Tach sentiu o campo de telecinesia do compensador dela envolvê-lo novamente. Ele suspirou mais uma vez.

Hellcat agora era discernível a olho nu, uma escuridão viva e feroz com pequenas luzes, cavalcando uma imensa onda de fogo. Seu triunfo encheu a cabeça de Tach como um laser, e uma das armas externas de *Baby* dissipou-se em um flash. *Peça misericórdia, covarde! Irás flutuar para sempre na solidão!*

MALDITA! As luzes internas de *Baby* diminuíram enquanto ela canalizava todo o poder em seu laser. Uma lança escarlate empalou a *Hellcat* bem acima da turbina. Ela berrou — então novamente, mais alto, um tumulto de agonia que continuou até Tach achar que seu cérebro explodiria.

O 1954C-1100 vomitava sua própria substância no espaço. Por um momento, Estelar quase desejou ter levado algum tipo de instrumento para medir seu progresso. O tempo estava se esgotando rapidamente e nenhum sinal do retorno daquele tecnocrata alienígena traidor. Seria bom saber se seu sacrifício seria em vão.

Ele reprimiu aquele pensamento com firmeza. Pelo menos morreria livre das correntes sutis da tecnologia. E a Terra verdejante sobreviveria por algum tempo ainda, antes que os violentadores do solo e os malucos tecnológicos a queimassem por completo. Mas ele teria feito a sua parte.

Começou a compor seu poema final; uma peça de efeito, ainda mais porque não havia ninguém para ouvir sobre o grito fotônico silencioso do asteroide, além das outras entidades que formavam a composição chamada Capitão Viajante.

Quando foi capaz de pensar novamente:

Baby, você está bem?

Vencemos! Lorde Tis, eu a derrotei! Uma visão da *Hellcat*, sem luzes e rasgada, afastando-se em uma trajetória cometária do mundo que seu mestre tentara devastar.

Zabb! Zabb, ainda está vivo? Sem resposta, e ele se perguntou por que seu pulso se acelerou de ansiedade.

E então... Estou. Maldito seja. Não consegue fazer nada direito?

E o nosso povo?

Três mortos quando seu tiro estourou o propulsor: Aliura, Zovar S'ang, aquela serva de que você gostava tanto. Todos desapareceram em um jorro de chamas. Orgulhoso agora, Tisianne?

Ele se sentou, petrificado, se sentindo entorpecido. Assassinara seus próprios parentes, primeiro Rabdan, então aqueles outros. E Talli, sua amiga de infância, que o avisara das intenções de Zabb quando ele, Tartaruga e Viajante tinham sido sequestrados. Tudo por uma boa causa, claro. Ainda assim, Zabb não podia alegar o mesmo?

Você venceu. Cumpra sua vingança, Tisianne.

Baby, ajustes os vetores com a Hellcat. Precisa ser rápido.

Mas mestre...

O quê?

Estelar.... está prestes a voltar a ser o Capitão Viajante.

O que está esperando? Um tom mais alto. Está se vangloriando, Tisianne? Não é do seu feitio. Acabe com isso.

Tach olhava sem expressão para a parede-membrana adiante, onde *Baby* formou uma imagem da sua inimiga abatida. Seu orgulho exigia a consumação. E o aspecto prático: enquanto Zabb vivesse, Tachyon estaria em perigo mortal, e a Terra também.

Tis, quando minha mãe empurrou aquela cadela mestiça que te pariu escada abaixo, eu fiquei olhando. Estava na balaustrada e gargalhei. Vendo a cabeça dela pendendo para todo lado...

Mas Tachyon riu. *Basta. Guarde sua maldade para o Vazio, Zabb. Atire, então. Maldito seja, atire!*

Não. Conserte sua nave, se puder, volte manquejando para Takis, voe até o espaço da Rede e viva como um renegado. Viva sabendo que eu lhe derrotei novamente. Que você traiu sua linhagem... e falhou.

Ele ergueu rapidamente um muro contra um surto de fúria.

Baby, *encontre o Capitão, rápido!* Ela deu uma guinada, suas turbinas uma névoa amarela.

... destruir você, Tisianne, eu prometo... ele captou. Então Zabb desapareceu, tragado pela noite infinita.

O brilho de suas mãos se apagou e Estelar sentiu uma fraqueza, uma mudança na estrutura de seu ser. *Ao menos eu morri no abraço do Sol...*

Trezentos segundos depois, *Baby* freou para ajustar sua velocidade com a daquela figura aparentemente sem vida flutuando sobre uma cratera ainda incandescente no flanco do asteroide. Gentilmente, ela expandiu seu campo de atração, agarrou a figura envolta em púrpura com sangue seco em torno da boca e das orelhas e o chapéu de seda que a seguia como um satélite roxo, levando-os para dentro de si. Quando seu mestre se curvou chorando sobre o amigo, ela apontou a proa para o mundo que havia se tornado o lar de ambos.

— Mark, Mark, meu amigo! — O dr. Tachyon entrou de supetão pela porta da Cosmic Pumpkin, braços cheios de buquês e garrafas de vinho em sacos de papel.

Mark avançou pela loja em sua cadeira de rodas.

— Doutor! Há quanto tempo não te vejo. Onde é a festa?

Seu rosto tinha uma vermelhidão exagerada onde o vácuo estourara os vasos capilares sob a pele, e, até seus tímpanos se curarem, ele ouvia por uma pequena unidade de condução óssea grudada ao processo mastoide sob a orelha esquerda, mas no geral ele não parecia tão mal, considerando o que havia passado.

— Onde é a festa? Onde é a festa? Massudo foi liberado de todas as acusações e volta hoje para casa. Você é um herói... quer dizer, seu amigo, o Viajante, é. E eu, claro. Vai ter uma celebração no Crystal Palace, e as bebidas são por conta da casa.

— E essas garrafas?

— Estas? — Um sorriso. — Talvez eu tenha uma comemoração particular, após as festividades de Crisálida.

Ele estendeu um buquê.

— São para você. Deixe-me ser o primeiro a te dar parabéns, Mark.

Mark as cheirou.

— Hum, obrigado, doutor.

— Vamos? Por que você não veste... você sabe... algo mais formal?

Mark desviou os olhos.

— Eu, hum, tipo, eu acho que é melhor ficar por aqui. Tenho a loja e Sprout para cuidar, e não estou me locomovendo muito bem.

— Bobagem. Você *tem que* ir. Você merece os elogios, Mark. Você. Você é um herói.

O amigo evitou o seu olhar.

— Brenda não se importará em cuidar da loja e de Sprout por você.

— Não tão rápido, bonitão — disse a mulher atrás do balcão. — E meu nome é Susan.

Tach a fitou com um olhar penetrante. Após um momento, ela cedeu.

— Eu... eu acho que posso.

— Mas esta *cadeira* — Mark se lamentou.

— Você precisa de ajuda, mestra Isis? — perguntou uma voz vinda do fundo da loja, profunda e ressonante como um gongo alienígena.

Durg at'Morakh bo-Isis Vayawand-sa emergiu na delicatessen, uma camiseta de colecionador dos Steppenwolf esticada quase até rasgar sobre o peito gigante. Ele mancava, suas bochechas inchadas e roxas, mas, exceto por isso, estava bem.

— Posso levá-la aonde desejar ir, mestra.

O rubor no rosto de Mark aumentou.

— Queria que você parasse de me chamar assim, cara. Meu nome é *Mark*.

Durg assentiu.

— Como quiser, mestra. Se prefere esconder seu nome da inveja de seus colegas mais fracos, como esconde sua forma, eu usarei seu *nom de guerre* quando houver terráqueos presentes.

— Meu Deus — disse Mark.

De sua parte, Tach ficou incomodado que o Morakh tivesse conseguido descobrir que o verdadeiro nome (o que quer que isso significasse) da Menina Lua era Isis Lua. Isso já era mais do que ele sabia dela. Mas também achava bastante engraçado.

— Esplêndido — disse ele, trocando seus pacotes de mão. — Você vai lá para cima se trocar e eu te encontro no Palace.

— Aonde você vai?

— Tenho um compromisso primeiro.

Durg levantou Mark, com cadeira e tudo, e o levou para cima.

O rosto de Sara Morgenstern ficou tão vermelho quanto o de Mark sob a penumbra de fim de tarde do escritório de Tach.

— Então, você conseguiu — ela falou.

Ele estava consciente do cheiro dela, sentia sua excitação. Mal conseguia conter a própria.

— Foi fácil — ele mentiu.

— Me conte. Como o crime foi cometido?

Ele contou, aumentando apenas um pouco a história, pois o desejo sexual tinha prioridade até sobre a inflação de seu ego. E, quando terminou, viu para sua surpresa que a expressão ansiosa dela murchara como um suflê arruinado.

— Alienígenas? Foram alienígenas? — Ela mal conseguia falar; sua decepção bateu com força nos lobos frontais dele.

— Sim, brotos em um novo estágio, em uma aliança com meu primo Zabb. E essa é uma parte importante da história que você escreverá, o perigo representado por esta nova manifestação do Enxame. Porque isso significa que a Mãe não foi simplesmente embora e deixou o mundo em paz.

O buquê que Tach dera a ela caíra no chão. Uma dúzia de rosas jazia em torno dos pés de Sara, como árvores derrubadas por uma bomba aérea.

— *Andi* — ela soluçou, o rosto contorcido, banhado em lágrimas. Então ela se foi, os saltos estalando pelo corredor.

Enquanto ouvia os passos se afastando, Tach se ajoelhou e pegou carinhosamente um botão vermelho-sangue. *Nunca entenderei esses terráqueos*, ele pensou.

Enfiando o botão na lapela de seu casaco azul-celeste, pisou delicadamente nas outras flores, fechou a porta, trancou-a e saiu assobiando para juntar-se à celebração.

JUBE: SEIS

Os metrô eram uma atrocidade humana com a qual Jube nunca se acostumara. Eram sufocantemente quentes, o cheiro de urina nos túneis às vezes era avassalador e ele detestava como as luzes piscavam enquanto os vagões trepidavam pelos trilhos. A longa jornada na linha A até a 190th Street era ainda pior. No Bairro dos Curingas, Jube sentia-se confortável. Era parte da comunidade, alguém conhecido e aceito. Em Midtown, no Harlem e para além, era um esquisito, algo que as crianças encaravam e os pais ignoravam diligentemente. Isso fazia com que ele se sentisse, bem, um *alienígena*.

Mas não havia como evitar. O cara da banca de jornal chamado Morsa não podia chegar ao Mosteiro de táxi.

Naqueles últimos meses, parecia que sua vida tinha desmoronado, mas seus negócios estavam melhores do que nunca. Jube descobrira que os maçons também liam jornais, então levava uma braçada cheia para cada reunião e os lia na linha A (quando as luzes estavam acesas) para desviar sua mente dos cheiros, barulhos e olhares de nojo no rosto dos passageiros ao seu redor.

A manchete no *Times* anunciava a formação de uma força-tarefa especial federal para lidar com a ameaça do Enxame. As disputas jurisdicionais contínuas entre a Nasa, o alto escalão militar, o CRISE-A e o secretário de Defesa — todos reivindicando o Enxame como sua alçada — finalmente haviam terminado, ou pelo menos era o que se esperava, e a partir de então todas as atividades anti-Enxame seriam coordenadas. A força-tarefa seria liderada por um homem chamado Lankester, um diplomata de carreira que prometia iniciar as investigações imediatamente. A força-tarefa esperava a requisição do uso exclusivo dos telescópios a rádio de longa distância no Novo México para localizar a Mãe do Enxame, mas essa ideia estava atraindo críticas ferrenhas da comunidade científica.

O *Post* alardeava o assassinato mais recente do ás de espadas com imagens da vítima com uma flecha atravessada no olho esquerdo. O morto era um curinga com uma ficha corrida tão grande quanto sua cauda com ferrão e possuía ligações com uma gangue de rua de Chinatown, conhecida pelos variados nomes Pássaros da Neve, Garotos da Neve e Garças Imaculadas. O *Daily News* — que trazia o mesmo assassinato, menos a imagem — concluiu que o assassino de arco e flecha era um matador de aluguel da máfia, pois se sabia que os Garças Imaculadas de Chinatown e os Príncipes Demoníacos do Bairro dos Curingas estavam entrando nas operações dos Gambione, e Frederico “Açougueiro” Macellaio não era o tipo de pessoa que aceitaria de braços cruzados aquela interferência. A teoria não conseguia explicar por que o matador usava um arco e flecha, por que deixava um ás de espadas

laminado em cada corpo e por que deixara intocado um quilo de pó de anjo que sua última vítima carregava.

O *National Informer* trazia na primeira página uma fotografia colorida do dr. Tachyon em um laboratório com um acompanhante desajeitado com costeletas suíças em um fraque púrpura de Tio Sam. Era uma imagem pouco lisonjeira. A chamada era *Dr. Tachyon e Capitão Ambulante prestam tributo ao dr. Warner Fred Warren. “Sua contribuição à ciência não tem precedentes”, diz gênio alienígena paranormal.* O artigo relacionado sugeria que o dr. Warren salvara o mundo e preconizava que se declarasse o laboratório um monumento nacional, sugestão atribuída ao dr. Tachyon. As páginas centrais do tabloide dedicavam-se ao testemunho de uma faxineira do Bronx, que dizia que um broto tentara estuprá-la nos túneis do metrô até um funcionário do próprio metrô se transformar em um crocodilo de quase quatro metros e devorar a criatura. A história deixou Jube tenso. Ergueu os olhos e observou os outros passageiros do trem A, esperando que nenhum deles fosse um broto ou um crocodilo.

Estava com a nova edição da revista *Ases* também, com sua matéria de capa sobre Jumpin’ Jack Flash, “O mais novo e sexy ás da *Big Apple*”. Flash era um completo desconhecido até duas semanas antes, quando apareceu de repente — em uma roupa de paraquedista laranja com um decote que ia até o umbigo — para extinguir o fogo em um armazém na South Street que ameaçava destruir a clínica do Bairro dos Curingas nas proximidades, atraindo as chamas para si e de alguma forma absorvendo-as. Desde então, estava em todos os lugares — flamejando pelo céu de Manhattan em uma ruidosa coluna de fogo, atirando bolas de fogo das pontas

dos dedos, dando entrevistas irônicas e crípticas e acompanhando belas mulheres ao Aces High, onde sua predileção em flambar os próprios filés deixava Hiram à beira de um colapso. A Ases era a primeira revista a estampar o sorriso charmoso do rapaz em sua capa, mas não seria a última.

Na estação da 59th Street, um homem magro e calvo em um terno de três peças tomou o trem e sentou-se na frente de Jube. Ele trabalhava para a Receita Federal e era conhecido na Ordem como Colete. Na 125th Street, juntou-se a eles uma mulher negra corpulenta e de cabelos grisalhos em um uniforme rosa de garçonne. Jube a conhecia também. Eram pessoas comuns, os dois. Não tinham poderes de ases, tampouco deformidades de curinga. Os maçons revelaram-se cheios de pessoas assim: trabalhadores da construção civil e contadores, universitários e homens sem emprego fixo, funcionários dos esgotos e motoristas de ônibus, donas de casa e prostitutas. Nas reuniões, Jube encontrou um advogado bastante famoso, um homem da previsão do tempo da TV e um dedetizador profissional que amava conversar sobre o trabalho e lhe dava cartões o tempo todo (“Muita barata no Bairro dos Curingas, aposto”). Alguns eram ricos, poucos eram pobres, a maioria trabalhava duro para viver. Nenhum deles parecia muito feliz.

Os líderes eram mais incomuns, mas todo grupo precisa de sua camada baixa, todo exército, de seus soldados rasos. Era aí que Jube entrava.

Jay Ackroyd nunca saberia onde errou. Era um investigador particular profissional, arguto e experiente, e tivera o máximo de cuidado ao perceber com o que estava lidando. Se fosse apenas um

pouco menos talentoso, se Crisálida tivesse enviado alguém mais comum, eles poderiam ter se safado. Fora a habilidade de Jay que o ferrara, seu poder de ás. Popinjay, era esse seu nome de guerra, que ele odiava: ele era um teleportador saltador que podia apontar o dedo e *mandar* as pessoas para outro lugar. Ele fez o que pôde para permanecer discreto, não teleportou um único maçom, mas de qualquer forma Judas sentiu seu poder, e isso bastou. Agora, Ackroyd não tinha mais memória dos maçons do que tinham Crisálida ou Devil John Darlingfoot. Apenas a aparente falta de poderes e a óbvia característica de curinga de Jube tinham poupado sua mente e sua vida... isso e a máquina na sua sala de estar.

Estava escuro quando o trem A chegou à 190th Street. Spoons e Colete saíram rapidamente do metrô enquanto Jube arrastava-se atrás deles, jornais embaixo do braço. O arnês friccionava por baixo da camisa, e ele se sentia terrivelmente solitário. Não tinha aliados. Crisálida e Popinjay haviam se esquecido de tudo. Croyd acordara como uma coisa inchada, verde-acinzentada, com a carne de uma água-viva, e voltara a dormir logo depois, nervoso. Os takisianos tinham vindo e partido, sem fazer nada, sem se importar. O deslocador de singularidade, se ainda estivesse intacto e funcional, estava perdido em algum lugar da cidade, e seu transmissor de táquions era inútil sem ele. Não podia procurar nenhuma autoridade humana. Os maçons estavam em todos os lugares; infiltrados na polícia, nos bombeiros, na Receita, no departamento de trânsito, na mídia. Em uma reunião, Jube reconheceu até mesmo uma enfermeira que trabalhava na clínica do Bairro dos Curingas.

Aquela o deixara seriamente perturbado. Passou muitas noites em claro flutuando na banheira fria, perguntando-se se deveria dizer

algo para alguém. Mas para quem? Podia dar o nome da enfermeira Gresham para o Troll, podia denunciar Harry Matthias ao capitão, podia contar a história inteira para o Patola, no *Grito*. Mas e se Troll fosse maçom? Ou o capitão Black, ou o Patola? Os maçons comuns viam seus líderes apenas à distância, e com frequência de máscara, e havia rumores de iniciados de alto nível que nunca apareciam nas reuniões, ases e pessoas influentes e outras em posição de autoridade. O único no qual ele realmente confiava era em si mesmo.

Então, ele ia às reuniões, ouvia, aprendia. Assistia com fascinação quando colocavam suas máscaras e realizavam seus desfiles e rituais, pesquisava os atributos dos deuses mitológicos que eles imitavam, contava suas piadas e ria com eles, fez amizade com aqueles dispostos a gostar de um curinga e ficava de olho nos indispostos. E começou a suspeitar de algo, algo monstruoso e preocupante.

Ele se perguntou, não pela primeira vez, por que estava fazendo aquilo. E viu-se lembrando de muito tempo atrás, a bordo da grande nave da Rede, a *Opportunity*. O Mestre Comerciante chegou à sua cabine, com os trajes de um glabberiano ancião, seus cabelos crespos ficando pretos com a idade, e Jhubben perguntou por que ele estava sendo honrado com aquela missão.

— Você é como eles — disse o Mestre Comerciante. — Sua forma é diferente, mas, entre aqueles deformados pela biociência takisiana, você será mais um na multidão, outra vítima sem rosto. Seus padrões de pensamento, sua cultura, seus valores, moralidades... são mais próximos aos dos humanos do que os de qualquer outro que eu pudesse selecionar. Com o tempo,

convivendo com eles, ficará ainda mais parecido, e assim será capaz de entendê-los e será de grande valia quando retornarmos.

Era verdade, tudo verdade; Jube era mais humano do que jamais imaginou. Mas o Mestre Comerciante omitira algo. Não disse a Jhubben que ele passaria a amar os humanos e se sentir responsável por eles.

Na sombra do Mosteiro, dois jovens com uniforme de gangues saíram para confrontá-lo. Um deles tinha um canivete. Àquela altura, eles o conheciam, mas Jube ainda precisava mostrar a moeda vermelha-brilhante que carregava no bolso. Aquelas eram as regras. Eles assentiram silenciosamente com a cabeça, e Jube entrou no grande salão onde aguardavam com seus tabardos e máscaras, com suas palavras rituais e segredos que ele tinha pavor de descobrir, onde esperavam a sua chegada, para conduzir sua iniciação.

POR CAMINHOS PERDIDOS

Pat Cadigan

Estava excessivamente quente para o mês de maio, quase uma prévia do auge do verão, e as crianças reunidas em torno do hidrante representavam uma cena atemporal. A única coisa que faltava era um especialista — ninguém sabia como liberar a água do hidrante. Não importava que isso fosse resultar em uma redução precipitada na pressão da água local, prejudicando seriamente o combate a incêndios, motivo pelo qual os incendiários estavam sempre dispostos a ajudar um grupo de crianças suadas em um dia quente. Mas nunca havia um incendiário por perto quando se precisava de um.

O homem na lojinha do bairro não estava observando as crianças; assistia à jovem com cabelos castanho-avermelhados na altura dos ombros e grandes olhos verdes que observava as crianças. Estava de olho nela desde que a vira saltar do ônibus, três dias antes, em geral de trás de um dos seus tabloides favoritos, como aquele que segurava no momento. A manchete dizia: MULHER VIRA CURINGA E COME MARIDO NA NOITE DE NÚPCIAS! Harry Matthias sempre teve um gosto pelo sinistro.

A garota do outro lado da rua, no entanto, era tudo, menos sinistra. *Garota* parecia mais apropriado do que *jovem*, mesmo que

ele tivesse quase certeza de que ela tinha mais de vinte e um anos. Seu rosto em formato de coração não tinha marcas nem linhas; inacabado. Sem sofisticação, mas muito atraente, quando se olhava melhor, o que ele achava que a maioria das pessoas fazia. Nunca suspeitariam que ela fosse outra coisa além de um pedaço de carne nas mandíbulas da cidade grande. No entanto, Harry, mais conhecido como Judas, via diferente. O Astrônomo lhe daria uma grande recompensa por aquela ali.

Ou melhor, o pessoal do Astrônomo daria. Com sorte, o Astrônomo em si não prestava atenção em ninguém, e Judas era bem sortudo, quase sortudo demais. Passara de ser um tiete de curinga, o que chamavam de curinguete (e riam da sua cara ao chamá-lo disso), para ser um ás. Um ás muito sutil, verdade, mas muito útil com sua capacidade de detectar outro ás e seu poder. Seu poder veio à tona naquela noite, naquele cabaré maluco, o Jokers Wild. Salvou sua vida; estavam prestes a detoná-lo quando o vírus eclodiu e ele expôs aquela mulher metamorfa. E eles a fizeram mudar bastante de forma, por assim dizer. Não gostava de pensar naquilo, mas antes ela do que ele. Antes qualquer um do que ele, mesmo a garota do outro lado da rua, embora isso lhe doesse; ela *era* atraente. Mas Judas apenas a entregaria para os maçons, onde ela seria aproveitada. Que talento tinha a moça; provavelmente lhe dariam uma medalha quando a entregasse. Bem, pelo menos pagariam o suficiente para atenuar o incômodo de ser chamado de Judas. Se sentisse qualquer incômodo, o que não era o caso.

A garota sorriu e ele se pegou sorrindo também. Sentia o poder dela se acumulando. Distraidamente, deixou algumas moedas no caixa pelo tabloide e saiu para a calçada com o jornal debaixo do

braço. De novo, flagrou-se maravilhado; mesmo que soubesse ser necessário um poder especial para detectar um ás, ainda ficava surpreso que as pessoas nunca percebessem quando estavam diante de algo maior do que elas, fosse um ás, TIAMAT ou o Deus Único e Verdadeiro. Olhou de relance para o céu. Deus estava na pausa para o café e TIAMAT ainda não havia chegado; naquele momento, eram apenas ele e a garota, e já era companhia o suficiente.

Apenas ele sentiu quando ela liberou sua habilidade. O poder brotou dela como uma onda e uma descarga imensa de partículas. A magnitude foi assustadora. Era um poder primitivo, algo que parecia antigo apesar da relativa novidade que era o vírus Wild Card, como se ele tivesse ativado alguma habilidade nativa, mas adormecida por séculos.

Pode ser, ele pensou de repente. Todo povo primitivo tem algum tipo de ritual para trazer a chuva, não é?

Sem aviso, o hidrante se abriu e a água jorrou na rua. As crianças correram, comemorando e rindo, e ela curtia tanto aquilo que nem percebeu sua aproximação.

— Polícia, senhorita. Venha comigo sem fazer alarde. — A surpresa completa no rosto dela enquanto encarava o distintivo que ele segurava diante do seu nariz a fez parecer ainda mais jovem. — Não achou mesmo que se livraria dessa, não é? E não se faça de inocente... você não é a única ás que temos nesta cidade, sabe?

Ela assentiu obedientemente e deixou que ele a levasse.

O Mosteiro não a impressionou. Não se importou em olhar para a arquitetura gótica francesa ou mesmo para a porta de madeira

esculpida onde ele a deixou como uma mercadoria nas mãos expectantes de Kim Toy O'Toole e Vermelho. Ele resistiu à vontade de beijá-la. Para um cara chamado Judas, beijar seria passar um pouco dos limites. Olá, garotinha; ela nem percebera a ausência de uniformes policiais.

Vermelho era um pouco corado até ser infectado pelo vírus Wild Card. Então, ficou vermelho por completo e não tinha mais pelo ou cabelo algum. Achava que era uma condição comparativamente tolerável. Às vezes, ele dizia “Talvez eu seja descendente de algum índio vermelho”. Não era. Sua esposa, Kim Toy, era filha de um militar de carreira irlandês e o amor de sua vida, que conhecera enquanto servia na R&R em Hong Kong. Sean O'Toole fora maçom, mas mal reconheceria a organização na qual sua filha entrou após o vírus ter florescido nela também, e ela descobrir que a combinação de poder mental e feromônios podia enlouquecer os homens muito além do efeito que uma mulher razoavelmente atraente obtinha. Com Vermelho não fora necessário usar do encanto. O que era bom: às vezes ela não conseguia impedir que sua atração fosse fatal.

Eles pegaram a novidade trazida por Judas e a enfiaram em um dos antigos escritórios no andar inferior, onde podiam realizar os interrogatórios (*entrevistas*, Roman sempre os corrigia) com privacidade. Então sentaram-se do lado de fora do salão para uma pausa não programada. Roman chegaria a qualquer momento e, em seguida, fariam com a garota o que o Astrônomo achasse melhor.

— Cara bizarro — murmurou Vermelho, aceitando um cigarro já aceso de Kim Toy. *Cara bizarro* era um termo que sempre se referia

ao Astrônomo. — Às vezes, acho que devíamos dar um pé na bunda do cara e fugir.

— Ele será o dono do mundo — disse Kim Toy com tranquilidade. — E vai nos dar um pedaço. Acho que vale a pena mantê-lo por perto.

— Ele *diz* que vai nos dar um pedaço. Como se fosse um senhor feudal. Mas nem todos somos samurais, minha querida.

— Muito menos eu. Sou chinesa, idiota. Lembra? — Kim Toy desviou o olhar do marido. — Roman está chegando. *E* Kafka.

Vermelho e ela se empertigaram e tentaram parecer impassíveis. Roman era um dos lacaios mais próximos do Astrônomo, alguém que frequentava os segmentos da sociedade acima do nível da maioria dos indivíduos questionáveis recrutados pelo Astrônomo. Sua boa aparência e os trajes impecáveis lhe davam passe livre quase em qualquer lugar. Corria à boca miúda que ele era um dos raros “curingas reversos”, alguém cujo vírus transformara uma deformidade horrenda no seu presente estado de beleza masculina. O próprio Roman não comentava.

Atrás dele vinha sua antítese, a quem chamavam de Kafka, ou o Barata (embora não na sua frente), pois se parecia bastante com uma barata em forma humana. Ninguém o sacaneava, no entanto; o dispositivo Shakti que o Astrônomo dissera ser a salvação deles foi, em grande parte, um feito de Kafka. Ele compreendeu o instrumento alienígena que estivera sob custódia maçônica por séculos e, com as próprias mãos, projetou e construiu a máquina que completava seu poder. Ninguém o incomodava; ninguém queria incomodá-lo.

Roman deu um aceno mínimo de cabeça a Vermelho e Kim Toy enquanto seguia para a porta do escritório, e então parou

bruscamente, quase fazendo Kafka trombar com ele. Kafka deu um pulo para trás, passando os braços finos em volta do corpo, em pânico com a ideia de qualquer contato com alguém que se lavava menos que doze ou treze vezes ao dia.

— Aonde acha que está indo? — O sorriso de Roman era seco.

Kafka deu um passo valente adiante.

— Encontramos seis alienígenas se passando por seres humanos nas últimas três semanas. Quero apenas me certificar de que ela é humana.

— Você quer ter certeza de que ela é humana. — Roman mediu-o dos pés à cabeça. — Judas a trouxe para cá. Ele sempre traz humanos. E o Astrônomo não quer que a gente assuste os bons, por isso *eu* entrevisto quando eles chegam. Sinto muito pela sinceridade, meu velho Kafka, mas não acho que sua aparência seja muito tranquilizadora.

O exoesqueleto de Kafka chiou quando ele se virou e voltou para o salão. Kim Toy e Vermelho observaram-no sair sem se importar em romper o silêncio com um suspiro sequer.

— Ele estava observando os monitores quando ela entrou — disse Roman, arrumando seu casaco de tweed caro e de bom gosto. — Uma pena. Quer dizer, o cara com certeza gostaria de chegar perto de uma mulher tão bonita, mas do jeito que ele é...

— Como vai sua esposa, Roman? — Vermelho perguntou de repente.

Roman congelou no meio do gesto de tirar um fio imaginário da manga. Houve uma pausa longa. Uma das lâmpadas fluorescentes começou a zumbir.

— Bem — Roman falou por fim, baixando devagar o braço. — Vou dizer que você perguntou por ela.

Kim Toy deu uma cotovelada nas costelas do marido quando Roman entrou no escritório.

— Por que você tinha que fazer aquilo? Por que isso agora?

Vermelho deu de ombros.

— Roman é um babaca.

— *Kafka* é um babaca! *Todos* são babacas! E você é um idiota. Da próxima vez que quiser mexer com ele, levante e dê um soco no nariz. Ellie Roman nunca te fez nada.

— Primeiro você me diz que quer ser dona do mundo... desculpe, de um pedaço dele... e então me dá uma bronca de lembrar Roman da esposa. Minha querida, às vezes você é mesmo um quebra-cabeça chinês.

Kim Toy franziu a testa para a lâmpada que zumbia e agora também piscava.

— O mundo é um quebra-cabeça chinês, meu querido.

Vermelho resmungou.

— Bobagem de samurai.

— Diga seu nome, por favor. Completo.

Indiscutivelmente era o homem mais bonito que ela já vira pessoalmente.

— Jane Lillian Dow — disse ela. Nas cidades grandes, eles tinham de tudo, inclusive homens lindos para fazer interrogatórios. *Eu amo Nova York*, ela pensou, e suprimiu a risada histérica que tentava brotar.

— E qual é a idade da senhorita?

— Vinte e um. Nascida em 1º de abril de 19...

— Eu sei subtrair, obrigado. *Onde* a senhorita nasceu?

Ela estava apavorada. O que Sal teria pensado? *Ah, Sal, queria que você pudesse me salvar agora.* Era mais uma oração que um pensamento, feita para o vazio com a esperança diminuta de que talvez o vírus Wild Card pudesse ter afetado a vida pós-morte, bem como esta aqui, e o falecido Salvatore Carbone pudesse vir trotando de volta do além como uma cavalaria ectoplásmica. Até então, sonhar não estava dando muitos frutos.

Ela respondeu a todas as perguntas do homem. O escritório quase não tinha mobília — paredes nuas, poucas cadeiras e uma mesa com um terminal de computador. O homem puxara os registros dela em menos de um minuto, verificando os fatos contra as suas respostas. Tinha acesso a toda a vida dela com aquele computador, razão pela qual Jane relutou tanto em registrar-se na polícia após o esporo do vírus Wild Card florescer no colégio, cinco anos antes. A lei fora promulgada na sua cidade natal bem antes de ela ter nascido e nunca foi abolida depois que o clima político se alterou. Mas também nada mudava muito na pequena cidade de Massachusetts, onde ela nasceu.

— Vou ser registrada e catalogada como um cachorro — ela disse a Sal. — Talvez até levada para um canil e envenenada com gás.

Sal convenceu-a a obedecer, dizendo que chamaria menos atenção se obedecesse às leis. Se soubessem de sua existência, deixariam-na em paz.

— Sim — ela disse. — Lembro como esse tipo de coisa deu certo na Alemanha nazista.

Sal apenas balançara a cabeça e prometera que tudo daria certo.

E o que me diz agora, Sal? Eles não estão me deixando em paz, não está dando certo. Nova York era o último lugar onde esperara ser capturada pela polícia por ser uma ás, comentou Jane quando houve uma pausa no interrogatório.

— Mas não somos da polícia — disse o belo homem, em tom agradável, fazendo seu coração se apertar ainda mais.

— N-não são? Mas aquele cara me mostrou um distintivo...

— Quem? Ah, aquele. — O homem, que disse se chamar Roman, riu. — Judas é policial. Mas eu não. E isso aqui dificilmente se qualificaria como uma delegacia. Não é óbvio?

Jane franziu a testa para o sorriso levemente incrédulo dele.

— Não sou daqui. E vi no noticiário o que aconteceu poucos meses atrás. Imaginei que depois disso a polícia tivesse se alocado em qualquer lugar necessário. — Ela baixou os olhos para o colo, onde suas mãos se retorciam como duas criaturas em um combate silencioso. — Não teria falado nada sobre Sal se soubesse que vocês não eram da polícia.

— Que diferença isso faz, srta. Dow? Ou posso chamá-la de Jane, já que não gosta de ser chamada de Nenúfar?

— Faça o que quiser — disse ela, desgostosa. — Vai fazer de qualquer jeito.

Ele a surpreendeu ao se levantar e dizer às pessoas no corredor para trazerem café e algo para comer.

— Me ocorreu que a mantivemos aqui muito tempo sem um lanche. A polícia não seria tão gentil, Jane. Ao menos, não a polícia de Nova York.

Ela inspirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Claro. Então acho que vou tomar meu café e ir embora.

O homem não parava de sorrir.

— Aonde você precisa ir?

— Vim para cá... para cá, Nova York. Digo... estou procurando o Jumpin' Jack Flash. Eu o vi no noticiário...

— Esqueça. — O sorriso ainda estava lá, mas os olhos eram gelados. — Vocês não podem fazer nada um pelo outro.

— Mas...

— Eu disse *esqueça*.

Ela baixou os olhos para o colo novamente.

— Olha só, Jane — a voz dele se suavizou. — Estou apenas tentando te proteger. Você precisa disso. Imagino o que um cachorro-quente daqueles faria a um petisquinho inocente como você. Enquanto o Astrônomo acredita que você tem uma utilidade.

Ela ergueu novamente a cabeça.

— Uma *utilidade*?

— Uma utilidade para os seus poderes. Eu devia ter me expressado melhor. Perdoe-me.

O riso de Jane foi breve e amargo.

— Uma utilidade para o meu poder é uma utilidade para mim. Talvez eu *seja* inocente perto do senhor, mas não sou idiota. Sal costumava me alertar sobre isso.

— Sim, mas Sal não era um ás, era? Era apenas um veadinho patético, um daqueles tipos antigos de curinga que sempre tivemos no mundo. Um dos erros da natureza.

— Não fale assim dele! — ela explodiu, a umidade surgindo de repente em seu rosto e escorrendo pelos braços e pernas. O homem a encarou, admirado.

— Está fazendo isso de propósito? Ou é apenas uma reação ao estresse?

Antes que ela tivesse chance de responder, o homem vermelho e a mulher oriental entraram com uma bandeja cheia de pequenos sanduíches preparados com esmero. Jane acalmou-se e observou o casal deixando tudo sobre a mesa, até mesmo servindo café.

— Fresquinhos, da cozinha do Mosteiro — disse Roman, apontando a bandeja. — Um ás precisa manter as forças.

— Não, obrigada.

Ele fez um aceno com a cabeça para o casal, que se posicionou um em cada lado da porta. Mais água escorreu do rosto de Jane e pingou das pontas dos cabelos. As roupas estavam ficando encharcadas.

— É água retirada do ar à minha volta — ela disse a Roman, que começava a ficar alarmado. — Acontece às vezes quando estou sob pressão ou... ou sei lá.

— Luta ou fuga — disse ele. — A adrenalina produz suor para deixar você mais escorregadia, mais difícil de agarrar. Provavelmente o mesmo princípio em ação.

Ela o encarou com outros olhos. Nem mesmo Sal havia pensado naquilo, e ele era bem esperto, com todos aqueles experimentos para testar a profundidade e o alcance do seu poder. Era apenas por causa de Sal que ela sabia que seu poder agia em objetos a até um quilômetro de distância. Ele também percebeu que ela podia fazer com que átomos se combinassem para criar água, bem como retirar a água já existente das coisas, e foi ele quem calculou que levaria quarenta e oito horas para se recarregar após exaurir seu

poder, e a treinou para estender sua energia de forma que não se esgotasse de uma vez.

— Não é bom ficar totalmente indefesa — ele dizia. — Nunca deixe isso acontecer.

E desde aquela vez na sua cidade, em Massachusetts, ela não deixou e nunca mais deixaria. Sal cuidou dela naqueles dois dias que passou entre assustada e esperançosa de que o poder houvesse acabado de uma vez por todas. Porém, Sal estava certo sobre o retorno do poder; e Jane estava pronta para entregar-se totalmente a Sal.

Ele a rejeitou. Novamente, ela se ofereceu e ele a evitou. Não podia ser seu amante, ele disse, e não seria seu pai. Ela teria que tomar responsabilidade por seus atos, como todo mundo. E então, como se para se fazer entender, voltou ao seu apartamento e afogou-se na banheira.

Como se fosse a piada mais cruel do mundo, Sal Carbone, seu único amigo de verdade, caiu, bateu a cabeça e respirou água com sabão até morrer. Apenas cinco semanas antes.

— Sal, você é minha alma gêmea — ela dizia sempre a ele, e Sal admitia que fosse verdade.

Tinham uma amizade rara, uma união de mente, coração e espírito. Perfeitos um para o outro, exceto pelo fato de que ele era gay. A segunda piada mais cruel do mundo.

— Nenúfar.

O nome a trouxe de volta ao presente.

— Já disse para não me chamar assim. Apenas Sal me chamava de Nenúfar.

— A exclusividade de Sal expirou com ele. — O homem suavizou novamente a voz. — Esqueça isso, minha cara. Diga, quanto você sabe sobre o que vem acontecendo nos últimos meses?

— Tanto quanto qualquer pessoa. — Ela esticou o braço, tímida, e pegou a xícara de café mais próxima. — Acompanhei as notícias. Acho que já mencionei isso.

— Bem, não acabou. No próximo mês, esta cidade... este país, o mundo inteiro... verá algo que fará o que aconteceu meses atrás parecer uma excursão de escola bíblica. Apenas as pessoas recrutadas por nós terão a chance de terminar do lado certo do túmulo.

Mais água brotou do rosto dela.

— Se não são a polícia, quem são vocês?

O homem sorriu em aprovação enquanto ela bebericava o café.

— O que sabe sobre os maçons, Jane?

— Maçons? *Maçons*? — Apesar de tudo, ela deu uma gargalhada. — Meu *pai* é maçom! — Ela se forçou a parar de rir antes de chegar à histeria. — O que os *maçons* têm a ver com tudo isso?

— Rito escocês.

— Perdão? — O riso de Jane fraquejou e desapareceu. O sorriso do homem voltara à sua frieza inicial.

— A afiliação do seu pai provavelmente era do rito escocês. Somos egípcios. Os egípcios são bem diferentes.

Suas risadinhas ameaçaram voltar.

— Estranho, você não parece egípcio.

— Não seja engraçadinha, não combina com você.

Ela olhou para o homem e a mulher ao lado da porta.

— Você é quem sabe de tudo. Eu acabei de chegar. — Mais umidade saltava do seu rosto e escorria pescoço abaixo. — E não posso ir embora, posso?

— Precisamos de você, Jane. — Ele parecia quase gentil agora. Puxou um guardanapo da mesa e enxugou o rosto dela. — Precisamos muito mesmo de você. Seu poder pode fazer toda a diferença.

— Meu poder — ela repetiu, pensativa, lembrando-se do garoto no refeitório, cinco anos antes, lágrimas rolando dos olhos enquanto ele gritava.

Ele não havia chorado nem um pouco com a notícia do suicídio de Debbie (hemorragia advinda de lacerações autoinfligidas, jargão médico para *ela cortou os pulsos e sangrou até a morte*, e, ah, sim, a vítima estava na 13ª semana de gravidez). Ela sempre se perguntou o que Debbie teria pensado do que Jane fez com seu namorado infiel. Debbie era sua melhor amiga antes de Sal, mas Jane nunca rezou para Debbie como rezava para Sal, como se Debbie pertencesse a algum outro universo. Talvez pertencesse. E talvez ainda houvesse outro universo onde Debbie não tinha tirado a própria vida quando o pai do bebê a rejeitara, e assim Jane não teria precisado arrancar lágrimas dos olhos do garoto, nem o vírus Wild Card teria se manifestado. E, então, talvez houvesse até outro universo no qual Sal não tivesse se afogado na banheira, deixando-a sozinha e precisando de alguém, qualquer um, para confiar. Talvez...

Ela olhou para o homem sentado à sua frente. Talvez, se porcos tivessem asas, eles pudessem voar alto como as águias.

— Nós precisamos de você — disse ele. Quem seria esse *nós*? Maçons egípcios, ou qualquer coisa. Como seria bom se entregar aos cuidados de alguém e saber que seria cuidada e protegida.

Você entende, Sal?, ela pensou para o grande vazio. *Pode entender o que é estar totalmente sozinha com um poder grande demais? Eles precisam de mim, Sal, é o que dizem. Não gosto deles, e você os odiaria, mas eles vão cuidar de mim, e eu preciso de alguém que faça isso agora. Estou sozinha, Sal, não importa onde eu esteja, e cheguei aqui completamente perdida e não há outro lugar para ir. Entende, Sal?*

Não houve resposta do grande vazio. Ela se flagrou concordando com o homem bonito.

— Tudo bem. Eu fico. Digo, sei que não vão me deixar ir embora, mas vou ficar por livre e espontânea vontade.

O sorriso que ele abriu em resposta foi um bálsamo para o coração dela.

— Entendemos a diferença. Vermelho e Kim Toy levarão você ao seu quarto. — Ele se levantou e esticou o braço para lhe apertar a mão. — Bem-vinda, Jane. Você é uma de nós agora.

Ela se retraiu, erguendo as duas mãos como se estivesse na linha de tiro.

— Não sou, não — disse com firmeza. — Fico aqui por vontade própria, mas é tudo. Não sou uma de vocês.

Aquela frieza assustadora voltou aos olhos dele, que baixou a mão.

— Tudo bem. Você fica, mas não é uma de nós. Entendemos essa diferença também.

O quarto que deram a ela ficava ao fim de alguma grande área de pedras lúgubres e frias convertidas em um aglomerado de quartos menores com paredes de gesso pré-fabricadas. Eles tiveram o cuidado de buscar seus poucos pertences do conjugado mínimo que alugara, e da mesma maneira lhe trouxeram uma televisão e uma cama. Ela assistia ao noticiário, procurando por mais vídeos do Jumpin' Jack Flash. Ou passava o tempo produzindo gotículas de água com as pontas dos dedos e vendo-as se distenderem e caírem.

— Ela é bonita? — perguntou o Astrônomo, de sua cadeira de rodas, ao lado do túmulo de Jean d'Alluye. Ainda havia um pouco de sangue na imagem de pedra; ultimamente, o Astrônomo andava sentindo a necessidade de recarregar seu poder.

— Bastante.

Roman deu um golinho da taça de vinho e a descartou sobre a mesa do pregador, ao lado. O Astrônomo sempre lhe oferecia coisas: álcool, drogas, mulheres. Ele experimentava por cortesia e deixava de lado. Ninguém sabia ao certo até quando o Astrônomo deixaria as coisas continuarem daquela forma. Cedo ou tarde, ele faria algum pedido bizarro que envolvesse a humilhação de Roman. Ninguém se associava com o Astrônomo e saía ileso. A atenção de Roman percorreu uma área sombria embaixo de um arco de tijolos por onde aquela maldita criatura magrela e arrasada chamada Ceifador se arrastava taciturno, seu olhar insondável fixo em algo que ninguém podia ver. Em outra parte da sala, próximo dos postes com lamparinas, Kafka se remexia impaciente. Não conseguia parar de farfalhar com aquele maldito exoesqueleto. Parecia uma multidão

de baratas voejando. Roman não fazia questão de esconder sua repulsa pela aparência de Kafka. E o Ceifador — bem, ele ultrapassava a nojeira. Às vezes, Roman pensava que até o Astrônomo tinha um pé atrás com o Ceifador. Porém, tanto o Ceifador como Kafka haviam sofrido as humilhações reservadas para quem contraía o vírus Wild Card, enquanto Roman podia apenas esperar para descobrir o que o Astrônomo tinha em mente para ele. Esperava que houvesse tempo o suficiente para saber para que lado saltar. E ainda havia Ellie... Pensar em Ellie era o equivalente a um soco no estômago. Não, por favor, chega de Ellie. Ele olhou para a taça de vinho e recusou-se pela milionésima vez a sucumbir ao desejo por anestesia. *Se eu cair... não, quando eu cair, caio em plena posse das minhas faculdades...*

De repente, o Astrônomo riu.

— Melodramas combinam com você, Roman. É sua boa aparência. Consigo te imaginar em outras vidas, resgatando viúvas e órfãos em nevascas. — O riso esmaeceu, deixando um sorriso malicioso. — Tome cuidado perto da garota. Pode acabar virando cedo demais o pó que todos somos.

— Posso. — O olhar de Roman foi até a galeria superior. As esculturas de madeira italiana tinham sumido; ele não conseguia lembrar a aparência delas. — Mas não vou.

— E o que te dá tanta certeza?

— Ela é certinha. Uma das mocinhas. Uma inocente de vinte e um anos, que não tem inclinação para assassinato.

Tarde demais, olhou para o Ceifador, que o encarava de um jeito que ninguém gostaria de ser encarado pelo Ceifador.

Roman agarrou um pedestal partido. Seria horrível, mas não duraria muito. A eternidade de poucos segundos. Ao menos, o colocaria além do alcance do Astrônomo para sempre. Mas também significaria que ele não teria como ajudar Ellie. *Sinto muito, querida*, ele pensou, e esperou pela escuridão.

Um quarto de segundo depois, o Astrônomo ergueu um dedo. Ceifador voltou a murchar e a olhar para o nada. Roman forçou-se a não suspirar.

— Vinte e um — refletiu o Astrônomo, como se alguém do seu pessoal não tivesse escapado por pouco de ser morto por uma de suas máquinas assassinas. — Que bela idade. Cheia de vida e vigor. Não é a idade mais criteriosa. Uma idade impulsiva. Tem certeza de que não teme nem um pouco os impulsos dela, Roman?

Roman não conseguiu evitar um olhar furtivo para o Ceifador, que não estava mais prestando atenção.

— Não ligo de arriscar minha vida por alguém com as intenções certas.

— Sua vida. — O Astrônomo deu uma risadinha. — Que tal algo que tenha valor?

Roman permitiu-se sorrir em resposta.

— Desculpe, mas se minha vida não tivesse valor algum para o senhor, teria deixado o Ceifador acabar comigo há muito tempo.

O Astrônomo soltou uma gargalhada surpreendentemente animada.

— Cérebro e boa aparência. Por isso você é tão útil para todos nós. Deve ter sido o que atraiu sua esposa também, não acha?

Roman manteve o sorriso.

— É bem provável.

Os sonhos dela estavam cheios de formas estranhas, coisas que ela nunca tinha visto antes. Atrapalhavam seu sono, passando por sua cabeça com uma urgência que parecia direcionada, e a lembrava dos pedidos ardentes de Roman para que ela se juntasse a eles. Quem quer que *eles* fossem. Maçons egípcios. Seus sonhos lhe diziam tudo sobre eles. E o Astrônomo.

O Astrônomo. Um homem pequeno, menor do que ela, esquelético, cabeça grande demais. Um olhar que Sal teria chamado de fôdo, fazendo aquele sinal com a mão, o indicador e o dedo mínimo erguidos como chifres, os do meio curvados sobre a palma, algum gesto italiano. O rosto de Sal flutuava brevemente pelos sonhos e era varrido de repente.

Ela viu a entrada de algum tipo de igreja... não, um templo, definitivamente não uma igreja. Viu, mas ela não estava lá, não poderia ter estado lá; era um tempo antes de ela ter nascido. Sua presença desencarnada percorria uma rua noturna e então flutuava pelos degraus do templo, passando por um homem na porta que parecia estar congelado. Teve um lampejo de uma sala grande brilhando com velas, duas colunas, e um homem em uma plataforma, vestindo uma coisa chamativa, vermelha e branca sobre a frente, pouco antes de os gritos começarem.

Não apenas gritos, mas *gritos*, GRITOS, arrancados da garganta de uma alma que se perdia. O som a machucava. Seu ponto de vista deu uma volta pelo local, como uma câmera, para que pudesse ver que era o homenzinho gritando, o Astrônomo, cambaleando para dentro do salão. Então houve uma rápida confusão de imagens, um rosto de chacal, uma cabeça de falcão, outro homem, seu rosto largo e pálido; luz reluzindo dos óculos do homenzinho e, então,

uma coisa, uma criatura-coisa-lodo-massa-maldita-coisa-coisa-coisa...

Ela se flagrou sentada na cama, os braços erguidos na frente do rosto.

— TIAMAT. — A palavra brotou espontaneamente dela, e pairou de forma indesejada na escuridão. Jane esfregou o rosto com as mãos e deitou-se novamente.

O sonho voltou de imediato, arrastando-a com força brutal. O homenzinho com a cabeça enorme sorria para ela — não, não para ela, ela não estava lá, ainda bem; não queria ninguém sorrindo para ela daquele jeito. Seu ponto de vista retrocedeu e ela viu que ele agora estava em pé na plataforma, e em torno dele viu várias figuras — Roman, o homem vermelho, a oriental, um homem acabado que carregava a morte ao redor, uma mulher com o arrependimento tão talhado nas suas feições que doía olhar para ela (de alguma forma, ela sabia que a mulher era uma enfermeira), um jovem albino com um rosto prematuramente velho, uma criatura — macho, ela pensou — que poderia ser uma barata antropomórfica. Alguém que não foi abençoado por Deus, ela pensou.

Deus ainda está na pausa para o café, garotinha. Ela estava olhando para o rosto do homem que a levara ali, aquele que chamavam de Judas. Era o único que podia vê-la. *É apenas a sorte da carta que tiramos, querida, e você foi sortuda. E eu também. Blackjack!*

Tudo ficou escuro. Uma sensação de movimento incrivelmente rápido. Algo a impelia na direção de um pontinho de luz adiante na escuridão.

E, então, de repente, lá estava ela; a luz cresceu de um ponto para uma massa ardente e ela se chocou com toda a força na velocidade do pensamento. A luz estilhaçou-se e ela tropeçou de leve no chão musgoso de uma floresta. Rolou uma vez e pousou gentilmente na base de uma grande árvore.

Bem, ela pensou, melhor assim. Devo ter perdido o Coelho Branco, mas o Chapeleiro Maluco deve estar em algum lugar por aqui. Ela mudou de posição e teve de se agarrar a uma grande raiz para evitar sair flutuando.

Olhe, sussurrou uma voz bem perto dela. Jane virou a cabeça, os cabelos nadando em torno dela como se estivesse debaixo d'água, mas ela não viu ninguém. *Olhe. Olhe! Olhe e você os verá!*

Uma baforada de névoa soprou entre dois lariços diante dela e se desintegrou, deixando em seu lugar um homem vestido com todo o refinamento do século XVIII. Seu rosto era aristocrático, os olhos tão penetrantes que ela perdeu o fôlego enquanto seu olhar pousava nela. Mas Jane não tinha o que temer. Ele se virou, o ar atrás dele reluziu e uma máquina estranha apareceu. Ela piscou diversas vezes, tentando vê-la claramente, mas os ângulos recusavam-se a se firmar. Por mais que tentasse, ela não conseguia dizer se era grande e pontuda ou pequena e moldada, esculpida em mármore ou de madeira unida com pregos. Algo brilhou e soltou-se da máquina. Ela ficou maravilhada; parte daquela coisa simplesmente se ergueu e afastou-se.

Não. O que ela pensou ser parte da máquina era um ser vivo. Ela queria desviar o olhar por pelo menos um momento, mas não conseguia. Ele não a deixava. Alienígena. Reminiscente de outros

alienígenas que ela tinha visto no noticiário, no ataque. *Jumpin' Jack Flash*. O pensamento foi descartado de pronto.

O alienígena virou-se para o homem e esticou um braço, ou um apêndice. Agora, ele começava a parecer mais uma matéria viva do que parte de uma máquina. O alienígena transformou-se suavemente em algo quase bípede, embora parecesse manter a forma apenas por pura força de vontade — a hipótese ergódica (de onde *isso* veio?). O apêndice tocou a máquina e se integrou a ela. Um momento depois algo se projetou da lateral próxima ao homem. Ele o segurou e removeu-o com todo o cuidado. O alienígena afundou um pouco, diminuído. Jane percebeu que ele despendeu uma quantidade grande de sua força vital para dar ao homem... o quê?

O homem levou a coisa aos lábios, à testa, e então ergueu-a sobre a cabeça. Por um momento, a coisa assumiu a forma de um osso humano, um taco, uma arma, então algo mais.

Shakti, sussurrou a voz. *Lembre-se disso. O dispositivo Shakti.*

Nunca esquecerei, ela pensou. A sensação flutuante estava começando a deixá-la e o medo cresceu.

Agora, olhe. Olhe para cima.

Relutante, ela ergueu a cabeça e olhou para o céu. Sua visão subiu, correndo através da luz do sol, através do azul, das nuvens, até deixar totalmente a Terra, e ela estava olhando para as estrelas nuas. As estrelas dispersaram-se diante dela até que enxergasse a escuridão do espaço, e sua visão ainda continuou viajando.

Havia algo à sua frente, invisível na escuridão. Algo... estava tão longe que ela não era capaz de começar a conceber tal distância. Estava a caminho da Terra. Estivera àquela distância em 1777,

quando aquele homem (*Cagliostro*, sua mente respondeu e ela não se perguntou como o sabia) aceitou a coisa... Shakti... do alienígena, e então... e então... *seguiu para realizar muitas façanhas vistas como milagrosas, inclusive leitura da mente, levitação, transubstanciação, maravilhando a todos nas cortes da Europa, enquanto recrutava com fervor maçons egípcios...*

Ela lutou para absorver as informações despejadas pelo sonho. Não que importasse, porque quando acordasse não se lembraria de nada daquilo. Era como funcionavam os sonhos. Não era?

... porque queria uma organização que mantivesse o dispositivo Shakti seguro e o passasse de geração para geração, apenas às pessoas mais confiáveis, até seus mistérios poderem ser desencadeados e concluídos, quando seria necessário para a chegada à Terra de...

Algo se contorceu diante dela na escuridão. Ou talvez a própria escuridão estivesse se retorcendo em agonia por precisar conter aquela coisa, aquela...

... para a chegada à Terra de...

Surgiu diante dela sem aviso ou misericórdia, muito pior do que quando ela a tocou através da mente do Astrônomo. Era a reunião, a cristalização das formas mais finas, mais baixas, mais desenvolvidas, polidas e refinadas do mal no universo, mal que faria as maiores atrocidades humanas parecer pequenas, mal que ela não conseguia entender, a não ser com suas entranhas, mal que corria na direção daquele mundo havia milhares de anos, engolindo tudo em seu caminho, mal que chegaria a qualquer dia agora, qualquer dia.

TIAMAT.

Ela acordou aos berros. Tinha mãos sobre ela, e Jane lutava contra elas, contorcendo-se, golpeando. A água brotava em sua pele, deixando o ar denso, encharcando a cama e o tapete.

— Sh, sh, tudo bem — disse uma voz.

Não a voz do seu sonho, mas uma voz feminina. A oriental, Kim Toy, estava ali, tentando acalmá-la como se Jane fosse uma criança assustada. Uma luz se acendeu; Kim Toy a envolveu em um abraço tranquilizador. Jane se deixou abraçar e fez com que a água escorrendo sobre as duas parasse.

— Estou bem — disse quando encontrou palavras.

O cabelo molhado pingava sobre os olhos, mesclando-se com as lágrimas. A cama inteira estava ensopada, mas ela viu com um pouco de alívio que havia poupado o restante do quarto.

— Você estava gritando — disse Kim Toy. — Pensei que alguém estivesse tentando te matar.

TIAMAT.

— Tive um pesadelo.

Kim Toy acariciou gentilmente o seu cabelo.

— Um pesadelo?

— Sonhei que alguém jogava um balde de vermes no meu rosto.

O Astrônomo rugiu uma gargalhada.

— Ah, ela é excelente, realmente excelente!

O albino sentado no chão próximo à cadeira de rodas olhou para cima, com ar implorativo.

— Foi um sonho bom, então?

— Ah, sim, o sonho foi excelente também. — O Astrônomo acariciou o cabelo branco. — Você foi muito bem, Espectro.

O homem sorriu, a pele prematuramente envelhecida em torno dos olhos róseos se enrugando com patética alegria.

— Roman.

Do outro lado da sala sombria, Roman tirou os olhos da tela do terminal de computador.

— Vamos dar a ela apenas um pouco mais de tempo para que o horror fique enraizado antes de você apresentá-la ao resto de nossa pequena confederação. E mantenha Kim Toy lhe dando conforto.

Roman concordou com a cabeça, olhando furtivamente para o computador.

— Amanhã à noite de novo, Espectro — disse o Astrônomo para o albino. — Fará mais uma vez. Quero que ela acorde gritando pelas próximas duas noites.

Os olhos róseos baixaram-se, envergonhados.

— Não fique assim. Você sabe que está bem melhor do que antes, quando vendia sonhos pervertidos a dez pratas. — O Astrônomo deu uma risadinha. — Você é um dos meus ases mais úteis. Agora, vá descansar um pouco.

Assim que o albino desapareceu em um corredor escurecido, o Astrônomo afundou na cadeira de rodas.

— Ceifador.

O Ceifador se aproximou de imediato.

— Sim, Ceifador. Nós dois precisamos disso agora, não? Chame o carro.

Roman permaneceu no terminal de computador enquanto Ceifador empurrava a cadeira do Astrônomo para fora. Saindo para encontrarem na rua alguma pobre prostituta, que não sabia que aquele seria seu encontro final. Roman recusava-se a pensar

naquilo. Não sentiria pena de nenhuma delas, *não* sentiria. Todos eles — Espectro, Kim Toy, Vermelho, Judas, John F. X. Black, Coleman Hubbard (ah, que tipinho aquele, o grande ás do Astrônomo, um-zero-zero-um), mesmo aquela coisinha inocente chamada Jane Nenúfar — todos eram iguais, cada um deles. Peças no xadrez do Astrônomo. Ele mesmo também, mas apenas em nome de Ellie, para protegê-la.

ELLIE, ele digitou, as letras brilhando no monitor. EU TE AMO.

As palavras EU TAMBÉM TE AMO brilharam por um instante na tela antes que fossem substituídas por ENTRADA INVÁLIDA, PROGRAMA NULO.

Em outro ponto da cidade, Fortunato acordou, tremendo, o rosto coberto pelo suor frio.

— Calma. Calma, querido. — A voz de Michelle era suave, suas mãos macias e mornas. — Michelle está aqui. Estou aqui, meu amor, estou aqui.

Fortunado deixou que ela o embalasse nos braços e apertou o rosto contra seus seios perfeitos.

— São aqueles sonhos de novo, não é? Não se preocupe, estou aqui.

Ele roçou o rosto no colo dela, acariciando a carne morna, e fez com que ela adormecesse. Então escorregou para fora de seu abraço e trancou-se no banheiro elegante.

Depois que se estava dentro, não dava para sair. O que se aprendia não podia ser desaprendido. Conhecimento era poder, e o poder podia aprisionar.

Ele teria que ligar para Tachyon; melhor, ir até o Village e acordá-lo.

Eileen.

Fortunato apertou os olhos até as lembranças sobre ela passarem. Devia ter deixado Tachyon lhe receitar algo para esse problema, algum tipo de droga do esquecimento, para que não ficasse o tempo todo tropeçando nela dentro de sua mente, mas de alguma forma não conseguia tomar coragem para fazer isso. Porque, então, ela realmente teria partido.

Ele jogou água no rosto e parou no ato de enxugá-lo com uma toalha, olhando-se no espelho. Por meio segundo, viu outro rosto coberto com água; jovem, mulher, olhos grandes e verdes, cabelo vermelho-escuro, muito bonita, uma estranha para ele, pedindo ajuda. Não a ele especificamente, mas clamando sem esperança de resposta. Rezando. Então o rosto desapareceu e ele estava sozinho com seu reflexo.

Ele apertou a toalha contra o rosto. Um conjunto macio e luxuoso que Michelle havia comprado. Quando ela o levou para casa, esfregaram-se com elas e fizeram amor.

Kundalini. Sinta o poder.

(Lenore. Erika. Eileen. Todas perdidas.)

Ele voltou para Michelle.

Jane aceitou uma xícara fumegante de chá verde de Kim Toy e bebericou delicadamente.

— Um brinde a duas noites seguidas sem pesadelos — disse ela com um leve sorriso. — Eu espero.

O sorriso em resposta de Kim Toy foi menos que entusiasmado. A garota devia ter virado um amontoado trêmulo de gelatina após os sonhos que o Astrônomo enviou para ela, e aquilo mal foi um

gostinho de TIAMAT. O contato real a teria enlouquecido de vez. Mas ali estava ela, a frágil e pequena inocente, bebendo chá e recuperando a cor. Tinha mais fibra do que qualquer um deles poderia imaginar. *É sempre nos inocentes que você tem que ficar de olho*, pensou Kim Toy, irônica. Eles tinham dez vezes mais força, pois seu coração era puro, e sua sinceridade os tornava letais. Ela pensou se velhos pervertidos e malucos como o Astrônomo tinham qualquer suspeita ou se ele estava tão longe de qualquer coisa que lembrasse remotamente a inocência que mal seria capaz de conceber algo assim. Quando lembrou o jeito como o Astrônomo recarregava seus poderes, sim, achou que era totalmente possível. O que um velho maldito e depravado como aquele saberia sobre inocência?

E ele estava prestes a dominar o mundo. Tá bom.

Mas ela *acreditara* naquilo. Era inabalável em sua crença. Tinha sido inabalável. Não, ainda era. Não era? E quem estava chamando de velho maldito e depravado? Que moral ela tinha, quando confundia o cérebro de homens para fazer com que se apaixonassem por ela, e depois, quando eles tinham cumprido seu propósito, passava de confundir a liquefazer, e as mesmas pessoas que se livravam dos corpos para o Astrônomo se livravam de tais homens também. Ela olhou para Jane. Não era de surpreender que preferisse a companhia das mulheres, se não podia estar com Vermelho.

Jane esticou o braço e ligou a TV com o controle remoto. A tela veio à vida, piscando.

— Eu assisti ao *Pouso da Peregrina* na noite passada e não tive sonhos — disse ela, um pouco tímida. — Virou quase uma

superstição. Como se eu tivesse que assistir para afastar os pesadelos. Mesmo se for reprise.

Kim Toy concordou com a cabeça.

— Você e cerca de um bilhão de outras pessoas.

— Sal adorava talk-shows. Especialmente o *Pouso da Peregrina*. Dizia que assistia porque morria de curiosidade para saber como enfeitariam as asas dela a cada noite. — Jane fez uma pausa quando um comercial deu lugar às feições estonteantes de Peregrina. — Sal dizia que eles nunca o decepçionavam.

— Quem?

— O departamento de figurinos.

— Ah. — Kim Toy ficou em silêncio e assistiu ao programa com a garota, cumprindo o seu dever. Meia hora depois, a imagem de um homem bonito e ruivo com olhos cor de mel e um rosto magro e esculpido apareceu na tela, fazendo com que Jane desse um pulo na cadeira.

— É ele! — Ela ajoelhou perto da tv. — Jumpin' Jack Flash. Acompanhei todas as notícias sobre ele. É um dos meus heróis.

Kim Toy aumentou o som. O rosto do homem desapareceu e foi substituído pelo set do talk-show, onde Peregrina entrevistava uma mulher com roupas muito caras segurando uma câmera que parecia mais cara ainda.

— Acho que você capturou exatamente o espírito do Jumpin' Jack Flash — Peregrina estava dizendo. — Não deve ter sido fácil.

— Bem, o mais complicado foi a foto ser espontânea — disse a outra mulher. — Acredite ou não, foi pura sorte; Eu estava no lugar certo na hora certa. J. J. não sabia que eu estava tirando a foto, embora mais tarde ele tenha me dado permissão para usá-la.

— J. J.? — perguntou Peregrina.

A fotógrafa baixou os olhos, modesta.

— É como ele é chamado pelos mais íntimos.

— Até parece — murmurou Kim Toy.

— Oi? — Jane perguntou.

— Os mais “íntimos”. Dá um tempo. Ele deve dizer a todas as mulheres com quem dorme para chamá-lo de J. J., assim não se perde. É mais fácil que lembrar o nome delas, e muito menos problemático do que fazer uma marcação nas orelhas ou arrebanhar todas e marcá-las.

Jane parecia um pouco magoada. Um dos seus heróis, certo. Kim Toy balançou a cabeça. Na idade dela, a garota já passara da hora de aprender que certos heróis tinham... bem, talvez não picas de ouro, mas certamente umas bem hiperativas.

Como os seus heróis, senhora? Como o Astrônomo, talvez?

Kim Toy afastou aquele pensamento e se forçou para se concentrar na entrevista. Na fotógrafa aparentemente especializada em fotografar ases. Mais fotos piscaram na tela; para alegria de Jane, Jumpin’ Jack Flash reapareceu várias vezes entre as imagens de Modular, dr. Tachyon, a carapaça do Todo-Poderoso Tartaruga, Estelar e da própria Peregrina.

— Uma pena que ela não possa tirar sua foto — disse Kim Toy quando o quadro acabou e o programa foi novamente para o comercial.

Jane deu de ombros.

— Sou curinga.

— Você está começando a me dar nos nervos.

— Mas o curinga está comigo. Uma das duas pessoas que eu mais amava se afogou; a outra sangrou até a morte. — Ela virou as costas para a tv. — Sim, o curinga está definitivamente comigo e não tem graça nenhuma.

Kim Toy estava prestes a responder quando algo brilhou no ar à direita do aparelho de tv. As duas ficaram muito quietas enquanto a imagem do Astrônomo se cristalizava nas sombras.

— Kim Toy. Jane. Quero ver vocês.

Não havia necessidade de resposta. Kim Toy fingiu prestar atenção, esperando que sua irritação não transparecesse. Um teatrinho barato para impressionar Jane. O Astrônomo devia achar que ela era um puta de um bilhete premiado, já que estava se dando a esse trabalho para impressioná-la. Poderia ter conservado a energia e mandado Vermelho ir chamá-las.

Dr. Tachyon ainda estava com uma aparência ótima, mesmo já passando da meia-noite.

— Sabia que ele tinha alguns ases lá. Mas a máquina que você descreve dos sonhos... bem, ela existe mesmo, e é muito velha para os seus padrões. — Os olhos dele estreitaram-se enquanto estudava a testa inchada de Fortunato. — É incomum você ter uma experiência extracorpórea espontânea, não é?

Fortunato virou as costas para Tachyon (*maldito maricas, tudo de que precisamos, maricas do espaço*) e olhou para a janela na direção do Mosteiro.

— Vim aqui só para te contar. Há um poder imenso se acumulando lá. Ele me chamou. Poder atrai poder.

— De fato — murmurou Tachyon. Maricas do espaço. Fortunato não gostava dele, mas Tach nunca tinha visto aquele terráqueo alto e exótico em tal estado emotivo antes.

— Estão chamando aquela coisa lá. TIAMAT. Toda a organização já existe há séculos apenas para trazer aquele horror até nós.

O suspiro de Tachyon foi pesado. De repente, sentiu-se muito cansado. Quarenta anos de um horror atrás do outro, tinha direito de se sentir exausto. Sabia que Fortunato, ali em sua sala de estar elegante, com sua testa protuberante e o poder praticamente estalando no ar, não teria concordado com ele.

Poder atrai poder? Ah, o que eu poderia dizer sobre isso, pensou Tachyon. E se pudesse recuar o suficiente para vislumbrar o grande esquema do universo, o que poderia ter aprendido sobre seu próprio povo e o Dia do Wild Card e a aproximação de TIAMAT ou do Enxame ou fosse lá o que fosse. Talvez houvesse um verdadeiro grande esquema para o universo; ou talvez fossem apenas os poderes do Wild Card chamando o Enxame. Claro, isso significaria que o vírus atraiu o Enxame antes de o vírus sequer existir, mas Tachyon estava acostumado a lidar com os absurdos do espaço e do tempo.

Não que isso fizesse real diferença. Ele olhou para Fortunato, que estava energizado com *kundalini* e impaciência. O tempo de agonizar já havia passado fazia muito, muito; agora era tempo de fazer, de fazer o máximo que podia, e nem um pouco menos. Para expiar, talvez, por um tempo em que poderia ter feito mais, mas falhou.

Quando ele falhou com Blythe.

Após tantos anos, a sensação de luto não diminuía. Não se escondia no fundo de uma garrafa, não era obscurecida por uma

fileira interminável de amantes belíssimas. Apenas o trabalho que fazia na clínica parecia lhe oferecer algum tipo de conforto, inadequado, mas melhor do que nada.

Seus olhos encontraram os de Fortunato, e reconheceu o olhar no rosto dele.

— Poder atrai poder e sofrimento atrai sofrimento. — Ele deu a Fortunato seu sorriso mais sincero. — Todos perdemos algo de precioso nesta batalha contra o horror. Mas ainda temos que seguir em frente, seguir em frente e virar as costas para a escuridão, se pudermos.

Fortunato não retribuiu o sorriso. Tudo parecia levar a um de seus malditos discursos de maricas de merda.

— Sim, claro — disse ele, ríspido, virando-se. — Vamos lá dar uma surra nos caras, você e eu e qual exército?

Tachyon pegou o telefone.

— Teremos que convocá-lo.

O policial jogou uma rede sobre ele. O susto foi tão grande que ele reverteu para a forma humana, ralando cotovelos e joelhos e se arranhando ao rolar pela calçada. O policial estava rindo ao puxar a arma e enfiar através da rede.

— Nem pense em se transformar de volta — disse ele —, ou terei que sacrificá-lo. Meu Deus, espere até eles verem o que você faz, lá no Mosteiro. Eu mal posso acreditar.

Ele estremeceu sob a rede, incapaz de tirar os olhos do cano da pistola. O policial atiraria mesmo nele, disso não duvidava. Em silêncio, xingou-se por não ter se contentado em pairar sobre a cidade, aproveitando as luzes e assustando alguns casais em

coberturas. Quantas pessoas podiam dizer que foram assustadas por um pterodátilo... ultimamente?

O policial o jogou no banco traseiro do carro e seguiu até o centro da cidade, ainda abafando o riso.

— Não sei o que o Astrônomo vai querer fazer com você, mas provavelmente ele vai se divertir à beça. Você se transforma no menor tiranossauro que já se viu.

— Ornithosuchus — ele murmurou, engolindo seco.

Outro ignorante sobre dinossauros portando uma arma. Não tinha certeza do que deveria temer mais: a arma, o tal Astrônomo, ou o próprio pai, que logo descobriria que ele não estava no quarto, dormindo. Tinha apenas treze anos e não devia estar na rua àquela hora em um dia de aula, ainda mais na forma de um carnívoro veloz do período triássico.

— Venha aqui, minha querida. Para que eu possa te ver melhor.

Jane hesitou. A aura de maldade que experimentara em seus sonhos rodeava o velho na cadeira de rodas. A umidade começou a brotar levemente do seu rosto e pescoço. Olhou para Kim Toy, mas a atenção da mulher estava voltada para o Astrônomo, assim como a de todos no grande salão. Quem quer que fossem. Maçons. Ela reconheceu o homem que a levara ali — Judas, como fora chamado por Roman, que estava sentado diante de um terminal de computador afastado, a um canto, perto de uma parede de tijolos baixa que parecia ter sido atacada com uma picareta. Escrita com spray em dourado metálico estava a legenda: ME COMA.

— Você tem um grande poder, minha querida — disse o velho. — Que seria muito útil para o visitante que está chegando das estrelas.

TIAMAT. — Ele fez uma pausa, aguardando a reação dela.

Jane ficou parada, desconfortável, sob o olhar dele. A iluminação extra que haviam pendurado de forma negligente apenas deixava as sombras nos cantos afastados ainda mais escuras. Ela pressentia coisas horríveis esperando naquelas sombras por um sinal do Astrônomo para saírem e devorá-la. ME COMA. Com uma das mãos, ela segurou o próprio cotovelo, e pressionou a outra mão contra a boca para não começar a rir histericamente.

— Este nome é familiar para você? TIAMAT? — continuou o Astrônomo. Jane apertou a mão com mais força sobre a boca e deu de ombros de forma desajeitada.

— Bem. — O velho inclinou-se um pouco para a frente. — Seria bom se pudéssemos ter uma demonstração do seu poder. Além daquilo que você fez na rua com o hidrante. — Ele a encarou com olhos estreitados. — Ou você está usando seu poder agora, minha querida?

— Ah, é realmente sutil — disse o homem magro e pálido do lado direito do Astrônomo. Seus olhos faziam Jane pensar em lápides. — Era tudo de que precisávamos, uma ás cujo grande poder é suar muito. Dominação do mundo, aí vamos nós.

O Astrônomo deu uma risadinha e Jane pensou ter sido o som mais maléfico que já escutara.

— Vamos lá. Todos sabemos que os poderes dela são muito maiores. Não é? Claro. Por exemplo, em teoria você poderia tirar toda a água de um corpo, deixando... bem, não muito. — Ele gesticulou para o restante das pessoas e riu novamente, vendo a expressão no rosto dela. — Não, acho que não. O único em quem você desejaria fazer isso agora é em mim, e eu sou imune.

Ele balançou a cabeça na direção de Vermelho, que desapareceu sob um dos arcos de pedra. Momentos depois, ele reapareceu, trazendo dois homens que empurravam uma jaula sobre rodas para o meio da sala. Jane piscou diversas vezes, incapaz de acreditar em seus olhos naquela penumbra.

Havia um dinossauro na jaula. Um *Tyrannosaurus rex* com menos de um metro de altura.

Ela o viu arreganhar os dentes ferozes e correr dentro da jaula, seus braços pequenos apertados contra o corpo escamoso. Um olho escuro de réptil observava Jane com um lampejo de inteligência.

— Criatura odiosa — disse o Astrônomo. — Se eu a deixasse sair, poderia arrancar sua perna com uma mordida. Mate-a. Tire toda a água do corpo dela.

Jane baixou os braços, as mãos ainda fechadas em punhos.

— Ah, vamos lá. — Outra risadinha perversa. — Não me diga que você tem um fraco por dinossauros perdidos.

— Tem alguém dentro dele — ela falou. — Quer uma amostra do meu poder? Aqui está um close-up!

Algo *quase* aconteceu. Ela se concentrara em uma área bem na frente do rosto do Astrônomo, pretendendo jogar uns litros de água na cara dele. O ar ficou difuso por um momento, então clareou. O velho lançou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Você estava certo, Roman, ela cria uma ousadia nos momentos mais estranhos! Eu disse a você, minha queridíssima, que seu poder não funcionará se eu não quiser. Não importa quanto poder tenha, eu tenho *mais*. Não é mesmo, Ceifador?

O homem esquelético deu um passo à frente, pronto para obedecer a qualquer ordem. O Astrônomo balançou a cabeça.

— Existe outra esperando por nós, muito mais receptiva. Ela não tentará jogar um balde de água na nossa cara.

Jane enxugou o próprio rosto, em vão. A água estava começando a empoçar ao redor dos seus pés. O Astrônomo a observava, imóvel.

— Para ter um poder verdadeiro, é necessário ser capaz de usá-lo, ser capaz de fazer certas coisas, não importa quanto as ache terríveis. Há mais poder do que você imagina em ser capaz de fazer essas coisas, ou ser capaz de obrigar alguém a fazê-las. — Ele gesticulou na direção da jaula. Jane seguiu o movimento e então teve de cobrir a boca com as mãos para não berrar.

O tiranossauro tinha sido substituído por um garoto de uns doze ou treze anos, com cabelos castanho-claros, olhos azul-acinzentados e uma pequena marca rosada na testa. Isso já teria sido choque suficiente, mas ele também estava completamente nu. O menino encolheu-se nas barras, fazendo o máximo para se cobrir.

— Não há mais tempo para tentar cortejá-la, minha querida — disse o Astrônomo, toda a aparência de gentileza desaparecida. — TIAMAT está muito próximo agora e não posso gastar nem um momento tentando convencê-la a ficar conosco. É uma pena; matar uma criança, mesmo disfarçada de um dinossauro perigoso, teria unido você a nós de vez, de forma traumática, mas completa. Se eu tivesse mais algumas semanas, teria conquistado você sem nenhuma dor. Agora, é uma questão de escolher entre sua vida e sua pequena e corajosa ética. Você precisa decidir até eu acabar de cruzar esta sala. Não tenho dúvida do que você escolherá. Que sua

ética possa sustentá-la na próxima vida. Se houver uma. — Ele gesticulou para o homem esquelético. — Ceifador...

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. O homem-barata deu um passo à frente com um som alto e chiado e gritou *Não!*, bem quando água espirrou no rosto do Ceifador com força suficiente para fazê-lo tombar. E então outra voz, incrivelmente alta, rugiu “AQUI É O TODO-PODEROSO TARTARUGA! VOCÊS DEVEM SAIR PACIFICAMENTE, CERCAMOS ESTE LOCAL E NINGUÉM PRECISA SE MACHUCAR!”. Neste momento, Jane incredulamente pensou ouvir o velho tema dos desenhos do Super Mouse: *Super Mouse, seu amigo, vai salvá-la do periiiiigo!* Isso foi seguido por um miado terrível que foi de um tom muito grave a um agudo ensurdecedor, sacudindo o prédio inteiro. Houve um estouro quando a jaula tombou no chão, lançando o garoto para fora. Jane lutou para manter o equilíbrio e alcançou o menino no meio do caos de pessoas tentando fugir em todas as direções. Ele se transformou em outro dinossauro menor, muito magro e com aparência ágil, com dedos finos e garras. Jane se forçou a agarrar seus dedos quando ele correu na direção dela.

— Precisamos sair daqui! — ela disse, sem fôlego, e sem nenhuma necessidade.

Olhou em volta, notando que Ceifador e o Astrônomo haviam desaparecido. O pequeno dinossauro a puxou pelo salão e entrou em uma galeria sombria sob as passagens abobadadas. *De mãos dadas com um dinossauro*, ela pensou enquanto fugiam pela galeria. *Só mesmo em Nova York.*

Ela não percebeu Kafka avançando com dificuldade atrás deles.

Foi realmente uma visão linda, o Todo-Poderoso Tartaruga disse mais tarde. Ases de todos os tipos saindo das sombras das árvores em torno do Mosteiro, lançando-se sobre os maçons que corriam para fora do prédio pelos caminhos de tijolos e jardins arruinados. Ele viu quase tudo durante a batalha. Uma das coisas que perdeu, no entanto, foi Jane e o garoto-dinossauro esgueirando-se por uma arcada de colunas que cercava uma área aberta cheia de ervas daninhas. Eles viram o Tartaruga pairando acima com diversos ases em trajes coloridos agarrados à carapaça. Um dos ases apontou para algo; no momento seguinte, ele estava flutuando suavemente para o chão, sustentado pelo poder do Tartaruga. Jane ouviu o dinossaurinho chiar, assustado. Quando ela se virou para ver o que estava acontecendo, ele tinha voltado a ser um garoto, sua nudez coberta pelas sombras.

— Aquele é o Tartaruga — ele sussurrou para Jane. — Se a gente conseguir chamar a atenção dele, ele pode te tirar daqui!

— Mas e você?

Como resposta, ele se converteu em um dinossauro novamente, este bem musculoso e com aparência quase tão feroz quanto a do tiranossauro. Parecia levemente familiar a Jane, que não conseguia diferenciar um crocodilo de um jacaré. Tentou lembrar o nome. Por mais ameaçador que parecesse, ainda não era muito maior do que um pastor-alemão. Ele rosnou e a empurrou com suas mãos de três garras pelo caminho de pedras que rodeava o jardim abandonado. Outro daqueles uivos grotescos soou; Jane sentiu um arrepio e o pequeno dinossauro — um alossauro, ela lembrou de repente — rugiu em resposta, agarrando a cabeça, cheio de dor. Ela se curvou com a intenção de abraçá-lo ou confortá-lo, então sentiu uma lufada

de penas, um tinir de metal, e uma mulher extraordinariamente bonita pousou em uma parede de mármore baixa.

— Peregrina! — Jane ofegou.

O alossauro soltou um ruído baixo, empolgado, mirando a mulher alada com seus olhos selvagens.

— Melhor saírem daqui — disse Peregrina, carinhosamente. — O Uivador vai gritar até derrubar este lugar. Vocês conseguem sair? Você e seu, hum, lagarto de estimação?

— É um garoto. Digo, ele é um garotinho, um ás...

O alossauro rugiu, concordando ou protestando por ter sido chamado de garotinho.

— Feroz, muito feroz. — Peregrina sorriu para Jane enquanto levantava voo, suas grandes asas batendo no ar. — Melhor irem embora agora. É sério — ela falou, então voou para longe, as famosas garras de titânio erguidas e prontas.

Jane e o alossauro correram pelo jardim arruinado e atravessaram outra arcada. Ela ouviu o pequeno dinossauro ficar para trás e parou, estreitando os olhos na escuridão.

— O que houve?

Só conseguia vislumbrar uma silhueta humana.

— Tenho que mudar. Preciso de um corredor mais rápido, estou ficando cansado. Hipsilofodonte é melhor do que um alossauro para correr.

Um momento depois ela sentiu longas garras segurando-a gentilmente e arrastando-a. Aquela versão era mais ou menos do tamanho de um canguru.

— Não acho que estamos indo para a saída — ela bufou quando chegaram a uma área de luz difusa e uma escadaria que descia.

O dinossauro transformou-se em um garoto por um instante antes de virar um pterodátilo e voou escada abaixo. Jane conseguiu apenas trotar atrás dele. No fim da escada, o pterodátilo de repente arremeteu e voltou na direção dela. Por reflexo, Jane desviou, tropeçou e caiu no chão bem a tempo de ficar cara a cara com um homem ainda mais bonito do que Roman. Vestia um traje de paraquedista azul-marinho e um capacete justo, e tinha armas que pareciam presas diretamente aos ombros.

— Olá — disse ele. — Não vi você na fuga do gorila?

Jane piscou, balançando a cabeça, atordoada.

— O que... eu não... — E então, quando as armas do homem se voltaram para rastrear o pterodátilo que o circundava, ela gritou: — Não! Ele é apenas um garoto, é um dos *mocinhos*!

— Ah, tudo bem, então — disse o homem, sorrindo para ela. — É melhor vocês dois saírem daqui.

Jane passou correndo por ele, o pterodátilo pairando sobre a cabeça dela.

— Você tem *certeza* de que não nos vimos na fuga do gorila? — ele gritou atrás dela.

Ela não tinha fôlego para responder, mesmo se quisesse. O pterodátilo planava adiante, enquanto ela sentia as pernas enfraquecerem. Arfando, continuou aos tropeções, observando a distância entre ela e o pterodátilo começar a crescer.

O pterodátilo virou bruscamente em uma esquina de um corredor e desapareceu. Meio segundo depois, houve um flash de luz azul, um guinchado e um baque. Jane parou, encostando-se na parede de pedra. *Por favor*, ela rezou. *O garotinho, não. Não deixe que machuquem o garotinho, eles podem fazer o que quiserem comigo.*

Ela se forçou a continuar, apoiando-se na parede, e espiou na curva.

Ele tinha voltado à forma humana ao cair no chão, mas Jane detectou o peito subindo e descendo enquanto ele respirava. O homem-barata estava diante dele com uma arma que parecia maligna, como um ferrão.

— Tive de impedi-lo — disse o homem-barata, olhando para ela. — Não está ferido de verdade. Voltará a si em poucos minutos. Eu juro. Preciso de sua ajuda.

Ele esticou sua mão livre para Jane. Ela deu um passo à frente. O rosto não era humano, mas os olhos eram. Mas, antes que ela pudesse pegar a mão dele, Kafka recuou.

— Foi apenas um gesto. Não me toque. Acorde o garoto e venha comigo.

Jane ajoelhou-se ao lado do menino inconsciente.

Judas estava ao lado da tumba com as mãos sobre as orelhas, incapaz de clarear a mente tempo suficiente para decidir o que fazer. Toda vez que tentava pensar, outro daqueles uivos terríveis o estremecia. Ele podia jurar que seus ouvidos estavam sangrando.

O caos estava além do que conseguia imaginar. O pessoal do Astrônomo entrava e saía do salão como o bando de covardes de merda que eram. Ele sempre soube que eram inúteis, era policial há tempo o bastante para reconhecer a raça. Isso já bastava para fazê-lo querer mudar de lado e se livrar deles, e talvez não fosse uma má ideia, com os ases detonando o lugar; claro, tinha sua insígnia, tinha sua arma, podia alegar que estava disfarçado, quem se daria ao trabalho de verificar, pelo menos naquela noite? Claro.

Olhou em volta e viu Vermelho e Kim Toy seguindo para uma das galerias escuras, procurando uma saída. Podia começar com eles, pensou, e sacou a arma.

— Parados! Parados ou eu atiro!

Kim Toy virou a cabeça, seu cabelo longo, escuro e liso voando com o movimento.

Judas moveu sua mira do rosto dela para o de Vermelho.

— Eu disse para não se mover!

Vermelho ergueu a mão diante do rosto quando Judas estava prestes a puxar o gatilho, e então, de repente, Judas estava apaixonado. Pássaros cantavam, fazendo ninhos em seu cérebro, e o mundo todo era lindo, especialmente Kim Toy, a mais sensual e exótica das mulheres. Lançou sua arma longe e cambaleou na direção de Kim Toy, amando-a demais para sequer ficar magoado quando ela fugiu com Vermelho.

Seus ouvidos estavam sangrando de verdade agora, mas ele não se importava mais.

Como todos os cômodos naquele lugar, aquele lembrava uma capela. Ela notou o local onde devia ter existido um altar ou uma pia batismal, e que agora era ocupado por uma máquina.

— Você viu isso em um sonho — disse Kafka, pousando a mão em um dos ângulos impossíveis da máquina.

Jane teve que desviar o olhar. A estranheza do contorno ameaçava embotar sua visão. Ela encarou a forma mais prosaica de um gabinete de computador próximo com um grande monitor apagado e silencioso sobre ele.

— O dispositivo Shakti — disse ela.

— Sim. O dispositivo Shakti. — Ele se encolheu quando outro daqueles uivos horríveis atravessou o prédio. — Hoje à noite, podemos todos morrer, mas isso deve ser protegido.

A boca de Jane torceu-se de aversão.

— Aquela criatura, TIAMAT...

— Nossa única chance...

Houve um farfalhar enquanto o garoto-dinossauro — Kid Dinossauro, ele dissera — enrolava um lençol do catre de Kafka bem firme em volta do corpo. Ela pedira que ele ficasse na forma humana para que pudessem conversar e, relutante, ele concordara, desde que o homem-barata lhe desse algo para se cobrir.

— Não sei quanto você acha que pode confiar neste cara — disse o garoto —, mas eu com certeza não confiaria.

Passos surgiram como baques surdos no salão lá fora, e Roman entrou correndo, com olhos arregalados.

— O gabinete do computador... está tudo bem? — Sem esperar resposta, ele empurrou Kafka de lado, mexendo loucamente no computador. — Ellie! Estou aqui, Ellie, estou aqui!

Kafka foi até ele.

— Onde está o Astrônomo?

— Ele que se foda — disse Roman, e empurrou Kafka para longe.

— Ele e todos vocês que se fodam!

Outro uivo sacudiu o prédio e os dois caíram contra o computador. Um dos painéis se soltou nas mãos de Roman, expondo parte dos circuitos.

— Puta merda! — disse o garoto. — Que nojo!

Mesmo na penumbra, Jane conseguiu ver os circuitos pulsando, a textura das placas e a umidade nelas, a carne viva misturada com o

maquinário rígido, morto. Ou teria sido a carne que havia endurecido? Jane cobriu os olhos com a mão, nauseada.

— Nenúfar!

O alerta de Kafka chegou enquanto ela sentia mãos pegando-a por trás. Jane virou para encarar o olhar tumular do Ceifador. Ela pousou as mãos nos ombros dele e, por um momento absurdo, eles pareceram ficar abraçados.

— Está com medo de morrer? — ele perguntou.

Àquela altura, ela não achava a pergunta estranha.

— Sim — respondeu simplesmente.

Algo no rosto dele mudou e Ceifador a soltou devagar.

— Nenúfar! — Kafka gritou novamente, a voz cheia de desespero.

Mas ela permaneceu de pé, permaneceu viva, e pousou uma das mãos no rosto seco do Ceifador. Ele recuou ao sentir o toque dela.

— Dói, não é?

— Tudo dói — disse ele, rouco, e empurrou-a para longe.

Jane caiu perto da máquina de Kafka, e começava a se levantar quando uma janela de vitrais grossos explodiu, espalhando estilhaços multicoloridos pela sala. Ela cobriu a cabeça com os braços, encolhendo-se no chão; uma chama longa atravessou a sala, chamuscando madeira e pedra. Jane ouviu alguém gritar. Houve um farfalhar quando Kafka rastejou até ela pelo chão e tentou incitá-la para perto da máquina.

— A única coisa — ele arquejou. Outro uivo os sacudiu como um terremoto. — ... TIAMAT... proteger... preciso da sua ajuda para TIAMAT...

Ele foi puxado para longe dela; Jane o ouviu gritar com o contato. Então alguém a pôs de pé e ela viu Kafka cair de costas depois de

levar um chute na cabeça.

— Nãããão! — ela gritou. — Não o machuque, *não!*

Ela tinha visto aqueles olhos castanho-claros milhares de vezes, a mais recente naquela noite. Ela abriu a boca, mas não conseguiu emitir som. Os olhos claros enrugaram-se com um sorriso rápido antes que ela fosse empurrada para o lado.

— Para trás, querida, não quero que você se machuque.

O homem se virou e começou a apontar para Kafka, para o dispositivo Shakti e para o garoto, que havia se transformado em um dinossauro, um estegossauro desta vez, e que estava claramente na linha de tiro. Jane lutou para recuperar a voz e achar as palavras certas, e soltou possivelmente a única coisa capaz de impedi-lo de transformar todos em cinzas.

— J. J., *pare!*

Jumpin' Jack Flash virou-se para ela, boquiaberto.

Um momento depois, ficou ainda mais surpreso ao ver que ela estava coberta de água.

Fortunato entrara em cada cômodo, galeria e alcova que encontrara, buscando ases ou qualquer outra pessoa, com o maricas do espaço em seus calcanhares. Até então, haviam encontrado apenas um idiota rastejando pelo chão de pedra com sangue correndo dos ouvidos. O maricas espacial quis parar e examiná-lo, mas Fortunato dera um jeito nisso. Aquilo não era uma tarde na clínica, ele disse, e puxou o maricas pelo colarinho pomposo do casaco... maricas, sim, claro, cara, vamos falar de maricas, chame o tal de Crowley de maricas, e, aproveitando, o que foi mesmo que você fez com aquele garoto que trouxe dos mortos, falando em maricas... ele

interrompeu o fluxo de pensamentos com firmeza enquanto descia para uma sala estreita.

— Fortunato... onde... o que você... está tentando fazer? — arfou Tachyon.

— Eu o sinto — disse Fortunato por sobre o ombro.

— Sente quem?

— Ele matou Eileen. E Balsam. E muitos outros. — Ele cambaleou quando o Uivador lançou mais um dos seus gritos longos e terríveis. Tachyon esbarrou nele, e os dois quase caíram. — Merda, eu queria que ele calasse a boca — murmurou Fortunato. Parou de repente e agarrou Tachyon pelas abas de seu casaco de fru-fru. — Escute, você não vai fazer nada. Ele é todo meu, entendeu?

Tachyon olhou para a testa inchada de Fortunato, seus olhos escuros e raivosos. Então se desvencilhou dele.

— Nunca te vi desse jeito.

— Sim, bem, você não viu merda nenhuma ainda — rosnou Fortunato, e seguiu caminho, seguido de perto pelo maricas espacial.

Por vários longos momentos, ninguém pareceu saber o que fazer. Roman havia se levantado e estava protegendo o computador exposto. Kafka correu para a máquina Shakti; o pequeno estegossauro olhava de um lado para outro. Até mesmo Jumpin' Jack Flash parecia paralisado, olhando de Jane para a máquina estranha e para Kafka, para Roman e de volta para Jane.

Então, ele tirou os olhos dela e o tempo voltou a correr enquanto Jack esticava um braço na direção da máquina de Kafka.

— Ele, não — disse Jane, desesperada, e avançou para ele no momento em que o Ceifador falou, quase baixo demais para se ouvir:

— Ei. Você.

Antes que Jumpin' Jack Flash pudesse reagir, o estegossauro transformou-se em um garoto nu e, em seguida, em um tiranossauro, e lançou-se pela sala para enterrar os dentes na coxa do Ceifador. Ceifador gritou e caiu de costas, lutando com o tiranossauro. Kafka começou a gritar; houve um redemoinho de luz, um cintilar, e o Astrônomo surgiu no meio da sala. Sua cabeça parecia algo saído de um pesadelo — tinha um focinho estranho, curvado, orelhas retangulares e olhos caídos, mas Jane sabia que era o Astrônomo. Ouviu Kafka dizer “O deus Setekh!”, com um tom que podia ser de medo ou alívio. O Astrônomo sorriu para Jane, e ela viu o sangue escorrendo dos dentes e lábios dele. Sem cadeira de rodas agora; ele estava cheio de vitalidade e força. Como se para confirmar seus pensamentos, ele de repente se ergueu um metro e meio no ar.

Jumpin' Jack Flash deu um passo para trás, ergueu as mãos e então pareceu ficar confuso. O Astrônomo sacudiu um dedo para ele como se fosse uma criança malcriada, e voltou-se para o Ceifador, que ainda estava rolando no chão com o tiranossauro. Um momento depois, o dinossauro era novamente um garoto nu.

— Ai, merda! — berrou o garoto, e escapou das mãos do Ceifador, lutando para chegar até a porta.

Quando ele conseguiu, um homem negro e alto, com a testa inchada, apareceu na soleira. Jane ofegou, não pelo surgimento

dele, mas ao sentir o poder em torno do homem; conseguia sentir as forças acumuladas carregando o ar.

— Eu já senti você — disse o Astrônomo — agitando as coisas, aqui e ali.

— Mais do que agitando, desgraçado. — O homem empertigou-se tanto que pareceu até tornar-se mais alto e avançou na direção do Astrônomo, como se fosse abraçá-lo. O Astrônomo desceu levemente, ainda sorrindo.

— Eu gostaria de colocar você à prova... — disse o Astrônomo.

Então, de repente, ele se afastou flutuando até a máquina de Kafka e fez um movimento rápido com os punhos, para cima. O homem alto cambaleou para a frente vários passos, parou e se firmou com os pés bem afastados.

— Não seja tímido, Fortunato. Chegue mais perto.

A atração sobre Fortunato parecia crescer cada vez mais. Jumpin' Jack Flash olhou para Jane.

— Se você sabe outros truques além de se afogar, querida — disse ele em voz baixa —, agora seria uma boa hora para usá-los.

Outro homem apareceu de repente na porta. Jane teve apenas tempo suficiente para olhar o estranho cabelo vermelho e as roupas extravagantes antes que alguém ainda mais vermelho, de corpo todo, o acertasse. As duas figuras rolaram pelo chão, Vermelho lutando para imobilizar o homem menor. Então, Kim Toy surgiu, puxando o marido, dizendo a ele para deixar para lá, apenas deixar para lá e sair dali.

Perto da máquina de Kafka, Astrônomo e Fortunato ainda estavam medindo forças. Jane tinha a sensação de que o Astrônomo tinha uma leve vantagem. O esforço no rosto de

Fortunato intensificou-se com o brilho estranho ao redor dele, e agora chifres se projetavam de sua testa inchada. Em resposta, o corpo do Astrônomo estava assumindo uma forma animal, como um cão cinzento, com uma cauda grande e forçada erguendo-se como algo venenoso. O medo dela começou a aumentar e não havia ninguém que oferecesse ajuda, ninguém que oferecesse abrigo, conforto ou escapatória.

O garoto dinossauro, magro e de cauda longa agora, voltou rapidamente para a sala e caiu sobre Vermelho, arrancando-o de cima do homem em roupas pomposas. Kim Toy saltou para trás e então uma quarta pessoa se juntou à confusão, lançando-se sobre ela. Com um sobressalto, Jane viu que era Judas. O sangue pingava de suas orelhas, mas ele parecia alheio a isso ao se ajoelhar sobre Kim Toy, prendendo o peito dela com uma das mãos, e então, absurdamente, começar a tirar as calças.

Jane balançou a cabeça, incrédula. Era uma visão bizarra do inferno, o Astrônomo, Roman, aquele computador obscuro, Kafka, a máquina Shakti, o dinossauro e Vermelho e o homem com chifres e o outro — Tachyon, ela reconheceu, parecendo atordoado —, e Jumpin' Jack Flash, incapaz de reagir, e aquele escroto de merda que a levava até ali — que ela permitira que a levasse até ali, ela se corrigiu, como um cão em coleira curta —, o desgraçado tentava estuprar Kim Toy enquanto estavam todos lutando por suas vidas.

Tudo aquilo passou na sua mente em um segundo e o poder reuniu-se sem esforço e jorrou dela.

Desta vez, Judas foi o único que não percebeu o que ela estava fazendo. Ele nunca saberia que a intenção de Jane fora apenas cegá-lo com uma inundação de lágrimas, mas o poder vinha se

acumulando havia tempo demais e ela estava muito assustada, o que lhe deu forças. Mesmo ao ser erguido no ar, ele não se deu conta. Então ele *sumiu*, e no seu lugar havia uma figura feita de pó que pairou brevemente no ar por um momento antes de se desintegrar. A umidade respingou nas paredes, no chão e em Kim Toy.

Jane tentou gritar, mas apenas um suspiro leve saiu. Tudo parou; até mesmo a luta entre o Astrônomo e Fortunato pareceu diminuir. Então, Jumpin' Jack Flash gritou:

— Ninguém se mexe ou ela vai fazer de novo!

Jane irrompeu em lágrimas.

A sala inteira irrompeu em lágrimas; de repente, havia uma tempestade dentro da sala, água espirrando de todas as direções. Jumpin' Jack Flash lançou-se pela janela e ficou suspenso no ar.

— Desligue isso antes que todo mundo se afogue! — ele gritou.

Então aquilo *foi desligado*, com um gesto do Astrônomo, que presenteou Jane com outro sorriso odioso.

— Faça de novo. Por mim.

Ela se sentiu virada por uma mão invisível e o poder reuniu-se novamente dentro dela, mirando Fortunato...

Que não estava mais ali, e sim atrás do Astrônomo, perto da máquina Shakti de Kafka, com os braços erguidos...

— *NÃO!* — berrou Kafka, e a palavra ecoou na mente de Jane enquanto o poder fluía dela contra sua vontade, desviado no momento final com seu último fiapo de força, de modo que contornou a todos, até mesmo o Astrônomo, e atingiu o computador no momento em que a máquina Shakti foi destruída com um som muito parecido com um grito humano.

Fortunato atingiu a máquina novamente com o seu poder e houve outro grito, desta vez muito humano, enquanto os horríveis circuitos vivos do computador se retorciam até virar um pó que escoou pelos braços e pelo peito de Roman.

Fortunato virou-se para o Astrônomo, estendendo os braços. A forma animal se dissolveu, transformando-o novamente em um humano, e muito pequeno. Sua imagem começou a falhar e a luz em torno dele a diminuir.

— Tolo — ele sussurrou, mas a voz atingiu todos na sala. — Tolo, cego e estúpido. — Ele olhou ao redor para todos eles. — Vocês todos vão morrer aos gritos.

E, então, como fumaça, desapareceu.

— Espere! Espere, seu maldito! — O Ceifador lutou para ficar em pé, agarrando a perna já quase cicatrizada. — Você prometeu, maldito, *você prometeu!*

Sob seus berros irados, os soluços de Roman faziam um contraponto bizarro.

Jane sentiu seus joelhos começarem a ceder. Nada restava dentro dela. Mesmo com seu poder, não tinha mais forças. Tachyon estava ao seu lado, mantendo-a em pé.

— Venha — disse ele, gentil, conduzindo-a até a porta.

Jane sentiu algo fluir sobre a incipiente histeria em sua mente, tão consolador quanto um cobertor quente. Meio em transe, ela se deixou levar para fora da sala. Com a outra parte de sua mente, ouviu Kafka chamá-la e, de muito longe, ficou triste por não poder responder.

Sob o abrigo de um grupo de árvores, ela observou as últimas ações do que ficou conhecido como o Grande Ataque ao Mosteiro. Ocasionalmente, vislumbrava Peregrina voando em torno da torre ou em círculos ao redor da carapaça do Tartaruga, às vezes acompanhada por um pteranodonte gracioso, mesmo que pequeno (aos seus olhos). Colunas de fogo erguiam-se noite adentro, explodindo através dos telhados, chamuscando as pedras. Em vão ela buscou um lampejo de Kafka ou do Ceifador nos grupos de pessoas — maçons, ela pensou, sacudindo sua cabeça diante do absurdo, *maçons* — reunidos de forma organizada e removidos do perigo pelo poder do Tartaruga.

— No fim, tentei cuidar de alguém. Tentei cuidar o garotinho — ela murmurou, sem se importar se Tachyon, ao seu lado, entendia do que ela estava falando.

Mas ele entendia. Jane sentia a presença dele em seus pensamentos, passando por suas memórias de Debbie e de Sal e de como Judas a encontrou. E onde ele tocava, sentia o calor do conforto e da compreensão.

O Uivador soltou outro de seus berros horrendos, mas foi um curto.

Ela teria chorado, mas suas lágrimas pareciam ter secado.

Pouco depois, vozes familiares a trouxeram de volta à consciência. Jumpin' Jack Flash se aproximou com o garoto-dinossauro, que havia escolhido outra forma estranha que ela não conhecia. (“Iguanodonte”, Tachyon sussurrou para ela. “Finja estar impressionada.” E, por algum motivo, ela obedeceu.) Fortunato emergiu de uma entrada que reluzia com o fogo já se apagando;

caminhou até eles passando por cima de fragmentos incandescentes, parecendo ainda mais cansado do que Jane se sentia.

— Eu os perdi — disse para Tachyon. — A barata, o maluco da morte, o outro. Aquele cara vermelho e a mulher. Fugiram, a menos que o Tartaruga tenha pegado eles. — Ele apontou para Jane com o queixo. — Qual é a história dela?

Ela olhou através dele para o Mosteiro em chamas, recuperou-se, buscou seu poder. Havia uma quantidade espantosa restante, suficiente para o que ela queria fazer.

A água caiu sobre as chamas mais fortes, ajudando um pouco, não muito. No fim das contas, *havia* um incendiário por perto, quando se precisava de um, ela pensou, lançando um olhar para Jumpin' Jack Flash.

— Não desperdice sua energia — disse ele e, como se para confirmar o que dizia, ela ouviu o som dos carros de bombeiros se aproximando.

— Nasci em um corpo de bombeiros — ela falou. — Minha mãe não chegou ao hospital a tempo.

— Fascinante — ele disse —, mas eu preciso ir embora daqui a pouco. — Ele olhou para Tachyon. — Eu, hum, queria saber como você sabia... hum, por que você me chamou de J. J.

Ela deu de ombros.

— J. J. Jumpin' Jack. Era mais rápido para dizer. — Ela conseguiu abrir um sorrisinho. — Apenas isso. Nunca nos encontramos antes. Sério.

O alívio tomou todo o rosto do rapaz.

— Ah. Bem, olha, talvez a gente pudesse se conhecer melhor...

— Sessenta minutos — disse Tachyon. — Eu diria que seu tempo está quase acabando. O que poderíamos chamar de fator Cinderela. Quando alguém precisa *viajar*.

Jumpin' Jack Flash lançou um olhar de reprovação para ele e ergueu-se no ar. Um halo de fogo inflamou-se ao redor dele enquanto se afastava em um rugido escuridão adentro.

Jane o encarou por um momento e, em seguida, baixou os olhos com tristeza.

— Eu quase o machuquei lá dentro. Eu *cheguei* a machucar alguém... eu...

Tachyon a abraçou.

— Apoie-se em mim. Tudo bem.

Gentilmente, ela se afastou.

— Obrigada. Mas acho que cansei de me apoiar nos outros.

Certo, Sal?

Ela virou-se novamente para o Mosteiro incendiado e continuou a lançar água nas chamas mais intensas.

Encolhido em um beco, Ceifador tremia. Sua perna fora tão machucada que ainda não tinha se recuperado totalmente, mas se curaria; sabia disso, bem como sabia quanto odiava o Astrônomo por abandoná-lo, por enganá-lo com promessas e favores. TIAMAT, maldição. Levaria aquele velho desgraçado diante de TIAMAT, e isso era uma promessa. Colocaria aquele velho desgraçado em uma dança direto para o inferno.

Ele entrou em um semideliúrio. Não muito longe, mas sem que ele soubesse, Kafka observava a destruição do Mosteiro. Quando água

vinda do nada caiu sobre as chamas, ele se virou e foi embora, permitindo que o vazio do ódio tomasse conta de si.

O COMETA DO SR. KOYAMA

Walter Jon Williams

PARTE UM: MARÇO DE 1983

Em junho de 1981, um executivo da terceira geração da Mitsubishi, Koyama Eido, aposentou-se em meio a elogios extravagantes e merecido respeito de seus pares e subordinados. Ficou exageradamente bêbado, pagou sua amante, e logo no dia seguinte colocou em operação um plano no qual trabalhava havia quase quarenta anos. Mudou-se com a esposa para uma casa que construía na ilha de Shikoku. A casa ficava em um terreno acidentado na parte sul da ilha e era de difícil acesso; custou ao sr. Koyama uma quantia extraordinária de dinheiro para conseguir telefone e serviços públicos; e a casa foi construída em um estilo pouco habitual, com um telhado achatado que não resistiria bem às intempéries — mas para o sr. Koyama nada daquilo importava. O que importava era que a casa era tão remota que havia pouca poluição luminosa, que estava voltada para leste do Pacífico e sudoeste do canal Bungo, e que a *visão* era melhor sobre a água.

Em um abrigo construído no telhado achatado, o sr. Koyama instalou um telescópio reflexivo de catorze polegadas que havia fabricado com as próprias mãos. Quando fazia tempo bom, ele o rolava para fora na plataforma e olhava para o céu, para as estrelas

e planetas e galáxias distantes, e tirava fotografia caprichadas que revelava na sua câmara escura e, mais tarde, pendurava nas paredes. Mas simplesmente observar o céu não era suficiente; o sr. Koyama queria mais. Queria algo lá em cima que levasse seu nome.

Todo dia, portanto, pouco depois do pôr do sol e pouco antes da alvorada, o sr. Koyama seguia para o telhado com um par de binóculos navais Fujinan, que comprou em Chiba de um ex-capitão de submarino que estava passando fome em 1946. Com paciência, enrolado em um sobretudo quente de algodão, ele focalizava suas lentes objetivas de cinco polegadas no céu e o inspecionava cuidadosamente. Ele buscava cometas.

Em dezembro de 1982, encontrou um, mas infelizmente teve de dividir o crédito com Seki, um caçador de cometas de certa reputação que o tinha descoberto alguns dias antes. O sr. Koyama ficou desgostoso por ter perdido o Seki-Koyama 1982P por cerca de setenta e duas horas, mas continuou vigiando, prometendo dedicação e observação maiores. Queria um todo para si.

Março de 1983 começou frio e com chuviscos; o sr. Koyama tremia sob o chapéu e o sobretudo enquanto varria o céu noite após noite. Um surto de gripe arrancou-o do telhado até o 22º dia, e ele ficou chateado ao descobrir que Seki e Ikeya tinham descoberto juntos um novo cometa enquanto ele estava convalescente. Dedicação e observação maiores, prometeu novamente.

Na manhã do dia 23, o sr. Koyama finalmente encontrou seu cometa. Lá, próximo ao sol que mal havia nascido, viu uma bola de luz indistinta. Espirrou, segurou o Fujinan com força e observou novamente para confirmar a visão. Nada mais deveria estar naquela parte do céu.

Com o coração palpitando, o sr. Koyama desceu ao escritório e pegou o telefone. Ligou para a agência telegráfica e enviou um telegrama para a União Astronômica Internacional. (Os telegramas eram *de rigueur* para a UAI; chamadas telefônicas seriam consideradas vulgares.) Oferecendo preces vagas a uma legião de deuses na qual ele não dedicava uma fé genuína, o Sr. Koyama voltou para o telhado com uma estranha sensação de que seu cometa teria desaparecido enquanto ele não estava olhando. Soltou um suspiro de alívio.

O cometa ainda estava lá.

A confirmação da UAI chegou dois dias depois e atestou também o que o sr. Koyama já sabia por meio de suas próprias observações: Koyama 1983D era bem chamativo. Voando do sol como um morcego do inferno.

Outros relatórios indicaram todo tipo de anomalia. Uma análise espectrográfica de rotina mostrou que Koyama 1983D era bem estranho: em vez de hidroxilas e carbono normais, o cometa do sr. Koyama registrava grandes quantidades de oxigênio, nitrogênio, hidrogênio, carbono, silício e diversos sais minerais. Em suma, tudo que era necessário para vida orgânica.

Uma tempestade de controvérsias imediatamente surgiu sobre o cometa de Koyama. Quão anômalo era e que tipo de vida orgânica seria possível nas faixas frias e poeirentas da Nuvem de Oort? O sr. Koyama foi entrevistado por equipes da BBC, NBC e da televisão soviética. Teve seu perfil publicado na revista *Time*. Concedeu declarações modestas sobre seu status como amador e sua surpresa quanto a todo aquele estardalhaço; mas, no seu íntimo,

estava mais feliz do que jamais esteve por qualquer outra coisa, mesmo o nascimento do primogênito. Sua esposa o observava caminhando pela casa com a altivez de um rapaz de vinte anos e o sorriso largo de alegria.

Toda noite e manhã, o sr. Koyama ficava no telhado. Seria difícil superar aquilo, mas ele tentaria.

PARTE DOIS: OUTUBRO DE 1985

A astronomia estava atraindo mais atenção ultimamente, com a reaparição do P/Halley 1982I, mas o sr. Koyama mantinha o equilíbrio em face da confusão. Era experiente agora. Tinha descoberto outros quatro cometas desde o Koyama 1983D, e garantira um lugar proeminente na história dos cometas. Todos eles tinham sido do chamado “tipo Koyama”, com sua espectrografia estranha e sua velocidade de morcego do inferno. Os cometas tipo Koyama estavam sendo descobertos por toda sorte de amadores, sempre envolvendo o Sol.

A controvérsia não havia fenecido; de fato, intensificou-se. Era possível que o sistema solar estivesse passando por uma tempestade de cometas contendo elementos orgânicos, ou era uma ocorrência bastante comum que apenas não havia sido observada até então? Fred Hoyle sorriu e declarou um “eu te disse”, reiterando a teoria de mudas cósmicas contendo vida orgânica; e mesmo seus oponentes mais encarniçados concordaram que o velho irritante de Yorkshire podia ter vencido aquela rodada.

O sr. Koyama recebeu muitos convites para se pronunciar; declinou todos. Tempo falando significava tempo longe de seu observatório no telhado. Naquele momento, o número recorde de

descobertas de cometa era nove, mantido por um pastor australiano. O sr. Koyama levaria a coroa para o Japão ou morreria tentando.

PARTE TRÊS: FIM DE JUNHO DE 1986

Ali: outro cometa, mal visível, perseguindo o Sol pelo céu. Já eram seis. O sr. Koyama desceu para o escritório e ligou para a agência telegráfica. O coração acelerou. Precisava desesperadamente da confirmação daquele — não a confirmação da visão, mas da espectrografia.

O sr. Koyama estava subindo no ranking de caçadores de cometas, e naqueles tempos de observação intensa e nervosa do céu; as pessoas estavam olhando muito para cima naqueles dias, esperando encontrar a matriz escura e opaca do Enxame que provavelmente espreitava nas proximidades. Porém, a perspectiva do número seis não era o que agitava o sr. Koyama — estava se tornando bastante blasé sobre encontrar novos cometas ultimamente. O que precisava era a confirmação de sua nova teoria.

Sr. Koyama aceitou as congratulações do telégrafo e desligou o telefone. Olhou de cenho franzido para o gráfico que tinha na mesa, que sugeria algo que ele suspeitava ser o único a perceber. Era o tipo de coisa notada apenas por pessoas que passavam as noites no telhado, contando horas e dias, ignorando o sereno e encarando pedaços da noite através de longas lentes refrativas.

Os cometas de tipo Koyama pareciam possuir não apenas elementos orgânicos estranhos e velocidade incomum, mas uma periodicidade ainda mais estranha. A cada três meses, mais ou menos, um novo cometa do tipo Koyama aparecia próximo ao Sol.

Era como se a Nuvem de Oort estivesse dispensando uma bola de compostos orgânicos para marcar cada nova estação terrestre.

Sorrindo, o sr. Koyama saboreou a sensação que sua observação causaria, o pânico entre os cosmógrafos tentando descobrir novas fórmulas para explicá-la. Seu lugar na história da astronomia estaria garantido. Os cometas Koyama estavam se provando tão regulares quanto planetas. De certa forma, ele pensou, era uma sorte que o Enxame tivesse aterrissado, porque se não a observação poderia ter sido feita antes...

O pensamento ecoou devagar em sua mente. O sorriso do sr. Koyama se transformou em um franzir de sobancelha. Olhou para seu gráfico e fez alguns cálculos matemáticos na cabeça. O franzir de testa se aprofundou. Tirou uma calculadora do bolso e confirmou os cálculos. Seu coração deu um salto. Precisou se sentar.

O Enxame: um casco duro com quilômetros de largura protegendo imensas quantidades de biomassa. Algo assim seria vulnerável a mudanças de temperatura. Se chegasse perto do Sol, teria de expelir o calor excessivo de alguma forma. O resultado seria uma fluorescência não muito diferente da de um cometa.

Supondo que o Enxame estivesse em uma órbita rápida com o Sol em um foco e a Terra no outro. Com a Terra em movimento relativo ao Sol, a órbita seria difícil, mas não impossível. Porém, com todos os surgimentos de cometas tipo Koyama, poderia ser possível identificar a localização aproximada do Enxame. Algumas centenas de mísseis revestidos de hidrogênio então encerrariam a Guerra dos Mundos em estilo primoroso.

— *Filho da puta* — suspirou o sr. Koyama, uma expressão forte que tinha aprendido com os praças durante a ocupação.

Para quem deveria contar sobre aquilo?, ele se perguntou. O UAI era o fórum errado. O primeiro-ministro? O Jieitai, as forças de defesa japonesas?

Não. Não teriam motivo para acreditar em um empresário aposentado ligando em desespero para falar sobre o Enxame. Sem dúvida, eles recebiam ligações suficientes desse tipo.

Ligaria para os camaradas da Mitsubishi. Eles tinham influência suficiente para fazer com que fosse ouvido.

Quando chegou ao telefone e começou a discar, o sr. Koyama sentiu o coração começar a pesar. Seu lugar na história astronômica estava garantido, ele sabia, mas não da forma como desejava. Em vez de seis cometas, tudo que ele descobriu foi um maldito bloco de levedo.

METADE MORTA

John J. Miller

I.

Brennan seguiu o Mercedes cheio de Garças Imaculadas até o portão do cemitério em uma BMW cinza que havia roubado da gangue três dias antes.

Parou quase cem metros atrás deles, faróis desligados, enquanto um dos Garças saía do Mercedes e abria o portão de ferro forjado caindo aos pedaços. Esperou até entrarem no cemitério, então se esgueirou para fora da BMW, pegou o arco e a aljava de flechas do banco traseiro, puxou o capuz sobre a cabeça e cruzou a rua atrás deles.

O muro de tijolos de um metro e oitenta que cercava o cemitério estava manchado com a imundície da cidade e caindo de velho. Ele o escalou facilmente e desceu sem fazer ruído.

O Mercedes estava perto do centro do cemitério. Brennan observou o motorista desligar o motor e os faróis. As portas do carro se abriram e fecharam com barulho. Ele não conseguia ouvir ou ver nada de significativo de onde estava. Precisava se aproximar.

Era uma noite escura, a lua cheia seguia escondida atrás das nuvens densas e móveis. As árvores que cresciam selvagens dentro do cemitério filtravam a maior parte da pouca luz urbana. Ele se

moveu lentamente na escuridão, os sons de seus passos cobertos pelo soprar do vento que carregava uma centena de vozes ao passar pelos galhos acima.

Como uma sombra deslocando-se entre as sombras, ele moveu-se atrás de uma antiga lápide grossa, inclinada como um dente torto na boca de um gigante. Ele viu três dos Garças entrarem em um mausoléu que antigamente fora a glória do cemitério. O monumento de uma família rica no passado, e agora esquecida, foi entregue à decadência, assim como o restante do cemitério. Sua estrutura em mármore erodiu com a chuva ácida e os cocôs de pássaro, seus detalhes dourados descascaram durante tantos anos de negligência. Um dos Garças ficou para trás enquanto os outros atravessaram a porta de ferro forjado para o interior do mausoléu. Ele fechou a porta atrás dos outros e recostou-se na parede frontal do sepulcro. Acendeu um cigarro e seu rosto brilhou por um instante sob a chama do fósforo. Era Chen, o tenente dos Garças que Brennan esteve seguindo nas últimas duas semanas.

Brennan agachou-se atrás de uma lápide, franzindo a testa. Sabia, desde o Vietnã, que Kien estava trazendo heroína para os Estados Unidos através de uma gangue de rua de Chinatown chamada Garças Imaculadas. Sondou a gangue e fixou-se a Chen, que parecia ser do alto escalão da organização, com a esperança de encontrar provas concretas da ligação dos Garças com Kien. Testemunhara uma dúzia de crimes nas últimas semanas, mas não descobriu nada que lhe levasse mais perto de Kien.

Havia uma coisa inexplicável. Nas últimas semanas acontecera um fluxo impressionante de entrada de heroína na cidade. Foi tão abundante que o preço de rua despencou e ocorreu um número

recorde de overdoses. Os Garças Imaculadas, os distribuidores da droga, estavam vendendo a preços baixíssimos, tirando clientes a torto e a direito da máfia e do pessoal do Harlem de Sweet William. Contudo, Brennan foi incapaz de descobrir como conseguiram a droga de forma tão barata e abundante.

Esconder-se atrás de uma lápide não estava levando a lugar algum. As respostas, se o cemitério tivesse alguma, estariam no mausoléu.

Decidido, puxou uma flecha da aljava presa com velcro em seu cinto e prendeu-a na corda do arco. Respirou fundo, levemente, uma, duas vezes, tomou fôlego e se levantou. Quando o fez, vislumbrou o nome talhado na pedra desgastada da lápide. Archer, arqueiro. Esperava que não fosse um mau presságio.

Não era um disparo difícil, mas ainda assim recorreu ao treinamento zen para limpar a mente e firmar os músculos. Mirou um metro mais baixo e um pouco à esquerda da ponta brilhante do cigarro e, quando chegou o momento certo, deixou a corda deslizar dos dedos.

Seu arco era um composto de quatro polias elípticas que, assim que alcançava o ponto de tensão, reduzia o empuxo inicial de cento e vinte libras para sessenta. A corda de náilon do arco vibrou, mandando a seta através da noite como um falcão planando sobre um alvo distraído. Ele ouviu um baque e um gemido abafado quando a flecha atingiu o destino. Esgueirou-se para fora das sombras como um animal precavido e correu para onde Chen jazia curvado contra a parede do mausoléu.

Ficou tempo suficiente apenas para garantir que Chen estava morto e deixar uma de suas cartas, um ás de espadas plastificado

enfiado na ponta da flecha que varara as costas de Chen.

Encaixou outra flecha na corda do arco e abriu com um ranger a porta de ferro forjado que isolava o interior da tumba. Dentro, uma escadaria de doze degraus descia para outra porta circundada por um halo de luz mortiça que ardia na câmara do outro lado. Esperou um momento, ouvindo, então desceu as escadas em silêncio. Parou diante da porta da câmara interna para espreitar novamente. Alguém andava para lá e para cá. Contou até vinte, lentamente, mas ouviu apenas passos quietos, arrastados. Havia chegado até ali. Não fazia sentido voltar.

Brennan passou pela porta e apoiou um joelho no chão, a corda do arco esticada até a orelha. Um homem vestindo o uniforme dos Garças Imaculadas estava na sala. Contava sacos plásticos de pó branco e marcava o cômputo na folha de papel sobre uma prancheta. Ficou boquiaberto, chocado, quando Brennan soltou a flecha. Acertou-o no meio do peito e o lançou para trás sobre uma pilha de chaves na altura dos joelhos.

Brennan avançou pela câmara, mas quando alcançou o Garça, ele estava tão morto quanto todos os outros no cemitério. Brennan baixou os olhos para o corpo e vasculhou ao redor.

O que acontecera aos outros dois que tinham entrado no sepulcro? Desapareceram. Ou, mais provavelmente, pensou Brennan, se esconderam atrás de alguma porta oculta nas paredes.

Ele prendeu o arco nas costas e verificou as paredes, correndo as mãos por elas, procurando fendas e rachaduras, batendo e tentando encontrar um som oco. Terminou uma parede sem encontrar nada e começava a próxima quando ouviu um sopro abafado de ar nas costas e sentiu a brisa morna, úmida.

Ele se virou. O olhar de surpresa em seu rosto era idêntico ao dos dois homens que apareceram do nada no meio do mausoléu. Um, com o uniforme da gangue, tinha um alforje sobre cada ombro. O outro, um curinga magro com aparência reptiliana, carregava o que parecia uma bola de boliche. Brennan percebeu com espanto que eles *tinham* desaparecido. E agora estavam de volta.

O Garça com os alforjes estava mais perto dele. Brennan pegou o arco, golpeou como se fosse um taco de beisebol e acertou a lateral da cabeça do Garça. O homem despencou com um grunhido, caindo ao lado do estrado carregado com heroína.

O curinga recuou, sibilando. Era mais alto que Brennan e magro ao ponto da desnutrição. Seu crânio era liso, o nariz uma leve protuberância com narinas alargadas. Incisivos longos demais projetavam-se do maxilar. Encarava Brennan sem piscar. Quando abriu a boca sem lábios e chiou, expôs uma língua bifurcada que se moveu freneticamente na direção de Brennan. Ele agarrou a bola de boliche com mais força.

Brennan percebeu que o que o curinga segurava não era realmente uma bola de boliche. Tinha o mesmo tamanho e formato, mas não tinha furos para os dedos e, ao observar melhor, viu o ar ao redor pulsar com pontos piscantes de energia reluzente. Era uma espécie de dispositivo que possibilitou ao curinga e ao seu companheiro materializarem-se dentro do mausoléu. Estavam usando aquilo para trazer heroína de... algum lugar. E o curinga estava reativando-a.

Brennan golpeou na direção do curinga, que se esquivou com uma facilidade e uma agilidade fluidas. O brilho em torno do artefato ficava cada vez maior. Brennan deixou o arco cair e se aproximou,

determinado a tomar o dispositivo do curinga antes que ele pudesse escapar ou voltar as energias daquela coisa sobre ele.

Agarrou o curinga facilmente, mas descobriu algo inesperado: seu oponente era forte. O curinga girou e livrou-se das mãos de Brennan de uma forma estranhamente fluida, como se os ossos fossem flexíveis. Eles se engalinharam por um momento e então Brennan se viu encarando o curinga, rostos a poucos centímetros de distância.

A língua longa e grotesca do curinga se projetou, tocando o rosto de Brennan de um jeito vagaroso, quase sensual. Brennan recuou involuntariamente, expondo pescoço e garganta ao curinga mais alto. O reptiliano arremessou-se para a frente, soltando o estranho dispositivo, e cravou os dentes na lateral do pescoço de Brennan, próximo ao ombro.

Ele sentiu os dentes do curinga perfurando sua carne. O curinga mexia a boca, bombeando saliva na ferida. A área em torno da mordida ficou adormecida quase imediatamente, e Brennan entrou em pânico.

Uma onda de força induzida pelo horror permitiu que ele se livrasse do abraço do curinga. Sentiu sua carne rasgar, o sangue correu pelo pescoço e peito. A dormência espalhou-se rapidamente no seu lado direito.

O curinga deixou Brennan se afastar com o dispositivo. Sorria com crueldade e lambeu o sangue de Brennan do queixo com a língua bifurcada e trêmula.

Ele me envenenou, Brennan pensou, reconhecendo os sintomas de uma neurotoxina de ação rápida. Sabia que estava encrencado. Não era um ás. Não tinha proteção ou defesas especiais, nem

armadura ou constituição fortalecida. O curinga estava confiante na eficácia de seu veneno. Afastou-se para observar Brennan morrer. Brennan sabia que precisava de ajuda, e rápido. Havia apenas uma pessoa capaz de reverter o dano do veneno que já estava devastando seu corpo. Ela estaria agora na clínica do Bairro dos Curingas, a clínica de Tachyon, mas não havia como chegar até ela. Já estava com dificuldade para se manter em pé enquanto seu coração bombeava o veneno para todas as células do corpo.

Mai poderia ajudá-lo, se pudesse alcançá-la.

Brennan tentou gritar o nome dela com uma onda de energia desesperada.

Mai!

Tomou consciência, de modo superficial, da pulsação correspondente de energia no aparelho que aninhava no peito. Sentiu calor e conforto quando o abraçou. O sorriso do curinga transformou-se em uma carranca. Ele sibilou e pulou para a frente. Brennan não conseguia se mover, mas não importava.

Houve um instante de desorientação agonizante que sua mente e seu corpo dormientes sentiram apenas superficialmente, e então ele estava em um corredor bem iluminado, pintado com cores suaves. Mai estava ali, falando com um homem pequeno, magro, com roupas afetadas e longos cabelos ruivos e cacheados.

Eles se viraram e o encararam com espanto. O próprio Brennan já tinha passado do ponto de se espantar.

— Veneno — ele sussurrou com lábios endurecidos, pesados, e caiu, soltando o artefato e mergulhando na escuridão profunda.

Era uma escuridão rodopiante, estrelada, cheirando a floresta. Os espaçados pontos de luz em sua consciência eram as pontas dos cigarros de seus homens e as estrelas distantes na noite vietnamita. Havia silêncio ao redor dele, quebrado apenas pelos sons de uma respiração suave e os ruídos feitos pelos animais no fundo da selva. Ele olhou de relance para os números luminosos do relógio de pulso. Quatro da manhã.

Gulgowski, seu primeiro-sargento, estava agachado ao seu lado no matagal.

— É tarde — sussurrou Gulgowski.

Brennan deu de ombros.

— Os helicópteros estão sempre atrasados. Vão chegar a tempo.

O sargento resmungou de forma evasiva. Brennan sorriu na escuridão. Gulgowski sempre foi pessimista, sempre vendo o lado sombrio das coisas. Porém isso nunca o impediu de dar o seu máximo quando as coisas ficavam feias, nunca o impediu de animar os outros quando sentiam que não havia esperança.

De longe veio o ruído, vup-vup, de um helicóptero. Brennan virou-se para ele, sorrindo. Gulgowski cuspiu em silêncio no chão da selva.

— Apronte os homens. E cuide bem daquela pasta. Custou muito consegui-la.

Mendoza, Johnstone, Big Al... três dos dez homens escolhidos para o esquadrão que Brennan havia conduzido em um ataque ao quartel-general regional vietcongue estavam mortos. Mas eles conquistaram seu objetivo. Capturaram documentos que provavam o que Brennan suspeitava fazia muito tempo. Havia homens corruptos no Exército vietnamita e no Exército norte-americano, que

estavam trabalhando com o inimigo. Teve apenas uma chance de olhar os papéis antes de enfiá-los na pasta, mas eles confirmavam as suspeitas de que o chefe, o traidor mais vil, era Kien, general do Exército da República do Vietnã. Aqueles papéis acabariam com ele.

O helicóptero aterrissou em uma clareira, e Gulgowski, agarrado às provas que condenariam um bando de homens como traidores, apressava os outros a pegar a carona para casa. Brennan esperava no matagal, olhando para a trilha da qual esperava que vietcongues perseguidores surgissem a qualquer momento. Finalmente convencido de que os haviam despistado, voltou para a clareira, quando uma saraivada devastadora de balas estourou inesperadamente na noite.

Ele ouviu os gritos dos homens, e sentiu um golpe intenso de dor quando um cartucho acertou sua testa. Ele caiu e seu rifle sumiu na escuridão. Os tiros tinham vindo da clareira. Do helicóptero.

Ele caiu silenciosamente no chão, olhando para a clareira com os olhos nublados de dor. Seus homens jaziam espalhados à luz das estrelas. Todos haviam tombado. Outros homens caminhavam entre eles, procurando. Brennan piscou para tirar o sangue dos olhos quando um deles, vestido com um uniforme do Exército vietnamita, atirou na cabeça de Gulgowski enquanto este tentava se erguer.

Um fecho de luz realçou o rosto do assassino. Era Kien. Brennan engoliu os xingamentos quando viu um dos seus carrascos arrancar a pasta da mão morta de Gulgowski e entregar para o chefe. Kien fuçou nela, balançou a cabeça satisfeito e então, metodicamente, queimou seu conteúdo. Enquanto os papéis ardiavam, Kien encarava a selva, procurando por ele, Brennan sabia. Amaldiçoou a paralisia

que tomara conta de seu corpo, fazendo-o tremer como se estivesse febril. A última coisa da qual se lembrava era de Kien andando até o helicóptero a passos largos, e então o choque fez com que desmaiasse.

Não havia luzes naquela escuridão, mas de repente mãos de um fogo frio estavam em suas bochechas. Queimavam com um toque tranquilizante. Sentiu toda a sua dor e pesar e ódio sendo extraídos aos poucos, pedacinho por pedacinho, tirados dele como uma capa gasta. Respirou fundo, contente por permanecer naquela escuridão curativa, sendo inundado por um mar de serenidade. Já chegava para ele, pensou, de conflitos, de assassinatos. *Nenhum dos assassinatos jamais trouxe nada de bom. O mal sobreviveu. O mal é Kien. Matou meu pai, mas não posso, não devo fazer mal a ele. É errado fazer mal a outro ser consciente, errado...*

Confuso, Brennan se forçou a abrir os olhos. Não estava no Vietnã. Estava em um hospital. Não, na clínica do Bairro dos Curingas, do dr. Tachyon. Um rosto estava próximo ao dele, olhos fechados, boca franzida com força. Jovem, feminino, lindo de um jeito sereno, embora tocado agora pela dor extrema. Mai. Seu cabelo longo e brilhante envolvia o rosto como as asas de um pássaro. As mãos estavam pressionadas contra suas bochechas. O sangue pingava das costas de suas mãos, por entre os dedos abertos.

Estava usando seu poder wild card para tomar o corpo ferido dele, repará-lo e forçar o corpo de Brennan a se curar. Tinham mesclado mentes e existências, e ele, por um instante, tornou-se parte dela, enquanto ela se transformava em parte dele. Em uma fusão

desordenada de memórias, ele vivenciou a dor que ela sentiu com a morte do pai, pelas mãos dos homens de Kien.

Ela abriu os olhos e sorriu com a serenidade de uma madona.

— Olá, capitão Brennan — disse ela em uma voz tão baixa que apenas ele pôde ouvir. — Você já está bem.

Ela tirou as mãos do rosto dele e a mistura de suas mentes cessou com a quebra do contato físico. Ele suspirou, já sentindo falta de seu toque, da serenidade que nunca conseguiria encontrar em si mesmo, nem em mil anos.

O homem que estava com Mai no corredor veio até seu leito. Era o dr. Tachyon.

— Ficou bastante crítico por um momento — disse Tachyon com um olhar de preocupação no rosto. — Graças ao Ideal temos Mai... — Ele deixou a voz sumir, olhando Brennan com atenção. — O que aconteceu? Como conseguiu o deslocador de singularidade?

Brennan sentou-se com cuidado. A dormência havia desaparecido do seu corpo, mas ainda se sentia zozzo e desorientado pelo tratamento de Mai.

— É esse o nome? — perguntou. Tachyon fez que sim. — O que é?

— Um dispositivo de teletransporte. Um dos artefatos mais raros da galáxia. Pensei que estivesse desaparecido, perdido para sempre.

— É seu, então?

— Foi por um tempo. — Tachyon contou a Brennan a história do deslocador de singularidade peripatético, ou ao menos o que sabia dele.

— Como os Garças conseguiram isso?

— Oi? — Tachyon olhou de Brennan para Mai. — Garças?

— Uma gangue de Chinatown. Os Garças Imaculadas. Também são conhecidos como Pássaros da Neve, porque controlam boa parte do comércio de drogas pesadas da cidade. Aparentemente, estavam usando o dispositivo deslocador para traficar heroína. Peguei isso deles, mas fui ferido por um dos seus... agentes especiais.

— Desapareceu quando aterrissamos no Harlem — disse Tachyon. — Talvez um Garça estivesse na multidão que nos rodeou?

— E percebeu o que era e pegou? Improvável — disse Brennan em tom baixo, concentrando-se. — Muito improvável. Além disso, o Harlem não é área dos Garças. Eles têm agentes lá, mas não muitos.

— Bem, seja como for que ele reapareceu, fico feliz — disse Tachyon. — Ele traz uma alternativa esplêndida ao plano ridículo de Lankester de atacar o Enxame no espaço.

— O Enxame? — Brennan sabia dos invasores alienígenas semiconscientes que vinham tentando se fixar na Terra nos últimos meses, mas a luta contra eles até então havia passado longe de seu interesse. — Que utilidade isso poderia ter, essa coisa deslocadora, contra o Enxame?

— É uma longa história. — Tachyon suspirou e passou a mão no rosto. — Um homem do Departamento de Estado chamado Lankester está no comando da Força-Tarefa Anti-Enxame. Está me enchendo a paciência há semanas para eu usar minha influência com os ases para convencê-los a atacar a Mãe do Enxame, a fonte dos ataques do Enxame, que está em uma órbita excêntrica em

torno do Sol. É uma ideia estúpida, claro. Seria suicídio, até mesmo para os ases mais poderosos, subir lá para combater aquela coisa. Seria como insetos lançando-se contra um elefante. Porém, o deslocador de singularidade apresenta algumas possibilidades interessantes.

— Pode teleportar um homem até uma distância dessas? — perguntou Brennan, pensando em algumas possibilidades para si mesmo.

— Alguém não familiarizado com ele, por exemplo, digamos, você — disse Tachyon —, poderia usar o deslocador para se teleportar até distâncias curtas. Precisaríamos de um telepata poderoso para alcançar a Mãe do Enxame. Mas tem como ser feito. Um homem poderia se deslocar para o interior da coisa. Um homem armado com, digamos, um dispositivo nuclear tático.

Brennan assentiu.

— Entendo.

— Tinha certeza de que entenderia. Estou explicando isso tudo para você porque, falando de forma pragmática, o deslocador de singularidade é seu.

Brennan olhou de Tachyon para Mai, em silêncio ao lado de sua cama, e de volta para Tachyon. Tinha a sensação de que Mai contara a Tachyon algo sobre ele, mas sabia que ela diria ao doutor apenas o necessário. E apenas porque confiava nele.

— Estou em dívida com você — disse Brennan. — É seu.

Tachyon segurou o braço de Brennan de forma cordial e amigável.

— Obrigado — falou. Ele olhou para Mai, depois para Brennan novamente. — Sei que está envolvido em uma espécie de vingança contra pessoas aqui da cidade. Mai me falou disso quando me

contou sua história e sua habilidade. Sem entrar em muitos detalhes. Eles não foram necessários. — Ele fez uma pausa. — Conheço muito bem as dívidas de honra.

Brennan fez que sim. Acreditava em Tachyon e, até certo ponto, confiava nele. Tachyon provavelmente não tinha relação com Kien, mas algum de seus aliados ases — Tartaruga, Fantasia ou Viajante — tinha. Um deles devia ter roubado o deslocador e dado para Kien. E Brennan, algum dia, de alguma forma, descobriria qual deles.

II.

Brennan saiu da clínica um pouco antes da meia-noite e foi para casa, o apartamento de um quarto nas cercanias do Bairro dos Curingas, base de suas operações. Havia uma lógica organizacional na bagunça do apartamento, que consistia em banheiro, área de cozinha e sala de estar com um sofá-cama, uma cadeira de balanço antiga e uma bancada de trabalho obviamente feita à mão e entulhada com equipamentos que qualquer fabricante de arcos reconheceria. E alguns que não reconheceria.

Ele puxou o sofá para virar cama, tirou a roupa e deitou-se com um suspiro esgotado. Dormiu por vinte e quatro horas, concluindo o processo de cura que Mai havia iniciado. Quando acordou, sua fome era voraz, e estava preparando algo para comer quando ouviu uma leve batida na porta. Ele espiou pelo olho mágico. Era, como esperava, Mai, a única pessoa que sabia onde ele morava.

— Problemas? — perguntou Brennan, vendo a preocupação em seus traços geralmente serenos. Deu um passo para o lado e a deixou entrar.

— Não sei. Acho que sim.

— Me conte.

Ele foi para trás do balcão que dividia a cozinha do restante do apartamento e despejou a água da chaleira que assobiava no fogão em duas xícaras pequenas e sem alça. Eram de porcelana, pintadas à mão com as cores de um sonho. Eram mais velhas que os Estados Unidos e os objetos mais preciosos que Brennan possuía. Ele entregou uma para Mai na cadeira de balanço e sentou-se na cama amarrotada diante dela.

— É o dr. Tachyon. — Ela bebericou o chá quente, aromático, reunindo as ideias. — Ele está agindo... de forma estranha.

— Em que sentido?

— Ficou ríspido, mandão. E está negligenciando seus pacientes.

— Desde quando?

— Desde ontem, desde que voltou da reunião com o homem do Departamento de Estado. Tem outra coisa.

Ela equilibrou a preciosa xícara no colo e pegou um jornal dobrado da bolsa que havia deixado ao lado da cadeira.

— Viu isto?

Brennan balançou a cabeça.

A manchete bradava TACHYON LIDERA ATAQUE DE ASES CONTRA AMEAÇA ESPACIAL. Uma imagem abaixo das letras em negrito mostrava Tachyon com um homem identificado como Alexander Lankester, chefe da Força-Tarefa Anti-Enxame. O artigo a seguir declarava que Tachyon estava recrutando ases para acompanhá-lo no ataque contra a Mãe do Enxame que orbitava ao redor da Terra, além do alcance balístico dos mísseis. Capitão Viajante e Modular já haviam concordado com a empreitada.

Algo estava errado, pensou Brennan. Tachyon esperava que o deslocador de singularidade fosse o fim daquela ideia de ataque inútil. Em vez disso, parecia que o oposto estava acontecendo.

— Acha que o governo está chantageando o doutor para que ele faça isso? — perguntou Brennan. — Ou está controlando a mente dele de alguma forma?

— É possível — Mai deu de ombros. — Sei apenas que ele pode estar precisando de ajuda.

Ele olhou para ela por um bom tempo e ela devolveu o olhar calmamente.

— Ele não tem amigos?

— Muitos de seus amigos são curingas pobres, desesperados. Outros são difíceis de achar. Ou podem não estar inclinados a agir com muita determinação se o governo estiver envolvido de alguma forma.

Brennan levantou-se e virou-se de costas para ela enquanto levava a xícara de volta ao balcão. A rede de relacionamentos humanos estava se estendendo, enlaçando-o novamente no seu domínio. Ele jogou fora o resto do chá na pia e olhou para o fundo da xícara. Era o azul de uma piscina perfeita, sem fundo, o azul de um céu vazio, infinito. Olhar para ele era como contemplar o vazio. Era agradável em sua tranquilidade absoluta, mas não era, Brennan percebeu, seu caminho particular para a iluminação.

Ele se virou para Mai novamente, decidido.

— Tudo bem. Vou dar uma olhada. Mas não entendo nada sobre coisas como controle da mente. Vou precisar de alguma ajuda.

Ele pegou o telefone e discou um número.

Brennan raramente visitava os salões públicos do Crystal Palace, embora tivesse passado mais do que algumas noites nos quartos do terceiro andar. Elmo assentiu quando ele entrou, sem comentar sobre o estojo que carregava. O anão apontou para a mesa de canto onde Crisálida estava sentada com um homem vestindo jeans preto e jaqueta de couro marrom. Tinha traços bonitos, simétricos, exceto pela testa inchada.

— Você — disse Fortunato quando Brennan foi até a mesa. Ele olhou de Brennan para Crisálida, que o observou com um olhar tranquilo, o sangue pulsando continuamente pelas artérias da garganta transparente como vidro. Ela olhou para Brennan e balançou a cabeça, fria, sem mostrar nenhum sinal da paixão que Brennan sabia existir dos momentos passados no terceiro andar do Crystal Palace.

— Este é Yeoman — disse ela enquanto Brennan se sentava à mesa, na terceira cadeira. — Acredito que tenha algumas informações que você achará interessantes.

Fortunato franziu o cenho. A última vez que se encontraram não fora exatamente cordial, embora não houvesse uma animosidade real entre eles.

— Corre o boato de que vocês estão procurando uma maneira de chegar ao Enxame. Sei de algo que poderia ajudar.

— Sou todo ouvidos.

Brennan falou sobre o deslocador de singularidade. Não contou inverdades, mas escondeu as coisas com destreza, tendo sido treinado por Crisálida quanto à abordagem que mais provavelmente levaria Fortunato a ajudá-lo a investigar o estranho comportamento de Tachyon.

— O que mais você consegue fazer, além de zerar a mente? — perguntou Fortunato quando Brennan terminou de contar a história.

— Sei me cuidar. E cuidar de muitos outros que poderiam tentar interferir em nossos planos.

— Você é aquele assassino maluco que anda saindo nos jornais ultimamente?

Brennan pôs a mão no bolso de trás das calças e puxou uma carta. Deixou-a na mesa com a frente para cima, diante de Fortunato. O mago-cafetão olhou para ela e balançou a cabeça.

— Eu e o Sombra somos os únicos ases de espadas que eu conheço. — Ele encarou Brennan. — Mas acho que há espaço para mais um. A única coisa que não entendo é o que você ganha com isso — disse ele, virando-se para Crisálida.

— Se der certo, o que eu quiser. De vocês dois...

Fortunato grunhiu e levantou-se.

— Sim. Como sempre. Bem, vamos lá. É melhor verificarmos se aquele dândi alienígena está com todos os parafusos na cabeça.

Brennan dirigiu através da escuridão da madrugada até o apartamento de Tachyon. De canto de olho, flagrou Fortunato observando-o às vezes, mas o ás preferiu manter o silêncio. Fortunato ainda não o aceitara, Brennan percebeu, e permanecia cauteloso e alerta, senão totalmente desconfiado. Mas tudo bem, porque ele também não estava à vontade com Fortunato.

Estacionou a BMW no beco ao lado do prédio de Tachyon. Ele e Fortunato saíram e olharam para o prédio.

— Vamos entrar pela porta da frente ou pela porta de trás? — perguntou Fortunato.

— Se a escolha existe, minha política é sempre entrar pelos fundos.

— Cara esperto — murmurou Fortunato —, cara esperto.

Fortunato observou com expressão dúbia, mas não disse nada, quando Brennan pegou o estojo do porta-malas da BMW, abriu-o, prendeu seu arco composto às costas e, em seguida, a aljava de flechas ao cinto.

— Vamos.

Seguiram para o fundo do prédio, e Fortunato queimou um pouco de energia psíquica para puxar a escada de incêndio. Seguiram com passos leves pela escada até chegarem à janela do apartamento de Tachyon, e espiaram dentro do quarto.

O cômodo, iluminado pela luz de um abajur derrubado, estava um pandemônio. Havia sido virado às avessas por alguém que procurava algo com impaciência e não fez questão de colocar as coisas nos lugares. Brennan e Fortunato entreolharam-se.

— Alguma coisa estranha está acontecendo — murmurou Fortunato.

A janela estava trancada, mas aquilo não era obstáculo para Brennan. Removeu um círculo de vidro da janela com um cortador, enfiou a mão pelo furo, destravou-a e, silenciosamente, deslizou-a para cima. Estendeu um braço, impedindo Fortunato de entrar, e pousou o dedo nos lábios. Espreitaram por um instante, mas não ouviram nada.

Brennan entrou primeiro, pulando pelo peitoril da janela tão silenciosamente quanto um gato, o arco aberto na mão esquerda, a direita pairando sobre a aljava presa ao cinto. Fortunato o seguiu, fazendo barulho suficiente para Brennan lançar um olhar acusador

para ele. O ás deu de ombros, e Brennan seguiu pelo aposento. No corredor que levava para a cozinha, sala de estar e quarto de hóspedes, ouviram uma série de ruídos, batidas ocas e sons ocasionais de coisas se estilhaçando, como se algum investigador descuidado ou indiferente estivesse revirando os cômodos.

Seguiram em silêncio pelo corredor, passando pela porta fechada do quarto de hóspedes. O corredor abria-se para a sala de estar, que parecia tão devastada quanto uma área de trailers após um tornado. Um homem pequeno e magro com cabelos longos e encaracolados arrancava os livros metodicamente das prateleiras, olhando atrás deles.

— Tachyon — disse Brennan.

Ele se virou e olhou para os dois no corredor, totalmente calmo, sem espanto nenhum. Encarou-os, o rosto impassível.

Fortunato de repente pôs a mão nas costas de Brennan e o empurrou, fazendo-o cair sobre o tapete.

— Esse não é Tachyon! — gritou.

Para Brennan, os momentos seguintes pareceram uma fita de vídeo em velocidade aumentada. Fortunato estava fazendo algo com o tempo. Transformou-se em um rojão indistinto atravessando o ar na direção do falso Tachyon, mas foi jogado de lado logo que os dois colidiram.

Brennan puxou uma flecha e lançou-a, de joelhos no tapete.

A flecha era feita com penas vermelhas e pretas. O corpo era de alumínio oco cheio de explosivos plásticos. Sua ponta era um detonador sensível ao toque. A flecha era pesada demais para ser estável no quesito aerodinâmica, em longas distâncias, mas a coisa disfarçada de Tachyon estava a menos de dez metros.

A flecha de Brennan atingiu-o no alto do peito e explodiu, mandando um banho de carne e gosma verde pela sala. A coisa foi arremessada para trás pelo impacto. Sua metade superior desapareceu, deixando um par de pernas se retorcendo, presas a um tronco que espalhava órgãos não humanos e vazava uma secreção verde e espessa. Demorou alguns instantes antes de as pernas se imobilizarem.

— O que era aquela coisa? — Brennan gritou sobre o ruído em seus ouvidos.

— Sei lá! — disse Fortunato, erguendo-se de onde a coisa o havia jogado. — Tentei rastrear sua mente, mas não havia mente. Nada humano, ao menos.

— Parecia com Tachyon — disse Brennan em uma voz mais baixa, sua audição voltando ao normal. — Até o último detalhe. — Ele franziu a testa, olhou para Fortunato. — A mente de Tachyon não foi tomada. Ele foi substituído.

— Quando foi a última vez que você o viu, com a certeza de que era o Tachyon verdadeiro?

— Ontem. Na clínica. Antes de ele ir a uma reunião no Hotel Olympia com aquele tal Lankester do Departamento de Estado.

— Vamos verificar.

O velho frágil, de cabelos brancos, no uniforme de ascensorista, ergueu Brennan bem alto e lançou-o contra a parede. Brennan bateu com força e deslizou para o tapete, lutando para recuperar o fôlego como um cão arfante. Estava em perigo.

O ascensorista avançou sobre ele, sem expressão no rosto vincado. Brennan ficou de joelhos, os pulmões ardendo, e viu os

olhos do homem revirando-se para dentro da cabeça. O ascensorista cambaleou para trás, girando os braços como se tivesse sido pego em um vento de furacão. Fez uma dança trôpega e lançou-se pela janela no fim do corredor. Foi um longo caminho até a rua lá embaixo.

Brennan se recompôs enquanto Fortunato estalava os dedos. Ele pegou o braço de Brennan e disse:

— Não tem cérebro para ser controlado, mas ainda dá para manipulá-los.

— Alguém deve ter escutado esse barulho todo — ofegou Brennan, o ar voltando aos pulmões.

— Eu podia ter deixado ele te esmagar.

— Verdade. — Ele deu um suspiro profundo e agradecido. — Precisamos sumir de vista por um tempo.

Pararam diante de um dos quartos.

— Que tal este aqui? — perguntou Fortunato.

Brennan deu de ombros, em silêncio. Fortunato pousou a mão na maçaneta e estendeu a mente. Arruelas estalaram, pinos se ergueram e a porta se abriu.

— Vai levar um tempo até nos rastrearem — disse o ás quando entraram no escuro quarto de hotel. — Quantos agentes você acha que eles têm?

— Não sei — disse Brennan, esticando as costas doloridas com cuidado. — Mais do que eu suspeitava, com certeza.

— Pensei que você fosse mais bem informado.

Brennan balançou a cabeça. O plano tinha sido investigar o andar onde ficava a suíte de Lankester, reunindo as informações que conseguisse, enquanto Fortunato usava seus poderes mentais para

monitorar seu progresso das escadas. O falso ascensorista o reconheceu e o atacou quase imediatamente. Brennan só conseguiu resistir o suficiente para Fortunato chegar.

— Melhor tentarmos o plano alternativo — disse Brennan.

— Pode levar algum tempo.

Fortunato sentou-se em uma das camas duplas, pernas cruzadas à frente, costas eretas, mãos pousadas no colo. Olhava adiante para o nada. Brennan ficou entre ele e a porta, prestando atenção a sons no corredor, ao mesmo tempo que tirava arco e aljava de flechas do estojo que Fortunato segurara para ele enquanto sondava o hotel.

Fortunato parecia mergulhado em um transe profundo, quase igual, Brennan pensou, a quando um aluno de Zen descia ao zazen, o estado de meditação. Após um momento, um par de chifres de carneiro materializou-se na testa inchada dele, reluzente e indistinto na escuridão.

Brennan observou com lábios apertados. Seu treinamento zen havia ensinado que a magia não existia, mas ali estava a prova contrária, bem diante dos seus olhos. O que seria magia, talvez, além de ciência não explicada?

Brennan arquivou a questão para meditação posterior quando Fortunato abriu os olhos de repente. Eram poços de escuridão, suas pupilas tão dilatadas que quase engoliam as íris. A voz estava rouca, um pouco trêmula.

— Estão por todos os lados, aquelas coisas — disse. — Pelo menos vinte. Talvez mais. Não são humanos, nem mesmo da Terra. Suas mentes, se é que dá para chamar assim, são alienígenas, muito além da minha experiência.

— São criaturas do Enxame?

Fortunato levantou-se com uma graça fluida e deu de ombros.

— Talvez. Pensei que o melhor que podiam fazer eram carapaças parecidas com o Massudo. Pensei que ascensoristas e merdas assim estavam além de suas capacidades.

— Talvez eles tenham refinado a técnica. — Brennan ergueu a mão, apertando o ouvido contra a porta.

Passos no corredor passaram pelo quarto deles, enquanto ele e Fortunato aguardavam em silêncio.

— E Tachyon?

Fortunato franziu o cenho.

— Encontrei uma mente humana. Uma camareira. Não percebeu nada estranho acontecendo. Um pouco irritada porque os hóspedes neste andar não dão boas gorjetas. Não dão gorjeta nenhuma na verdade. Também encontrei algo nos elevadores. Pode ter sido a mente de Tachyon, mas há um véu sobre ela, uma cerca ao redor. Consegui captar apenas noções vagas, filtradas. Estava exausta. E cheia de dor.

— Pode ser Tachyon?

— Pode.

Brennan deu um suspiro profundo.

— Algum plano?

— Nenhum.

Os dois se olharam. Brennan tocou a aljava.

— Queria que você tivesse uma arma — disse ele.

— Eu tenho. Várias. — Fortunato tocou a testa. — E estão todas aqui.

Esperaram até estar quieto no corredor lá fora, então abriram a porta e moveram-se rapidamente. Correram o mais silenciosamente que puderam pelo corredor do hotel, entraram à direita quando chegou uma bifurcação, e viram-se em um hall de elevadores. Em um nicho lateral havia algo parecendo um armário de roupas de cama. Brennan encaixou uma flecha no arco e esticou a corda enquanto Fortunato abria a porta com um aceno de mão.

Brennan baixou o arco.

— Meu Deus! — ele murmurou.

Fortunato olhou dele para o armário e congelou.

Tachyon estava lá dentro. Seu cabelo, encharcado de suor, caía sobre o rosto em cachos frouxos. Seus olhos fitavam através do emaranhado de cabelos. Estavam inchados e injetados, e vidrados com dor e exaustão. As prateleiras e roupas de cama haviam sido removidas do armário, dando lugar para Tachyon e para a coisa que o abraçava. Tachyon estava em um grande leito púrpura de biomassa que o prendia com vários tentáculos pegajosos pelo pescoço, peito, braços e pernas. A coisa pulsava ritmicamente, ondulando como uma senhora gorda pulando em uma cama d'água. Tachyon estava enfiado em uma depressão na superfície da coisa que o segurava apertado, seguindo perfeitamente seus contornos e dimensões.

Seus olhos concentravam-se em Fortunato, relanceando para Brennan.

— Me ajudem — balbuciou, os lábios movendo-se por vários momentos antes de qualquer som sair deles.

Brennan abaixou-se, puxou uma faca que carregava na bainha do tornozelo e rasgou os tentáculos que prendiam Tachyon àquela

coisa. Foi como cortar borracha rígida e elástica, mas continuou a rasgar com raiva, ignorando as pulsações crescentes da coisa e a gosma verde que espirrava nele e em Tachyon.

Levou um minuto para cortar todos os tentáculos, mas ainda assim a coisa prendia Tachyon. Foi então que Brennan percebeu as ventosas presas nas laterais e atrás do pescoço do alienígena.

— Como tiramos você daí? — ele perguntou.

— Apenas puxe — sussurrou Tachyon.

Brennan obedeceu, e Tachyon gritou.

O doutor finalmente se livrou e caiu nos braços de Brennan, fedendo a suor, medo e secreções alienígenas. Estava mortalmente pálido e sangrava em profusão dos pontos onde as ventosas tinham se prendido. Os ferimentos não pareciam sérios, mas não havia, Brennan percebeu, como saber a extensão real dos danos.

— Cuidado — disse Fortunato —, temos companhia.

Brennan olhou para o corredor. Uma dúzia de simulacros humanos estava se aproximando, vestidos de porteiros, camareiras e homens e mulheres comuns em vestidos e ternos de três peças. No meio deles estava Lankester, do Departamento de Estado.

Brennan arrastou Tachyon para o elevador enquanto as criaturas avançavam em ritmo constante, os rostos serenos e absolutamente impassíveis. Fortunato juntou-se a ele, um olhar preocupado no rosto.

— E agora?

— Chame o elevador.

As criaturas estavam a pouco mais de seis metros de distância quando ouviram o som do elevador chegando.

— Pegue-o — disse Brennan, jogando a figura quase inconsciente de Tachyon nos braços de Fortunato.

Puxou uma flecha da aljava enquanto a porta do elevador se abria com um ruído. Dentro estavam três homens de meia-idade vestidos em ternos executivos e chapéus estilo fez na cabeça. Encararam com olhos arregalados enquanto Fortunato arrastava Tachyon para dentro. Fortunato olhou para eles.

— Térreo, por favor — disse ele.

O homem que estava diante do painel apertou o botão automaticamente enquanto Fortunato impedia o fechamento da porta com o pé. Brennan encaixou três flechas explosivas no meio das criaturas que avançavam. A primeira atingiu Lankester no peito. A segunda e a terceira explodiram à esquerda e à direita dele, estourando sangue e protoplasma em todo o corredor do hotel. Ele pulou para dentro do elevador e Fortunato deixou a porta se fechar.

Brennan recostou-se no arco, dando um suspiro profundo e aliviado. Os homens de fez amontoaram-se em um dos cantos do elevador.

Fortunato olhou para eles.

— Primeira vez na cidade?

III.

— Então, já fazia um tempo que Lankester tinha sido substituído por um desses filhos do Enxame da nova geração? — perguntou Brennan.

Tachyon concordou com a cabeça e deu um grande gole da caneca que Mai lhe entregou. Estava cheia de café preto e espesso, batizado generosamente com conhaque.

— Antes mesmo de eu conhecer ele... aquela coisa. Por isso a insistência naquele plano de ataque insano. Sabia que seria inútil contra a Mãe do Enxame, mas um ataque desses faria com que todos pensassem que algo concreto estava sendo feito para combater a ameaça. — Ele fez uma pausa, deu outro gole grande da caneca. — E há outra coisa. A Mãe do Enxame pode querer espécimes de ases.

Brennan olhou para ele interrogativamente.

— Espécimes?

— Para desmontar e replicar a partir de sua própria biomassa.

— Porra — murmurou Fortunato. — Quer criar seus próprios ases.

Eles estavam no escritório de Tachyon, na clínica. Tachyon havia se limpado, mas ainda estava pálido e trêmulo pelo suplício que enfrentara. Havia uma bandagem em torno do pescoço onde a criatura do Enxame tinha prendido as ventosas.

— E agora? — perguntou Brennan.

Tachyon suspirou, deixando a caneca de lado.

— Vamos atacar a Mãe do Enxame.

— O quê? — disse Fortunato. — Aquela coisa do Enxame fritou seus miolos? Você acabou de dizer que era uma loucura atacar a Mãe.

— Era. É. Mas é a melhor opção disponível. — Ele olhou de Fortunato, que estava visivelmente incrédulo, para Brennan, que olhava para o nada, esquivo. — Olhe, o Enxame começou uma nova onda de ataques que é muito mais sofisticada que a anterior. Não há como dizer de que maneiras se infiltrou no governo.

— Se conseguiram substituir Lankester — murmurou Brennan —, quem mais poderiam conseguir?

— Exatamente. Quem eles vão dominar? — Tachyon deu de ombros. — As possibilidades são terríveis. Se conseguisse substituir pessoas-chave o suficiente para levar isso adiante, não pensaria duas vezes em começar uma guerra nuclear mundial e simplesmente esperar o milênio necessário até a superfície do planeta estar novamente habitável. É óbvio que não podemos confiar em ninguém do governo para nos ajudar a atacar a Mãe do Enxame. Temos de fazer isso sozinhos.

— Como? — Fortunato perguntou em um tom que indicava não estar em absoluto convencido com os argumentos de Tachyon.

— Temos o deslocador de singularidade — disse Tachyon, sua voz erguendo-se de entusiasmo. — Precisamos de uma arma. Os takisianos já usaram com sucesso armas biológicas contra as Mães do Enxame, mas as ciências biológicas de vocês não são sofisticadas o bastante para produzir uma arma adequada. Talvez eu possa inventar alguma coisa...

— Existe uma arma — disse uma voz baixa. Os três homens se viraram e olharam para Mai, que ouvia a conversa em silêncio.

Tachyon olhou para ela e então se aprumou na cadeira, derramando o café com conhaque na frente da túnica bordada.

— Não fale bobagem — disse ele, ríspido.

Fortunato olhou de Tachyon para Mai.

— Que merda é essa?

— Nada — disse Tachyon. — Mai trabalha comigo na clínica. Ela usa seu poder para ajudar alguns dos meus pacientes, mas seu envolvimento nisso estaria fora de questão.

— Que poder?

Mai ergueu as mãos, palmas para a frente.

— Posso tocar a alma de uma pessoa — disse ela. — Nós nos tornamos uma e eu encontro a doença nela. Tomo a doença para mim e a amenizo, aliviando as curvas da estrutura vital e corrigindo as falhas. Então, nós duas podemos ficar bem novamente.

— E qual é a tradução disso para uma língua normal? — perguntou Fortunato.

— Ela manipula material genético — disse Tachyon com um suspiro. — Pode moldá-lo em quase qualquer formato que visualizar. Suponho que poderia usar o poder na Mãe do Enxame de forma reversa para causar a dilaceração celular em escala gigantesca.

— Ela pode causar câncer na Mãe? — Fortunato quis saber.

— Provavelmente sim — Tachyon assentiu. — Se eu deixar que ela se envolva, o que não vou fazer. Seria um risco insano para uma mulher.

— É um risco insano para qualquer um — disse Fortunato, bruscamente. — Se ela é a melhor aposta contra aquela Mãe e quer tentar, eu digo para deixar que ela faça.

— E eu proíbo! — disse Tachyon, derrubando café da caneca enquanto esmurrava o braço da cadeira.

— Não é seu papel proibir — disse Mai. — Preciso fazer isso. É meu carma.

Tachyon virou-se para Brennan.

— Você pode colocar juízo nela?

Brennan balançou a cabeça.

— A decisão é dela — respondeu calmamente. Desejou poder concordar com Tachyon, mas Brennan sabia que não podia interferir no carma de Mai, seu caminho escolhido para a iluminação. Porém, Brennan resolveu, ela não faria o trajeto sozinha.

— Está decidido, então — disse Fortunato, sem rodeios. — Levamos Mai até a Mãe do Enxame e ela injeta na coisa uma dose fatal de câncer. Eu também vou. Também quero acabar com aquela desgraçada.

Tachyon olhou de Fortunato para Mai, em seguida para Brennan e viu que nada que pudesse dizer mudaria a opinião deles.

— Tudo bem — suspirou. Virou-se para Fortunato. — Você terá que energizar o deslocador de singularidade. Eu não consigo. — Ele deslizou os dedos pelos cabelos encaracolados. — O broto exauriu alguns dos meus poderes ao tentar sugar minhas memórias para a duplicata de Tachyon. Não podemos esperar até que eles retornem. Porém, posso transportar um grupo até perto da Mãe do Enxame na *Baby*. Fortunato pode mandar o grupo para dentro da criatura. Será preciso velocidade e discrição, mas os viajantes também precisarão de alguma proteção. Modular, talvez, ou talvez um dos amigos do Viajante...

Brennan balançou a cabeça.

— Você disse que é preciso velocidade e discrição. Se mandar o Modular, ele acionará as defesas da Mãe do Enxame em instantes.

Tachyon massageou as têmporas com cansaço.

— Você está certo. Alguma sugestão?

— Claro. — Brennan deu um suspiro profundo. Aquilo estava ficando cada vez mais longe dos motivos originais da sua ida para a

cidade, mas não podia deixar Mai enfrentar o Enxame sem ele. Não deixaria. — Eu.

— Você? — disse Tachyon, hesitando. — Está pronto para isso?

— Ele conseguiu resgatá-lo daquela bolha — interrompeu Fortunato. Olhou para Brennan, a dúvida nos olhos substituída pela certeza. — Eu o vi em ação. Ele pode se cuidar.

Tachyon concordou com a cabeça de forma decisiva.

— Está combinado, então. — Ele se virou para Mai. — Não gosto de enviar uma mulher para o perigo, mas você está certa. É a única que tem chance de destruir a Mãe do Enxame.

— Farei o que tiver que ser feito — ela respondeu em voz baixa.

Tachyon assentiu com seriedade e tomou a mão dela, mas um arrepio atravessou Brennan com as palavras de Mai. Ele tinha certeza de que Tachyon não captara nelas a mesma intenção que ele.

Decolar em uma nave espacial foi algo que Brennan considerou uma experiência interessante. Não faria novamente, se pudesse evitar, mas a visão da Terra nas telas da *Baby* foi uma cena de beleza espantosa que ele levaria para o resto da vida. Sentiu-se quase indigno e desejou que Ishida, seu *roshi*, pudesse ver aquilo.

Havia outras três pessoas naquele cenário de Noites das Arábias que era a sala de controle de Tachyon. O takisiano conduzia a nave em silêncio. Ainda convalescia da violência do Enxame. Brennan percebia que ele seguia em frente por pura força de vontade. Seu rosto estava vincado pelo cansaço e pela tensão atípicos.

Fortunato praticamente estalava com energia impaciente, nervosa. Tinha passado o período antes da decolagem

recarregando as baterias, nas palavras dele. Agora estava pronto, e ansioso para agir.

Apenas Mai parecia calma e indiferente. Estava sentada em silêncio no sofá da sala de controle, as mãos sobre o colo, observando tudo com interesse despreocupado. Brennan observava a observação dela. Mai havia concordado imediatamente com o plano de Tachyon. Porém, como ela o realizaria era outra história. Esse pensamento o preocupava.

Após um tempo, Tachyon falou, a tensão e a exaustão fissurando sua voz:

— Lá está.

Brennan espiou por sobre os ombros de Tachyon a monstruosidade globular que enchia as telas frontais de *Baby*.

— É gigante — disse ele. — Como encontraremos um caminho de entrada?

Tachyon virou-se para Fortunato.

— Instrua o deslocador de singularidade para levar vocês até o meio da coisa. Deve acabar bem perto de seu destino desejado. Poderá encontrar o centro nervoso rastreando a mente dela. — Tachyon sentiu a mente de sua nave repuxando seu cérebro. *O que há, Baby?*

Estamos nos aproximando da área de detecção da Mãe do Enxame.

Obrigado. Ele se virou para os outros.

— Melhor se prontarem. Está quase na hora.

Fortunato tirou o deslocador de singularidade da mochila na qual Tachyon o havia escondido, no quarto de hóspedes de seu

apartamento. No fundo da mochila estava uma pistola automática 45 milímetros em um coldre de ombro.

— Para que isso? — perguntou Fortunato, olhando para Tachyon.

— Você pode precisar — disse o doutor. — Energizar este salto vai exigir mais de você do que imagina.

Fortunato tocou o cabo da arma, olhou para Tachyon. Deu de ombros.

— Por que não? — falou, e vestiu o coldre.

Ele ergueu o deslocador de singularidade, e ele, Brennan e Mai formaram um círculo. Todos ajudaram a segurar o deslocador. Brennan lançou um olhar para Mai. Ela o encarava de volta. Do canto do olho ele viu em uma das telas um flash de luz se apagando na Mãe do Enxame. *Baby* sacudiu quando o feixe de partículas gerado organicamente a atingiu, mas seus escudos de defesa seguraram. Brennan sentiu um sussurro suave no cérebro.

Lembre-se. Você não deve deixar Mai ou Fortunato serem capturados pela Mãe do Enxame.

Ele olhou para Tachyon, que o encarou com firmeza por um instante, então voltou para a tela.

— Vão! — gritou Tachyon.

Os olhos de Fortunato se fecharam, sua testa se franziu em concentração. Os chifres de carneiro espectrais brilharam em sua cabeça. Brennan sentiu uma torção repentina, um rompimento, como se cada célula do corpo estivesse sendo rasgada. Não conseguia respirar com pulmões que não eram mais pulmões, não conseguia relaxar os músculos que estavam partidos em suas moléculas constituintes e lançados através de centenas de quilômetros de vácuo. Abafou um grito e sua consciência chocou-se

contra uma muralha de náuseas. A viagem foi pior do que sua chegada até a clínica, pois pareceu durar uma eternidade, embora Tachyon tivesse dito que a jornada pelo deslocador de singularidade não levava tempo algum.

Então, de repente, estava inteiro de novo. Ele, Mai e Fortunato encontravam-se em um corredor iluminado levemente por grandes células fosforescentes azuis e verdes no teto e paredes translúcidos. Filamentos pegajosos corriam por baixo de seus pés, provavelmente conduítes para a versão de sangue e nutrientes daquela coisa. O ar era quente e totalmente úmido e cheirava a uma estufa apodrecendo. Seu teor de oxigênio era suficiente para deixar Brennan tonto, até ele ajustar a respiração. Sentia-se leve, embora houvesse um nítido empuxo gravitacional. A Mãe do Enxame, ele percebeu, devia estar girando, produzindo gravidade artificial necessária para o crescimento orgânico direcionado.

— Vocês estão bem? — perguntou aos companheiros.

Mai assentiu, mas Fortunato estava respirando pesado. Seu rosto era uma máscara cinzenta.

— O... maricas do espaço tinha razão... — ofegou. — Isso foi foda.

Suas mãos tremiam enquanto enfiava o deslocador na mochila.

— Relaxe... — Brennan começou, e ficou em silêncio.

De algum lugar adiante, no corredor cheio de curvas, veio um som imenso de sucção.

— Que caminho devemos tomar? — Brennan perguntou em voz baixa.

Fortunato concentrou-se intensamente.

— Sinto uma espécie de consciência lá na frente. — Ele apontou na direção do som de sucção. — Se é que posso chamar de consciência...

— Ótimo — murmurou Brennan. Ele desprendeu o arco.

— Espera. — Fortunato agarrou o braço de Mai. — Você podia me dar uma ajuda...

— Não há tempo — disse Brennan. — Além disso, Mai vai precisar de toda a energia para atravessar essa coisa. E eu também.

Fortunato começou a dizer algo, mas o som de sucção, que vinha ficando cada vez mais alto, de repente estava bem em cima deles, e uma grotesca massa verde e amarela de protoplasma veio rolando pelo corredor tubular adiante. Tinha uma porção de ventosas localizadas aleatoriamente sobre um corpo globular que quase preenchia a passagem.

— Meu Deus! — gritou Fortunato. — O que é aquela coisa?

Estava grudada na lateral do corredor, percorrendo a parede e o chão com uma miríade de bocas-ventosas rodeadas por centenas de cílios compridos como pés.

— Não sei e não quero descobrir — disse Brennan. — Vamos embora.

Ele escolheu uma flecha, encaixou-a frouxamente na corda do arco, e começou a avançar lentamente na direção da coisa. Mai e Fortunato seguiram com cuidado. A coisa continuava a rastejar. Os cílios das bocas voltadas para eles tremeram com ânsia à passagem deles, mas a criatura não fez um movimento na direção dos três.

Brennan suspirou aliviado.

O crepúsculo azul-fosforescente tingia o ambiente com uma sensação de irrealidade desfocada enquanto seguiam pelo corredor se aprofundando na Mãe do Enxame. O ar parado estava tão espesso com os odores de seres vivos que lembrou Brennan das selvas do Vietnã. Continuou olhando ao redor, estremecendo com o nervosismo, sentindo como se estivesse na mira do rifle de um atirador de elite. Não conseguia se livrar da sensação opressiva, nefasta, de estar sendo observado.

Seguiram pelo corredor ondulante por meia hora em silêncio tenso, sempre esperando, mas nunca precisando enfrentar de verdade um ataque mortal das máquinas mortíferas da Mãe do Enxame. Pararam quando o corredor se bifurcou. Ambos os lados pareciam levar para a direção que precisavam ir.

— Para onde? — perguntou Brennan.

Fortunato esfregou a testa inchada de forma exausta.

— Posso ouvir mil pequenos pios. Não mentes reais, ao menos não mentes conscientes, mas o ruído está me enlouquecendo. A mente maior ainda está adiante, em algum lugar.

Brennan olhou para Mai. Ela devolveu o olhar, plácida, como se disposta a deixá-lo tomar todas as decisões. Brennan jogou uma moeda mental e o resultado foi cara.

— Para cá — disse ele, tomando o caminho à direita.

Não haviam percorrido cem metros quando Brennan percebeu que algo naquele corredor estava diferente. O ar estava adocicado, quase enjoativo. Era difícil de respirar, e ao mesmo tempo era quase intoxicante. O odor crescia quanto mais avançavam.

— Não estou gostando disso — disse ele.

— Temos escolha? — perguntou Mai.

Brennan olhou para ela e deu de ombros. Continuaram, viraram em uma curva acentuada do corredor e pararam, encarando a cena diante deles.

O corredor alargou-se para uns doze metros. Em ambos os lados, pendurados perto do teto, havia uma porção de brotos grotescos com membros encolhidos e abdômen imensos, inchados. Mamavam do que pareciam mamilos intumescidos brotando das paredes do corredor.

Por sua vez, criaturas do Enxame de todos os tamanhos e tipos circundavam cada um dos brotos pendurados, empurrando-se por um lugar em um dos tubos vazados que pendiam dos seus abdômen inchados. As criaturas do Enxame variavam de seres mínimos do tamanho de insetos a monstruosidades tentaculares que deviam pesar várias toneladas. Eram centenas.

— Parece que estão se alimentando — sussurrou Fortunato.

Brennan fez que sim.

— Não vamos conseguir atravessar por aqui. Temos que voltar e tentar o outro caminho.

Eles começaram a voltar pelo corredor e pararam ao ouvir um zumbido baixo, como se vindo de um bando de pequenas asas, pairando pelo caminho de onde tinham vindo.

— Merda — disse Fortunado. — Estamos presos no meio de uma maldita mudança de turno.

— A primeira criatura do Enxame pela qual passamos nos ignorou — disse Brennan. — Talvez essas façam o mesmo.

Eles se encostaram na parede do corredor — era morna, Brennan descobriu, e flexível ao toque — e ficaram tão quietos e discretos quanto possível. E esperaram.

Um enxame de criaturas insetoides desceu o corredor zumbindo. Tinham de dez a quinze centímetros, com corpos segmentados e asas grandes e membranosas. Os primeiros passaram por eles e foram direto para a câmara de alimentação, e Brennan pensou que tinham se safado. Mas então um parou e pousou em Mai. Outro se juntou, e então outro, e outro. Ela olhou para eles calmamente. Um posou no ombro de Brennan. Ele o encarou. As partes da boca consistiam de múltiplos sistemas mandibulares. Um conjunto de mandíbulas começou a rasgar o tecido da camisa de Brennan, enquanto outro enfiava pedaços da roupa na sua boca pequenina.

Brennan jogou a coisa no chão com nojo e pisou nela. Estalou alto sob seu pé, como uma barata, mas dois já haviam tomado o lugar no corpo de Brennan. Ele ouviu Fortunato xingar e soube que estavam rastejando sobre ele também.

— Vamos tentar sair do caminho deles — disse em um sussurro, mas não adiantou. Os insetos seguiam-nos e pousavam nos três em quantidades cada vez maiores.

— Corram! — chamou Brennan, e dispararam pelo corredor.

Alguns deles continuaram na direção da câmara de alimentação, mas muitos outros os seguiam pelo corredor em uma nuvem zumbidora e nervosa. Brennan os estapeava enquanto corria, acertando alguns no ar. Ele batia nos que pousavam nele, mas havia muitos para substituir os que ele afastava ou esmagava. Cobriam seu rosto e braços e Brennan conseguia sentir milhares de pezinhos caminhando sobre ele. Pareciam estar mais interessados em suas roupas e, mais importante, em seu arco e flechas. Eram como abutres programados para desfazer-se de matéria morta. Porém, aquilo não os tornava inofensivos. Brennan sentia suas

mandíbulas afiadas rasgarem continuamente a carne. O zumbir das asas e os estalidos das mandíbulas soavam alto em seus ouvidos. Eles precisavam se livrar dos bichos.

Alcançaram o ponto onde a passagem se dividia em duas, buscando desesperadamente algo, qualquer coisa, que pudesse afastar os pequenos abutres. Fortunato correu para a outra ramificação do corredor, Brennan e Mai seguiram-no. O corredor estava melado de umidade. A superfície era irregular. A umidade ficava represada em poças rasas que esguichavam líquido quando pisavam nelas. O líquido era morno e transparente, apesar de turvo. Chapinharam o corredor, e o enxame de insetoides pareceu ficar para trás. Fortunato tropeçou em uma poça rasa que havia se formado em uma das depressões mais fundas, e rolou pelo chão, removendo e esmagando os insetoides que rastejavam sobre ele. Brennan e Mai juntaram-se a ele. Brennan manteve os lábios bem fechados, mas o líquido turvo encharcou-o da cabeça aos pés. Parecia, e cheirava, a água morna com finas partículas suspensas. Ele não tinha nenhum interesse em ingeri-la.

Brennan olhou para os companheiros caídos na poça rasa. Suas roupas pareciam ter sido atacadas por uma legião de traças, e tinham diversos cortes e sulcos, mas ninguém parecia muito machucado. O enxame de insetoides persistente pairava sobre a cabeça deles, zumbindo com irritação, na opinião de Brennan.

— Como nos livramos deles? — ele perguntou, irritado também.

— Talvez eu tenha força suficiente para mandar esses merdinhas desgraçados para algum lugar — resmungou Fortunato.

— Não sei... — começou Brennan, mas nunca teve chance de terminar.

A superfície abaixo deles desapareceu quando um esfíncter se abriu. Todo o líquido do corredor correu para baixo e eles foram junto. Brennan teve tempo de respirar fundo e agarrar melhor o arco. Ele esticou o braço e agarrou Mai pelo tornozelo enquanto ela era sugada para a escuridão, e rodopiou atrás dela, xingando por perder metade das flechas da aljava.

Havia mais líquido no corredor do que ele imaginava. Foram pegos em um turbilhão rápido, sem ar para respirar e sem luz para ver. Brennan segurou firme no tornozelo de Mai, lembrando-se do aviso silencioso de Tachyon.

Eles caíram em uma grande câmara, totalmente submersos em um buraco cheio de líquido do tamanho de uma piscina olímpica. Brennan e Mai emergiram na superfície e nadaram, olhando ao redor. Felizmente, a câmara era iluminada pela mesma fosforescência azul que a do corredor acima. Fortunato nadou para encontrá-los, lutando contra a corrente que os puxava para a outra ponta da piscina.

— Que diabos é isso? — perguntou Fortunato.

Brennan descobriu que era difícil encolher os ombros enquanto nadava.

— Não sei. Talvez um reservatório? Todas as coisas vivas precisam de água para sobreviver.

— Ao menos aqueles insetos foram embora — disse Fortunato. Ele nadou para a lateral da câmara, e Brennan e Mai o seguiram.

Eles pensaram para sair daquele buraco, seguindo lenta e cuidadosamente, pois a superfície era úmida e escorregadia. Finalmente sentaram-se, ofegantes, para descansar um momento.

Brennan cuidou das piores mordidas dos insetos com bandagens do pequeno kit de primeiros socorros que carregava no cinto.

— Para onde agora?

Fortunato fez uma pausa para se orientar e então apontou.

— Para lá.

Seguiram através da barriga da fera. Era uma viagem tenebrosa pelo reino estranho de monstruosidades orgânicas. O corredor que seguiram abriu-se em salões vastos onde criaturas humanoides choramingavam em um idiotismo malformado, penduradas por cordões umbilicais de tetos pulsantes; levou a galerias onde bolsas de biomassa indistinta tremiam como gelatinas odiosas enquanto esperavam ser esculpidas pela vontade da Mãe do Enxame; passaram por câmaras onde monstros de uma centena de formas alienígenas estavam sendo fabricados para um objetivo que apenas a Mãe do Enxame conhecia. Alguns desses últimos eram desenvolvidos o bastante para ter consciência dos intrusos, mas ainda estavam presos ao corpo da Mãe por cordões umbilicais protoplasmáticos. Estalavam e roncavam e chiavam quando eles passavam, e Brennan se viu forçado a enfiar flechas na cabeça de algumas criaturas mais insistentes.

Nem todos tinham as formas alienígenas dos brotos. Alguns eram humanos na forma e aparência, com rostos humanos. Rostos humanos reconhecíveis. Havia Ronald Reagan com cabelos penteados para trás e um brilho nos olhos. Havia Margaret Thatcher, olhando séria e inflexível. E a cabeça de Gorbachev, com a marca de nascença vermelha e tudo, encaixada na massa de protoplasma trêmula que era tão mole e gorda quanto um corpo humano esculpido em massa de pão.

— Jesus Cristo — disse Fortunato. — Parece que chegamos bem na hora.

— Espero que sim — murmurou Brennan.

O corredor começou a se estreitar e eles tiveram de se curvar e, finalmente, se abaixar e engatinhar. Brennan olhou para trás, para Fortunato, e o ás acenou com a cabeça para ele continuar.

— É ali na frente, posso sentir a pulsação: alimentar e crescer, alimentar e crescer.

A carne das paredes do túnel era borrachuda e quente. Brennan não queria tocá-la, mas obrigou-se a continuar. O túnel estreitou-se até ficar muito apertado e Brennan perceber que não poderia carregar o arco na mão. Estavam indefesos e adentrando a área mais perigosa da Mãe do Enxame, seu centro nervoso. Ele rastejou pela passagem de carne viva por uns cem metros ou mais, Mai e Fortunato seguindo-o até por fim desembocar em um espaço aberto. Fortunato continuou e eles ajudaram Mai a sair.

Olharam ao redor. Era uma câmara pequena. Mal cabiam os três e o grande órgão cinza e rosa com três lóbulos suspenso no meio da câmara por uma rede de filamentos fibrosos que penetravam o chão, teto e paredes.

— É isso — resmungou Fortunato com voz exausta. — O centro nervoso da Mãe do Enxame. O cérebro ou o núcleo ou sei lá.

Ele e Brennan viraram-se para Mai. Ela deu um passo à frente e Brennan segurou seu braço.

— Mate-a — ele encorajou. — Mate-a e vamos dar o fora daqui.

Ela olhou para ele, tranquila. Conseguia ver seu próprio reflexo nos olhos grandes e negros dela.

— Você sabe que eu tenho um juramento de nunca ferir outro ser consciente. — ela disse num murmúrio.

— Ficou louca? — gritou Fortunato. — O que viemos fazer aqui, então?

Brennan soltou o braço de Mai e ela caminhou em direção ao órgão suspenso na rede de fibras nervosas. Fortunato olhou para Brennan.

— Essa mulher está louca?

Brennan balançou a cabeça, incapaz de falar, sabendo que estava perdendo mais uma pessoa. Não importava o que viesse, estava perdendo mais uma.

Mai abriu caminho pelos filamentos e pousou as mãos contra a carne da Mãe do Enxame. Seu sangue começou a fluir para o órgão da criatura alienígena.

— O que ela está fazendo? — perguntou Fortunato, entre o medo, a raiva e o espanto.

— Fundindo-se.

O túnel estreito que levava até o lugar sagrado da Mãe do Enxame começou a se dilatar. Brennan virou-se para encarar a abertura.

— O que está acontecendo?

Brennan encaixou uma flecha na corda do arco.

— A Mãe do Enxame está resistindo — disse ele.

Então apagou o ambiente, apagou Fortunato, apagou até mesmo Mai de sua mente. Estreitou o foco da existência, até a boca do túnel ser o seu universo. Puxou a corda até o rosto e ficou parado, tão tenso e pronto quanto a própria flecha, pronto para atirar-se no coração do inimigo.

As máquinas assassinas da Mãe do Enxame, com garras nas mãos e nos pés, transbordaram da abertura. Brennan atirou. Suas mãos moviam-se sem direcionamento consciente, sacando, puxando, atirando. Corpos empilhavam-se ao lado da boca do túnel e eram afastados pelas criaturas que tentavam abrir caminho e pelos estouros das flechas explosivas. O tempo parou de fluir. Nada importava além da perfeita coordenação entre mente, corpo e alvo, nascida da união da carne e do espírito.

Pareceu uma eternidade, mas os recursos da Mãe do Enxame não eram inesgotáveis. As criaturas pararam quando Brennan tinha três flechas restantes. Ele encarou o corredor por mais de um minuto antes de perceber que não havia mais alvos em vista, e então baixou o arco.

Suas costas estavam doloridas e os braços queimavam como se estivessem em chamas. Olhou para Fortunato. O ás o encarava, balançando a cabeça, sem palavras. A consciência de Brennan retornou do lago onde seu treinamento zen a havia mergulhado.

Um movimento repentino chamou sua atenção e ele se virou. Sua mão chegou à aljava no cinto, mas parou antes de puxar uma flecha. Havia três formas, tamanho de homem, forma de homem, na boca do túnel. Uma sensação de atordoamento varreu Brennan como um vento frio e ele baixou o arco. Reconhecia aqueles homens.

— Gulgowski? Mendoza? Minh?

Ele avançou, zozzo, quando os homens passaram sobre os corpos dos brotos, indo em sua direção. Brennan estava atordoado, arrebatado entre a felicidade e a descrença.

— Sabia que você viria — disse Minh, o pai de Mai. — Sabia que nos resgataria de Kien.

Brennan assentiu. Um sentimento de exaustão imensa o tomou. Seu cérebro parecia isolado do restante do corpo, como se de alguma forma estivesse envolto em camadas de algodão. Devia ter imaginado que Kien estava por trás do Enxame. Devia ter.

Gulgowski ergueu a pasta que carregava.

— Estamos com as provas para condenar o desgraçado, capitão. Venha até aqui, dê uma olhada.

Brennan baixou o arco, avançou para olhar a pasta que Gulgowski estendia, ignorando os gritos atrás dele, ignorando o rugido explosivo que reverberava pelo corredor.

Gulgowski, segurando a pasta estendida, cambaleou. Brennan olhou para ele. Estava estranho. Tinha apenas um olho. O outro fora atingido e dele escorria um fluido verde e grosso. Mas estava tudo bem. Brennan lembrou-se de que Gulgowski já havia tomado um tiro na cabeça e sobrevivido. Estava ali, no fim das contas. Olhou para a pasta. A alça fundiu-se à carne da mão de Gulgowski. Eram uma coisa só. A boca da pasta tinha fileiras de dentes afiados e avançou nele, os dentes estalando.

Brennan sentiu um choque repentino quando algo agarrou seus joelhos por trás. Caiu com o rosto no chão da câmara, sentindo seu calor pulsante, e olhou para trás, irritado.

Fortunato o havia derrubado. O ás soltou Brennan, ajoelhou-se e sacou a pistola novamente. Brennan olhou para seus homens. Fortunato arrancou partes deles à bala, um pedaço de rosto aqui, um naco de braço ali. Fortunato xingava em um fluxo contínuo enquanto atirava, e os homens de Brennan morreram novamente.

Brennan sentiu uma onda absurda de ódio. Ergueu-se e fechou os olhos. O rugir da pistola parou quando Fortunato ejetou o clipe vazio, mas o fedor de pólvora estava no ar, o estampido da pistola em seus ouvidos, e o cheiro quente e úmido da selva no nariz. Ele abriu os olhos novamente.

Caricaturas medonhas de homens, rostos e corpos perfurados pelos tiros, gotejando a secreção verde, cambaleavam na direção dele. Não eram seus homens. Mendoza morrera em um ataque ao quartel-general dos vietcongues. Gulgowski fora assassinado por Kien mais tarde na mesma noite. E Minh fora morto anos depois pelos homens de Kien em Nova York.

Embora seu cérebro ainda estivesse enevoado, Brennan tomou o arco e lançou a última flecha explosiva nos simulacros. Acertou a caricatura de Minh e a explodiu, espalhando pedaços de biomassa para todos os lados. O coice derrubou Brennan e destruiu os outros simulacros também.

Brennan respirou profundamente e limpou a gosma e o protoplasma esmagado do rosto.

— A Mãe do Enxame pegou as imagens do seu cérebro — disse Fortunato. — As outras criaturas estavam apenas ganhando tempo enquanto preparavam esses bonecos de cera ambulantes.

Brennan concordou com a cabeça, a expressão séria e determinada. Virou-se de costas para Fortunato e olhou para Mai.

Ela havia quase desaparecido, coberta pela carne cinza e rosa do ser alienígena. Seu rosto estava pressionado contra o órgão pulsante e a metade que Brennan podia ver estava intacta. Os olhos estavam abertos e límpidos.

— Mai?

Os olhos viraram-se, rastreando o som da voz, e se concentraram nele. Os lábios se moveram.

— Tão imenso — ela sussurrou. — Tão assombroso e imenso.

A luz da câmara diminuiu por um instante, voltando em seguida.

— Não — murmurou Mai. — Não vamos fazer isso. Existe um ser consciente na nave. E a nave em si é um ser vivo também.

O chão da câmara tremeu, mas a luz permaneceu. Mai falou novamente, mais para si mesma do que para Brennan ou Fortunato.

— Ter vivido tanto tempo sem pensamento... ter mantido tanto poder sem consequência... ter viajado de tão longe e visto tanto sem realização... isso vai mudar... tudo muda...

Os olhos voltaram-se novamente para Brennan. Havia uma familiaridade nele que enfraquecia quando ela falava.

— Não fique triste, capitão. Um de nós precisou se entregar para salvar o planeta. A outra abriu mão de sua raça para salvar... quem sabe o quê? Talvez, algum dia, o universo. Não fique triste. Lembre-se de nós quando olhar para o céu à noite, e saiba que estamos entre as estrelas, tentando, ponderando, descobrindo, pensando em inúmeráveis coisas extraordinárias.

Brennan piscou para segurar as lágrimas quando o olho no rosto de Mai se fechou.

— Adeus, capitão.

O deslocador de singularidade começou a lançar faíscas. Fortunato tirou a mochila das costas e olhou para ela, pasmo.

— Não sou eu. Ela... a coisa...

Estavam de volta na ponte de comando da nave de Tachyon. Os três homens entreolharam-se.

— Conseguiram? — perguntou Tachyon após um momento.

— Ah, conseguimos, cara — disse Fortunato, despencando em uma almofada próxima. — Conseguimos.

— Onde está Mai?

Brennan sentiu uma pontada de raiva perfurá-lo como uma faca.

— Você a entregou — disse ele, dando um passo na direção de Tachyon, as mãos cerradas em punhos trêmulos.

Mas seus olhos deixavam claro quem ele realmente culpava pela perda de Mai. Estremeceu como um cão se secando, então afastou-se abruptamente. Tachyon encarou-o e voltou-se para Fortunato.

— Vamos para casa — disse Fortunato.

Mais tarde, Brennan se lembraria das palavras de Mai e se perguntaria que filosofias, que domínios de pensamento a mistura do espírito de uma gentil budista com a mente e o corpo de uma criatura de poder quase inimaginável teceriam através dos séculos. Mais tarde, ele se lembraria. Mas naquele momento, com a dor e a perda tão íntimas quanto seu próprio nome, ele não sentiu nada. Apenas que havia nele uma metade morta.

JUBE: SETE

Uma batida na porta. Vestido com bermuda xadrez e uma camiseta do Brooklyn Dodgers, Jube atravessou com cuidado o porão e espiou pelo olho mágico.

Dr. Tachyon estava na entrada, vestindo um terno de verão branco com lapelas largas sobre uma camisa verde-esmeralda. A gravata larga e laranja combinava com o lenço de seda no bolso e a pena de trinta centímetros no seu chapéu borsalino. Segurava nas mãos uma bola de boliche.

Jube puxou o pino da trava, tirou a corrente, ergueu o gancho do ferrolho, girou a chave na tranca e apertou o botão no meio da maçaneta. A porta se abriu e o dr. Tachyon entrou alegremente no apartamento, passando a bola de boliche de uma mão para a outra. Então, rolou-a pelo assoalho da sala de estar. Acabou parando contra a perna do transmissor de táquions. Tachyon deu um saltinho no ar e bateu os calcanhares das botas um contra o outro.

Jube fechou a porta, apertou o botão, girou a chave, baixou o gancho, passou a corrente e apertou o pino da trava antes de se virar.

O ruivo tirou o chapéu com uma medida e curvou-se.

— Dr. Tachyon, ao seu dispor — disse ele.

Jube fez um som gorgolejante de desalento.

— Os príncipes takisianos nunca estão a serviço de ninguém — disse ele. — E branco não é a cor dele. Muito, hum, sem graça. Teve algum problema?

O homem sentou-se no sofá.

— Está congelando aqui — reclamou. — E que cheiro é esse? Não está tentando salvar aquele corpo que conseguiu, não é?

— Não — disse Jube. — É só, hum, um pouco de carne que apodreceu.

Os contornos do homem começaram a estremecer e ficar borrados. Em um piscar de olhos, ele cresceu vinte centímetros e ganhou vinte e dois quilos, o cabelo vermelho ficou longo e cinzento, e os olhos lilases tornaram-se pretos e uma barba desgrenhada brotou do queixo quadrado.

Ele bateu as mãos nos joelhos.

— Problema nenhum — reportou em uma voz muito mais profunda que a de Tachyon. — Me transformei em uma aranha com cabeça humana e falei na clínica que estava com frieira. Nos oito pés. Ninguém além de Tachyon pegaria um caso desses, então eles me botaram atrás de uma cortina e foram chamá-lo. Aí me transformei em uma enfermeira e entrei no banheiro feminino perto do laboratório dele. Quando mandaram uma mensagem para o pager do doutor, ele virou para a direita e eu virei para a esquerda, já usando o rosto dele. Se alguém procurar nos monitores de segurança, vai ver o dr. Tachyon entrando no laboratório, nada mais. — Ele ergueu as próprias mãos e as encarou de forma avaliativa, virando as palmas para cima e para baixo. — Foi muito estranho,

porque eu enxergava minhas próprias mãos, com as juntas inchadas, os pelos nos dedos, as unhas sujas. Obviamente não rola nenhuma transformação física. Mas sempre que eu passava por um espelho, via quem eu deveria ser, como todo mundo. — Ele deu de ombros. — A bola de boliche estava atrás de uma divisória de vidro, sendo examinada com scanners, equipamentos por controle remoto, raios X, coisas assim. Enfiei a bola debaixo do braço e saí.

— Eles simplesmente *deixaram* você sair? — Jube não conseguia acreditar.

— Bem, não exatamente. Achei que tinha me livrado quando o Troll passou e me desejou uma ótima tarde. Eu até dei um beliscão em uma enfermeira e fiquei agindo como se fosse culpado por coisas que não eram minha culpa, o que imaginei que seria o toque final. — Ele limpou a garganta. — Então o elevador chegou ao primeiro andar, e, quando eu estava saindo, o verdadeiro Tachyon entrou. Me deu um baita susto.

Jube coçou uma presa.

— O que você fez?

Croyd deu de ombros.

— O que eu *podia* fazer? Ele estava bem na minha frente, e meu poder não o enganou nem por um segundo. Me transformei no Teddy Roosevelt, para distraí-lo, e desejei com todas as forças estar em outro lugar. De repente, eu estava.

— Onde? — Jube não tinha certeza de que queria mesmo saber.

— Minha antiga escola — disse Croyd, envergonhado. — Aula de álgebra do nono ano. Na mesma carteira que estava sentado quando Jetboy explodiu sobre Manhattan, em 1946. Tenho que dizer, não me lembro de as garotas do nono ano serem como as de

hoje em dia. — Ele pareceu um pouco triste. — Eu teria ficado para a aula, mas Teddy Roosevelt surgir de repente na sala segurando uma bola de boliche causou certa comoção. Então eu saí e aqui estou. Não se preocupe, eu troquei de metrô duas vezes e de corpo quatro vezes. — Ele ficou em pé e se alongou. — Morsa, tenho que te dizer, nunca é tedioso trabalhar para você.

— E eu também não pago exatamente um salário mínimo — disse Jube.

— Pois é — Croyd admitiu. — E agora que você mencionou isso... já conheceu a Veronica? Uma das meninas do Fortunato. Estava pensando em levá-la para o Aces High e ver se pedia ao Hiram para servir o carré de cordeiro.

Jube tinha as pedras no bolso. Contou-as e entregou-as nas mãos do Dorminhoco.

— Sabe — falou Jube quando os dedos de Croyd se fecharam sobre o pagamento —, você poderia ter ficado com o dispositivo. Talvez conseguisse muito mais de outra pessoa.

— Isso aqui basta — disse Croyd. — Além disso, não jogo boliche. Nunca aprendi a calcular a pontuação. Acho que é preciso saber álgebra para isso.

Seus contornos brilharam por um instante, e de repente ali estava o ator Jimmy Cagney, vestido com um terno azul-claro com uma flor na lapela. Quando subiu as escadas para a rua, começou a assobiar a canção de um velho musical chamado *O rei da zona*.

Jube fechou a porta, apertou o botão, girou a chave, baixou o gancho e prendeu a corrente. Quando deslizou o pino da trava, ouviu passos suaves atrás dele e virou-se.

Vermelho tremia, usando uma camisa havaiana verde e amarela roubada do armário de Jube. Perdera todas as coisas no ataque ao Mosteiro. A camisa era tão grande que ele parecia um balão murcho.

— É esse o treco? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Jube. Cruzou a sala e ergueu a esfera preta com reverência cuidadosa. Estava quente ao toque.

Jube estava assistindo à coletiva de imprensa televisionada quando o dr. Tachyon voltou do espaço para anunciar que a Mãe do Enxame não era mais uma ameaça. Tachyon falava com eloquência e detalhes sobre sua jovem colega Mai e seu grande sacrifício, a coragem dela dentro da Mãe, sua humanidade altruísta. Jhubben viu-se mais interessado pelo que o takisiano não disse. Minimizou seu papel na questão e não fez menção de como Mai entrou na Mãe do Enxame para fazer a fusão da qual ele falava de forma tão comovente. Os repórteres pareciam supor que Tachyon simplesmente voara com a *Baby* até a Mãe e estacionara nela. Jube sabia que não era bem assim.

Quando o Dorminhoco acordou, decidiu testar a sua teoria.

— Odeio comentar, mas me parece uma bola de boliche — disse Vermelho, em tom amigável.

— Com isso, eu poderia enviar as obras completas de Shakespeare para a galáxia que vocês chamam de Andrômeda — respondeu Jube.

— Camarada — disse Vermelho —, eles apenas mandariam de volta e diriam que não correspondia com as necessidades atuais.

Ele estava bem melhor agora do que quando apareceu na soleira da porta de Jube, três semanas depois de os ases destruírem o

novo templo, vestindo um poncho horrível comido por traças, luvas de trabalho, uma máscara de esqui e óculos espelhados. Jube não o reconheceu até que ele ergueu os óculos e mostrou a pele vermelha em torno dos olhos. “Me ajude”, ele disse. E então desmaiou.

Jube arrastou-o para dentro e trancou a porta. Vermelho estava abatido e febril. Após fugir do Mosteiro (Jube perdeu a coisa toda, pelo que ficou profundamente agradecido), Vermelho colocou Kim Toy em um ônibus para San Francisco, onde tinha velhos amigos em Chinatown que a esconderiam. Porém, não tinha como acompanhá-la. Sua pele o tornava um alvo fácil; apenas no Bairro dos Curingas ele poderia permanecer no anonimato. Estava sem dinheiro após dez dias nas ruas e passara a comer das latas de lixo atrás do Hairy's desde então. Com Roman preso e Matthias morto (líoofilizado por algum novo ás cujo nome foi cuidadosamente escondido da imprensa), o restante do círculo interno era alvo de uma caçada por toda a cidade.

Jube poderia tê-lo entregado. Em vez disso, ele o alimentou, lavou e cuidou dele até ficar novamente saudável. Dúvidas e temores o consumiam. O que ele aprendera sobre os maçons o chocou, e os maiores segredos a que aludiram eram muito, muito piores. Talvez ele devesse chamar a polícia. O capitão Black ficou espantado com o envolvimento de um dos seus próprios homens na conspiração, e jurou publicamente que prenderia todos os maçons no Bairro dos Curingas. Se Vermelho fosse encontrado ali, as coisas não ficariam nada bem para Jube.

Porém, Jube lembrou-se daquela noite na qual ele e doze outras pessoas foram iniciadas no Mosteiro, lembrou-se da cerimônia, das

máscaras de falcão e chacal e do brilho frio de Ioré Amon ao se avultar sobre eles, austero e terrível. Lembrou-se do som de TIAMAT quando os iniciados disseram a palavra pela primeira vez, e lembrou-se da história que o Mestre Venerável contou para eles sobre as origens sagradas da ordem, de Giuseppe Balsamo, chamado de Cagliostro, e do segredo confiado a ele pelo Irmão Brilhante em uma floresta inglesa.

Nenhum outro segredo lhe fora revelado naquela noite das noites. Jube era apenas um iniciado de primeiro grau, e as maiores verdades estavam reservadas para o círculo interno. Ainda assim, foi o suficiente. Sua suspeita foi confirmada, e quando Vermelho, em seus delírios, encarava a sala de estar de Jube e gritava *Shakti!*, ele não teve mais dúvida.

Não podia abandonar o maçom ao destino que merecia. Os pais não abandonavam os filhos, não importava quanto se tornassem depravados e corruptos com o passar dos anos. Os filhos podiam ser pervertidos, confusos e ignorantes, mas ainda eram sangue do seu sangue, a árvore que crescera de sua semente. O professor não abandonava o aluno. Não havia outro; a responsabilidade era dele.

— Vamos ficar parados aqui o dia todo? — perguntou Vermelho, enquanto o deslocador de singularidade formigava contra a palma das mãos de Jube. — Ou vamos ver se essa coisa funciona?

— Desculpe — disse Jube.

Erguendo um painel curvo no transmissor de táquions, ele deslizou o deslocador para o campo de matriz. Ele começou a se alimentar da célula de fusão e observou enquanto o fluxo de energia envolveu o deslocador. O fogo de santelmo corria para cima e para

baixo pelas estranhas geometrias da máquina. Os impulsos magnéticos flutuavam pelas superfícies de metal brilhantes em um roteiro cheio de pontas que Jube quase havia esquecido, e desapareceram em ângulos que pareciam curvos de um jeito errado.

Vermelho teve uma recaída de catolicismo irlandês e fez o sinal da cruz.

— Jesus, Maria, José — disse ele.

Funciona, Jhubben pensou. Ele deveria estar comemorando. Em vez disso, sentia-se fraco e confuso.

— Preciso de uma bebida — Vermelho falou.

— Tem uma garrafa de rum encorpado embaixo da pia.

Vermelho encontrou a garrafa e encheu dois copos com rum e gelo picado. Bebeu o seu de uma vez. Jube sentou-se no sofá, copo na mão, e encarava o transmissor de táquions, seu som alto e agudo pouco audível com o ar-condicionado ligado.

— Morsa — disse Vermelho enquanto enchia o copo novamente —, pensei que você fosse um lunático. Um lunático gente boa, claro, e agradeço por me receber na sua casa e tudo o mais, com a polícia atrás de mim do jeito que está. Mas, quando vi que você construiu sua própria máquina Shakti, bem, quem me culparia por pensar que você não tinha nada na cabeça? — Ele deu mais um gole no rum. — A sua é quatro vezes maior que a do Kafka. Parece um modelo de segunda categoria. Mas a dele nunca brilhou desse jeito.

— É maior do que o necessário porque construí com componentes eletrônicos primitivos — disse Jube, esticando a mão de três dedos grossos e o dedão rombudo curvado. — E estas mãos são incapazes de fazer trabalhos delicados. O dispositivo no

Mosteiro teria acendido se tivesse sido energizado. — Ele olhou para Vermelho. — Como o Venerável Mestre planejava fazer isso?

Vermelho balançou a cabeça.

— Não posso te dizer. Sim, você é um príncipe por salvar meu traseiro vermelho, mas ainda é um príncipe de primeiro grau, se é que me entende.

— Um iniciado de primeiro grau poderia construir uma máquina Shakti? — perguntou Jube. — Por quantos graus você passou antes de eles revelarem que o dispositivo existia? — Ele balançou a cabeça. — Tudo bem, eu sei como a piada termina. Quantos curingas são necessários para trocar uma lâmpada? Um, contanto que o nariz dele seja de corrente alternada. O Astrônomo ia energizar a máquina ele mesmo.

O olhar no rosto de Vermelho era toda a confirmação de que Jube precisava.

— O Shakti de Kafka deveria dar à Ordem o domínio sobre a Terra — disse o maçom.

— Sim — disse Jube.

O Irmão Brilhante na floresta entregou o segredo a Cagliostro e disse a ele para mantê-lo seguro, passá-lo de geração em geração até a chegada da Irmã Obscura. Provavelmente o Irmão Brilhante deu a Cagliostro outros artefatos; sem dúvida, dera a ele alguma fonte de energia, pois não havia maneira de ter previsto o wild card takisiano dois séculos antes.

— Esperto — disse Jube —, sim, mas ainda um homem do seu tempo. Primitivo, supersticioso, ganancioso. Usou as coisas que recebeu para ganho pessoal, egoísta.

— Quem? — perguntou Vermelho, confuso.

— Balsamo — respondeu Jube. Balsamo inventara o restante ele mesmo, os mitos egípcios, os graus, os rituais. Pegou as coisas que ouvira e distorceu-as para seu próprio benefício. — O Irmão Brilhante era um ly'bahr — ele anunciou.

— O quê? — Vermelho perguntou.

— Um ly'bahr — Jube disse. — São ciborgues, Vermelho, mais máquina que carne, extraordinariamente poderosos. Os curingas do espaço, todos diferentes entre si, mas você não gostaria de encarar nenhum deles. Alguns dos meus melhores amigos são ly'bahres. — Percebeu que estava falando demais, mas não conseguia parar. — Ah, sim, pode ter sido outra espécie, talvez um kreg, ou mesmo um do meu povo em um traje espacial de metal líquido. Mas acho que foi um ly'bahr. Sabe por quê? TIAMAT.

Vermelho o encarou, confuso.

— TIAMAT — Jhubben repetiu. O jornaleiro desaparecera de sua voz e do comportamento, e falou como um verdadeiro cientista da Rede. — Uma deidade assíria. Eu verifiquei. Ainda assim, por que chamar a Irmã Obscura por esse nome? Por que não Baal ou Dagon, ou uma daquelas divindades inferiores que vocês, humanos, inventaram? Por que a principal palavra de poder é *assíria*, quando o resto da mitologia que Cagliostro escolheu era egípcia?

— Não sei — falou Vermelho.

— Mas eu sei. Porque TIAMAT parece vagamente com algo que o Irmão Brilhante disse. *Thyat M'hruh*. Escuridão-para-a-raça. O termo ly'bahrês para o Enxame. — Jube riu. Contava piadas havia trinta anos, mas ninguém tinha ouvido sua gargalhada *verdadeira* antes. Soava como o grito de uma foca. — O Mestre Comerciante nunca daria a vocês o domínio do mundo. Não entregamos nada de graça.

Mas teríamos vendido o mundo para vocês. Vocês teriam sido uma elite de altos sacerdotes, com “deuses” que de fato ouviriam e produziriam milagres sob demanda.

— Você é louco, camarada — Vermelho falou com animação forçada. — O dispositivo Shakti ia...

— *Shakti* quer dizer apenas poder — disse Jhubben. — É um transmissor de táquions, só isso. — Ele se ergueu do sofá e bamboleou até ficar ao lado da máquina. — Setekh percebeu isso e me poupou. Pensou que eu fosse um desgarrado, saído de algum outro ramo qualquer. Provavelmente sentiu que seria bom me manter por perto, no caso de algo acontecer com Kafka. Ele estaria aqui agora, mas, quando TIAMAT voltou para as estrelas, o dispositivo Shakti deve ter parecido irrelevante.

— Sim, e não é?

— Não. O transmissor foi calibrado. E se eu mandar a chamada, será ouvida no posto avançado da Rede mais próximo em questão de semanas. Poucos meses depois, a *Opportunity* chegará.

— Que *Opportunity* é essa, irmão? — perguntou Vermelho.

— O Irmão Brilhante virá — disse Jhubben. — A carruagem dele é do tamanho da ilha de Manhattan, e os exércitos de anjos e demônios e deuses lutam a seu serviço. Têm que lutar. Todos eles têm contratos vinculativos.

Os olhos de Vermelho se estreitaram.

— Você está me dizendo que não acabou? Ainda pode acontecer, mesmo sem a Irmã Obscura?

— Poderia, mas não vai — disse Jube.

— Por que não?

— Não pretendo enviar o chamado. — Ele queria fazer com que Vermelho entendesse. — Pensei que fôssemos a cavalaria. Os takisianos usaram a sua raça como cobaia. Pensei que fôssemos melhores que isso. Não somos. Não vê, Vermelho? *Sabíamos que ela estava a caminho.* Mas não haveria *lucro* se ela nunca chegasse, e a Rede não dá nada de graça.

— Acho que estou entendendo — Vermelho disse. Ele pegou a garrafa, mas o rum havia acabado. — Preciso de outra bebida. E você?

— Não — respondeu Jube.

Vermelho foi até a cozinha. Jube ouviu-o abrindo e fechando gavetas. Quando voltou, tinha uma grande faca de trincar na mão.

— Mande a mensagem — ele falou.

— Uma vez, fui ver os Dodgers — Jube lhe disse. Estava cansado e decepcionado. — Três strikes e você está fora do jogo, não é isso o que dizem? Os takisianos, minha própria cultura e, agora, a humanidade. Existe alguém que se importe com qualquer coisa além de si mesmo?

— Não estou brincando, Morsa — Vermelho falou. — Não quero fazer isso, meu camarada, mas nós, irlandeses, somos um bando teimoso. Ei, a polícia está *caçando a gente* lá fora. Que tipo de vida é essa, para mim e para Kim Toy? Se existe uma escolha entre comer de latas de lixo e dominar o mundo, vou sempre optar pelo mundo. — Ele sacudia a faca de trincar. — Mande a mensagem. Então eu largo isso aqui e podemos pedir uma pizza e trocar algumas piadas, o.k.? Você pode pedir carne podre na sua metade.

Jube pôs a mão embaixo da camisa e pegou uma pistola. Era preta, vermelha e translúcida, suas linhas suaves e sensuais e,

ainda assim, inquietantes, seu cano da finura de um lápis. Pontos de luz piscavam dentro dela, e encaixava-se com perfeição na mão de Jube.

— Pare com isso, Vermelho — disse ele. — Não será você a dominar o mundo. Será o Astrônomo, e o Ceifador, ou caras como eles. São desgraçados, você mesmo me disse.

— Nós somos todos desgraçados — Vermelho respondeu. — E os irlandeses não são tão burros como dizem. Essa é uma arma de brinquedo, meu camarada.

— Dei para o garoto que mora no andar de cima, no Natal — disse Jube. — Seu cuidador devolveu. A arma não quebra, entende, mas o metal é tão duro que Massudo estava quebrando tudo na casa ao brincar com ela. Coloquei a célula de energia de volta nela, e usava o coldre sempre que ia ao Mosteiro. Fazia com que eu me sentisse um pouco mais corajoso.

— Não quero fazer isso — disse Vermelho.

— Nem eu — respondeu Jhubben.

Vermelho deu um passo adiante.

O telefone tocou por muito tempo. Finalmente, alguém atendeu.

— Alô?

— Croyd — falou Jube—, desculpe incomodá-lo. É sobre um corpo...



KAROLINA WEBB

GEORGE R.R. MARTIN nasceu em 1948, em Nova Jersey, e formou-se em jornalismo pela Universidade Northwestern, em Evanston, Illinois. Nos anos 1980, começou a colaborar e a editar a série Wild Cards, e, em 1996, deu início à série de fantasia As Crônicas de Gelo e Fogo, que se tornou um best-seller mundial e consagrou o autor como um dos cânones da literatura fantástica. Atualmente, mora com Parris, em Santa Fé, Novo México.

Copyright © 1987 by George R. R. Martin

“Moedas infernais” copyright © 1987 by Lewis Shiner

“Até a sexta geração” e “O cometa do Sr. Koyama” copyright © 1987 by Walter Jon Williams

“Das cinzas às cinzas” copyright © 1987 by Amber Corporation

“Se olhares pudessem matar” copyright © 1987 by Walton Simons

“Frio invernal” e “Jube” copyright © 1987 by George R. R. Martin

“Dificuldades relativas” copyright © 1987 by Melinda M. Snodgrass

“Com uma ajudinha dos amigos” copyright © by 1987 Victor Milán

“Por caminhos perdidos” copyright © 1987 by Pat Cadigan

“Metade morta” copyright © 1987 by John J. Miller

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Wild Cars II: Aces High

Ilustração de capa

Davi Augusto

Preparação

Stella Carneiro

Revisão

Valquíria Della Pozza

Adriana Bairrada

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-85-5451-781-6

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR



A guerra dos tronos

Martin, George R. R.

9788554513566

600 páginas

[Compre agora e leia](#)

***A guerra dos tronos* é o primeiro livro da série best-seller internacional *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que deu origem à adaptação de sucesso da HBO, *Game of Thrones*.**

O verão pode durar décadas. O inverno, toda uma vida. E a guerra dos tronos começou.

Como Guardião do Norte, lorde Eddard Stark não fica feliz quando o rei Robert o proclama a nova Mão do Rei. Sua honra o obriga a aceitar o cargo e deixar seu posto em Winterfell para rumar para a corte, onde os homens fazem o que lhes convém, não o que devem... e onde um inimigo morto é algo a ser admirado.

Longe de casa e com a família dividida, Eddard se vê cada vez mais enredado nas intrigas mortais de Porto Real, sem saber que perigos ainda maiores espreitam a distância.

Nas florestas ao norte de Winterfell, forças sobrenaturais se espalham por trás da Muralha que protege a região. E, nas Cidades Livres, o jovem Rei Dragão exilado na Rebelião de Robert planeja sua vingança e deseja recuperar sua herança de família: o Trono de Ferro de Westeros.

"A guerra dos tronos é a maior obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o Anel." — *SF Reviews*

[Compre agora e leia](#)



STEPHEN KING
TUDO É EVENTUAL

"KING NO SEU AUGE LITERÁRIO."
LIBRARY JOURNAL

SUMA
Editora

Tudo é eventual

King, Stephen

9788581051505

308 páginas

[Compre agora e leia](#)

Coletânea reúne contos inéditos de Stephen King que revelam a imaginação fértil e inquieta de um dos maiores escritores de nossos tempos.

Primeira reunião de contos de Stephen King desde "Pesadelos e Paisagens Noturnas", "Tudo é eventual" apresenta o mestre do terror em grande forma. Na obra, que reúne 14 histórias de suspense e terror, destacam-se contos como Andando na bala, que narra a história de Alan Parker, um jovem universitário que precisa viajar urgentemente para visitar a mãe hospitalizada. Ao aceitar aquela carona no meio da noite, Alan só pensou que precisava chegar logo a seu destino. No meio do caminho, percebe que aquele estranho motorista poderia ter outros planos para aquela viagem. No entanto, já era tarde demais.

No aterrorizante 1408, adaptado para o cinema em 2007 e estrelado por John Cusack e Samuel L. Jackson, Mike Enslin, que nunca acreditou nos fantasmas que adorava apresentar em seus livros de terror, tem suas certezas abaladas no misterioso quarto 1408.

No conto "Tudo é eventual", que dá título ao livro, Dink é um adolescente e consegue seu primeiro emprego. Vai ter que morar longe da mãe mas, pensando bem, isso não chega a ser um

problema. Ele só precisa navegar pela Internet e tem que gastar cada centavo da bolada que recebe semanalmente. Tudo parece bom demais para ser verdade, até que ele passa a desconfiar de que coisas muito estranhas acontecem quando aperta o mouse. Ele não tem ninguém por perto para dividir seus medos e qualquer decisão sua pode ser fatal.

Essas são algumas das histórias desta coletânea. Um livro intenso, sinistro e envolvente com a inconfundível marca de Stephen King.
"Stephen King no seu auge literário" - Library Journal

[Compre agora e leia](#)

"Raphael Montes
cria uma seleção de histórias
macabras digna dos melhores
contos dos irmãos Grimm,
sem deixar nada a dever a
Stephen King."

FERNANDA TORRES

O VILAREJO

por RAPHAEL MONTES

SUMA
de livros

O Vilarejo

Montes, Raphael

9788581053059

96 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ilustrações coloridas dão vida a romance com elementos de horror gótico e suspense.

Em 1589, o padre e demonologista Peter Binsfeld fez a ligação de cada um dos pecados capitais a um demônio, supostamente responsável por invocar o mal nas pessoas. É a partir daí que Raphael Montes cria sete histórias situadas em um vilarejo isolado, apresentando a lenta degradação dos moradores do lugar, e pouco a pouco o próprio vilarejo vai sendo dizimado, maculado pela neve e pela fome.

As histórias podem ser lidas em qualquer ordem, sem prejuízo de sua compreensão, mas se relacionam de maneira complexa, de modo que ao término da leitura as narrativas convergem para uma única e surpreendente conclusão.

[Compre agora e leia](#)



"Deuses caídos mistura descrições bizarras com personagens inesitados e ajuda a criar um sombrio imaginário brasileiro. Gabriel Tennyson é uma voz nova e original no horror nacional."
RAPHAEL MONTES

DEUSES CAÍDOS

GABRIEL TENNYSON



Deuses caídos

Tennyson, Gabriel

9788554511524

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em *Deuses caídos*, Gabriel Tennyson nos leva em uma investigação sombria e grotesca, percorrendo os cantos escuros do Rio de Janeiro, onde as sombras têm olhos e garras, e de onde o leitor desavisado pode nunca escapar.

Um serial killer com poderes paranormais está assassinando evangelistas famosos — e os vídeos de cada um deles sendo torturados ganham cada vez mais público na internet. O assassino se proclama o novo messias, e os pecadores devem temer sua justiça. O que a Sociedade de São Tomé teme, no entanto, é que ele acabe com o trabalho de séculos de manter o sobrenatural bem afastado da consciência da população, embora seres mágicos povoem o submundo da cidade.

Para garantir que o assassino seja capturado e o máximo de discrição mantida, a Sociedade convoca Judas Cipriano — um padre indisciplinado, descendente de São Cipriano e herdeiro de alguns poderes celestiais. Veterano nesse tipo de caso, o padre é enviado para trabalhar como consultor da Polícia Civil e fica responsável por apresentar à jovem inspetora Júlia Abdemi o lado místico da cidade.

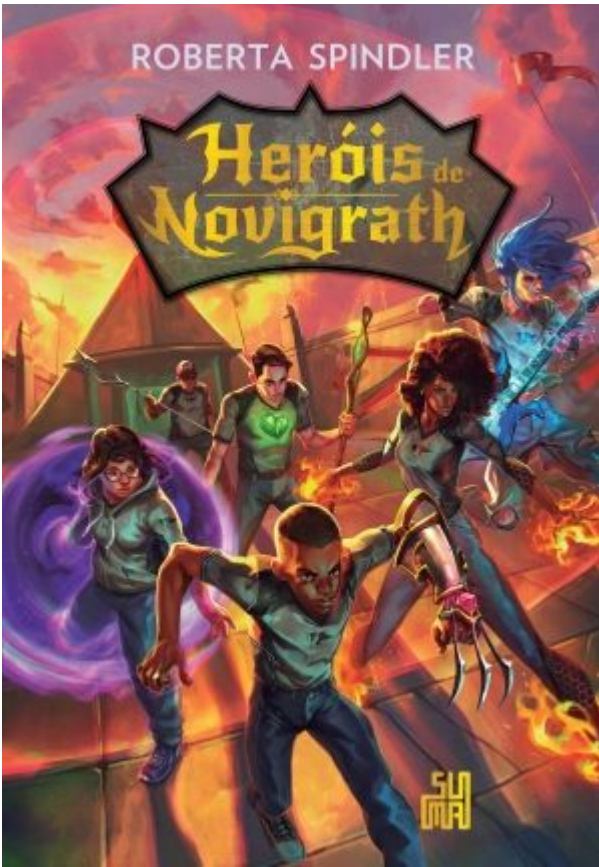
Para resolver o caso — e sobreviver —, os dois precisarão de toda ajuda que puderem encontrar... O que inclui se unir a uma súcubo imortal, um dragão chinês traficante de armas mágicas e um gárgula que é a síntese da sociedade carioca.

Com protagonistas cativantes, um vilão extraordinário e criaturas sobrenaturais reinventadas de maneiras sombrias, *Deuses caídos*

une o melhor do thriller e da fantasia urbana em uma investigação vertiginosa com um final épico.

"*Deuses caídos* mistura descrições bizarras com personagens inusitados e ajuda a criar um tenebroso imaginário brasileiro. Gabriel Tennyson é uma voz nova e original no terror nacional." — Raphael Montes

[Compre agora e leia](#)



Heróis de Novigrath

Spindler, Roberta

9788554510947

292 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em uma épica luta do bem contra o mal, Roberta Spindler escreve partidas emocionantes, batalhas arrasadoras e personagens cativantes. *Heróis de Novigrath* é um livro original e apaixonante, para quem gosta de boas aventuras.

Heróis de Novigrath é mais do que um jogo de computador. É um esporte. Uma paixão mundial que atrai milhões de torcedores fanáticos para estádios, banca equipes famosas e leva seus jogadores do chão ao topo — e vice-versa. Pedro sabe bem como uma carreira pode desabar de uma hora para a outra. Heróis de Novigrath ainda é seu grande amor, mas seus dias de glória terminaram.

Ou é o que ele pensa, até receber a visita de Yeng Xiao — seu herói favorito do game. Quando o guerreiro se materializa em sua casa, Pedro acha que perdeu o juízo, mas a verdade é que HdN é mais real do que ele poderia imaginar. Ao redor do mundo, jogadores alimentam o game com sua paixão e, sem saber, com sua energia vital. Agora, os monstros da terra de Novigrath estão a um passo de invadir o nosso mundo, e os Defensores de Lumnia precisam de um time que possa restaurar a força do lado dos heróis.

Pedro já deixou que sua ambição o derrubasse uma vez, mas Xiao tem certeza de que ele é a pessoa certa para montar o novo time. Por todo o país, cinco jovens mal imaginam a missão que os aguarda. Heróis de Novigrath é muito mais do que um jogo — é o futuro de todos eles.

[Compre agora e leia](#)